

Box
QUARTETO DE NOIVOS

MARI SALES

PERIGOSAS NACIONAIS

BOX

QUARTETO DE NOIVOS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mari Sales

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



1ª. Edição

2019

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de
PERIGOSAS ACHERON

qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sumário

Sinopse

Dedicatória

Prólogo

Capítulo 1

Fred

Capítulo 2

Fred

Capítulo 3

Fred

Capítulo 4

Fred

Capítulo 5

PERIGOSAS NACIONAIS

Fred

Capítulo 6

Luana

Capítulo 7

Fred

Capítulo 8

Fred

Capítulo 9

Fred

Capítulo 10

Luana

Capítulo 11

Fred

Capítulo 12

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fred

Capítulo 13

Fred

Capítulo 14

Luana

Capítulo 15

Luana

Capítulo 16

Fred

Capítulo 17

Fred

Capítulo 18

Fred

Capítulo 19

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luana

Capítulo 20

Luana

Capítulo 21

Fred

Capítulo 22

Fred

Capítulo 23

Fred

Capítulo 24

Luana

Capítulo 25

Fred

Capítulo 26

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fred

Capítulo 27

Fred

Capítulo 28

Fred

Capítulo 29

Fred

Capítulo 30

Fred

Capítulo 31

Fred

Capítulo 32

Fred

Capítulo 33

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fred

Capítulo 34

Luana

Capítulo 35

Fred

Capítulo 36

Fred

Capítulo 37

Luana

Fred

Capítulo 38

Fred

Capítulo 39

Fred

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 40

Fred

Capítulo 41

Fred

Capítulo 42

Luana

Capítulo 43

Fred

Epílogo

Fred

Agradecimentos

Sobre a Autora

Outras Obras

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

A vida de Fred estava do jeito que gostava, tinha um ótimo emprego e uma vida social bem movimentada, principalmente na cama. Solteiro convicto, ele, seu irmão e outros dois primos formavam o quarteto de solteiros mais cobiçado da cidade.

Certo de que nada mudaria sua opinião quanto a relacionamentos duradouros, em uma reunião familiar, surpreendeu-se com as palavras da avó a respeito da concepção de família, e se pôs a questionar suas antigas convicções. Não bastando isso para o tirar da zona de conforto, sua mãe

bagunçou ainda mais suas reflexões com uma profecia a respeito da mulher da vida dele.

Quem disse que palavra de mãe não tem poder?

Foi em um bar, longe do seu círculo social, que Fred conheceu Luana, uma mulher trabalhadora e que, como Fred, não procurava um relacionamento, mas, só que por um motivo diferente: a necessidade de pagar uma dívida do irmão e cuidar do pai.

Para quem nunca deu uma chance para o amor, Fred buscará em Luana muito mais do que um momento.

Dedicatória

Em honra a minha família e a história familiar de Fabricio Sales.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Dez anos antes...

— Cara, você bebeu quanto para pegar a direção? — Ricardo falou para Guido sentando no banco da frente. Fred, Leonides e Bastien estavam no banco de trás da caminhonete.

Era final de festa, quase cinco horas da manhã, formatura do ensino médio.

— O carro é meu, quem vai dirigir sou eu — Guido falou, ligou a caminhonete e saiu dirigindo, até então, normal. A sorte estava a seu favor, não havia muito movimento na rua, muito

menos fiscalização.

— Ricardo, conta essa história direito, você deu em cima da Diretora? — Fred perguntou e todos começaram a murmurar sobre o assunto.

— A mulher veio pegando no meu braço duas vezes. Ela estava com tesão em mim, só não sabia como chegar — Ricardo falou rindo. — Ela era uma coroa enxuta.

— E a Márcia pica-pau? Me senti molestado de tanto que ela passava a mão em mim enquanto a gente dançava. — Bastien comentou e todos rimos.

— Ela pegou na minha bunda, essa mulher é louca — Leo falou.

— Sim, louca para dar — Fred

complementou.

— Torto estava lá com a irmã de menor dele. Meu irmão, o sonho dele é me ver casado com ela — Guido comentou.

— E pelo visto é o sonho dela também. Peguei vocês no banheiro, ela na sua frente... — Ricardo falou.

Várias vaias ecoaram no automóvel, eles tinham pouco mais de dezoito anos e a *pegação* estava a todo vapor.

— Ela não fez nada, não deixei — Guido falou alto e bravo.

— Foda-se que não fez, trouxa. Tinha que ter aproveitado, ela é apaixonada por você — Leo zombou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei, tenho medo dela!

Todos riram e bateram no ombro do motorista, que tentava guiar sem muito ziguezague.

— Velho, minha casa é virando ali, você vai passar! — Ricardo apontou e ordenou.

E sem conferir se existia um caminho ou não para entrar aonde Ricardo indicava, Guido virou o volante com tudo, subiu no canteiro central entre um poste de iluminação e o semáforo, fazendo com que vários estouros acontecessem. Antes de concluir a travessia para a outra pista e ficar na contramão, ele desligou a caminhonete e todos se entreolharam assustados. Caramba, a sarjeta era alta, o espaço entre os dois postes era estreito, como ele tinha conseguido essa façanha?

PERIGOSAS ACHERON

— Por que você subiu no canteiro central da avenida, Guido? — Leo gritou.

— Porque Ricardo falou para virar, merda! — respondeu e desceu do carro cambaleando. Estavam todos embriagados, a sorte era ninguém tinha se machucado até hoje nas loucuras pós-festa.

— Eu falei que era virando ali, não que você tinha que fazer a conversão nesse exato momento. — Ricardo desceu e olhou o pneu da frente murcho. — Porra, um pneu furado aqui.

— Dois aqui — Guido gritou e Ricardo conferiu o quarto e último pneu do automóvel.

— Caralho, você furou os quatro pneus! — Ricardo falou rindo e todos os outros começaram a rir também, tanto pelo nervosismo

quanto pela embriaguez. Como fariam agora?

— Liga para o seu pai — Bastien falou para Fred, que negou veemente.

— Vocês têm quantos anos, doze? — Ricardo ralhou.

— De jeito nenhum, já levei bronca por conta da nossa última aventura. Vai para o seu tio, Guido, ele não mora perto de uma borracharia? — Fred sugeriu.

— É verdade, está aqui perto, mas como vamos até lá? — Guido falou entrando na caminhonete e as portas se fecharam com todos dentro.

— Vai desse jeito, devagar, sem fazer outra merda dessas, cabeçudo — Ricardo bateu no

ombro de Guido, que riu levantando as sobrancelhas.

— Andou me vendo mijar? Minha cabeça é grande mesmo.

— Vão tomar no cu, falando de pau? — Leo retrucou e começaram a discutir enquanto devagar, Guido saia do canteiro central e guiava o carro para a casa do tio.

Apesar de saberem da gravidade da situação, dirigir embriagado era uma das loucuras que esses primos faziam. Namoraram muito, iam em festas e marcavam presença em todas, tanto pela beleza quanto por sempre estarem juntos.

Eles curtiam a juventude e graças a Deus, não fizeram mal a ninguém. Sempre olhando com

respeito para o passado, independente do que aconteceu, com a história deles aprenderemos, e com a história de quatro deles, nos apaixonaremos.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Fred

Saí do carro para abrir a porteira de entrada do Haras, pertencente aos pais de Guido, meu primo e grande amigo. Era domingo, a família estava reunida para comemorar o aniversário da nossa avó Cida, a matriarca e mãezona de todos os netos e bisnetos.

Minha família era grande pelo lado do meu pai e sempre que nos reuníamos, era um grande evento regado com boa comida e bebidas. Era a típica família Italiana da minha avó mesclada com

a família árabe do meu avô, no caso falecido. Um grande homem, pai e avô, que deixou grandes lições de vida e piadas antigas como legado.

O sol ardeu meus olhos mesmo debaixo de óculos escuros. Com tênis, calça jeans escura e uma camiseta polo vinho, observei a entrada do Haras e sorri para tantas lembranças que havia naquele lugar, e também, da recordação da noite passada, o motivo por estar atrasado para a reunião de família.

Passei o carro pela porteira, fechei-a e segui o caminho de grama com o carro até debaixo da grande mangueira, onde estacionávamos. Já estava com superlotação, mas como sempre, tinha espaço para mais um.

Mal saí do carro e já recebi uma grande

saudação *sarrista* do anfitrião:

— Olha quem chegou, o Cristiano Ronaldo! — falou alto de onde estava. Era comum falarmos isso para o último que chegasse, por se tratar da estrela do momento, aquele que não cumpria o horário.

Bem, meu atraso havia sido por conta da noite anterior, que além de ter bebido muito, estava com companhia em casa pela madrugada. Uma beldade, loira e que fazia muito bem o serviço enquanto aproveitava o passeio no parque de diversões do gostosão Fred!

Sim, eu me achava foda.

Do lado esquerdo de quem chegava havia a construção da casa, do lado direito o salão com

churrasqueira, cozinha e uma enorme mesa de madeira com dois bancos inteiriços.

Caminhei até meu tio que estava na parte da churrasqueira, cumprimentei meus outros tios com um forte abraço e distribuí saudações para o resto da turma.

— Meu filho, voltou para casa que horas? — minha mãe perguntou me abraçando.

— Voltei cedo, mãe — respondi dona Bety fazendo graça, não me importava que ela me tratava como criança, eu continuava fazendo o que queria da minha vida, até porque, não morava mais debaixo do seu teto.

— Só não volte para casa dirigindo bêbado. Você não tem mais dezoito anos! — uma

tia comentou e não me abalei com seu comentário desnecessário ao lembrar da vez que furamos os quatro pneus da caminhonete.

Família era assim, não podia falar de um assunto que vinha todos os parentes dar o melhor palpite sobre ele.

As mulheres costumavam estar em um canto e os homens em outro. Apesar de não haver nenhum machista extremo na família, os pilares que fomos criados eram bem tradicionais e haviam raízes que eram difíceis de serem abandonadas, principalmente porque o assunto de um não combinava com o do outro.

Quando cheguei para cumprimentar minha prima Miriam, uma bióloga apaixonada pelo pé de

Jacarandá Mimoso, não perdi a oportunidade de alfinetar:

— Já parou de chorar pelo juiz fresco?

— Vai te catar, Fred — respondeu me dando um tapa no ombro.

— Você é muito chato, não perde a oportunidade de azucrinar! — minha prima Simone falou irritada, irmã de Guido.

— Não se deve confiar nos homens que não gostam do mato, tomar cerveja e escutar moda de viola. — Pisquei um olho para os revirar de olhos delas e fui até a minha turma.

Guido era mais novo que eu e tinha a mesma idade que Bastien. Leonides era meu irmão e juntos, éramos o quarteto que botava o terror

nessa cidade há mais de dez anos.

Os solteiros mais cobiçados.

— Finalmente chegou! — meu irmão resmungou e para irritá-lo, tomei a cerveja da sua mão. Explosivo e sem paciência, era fácil tirá-lo do sério. — Porra, vai pegar uma para você!

— Adivinha quem foi a vítima da Márcia pica-pau dessa vez! — Guido falou divertido e olhei para Bastien, o único que não tinha sido pego por essa mulher. Estávamos no mesmo pub ontem e fui embora acompanhado antes de todos.

— Não! O que aconteceu? Cansou dela te passar a mão ou foi curiosidade? — questionei surpreso e o cara até parecia envergonhado.

A mulher tinha esse apelido por conta de

não poder ver um pau que já queria picar, no sentido mais pervertido da frase. Desde a nossa época do colégio, ela tentava nos seduzir e bem, uma hora conseguiu, um por um.

Apesar da cidade ser grande, o mundo era pequeno e nós a encontrávamos nas nossas saídas várias vezes.

— Foi a tequila, certeza — Guido falou tomando sua cerveja. — Bastião até tentou...

— Cara, a mulher é muito louca — Bastien resmungou e olhou para todos os cantos. Tínhamos o costume de chamá-lo de Bastião, já que muitos não sabiam pronunciar seu nome corretamente, para chateação da sua mãe, que amava o nome francês.

Leo saiu e voltou com cerveja para todos nós antes de falar seu parecer:

— Depois que você foi embora do bar com aquela loira, que ele — apontou com a cabeça para Bastien — estava de olho, Bastião tomou todas e foi tomado pela pica-pau.

— Essa semana fui fazer exame de rotina e a encontrei fazendo exames para DST — falei apenas para ver o meu primo preocupado, o que rendeu muita *zoação*.

— Para, cara, eu ainda estou com dor de cabeça por conta disso — resmungou.

— Vai dizer que não curtiu? A gente sabe como ela é, foi um passeio como nos filmes de ação que você assiste escondido no banheiro! — Bati no

seu ombro e ele tentou não sorrir para concordar com minha fala.

Apesar de tudo, a mulher era experiente e fazia um trabalho e tanto. Comigo havia sido há muito tempo, então, ela com certeza tinha melhorado e muito.

Terminei minha cerveja roubada de Leo, peguei mais uma no freezer vertical que foi comprado exclusivamente para guardar as bebidas e lembrei das várias vezes que dormimos aqui, em redes, depois de tomar todas e mais um pouco. Em nossa adolescência e juventude, pelo menos uma vez por mês, meus tios nos proporcionavam grandes e memoráveis momentos.

Apesar da ressaca, eu tomaria algumas

antes do almoço e voltaria para casa antes do sol se pôr, recuperado da bebida e com mais memórias para acumular.

Sim, no pesar dos prós e contras, ter uma família como a minha era muito bom.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Fred

— Olha quem está com saudades do dindo! — Ricardo apareceu com sua pequena Maria Clara nos braços. Ela já se jogava em direção de Leonides, que a pegou e foi em direção as baias dos cavalos tratados pelo Haras.

— Fala homem de família! — cumprimentei meu primo mais velho, um dos primeiros a casar dos netos, grande orgulho da avó Cida. Costumávamos dizer que ele era um dos

únicos homens da família que prestava para casar, o quarteto se manteria solteiro até os últimos dias.

— Queria saber quem de vocês está a fim de cuidar da Clarinha para que eu e Tati tenhamos um vale *night*!

— Você escolheu Leo de padrinho para isso, não olhe para mim! — Guido falou e Bastien concordou.

— Até parece que você sofre tanto assim. E outra, a gente não sabe cuidar da gente, imagine de uma criança — falei observando o brilho dos olhos dele. Ricardo gostava de nos perturbar e claro, dávamos o troco.

— Quantos anos vocês têm? Vinte e oito? Trinta? Quando tiverem filhos serão avós deles e

não pais.

— Somos da turma moderna, não somos obrigados a casar e nem termos filhos. — Bastien apontou com sua cerveja para as primas. — Elas precisam casar primeiro antes de nós, não existe uma regra que as mulheres precisam ir antes dos homens?

— Casar é a melhor coisa do mundo, minha gente — Ricardo falou animado. — Entre nessa piscina você também!

— Falou o cara que está sem transar há vários dias. Ou seriam semanas? — Guido falou baixo e nós rimos, incluindo Ricardo. — Estou bem assim e garanto meu momento duas vezes na semana ou mais.

— No dia que vocês se descobrirem pais, vão saber que casar é muito mais que isso! — Ricardo virou em direção a nossa avó e gemi internamente pelo o que viria. — Vó, a senhora não acha que eles precisam casar logo?

— Cala a boca, cara! — Bastien resmungou e vimos a matriarca sair da sua cadeira e caminhar com dificuldade até nossa roda, apoiada por uma bengala. Por causa do sobrepeso e problemas de articulações que tinha, se locomover era muito custoso. — Vó, não dá moral para o que seu neto está falando. Tomou uma latinha de cerveja e já está bêbado.

— Meus filhos, vocês precisam se acalmar. Até quando vão ficar com essas mulheres

que não querem saber de nada na vida? — Ricardo segurou a vó e ela nos encarava com o cenho franzido.

— Tempos modernos, vó. Se a mulher não é obrigada a casar e ter filhos, o homem também não! — Guido provocou.

— E vão me deixar com menos bisnetos que netos? Não foi dessa forma que criei suas mães e seu pai — vó Cida olhou para mim quando falou o último —, vocês precisam formar uma família. Quem vai cuidar de vocês na velhice?

— O Leo vai cuidar de todo mundo, é o mais novo — Bastien brincou.

— Ter uma mulher para ditar o que você precisa ou não fazer dentro de casa, uma filha que

não te deixa assistir televisão ou olhar o celular com tranquilidade, é a melhor coisa do mundo! — Ricardo levou uma bengalada na perna e controlou o riso. — Eu sou o casado, vó, por que me bateu?

— A esposa cuida de você e os filhos são presente de Deus. Eu não aceito que meus netos fiquem falados na cidade por não darem conta de segurar uma mulher.

— Para que segurar uma se podermos ter todas? — Leo chegou colocando Clarinha no chão, que correu para a mãe.

— Essas mulheres da vida estão só esperando para roubarem seus dinheiros e te darem uma noite. E aquela que fará a diferença na sua vida? — Ela apontou para a mesa onde a maioria

da família estava sentada. — Vocês só têm isso porque meus filhos aceitaram o chamado de Jesus e criaram suas próprias famílias. Estarmos presentes nas festas é muito mais do que beber e comer, mas criar memórias e fortalecer as energias. Cada um que está aqui faz a diferença na vida do outro, cada criança que nasce é um momento de renovação na família inteira. Estou errada?

— Putz, vó, pegou pesado — Guido falou olhando para mim com desespero. Sim, apesar da forma arcaica de se pensar, havia um fundo de razão, o que não me agradou.

— É questão de vocês pararem de ir para os bares e assistirem uma missa — Ricardo colocou mais lenha na fogueira.

— Nós vamos na Miça[1], uma vez por semana — Bastien falou e tomou um gole da cerveja. Esse era um dos bares que frequentávamos, com seu nome capcioso.

— Eu sei que tem um boteco com esse nome, sua avó está velha, mas conhece as coisas. A próxima reunião de família quero ver vocês tomando jeito.

— Ah, que bom, vó. Eu já cansei de falar para Frederico e Leonides pararem com esse troca-troca de mulher. Não foi assim que os criei — minha mãe entrou na roda, revirei os olhos e tomei toda cerveja em apenas um gole. Se existia uma pessoa exagerada, essa era a dona Bety.

— Mãe, menos — Leo resmungou e saiu

de perto com Bastien.

— Minha filha, você não poderia ter deixado eles saírem de casa sem antes casar. Agora são filhos do mundo, jogados — vó Cida comentou chateada e foi a vez da minha mãe levar bronca. Que bola de neve!

— Viu, Ricardo, culpa sua. Se casar me deixará chato como você, vou continuar solteiro — falei divertido e aborrecido ao mesmo tempo.

— Sabe que faço meu melhor para te trazer para o lado negro da força — ele não perdia a piada e muito menos se ofendia. Guido saiu de perto de nós e Ricardo levou nossa avó de volta para a sua cadeira.

— Vocês tomam suas atitudes, depois

quem sofre as represálias da sua avó sou eu — minha mãe falou baixo para mim e a encarei descrente por achar que ela estava levando tudo muito a sério. Tudo bem, era sua sogra, mas ela tinha mais tempo de convivência do que eu, deveria saber filtrar os exageros da vó Cida.

— Mãe, se eu não estiver a fim, não vou namorar nem casar. Não me incomodo com as coisas que a vó fala, a senhora também tinha que fazer o mesmo.

— Fácil falar quando a vê apenas uma vez a cada quinze dias ou menos. Pare de ser egoísta e tome jeito na vida!

— Lavando roupa suja em plena festa de família? — Balancei a cabeça em negativa. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Tenho um bom cargo em uma Concessionária de Automóveis, comprei uma casa e um carro com meu dinheiro e nem cheguei nos trinta anos. Você preferia que fosse casado a ser bem-sucedido?

— Poderia ser as duas coisas, mas prefere mijar seu dinheiro, só compra bebida e solta tudo no vaso. Em casa a gente conversa — ela falou e saiu de perto de mim. Tive que rir, porque ir na sua casa não estava nos meus planos pela semana, ainda mais com esse assunto estando tão fresco.

Não tinha problema de relacionamento com meus pais, pelo contrário, o apoio deles me ajudaram a conquistar muitas coisas, mas quando o assunto era casamento, ter filhos... parecia que nada estava bom.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para a reunião de família e a conversa da minha avó veio na minha cabeça. Essa reunião só existia, porque meus pais decidiram formar uma família, meus primos só existiam, porque os pais deles decidiram formar uma família.

Larguei a cerveja em um canto e resolvi sentar perto dos meus tios, que falavam de futebol, um assunto mais seguro no momento, já que minha mente e algo dentro de mim começava a se remexer e não gostava nada disso.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Fred

Como tudo o que a gente tentava evitar acontecia, precisei ir até a casa dos meus pais para ajudar com a troca de um ventilador de teto. Meu pai, sempre à serviço da minha mãe, ao invés de pagar alguém, fazia tudo por conta própria.

Passei na minha casa depois do meu expediente, troquei de roupa e fui até lá mentalizando que minha mãe não falasse na porra de casamento. Confesso, o que minha avó tinha falado me abalou um pouco, e depois que sonhei

que cada tio estava em um canto olhando para mim de forma acusatória e a construção do Haras estava toda destruída, acordei assustado e pensando que estava fazendo algo de errado.

Seria mesmo real que eu estava contribuindo para a destruição das reuniões de família?

Parecia exagero, ainda mais que nunca levei essas cobranças a sério, mas havia sido a primeira vez que minha avó falou dessa forma, colocou todo o legado da família e as confraternizações que tanto prezava em jogo.

Perturbado. Estava incomodado e precisava de paz para que esse assunto morresse, por isso evitar minha mãe ou avó por uma semana

ou mais era necessário.

Bem, pelo jeito, isso não aconteceria nessa semana.

Entrei na casa dos meus pais e fui direto para o escritório, onde meu pai estava montando o ventilador de teto em cima da mesa.

— Oi, meu filho, me dê uma mão.

— Vim trazer duas, pai. Tudo bem? — Segurei o fio que ele me indicou e aproveitou para mexer em um parafuso.

— Tudo bem, só sua mãe que parece atacada essa semana. — Ele riu baixo, quem o via dizendo não entenderia que o ataque da minha mãe não tinha graça nenhuma.

— Só espero que não sobre para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Você não me trouxe para receber chumbo, certo?

— Ela é sua mãe, Frederico, tem que aceitar do amor até a dor.

— Meu filho, nem veio cumprimentar sua mãe! — Dona Bety apareceu no escritório e beijou minha bochecha.

— Vim direto para o trabalho, mãe. Por que mesmo não contratou alguém para colocar esse ventilador?

— Porque seu pai sabe fazer isso. O dinheiro não dá em árvore, Frederico.

— Meu Deus, se estão com tanta dificuldade, eu pago — falei indignado e meu pai balançou negativo a cabeça. Oh, droga, falei besteira.

PERIGOSAS ACHERON

— E desde quando os filhos têm que pagar algo para os pais? Quando você tiver os seus próprios, saberá.

— Tudo bem — falei seco.

— E Alexia, como está? Já parou de enrolar a moça?

— Mãe, você sabe que a considero como uma irmã! — Mordi a língua para não dizer que o real interessado na minha amiga era meu irmão. Revelar tal coisa seria muito pior do que ter esse incômodo sobre casar para continuar com o legado da família.

— Eu vejo nos olhos dela, Frederico. Ela gosta de você.

— Mãe, não envolva Alexia no meio desse

rolo. — Chutei de leve a canela do meu pai. — Vamos por esse ventilador ou não?

— Está quase pronto, meu filho. Termine de conversar com sua mãe, está interessante esse assunto — falou com humor.

— Até seu pai concorda, Fred! — Ela apontou com a mão aberta para meu pai. — Você precisa casar, meu filho. O que sua avó disse no Haras é verdade.

— Tem razão — soltei sem pensar e ela abriu a boca sem dizer nada. Quando não queria discutir, só falava o que ela queria escutar.

— Só está dizendo isso para encerrar a discussão.

— Exatamente — confessei ajudando meu

pai a carregar o ventilador e juntos, saímos do escritório.

— Reflita sobre isso, meu filho. Por que não tenta se envolver com uma mulher ao invés de apenas se divertir? É diferente, as pessoas não vieram para o mundo para serem sozinhas.

— Sei disso, mãe, por isso prefiro esses envolvimentos rápidos — respondi assim que chegamos no quarto de visita. A escada já estava no lugar.

— Como as mulheres se sujeitam a isso?

— Da mesma forma que os homens o fazem. Acho que depois de tantos anos e séculos obrigando os outros a casar, minha geração só quer seguir a vida desobrigados.

— Tente, Frederico. Uma coisa é certa, todas que passaram por você, nenhuma era a sua cara metade. Quando a mulher certa aparecer na sua vida, não vai existir esse discurso de envolvimento rápido e desapego. Você nem perceberá como ou quando, só estará comprando presentes e estendendo um tapete de rosas por onde ela passará. — Sorriu como se soubesse o segredo do universo. — Além do mais, sua avó quer bisnetos, eu quero netos.

— O que é isso, uma profecia? Por que não cobra do Leo? — reclamei erguendo o ventilador e vendo o sorriso divertido no rosto do meu pai.

— Seu irmão é muito mal-humorado e não

estamos falando dele, mas de você. Conheça uma pessoa diferente, dê uma chance para conhecer sua vida e sua história antes de ir para os finalmentes. Vamos, filho, por mim!

Não saberia dizer se foi o tom ou se finalmente a insistência dela me fez ceder. A questão era que, pedido de mãe, como súplica, era pior que ordem. Aprendi a respeitar meus pais e sim, eles tinham poder sobre mim, ainda mais quando chegavam nesse ponto.

— Você venceu, mãe — falei derrotado, meu pai assumiu o ventilador e encarei minha mãe. — Vou dar uma chance. Satisfeita?

— Evite as feitas pelo cirurgião plástico, sei muito bem das siliconadas que anda com você

pelas fotos das redes sociais. — Ela parecia radiante e tentava esconder. Manipuladora? Sim, mas que mãe não era? — Vai ter o aniversário de uma amiga minha, venha comigo e conheça sua filha.

— Eu escolho, mãe. Não sou obrigado!

— Tente ir em um dos grupos de oração que sua avó faz parte, ou mesmo no shopping! Conheça sua vida, suas expectativas e então, nos apresente. Se não der certo, entrego você e suas aventuras na mão de Deus. — Ela beijou meu rosto e saiu do quarto falando: — Estou fazendo janta, fique para comer.

— Ela consegue tudo o que quer, meu filho. Achei que já tinha aprendido — meu pai

falou divertido descendo da escada.

— Como o senhor aguenta mesmo? — perguntei olhando para o ventilador.

— É amor, meu filho. — Ele apertou o interruptor e o ventilador funcionou. — Tem momentos que a felicidade do outro é a sua. — Bateu no meu ombro. — Vou tomar um banho para jantarmos juntos.

Quando sentamos os três à mesa, o sorriso da minha mãe para o meu pai estava diferente. Um brilho maior e mais intenso dos seus olhos, apenas porque meu pai fez algo que ela pediu, parecia um enigma para mim, mas serviu para solidificar o que precisava, pelo menos, tentar o que minha mãe pediu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Que mal faria?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Fred

Depois de uma noite memorável com a mesma loira do final de semana, virei meu corpo para encará-la deitada. Elis não parecia preocupada em saber como estava, tão focada em respirar e olhar para o teto suspirando. Era pouco mais de meia noite e já estávamos na segunda rodada. Acordaria cedo amanhã, mas bem motivado pelo exercício feito.

Era meio da semana e a conversa da minha mãe martelava minha cabeça a toda hora. Sabia que

falaria besteira, mas precisava saber a opinião de alguém que estava fora da família antes de me abrir para esse novo universo que seria ter um relacionamento e, claro, Elis poderia ser uma oportunidade.

— Elis, você pensa em casar? — A tensão e os olhos arregalados mostraram que eu a assustei.

— Pensei que nosso lance fosse apenas nós três, eu, você e a cama. — Ela se levantou e foi pegando suas roupas pelo meu quarto. Merda, ela entendeu que eu queria algo sério com ela? Mas espera um pouco... por que ela não queria algo sério comigo? Por que eu estava preocupado com isso?

Por que falei casamento ao invés de

namoro?

— E se eu quisesse mais? — questionei sentando na cama observando-a se vestir com pressa. — Você sabe, para tentarmos um relacionamento...

— Obrigada, Fred, mas dispenso. Não quero ser corna.

— O quê? — Senti-me ofendido e levantei da cama em busca das minhas roupas. — Eu sou fiel!

— Tão fiel que nunca namorou. Conheço o seu tipo e acho que nosso tempo já deu. — Terminou de se vestir e foi para a sala.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Nunca namorei, porque nunca quis. Mas

pensei que nós poderíamos...

— Tentar? — completou com ironia. — Você é um galinha, Fred. Cada noite com uma mulher e para o momento, já que meu ex-namorado me deu um pé na bunda, você servia. Não quero nada sério.

Vi a mulher pegando sua bolsa e indo embora com uma parte do meu orgulho. Eu servia apenas de estepe? Quantas deram para mim apenas porque sabiam que eu não queria algo sério?

Como ela sabia que eu pegava uma diferente a cada noite? Essas mulheres conversam, que merda. Estava fodido, não conseguiria ninguém para tentar um namoro do jeito que fiz minha fama!

— Elis, eu posso namorar. É igual

trabalhar, alguém terá que me dar uma chance para poder fazer direito.

— Bem, querido, não será comigo. — Apontou para o braço esticado na maçaneta da porta. — Arrepio de medo só de pensar que Frederico Saad quer namorar comigo. — Olhou-me dos pés à cabeça. — Teria orgulho de desfilar com você, mas duraria segundos, já que me trocaria pelo próximo rabo de saia que se esfregasse em você.

— Caralho, você está me matando aqui! — falei chateado e percebi que estava apenas de cueca boxer.

— Se eu quisesse namoro, você saberia pelo meu interesse na sua vida pessoal e o quanto queria compartilhar da minha. Sabe em quê sou

formada? O nome dos meus pais? Minha comida favorita?

— Tenho que ter uma lista de perguntas para mostrar meu interesse inicial? Cadê a oportunidade para os iniciantes no assunto?

Ela riu, abriu a porta e acenou.

— Boa sorte na sua busca, Fred.

A primeira coisa que fiz quando a porta se fechou foi pegar o celular e ligar para minha amiga, que era praticamente só minha irmã e não de Leo. O tanto que Alexsandra gostava de mim, ela odiava meu irmão. Não a culpava, já que ele não fazia questão nenhuma de ser compreensivo com ela e suas manias.

Só eles que não sabiam, mas de alguma

forma se gostavam através do ódio.

Alexia, como a chamava, não gostava de contato, carinho ou que a encarassem por muito tempo. Como um animal arisco, ela preferia distância e palavras sem duplo sentido, diferente do estourado do meu irmão, que no momento que ela se ofendia com algo, ele ficava ofendido em dobro.

Conheci-a em um dos Pubs que estava, ela parecia bem fora de contexto e depois de pedir para o cara parar de esbarrar nela pela quinta vez, antes que ela o agredisse, intervi, paguei uma bebida e a tratei como um amigo.

Demorei muito tempo para formar uma amizade com ela e assim que conheci seus pais e fui aceito na sua família, ela começou a me tratar

com mais abertura e até fazer alguns caprichos meus.

Com certeza passou maus bocados na vida, seu jeito muito fechado era algo a ser estudado, mas nunca fiz qualquer questionamento sobre isso. Para mim, ela servia sendo o que era.

Ou não?

Elis me deixou mais dúvidas e quando a voz sonolenta de Alexia soou no telefone, disparei a falar:

— Primeiro de tudo, sabe que te amo como uma irmã. Nunca perguntei nada da sua vida ou outra coisa, porque... droga, sei que você odeia falar sobre você ou qualquer mania que tem, Leo já fez o favor de mostrar isso quando te perturbou

pela questão do contato físico.

— *Fred, o que está acontecendo? São mais de meia-noite...* — resmungou.

— Enfim, o que quero perguntar não tem nada a ver com você. Não quero te assustar, está bem? Eu sirvo para namorar? Não, preciso saber se sirvo para casar!

A ligação ficou muda e segundos depois, um riso forte soou do outro lado.

— *Oh, céus, sua mãe está te perturbando de novo com o assunto de casamento? Espero que não seja comigo como da outra vez que fui na sua casa, já falei para avisar que sou gay!* — E sim, tinha isso, minha amiga se declarava gay, mas sabia que era apenas uma estratégia para manter os

homens longe. O motivo? Nunca saberei, ainda mais agora que meu foco era outro.

— Prometi a dona Bety que me abriria para relacionamentos. Tentei começar algo com a Elis, mas ela falou que sou muito galinha. Porra, no dia que eu quiser namorar e casar de verdade, serei julgado pelo meu passado? Isso não quer dizer que irei trair.

— *Quem é Elis?*

— A mulher que peguei no bar no final de semana e hoje. Mas quando falei em casamento, a mulher saiu de casa como um furacão!

Alexia ria mais e mais, o que estava me deixando irritado.

— Porra, liguei para pedir ajuda!

— *Pedir ajuda, à meia-noite, para amaciar seu ego de dono do galinheiro?* — falou tentando controlar o riso. — *Foda-se quem não gosta de você, Fred. A mulher da sua vida não vai se importar se você pegou uma ou 100, vai querer apenas o seu amor. Você está procurando no lugar errado.*

— E se ninguém gostar de mim? — Sentei na cama e suspirei. — Minha avó falou umas coisas, depois minha mãe... estou um pouco perturbado e irritado ao mesmo tempo. Eu quero continuar com a família, com as reuniões e tudo mais. Não quero destruir o legado deles.

— *Você sabe que tem uma família muito tradicional, não vai conseguir agradar, ainda mais*

que você, senhor rebelde, não usa gravata. Para casar, você precisa usar uma, se não lembra.

— Caralho, se eu casar sem gravata vou deixar todo mundo surtando — falei mais calmo e uma ideia surgiu na minha mente. — Ah, eu poderia muito bem pagar alguém para ser minha namorada e fingir um noivado. Daria o troco para me deixarem em paz e quem sabe, a próxima namorada não ache que não sei ser fiel. Minha mãe falou que eu precisaria tentar uma vez só, está ótimo assim.

— Você vai se dar ao trabalho de gastar dinheiro, porque foi incompetente de encontrar uma mulher para gostar de você? Não, Fred, você é mais competente que isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado por ser tão direta, Alexia. Adoro seus sábios conselhos — falei com ironia.

— *Esses são os conselhos depois da meia-noite. Só esqueça isso, você vai casar na hora certa, com a pessoa certa.*

— E você, vai casar no tempo certo também? — perguntei por impulso e o suspiro resignado me mostrou que ultrapassei o limite.

— *Eu não estou na discussão. Quer fazer algo sobre essa pressão de casar? Faça! Escolha alguém que não seja do seu círculo de* pegação *e que tenha um passado longe do seu. Você nem sabe se sua família vai gostar ou não, o quanto você precisará lutar para que esse enlace realmente dê certo.*

PERIGOSAS ACHERON

— Quem diz enlace hoje em dia, Alexia?

— *As leitoras de romances de época. Coloca a cabeça para funcionar e me deixa dormir. Tchau.*

Sim... encontrar alguém para realizar um enlace parecia mais improvável do que ganhar na loteria. Só que não fugiria desse um desafio, ainda mais quanto envolvia um pesadelo, palavras de uma avó, a profecia da minha mãe e a rejeição da Elis.

Foi com esse pensamento que dormi e a ideia se solidificou no meu inconsciente.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Fred

Era depois do expediente, a reunião com os gerentes de vendas ultrapassou o horário que gostaria, mas não tinha outra opção, muito menos outro horário. Mudanças estavam programadas, o dono da empresa não me expôs muita coisa, só comentou que precisava pressionar os funcionários para melhorarem as vendas.

Todos já se acostumaram com meu jeito despojado. Apesar de não usar gravata, sempre vestia camisa e terno, para estar bem apresentável

para meus clientes e meus colaboradores. O humor? Era minha marca registrada, mas também a pressão psicológica suave.

— E aí, vamos para um *happy hour*? — o vendedor mais jovem da turma me convidou antes de sair da sala. Recolhi alguns papéis, coloquei na minha pasta e neguei com a cabeça. Estava com outros planos.

— Obrigado, vai ficar para a próxima. Tenho outro compromisso.

— Decidiu se vai comprar uma Harley ou uma moto esportiva? — Ah, essa era outra pressão que eu sofria. Apesar de ser um homem que trabalhava com automóveis, meu círculo de colaboradores e amigos empresariais eram

aficionados em motos.

— Por enquanto fico com a bicicleta — respondi divertido enquanto ele seguia para ir embora. Estava saturado da pressão social e familiar para ditar o que eu precisava fazer.

Bem, a família ganhou uma batalha, mas eu estava pronto para ir à guerra. Alexia não ajudou muito quanto a me acalmar, estava pilhado por conta dos últimos acontecimentos na empresa e estava disposto a mudar um pouco minha rotina, preocupado que essa tal mulher que mudaria minha vida aparecesse logo.

Um boteco perto da faculdade era a melhor opção para relaxar. Tinha certeza que lá não encontraria uma mulher que minha mãe

reconheceria de longe sendo uma garota simples e a acolheria como se fosse filha. Não existiria mulher para que minha avó testasse seus dotes de cozinha e se saberia cuidar de mim. Porra, qualquer uma que eu levasse para conhecer minha família se assustaria, me aceitar era a parte fácil.

E se essa mulher tivesse um passado duvidoso, algo que deixasse minha família arredia e me impedisse de casar? Tatuagens? Não, isso não assustaria dona Bety, apenas minha avó. Quem sabe uma ex-prostituta? Ou uma ex-presidiária?

Meu Deus, olha a direção dos meus pensamentos, de fugir de mulheres para cogitar encontrar uma!

Minha consciência pesou, havia

prometido, mesmo que a contragosto, dar uma oportunidade. Estava disposto a gastar energia para fazer tal coisa? Sim, minha mãe pediu e isso era suficiente.

Ajudei o segurança da concessionária fechar a loja e segui em direção ao meu carro. Todo mundo merecia uma segunda chance na vida, eu mesmo merecia ser alguém que não fosse julgado pelo meu passado, ou melhor, pelo meu presente. Esses pensamentos tinham apenas uma direção, estar em um relacionamento e o quanto isso chocaria minha família.

Bem, só precisava mudar um pouco os ares para refrescar minha mente antes que agisse por impulso, uma característica minha quando

minha cabeça estava nublada por conta de alguma situação que me tirava da zona de conforto.

Segui para um dos botecos que frequentei na época que estudava Administração, Copo Sujo. Tentei não pensar em nada, mas casamento, filhos e família tomaram conta de todas as sinapses dos meus neurônios.

Que loucura! Odiava o poder das palavras da minha mãe, pareciam profetizar sempre.

Quando estacionei o carro a uma quadra de distância do bar, senti um calafrio tomar conta do meu corpo. Sensação boa ou ruim, parecia que minha vida estava preste a mudar.

— Que exagero, você é Frederico Saad, ninguém te supera além de você mesmo — falei de

forma motivacional para mim antes de sair do carro e o trancar. Tinha costume de falar sozinho, principalmente quando precisava de apoio moral.

Sem a jaqueta do terno, desabotoei os primeiros botões da camisa e a tirei de dentro da calça. Um visual mais despojado, até um pouco travesso. Observei os homens de mais idade sentados do lado de fora e quando entrei, lá estava quem eu queria, os jovens e universitários que matavam aula jogando sinuca e tomando cerveja.

Sentei no banco perto do movimento e analisei as mulheres. Porra, não havia nada que servia para mim, eram todas garotas, no máximo vinte anos. Uma olhou para mim com malícia e sorri divertido. Será que ela achava que eu sairia

sem antes conferir sua certidão de nascimento?

— O que vai querer? — uma voz educada e feminina chamou minha atenção, mas estava focado demais em encarar a garota com a turma dela, por isso respondi sem a olhar:

— Uma Heineken long nek por favor.

— Tome cuidado, alguma delas são menores — a moça falou e finalmente a encarei. Bem, consegui ver suas costas e cabelos castanhos presos em um coque feito às pressas, porque ela já estava indo até o freezer pegar meu pedido.

Observando-a do balcão, vi com destreza ela colher mais alguns pedidos antes de finalmente voltar e deixar minha cerveja. Diferente de mim, ela não me encarou ou analisou, ela parecia não dar

a mínima para mim, mas eu estava muito interessado nela.

Apesar da falta de maquiagem e cuidado com a aparência, ela tinha o tipo de força que as mulheres da minha família emanavam, aquelas que faziam mil e uma coisas ao mesmo tempo e não perdiam o rebolado, muito menos reclamavam que estavam cansadas.

Acabei esquecendo a novinha e me foquei na mulher atendendo seus clientes. Outros dois homens estavam trabalhando com ela e eles não pareciam nenhum pouco amigáveis.

Ela passou por mim para atender um homem ao meu lado e não me espiou, nem por um segundo. Sim, estava com meu ego ferido,

principalmente porque estava fazendo minha pose mais promissora, aquela que deixava qualquer mulher babando por mim.

Espiei a garota universitária e pensei que uma diferença grande de idade poderia chocar tanto quanto as outras ideias que tive. Precisava de foco e ficar olhando a moça do bar trabalhar não me ajudaria em nada, ou melhor, nem conseguiria uma diversão para o final de semana.

Ousada, assim que o homem ao meu lado saiu, a garota deixou seus amigos e veio até mim, sentou no banco recém desocupado e sorriu abertamente.

— Oi, eu sou Elis.

Tentei evitar uma careta, porque esse

nome me lembrava de outra Elis, que me frustrou profundamente.

— Sou Fred, prazer em conhecê-la, Elisa.

— É Elis! — ressaltou chateada e depois se recompôs com o sorriso. Porra, precisava fugir, não ia rolar. — Vi que estava me observando. Quer jogar sinuca com a gente?

Virei meu rosto para encarar a atendente do bar e seu olhar finalmente se cruzou com o meu. Bem, poderia ter sido apenas coisa da minha cabeça, porque não foi nem por um segundo, ela estava limpando o balcão com um pano e álcool.

— E aí? — a garota perguntou impaciente e com um sorriso de desculpas, a dispensei.

— Fica para a próxima.

— Cuidado com essa aí, é irmã de bandido — Elis falou apontando com o queixo para a atendente e isso me deixou surpreso. A pequena acreditava que eu estava interessado na mulher atrás do balcão?

Voltei a encarar a moça e nem me dei ao trabalho de prestar atenção na outra que foi dispensada. A atendente deixou um copo escorregar e antes de cair no chão, conseguiu segurar entre suas mãos e pernas.

— Você vai pagar pelo estrago no próximo desastre, Luana — o homem mais rechonchudo e mal-encarado falou e passou por ela passando a mão na sua bunda. Pela posição que ela havia ficado, facilmente pareceria que foi um mero acaso,

mas eu estava vendo e isso ferveu meu sangue.

— Mais educação, homem! — falei quando o cara se aproximou, parou na minha frente e colocou as mãos na cintura.

— Se você é outro dos namorados dela, vá embora, senão quem vai para o olho da rua é ela!

Tivemos um momento de competição de encaradas, seu cheiro de suor e cerveja estava forte e quase fiz uma careta para isso. Quando ele desistiu, voltei a olhar para a tal Luana, que se aproximou sem olhar para mim.

— Eu não te conheço e nem sei porque quer enfrentar Joilson. Se puder ir embora, agradeceria muito — falou baixo e urgente enquanto tirava minha cerveja e limpava o balcão.

— Eu vou voltar — falei tirando algumas notas da carteira e sorrindo com ironia para a mulher com traços suaves e olhar acanhado. Ninguém me dispensava assim, sem uma batalha antes.

Mal a conhecia e não tinha intenção de trazer problemas. Se ela serviria para o que tinha em mente ou não com relação ao pedido da minha mãe, de me abrir a novas opções para saber se essa era a mulher da minha vida, não importava, porque agora estava curioso, precisava saber mais dela e nada me impediria.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Luana

Suspirei aliviada assim que aquele estranho atraente saiu. Mesmo que suas palavras dessem a entender que era uma promessa, estava acostumada a todos os homens me usarem e me iludirem. Já não mais me preocupava com o tombo que levaria, porque sabia que aconteceria.

Não existia final feliz para Luana banana, como era chamada na escola, pela família e por todos ao meu redor. Eu tinha coração mole, mas punhos de aço.

— Não traga mais seus namorados para o bar, Luana — mais uma vez me deu bronca e aproveitou para se esfregar em mim. Joilson era meu chefe, o cara mais nojento que já conheci e, infelizmente, estava amarrada a ele até pagar a maldita dívida que meu irmão fez antes de ir preso.

Todos no bairro sabiam da minha história, a pobre garota que pagava pelos erros dos homens de sua família. Primeiro foi meu pai, que fez uma dívida exorbitante na mercearia. Paguei com o dinheiro da faculdade e tive que trancar, me formar em licenciatura em Letras não era mais um sonho possível no momento. Segundo foi meu irmão, que não sabia ao certo qual era sua dívida, mas para que não o matassem na prisão, precisaria trabalhar por

um ano, todas as noites, nesse bar.

Sim, eu poderia muito bem ligar o foda-se e deixar as coisas acontecerem, mas essa era minha família desajustada, criada sem uma mãe ou alguém que guiasse o caminho deles. Não conseguia fazer o papel materno para eles, mas poderia impedir que morressem por causa das imprudências.

Apesar do pouco tempo que tive com minha mãe, ela havia me deixado muitos ensinamentos e exemplos.

Perdi pouco a pouco minhas ambições e sonhos, ainda mais quando voltava para casa me sentindo suja a cada dia de trabalho. Meu pai era pedreiro, trabalhava de sol a sol e agora sem nosso

irmão, quem ajudava com a casa era eu.

Com vinte e cinco anos, poderia estar formada e inclusive, quitado meu crédito estudantil, mas não, continuava andando em círculos enquanto era caixa de um supermercado pela manhã e tarde e durante à noite, nesse boteco.

Servi alguns clientes com meu costumeiro sorriso e tentei esquecer os problemas. Sofria com meus infortúnios, todavia, escolhi viver um dia de cada vez.

Quando chegou meia-noite, encerrei meu expediente e apenas disse adeus para Joilson, que sempre me olhava com desgosto por sair antes do bar fechar. Ele sabia que mais do que isso estava fora da minha capacidade física, eu não tinha

muitas horas de sono por dia e antes de ir para o bar, precisava limpar a casa.

— Oi gatinha — um dos bêbados da rua falou quando atravessei a rua.

Ter um homem não estava mais nas minhas ambições. Casar e ter uma família ajustada se tornou um sonho longínquo e quando me deparava com bêbados como esse, lembrava do meu último namorado, o que enfrentou Joilson e quase quebrou o bar, porque me queria de volta.

Como eu namoraria se não tinha nem mesmo tempo para mim?

E, claro, tinha a questão que eu precisava fazer todos os sacrifícios para estar com ele e o meu ex não fazia nenhum por mim. Eu sabia sobre

via de mão dupla, inclusive estava cansada de me doar mais do que recebia.

Depois de andar três quadras, cheguei em casa, encontrei meu pai dormindo no sofá e apenas desliguei a televisão. Tirei minha roupa, tomei um banho quente e esfreguei a bucha em todo o meu corpo, principalmente na minha bunda, onde a mão daquele nojento me tocou.

— É apenas um toque, foi apenas um toque — repetia para mim até que meu coração acalmava e não me achava um lixo.

Enxuguei-me com pressa, coloquei a camisola da Mulher Maravilha e me joguei na cama morta de cansada. Não precisava de nenhuma concentração para dormir, apenas fechar os olhos e

suspirar.

Faltava menos de um ano para me livrar dessa vida.

***

Tomei um grande gole do café recém passado pela representante de uma das marcas do café no supermercado e comecei a trabalhar no caixa. Diferente dos outros dias, das outras pessoas que passaram na minha vida, o tal estranho charmoso se tornou uma memória viva.

Enquanto trabalhava e passava as compras dos clientes, era imaginando vários cenários com ele que gastei meus pensamentos. Estava tão sonhadora que parecia até que estava vendo o tal... mas diferente do que almejava, ele não estava

comigo, mas acompanhado de uma jovem e bonita mulher.

— Obrigada por me salvar e agradeça sua mãe também, ela é uma santa! — a moça falou e eles foram para o caixa atrás de mim. Prendi a respiração quando o cheiro irresistível dele invadiu minhas narinas.

— O que minha mãe não sabe, alguma tia ou avó saberá. Saber cozinhar é quase um pré-requisito para fazer parte da família.

— Você é muito sortudo por trabalhar em um lugar onde é possível largar tudo e vir no mercado com sua irmã — ela falou e soltei um suspiro alto, chamando atenção do cliente conhecido. Encolhi meu corpo, ainda mais quando

senti alguém se aproximar de mim. — O que você está fazendo, Fred?

— Luana? — percebi que sua boca estava próxima demais do meu ouvido e fechei os olhos, achando que isso iria passar a qualquer momento. O destino não seria tão sacana comigo, ou seria?

Muitos já correram atrás de mim, não por gostarem, mas porque eu me tornava um desafio, ainda mais quando o dispensavam antes de lhes darem um beijo. Custava entender que eu não tinha tempo para isso?

— Moça, o caixa está aberto? — uma cliente me fez abrir os olhos e sorrir. Olhei de canto de olho para trás e lá estava o homem me encarando e a sua acompanhante, sorrindo

divertida.

— Bom dia! O pagamento será feito no cartão da loja? — cumprimentei e fingi que existia apenas a mulher a minha frente.

— Sou eu, estava no bar ontem, lembra de mim? — Ele tocou meu braço e senti um calor excessivo na pele e nas minhas regiões baixas.

— Ah, oi! — falei sem graça e voltei a atenção no que estava fazendo.

— Fred, ela não quer falar com você, está fingindo que não existe — a irmã dele falou e precisei virar minha cabeça para encarar os dois.

— Sim, ele existe e estou trabalhando. Não quero ser sem educação com os clientes.

— Então poderemos conversar? Que horas

termina seu expediente?

Arregalei meus olhos, pedi desculpa para a cliente que estava atendendo e não dei mais bola para o homem que despertou meu interesse, mas não o suficiente para ir atrás. Eu não cedia tão fácil, mesmo que minha mente quisesse.

— Fred, você está tão acostumado com as mulheres indo atrás de você que não percebe um fora. Vamos! — A irmã pegou as compras e começou a seguir para longe. Passou pelo meu balcão e ambos me encararam sorrindo.

— Deve ser a maldição da Elis. Nenhuma mulher me quer mais — ele falou divertido e não pude evitar de rir. Com certeza esse nome tinha a ver com alguém que lhe deu um pé na bunda.

Claro, bonito e boa pinta como era, com certeza tinha um exército de mulheres querendo estar com ele, namorar ou casar.

Terminei de passar as compras e vi os dois irem embora do mercado.

— Eu acho que ele estava interessado em você — a cliente falou baixo e conspiratória para mim. Era tão engraçado e interessante o quanto as pessoas que passavam por aqui se sentiam íntimo de nós, nos davam conselhos ou bronca indevidas.

— Tenho muitas horas de trabalho para fazer antes de pensar em namorar — respondi de forma cordial e passei o valor da compra. — Qual a forma de pagamento?

— No crédito, por favor — falou

colocando o cartão na máquina. — Ah, se eu fosse mais jovem. Eu me colocaria no seu lugar, já que não o quer.

— E se ele for daqueles que gosta de mulheres mais velhas? Está na moda!

— Ah, minha filha, meu tempo é outro, de curtir o marido, já que os filhos estão saindo de casa para ganhar o mundo — falou mostrando a aliança e colocando as compras no carrinho. Pegou seu cartão e acenou. — Obrigada.

— Obrigada e bom dia.

Observei a mulher seguir a mesma direção do tal Fred e voltei a sonhar com o estranho charmoso. Passei a mão no meu ombro e lembrei da coruja que tatuei alguns anos atrás, para

representar meu amor pelos livros e estudos. Daria todos os Freds do mundo para poder ter tempo de voltar a faculdade.

Faltava menos de um ano.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Fred

— Você não tem limite, cantando a moça do caixa? — Alexia me repreendeu, mas estava segurando o riso enquanto íamos até meu carro com as compras tomadas de suas mãos.

— É a moça que vi no bar ontem, a mulher tem dois empregos, caralho! — falei destravando o carro e indo na direção da porta do motorista. Estava espantado e ainda mais curioso por essa mulher trabalhadora. Suas olheiras pareciam mais visíveis agora na luz do dia, o que não diminuiu sua

beleza, só salientou minha admiração.

— Desde quando Frederico Saad se impressiona com habilidades que não envolvam beleza e performance entre quatro paredes?

— Pois é, desde quando?

Coloquei as compras no colo dela e liguei o carro para ir até sua casa. Era aniversário da sua mãe e Alexia pretendia fazer um prato especial árabe para ela, charuto, quibe cru e homus.

— E a pilha que você ficou com relação a pressão da família para ter um relacionamento fixo? Não brinque com moças certas, Fred — falou com seriedade.

— E quem disse que pretendo brincar? No dia que decidir ter um relacionamento sério, ela se

casará comigo.

Enquanto eu sorria triunfante, Alexia me encarava com horror. Bem, para quem só me via pensar em uma noite, agora falando de casamento, mesmo que de brincadeira, deveria ser apavorante. Depois de um tempo ela suspirou, deu de ombros e olhou para a janela do carro pensativa.

— O que me consola é que a pobre Luana fingiu que nem te conhecia. Acho que ela tem um detector de roubada funcionando bem.

— Ah, então a senhorita escutou minha conversa, até decorou o nome dela. — Cutuquei seu ombro, o máximo de toque que lhe dava, por saber que ela não gostava. — Vou te dizer, não vou assumir de onde veio a motivação, mas estou

curioso sobre ela. Já pensou, eu levando uma mulher na próxima reunião de família como minha namorada?

— Se for Luana, acho que todos vão amar. Que sogra não gostaria de uma mulher trabalhadora à caçadora de dotes? Independe disso, seus parentes ficarão chocados por você estar envolvido com alguém.

— Sim, tão chocados como deixo minha mãe ao não usar gravata com um terno completo. — Minha cabeça trabalhou rápido. — Imagina o quanto de perguntas farão para ela, será como num tribunal. Minha avó vai desconjurar ter uma neta postiça trabalhando em um bar. Ah, também quero ver se contará do irmão, escutei do pessoal do bar

que ele está preso.

— Você não vai fazer a pobre coitada passar vergonha com seus familiares julgando o irmão e ela mesma. Isso já foi longe demais, Fred.

Parei o carro em frente à sua casa e como um furacão, ela saiu e a segui para dentro.

— Claro que não, Alexia. Eu serei o homem honrado que não se preocupará com o seu passado, mas o futuro. — Ri assustado. — Porra, estou falando como se já a considerasse certa e não que estou fazendo piada.

— Tem que pensar em tudo, Fred. Esqueça a brincadeira que existe dentro de você e leve com seriedade. E se o irmão bandido for te roubar ou sua família? Até agora eu defendi Luana, está na

hora do advogado do outro lado falar também — rebateu enquanto tirava as compras das sacolas e trabalhava na cozinha com destreza. Apesar de não ser sua profissão, minha amiga/irmã adorava cozinhar e eu, adorava comer tudo o que ela fazia.

Parei no balcão, fiz uma careta, mas logo sorri. Alexia percebeu na hora o motivo da minha despreocupação com ameaças vindo do irmão bandido e revirou os olhos.

— Eu sou Leonides, sei atirar melhor que o Rambo — ela falou com deboche e ri por imaginar os dois discutindo sobre armas um dia. Meu irmão trabalhava com escolta especial, que incluía proteger um cliente de um destino ao outro, nada de vínculo de longa data. A verdade era que o

trabalho dele era muito sigiloso e sabíamos pouco da sua rotina, só que ele tinha porte legal de armas e se exercitava muito.

— Você sabe, ainda acho que esse ódio de vocês dois tem a ver com amor enrustido.

— Dispenso qualquer amor vindo daquele filho da... — Ela tampou a boca e me olhou pedindo desculpas por quase xingar minha mãe. Dei de ombros, sabia que ela não tinha intenção e acenei adeus. — Obrigada e tchau!

Esse tipo de preocupação não me cabia, ainda mais porque tinha trabalho a fazer hoje até o final da tarde. Eram raros os sábados que conseguia folgar, mas sempre que dava eu escapava para tomar café da manhã com algum cliente, *test drive*

ou socorrer Alexia, já que ela não tinha carro e só existia eu de amigo.

Voltei para a Concessionária de Automóveis que trabalhava e tentei focar minha mente em duas coisas enquanto seguia com meu expediente. Puta que pariu, como as mulheres conseguiam fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo? Derrubei café, assinei um cheque errado e quase fiz um orçamento com valores menores do que o oferecido na tabela de venda.

Culpa de quem? Luana, a mulher que exalava poder apenas por fazer o que fazia, sendo cordial e centrada. Conhecia muitas pessoas, lidava com várias classes de trabalhadores e ali, naquela mulher, eu via um grande potencial, só não

entendia o motivo dela estar tão abaixo do que poderia ter.

Será que era formada? O irmão realmente era bandido? E os pais, eram loucos e amorosos como os meus?

— Estou virando uma boneca — reclamei baixo para mim mesmo quando finalmente sentei à minha mesa e encarei os números do mês na tela do computador. Precisava desistir de dividir minha mente e pensar em Luana apenas quando saísse daqui, porque meu trabalho precisava de mim por inteiro.

E demorou. Chegava o Natal, mas não chegava o horário de encerrar o expediente e fechar a Concessionária.

Da mesma forma que havia feito no dia anterior, segui com a roupa de trabalho para o boteco e sem a jaqueta do terno, entrei e escolhi o mesmo local, o mesmo banco.

Identifiquei o exato momento que ela percebeu que eu tinha chegado e me surpreendeu por saber disfarçar o olhar em minha direção. A bandida me encarou no dia anterior, tinha certeza, só não consegui pegá-la em flagrante. Seu rosto corou e as mãos começaram a gesticular enquanto atendia os clientes.

Sim, pequena trabalhadora, eu também te vi.

Ela se aproximou olhando para o balcão. Assim que parou, me encarou e segurou a

respiração antes de soltar falando:

— O que vai querer, senhor?

Não pronuncie em voz alta tudo o que você tem em mente Fred, brinquei na minha mente.

— Uma cerveja long neck. — Omiti a marca para comprovar se ela estava prestando atenção em mim ontem tanto quanto eu. Quando ela trouxe uma Heineken, meu sorriso se alargou. — Obrigado por trazer a mesma que pedi ontem.

Ela arregalou os olhos, virou para o lado e se afastou murmurando algo baixo.

De uma coisa tinha certeza, eu a afetava tanto quanto ela a mim. Não sabia exatamente o protocolo de começar um namoro, então, seguiria os meus instintos. Precisávamos de um tempo a

sós, faria o test drive para sabermos se teremos química e, se tudo desse certo, já faria a proposta de namoro. Com vinte e nove anos, essa seria minha primeira tentativa a algo sério.

Era estranho pensar dessa forma, mas também, a melhor ideia do mundo. Só esperava que ela não fugisse como a última assim que eu dissesse a palavra casamento.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Fred

— Ela está te atendendo bem? — O homem que se aproveitou dela no dia anterior apareceu na minha frente e não me reconheceu. O cheiro de álcool era forte e dessa vez, sua voz tremia um pouco. Meu sangue ferveu e precisei contar até dez antes que fizesse algo além de responder.

— Está tudo certo — meu tom era seco.

Olhei para os cantos e percebi que a turma da sinuca não era a mesma de ontem. Hoje havia

homens vestindo jaquetas de couro de algum Moto Clube da cidade.

Voltei minha atenção para a atendente e memorizei todas as suas formas, além das manias. Corpo cheio de curvas indicava que ela não deveria seguir a moda muito menos fazer academia. Braços definidos caracterizava que carregava peso ou fazia muito trabalho braçal. Era ágil com as mãos e mesmo não tendo cabelo solto, ela passava a mão na franja e a colocava de forma imaginária atrás da orelha.

Ela passou por mim e dessa vez, me encarou por alguns segundos. Não pretendia sair daqui sem pelo menos seu número de telefone celular, precisava por meu plano em ação, até

porque, meu interesse nela estava além do pedido da minha mãe. Então, com muita paciência, tomei minha cerveja, depois troquei para refrigerante e esperei o bar esvaziar até que anunciassem o fechamento.

Algo diferente e mais oportuno aconteceu, Luana anunciou que estava indo em voz baixa para o homem seboso chamado Joilson e saiu para a rua. Rapidamente entreguei uma nota alta para ele, com o intuito de pagar meu consumo e corri atrás dela, que já estava virando a esquina.

— Hei! — gritei. Ela virou para trás e pela luz do poste vi seu olhar assustado. Só então percebi o quão louco e psicopata eu poderia parecer ao correr atrás de uma mulher nesse horário. —

Desculpa, não queria assustar.

Continuei me aproximando e ela, com os braços cruzados a sua frente, me encarou receosa.

— Vai me perseguir? Não tenho dinheiro e não vou te falar aonde é minha casa — falou com voz trêmula.

— Não quero seu dinheiro, só quero te conhecer. — Ela fez uma careta e finalmente parei de andar, porque estava a poucos passos dela. — Olá, sou Fred e... — Merda, o que falava depois? Normalmente, quem chegava conversando eram elas e não eu. Estendi a mão, mas ela não parecia interessada em retribuir o cumprimento.

— Bem, você já sabe meu nome e onde trabalho. O que mais você quer?

— Que tal irmos até um bar? — Ri sozinho da minha proposta, estava parecendo um idiota, ela trabalhava em um bar. — Desculpe, estou nervoso. Um café? Sushi?

— Desculpe se pareço grosseira ao dizer que não vou com você em nenhum lugar. Não tenho dinheiro, muito menos interesse em ter uma amizade. Por favor, não me siga mais.

Ela virou as costas e segurei seu braço por impulso. Minha mão quente no seu braço frio pela noite me deixou em choque, tanto pela sensação que trocamos, quanto por ela estar sem uma roupa adequada para a noite fria.

Olhei para mim, percebi que estava sem a jaqueta do terno para oferecer e me xinguei

mentalmente.

— Me deixe te levar em casa então.

— Onde você mora que as mulheres ficam perto de você e aceitam tudo o que fala, assim, do nada? — Ela deu um passo para o lado e minha mão soltou seu braço. — Também não sou nenhuma prostituta.

— Sou tão ruim assim para paquerar? — perguntei jogando minhas mãos para o alto e soltando. — Sou Fred, meu pai é Amim e minha mãe se chama Bety. Tenho um irmão caçula, Leonides e não tenho animais. Só quero conversar, Luana. E se eu for o homem da sua vida?

— Se fosse o homem da minha vida não mentiria para mim na apresentação — falou

chateada. — A mulher que estava com você no mercado não era sua irmã?

— Ela só não tem meu sangue, mas sim, é minha irmã. E antes que você diga qualquer coisa, ela odeia ser tocada e prefere que as pessoas achem que ela seja gay. — Esfreguei as mãos no meu rosto. — Caralho, falei mais coisa para você do que para meu próprio irmão, que acho que gosta dela, mas vivem de arranca-rabo. — Encarei-a com desespero, eu realmente queria saber mais dela, ainda mais que parecia tão resistente. — Por favor? Se não for hoje, me dê seu número de celular, a gente vai se falando por mensagem.

Ela suspirou, descruzou os braços e olhou para o céu.

— Anote meu número, amanhã eu não trabalho, mas hoje preciso dormir. Vamos combinar de nos encontrar em algum lugar, eu vou por conta própria e você também. Sem caronas e que seja apenas uma — ela me encarou e falou pausadamente: — conversa!

Com o maior sorriso do mundo, peguei meu celular, anotei seu número e ousado, dei-lhe um beijo no rosto antes de me afastar andando de costas. Ela parecia atordoada por um momento, mas no outro, quase correu para longe de mim.

Ela tinha o gênio parecido com o das mulheres da minha família, talvez Alexia estivesse certa, iria acabar fazendo com que minha mãe e avó gostassem dela ao invés de eu mesmo chocar ao

aparecer com alguém.

Voltei para o meu carro e guiei para minha casa pensando sobre minhas ações e o que faria a partir daqui. Iríamos nos encontrar no dia seguinte em um café, iria combinar no mais luxuoso da cidade e deixaria claro que seria tudo pago por mim, mulheres gostavam de ser independentes, mas também de serem mimadas. Ela disse que não tinha dinheiro, então, não poderia colocar isso como barreira entre nós.

Averiguaria melhor a situação do irmão, se era verdade ou não. Leo iria investigar a vida deles para mim e se fosse seguro, num segundo encontro, faria o test drive para depois propor um namoro. Seria uma tentativa, claro, mas só de pensar na

minha família, já imaginava as perguntas sobre quando colocaria uma aliança no dedo dela.

Se não desse certo... droga, iriam botar a culpa em mim pelo término, ainda mais se eles gostarem dela. Porém, parariam de me perturbar, uma tentativa tiraria de mim o foco e passaria para outro primo.

Cheguei em casa pensando em abortar essa loucura, de brincadeira passou a ter muita seriedade. Precisava descansar, isso era fato, o que me ajudava a esquecer esses pensamentos sobre ter um relacionamento.

Entrei em casa, olhei para o sofá e nos vi deitados, nus, apaixonados, enquanto assistíamos algum filme que ela escolheu e eu odiava.

— Porra, isso é doença? — perguntei esfregando os olhos e a visão foi sumindo. Como a gente zoava Ricardo, casar significava não transar e longe de mim ter essa vida, meu pau precisava muito de atenção, demais.

Fui para o meu quarto, tirei minhas roupas e segui para o banheiro. Quando a água caiu nas minhas costas e fechei os olhos para que lavasse meu rosto, foi nela que pensei e visualizei seu rosto corado assustado por ter lhe dado um beijo.

Ninguém saberia mesmo. Antes de terminar meu banho me entreguei ao prazer que só minha mão e minha imaginação podia oferecer.

Essa mulher era muito perigosa. Queria ser seu predador, aquele que comandava a caça, mas

corria grande risco de se tornar sua presa de tão enfeitiçado que estava ficando por ela.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Fred

Acordava todos os dias às cinco da manhã, um hábito que minha mãe conseguiu impor a família inteira.

Já havia corrido na esteira de casa, feito abdominais, apoio e assistido um pouco da programação da TV aberta. Havia desistido de ir no Postinho ver alguns amigos, a ansiedade tomou conta de mim como nunca antes. Quando comecei a mudar de canal sem procurar nada em especial, decidi que era hora de fazer algo sobre a mulher

que despertava minha curiosidade.

Dez horas da manhã de um domingo era um bom horário para enviar uma mensagem para Luana, certo?

Fred>> Bom dia senhorita. Dormiu bem? Fred aqui!

A resposta demorou a vir e conferi o horário para ver se não estava cedo demais. Será que ela era uma dorminhoca? Para quem tinha dois empregos, domingo deveria ser o dia do seu descanso e de repor as energias.

Luana>> Olá perseguidor. Dormi como sempre, agora estou terminando de limpar a cozinha enquanto a roupa está sendo lavada.

Fred>> Você sempre faz mais de uma

coisa ao mesmo tempo?

Luana>> Se essa pergunta teve duplo sentido, prefiro não responder.

Sorri para sua tentativa de me cortar. Tinha acordado mais do que disposto de iniciar algo com ela, ter mais do que um encontro, ou seja, dificilmente conseguiria me dissuadir com apenas palavras.

Fred>> E nosso encontro, está de pé?

Luana>> Vou me atrasar um pouco, tive um imprevisto e só poderei sair de casa quando tudo estiver limpo. Pode ser às 16 horas?

Fred>> Contanto que você vá, poderia ser até meia-noite.

Luana>> Exagerado. Tenho certeza que não valho tanto esforço assim, mas tudo bem. Onde iremos?

Fred>> Que tal eu responder se você vale o esforço ou não depois que experimentar café nos seus lábios?

Luana>> Prefiro café do que uma comida mais pesada, boa escolha.

Desconversou, que frustração!

Fred>> França Café, eu convido, eu pago.

Luana>> Vai pagar mesmo, porque no fim do mês eu só tenho dinheiro para o almoço e olhe lá. Não querendo ser interesseira, sabe...

Fred>> Posso te buscar também, não

gostaria que gastasse mais do que o necessário.

Luana>> Tenho o vale transporte, não se preocupe. Agora preciso voltar, senão vou chegar meia-noite e então saberemos se suas palavras foram jogadas ao vento ou tem fundamento de verdade.

Ah, se ela soubesse que as duas coisas.

Larguei o celular e fui me aprontar para ir almoçar nos meus pais. Domingo era dia de reunião familiar, apenas em raros momentos que passava o dia de descanso sem estar na casa onde me criei.

Quando cheguei, minha mãe estava fazendo o almoço, lasanha com o molho italiano especial da sua família.

— Oi mãe! — cumprimentei beijando seu

rosto.

— Oi meu filho, como foi sua semana? Conseguiu sair para conhecer outras pessoas?

— Podemos não falar nesse assunto hoje? — *Até porque, estou com um plano em ação e qualquer coisa que a senhora diga poderia mudar minha opinião,* completei na minha mente.

Saí da cozinha sem esperar sua resposta e fui atrás do meu pai, que estava nos fundos mexendo com o jardim, já que o barulho do cortador de grama podia ser ouvido.

Observei o homem com muitos cabelos grisalhos e postura curvada executar um serviço que não gostava tanto, mas que fazia pela minha mãe. O que levava um homem a deixar sua

liberdade de lado para fazer o que o outro gostava?

Ele virou o corpo, me viu e desligou a máquina para me cumprimentar.

— Oi meu filho. Como você está?

Aproximei, cumprimentei com um toque de palmas e depois um abraço rápido, já que ele estava muito suado.

— Só você mesmo para aguentar as ordens que a mãe dá. E suas costas e lombar, como estão?

— Cada um tem a esposa que merece, meu filho. Mulher feliz, casa feliz. Se a vida fosse fazer apenas o que a gente queria, seria muito sem graça.

— Sei como o senhor não gosta de mexer com essa máquina, porque no outro dia o senhor estará tudo travado. — Dei passos para trás.

— Quem disse que não gosto? Faz parte do relacionamento tanto quanto eu faço minhas exigências para sua mãe, mas você não vê. Quando você encontrar uma mulher para namorar, vai entender pelo menos metade do que passo com sua mãe. A outra metade, só quando casar.

— Até o senhor? — reclamei com ironia, mas sabia que meu pai não forçaria o assunto, ele era muito tranquilo com relação a pressão da família.

— Eu não disse nada — rebateu sorrindo, voltou a ligar a máquina e continuou o serviço.

Voltei para a cozinha e preferi deixar minha mãe entretida com o almoço antes que ela voltasse a falar sobre casamento.

Sentei no sofá, liguei a televisão e encontrei um canal onde passava um seriado sobre uma mulher que trabalhava como atendente de bar. Claro, era americano e tinha toda a maquiagem que a história exigia, mas não me deixou de lembrar de Luana e aquele chefe idiota.

Fazia exercícios em casa, ficava mais em pé do que sentado durante o meu expediente de trabalho e imaginava um pouco do que Luana passava. Será que ela toparia minha proposta? Talvez, se oferecesse uma carona, ou alguma ajuda financeira...

Isso, idiota, ofereça dinheiro e a torne uma prostituta. Se ela tinha dois empregos que normalmente não pagavam bem, com certeza

vender o corpo nunca foi uma opção, senão teria feito desde o início e sofreria menos com o trabalho excessivo.

— E aí, Fred. — Meu irmão me cumprimentou com um toque de sua mão e segurei-a para ver seu punho machucado.

— O que foi isso, cara?

— Minha noite foi tensa — respondeu sentando na poltrona a minha frente e apoiando a cabeça no encosto. — O pessoal pediu reforço em uma missão e fui à paisana.

— E isso aí é legal? Até quando vai fazer esses trabalhos clandestinos? — questionei baixo e ele deu de ombros.

Leo tinha alguns colegas que faziam parte

de uma força tática, de elite, contra os assaltos aos caixas eletrônicos e bancos. Eles estavam sempre pedindo que meu irmão ajudasse, por causa dessa sua tara em ação e claro, seus contatos que mais pareciam cabelo de freira, ninguém viu, só sabia que existia.

— Vou com eles, mas volto por conta própria. Sempre dá tudo certo, você sabe. — O filho da mãe sorriu. — Eu sou bom.

— Você faz o que quiser da sua vida, mas se lembre que o homem com uma arma na família é você. A mãe vai ficar espumando se souber disso.

— Disso o quê? — Dona Bety apareceu na sala com um pano de prato nas mãos.

— Que não usei luvas para treinar na

academia — Leo falou erguendo a mão e minha mãe fez uma cara de choque. — Oi mãe.

— Não acredito que vou ter que comprar um par de luvas e deixar na academia para você usar. Quantas vezes falei que isso pode infeccionar, Leonides?

— Menos que os pedidos para que Fred se case. — Olhei para meu irmão com ódio e quase contracenamos uma cena da nossa adolescência, onde ele me provocava, eu fazia o mesmo e saíamos na porrada.

— E como vai o Reinaldo? Já decidiu sair do armário? — Retruquei a provocação. Seu olhar foi mais irritado que o meu, ainda mais que estava desenterrando uma briga antiga, sobre sua

orientação sexual. Diferente de todos, ele era o único que não exibia as mulheres que pegava.

— Quero um domingo de paz. Vocês dois se comportem, ou vou encontrar aquele chinelo para dar na bunda de vocês — minha mãe soou irritada e fomos juntos sentar à mesa.

Enquanto o silêncio imperava e os olhares provocativos estavam sendo trocados, esperamos nossos pais para iniciar o almoço e mais uma vez me peguei questionando o real motivo para alguém se sacrificar para querer agradar seu companheiro. Que sentimento era esse que dominava? Por que era tão poderoso?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Luana

Atrasada!

Iria pegar um Uber para chegar até o França Café, mas a bagunça que meu pai deixou para que eu arrumasse hoje me desestimulou a qualquer gasto fora do provisionado.

Todos os copos e pratos estavam quebrados. O armário suspenso caiu, porque meu pai achou que o saco de arroz coubesse ali. Bem, perdemos a louça e também, o arroz que deveria durar um mês.

PERIGOSAS NACIONAIS

Já não o criticava mais, muito menos dava bronca. Desde a morte da nossa mãe que ele se sentia inútil, descartável e incapaz de amar. No início chorava muito, brigava e ajudava a colocar sua moral mais para baixo. Em um dia de cansaço, quando não o critiquei, apenas limpei sua bagunça e o acalmei, a tensão que ficava durante a semana desapareceu e assim escolhi viver.

Meu irmão nunca estava em casa, não dormia, no máximo tomava banho e comia quando existia algo na geladeira quando aparecia. Não pude ser sua mãe, queria muito viver minha vida e sair da miséria que estávamos. Sei que seu envolvimento com o mundo do crime tem a ver com esse abandono e às vezes, me sentia culpada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Será que se eu fizesse outro papel, ele mudaria? Sabia muito bem que ficar pensando como deveria ser não ajudava em nada. Minha mãe foi muito sábia em me ensinar a olhar para mim antes de tudo e que cada um era responsável pelos seus atos.

Por incrível que parecesse, não sentia tanta falta da minha mãe, porque sentia sua presença toda vez que agia como ela, respirava antes de falar e era compreensiva, mesmo que quisesse explodir.

Saí do ônibus como um furacão e caminhando rápido, entrei no França Café com mais de meia hora de atraso. Não enviei mensagem, porque queria, do fundo do meu coração, que ele esquecesse de mim e não falasse mais comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Fred era o tipo de homem que toda mulher sonhava em estar junto. Eu sabia a verdade, nenhum homem servia para mim, não antes de concluir essa sentença para o meu irmão.

Lá estava ele, olhando para mim, com um sorriso forçado. Estava nítido que não gostou do meu atraso sem ser avisado e eu me importava por isso, só não demonstraria, até porque, fiz de propósito não enviar uma mensagem.

— Olá! — cumprimentei quando me aproximei, ele se levantou e trocamos um beijo no rosto. Lembrei da sua cantada sobre sentir o sabor do café nos meus lábios e corei enquanto me sentava à sua frente.

— Estava preocupado. Ônibus atrasou? —

perguntou chamando alguém para nos atender.

— Mais ou menos. Não trabalhei fora de casa, mas tive serviço dobrado dentro dela. Fiz meu melhor — falei pegando o cardápio um pouco envergonhada. Pessoas como ele nunca saberiam o quanto minha vida era difícil, que paquerar não estava nos planos enquanto um alvo estava pintado nas minhas costas pelos bandidos que ameaçavam meu irmão.

— Olá, o que vão pedir hoje? — a garçonete falou e escolhendo a opção mais barata do cardápio, fiz meu pedido e Fred fez o dele.

O clima entre nós não estava um dos melhores e só quando ele suspirou e relaxou, depois que ficamos sozinhos, é que pude fazer o mesmo.

— Poderia ter enviado uma mensagem avisando. Achei que me daria um bolo — falou me encarando chateado e tive que rir para seu ego ferido.

— Ah, Fred. Sou uma pessoa complexa com uma bagagem complicada. Quem quis o encontro foi você, eu disse que talvez eu não valeria tanto o esforço.

— Essa bagagem que você fala é seu irmão? — Ele se ajeitou na cadeira e mudou de chateado para curioso.

— Minha família em geral. — Arregalei meus olhos e balancei minha cabeça em negação. — Deixe que eu me corrija, minha família não é um peso, bagagem tem esse sentido. É só

complicada mesmo.

— Só você coloca dinheiro dentro de casa? E seus pais?

— Minha mãe é falecida e meu pai é pedreiro. Está com um bico apenas, esse é o tipo de trabalho que você nunca sabe se terá ou não indicação. Sou a única com carteira assinada.

— Sinto muito pela sua mãe. — Ele segurou minha mão e apertou, me fazendo segurar a respiração por alguns segundos, apenas para não deixar que meu corpo reagisse como queria. — Estou admirado, você nem tem filhos e sustenta a casa como se tivesse uma dúzia.

— Que exagero. Eu também moro naquela casa, nada mais justo que contribuir com as

despesas. — Tentei mudar de assunto. — Quantos anos tem?

— Vinte e cinco e você?

— Vinte e nove. — Fomos interrompidos pela chegada do nosso café e um croissant cada. Aproveitei para ter minha mão livre, mesmo que o local onde ele tocou queimasse. Decidi continuar com as perguntas: — E como é a sua família?

— Eu moro sozinho e trabalho em uma Concessionária de Automóveis. Tenho um irmão mais novo e meus pais são o típico casal apaixonado. Almocei com eles hoje.

— Esse tipo de reunião é algo que sinto falta, sabe? — Peguei-me divagando, olhando para o nada e lembrando do almoço de domingo que

minha mãe costumava fazer, colocava a mesa bonita e fazia algo especial. — Muita coisa mudou em casa depois que minha mãe partiu.

— Se você conhecer a minha reunião de família irá mudar de ideia. É muita gente querendo palpitar na sua vida.

— É como as pessoas amam, Fred. Há aqueles que querem ditar o que você deve fazer, porque é assim que eles demonstram seus sentimentos. Há também aqueles que não se importam que rumo que você dê para a sua vida. Se puder te dar um conselho, não espere ficar sem para perceber o quanto isso é importante para se sentir querido e protegido.

Vi seu pomo de adão subindo e descendo e

a seriedade do seu olhar. Sim, fui profunda demais, minha mãe tinha essas manias e ser um pouco como ela me trazia conforto.

Corei, foquei no café e a mesa ficou em silêncio por alguns segundos para que minhas palavras fossem dissipadas pelo curto tempo.

Quando criei coragem para olhar novamente para Fred, meu coração acelerou, porque agora, percebi que me olhava com admiração. Era tanto desprezo e indiferença na minha vida, que ser olhada dessa forma aqueceu meu coração.

Será que valeria a pena me arriscar para conhecer mais desse homem? Ah, com certeza ele não era de se apegar, com tantas mulheres bonitas e

boas, comigo ele teria apenas o interesse de uma noite.

Estava preparada para ser descartada? Pelo menos tiraria as teias de aranha e teria uma boa história para aquecer meu coração à noite antes de dormir.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Fred

Engoli em seco, porque essa mulher falou a mesma coisa que minha mãe e minha avó, mas com outras palavras. Será que era apenas eu que não enxergava que família era tão bom assim de se ter uma própria?

Lembrei do que meu pai falou, sobre fazer coisas que não gostávamos para agradar e me peguei imaginando na sua casa, ajudando com a limpeza da casa, para que ela pudesse sair comigo mais cedo.

Eu faria isso?

Estava analisando a possibilidade, ainda mais quando meu corpo estava cogitando de se perder em suas curvas. Porra, certeza que alguém da minha família fez alguma simpatia em mim, porque nunca na minha vida faria algo assim por livre e espontânea vontade.

Estava começando a acreditar na lenda sobre o poder que as palavras das mães e avós tinham.

Ela ficou envergonhada pelas suas palavras e quando finalmente voltou a me encarar, foi impossível esconder que a queria, tanto pela sua garra quanto por seu jeito abnegado. De onde vinha essa força, para lutar e ao mesmo tempo buscar

paz?

— Você fez faculdade?

— Comecei, licenciatura em Letras, mas tive que parar, sem condição para pagar e agora, sem tempo.

— Tentou financiamento estudantil?

— Eu tinha, era exatamente ele que não consegui pagar. — Ela terminou seu croissant e deu de ombros. — Tenho planos para voltar ano que vem, um ano não fará tanta falta.

— Quer dar aulas? Por que não outro curso? — Quis saber mais, porque ela parecia muito determinada em conseguir uma profissão, mas parecia desistimulada.

— É uma vocação herdada da minha mãe,

paciência e didática, além do gosto pela leitura.

— Ah, você lê romances de época? — Ela parecia surpresa e foi minha vez de ficar sem graça. — Alexia, minha irmã, ela ama essas coisas e sempre me conta suas leituras.

— Leio de tudo um pouco, romance em sua maioria, que inclui romance de época. — Ela apoiou o cotovelo na mesa e sua cabeça na mão. — Você disse que sua amiga não gosta de ser tocada e prefere que achem que ela seja gay?

— Eu falei demais ontem, estava desesperado para te fazer vir aqui hoje — assumi arrependido. — Prefiro não comentar sobre as particularidades dela. Estou me sentindo um traidor.

— Será que não existe um amor enrustido aí? — Apesar da descontração, havia um traço de desapontamento.

— Sim, existe, mas do meu irmão com ela. — Sorri com atrevimento. — Quando você conhecer os dois poderá tirar suas próprias conclusões.

— Ah, já está pensando em me apresentar para a família? Não acha que está sendo apressado demais?

— Foi apenas força de expressão. — Dei de ombros e percebi que ela ficou incomodada, sentando ereta e tomando o café que estava na sua xícara.

Merda, quando eu conseguiria agir como

eu mesmo sem ficar pisando na bola ao ser muito apressado? Ela parecia muito real e muito certinha para aceitar as coisas do meu jeito impulsivo.

— Estou tranquila sobre a questão de ser apenas uma vez, Fred — ela falou baixo e colocou suas mãos para baixo da mesa. — Também não me incomodará se daqui não rolar nada. Fiz apenas uma brincadeira.

Luana acabou de falar que estava disposta a ter uma noite comigo e nada mais? Abri a boca para dizer algo, soltar logo minha proposta, mas a única coisa que saiu foi:

— O que você faz quando não está trabalhando dentro e fora de casa? — Caralho, eu queria saber mais, ou distrair minha mente de

pensar o que não deveria. Ela tinha que ter algum defeito grave!

— Durmo. — Riu e me vi querendo fazê-la sorrir mais. — E você?

— Gosto de me exercitar e também tem um pessoal querendo me levar para andar de moto. Gosto de assistir esportes e... já falei que sempre tem almoço de domingo em família? — falei com diversão e consegui o que queria.

Risos.

— Que hobby ótimo, reunir a família. Já pensou se ganhasse um real de cada parente? — zombou divertida.

— Estaria muito rico como todo Natal. Minha família é enorme, minha avó vive falando

que precisa casar todos os netos para perpetuar o legado. Ela parece uma senhora do século XVIII.

— Não pensa em casar? — perguntou surpresa e sabia que esse era o momento ideal para dizer sobre um segundo encontro ou nos conhecermos mais... caramba, por que estava tão nervoso assim?

Qual era o meu problema?

— Acho que não encontrei a pessoa certa.

Ficamos um bom tempo nos encarando, eu absorvendo as minhas próprias palavras e ela parecia em outro lugar, porque seu olhar estava em mim ao mesmo tempo que não estava.

Cara, isso tinha que acabar. Tinha que cancelar essa loucura de tentar um relacionamento

duradouro, conhecer Luana tinha sido interessante, estava na hora de voltar a programação normal da minha vida. Não servia como namorado, precisava fugir antes que mais alguém percebesse isso.

— Vamos então? — falei chamando a garçonete. Ela piscou várias vezes, sorriu desapontada e acenou afirmativo.

— Não precisa me levar em casa, eu adorei nossa tarde.

Passei meu cartão, levantamos e saímos do café lado a lado. Procurei um ponto de ônibus e não achei nenhum por perto.

— Tem certeza que não quer que eu te leve em casa? — Coloquei a mão nas suas costas e ela suspirou.

— O ponto é quatro quadras daqui, não se preocupe, já sou grandinha. — Bateu seu ombro nas minhas costelas e seguindo o comando da minha cabeça de baixo, trouxe seu corpo para frente do meu, a outra mão segurou seu rosto e minha boca encontrou a sua com suavidade.

Sim, o sabor de café nos seus lábios era maravilhoso. Que poder era esse que as palavras dos outros começaram a ter na minha vida?

Foi ela quem deu sequência aos nossos atos, abriu a boca e me invadiu com sua língua ávida e necessitada por mais. Seus braços envolveram meu pescoço e não lutei com mais nada, apenas me permiti aproveitar esse momento.

Diferente de tantas que conhecia no

mesmo dia e beijava, saber um pouco mais antes do ato tornava tudo mais vivo. Senti seu corpo mais quente junto ao meu, seu virar de cabeça para encaixar melhor nossas bocas era um indicativo que ela ia atrás do que queria. Determinada no dia a dia e pelo jeito, seria uma grande amante.

Quando meu membro na calça quis se mostrar, para não passar vergonha, interrompi o beijo com dois selinhos. Foi ela quem se afastou corada e sem me deixar insistir para levá-la para casa, virou as costas e começou a andar para longe.

— Tchau Fred! — falou por cima do ombro. Seu olhar era de satisfação e gostaria de saber quem nessa vida se contentava com apenas um beijo seu. Eu a queria para muito mais, explorar

sua vida não era nada quando pensava em explorar seu corpo e seus pontos mais delicados.

— Tchau. — Acenei antes que ela virasse a quadra. — Fred, Fred, você não leva jeito para relacionamentos — resmunguei enquanto seguia para o meu carro.

O bom de tudo isso era que aprendi a lição, além de estar completamente desmotivado para continuar com esse plano. A próxima ação era muito desconhecida para que eu seguisse com minhas tentativas.

Amanhã seria um novo dia, a semana começaria para que a rotina tomasse conta e esse negócio de relacionamento e Luana ficariam esquecidos na minha memória. Minha mãe teria

que se contentar com seu filho solteiro, essa era a verdade.

Como estava enganado.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Fred

Tive pesadelos durante a noite e acordei com mal humor. Não sabia que renegar pedido de mãe poderia ter um peso tão absurdo nas minhas costas. Estava tentado a jogar tudo para o alto, fingir que Luana não existia, muito menos que seu beijo me deixou de pau duro.

Desde quando Frederico Saad se comportava como um adolescente com uma mulher?

Conhecer mais de Luana mudou o cenário,

não era mais pegar e largar, mas sim conhecer e conquistar.

Cheguei na Concessionária e o clima estava tão ruim quanto meu humor. O dono da empresa anunciou a venda do seu empreendimento para uma gigante concorrente, o que gerou burburinhos sobre possíveis demissões.

— Em tempos de crise, precisamos avaliar nossas estratégias e não deixar nenhuma oportunidade passar batida — o dono falou em uma reunião particular comigo. — Falei sobre você e sua equipe, tenho certeza que nada mudará nessa semana de transição.

Sorri amarelo, porque de boas intenções o inferno estava cheio. Se isso não era um indicativo

de que precisava focar em mim e não mexer na vida dos outros, ou seja, na de Luana, então estava cego.

Ativei o modo chefe exigente e coloquei todos os vendedores para trabalhar com ânimo, mesmo que não tivesse entusiasmado. Para ser líder, as fraquezas e dúvidas tinham que ficar em casa enquanto o jeito despojado e exigente entrava em ação.

Luana>> Espero que sua semana tenha começado melhor que a minha. Obrigada pelo café de domingo, foi especial.

Oh, que ótimo, eu não era o único com uma segunda-feira de merda. Estava no carro, olhando para a minha casa e pensando sobre os

desafios profissionais que me aguardavam quando o barulho de uma nova mensagem soou. Mudança de dono significava mudança de gerência, ele não deixaria um desconhecido em um cargo de confiança como o que eu estava.

Não queria me sentir impotente, porque meu emprego estava em risco e a seriedade tomou conta de mim. Queria tentar algo novo, o tal do relacionamento sério e Luana não era alguém que se encaixava na minha vida.

Bloqueei o celular e ignorei sua mensagem. Dormi e acordei, os dias se passaram e continuei ignorando que existia uma mulher esperando uma resposta minha. Mesmo que os pesadelos se tornassem mais cruéis a cada noite e

meu ambiente de trabalho estava difícil de manter o clima bom, preferi deixar minha vida pessoal de lado.

Havia outro dono na empresa, outros Diretores e Supervisores. Estavam todos em cima de mim, querendo saber sobre como tudo funcionava, ou seja, estava prestes a ser mandado embora, só não jogava a toalha, porque a esperança era a última que morria.

Minha mãe ligou algumas vezes para saber como estava e em uma delas, disse estar sentindo minha voz muito triste e só respondi que era correria do dia a dia. Caramba, essa mulher tinha um sexto sentido para tudo e agradeci que não entrou na discussão sobre arranjar uma namorada.

PERIGOSAS NACIONAIS

A última coisa que queria pensar era em Luana.

Desde que saí da casa dos meus pais eu trabalhava nessa empresa, que me fazia ter estabilidade financeira. Passei semanas e meses sem emprego em outros momentos da minha vida, mas agora, sendo dono do meu próprio nariz, essa seria a primeira e estava apavorado.

Antes de chegar o final de semana, convoquei meus primos para tomar uma gelada no Chalé Burguer. Ele ficava numa rua movimentada, do lado de um parque municipal e perto da Universidade particular, longe do boteco onde Luana trabalhava.

Esperava que ela não tivesse me xingando tanto, porque não respondi sua mensagem até hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passei na casa de Alexia e com cara amarrada, ela entrou no meu carro. Apesar de suas reservas, ela não sabia dizer não para seu único amigo.

— Você sabe que não gosto de sair quando seu irmão vai.

— A verdade é que você não gosta de sair nunca, mas implorei para que viesse, porque estou mal. — Liguei o carro e comecei a guiar, a briga dela com meu irmão não me importava no momento.

— O que foi? — Ela virou no banco e deixei meus ombros caírem.

— Trocaram de dono na Concessionária, tenho quase certeza que serei mandado embora.

PERIGOSAS ACHERON

— Justo você? Será que eles não sabem que você que faz acontecer naquele lugar? O antigo dono não vai segurar sua vaga? — questionou indignada, da forma como eu queria estar.

— Pois é, também queria que as coisas fossem assim, mas só larguei de mão e estou esperando o momento que farão isso.

— Você sabe, quanto mais você pensar que será demitido, mais isso tem chance de acontecer. — Ela voltou a sentar corretamente do banco. — Vamos mudar de assunto. E Luana?

— Não tinha um outro assunto menos ruim para entrar? — resmunguei virando o volante.

— Nossa, ela foi tão ruim assim? Você comentou comigo que iriam se ver no domingo.

— Pelo contrário, a mulher tem um corpo — apertei o volante —, uma boca...

— Me poupe dos detalhes, não quero saber o que vocês fizeram... — Alexia falou envergonhada, esse era o tipo de assunto que a incomodava, sexo.

— Foi só um beijo, mas o suficiente para não querer mais fazer isso, ainda mais que minha intenção era fazer um teste. Eu tentei, mas não sirvo para namorar.

— Um beijo... — falou sonhadora e riu de alguma coisa que só ela sabia a graça. — Você tem medo de se apaixonar?

— Ah, Alexia, estou longe de ser um Lorde como dos seus livros. Nem gravata eu uso.

Só minha avó que é do mesmo século das suas leituras.

— Mas está próximo do Shrek, ele tem a princesa que merece.

Estacionei o carro uma quadra depois do Chalé Burguer e saímos do carro.

— Por isso mesmo que não respondi a mensagem que ela enviou na segunda-feira. Tenho problemas demais no meu prato para me preocupar com uma mulher. — Não comentei que sonhei todos os dias com ela, minha mãe e minha avó por causa dessa minha decisão de fuga.

— Você é um exemplo a não ser seguido de homem para casar. Tenho dó da sua futura esposa, quando ela realmente aparecer — Alexia

falou em tom zombeteiro e perdeu o humor quando chegamos na mesa onde Guido, Bastien e Leo estavam.

Como sempre fazia, ela foi para minhas costas, eu cumprimentei todos e a blindei de contato. Era tão natural protegê-la que não fazia questão de saber os motivos. Ela precisava, eu intercedia e nossa amizade seguia assim.

Pensei em Luana e no quanto ela também precisava ser protegida.

Porra, até quando eu continuaria pensando nela?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Fred

— Já começaram sem mim? — questionei levantando a long neck de Leo para pedir uma para mim.

— É dia de semana, precisamos começar cedo, para voltarmos cedo para casa — Guido falou entregando o cardápio para Alexia. Olhei para meu irmão, que fingia ignorar todos ao olhar o celular. — Qual a bomba do momento?

— O serviço está foda, acho que vou ser demitido — falei pegando a cerveja do garçom e

tomando um gole.

— Que merda, cara. Como sabe? — Leo questionou olhando primeiro para Alexia antes de me encarar.

— A empresa foi vendida para outro grupo. Você sabe quem são os primeiros a terem um pé na bunda, certo?

— Pare de pensar dessa forma, muda o foco — Alexia falou baixo.

— Igual você faz para não nos cumprimentar? — rebateu Leo e respirei fundo para não xingar nenhum dos dois para o que estava por começar.

— Cuida da sua vida, idiota.

— Acho que quem precisa cuidar da sua é

você, que está palpitando na do meu irmão.

— Para de viadagem, Leo. — Bastien bateu no peito do meu irmão com uma força considerável e os dois trocaram olhares antes de se acalmarem. Alexia parecia tensa e se aproximou de mim. — Se te mandarem embora, vão perder o melhor Diretor de Vendas da cidade. Tenho certeza que você consegue emprego fácil.

— Não é tão simples assim, Bastião. Metade das Concessionárias são deles e a outra metade eu já trabalhei. Vai acabar o mercado para mim.

O garçom apareceu para anotar os nossos pedidos e Leo parecia jogar raios com os olhos para a minha amiga. Puta merda, só queria apoio e

menos guerra.

— Você está precisando dar uma — Guido falou tomando refrigerante.

— Ele precisa ser um cavalheiro e responder a mensagem de uma mulher antes de pensar nessas coisas — Alexia falou, já que ninguém rebateu meu primo.

— Responder uma mensagem? — Bastien questionou divertido. — Quem é a loira da vez?

— É apenas alguém que conheci em um boteco. Não vai dar em nada... — tentei desconversar, as palavras saíram pela minha boca como se fossem espinhos.

— A mãe vai gostar de saber que você está namorando — Leo provocou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não viaja, cara. Sabe que não fui feito para namorar.

— Ricardo dizia a mesma coisa e olha ele com sua Tati e Maria Clara — Guido falou no momento que nossos lanches chegaram.

Entreguei o de Alexia, peguei o meu e acabei largando-o na mesa, porque meu celular vibrou no meu bolso. Desbloqueei e meu coração acelerou por saber que era uma mensagem dela.

— Oh, rapaz, ele está apaixonado — Bastien zombou.

— Cala a boca, idiota. — Não consegui evitar sorrir ao começar a ler.

Luana>> Desculpe te mandar mensagem, sei que não está interessado em mim

PERIGOSAS ACHERON

e tudo mais, só que não consegui parar de pensar em você durante a semana. Mesmo sendo apenas um beijo, me marcou. Até nunca mais.

Poxa vida, como deixaria essa mulher de lado quando essas palavras tocaram algo profundo que não conhecia muito bem? Bufei irritado, estava cogitando ir vê-la novamente, apenas porque me sentia foda por ela não ter deixado de pensar em mim.

— O que foi, Fred? — Leo perguntou tentando olhar a tela do meu celular. Joguei o aparelho na mesa, para que todos lessem e esfreguei meu rosto com as mãos.

— Olha só, o menino que marca — Bastien brincou e entregou o celular para Alexia,

que diferente dos outros, não só olhou, como começou a digitar algo.

— Hei! — falei e ela se levantou. A bandida sabia que não iria forçar a devolução, ainda mais com seu jeito de não querer ser tocada. — Devolve Alexia!

— Você é um bundão mesmo, eu pego para você — Leo falou se levantando e tive que impedir que ele avançasse. Alexia colocou o celular em cima da mesa e afastou a cadeira de nós, com preocupação nos olhos.

— Você precisa tentar, Fred — falou baixo, pegou o lanche e voltou a comer.

Peguei o celular e vi o estrago que ela tinha feito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fred>> Desculpe se fui um bundão por não ter te respondido antes. As coisas estão complicadas no trabalho, mas isso não impediu que eu pensasse em nosso beijo também. Vamos nos ver no final de semana novamente?

— Eu só tinha ido atrás dela por pura curiosidade, quem sabe ela não seria a nora que minha mãe estava sonhando? — em voz alta percebi o quão idiota soou.

— Ah, cara, você dá moral para o que sua mãe diz? — Batien inquiriu terminando seu lanche.

— Você é muito intrometida, Alexia. Tudo isso é vontade de dar para o meu irmão? — Leo falou com irritação e os outros resmungaram sobre o quanto ele apelou.

PERIGOSAS ACHERON

Alexia se levantou da cadeira e saiu andando.

— Desculpa, Fred...

— Relaxa, Alexia. Me desculpe por ter um irmão tão sem noção e sem humor quanto o meu.

Meu celular vibrou na minha mão, levantei para acompanhar minha amiga, entrei no carro e antes de dar partida, olhei o que era.

Luana>> Te espero sábado no bar, saímos depois do meu expediente e passamos o domingo juntos, o que acha?

— Droga, isso é o que estou imaginando que seja? — perguntei para Alexia, que leu a mensagem e ficou encabulada. Sim, minha amiga era virgem e nem precisava dizer.

— As intenções estavam erradas, no início você só queria fazer o que sua mãe pediu, mas agora, o que vale são as ações. E se ela valer a pena?

— E se eu só estou procurando sarna para me coçar? Se for mandado embora, não vou ter clima para namorar, Alexia.

— Aí que você pode estar enganado, é na dor que sabemos quem realmente nos apoia e não no mar de rosas.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Luana

Estava acostumada a ser rejeitada, mas não sabia que ainda doía tanto. Só podia ter sido praga de todos os homens que espantei, por não dar conta de mim mesma. O beijo de Fred despertou algo em mim, senti desejo, queria ir além.

Em outras épocas culparia a carência, hoje culpo a solidão que meu coração sente por não fazer tudo o que desejaria fazer. Primeiro, não poderia fazer minha faculdade. Segundo, meu pai começou a dar trabalho com a casa novamente,

parecia até que estava virando criança.

Antes de começar meu expediente, mesmo que isso mostrasse o quanto eu não tinha amor próprio, enviei uma mensagem para Fred, minha última tentativa de conseguir uma migalha de afeto.

Céus, trabalhei até mais sorridente com sua resposta, apesar de não ter parecido ser ele quem respondeu. Como sabia? Não tinha a menor ideia, só sentia que Alexia, a irmã de consideração, tinha algo com isso.

Porém, toda essa minha felicidade foi por água abaixo, porque a esfregação de Joilson, que exorcizava quando tomava banho, agora me incomodava um pouco mais. Não queria que Fred me visse sendo passada a mão dessa forma, como

se eu permitisse tal situação. Não queria usar meu corpo com ele, sendo que me sentia tão suja por causa dessa situação que me coloquei.

Morava na periferia, sabia muito bem o que mãe e irmã de bandido era submetida a fazer para pagar dívidas. Estava mais do que aliviada de precisar apenas atender no bar e servir de corrimão para ele... bem, isso até conhecer Fred e não querer me rebaixar mais.

— Tem espaço atrás de mim, não precisa se esfregar — falei baixo para que Joilson escutasse, mas como sempre, fingia ser surdo e continuava sua bebedeira enquanto trabalhava. Se não fosse eu, muitos clientes iriam embora sem pagar.

Dessa vez, à noite, olhei para o celular e reli sua mensagem várias vezes. Ainda sentia uma pontada de dor por não ter sido respondida da primeira vez, mas a esperança de ter um final de semana pensando apenas em mim era meu bote salva-vidas.

Quando voltei para casa, escutei barulho na sala, meu pai havia dormido novamente no sofá e suspirei resignada. A segunda-feira, depois de tudo isso, seria a pior de todas, mas tinha certeza que valeria a pena.

Ou melhor, orava para que Fred fizesse valer a pena, até porque, tinha certeza que nada pudessem surgir desses encontros. Um homem como ele, de família boa, se relacionando

formalmente com alguém como eu? Ah, minha vida não era conto de fadas.

E foi com esse pensamento, de apenas uma noite e um dia com muito sexo que fui trabalhar no sábado. Sorria com cautela, minhas mãos suavam de antecipação e meus olhos não queriam desgrudar do celular caso Fred mandasse mensagem.

Cadê o bom dia, pelo amor de Deus?

Homens como ele não enviavam mensagem, só queriam saber da noite de *pegação* e o momento de dar o pé na bunda. Poderia ser orgulhosa e no final do dia dizer que não queria mais, mas sabia que meu coração, por estar tão amolecido e carente, estaria mentindo.

Como não cair e espatifar meu coração no

chão? Apesar que, de coração partido, eu tinha doutorado, começando pelos meus pais, seguindo pelo meu irmão e criando uma infinita lista de homens que nunca me valorizaram. Havia culpa minha nisso tudo, sabia disso, mas custava o pretendente dar valor as coisas que eu fazia?

Foi brigando com os meus pensamentos que nem percebi que minha última cliente no mercado era Alexia.

— Qual será a forma de pagamento? — Ela sorriu para mim e eu fiquei chocada.

— Oi. Vou pagar em dinheiro. — Entregou uma nota alta e contabilizei no sistema para devolver seu troco. Queria tanto falar algo, perguntar sobre ele, mas me contive. Talvez ela não

lembrasse de mim. — Lembra de mim? Amiga do Fred.

— Ah, sim, oi. — Entreguei o dinheiro e toquei sua mão, percebi que comigo ela não pareceu retraída para isso.

— Tenha paciência com ele, se não for pedir muito — falou baixo e começou a guardar as compras na sacola. Ajudei-a.

— Por que diz isso? Não sou daquelas mulheres grudentas que imploram carinho ou atenção.

— Você mandou duas mensagens, mesmo que ele não tenha respondido a primeira. — Segurou as sacolas e me senti envergonhada. — Tudo bem, fez certo, foi sutil. É só que... as vezes,

a ficha do Fred demora para cair.

— Acho que não vai virar nada. Estamos atrás de preservar nossa situação atual — falei dando de ombros.

— Ou talvez seja a mudança que os dois precisavam. Eu gosto de você. Tchau. — Ela virou as costas e saiu do mercado, me deixando com mais esperança do que deveria.

Fechei meu caixa com a cabeça na lua e o coração acelerado. Já tinha enxugado minhas mãos várias vezes na calça para aplacar o suor que brotava delas. Sabia que estava nervosa, não precisava que nenhum sintoma desse me lembrasse.

Quando cheguei em casa, arrumei o que dava e lavei apenas a roupa do meu pai, que estava

mais limpa do que o normal para quem trabalhava como pedreiro. Tanta coisa passando na minha cabeça que tinha esquecido de olhar se ele estava com algum trabalho ou não. Mas seu José vivia na rua, com certeza estava fazendo algo.

Como não era minha responsabilidade cuidar da vida dele e sim o contrário, apesar de não acontecer, deixei uma pequena bolsa pronta debaixo da minha cama e fui trabalhar no bar. Fred chegaria, cumpriria meu expediente e buscaria essa mala para passarmos a noite.

Confessava que só queria dormir, a tensão do dia me deixou mais cansada que o normal, mas não me dei por vencida, com um enorme sorriso, trabalhei fugindo das esfregações de Joilson.

Como tentar não era realizar, um cliente jogou as notas para mim e quando agachei para pegá-las, lá estava o homem imundo para se esfregar na minha bunda.

Poderia ser pior, poderia ser pior... repeti na minha mente, porque minha dignidade estava manchada, mas meu corpo não tinha nenhuma violação... bem, não da forma cruel.

— Joilson, para! — pedi baixo e ele apenas sorriu com ar bêbado.

— Você fica exibindo essa sua bunda para mim e não quer que eu me esfregue nela? — Ia retrucar, sua feição mudou para chateado. — Não reclame, posso tornar tudo pior para você e seu irmãozinho.

— Hei, ninguém vai me atender? — um cliente gritou do lado de fora e aproveitei para atender e me afastar detrás desse balcão que a cada dia me deixava com mais nojo.

Poxa vida, até quando? Trezentos e vinte e poucos dias, já havia até perdido a conta de tão desfocada de mim mesma eu havia ficado. Mas precisava de um momento só meu, de sentir prazer e não me sentir suja.

Tomaria banho em casa antes de ir com Fred.

Olhei para os lados, depois para o relógio e engoli o choro de decepção. Faltava meia hora para meu expediente terminar e ele não tinha vindo. Sabia, dentro de mim, que ele não viria e isso me

magoou, muito.

Odiava ter esperanças por causa disso, a queda doía mais que o prazer de ter a realização.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Luana

Além de suja, hoje me sentia um trapo. Saí do bar contendo as lágrimas e olhando para o chão. Atravessei a rua e não percebi quem estava me esperando do outro lado.

— Luana? — Senti suas mãos nos meus braços e levantei minha cabeça para encará-lo. A lágrima que escorreu não deveria ter sido vista por ele, muito menos ser limpa por seu dedo áspero e cuidadoso. — Me dê um motivo para não entrar naquele bar e espancar aquele filho da puta! —

rosnou.

— Esqueça isso, nem era o motivo do meu choro — falei bufando um riso irônico. — Você veio, vou pegar minha bolsa em casa, tomar um banho...

— Por que você se sujeita a isso? — perguntou ainda segurando meus braços. Dei um passo para trás, afastei suas mãos e fiz um gesto nervoso.

— Acha que gosto do que faço? Que tudo isso é uma brincadeira? Nem me chamar de prostituta você pode, porque não recebo um centavo para estar ali! — falei alto demais, olhei para os lados e percebi que o bar poderia escutar.

Peguei na mão de Fred e saí andando em

direção a minha casa. Que tudo fosse para os ares, ou ele me teria sabendo de tudo ou colocaria a última grama de terra em cima do meu caixão.

— Por quê, Luana?

— Existe penas piores para se pagar para que meu irmão não seja morto na prisão — falei baixo e percebi que seu corpo inteiro retesou. — Será apenas uma noite de foda, certo? Realmente preciso disso, não se preocupe, vou até excluir seu número do meu celular.

Andamos um pouco em silêncio, cheguei em casa, soltei sua mão e abri o pequeno portão para entrar na casa sem pintura externa. Abri a porta e preferi não olhar para trás, ele não era obrigado a entrar e conhecer a minha realidade.

Percebi que meu pai não estava na sala e nem no quarto, o que era bom e ruim ao mesmo tempo. Tirei minha roupa com rapidez no banheiro e nem percebi a presença do visitante me encarando.

— Por que vai tomar banho antes de irmos se pode fazer isso na minha casa?

Gritei assustada, entrei para debaixo do chuveiro e trouxe a cortina para me tampar. Tudo bem, iríamos ficar nus, mas agora era tão... íntimo.

— É coisa minha, me dê cinco minutos e resolvo...

Nos seus olhos eu vi entendimento e nas suas ações, vi parceria. Ele entrou no pequeno banheiro, fechou a porta atrás dele e tirou a jaqueta

do terno e a camisa de dentro da calça. Percebi que em nenhum momento o vi de gravata e isso me despertou curiosidade.

— O que está fazendo? — perguntei com medo da resposta. — Cadê sua gravata?

— Primeiro, não uso gravata. Segundo, vou tomar banho com você. Podemos começar nossa noite aqui. — Ele tirou a camisa e seu corpo definido fez meu ventre se contrair. Oh, céus, já sabia como era ser beijada por esse homem, imagine abraçada, preenchida...

Quando ele tirou a calça e exibiu o volume da sua calça, percebi que talvez ele não quisesse me levar para a sua casa. Depois do que revelei, se for apenas um banho rápido que terei, deveria

aproveitar. Meu pai não estar em casa era um bônus, coincidência ou não, tinha que levar em consideração.

— Tranque a porta — pedi abrindo o chuveiro frio. Tive que sorrir, estava acostumada com essa temperatura, mas e o riquinho?

— Gostei da tatuagem. Uma coruja?

— Sim, símbolo da inteligência. Gosto de estudar e ensinar. Foi um presente assim que tranquei minha matrícula.

— Interessante. — Ele puxou a cortina para entrar e fez um som de assombro por causa dos respingos de água. — Tá gelada essa porra!

— Ninguém te convidou, Fred — falei divertida e espirrei um pouco de água nele, que se

contraiu novamente. — Não precisa me acompanhar, é sério.

— Como vou manter um pau duro com esse frio? — falou tentando tampar seu membro semi ereto.

Estava na chuva, ou melhor, debaixo do chuveiro, então iria me molhar. Ajoelhei na sua frente, tirei sua mão do caminho e coloquei a minha. Ele suspirou, minha mão já estava com a mesma temperatura do chuveiro e estava lhe dando uma sensação diferente.

— Posso tentar? — provoquei movimentando minha mão para cima e para baixo no seu membro. Ele fechou os olhos e acenou afirmativo, o que me instigou a provocar mais.

Peguei um pouco mais de água na mão e joguei no seu pau e virilha.

— Você quer me ver passar vergonha?

— Só quero que diga sim. — Passei a língua da base até a ponta, o que fez com que ele segurasse meus cabelos e enrijecesse todo o corpo.

— Sim, mil vezes sim.

Envolvi a cabeça do seu membro e chupei, aos poucos, com movimento de vai e vem da minha mão, fui introduzindo mais e mais na minha boca, até que apenas minha cabeça era comandada pelas suas mãos emaranhadas no meu cabelo.

Chupei com força, alternei para ir devagar e depois provoquei apenas com minha língua. Olhei para cima e gostei do que vi, meu domínio, meu

lado mulher tomando conta da situação.

— Boca gostosa *pra* caralho. Pode guardar um pouco para depois?

Ele me ajudou a levantar e tomou minha boca com a sua, com desejo e pressa. Seu sabor não era o mesmo do café, mas com certeza era muito mais saboroso, ainda mais que tinha acabado de provar do seu sexo.

— Depois quando? — falei dando um passo para trás e entrando debaixo da ducha fria. Estava acostumada com a temperatura, nem chiei como Fred fez ao querer compartilhá-la.

Se estava me sentindo com esperança? Muita!

— Você me prometeu um domingo inteiro,

Luana.

Ele estendeu o braço, pegou o sabonete e espumou a mão. Fui tomar dele, para fazer o mesmo, mas colocou de volta na saboneteira e me tirou debaixo da água.

— Sabia que a primeira coisa que reparei em você foram seus olhos fugazes? — Esfregou meu pescoço com carinho e foi descendo para meus seios, que tinham os bicos rijos pelo prazer e pela temperatura. Seu olhar estava neles. — Suas curvas me chamaram atenção depois, tanto para apertar, muito para saborear. — Ele apertou os dois e beijou minha boca com ternura, o contraste me fez encharcar entre minhas pernas, meu núcleo clamava por atenção.

— Fred... — gemi.

— Sua pele é tão sedosa — falou ensaboando minha cintura e chegando no meu quadril. Queria que fosse para minha virilha ou pernas, mas ele foi para minha bunda e retesei por reflexo. — Olhe para mim, Luana. São minhas mãos nesse corpo, estamos apenas nós aqui. — Apertou uma nádega e uniu nossos quadris. — Você me quer com você?

— Sim!

— Quer que eu te toque?

— Sim, Fred — minha voz tremeu, porque consciente ou não do que estava fazendo, com sua mão ensaboada aonde eu me sentia mais suja, ele me limpou. Não me sentia mais um objeto, um

corrimão onde qualquer um poderia tocar. Era Fred e eu tinha dado autorização.

Ele flexionou a perna e seu membro cutucou minha entrada. Com movimentos suaves, ele conseguiu me encaixar e nossos corpos pareciam terem sido feitos um para o outro.

— Você me quer? — De forma sedutora, aos poucos ele foi me colocando debaixo da ducha. Nós estávamos acostumados com a temperatura, em sintonia.

Envolvi meus braços no seu pescoço, envolvi minha perna na sua cintura e me abri para ele.

— Sim.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Fred

Gemi em frustração, porque assim que a cabeça do meu pau encontrou sua boceta encharcada, que não era da água do chuveiro, lembrei da camisinha.

— O que foi? — Ela estava ávida para ter prazer, seu corpo, suas ações, tudo estava gritando para que eu desse um pouco de atenção.

Ah, mas eu tinha muitos planos para nós, não estava limitado a esse cubículo.

— Camisinha. Acho que tenho uma na

carteira — falei me afastando e também, empurrando a cortina de lado.

Porra, aqui era pequeno demais, a sua realidade era brochante demais, só que, se a temperatura da água não tirou meu pau da batalha, nada mais faria.

Encontrei a camisinha agachado no chão olhando minha calça e carteira. Coloquei o preservativo com pressa e quando virei, lá estava ela, tão ansiosa para nos sentir juntos como eu.

Era louco e mesmo que meus braços queimassem por causa do esforço, realizaria uma das minhas fantasias sexuais, com ela.

Entrei de volta debaixo da água, desliguei o chuveiro e a peguei pelas pernas, no colo.

— O que você está fazendo?

— Vou te foder contra essa parede. — Beijei seu pescoço e tentei fazer com que ela envolvesse as pernas na minha cintura.

— Você vai aguentar?

— Não me desafia, mulher! — Desci para chupar seu seio, escutei seu gemido e finalmente ela se abraçou em mim.

— Você é louco. Estou pronta!

— Relaxa, porque quero te escutar gozar.

Com as mãos firmes na poupa da sua bunda, entrei nela com uma estocada só e me movimentei ao mesmo tempo que a impulsionava para subir e descer. Porra, era uma posição difícil de relaxar, meus braços pareciam em desacordo

com meus objetivos e minhas pernas falharam.

Ah não, hoje não.

Fui até o meu limite e quando a coloquei no chão, virei seu corpo e por trás, encontrei sua boceta e investi mais e mais. A cada gemido eu mordia de leve seu ombro. Enquanto uma mão massageava seu seio, a outra encontrou seu monte, buscou seu clitóris e esfregou o mais rápido que pode, porque estava por um fio e não iria gozar se ela não me acompanhasse.

— Fred... — Senti seu corpo se arrepiar, o tremor acompanhar o gozo e finalmente me permiti seguir o mesmo caminho. Beijei sua tatuagem antes de dizer:

— Minha corujinha....

Meu corpo inteiro se arrepiou e por reflexo, saí de dentro dela sentindo meu pau mais sensível do que tudo. Ela esticou o braço para ligar o chuveiro e depois de vários suspiros, entrou debaixo da água e me encarou com um olhar sonolento.

— Por que mesmo você não tem um chuveiro elétrico? — questionei.

— Não sei trocar o chuveiro e ainda não tive tempo para chamar alguém para me ajudar. — Deu de ombros e eu removi a camisinha. — Você acabou comigo.

— A recíproca é verdadeira. — Peguei o sabonete da sua mão e ela disfarçou um bocejo. A nossa noite tinha acabado aqui, eu também queria

apenas dormir.

— Você quer... é... — ela começou e não terminou, parecia envergonhada.

— Tomar banho? Sim, apesar de preferir meu chuveiro quente, sem querer te ofender. Talvez eu passe aqui outro dia e faço essa troca para você. Tem as ferramentas? — Olhei para o chuveiro e a fiação que estava tudo a mostra.

— Era passar a noite aqui, mas te entendo. É só que...

— Não iríamos para a minha casa? — perguntei confuso, ela saiu debaixo da água e foi minha vez de entrar. — Você falou que passaria o domingo comigo.

— E eu falei sobre meu irmão ser um

bandido. Achei que você não queria mais se envolver, eu compreendo.

Engoli em seco e não respondi de imediato, porque na minha mente passava tanta coisa, tanto para ajudar, proteger ou fugir. Leo não era um homem com uma arma à toa, ele serviria algum dia e poderia ser agora, com ela.

— Quanto tempo você precisa trabalhar naquele bar? — perguntei quando terminamos de nos enxaguar. Ela entregou sua toalha para mim e recolheu as roupas que deixei no chão.

— Um ano, já foi mais de um mês. — Ela estendeu a mão para que parasse. — Só deixe que eu confira se meu pai não chegou.

— E vai sem roupa para se cobrir? —

Joguei a toalha para ela, que jogou de volta para mim.

Abriu a porta, colocou a cabeça para fora e suspirou abrindo a porta por completo.

— Onde será que ele está?

— Por quê? — Coloquei a toalha em seus ombros e comecei a me vestir. — Seu pai é maior de idade, pode estar fazendo a mesma coisa que nós.

— Ah, Fred! — falou chocada e seguiu para um dos quartos. Terminei de por a roupa e a segui.

— Ou você acha que ele não faz isso? — insisti, porque persistir na perturbação alheia e zoação era parte da minha personalidade.

— Prefiro não pensar nesse tipo de coisa sobre o meu pai, até porque, ele nunca trouxe ninguém depois que minha mãe morreu. Só acostumei dele ser...

— Assexuado? — Ela jogou a toalha em mim com um sorriso divertido e bocejou antes de começar a se vestir.

Tudo era muito simples e organizado. O tamanho da casa era quase o tamanho da minha sala, por um momento tive medo dela ver nossa diferença de realidade e não dar continuidade.

Bem, a intenção era um dia e não a eternidade, certo?

As vozes da minha mãe e avó ecoaram na minha mente, perpetuar o legado da família pesou e

por um segundo quis mostrar a ela que eu valia a pena.

— Vamos? — Tirou a toalha da minha mão, pendurou no banheiro e me puxou para fora da casa.

— E seu pai?

— Quando eu voltar penso sobre isso. Tenho um domingo para passar com um certo homem — aproximou de mim e falou baixo: — bom de foder no banho.

Ela fechou a porta da frente, peguei a bolsa da sua mão e de mãos dadas, saímos portão a fora em direção ao meu carro, que estava a algumas quadras da sua casa.

Com ego inflado e dúvidas na cabeça,

abracei Luana de lado, beijei sua testa e decidi que apenas por aquele final de semana, eu só iria curtir.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Fred

Como previ, ela dormiu no carro no caminho para a minha casa. Ficava do outro lado da cidade, um bairro mais afastado e com grandes construções. Assim que estacionei na garagem, não a acordei, abri a porta de casa e voltei para pegá-la no colo, mas ela já estava saindo do carro sonolenta.

— Me desculpe, eu tentei... — bocejou e antes que ela percebesse, estava carregando-a no colo para dentro. — Você não precisa — falou

baixo e acomodou sua cabeça no meu ombro.

— Acho que podemos dormir um pouco antes de continuarmos nossa sessão privê. — Coloquei-a na minha cama e como uma gata, se espreguiçou e depois se encolheu entre meus lençóis e travesseiros.

Ignorei o sentimento estranho ao ver minha cama com ela e fui pegar sua mala antes de fechar toda a casa, tomar água e voltar para o quarto.

Tirei minha roupa observando cada detalhe dessa mulher. Com certeza meus planos para ela mudaram drasticamente, de um namoro sério à minha amante secreta. Acho que não precisava compartilhar meu relacionamento com ninguém, as

vozes sobre estar destruindo o legado da família estava perdendo força.

Ousada e com o mesmo tipo de humor que o meu, ela conseguiu algo inédito, querer que fique por mais tempo e a conhecer ainda mais. Sua ligação familiar não era das melhores, precisava falar com meu irmão sobre isso, mas não agora, não quando minha vontade era de dormir sentindo seu corpo junto ao meu, pele com pele.

Fiquei apenas de cueca e fui até ela para remover sua roupa.

— O que está fazendo? — falou sonolenta e facilitou a saída da roupa.

— Vou te deixar mais confortável para dormir. Posso te deixar apenas de calcinha? — Dei

um selinho nos seus lábios e ela sorriu tentando abrir os olhos.

— Sim, mas sem transar comigo dormindo, tudo bem?

— Pode apostar que vou te querer bem acordada para isso. — Beijei sua testa e fui para a calça e por fim, o sutiã. Fiquei preocupado com seu pedido por isso tive que perguntar: — Alguém já fez isso com você? — questionei preocupado.

— Sim...

— Se tem algo que você pode ter certeza sobre mim é que te respeitarei, dormindo ou acordada. — Tentei esquecer a questão, porque senti uma raiva sem igual emanar de mim. Nenhuma mulher deveria passar por isso.

Liguei o ar-condicionado, trouxe o edredom para nos cobrir e a abracei pelas costas, encaixando sua bunda na minha virilha. Porra, como nunca tinha feito isso antes na minha vida? Ah, claro, eu nunca tinha dormido com uma mulher, todas terminavam de transar e iam embora, ou eu o fazia.

Seus braços cobriram os meus e depois que um longo suspiro, não percebi que tinha dormido, muito menos que foi pouco até que o sol bateu na minha cara e não senti mais Luana.

Ah, não, ela se foi?

A janela por onde a luz do sol entrava foi bloqueada pela cortina e um corpo quente entrou debaixo do edredom e tentou se aninhar ao máximo

nos meus braços.

— Fui fazer xixi. Meu relógio biológico já tem vida própria — ela falou baixo inspirando o cheiro do meu pescoço. — Bom dia.

— Bom dia só se for depois das dez horas. Domingo não é dia de acordar cedo.

— Então ainda é boa noite, são seis da manhã. — Luana beijou meu pescoço e envolveu sua perna na minha. — Para você, o domingo não começou, mas para mim...

— Já está preparada, minha corujinha? — Coloquei-a debaixo do meu corpo e fiquei entre suas pernas, meu membro já estava mais do que acordado, na verdade, ele nem parecia ter dormido. Abri meus olhos e lá estava a mulher confiante me

convidando para o sexo matinal.

— Gostei do apelido. — Seu riso era jovial, como se eu tivesse despertado a adolescente de colégio que recebeu um apelido carinhoso do seu garoto dos sonhos.

— Só disso? — perguntei encontrando sua calcinha e esfregando minha mão por cima dela. — Será que só tenho habilidade em dar apelidos óbvios?

— Acho que você pode muito mais do que me mostrou ontem. — Ela tirou a calcinha com dificuldade, se esfregando em mim. Sua boca foi na minha para um beijo casto e depois desceu para o pescoço. — Pode até parecer óbvio, mas você é a única pessoa que me chamou assim.

— Poderíamos não trazer o passado para a cama? — falei me esfregando no seu sexo nu. Precisava pensar rápido e lembrar onde estavam as camisinhas, porque não pretendia parar nosso momento para achar uma.

— Tenho certeza que meu número é bem menor que o seu, pegador. — Ela fez força e conseguiu me colocar de costas no colchão, montou minha cintura e se esfregou sem inibição. — Onde está seu arsenal de camisinhas? Vamos usar uma meia dúzia hoje.

Ri alto, sentei na cama e tomei um seio na minha boca enquanto o outro manipulava com minha mão. Ela segurou os cabelos e esfregou seu corpo em mim, estava em puro êxtase.

— Criado mudo a direita — falei enquanto beijava seu corpo. Ela rapidamente saiu do meu colo e eu, tirei minha cueca e a esperei pronto para o próximo round.

Sim, estávamos parecendo adolescentes cheios de hormônios.

Colocou três embalagens em cima da cama, ficou com uma na mão e a abriu com olhar atrevido. Segurei meu membro e com sua boca, ela colocou o preservativo e nada parecia tão sexy quanto isso. Aproveitou e me sugou, me deixou louco e a ponto de explodir antes de sentar no meu quadril e me devorar com sua boceta encharcada.

— Você é... uau — falou com os olhos fechados, subindo e descendo bem devagar.

— Pode ter certeza que você é isso ao quadrado. — Dei um leve tapa na sua perna, depois na sua bunda. Apertei e a ajudei a cavalgar com mais velocidade, porque sua lentidão estava me torturando.

Não demorou muito para que ela se rendesse e deitasse seu corpo em cima do meu. Meti com força, flexionei minhas pernas e fui até o máximo que conseguia sem gozar.

Bati de leve novamente na sua bunda, apertei e a fiz ficar de bruços, aquela bunda era maravilhosa e me fez lembrar daquele *imundiça* se esfregando. Enterrei com força, ela empinou a bunda ao mesmo tempo que tentou se dar prazer com uma das mãos. Enlacei meus dedos no dela e

juntos gememos, gozamos e exorcizamos tudo o que precisava antes de começarmos o domingo da preguiça, porque com ela na minha casa, na minha cama, não faria nada além de tomá-la enquanto ela estivesse disponível.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Fred

Depois da foda de manhã, cochilamos mais um pouco e acordamos onze horas com o meu celular tocando alto.

— Alô — atendi sonolento, Luana se remexeu para ficar mais grudada em mim.

— *Bom dia, meu filho, quase boa tarde. Você não vai vir almoçar em casa?*

— Oi, mãe. Não, hoje vou ficar em casa — falei com um sorriso enquanto olhava o motivo da minha negativa.

— *Vai almoçar aonde?* — Luana beijou meu peito e ri baixo por conta das cócegas que senti. — *Quem está aí?*

— A semana foi difícil, mãe. Só quero um tempo para esfriar a cabeça. Semana que vem não falto, tudo bem?

— *Não respondeu minha pergunta, Frederico. O que aconteceu? Fale com sua mãe!*

— Não se preocupe, dona Bety. Depois nos falamos. Beijos. — Encerrei a ligação e joguei o celular no outro lado da cama.

— Filhinho da mamãe? — falou divertida enquanto saia dos meus braços e se espreguiçava.

— Digamos que é mais mamãe sem os filhinhos. — Peguei na sua cintura e a trouxe para

cima do meu corpo. — O que quer fazer agora?

— Comer, tomar um banho e...

— Filme? Podemos ir ao cinema! — falei empolgado e não entendia de onde vinha tanta empolgação.

— Você não tem Netflix? Poderíamos aproveitar nosso traje completo para o passeio da preguiça e só ficarmos assim. — Ela saiu da cama e me encarou com as mãos na cintura. Adorei essa postura desinibida com o seu corpo, até porque, ela era linda e muito gostosa. — O que está olhando? — consegui deixá-la constrangida e por isso ela foi para o banheiro anexo ao meu quarto.

— Suas estrias — falei provocador seguindo-a e ela me jogou a toalha de rosto em

minha direção. Antes que pudesse me xingar, ajoelhei às suas contas e beijei seu quadril e depois uma das nádegas, onde se via muito delas. — Um beijo para a estria que apareceu quando você menstruou pela primeira vez. — Beijei novamente. — Um beijo para a estria por causa do refrigerante...

— Caramba, você tem um parafuso a menos, Fred! — falou com voz embargada, sabia que tinha tocado em algum ponto importante e desconhecido, então me levantei, fiz ela se virar e beijei sua boca sem abrir meus lábios.

— Vamos assistir Netflix sem roupa no meu sofá, almoçar pipoca e lasanha congelada. — Segurei seu rosto com as mãos e ela sorriu

acenando afirmativo.

Tomamos banho em silêncio, até porque, eu tinha exagerado no romantismo. Não sabia o que estava dando em mim, só sentia necessidade de dizer o quanto ela era especial e sensacional a cada descoberta que fazia. Poderia ser brega, mas eu não poderia ficar sem dizer nada.

Ela colocou a calcinha, pegou um lençol e foi para a sala. Coloquei a cueca boxer preta e fui para a cozinha fazer a pipoca. Era a última de micro-ondas, tirei a lasanha congelada do freezer e servi dois copos grandes de refrigerante.

Quando fui levar tudo para a sala e colocar na mesa de centro, ela fez uma careta. Olhei para o refrigerante e me bati mentalmente, porque

mulheres tinham essa mania de não tomarem certas bebidas.

— O que foi?

— Você vai beijar a estria que surgir por conta desse copo gigantesco de refrigerante? — falou tentando controlar o riso e percebi que ela estava zombando de mim. Sim, exagerei, e ela fazer piada me acalmou um pouco, por não ter levado para o lado intenso.

— Beijo todas elas enquanto você beijar as estrias que surgirem a dois palmos do meu umbigo.

Foi divertido vê-la fazendo a conta dos palmos olhando para o meu corpo e antes que ela jogasse algo em minha direção ao perceber que estava falando do meu pau e bolas, que percebi que

era uma mania sua, sentei no sofá, trouxe a mesa de centro para perto e liguei o Netflix pelo controle da televisão.

Uma sensação de déjà vu tomou conta de mim. Eu e Luana deitados no sofá enquanto assistíamos um filme que eu não gostava, mas faria por ela.

— Vamos ver “Um Porto Seguro”? É baseado no livro de mesmo nome.

Congelei por um momento, filmes com dramas e romances nunca foram meu forte. Curtia guerra, ação e no máximo uma fantasia. Ela olhou para mim com curiosidade, olhei em seus olhos e percebi que sim, eu faria tal coisa, só para me manter nessa posição.

Estendi a mão, procurei seu filme, peguei um pouco de pipoca e coloquei na sua boca. Ela não pareceu perceber meu momento de hesitação e mesmo que meu coração estivesse acelerado demais, porque estava indo longe demais com Luana, eu manteria meu cronograma do domingo, porque sim.

— Acho lindo o quanto ele tenta proteger a mocinha, mesmo que ela não perceba. A mensagem dessa história é linda. — Luana beijou meu peito e suspirou ao ver o primeiro beijo do casal.

Foquei em comer pipoca, acariciar suas costas e bunda. Um lençol mal cobria nosso corpo, estávamos largados e como... namorados.

Porra, isso não ia dar certo. Havia uma grande chance de perder o emprego, ou seja, não teria dinheiro para pagar gasolina para nos ver. Também tinha a questão do seu irmão, da minha mãe...

A campainha tocou e Luana praticamente pulou do meu colo cobrindo seu corpo com o lençol.

— Você está esperando alguém? Merda, desculpe te fazer ver filme, achei que...

— Não, Luana, ninguém vem em casa a não ser... — A campainha tocou novamente e gemi frustrado. A não ser minha mãe, ninguém aparecia em casa sem ser convidado. Porra! Apontei para o quarto e Luana correu para ele. — Vista algo, você

PERIGOSAS NACIONAIS

vai conhecer minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Luana

Fred entrou no quarto apenas para vestir um short, beijou minha cabeça e voltou para a sala enquanto eu estava surtando. Conhecer a mãe dele? O que isso poderia significar?

A palavra namoro veio na minha mente e balancei minha cabeça em negação, porque eu não servia para namorar. Terminei de me vestir, procurei um elástico de cabelo na minha mala e fiz meu melhor para não parecer que dormi aqui e fodi o dia inteiro.

Oh, droga, estava na cara que fiz tudo isso e mais um pouco.

Lembrei dos meus ex-namorados, as sogras que me odiavam, as vezes os próprios cunhados que tentavam dar em cima de mim. Também lembrei quando afastava todos, por não ter tempo, por estar num domingo desse jeito ser um enorme sacrifício para mim.

Será que Fred achava que queria namorar com ele? Mas deixei claro, era apenas um domingo. As roupas estarão me esperando à noite e amanhã iria trabalhar cansada mais do que o normal.

Tudo bem, pelo menos teria aproveitado, era algo que poderia fazer uma vez a cada seis meses, certo?

— Está pronta, minha corujinha? — Fred apareceu atrás de mim e segurou minha cintura. Fiquei muito tempo olhando para o espelho do banheiro e divagando sobre como fugir do compromisso que me perdi por um momento.

Não poderia envolver ninguém na minha miséria.

— Fred, acho melhor eu ir embora — falei séria e ele me virou para que encarasse seus olhos.

— Você vai embora, só não agora. Qual o problema de conhecer minha mãe? Ela sabe que você está aqui.

— É muito íntimo — falei baixo, cruzei meus braços e olhei para o lado.

— Isso não é agradável para mim também,

não costumo apresentar as mulheres que eu fico para a minha mãe, mas ela está na sala, eu avisei que estava com companhia então, vou te apresentar, nem que seja para dar tchau.

Voltei a olhar para ele, que tinha soltado minha cintura e percebi a merda que fiz, eu o tinha chateado. Diferente dos outros homens, ele parecia controlado em suas emoções, por mais contrariado. Seu lado impulsivo tinha sumido. A última vez que disse não, quase apanhei se não tivesse desviado.

— Não fique chateado, é só que...

— Você é apenas uma foda e eu sou apenas alguém para passar um bom tempo, certo? — Encolhi, porque as palavras doeram mais que um tapa na cara. — Será que você também levou

um pé na bunda recentemente e me escolheu para esquecer o ex? Maldição da Elis, que inferno. — Respirou fundo. — Apesar de tudo, respeito minha mãe e não tenho vergonha do que fiz. Sou adulto e acredito que você também seja, todo mundo faz sexo. Se já quiser ir embora, recolha suas roupas, vou te levar em casa.

— Fred, você não precisa... — Estendi minha mão para tocar sem braço, mas ele saiu do banheiro dando passos para trás.

— Estou esperando na sala.

Respirei fundo várias vezes e vesti minha armadura insensível. Não foi o primeiro que dispensei, porém, foi o primeiro que doeu demais.

Recolhi minha roupa, deixei a mala pronta

e não tive coragem de levá-la comigo. Preferia fugir a ter que enfrentar uma mulher tão especial, porque, para ter criado um homem como Fred, diferente disso não seria.

Fui para a sala olhando para todos os lados menos para os dois e fui surpreendida com um abraço carinhoso da senhora.

— Olá, querida. Sou Elisabety, mas pode me chamar de Bety. Não sabia que meu filho estava namorando...

— Não estamos — respondemos ao mesmo tempo e ela me soltou para olhar para nós dois. Um sorriso carinhoso surgiu depois de encarar por tempo demais seu filho, ela voltou a me encarar e ergueu as sobrancelhas.

— Você é Luana, certo?

— Sim. Eu já vou...

— Imagina! Meu filho não foi até minha casa almoçar, eu vim trazer o almoço para ele. — Ela apontou para a mesa com várias vasilhas. — Ainda bem que sou exagerada, dá para os dois.

— Mãe, Luana precisa ir embora — Fred falou duro e Bety fez uma careta para ele.

— Não seja sem educação, Frederico. Traga pratos, eu vou comer um pedaço de Sopa Paraguaia.

Minha boca salivou, porque minha mãe tinha descendência paraguaia e esse tipo de comida há muito não degustava. Procurei o olhar de Fred, para pedir autorização, já que tivemos aquela

pequena discussão, mas ele tinha entrado na cozinha e dona Bety enlaçou meu braço e me fez sentar à mesa.

— Não dê bola para o seu mal humor, isso ele puxou de mim. Só ter paciência. Agora me conte, quem é você, onde trabalha, como conheceu meu filho...

— Mãe, não faça isso — Fred pediu chateado e a mãe abanou a mão para ele dispensando-o.

— Ela não é sua namorada, já entendi. Nem por isso não posso conhecer a moça?

— Sou caixa de supermercado — falei sem graça enquanto Fred colocava os pratos e talheres a nossa frente. Dona Bety destampou as

vasilhas e apontou para elas, indicando que precisava de pegadores.

— Oh, qual mercado? Você parece ser bem observadora e inteligente. É formada?

— Comecei a faculdade de Letras, mas não terminei. — Bety pegou meu prato, serviu e olhei para Fred com desespero, que deu de ombros e pareceu não querer mais interromper a mãe.

— Que maravilha, alguém que ama a nossa língua. Gosta de ler ou lecionar?

— As duas coisas. Criei o hábito de ler com minha mãe, apesar de estar há um bom tempo sem ler. Obrigada. — Peguei o prato agradecida e comecei a comer. Maravilhosa a comida, a dor que estava sentindo até foi amenizada por esse sabor.

— Sua mãe foi muito sábia. Deus sabe o quanto tentei fazer com que os meus filhos tomassem gosto para os estudos, mas foram descobrir o tal do laço[2], a vida deles desandaram.

— Eu formei em Administração e Leo formou em Educação Física. Não exagera dona Bety — falou com carinho, mesmo que parecesse uma repreensão.

— Quantos anos tem, Luana?

— Vinte e cinco.

— Hum... Poderíamos marcar uma tarde para falarmos sobre livros, o que acha? — Bety falou como quem não queria nada e olhei para Fred tentando confortá-lo que não iria me envolver.

— Mãe!

— Obrigada pelo convite, minha mãe é falecida e trabalho de segunda a sábado, acho que nunca conseguiria um tempo para uma visita.

— Nem de noite? — pareceu chateada. — Pode ser domingo mesmo, você está aqui, não é mesmo?

Ah, se ela soubesse o que eu realmente estava sentindo e o que seu filho queria falar, não insistiria nesse assunto, mas a família era assim, sempre cutucando uma ferida no momento mais inoportuno.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Luana

Comi um pouco antes de responder. Seria sincera, essa senhora parecia muito querida para ter meias verdades. Não os veria mais mesmo, qual seria o problema de abrir um pouco o meu coração?

Por que as mães tinham esse poder?

— De manhã e de tarde trabalho no mercado. Volto para casa, ajeito o que precisa e vou para o meu turno em um bar perto de casa. Meu pai é pedreiro e por enquanto, estamos vivendo apenas do meu salário. Domingo é dia de

lavar roupa e fazer comida para a semana, ou seja, quando chegar em casa hoje vou trabalhar dobrado para fazer tudo. Minha rotina não cabe nada além disso e pode ter certeza que o sabor dessa comida valeu a pena o sacrifício.

Fred saiu da mesa com brusquidão, meu coração se partiu ao perceber o que falei. Se ele soubesse que o sacrifício de estar com ele valeu tudo e mais um pouco dificultaria nossa separação. Éramos de mundos muito diferentes, minha realidade não era tão fácil assim para ser mudada.

— Você cuida do seu pai. Tem irmãos? — Bety falou baixo e terminei de comer antes de responder:

— Meu irmão está preso e já falei tantas

coisas que machucam hoje, que prefiro não dizer mais nada. — Tentei controlar o choro e a mulher me abraçou de lado com carinho. Oh, céus, como sentia falta de um colo, da minha mãe.

— Como a senhora pode ver, Luana é muito ocupada e não pode ficar mais longe da casa para fazer esse sacrifício. Vou levá-la. Quer me esperar?

— Vou embora também, meu filho. — Bety levantou, fiz o mesmo e segui para o quarto, para pegar minha mala. Escutei-a dizendo baixo: — Não pressione a moça, ela vai escapar.

— Qual a parte de não namorar a senhora não entendeu? — Fred rosnou baixo.

— Quem faz nosso tempo somos nós

mesmos. Quando a pessoa vale a pena, a gente sempre arranja um tempo, ou você não percebeu que ela deixou muita coisa de lado para estar com você aqui?

— A comida valeu o sacrifício, mãe. Não quero mais falar desse assunto.

— Não meu filho, você que valeu, precisa ler nas entrelinhas.

Apareci na copa, dona Bety me deu um grande abraço de despedida e saímos juntos para a garagem.

Bem, seria o melhor, não havia futuro para mim, não enquanto estava amarrada a pena que precisava cumprir para o meu irmão. Ah... quem eu queria enganar, achava que nunca valeria a pena

para ninguém, nem depois desse um ano.

Seguimos de carro escutando apenas o som da rádio. As músicas não faziam muito sentido para mim, estava gastando muita força para não chorar na frente dele, mas quando um refrão soou forte, precisei respirar fundo, porque meu corpo arrepiou por causa dessa letra:

“Por isso eu juro que

Eu deixaria tudo se você ficasse

Meus sonhos, meu passado

Minha religião

Depois de tudo estás

Fugindo dos meus braços

Deixando o silêncio

Desta solidão”

Desde quanto música sertaneja me tocava tanto assim?

— Esse foi nosso acordo, certo? Um domingo e pronto — Fred falou com rancor.

— Sim — respondi baixo.

— Acho que essa é a primeira vez que levo um pé na bunda. Nunca é tarde. — Riu com ironia.

— Não te dei um pé na bunda, Fred. É só que...

— Eu pensei que poderíamos ter mais, sabe? Pela primeira vez na vida achei que valeria a pena tentar. Só encontrei a pessoa errada para isso.

Engoli em seco, porque seu orgulho estava

ferido e não cabia a mim cutucar mais. Fui especial para ele, sabia disso tanto quanto ele foi também para mim, mas minha vida não encaixava na dele.

O carro parou em frente de casa e lá estava meu pai com sua costumeira garrafa de água na mão. Suspirei aliviada, tinha uma preocupação a menos para o resto do meu domingo.

Peguei a mão de Fred e quase deixei as lágrimas escorrerem por ele não ter me rejeitado.

— Obrigada por tudo. Não foi a comida da sua mãe que fez valer o sacrifício, mas você. Eu deixei tudo de lado para estar com você, Fred. — Beijei sua mão e ele puxou meu corpo para beijar minha boca.

Dessa vez, a lágrima caiu e praticamente

corri para longe do carro.

Nunca pensei que ficar com alguém poderia ser tão intenso.

— Onde estava, Luana? — meu pai me cumprimentou olhando para o carro. — Quem é o playboy?

— O senhor também não dormiu em casa ontem. Está tudo bem? — beijei sua cabeça e entrei em casa numa tentativa de fugir da realidade paralela que foi estar com Fred.

— Estou com fome — meu pai resmungou e como a boa filha que estava habituada a ser, liguei o piloto automático e fiz tudo o que precisava ser feito.

As palavras de dona Bety sondaram minha

mente, mesmo que eu não quisesse. Quem faz o tempo somos nós e sabia, que se algum dia um homem realmente valesse a pena, eu faria um esforço para ter todos os domingos com ele. Mas eu não iria dar o primeiro passo, essa pessoa tinha que se mostrar interessada em mim antes, porque eu já tinha perdido muito.

Lembrei que Fred foi no bar e depois no mercado, ele deu esse primeiro passo. Alexia também invadiu minha mente, falou para que eu tivesse paciência.

Eu queria um relacionamento? Para o bem de todos, não, precisava me manter sozinha.

O único problema era que de noite, quando fechava meus olhos, só exista uma pessoa para

PERIGOSAS NACIONAIS

sonhar e desejar, Fred.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Fred

Maré de azar? Eu cogitava ser carma. Como imaginei, quando comecei meu trabalho na segunda-feira, fui chamado para conversar com o novo Diretor e a bomba foi jogada no meu colo, estava sendo demitido e meu aviso prévio seria pago de forma indenizada, poderia pegar minhas coisas e ir embora da Concessionária.

Se não bastasse me sentir rejeitado pelo lado pessoal, agora estava sendo pelo lado profissional. Onde estava o equilíbrio? Sorte no

amor, azar no jogo? Estava é pagando meus pecados, se algum dia eu me lembrasse de todos eles.

Ia para casa, talvez tomar o resto de bebida que tinha na geladeira e comer o almoço que minha mãe trouxe no domingo. Como que um dia poderia ter sido o melhor e pior ao mesmo tempo? Que caralho de vida era essa?

Pensei em ir conversar com meu pai, ele era um homem sábio e calmo, conseguiria colocar juízo na minha cabeça, mas parei em frente ao restaurante de Ricardo e Tati. Será que já estavam trabalhando? Não eram nem nove horas.

Com o carro parado no estacionamento, peguei o celular e mandei uma mensagem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fred>> Onde está você?

Ricardo>> Levando Clarinha na escola para poder começar a trabalhar. O que foi?

Ele já sabia que existia algo, ainda mais que nem o cumprimentei direito.

Fred>> Tati já está no restaurante?

Ricardo>> Vou ligar para ela, está sim. Entra pela porta lateral, não vai embora sem falar comigo.

Ainda bem que não pediu mais explicações por mensagem, não estava a fim contar a história mais de uma vez, por mensagem e pessoalmente.

Saí do carro e quando me aproximei da porta, lá estava Tati com um sorriso acolhedor.

PERIGOSAS ACHERON

— Não foi trabalhar hoje? — perguntou conferindo minha roupa habitual de trabalho.

— Demitido — falei fazendo uma careta e entrando na cozinha.

— Vamos para o escritório, estou precisando mesmo de uma mão de obra escrava e depressiva para me ajudar — falou de brincadeira e seguiu caminhando pelo restaurante.

— Você está andando muito com Ricardo.

— Durmo com ele todas as noites, eu tinha que aprender algo, certo? — Ela abriu a porta do escritório e ligou o computador. — O que aconteceu? Te obrigaram a usar gravata e você não aceitou?

— Antes fosse, trocaram de dono, já

estava prevendo que iria embora. O cara não ia deixar um estranho em uma posição de confiança como a minha.

— Pelo menos não foi pela competência, certo? — Ela apontou para a cadeira na frente da mesa. — Ricardo ligou tão preocupado, ainda bem que foi apenas isso.

— Apenas isso?

Tati sorriu como se soubesse o segredo do mundo e me bati mentalmente por ter aberto minha boca para quem não entendia nada sobre perder emprego, já que ela desde sempre trabalhou nesse restaurante que era do seu pai e agora dela e Ricardo.

— É, foi nada demais... — Levantei e ela

puxou a manga da minha jaqueta do terno.

— Pode parar com isso. Desculpe se te ofendi, disse que era apenas isso, porque emprego você vai conseguir um novo ainda hoje, pode ter certeza. — Sentei franzindo a testa e ela me soltou. — Mas isso só vai acontecer se você sair dessa posição de coitado. Você não é qualquer um, é formado, tem anos de experiência, quantas empresas já não te assediaram enquanto estava nesse emprego?

Caralho, essa mulher era muito inteligente ou eu que tinha ficado burro por conta do pé na bunda. Dois pés na bunda.

— Cara, eu recusei uma proposta para trabalhar com venda de carros importados, porque é

bem diferente dos carros populares, os clientes são outros, a forma de vender é outra...

— Olha que maravilha, um novo desafio para você. Entra em contato com todos eles e faça sua melhor oferta. — Ela virou o monitor e apontou algo para mim. — Agora me ajuda a resolver o problema desse sistema que não quer emitir nota fiscal. O suporte já veio duas vezes aqui e não resolveu.

— Ah, o problema com o certificado digital de novo? — Lembrei da última vez que vim ajudá-los por com isso, peguei o teclado e mexi. Estava me sentindo mais leve e menos bloqueado, nem acreditava que com apenas uma conversa, uma frase, a luz no fim do túnel apareceu.

— Sabia que você salvaria meu dia! — Ela bateu no meu ombro. — Mas também posso fazer uma oferta de emprego para cá. Tem a melhor comida da cidade e você poderá folgar aos sábados.

— Só que terá que usar gravata, primo — Ricardo entrou na sala e me levantei para cumprimentá-lo. — O que foi?

— Fui demitido, mas não me sinto mais perdido como antes. É que dois pés na bunda, em menos de dois dias, é de desnortear qualquer um.

— Dois? — Tati questionou e percebi que falei mais do que deveria. Voltei a sentar e fingi que não escutei a pergunta.

— Não me diga que você arranjou uma mulher? — Ricardo insistiu pegando uma cadeira e

ficando ao meu lado enquanto mexia no computador.

— É uma longa história. A questão é que ela não me quer, então, vida que segue.

— Oh meu Deus, ela não quis nada com o pegador Fred Saad? — Tati zombou e Ricardo a olhou com repreensão. — É assim que as minhas amigas falam dele. Ninguém mandou passar o rodo em todas elas.

Terminei de arrumar, olhei para a esposa do meu primo e refleti na merda que fiz da minha vida. No dia que eu pensasse em ter um relacionamento sério, não conseguiria esconder meu passado.

— Ela não conhece minha fama. O

problema foi que ela trabalha demais, cuida sozinha do pai e o irmão está preso.

— A nora que sua mãe pediu à Deus. Está esperando o quê para arrastar a bunda no caco de vidro por ela? — Ricardo falou e Tati me olhou com expectativa.

Essa era a parte de ter a família próxima que mais me incomodava, os palpites sem medida, principalmente quando não foram solicitados.

— Bem, vim aqui para desabafar sobre o rumo da minha vida profissional, já consegui, posso ir embora e deixar vocês trabalharem.

— Saindo pela tangente, você só perde para seu irmão mal-humorado — Ricardo falou e nos levantamos para um abraço de despedida. Pelo

menos não insistiu no assunto.

Eu não iria continuar com Luana, muito menos implorar para estar junto, se foi ela quem não quis estar comigo no primeiro momento.

Meu primo me acompanhou até o carro e quando entrei e baixei o vidro para um cumprimento final, ele falou:

— Se você queria calmaria, namorasse com um maracujá.

— Puta que pariu, cara, para de ficar lendo esses memes da internet, você está ficando cada dia pior — falei rindo por ser uma piada tão sem graça ao mesmo tempo que tinha toda razão.

— Acha que eu e Tati estamos na paz hoje por quê? Sofri por ela, implorava para ter só um

beijo, enquanto ela se divertia com as amigas e me esnobava. Corri atrás, mostrei meu valor e que valeria a pena estar comigo. — Olhou para mim com emoção. — Olha a nossa filha, que maravilhosa.

— Isso quer dizer o quê, Ricardo?

— Se ela te corresponde, se os obstáculos são externos, não se intimide com o primeiro não que receber, às vezes, ela só precisa saber que você vai fazer o mesmo esforço que ela para que vocês fiquem juntos.

Porra. Precisava arranjar outro emprego primeiro e não pensar nos assuntos do coração, ou melhor, no meu pau. Estava virando um bobo apaixonado ao pensar dessa forma, isso não tinha

nada a ver comigo.

Liguei o carro e ri.

— Pare de assistir comédia romântica, isso está te tornando uma bichona.

— Sei que vai pensar no que falei — gritou quando comecei a dar ré. Mostrei o dedo médio para ele, mas o meu primo sabia, eu ia pensar sobre isso e pior, agiria.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Fred

Voltei para casa mais leve e com vários objetivos. Iria colocar meus e-mails em ordem, atualizar o meu currículo e acionar todos os meus contatos sobre a minha disponibilização para trabalhar.

Desempregado não era um status que poderia me dar o luxo.

Sentado à mesa, olhei algumas vezes para o sofá e foi impossível não relembrar meu domingo, desde o ápice até a fossa. O beijo de

despedida que dei em Luana me matou por dentro, era estranho ter sentimentos por alguém quando tudo o que mais fazia era sempre estar desapegado disso.

Por que com ela era diferente?

Mesmo com alguns desvios, consegui focar no que precisava, eu valorizava muito meu lado profissional e não me via enlaçado com alguém sem estar bem posicionado no mercado de trabalho. Meus pais me deram tudo, não queria nada menos do que eu tive.

Quando resolvi parar e almoçar o que sobrou da comida da minha mãe de domingo, peguei o celular e liguei para meu irmão. Mesmo que eu tivesse recebido o pé na bunda, não deixaria

de saber mais sobre a mulher que movimentou uma montanha dentro de mim.

— *Fala irmão* — Leo atendeu ofegante.

— Está onde? Pode falar? — O micro-ondas tocou, peguei o prato de comida e fui para a mesa.

— *Correndo na esteira, trouxa. Tenho mais 5 minutos apenas, o que quer?* — Ele estava em seu modo mal-humorado, que ótimo.

— Se eu te der um endereço de uma casa, você consegue saber quem são as pessoas que moram nela?

— *O que não encontro, tenho alguém que faz isso para mim. Para que você quer?*

— Uma amiga, só estou curioso — falei

colocando o celular no viva voz, deixando-o em cima da mesa e começando a almoçar.

— *Uma amiga que você fodeu, com certeza. Fred, você não precisa saber o histórico familiar das suas* peguetes — falou com ironia e percebi que tinha parado de correr.

— Poderia deixar a piada para outro dia? Você sabe que comigo você perde.

— *E você sabe que se me irritar, não te faço nenhum favor* — rebateu, mas diferente de todos na família, apesar de turrão, Leo tinha um enorme coração e não negava tão fácil assim.

— Rua das Laranjeiras, 114, no bairro Universitário — falei já sabendo de cor o endereço e o caminho até aquele casebre. Caralho, ela

precisava de um chuveiro novo, quantas vezes ela tomou banho frio quando o clima estava mais fresco?

— Me dê dois minutos, estou subindo para minha sala.

Aproveitei para comer, puxei o notebook para que eu visse a tela e coloquei no aplicativo de mapas esse endereço. Mudei a visão para ser o modo rua e lá estava ela, saindo de casa quando a empresa passou por ela para registrar as imagens das casas. Percebi que não tinha nenhuma foto dela e mesmo sabendo que não teria mais contato, eu queria algo para recordar além do seu cheiro na minha cama.

— Esse é o tipo de casa que passou de

geração para geração sem mudar a documentação, só existem contratos de compra e venda registrados em cartório. No último senso, foi registrado três moradores, José Aparecido de Lima, Aparecido de Lima Júnior e Luana de Lima. — Não me surpreendi com as informações conseguidas, porque a empresa que meu irmão trabalhava era referência em segurança.

— Quem é o pai? José ou o Aparecido?

— *José tem três filhos, dois moram com ele na casa e um se chama Aaron de Lima, mora perto da sua casa, inclusive.*

Larguei o talher e fui mexer no notebook. Além do nome não ser estranho, recordava muito bem de Luana nunca ter comentado de um terceiro

irmão. Ela reclamou que omiti Alexia, com certeza não faria o mesmo, certo?

Ou... deveria ser algum filho fora da família que ela não tinha contato e se o cara morasse no mesmo bairro que eu, tinha condições de ajudar os dois que estavam em uma situação complicada. Quem sabia, ela não precisaria mais trabalhar tanto.

— *Quer saber mais?* — Leo questionou e deu um risinho sem vergonha. — *Estou com a foto dos três, Luana não faz seu tipo, cara, por que o interesse nessa casa? Um deles está preso, coisa pesada, cara.*

— Deixa eu só... — Pesquisei na minha rede social o nome Aaron e não achei. Depois

pesquisei no e-mail e descobri de onde conhecia esse cara, era a pessoa que entrou em contato comigo da Concessionária de Carros Importados.

O mundo não poderia ser pequeno assim, ou poderia?

— Existe muitos homônimos de Aaron de Lima? — questionei para o meu irmão que riu baixo.

— *Mais fácil eu ler a ficha do Aaron aqui para saber se é o mesmo que você quer saber. Sua mãe é casada com Euclides da Cunha, o ex-governador, lembra dele? Agora eles são dono daquela...*

— Concessionária de Carros Importados — completei em choque. Realmente havia algo que

cruzaria minha vida com Luana, esse enlace improvável estava ficando cada vez mais predestinado que improvável.

Porra, já estava pensando como Alexia.

— *Conhece? E espera um pouco, você está pensando em mudar de emprego?*

— Fui demitido, longa história. Voltando aos três filhos, qual a idade deles?

— *Aaron tem vinte e oito, Luana tem vinte e cinco e Aparecido tem vinte e dois. Esse mais novo é um delinquente, mexeu com a facção errada e está fodido para o resto da vida.*

Larguei o notebook, fechei os olhos e respirei fundo. Não poderia ser assim, Luana não deveria pagar pelos erros do irmão. Meu coração

estava apertado, o conselho de Ricardo pairou na minha mente e ficar parado não era uma opção.

— Existe a chance de negociar com essa facção, Leo?

— *Por que você quer mexer com essa gente, cara?*

— Luana. Conheci essa mulher em um bar, a gente ficou e...

— *Ela achou que você fosse rico e iria salvar sua pele? Passa longe desse povo, para de frequentar a quebradeira, não estamos mais na faculdade!*

— Não fala merda, não sabe nem da metade do que aconteceu — soltei com irritação.

— *Que se foda então, trouxa. A próxima*

vez que quiser saber algo, não me ligue.

Encerrou a ligação e gemi de frustração. Sabia que meu irmão ficaria alguns dias de cara virada comigo, eu nem tinha brigado com ele sobre seu comportamento no nosso último encontro, por conta da Alexia.

Voltei a olhar para o sofá e esperei que alguma ideia surgisse na minha mente, mas só opções idiotas apareceram. Bem, agora que estava com tempo livre, que fosse dessa forma.

Não era mais questão de me abrir a um relacionamento, como minha mãe pediu, mas de fazer algo que realmente queria, que era conquistar essa mulher.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Fred

Descobri que era um homem sem um pedaço importante da masculinidade. Cacei uma caixa de ferramentas em casa e não tinha, nem lembrava quando foi a última vez que concertei algo para precisar de uma.

Meu pai era um homem de verdade, a realidade era essa e seria a caixa dele que usaria para meu próximo passo.

Deixei que o dia passasse e me atualizei sobre o mercado de automóveis. Apesar de

trabalhar na área, pela falta de tempo e um pouco de comodismo, não fazia minha lição de casa. A crise ainda estava assombrando minha área de atuação, mas pelos retornos dos e-mails, as empresas estavam precisando de um bom profissional.

Manter contatos profissionais e nunca fechar uma porta que lhe foi aberta era primordial. Agendei entrevistas para a semana inteira, no período da manhã e na sexta iria fazer todo o procedimento para assinar minha rescisão.

Estava tudo encaminhado, menos meu plano de conquistar Luana. Ela não tinha tempo para se relacionar, certo? Bem, mostraria que era possível fazermos o nosso tempo, ainda mais eu

estando essa semana livre.

No outro dia a minha demissão, depois de passar na academia de Bastião e contar o que me aconteceu, fui para a casa dos meus pais. Bancários aposentados, eles curtiam os hobbies em casa e aproveitavam a melhor idade, sem obrigação e sem ter filhos por perto.

— Oi mãe — cheguei pela porta da cozinha e a cumprimentei com um beijo no rosto. Ela estava fazendo alguma receita nova pela quantidade de ingredientes em cima do balcão da pia.

— O que aconteceu meu filho? Por que não está com roupa de trabalho?

— Estou com uma nova proposta de

emprego, mãe. Não se preocupe — mascarei a verdade, porque dona Bety era a primeira oferecer dinheiro quando um dos filhos reclamavam da falta dele.

— Fica para o almoço então? — perguntou desconfiada.

— Hoje não dá, mãe. Preciso ajudar uma pessoa.

— É aquela moça de domingo? — mudou seu semblante para interessada.

Ela e seu pedido para arranjar uma nora, isso ainda me daria outro tipo de dor de cabeça. Qual era o problema de deixar as coisas fluírem?

— Sem pressão, mãe. — Afastei-me dela e fui atrás das ferramentas. — Sem pressão! — falei

alto por cima do meu ombro.

— Oi meu filho, vem me dar uma mão — meu pai chamou do escritório e lá estava ele com um antigo rádio relógio aberto.

— Sabe que sou péssimo para solda, pai — reclamei quando segurei o fio de estanho que ele me direcionou.

— Só segura, meu filho, é apenas um fio.

Foi rápido, largamos as coisas que tínhamos na mão de lado e nos cumprimentamos.

— Está tudo bem? Por que está esse horário em casa?

— Vai ficar, não precisa se preocupar. Fui demitido ontem, mas já tenho três entrevistas marcadas para amanhã e quinta. Está tudo certo.

— Sei que sim, você é um ótimo profissional — falou com orgulho, o que me ajudou a ter mais alívio para o que pretendia fazer.

— Como troco chuveiro, pai?

Ele parou de guardar as ferramentas, olhou para mim e controlou o riso.

— Não entendi, meu filho.

— Trocar chuveiro deve ser fácil, não? Você me ensina.

— Eu faço isso para você e lá te ensino.

Droga, pai, você não está facilitando. A última coisa que queria era contar o real motivo e ter minha mãe escutando tudo. Do jeito que estava, era capaz de começar a fazer a lista de convidados do nosso casamento.

— Não é em casa, pai. É para uma amiga — falei baixo a última frase e emendei outra quando ele ia abrir a boca: —, não conte para a mãe, só me ensine e não pergunte mais nada, porque eu mesmo não entendo.

— Uma amiga? — Levantou uma sobrancelha e virou para pegar outra caixa de ferramenta.

— Metade do que você está imaginando é verdade e outra metade não. Só vamos terminar com isso, por favor?

Meu pai pegou um chuveiro antigo em uma das várias caixas de ferramentas, seguiu comigo até o banheiro da área externa e me mostrou mais ou menos o que precisava fazer. Não

era difícil, a verdade era que minha maior preocupação tinha a ver com levar um choque, mas nada que usar a luva que meu pai colocou dentro da caixa que eu iria levar não ajudasse.

— Posso ficar com essa para mim, pai? — pedi quando saí do escritório com a caixa de ferramentas na mão.

Ele não aguentou e riu alto, me deixando sem graça e claro, me fazendo rir também. Porra, estava virando o meu pai, só poderia estar interessado na mulher.

— Tentando provar alguma coisa a ela? — perguntou antes de chegarmos na cozinha.

— A intenção é que ela mude o não para sim. Como não sou filho de pai assustado, vou para

a guerra — falei divertido e minha mãe me encarou com os olhos brilhando.

— Ela parece ser uma moça tão comprometida, filho. Trabalhadora e sofrida, não judie dela.

— E desde quando eu faço isso com as mulheres, mãe? Não vim aqui pegar objetos de tortura... não para elas. — Beijei seu rosto e acenei para o meu pai. — Tchau, amanhã venho almoçar com vocês.

— Farei um bolo para que você leve para ela.

Oh meu Deus, lá vinha dona Bety se portando como sogra pela primeira vez. Não estava nos meus planos ver isso acontecer justo agora.

Com o equipamento em mãos, agora era o momento de ir no mercado comprar o chuveiro, nosso almoço e quando seu expediente acabasse, ir para a sua casa executar os trabalhos.

Ela poderia falar não para mim, mas seria impossível não falar sim para o chuveiro quente e comida.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Luana

Nem acreditava que estava conseguindo manter meu humor. Com certeza deveria ser o repouso de Joilson, não ter que me sentir uma vagabunda depois do expediente do bar era reconfortante, mesmo que meu coração estivesse sangrando.

Esse foi um dos nãos que mais me doeu falar, porque havia um lado que queria gritar sim. Calejada, era melhor sofrer agora, quando o desapego seria mais fácil, do que depois dele ter se

infiltrado no meu sistema.

Distraída olhando para a porta do mercado, não percebi quem estava no meu caixa até que o vi se pôr a minha frente.

— Fred? — falei assustada, tanto por estar ali quanto por sua roupa ser diferente da que estava habituada a vê-lo. Short cargo e camiseta polo, parecia de passeio como no nosso domingo. Meu ventre se contraiu e briguei comigo mesma por pensar nessas cenas em horário de trabalho.

— Oi Luana. Já almoçou? — perguntou voltando para o seu carrinho e colocando os itens na esteira.

— Não, mas... por que quer saber? — Peguei um pacote para passar no leitor.

— Não sou perito na cozinha, mas sei pedir comida como ninguém. E... — Ele pegou um chuveiro do carrinho e quase engasguei com a saliva. Fred pretendia fazer o que eu estava pensando? — Tenho uma caixa de ferramentas no carro e fiz um curso expresso com meu pai agora mais cedo, tenho um chuveiro para trocar.

Sim, o filho da mãe estava disposto a me fazer apaixonar, mesmo não podendo. Minha vida não era tão fácil como a dele, será que era tão difícil entender? Precisava mudar esse cenário antes que quem estivesse implorando pelo seu amor e atenção fosse eu.

— Você não vai em casa, Fred — falei sem humor e continuei passando as coisas no leitor,

que já estava acabando. Custava ele ter comprado um pouco mais para poder continuar falando?

— Sim, eu vou.

— Não preciso da sua ajuda, quem estava incomodado com a água gelada era você. Como o banho lá nunca mais vai acontecer...

— Ricardo e seus conselhos — ele me interrompeu falando para o teto. Seu olhar voltou para mim e havia terminado de passar suas compras. — Você não quer nem tentar?

Hesitei enquanto guardava suas compras nas sacolas.

— Não é questão do que eu quero, mas o que é o certo a fazer. Quer mesmo se envolver com o meu drama? Está disposto a doar seu tempo mais

do que eu vou doar o meu? — Falei o valor da compra e ele me entregou o cartão, que coloquei na máquina e esperei o sistema processar.

Poderia ser um capricho da minha parte, mas havia prometido a mim mesma que só me relacionaria com alguém que realmente valesse a pena.

— Será que vindo aqui, no seu horário de expediente, dizendo que quero almoçar com você, aproveitar o horário antes de começar a trabalhar no bar, não é dizer sim, eu quero, para as suas perguntas?

Então minha ficha caiu e fiquei preocupada.

— Você não está trabalhando agora de

manhã?

— Estou desempregado, mas é temporário. Posso aproveitar esse tempo livre com você?

Era possível dizer não? Claro que sim, deveria antes que colocasse a doce senhora da sua mãe no meio da minha vida desajustada.

— Eu saio às quinze horas — falei sem o olhar. Senti seu rosto se aproximar do meu e um beijo ser deixado na minha bochecha antes dele se afastar.

— Uau, que homem — a moça que entrou no meu caixa falou olhando Fred se afastar e num impulso, falei com um sorriso amarelo:

— Meu noivo.

Ainda bem que minha cliente teve a

decência de corar e focar nas suas compras, porque meu ataque de ciúmes poderia ser pior do que essa mentira. Droga, ter um homem bonito ao meu lado não seria fácil, a insegurança deveria ficar longe.

Trabalhei olhando a todo momento para a porta do mercado. Por não o ver, mais e mais a desconfiança de que tudo foi uma brincadeira me dominava.

Assim que fechei meu caixa e anunciei minha saída, o sorriso foi impossível de esconder quando Fred, do lado de fora do mercado, em uma vaga de estacionamento próxima da entrada, me esperava.

Eu o queria beijar, matar a saudade que meu corpo e alma sentia, mas só abri a porta do

passageiro e ele abriu do motorista, entramos juntos.

— Estou com a comida no carro, pedi para o seu pai também, não sabia se ele estaria em casa ou não.

Depois que coloquei o cinto, inclinei meu corpo até ele, beijei seus lábios várias vezes antes de me controlar e voltar para a minha posição.

— Obrigado. O que foi isso? — perguntou manobrando o carro para sair do estacionamento.

— Nunca sei os horários do meu pai, mas só por pensar nele já aqueceu meu coração. Se não estiver em casa, quando aparecer vai esquentar a comida e se fartar. Obrigada você.

Com minha mão na sua, ele trouxe para

sua perna e guiou até em casa.

— Confesso que esse será o primeiro chuveiro que troco na minha vida — falou divertido e ri apertando sua mão.

— Só não queime a casa, não tenho outra para ir morar. — Ele pareceu ter mudado a postura e isso me lembrou da sua roupa informal. — Por que está desempregado? Seu emprego não era bom?

— Já imaginava que algo como isso poderia acontecer. Mudou o dono da empresa e fui uma das baixas. Não se preocupe, já agendei outras entrevistas para amanhã e quinta-feira, sei que uma delas será minha.

— Tenho certeza que sim, você é muito

insistente quando quer — falei confiante como ele, que riu e beijou minha mão.

— Esse é o mal da família, quando quer algo, só para quando conseguir.

— Eu chamo isso de teimosia.

— No meu dicionário, isso é persistência — falou me olhando de lado com um sorriso pecador. Meu corpo inteiro se acendeu e o carinho que seu dedo fazia na minha mão contribuiu para que meus pensamentos fossem proibidos para menores de dezoito anos.

— O cheiro da comida está delicioso — falei mudando de assunto, esfreguei minhas pernas para aplacar a ardência que estava sentindo e percebendo, Fred colocou nossas mãos unidas perto

da minha virilha.

— Acho que você quer dizer sobre outra fome — seu tom era rouco.

— Só posso estar na TPM, ignora Fred — falei com vergonha.

Parou o carro no semáforo, virou o rosto para mim e deixou nossas mãos descerem até minha virilha. Olhei para ele com assombro, que virou luxúria assim que fricção começou a me deixar louca.

— Você precisa focar na direção — falei tentando não gaguejar.

— Estou focado na direção, é você que precisa focar na minha mão.

Fred voltou a dirigir e eu, a me contorcer

com seu toque. Mesmo sendo por cima da calça, estava a poucos segundos de explodir. Como ele tinha esse poder sobre mim?

— Meu Deus, que vergonha — minha voz soou quase com um gemido e para judiar de mim, acelerou os movimentos e me fez gozar na sua mão, de roupa. Minha mão se livrou do seu agarre e com as duas cobri meu rosto. Só poderia ser a TPM, nunca fico desesperada em outra época.

Percebi que o carro parou e desafivelando os cintos, Fred me abraçou e beijou minha cabeça várias vezes antes de falar:

— Preciso dizer, você é a mulher mais incrível que já conheci. Não tem medo da sua sexualidade, apesar de ter vergonha. Pode ficar

tranquila, comigo você pode ser quem você é. — Ergueu minha cabeça, beijou minha boca e se afastou. — Chegamos, tenho um chuveiro para trocar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Fred

— Seu pai nunca se relacionou com outra mulher depois da sua mãe? — perguntei com segundas intenções, precisava sondar até que ponto ela conhecia Aaron e depois, faria o interrogatório com ele.

Estava em cima de uma cadeira que parecia que a qualquer momento cairia comigo. Desligamos o padrão da casa, tirei o chuveiro antigo e estava na fase de colocar um novo. A porra dos fios eram de cores diferentes, estava a ponto de

ligar para o meu pai para saber qual eu ligava em quê.

Já havíamos comido, seu pai não estava e a refeição extra foi guardada na geladeira.

— Não, meus pais foram namorados de colégio, se casaram quando minha mãe ficou grávida de mim — ela falou da porta do banheiro, estava me olhando de um jeito que estava me sentindo orgulhoso da minha loucura.

— Ou seja, nenhum namoro antes? Pulada de cerca? — falei em tom de brincadeira e ela sorriu.

— Não que eu saiba. Minha mãe dizia que um foi feito para o outro, que o enlace deles estava escrito nas estrelas. — Ela se aproximou ainda com

humor divertido, eu ainda estava preocupado, tanto pelas suas palavras quanto por estar quase desistindo de trocar o chuveiro do caralho. — O branco é o neutro, então liga o fio nesse aqui. Os outros podem ser qualquer um, a fase é 220.

— Como você sabe dessas coisas? — perguntei ainda com dúvida.

— Falei para você que meu problema era tempo e não incapacidade. — Piscou um olho e saiu do banheiro. — E a história dos seus pais, como é?

— Meu pai conta que demorou quase três meses para conseguir segurar a mão da minha mãe pela primeira vez. Seus pais a doutrinaram que ela precisava estudar para ser alguém na vida,

relacionamento amoroso não estava nos planos.

Uni os fios engolindo em seco ao perceber que estava no mesmo caminho deles. Coloquei o chuveiro no cano e fiz o acabamento em tudo percebendo que estava como o meu pai quando queria agradar minha mãe.

Estava me sentindo bem, apesar do incômodo e o trabalho. O sorriso de Luana para mim estava sendo um grande motivador, ainda mais que ela poderia estar mais confortável na sua casa.

Desci da cadeira, olhei pela porta do banheiro e a vi dobrando as roupas no quarto que ficava de frente. Ela tinha uma destreza e leveza quando fazia isso, estava me deixando hipnotizado.

— Uma pena que meu irmão nunca viu a beleza do relacionamento dos meus pais, ele sempre dizia que não passava de uma farsa, as vezes colocava a culpa da morte da mamãe no pai. — Ela suspirou e colocou as roupas empilhadas dentro do guarda-roupa, nem percebeu que eu estava observando-a. — Ele sempre tinha tanta raiva dentro de si. Sempre quis fazer algo, mas nunca consegui o alcançar.

— E se ele descobriu que seu pai tinha outra família? — questionei e ela me encarou chateada.

— Meu pai é humilde e trabalhador, Fred. Não confunda as coisas.

Apressei-me em unir nossos corpos,

abracei sua cintura e depois alisei seu cabelo para que seus olhos encontrassem os meus. Luana era linda e tinha um enorme coração.

Já havia conseguido o que queria, ela não sabia desse irmão mais velho e, provavelmente, Aparecido sabia. Conversar com uma pessoa na prisão não estava nos meus planos, por isso pretendia vir aqui em um momento que estivesse apenas o seu José.

Além de fazê-la dizer sim para mim, estava mexendo no seu drama familiar. Estava me sentindo um parente curioso, daqueles que dão mil e um palpites e achava que sabe o que era melhor para nós. Só que, agora que tinha uma migalha da sua vida, eu queria o prato inteiro de comida.

— Quanto tempo ainda temos?

— Vinte minutos, mas não se engane, preciso testar a ligação do chuveiro antes de você explodir a casa.

— Testar?

— Meu Deus, seu pai não te ensinou a ser o homem da casa? — brincou beijando meu nariz e saindo dos meus braços.

— Ele tentou, na verdade, ele ainda é o homem da casa, até da minha — falei divertido.

Vi Luana ir para o lado de fora da casa, algumas luzes se acenderam indicando que o padrão foi ligado e voltou com uma chave de fenda. Segura de si, subiu na cadeira que estava no banheiro, testou cada fio que conectei, uma luz se

acendeu na base da chave e revirei os olhos ao perceber que eu também sabia fazer isso, só tinha esquecido.

— Vamos testar? — Luana perguntou tirando a cadeira do banheiro e começando a se despir.

Já estava com bolas azuis desde o carro, precisava pôr para fora o tanto que segurei até então. Removi minha roupa com pressa e rimos do meu desespero. Até estar nu, meu membro já estava a postos para voltar a ter contato com sua boceta.

— Você abre, morro de medo de levar choque — falou se afastando ao máximo e como não poderia perder o momento, virei o registro e fingi levar um choque, fazendo-a gritar e rir ao

mesmo tempo que eu colocava uma mão no seu braço.

— Filho da mãe!

Bateu no meu peito, a água gelada entre nós se transformando em quente deu uma sensação maravilhosa. Puxei-a para mim, tomei sua boca e ávida, enlaçou uma perna no meu quadril e se esfregou em mim.

Puta que pariu, que ela ficasse de TPM pelo resto dos meses, porque estava pronta e fogosa para mim novamente.

Flexionei as pernas, encaixei meu membro e continuei beijando-a enquanto metia com desespero. A sensação era diferente, estava tudo mais sensível e intenso.

— Oh, Fred, eu vou...

— Vamos gozar juntos, Luana. Vem comigo. — Coloquei seu corpo contra a parede e nos esfregamos como dois desesperados. Nem parecia que estávamos apenas há dois dias sem transar, era uma necessidade avassaladora que nos dominava.

Quando apertei sua bunda e meti fundo, seu corpo tremeu com o clímax e o meu se arrepiou, tanto de prazer por ter encontrado o ápice quanto por perceber, apenas agora, que não havia usado camisinha.

Ca.Ra.Lho.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Fred

O clima pesou depois que saí de dentro dela, sua mão foi para entre suas pernas e sentiu a minha porra escorrer. Ela virou de costas para mim, pegou o chuveirinho e começou a se limpar enquanto eu pensava na melhor forma de dizer que... o quê? Estava tudo bem? Estou saudável, fiz exames recentemente? E você, não tem nenhuma doença não, certo? E anticoncepcional?

Não poderia trazer um filho para esse mundo enquanto estava desempregado.

Também pensei em um pequeno herdeiro correndo pelo haras com outros primos e meu coração se encheu de uma sensação de satisfação.

No final das contas, o que dominou foi o medo.

— Luana...

— Está tudo bem, foi só uma vez, não é tão fácil assim engravidar — falou baixo e continuou tomando banho com o chuveirinho, agora molhava o corpo. — Sempre quis usar um chuveirinho, obrigada. Eu posso te pagar...

— Não estamos falando em pagar o que fiz aqui, certo? — falei um pouco chateado, peguei o sabonete e comecei a me ensaboar. A cortina começava a me tocar a cada movimento brusco e

isso começou a me irritar.

— Também não tenho nenhuma DST. Apesar de ter ido ao médico há mais de um ano e meio, esse é todo o tempo que estava sem transar. — Não olhou para mim, não lavou o cabelo mesmo estando molhado, apenas saiu e me deixou com o coração entalado na garganta. Ou seria meu medo?

Como as pessoas agiam depois de transar sem camisinha de forma inconsciente? Isso, na minha escola da vida, não foi ensinado, até porque, nunca transei com a mesma pessoa em tão pouco tempo, nunca cheguei a ter tanta confiança para relaxar e esquecer que existia todo um protocolo para se transar.

Terminei o banho, Luana deixou uma

toalha em cima da pia e me enxuguei com a cabeça longe. Não estava conseguindo raciocinar direito, parecia fácil dizer que queria um relacionamento, só que na prática, eu não conseguia encontrar qual a ação certa para esse momento.

— Fred, preciso iniciar meu expediente no bar. — Ela estralou o dedo no meu rosto, pisquei várias vezes para perceber que estava olhando meu reflexo no espelho sem realmente me ver, como ela fez em casa.

— Ah, sim, desculpe. Eu já vou — falei saindo do banheiro e indo até a porta de entrada.

Quando a abri, percebi que estava esquecendo algo e essa sensação era a pior de todas para se ter. Olhei para dentro da casa, esperei

Luana aparecer do meu lado para pegá-la pela cintura e beijar sua boca com carinho. Foi ela quem abriu a boca e procurou minha língua para nos fartarmos.

O suspiro que ela deu me fez abraçá-la forte, porque eu queria dizer, de alguma forma, que não iria embora amanhã. O motivo disso? Não sabia, porque o medo, de alguma forma, estava nublando o que eu realmente deveria ver.

— Amanhã te vejo no bar, tudo bem? — falei abrindo a porta e saímos de mãos dadas até meu carro.

— Vou te esperar — respondeu entrando no carro e não me encarando mais.

O silêncio imperou e assim que ela desceu

do carro para começar seu expediente que mais era uma penitência, lembrei do idiota que se esfregava nela e quase saí do carro para mostrar a ele que agora, Luana tinha alguém que cuidava dela.

Porra, eu faria isso e me deixaria mais tranquilo quanto a esse trabalho. A tensão tomava conta dos meus ombros e braços, estava a ponto de procurar briga com alguém.

Meu celular tocou, me impedindo de demonstrar ser quem comanda a porra toda.

— Fala Guido — cumprimentei meu primo.

— *Estamos tomando uma gelada e vendo o jogo aqui no Miça.*

— Vocês não trabalham, não? —

perguntei mudando um pouco minhas intenções de agressivas para passivas. Talvez, o que precisava era relaxar e mudar de foco.

— *A gente sim, mas você não, trouxa. É só uma gelada.*

— Estou a caminho.

Encerrei a ligação e guiei até meus primos. Bastien já tinha aberto a boca e Leo, provavelmente, estava de folga, porque durante a semana ele ficava mais longe que na cidade.

Pensando no meu irmão, esperava que ele tivesse iniciado uma investigação sobre os crimes do irmão de Luana, se era possível pagar em espécie a dívida e... cara, estava mesmo pensando em usar dinheiro da minha rescisão para pagar uma

dívida de um estranho?

Lembrei de Aaron, na entrevista que faria com ele e como abordaria. O cara era cheio de dinheiro, fruto da traição do pai e, pelo jeito, não tinha contato com ele. Será que, mesmo assim, ele ajudaria?

Foi tentando esquecer que transei sem camisinha, que parei no estacionamento do Miça e encontrei a mesa dos três. Lembrei de Alexia, gostava de tê-la por perto quando estava com os meus primos também, mas desde a última vez, no Chalé Burguer, ela tem me ignorado.

Não seria a primeira vez e dando o espaço que ela precisava, sempre voltava a falar comigo como se nada tivesse acontecido e eu, a forçaria a

ter um círculo de amizade, porque ela não poderia ser tão só.

— Agora que você precisa tomar uma, não tem trabalho amanhã — Bastien me cumprimentou estendendo sua long neck.

— Mas existe a lei seca, eu preciso da minha carteira de motorista — respondi cumprimentando os outros e sentando ao lado do meu irmão. — Preciso de um favor seu.

— Outro? Não sou detetive particular da Igreja, caridade é em outro lugar — falou rancoroso e meus primos riram.

— Esse cara deve estar menstruado — Guido falou para atormentar e conseguiu, não só meu irmão, mas a mim, que queria não pensar em

sistema reprodutor feminino.

Meu irmão levantou da cadeira e mostrei o dedo médio para os dois.

— Deixem o garoto em paz, já o estressei pelo dia.

— Então conta sobre sua demissão — Guido pediu.

— É o que falei, trocaram o dono e me fodi. Mas já estou com entrevistas agendadas, não vou ficar sem trabalho. — *Não posso*, complementei na minha cabeça.

Sério mesmo que iria ficar pensando em ter ou não ter filho depois dessa transa? Parecia que tinha voltado a época do colégio, quando eu pegava uma menina e mesmo usando camisinha, esperava

até um mês para respirar aliviado, não tinha engravidado.

Que maravilha, retornando aos tempos de desespero ao me imaginar ser pai.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

Fred

Olhamos o jogo no telão por um tempo, Leo voltou à mesa e o cutuquei com o dedo.

— Desculpa, cara. O negócio é sério, se for precisar pagar, eu faço.

— Para de viadagem. O que precisa? É sobre aquela família que investiguei?

— Está de olho em quem? — Bastein perguntou sem olhar para mim.

— Conheci Luana num bar. A princípio, fui atrás dela porque fiquei curioso com ela. Então,

descobri que ela tinha um irmão na prisão, o interesse aumentou e estou aqui.

— Que barra pesada, cara. E se esse cara vem para cima de nós? — Guido perguntou desconfiado e nem cogitei a ideia, porque sabia, de forma sigilosa, que nossa família era protegida de todas as formas por causa de Leo. A verdade era que o trabalho do meu irmão deixava a família em risco muito mais do que a situação de Luana.

— Não exagera, cara. São traficantes, tudo com eles se resolve no dinheiro e quando a pessoa não tem, é na humilhação — Leo falou me encarando. Ele queria saber mais.

— Ela diz que está trabalhando num bar por um ano para que o irmão não seja morto. Se

conseguíssemos o contato e ver qual o valor da dívida, estava pensando...

— Em pagar? Ela é tão boa de foder assim? — retrucou Leo de forma insensível. Olhei-o feroz, não deveria falar dessa forma de Luana.

— Dependendo do valor, a gente pode fazer uma cotinha na família. Ninguém merece ter que trabalhar de graça — Bastien falou esquecendo o telão e focando na conversa.

— A ideia inicial é tentar ver isso com um irmão rico que descobri que ela tem — falei fazendo careta. — Vou fazer uma entrevista de emprego com o cara na quinta-feira. Vou sondar o quanto ele sabe sobre ela, porque Luana não sabe sobre ele.

— Tudo bem, eu vejo sobre a dívida. A única coisa que você precisa entender é que, a partir do momento que começar a investigar e perguntar, você precisará ir até o fim, porque senão, quem vai pagar pelo serviço meia boca será sua mulher. — Leo me encarou de forma intensa. — Não faça merdas até lá.

Engoli suas palavras como se fossem areia, até que chegou na parte “sua mulher”. Sentia como se ela fosse minha? Estava receoso de pensar, ainda mais quando meus primos começarem a me zoar tanto quanto fizemos com Ricardo, quando arranjou Tati.

— Você será a vergonha do quarteto. E também será menos um concorrente — Guido falou

brincando e dei de ombros, não tão incomodado quanto pensei que ficaria.

— A mulher tem dois empregos, ela é foda — falei com orgulho.

— Para ser nora da dona Bety precisa ser isso e para conhecer a família tem que ter os poderes da Capitã Marvel. Já pensou a vó Cida querendo saber sobre a família dela, depois te obrigando a casar e depois a terem filhos... — Bastien comentou e precisei tomar toda a minha cerveja para não desabafar além do necessário com eles. O que aconteceu hoje foi apenas um lapso, como Luana disse, não é tão fácil assim engravidar.

Resolvi mudar de assunto, assistimos o jogo e fomos para casa. Leo deixou para mim a

promessa de que faria acontecer. Convicto de que, mesmo se não desse certo com Luana, estava fazendo algo de bom para uma pessoa, assumi o compromisso de fazer acontecer.

***

Lá estava eu, de noite, novamente fazendo o caminho de casa até o bar em que ela trabalhava. Há algumas semanas atrás não imaginava que poderia ter mudado minha vida o encontro com Luana.

De manhã fui em duas entrevistas, um deles exigiu que a veste fosse com gravata e eu, gentilmente, rebati que era o único homem na face da Terra que ficava elegante sem ela. Tudo bem, estava precisando do emprego, mas ainda tinha um

pingo de orgulho ativo.

Apesar disso, ambas foram promissoras e dependia mais de mim do que deles me quererem na empresa, porque sim, precisavam alguém do meu potencial e competência para assumir o cargo.

Luana me enviou mensagem de madrugada, eu de manhã e assim, não nos falamos mais. Seus horários eram horríveis, namorar com ela seria um baita esforço, mas não estava intimidado, para mim estava sendo prazeroso.

Estacionei o carro e tentei não deixar a ansiedade tomar conta, ainda mais que além de estar disposto a enfrentar o dono do bar, queria que o dia de amanhã chegasse para confrontar Aaron.

Leo não me deu notícias e esse era outro

lado da história que estava me preocupando. Sabia que meu irmão cuidaria de tudo, era capaz dele assumir tudo e então, eu dever a ele. O filho da mãe tinha o pior humor do mundo e a lealdade mais preciosa.

Entrei no bar com as mesmas roupas formais de outras vezes e sentei no banco do balcão. Luana estava atendendo o pessoal da sinuca e quando virou e me viu, sorriu e não desviou o olhar.

— Boa noite, senhor, em que posso lhe ser útil? — perguntou animada do meu lado e tentei lhe dar um beijo, mas ela se afastou sem graça e apontou com o queixo para o outro lado, para Joilson.

Precisava frear meus impulsos de medir forças, porque sobraria para minha mulher e tudo ficaria muito pior.

Ah, bem lembrado...

— Poderia me dar a honra de ser minha namorada? — falei baixo e quando ela parecia assustada, complementei alto: — Uma long neck, por favor.

Ela piscou várias vezes, corou e entrou para ficar atrás do balcão. O dono do bar veio para se aproximar de Luana e segurando a respiração, vi com destreza ela pegando uma bandeja e se protegendo de ser tocada.

Olhei para ela implorando para que fizesse algo, porque minha vontade era de arrancar todos

os dentes da boca desse filho da puta!

Ela serviu outras pessoas antes de mim e percebi, nitidamente, que estava seguindo rotas contrárias daquele homem. Quando chegou em mim, segurei rapidamente sua mão na garrafa e sussurrei:

— Vou te tirar dessa, minha corujinha.

— É apenas alguns meses, eu me viro, só não faça nada — pediu se afastando, saindo detrás do balcão e se aproximando de mim. — Sim, persistente, aceito o namoro. O desastre já está feito mesmo, pelo menos vamos aproveitar enquanto dure — falou baixo.

Tomei um gole da cerveja e não tirei os olhos dela enquanto trabalhava. Não estava

confortável de deixá-la sozinha aqui, por mais que ela parecia saber cuidar de si.

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para Leo, precisava de urgência nisso, meu coração e nem meus pulsos conseguiriam lidar com essa situação por muito tempo.

Fred>> Conseguiu algo?

Leo>> Está em andamento, há coisas que você não poderá saber. Na hora que precisar do dinheiro, te falo. Não faça nenhuma merda.

Guardei meu celular e voltei a vigiar minha mulher quando senti a sombra do homem a minha frente.

— Eu já te vi por aqui? — O cheiro da

cerveja exalava pelos seus poros.

— Não, é a primeira vez que venho — disse sem conseguir conter o tom irônico. Bêbado filho da puta!

— Aquela mulher ali é minha, eu comprei com meu dinheiro. — Ele bateu no peito e contei até cem para não rebater as sandices de um louco.

— Estou tomando a minha cerveja, homem — falei com vontade de jogar a garrafa na cabeça dele.

— Acho bom, porque só estou esperando juntar mais dinheiro para terminar de pagar a dívida do irmão dela e então, ela vai para a minha cama!

A sorte do cara foi que alguém o chamou e se afastou, porque levantei do banco e estava

pronto para avançar. Sabia que Luana corria risco, só não imaginava que era tanto e tão iminente.

Não estava me fazendo bem estar aqui e não poder agir. Sabia que qualquer atitude colocaria a perder todo o plano que arquitetei até agora, por isso coloquei notas em cima do balcão e avistei Luana, que correu até mim tentando disfarçar.

— Já vai embora?

— Vou te esperar no carro, vou ficar te olhando de longe, senão vou ser capaz de cometer um crime hoje.

— Desculpe...

— Não, quem precisa se desculpar é aquele homem e um dia ele fará, Luana. Escreve o

PERIGOSAS NACIONAIS

que disse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Fred

Não sabia dizer se era para me agradar ou acalmar, mas Luana perguntou se não poderíamos dormir na minha casa e claro, estava mais do que satisfeito por isso, porque a teria em meus braços durante a noite e de dia, poderíamos aproveitar o sexo de café da manhã.

Antes de dormimos, curtimos apaixonados um ao outro, fazendo promessas com o corpo, mente e alma. Como nunca havia me permitido ter um relacionamento, agora que estava em um, não

tinha planos para sair tão cedo.

Acordamos cedo, tanto porque ela tinha horário no mercado e eu, tinha a entrevista que estava mexendo com meus nervos. Ela saiu para a cozinha apenas de calcinha e sutiã do meu quarto, depois de um banho sem atividades extras. Ela queria fazer um café da manhã para nós e eu, com minha mente pervertida e nublada pela ansiedade, fui atrás dela nu e a enquadrei na porta da cozinha.

— Fred, temos horário — reclamou gemendo, ela estava com os seios pressionados na porta e meu membro cutucava sua bunda, que se arrebitava para mim.

— Sua boca até sabe disso, mas seu corpo parece que quer um pouco do meu. — Coloquei

minha mão dentro da sua calcinha e a senti molhada. — Você também estava pensando em mim enquanto mexia na cozinha, minha corujinha?

— Meu Deus, tem horas que sinto que vou gozar só de você me chamar assim — riu do seu exagero, mas logo gemeu, porque comecei a movimentar meus dedos no seu clitóris. — Uma rapidinha não vai fazer mal..

— Não!

Chupei a curvatura do seu pescoço, coloquei a calcinha de lado e encaixei dentro da sua suavidade. Porra, sem camisinha era outro mundo, estar com ela sem barreira era muito melhor e guiado pelo nosso desejo, trouxe sua boca para a minha e meti enquanto a estimulava até que ela

gozou e eu, segurei o máximo que dava.

Não poderia gozar novamente dentro, mas não poderia negar que era o paraíso.

— Vou precisar de outro banho — falou ainda nublada pela luxúria.

— E eu de estar dentro de você.

Tirei sua calcinha, deixei-a de frente para mim para que enlaçasse as pernas na minha cintura e com meu pau encaixado na sua boceta, segui para o segundo banho do dia.

Quem disse que estar em um relacionamento significava não transar?

Mesmo com tantas atividades durante a manhã, o atraso acabou sendo mínimo. Deixei Luana no mercado e fui para a minha entrevista,

adiantado uma hora. Acabei ficando no carro, olhando as mensagens no celular e escutando música:

"E quando o sol chegar

A gente ama de novo

A gente liga pro povo

Fala que tá namorando

E casa semana que vem

Deixa o povo falar"

Parei tudo, olhei para o som do carro e arregalei meus olhos, tanto pela música me agradar muito quanto por isso ter sido obra da minha mãe, ou melhor, profecia da dona Bety.

Estava pensando em casar? Essa pergunta

não parecia mais tão assustadora quanto há um tempo atrás, ainda mais se eu pensar em passar o resto da minha vida com Luana.

— Vá com calma, Fred, sem pular etapas — falei para mim mesmo e o sorriso que eu tinha estava impossível de conter.

Depois da minha mãe ter conhecido e gostado de Luana, a preocupação de que ela fosse rejeitada caiu para zero. Se a família insistir para casar, acredito que não ficarei chateado, essa pressão não me incomodava mais.

Voltei a olhar para o meu celular e enviei para o grupo:

Fred>> Acho que estou namorando.

Guido>> Menos um para a

concorrência. Esse seu topetinho era muito foda de competir.

Bastien>> Ah, o topete de boquete, a loucura das mulheres... de penca.

Fred>> Vocês são uns trouxas, nem chegou dez horas da manhã e já estão com piadinhas sem graça.

Guido>> Quem começou foi você, dizendo sobre namoro. Isso sim que é a grande piada.

Bastien>> Isso é praga da vó Cida, só pode. Próxima reunião, vou fugir dela.

Leo>> Bora trabalhar, cambada? Fred, vai fazer entrevista de emprego hoje?

Guido>> Leonides, alguém já te falou

que você é chato?

Fred>> Estou apenas dando horário para ir conversar com Aaron de Lima, irmão desconhecido de Luana. Preciso de sorte em dobro.

Bastien>> É, pessoal, o cara já está tomando conta da vida da garota, não tem mais solução, ele saiu da competição. Acabou quarteto, agora somos o trio de solteiros.

Fred>> Aproveitem e faça um bom sanduíche, idiotas.

Guido>> Boa sorte, velho.

Bloqueei o celular, saí do carro e com o coração acelerado, caminhei para a Concessionária de Carros Importados. Trabalhar aqui era um tanto

medonho, ainda mais por mudar totalmente meu público. Ganharia mais, trabalharia com gente rica e cheia de dinheiro, o cuidado deveria ser maior. Mas, como estava indo para a guerra, na minha mente, nada disso parecia tão assustador como antes.

Cumprimentei a recepcionista, ela chamou Aaron e com um cumprimento forte de mãos, mostrei a que vim, firme e determinado para uma vaga de emprego e também, para jogar no seu colo um passado que talvez não fosse do seu conhecimento.

— Vamos fazer mais um bate papo, conheço um pouco do seu trabalho pelo Pietro, dono da Concessionária onde você trabalhava —

Aaron falou enquanto entrávamos no seu escritório. Apontou uma poltrona para que me sentasse, sentou em outra e nos encaramos.

— Ele não é mais o dono. Semana passada aconteceu a mudança de gestão e fui um dos dispensados. Sabe como funciona, o novo dono quer pessoas de sua confiança por perto.

— E você acha que não era de confiança? — O tipo de pergunta numa entrevista que consegue medir o nível da sua humildade, confiança e capacidade de comunicação.

— Acho que não me deram a oportunidade de mostrar que parte dos números da Concessionária tinha a ver comigo. Também é possível que não tenha conseguido fazer isso, já

que numa mudança dessa, não poderia esperar que as pessoas viessem atrás de mim. Aproveitei a oportunidade por conta da dispensa e vim atrás de novos desafios.

— Sim, trabalhar com carros importados não é a mesma coisa que carro popular. Enquanto você vendia de dez a vinte carros populares num mês, aqui, essa média é de um a três. — Seu olhar era interessado, o que ativou minha ansiedade, meu pé não parava de bater no chão. Precisava mostrar meu potencial e também, encontrar uma brecha para falar de Luana.

— Muda o público, muda os produtos, o mercado não está tão aquecido como antes, mas há grandes tendências de melhoras de acordo com

algumas matérias que estava lendo. Nada que me intimide, estou preparado para a mudança de ares. — *Não sou filho de pai assustado*, completei na minha mente e sorri para conter o riso. Sabia que trabalhava bem, mas uma negativa era sempre uma negativa.

Conversamos sobre outros assuntos que envolvia meu trabalho, os projetos com os vendedores, a forma de cobrança, vestuário, que agradeci a não exigência da gravata e então, sobre família.

Chegou a hora.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Fred

— Moro sozinho, mas tenho uma namorada — falei com orgulho, nem sabia que estava me sentindo tão poderoso ao pensar que Luana, minha corujinha, estava comigo.

— Sua família é daqui?

— Grande parte, já que tanto a família do meu pai quanto da minha mãe é enorme. — Mudei minha postura na cadeira e continuei: — E você?

— Ah, eu tenho família pequena e como sabe, meu pai é o dono da Concessionária —

respondeu achando estranho. Normalmente, era apenas ele que fazia o questionário e o candidato a vaga apenas seguia o seu bonde. Eu não era uma pessoa qualquer.

— Conhece Luana de Lima? — Franziu a testa em desconhecimento. — Aparecido de Lima ou José Aparecido de Lima?

Ele engasgou, tossiu e me encarou com fúria.

— Quem é você?

— Minha namorada é Luana de Lima. Não me peça detalhes de como ou onde, foque na descoberta. Ela é filha de José, seu pai biológico. — Sutileza não era meu forte, isso era fato.

Ele levantou da poltrona, foi para perto da

mesa e então, encarou a rua da janela do escritório. Porra, poderia ter estragado a minha entrevista, mas não tinha como ficar sem esclarecer isso.

— O que quer, dinheiro? — perguntou sem se virar para mim.

Levantei, aproximei dele e nos encaramos. Iria doer, mas falaria tudo:

— De uma certa forma sim. — Levantei a mão para o frear de pensar ou falar algo antes de concluir. — Pelo que percebi, você não conhece seus irmãos, eles são mais novos. Aparecido está preso, José tem fortes indícios de ser alcoólatra e Luana, minha namorada, está pagando uma dívida para que o irmão não seja morto na prisão. Meu irmão tem contatos, ele está resolvendo a parte

criminosa da situação, mas precisarei de dinheiro para a ajudar.

— José está vivo? — De tudo o que falei, era apenas isso que ele focou.

— Sim, seu pai está vivo, mas não parece feliz. Luana diz que ele é pedreiro e está enfrentando dias ruins nas obras. A mulher sustenta a casa sozinha, sei que dá conta, mas não precisa trabalhar de graça num bar onde o filho da puta fica se esfregando nela a cada oportunidade.

— E você veio aqui para me dizer tudo isso. — Suspirou e esfregou o rosto com as mãos, percebi uma aliança no dedo anelar, era casado, compreenderia meu desespero por causa da minha mulher. — Por que me fazer de trouxa e ser

entrevistado antes? — falou com chateação.

— Porque não o fiz. Quero essa vaga, já fiz duas outras entrevistas, mas quero estar aqui, ainda mais agora sabendo que você é meu cunhado, isso foi um sinal. — Bati de leve no seu ombro para quebrar o gelo e parecia que ajudou.

— Não oferecemos cabide de emprego e não vou dar dinheiro para uma irmã que nem sei se é de verdade. — Pegou o celular e começou a mexer. — Minha mãe sempre me disse que meu pai biológico morreu, nunca dei importância para isso e agora... — Ele olhou para mim preocupado. — Eles vivem bem?

— Defina bem, Aaron. Semana passada troquei o chuveiro deles, há mais de seis meses eles

tomavam banho frio. — Dei um passo para trás e recuei, se era um segredo da mãe dele, o assunto teria que ser resolvido entre eles antes de fechar comigo. — Olha, estou disposto a entregar todo o dinheiro da minha rescisão para pagar a dívida do irmão dela e assim, ela não precisar trabalhar um ano de graça, mas temo que não será suficiente.

— Como saberá quanto precisa pagar e para quem? E se essa mulher está tentando te dar um golpe?

Sorri e dei de ombros, porque ele não sabia nem da metade da história.

— Ela não sabe que estou aqui, muito menos sabe da sua existência. Quando perguntei sobre o relacionamento dos pais, no caso a mãe é

falecida, ela me contou que eles são namorados desde o colégio. — Antes que a bomba dele poder ser fruto de uma traição caísse no seu colo, continuei: — Isso pode ser apenas uma história que a mãe contava para confortar, não me importa o que nossos pais fizeram, está no passado. A questão agora é que minha mulher está numa situação horrível e mesmo arriscando meu trabalho, algo que preso acima de tudo, contei e vim pedir ajuda. Não estou pedindo para assumir uma família que não é sua, apenas que faça seu papel de irmão mais velho.

— Ela trabalha onde?

— Faz sete horas seguidas no Mercado Principal e de noite, até meia noite, fica no bar, o

pior deles, perto da Universidade.

— E como você conseguiu namorar? Ela tem folga? — pareceu admirado e com orgulho respondi:

— Tive que dar meus pulos, mas os domingos são nossos.

— E quanto mesmo é o valor da dívida dela? — perguntou interessado.

— Não falei e essa dívida não é dela, é do irmão caçula, que acho que sabe sobre você ou de algo do passado. Meu irmão está providenciando tudo, só queria saber se posso contar com você caso eu não consiga pagar tudo.

Ele engoliu em seco, olhou para o celular e suspirou.

— Anote o meu celular pessoal, me dê um tempo, estou um pouco chocado de saber que sou fruto de uma traição.

— Quem sabe se não foi a mãe de Luana a amante? Toda história tem dois lados, por pior que seja, o que importa é o que podemos fazer a partir daqui. — Peguei meu celular, trocamos números e nos despedimos com um aperto de mão. — Se não for pedir muito, não esquece de analisar minha entrevista de emprego — tentei soar divertido.

— Tudo bem — falou de forma robótica, saí da sua sala e vi um homem mais velho entrar na sala do meu cunhado assim que estava saindo da Concessionária.

Primeira etapa do plano executada, agora

era momento de focar o pensamento positivo na causa.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Fred

Havia saído da minha reunião de rescisão na minha antiga empresa, fiz exame médico demissional, assinaram minha carteira e agora estava livre. O dinheiro seria bom, poderia me bancar por um tempo ou até mesmo criar um negócio apenas meu, mas já estava focado em usar todo esse recurso com Luana.

Vim para a casa de Alexia, a mãe dela estava preparando o almoço na cozinha enquanto estávamos na sala. Precisava contar o que estava

sentindo para alguém que não julgasse, essa pessoa era ela.

— Não estou acreditando que você está apaixonado — minha amiga/irmã falou divertida enquanto pintava as unhas do pé.

— Quando você diz parece menos pior do que quando os caras falam. — Acomodei melhor na poltrona e peguei o controle da TV, já me sentia de casa. — Nunca deixe sua mãe profetizar algo, se torna realidade.

— Olha como as coisas são, quando você saiu da sua turminha de *pegação*, encontrou a mulher da sua vida. Não precisava da sua mãe para isso, Fred, é clichê demais.

— Clichê? Outra coisa dos seus livros?

— Sim, sua história daria um bom livro — falou sonhadora e a olhei de canto.

— Sua mãe vai ficar decepcionada por não me ter como genro.

— Me dá até calafrio — falou se arrepiando e me doeu um pouco, porque havia algo ali que indicava trauma. — Minha mãe já aceitou que sua filha nunca terá relacionamentos. Estou feliz assim, mulher moderna.

— Nem meu irmão? — insisti e ela me olhou com raiva.

— Desde quando o assunto é sobre mim? Quem veio aqui conversar foi você, Fred — falou ríspida.

— Calma, onça. Estou de boa aqui vendo

TV. — Recuei.

— E sobre a dívida do irmão dela, você vai mesmo dar todo o seu dinheiro para quitar?

— Sim, mas só vou dizer a ela depois que fizer. Leo está providenciando tudo.

— O tal irmão vai ajudar?

— Não sei, ele ainda não deu sinal de vida e nem pressionei. Nem imagino qual deve ser a história deles, mas de uma coisa tenho certeza, nem tudo o que a gente sabe é o certo. A prova disso é Luana.

— Imagina receber a notícia de que você tem irmãos por parte de pai... pior, que o pai não está morto. Tenso.

— De qualquer forma, quanto mais a gente

rejeita a família, mas a gente anda para trás. Não há o que fazer com o passado, temos que mudar a partir de hoje, como diz minha mãe.

Como Alexia não continuou a conversa, olhei-a e percebi que estava imersa em pensamentos enquanto pintava as unhas. Ela era tão bonita, feminina, mas evitava sair, fez faculdade à distância e agora, trabalhava em casa. O máximo que conseguia fazer era que me acompanhasse quando o quarteto estava junto, mas desde a primeira vez que ela e Leo se estranharam, minha amiga estava se distanciando.

Não sei o motivo dele insistir, comigo ela sempre foi tranquila. No fim das contas, estava cômodo para nós dois, essa era a verdade. Só

falávamos o que queríamos, sem cobrança.

— Enquanto isso, ela ainda precisará ficar no bar? Não tem como você morar junto com ela?

— Sem casar? Dona Bety vai ter um infarto e minha avó outro. Além do mais, tem o pai. Quem casa, quer casa.

— O pai já é maior de idade, sabe se virar sozinho, Fred — falou parecendo óbvio.

— Luana não percebeu, mas acho que ele anda bebendo o dia inteiro. Sabe a garrafinha de água na mão como se fosse inocente?

— Oh, merda...

— Sim, muita merda. — Troquei de canal algumas vezes. — Pensei em levar os dois para a próxima reunião de família.

— Na sua mãe, você diz.

— Não, com todo mundo. — Olhei para ela, que parecia querer me bater. — O que tem de errado?

— A gente apresenta o namorado primeiro para a mãe, depois para os avós e parentes. Você quer chegar no chefão final antes de passar pelos intermediários. Vai assustar a menina.

— Cara, estou virando uma bichona, agora só penso nela — resmunguei e minha amiga riu alto.

— Qual a graça? — a mãe de Alexia apareceu na sala. — Venham almoçar.

— Fred arranjou uma namorada e está todo babão por ela — Alexia respondeu.

— Sério? — A mãe olhou para mim com desapontamento.

— Eu disse que ela achava que um dia eu seria o genro. Sou irresistível — falei divertido.

— Uma mãe pode sonhar. — As duas trocaram olhares e depois se sentaram à mesa. — Me conte sobre ela, Fred.

Confesso que não parecia nem um pouco cansado ao repetir o que já tinha conversado com Alexia. Luana era uma mulher trabalhadora, linda e de grande coração, mas também arredia e independente. Ela iria brigar com relação a minha intromissão na sua vida, mas para entrar para a família Saad, ela precisaria passar pela prova de fogo, que era ter pessoas cuidando dela enquanto

ela focava em outras coisas.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Fred

Fred>> Já saiu do mercado? Estou com saudades.

Fred>> Chegou em casa? Fique bem.

Ia enviar uma terceira mensagem, mas estava parecendo um perseguidor. No seu primeiro emprego ela não poderia usar celular e nenhuma das duas mensagens foi visualizada até que chegou perto do seu expediente no bar.

Luana>> Desculpe não responder, você sabe como é a correria da minha vida. Tive que

arrumar umas coisas em casa, depois nos falamos.

Fred>> Vou te ver no bar.

Luana>> Não fique preocupado comigo, eu dou um jeito. Sobre Joilson, não se preocupa, quando você não está por perto, ele para de me importunar. Beijos.

Dormi frustrado e não pressionei, porque lembrava sobre tudo o que ela falou comigo durante nossa relação. Luana não tinha tempo e precisava do seu espaço. Precisava acalmar minha mente, tudo estava sendo encaminhado para que ela tivesse mais tempo para nós.

Ficar sem trabalhar e sem ter uma rotina fixa estava me deixando muito ansioso. Além de ter

que esperar a ligação de Aaron sobre a ajuda com a família e do meu irmão, sobre ter conseguido acertar com o irmão de Luana, fui gastar meu tempo com suor e pancadaria.

Ontem não vi minha corujinha, a troca de mensagem não foi suficiente para aplacar a minha saudade. Era tão ruim não poder dormir e acordar com ela, nosso dia sempre era muito bom quando estávamos juntos.

Que esse rolo familiar se resolvesse antes de surtar.

Como era sábado, segui para a academia de Bastien. Além das aulas tradicionais e de artes marciais, de sábado ele liberava o tatame para que as pessoas pudessem treinar entre academias e se

desafiarem. Era parte do esporte, tudo se resolvia na porrada.

Antes de sair de casa, enviei uma mensagem para Luana mesmo que parecesse que estava sendo um chiclete. Não sabia qual outra forma de mostrar minha preocupação e interesse nela.

Quando cheguei na academia e fui para a sala dos fundos, me surpreendi por ver Aaron no ringue principal. Sem camiseta e suado, não tinha reparado no tamanho do cara, até porque, estava de terno e a última coisa que fazia na minha vida era reparar em um homem.

Os lutadores estavam com proteção e luvas, o que não amenizava o poder dos golpes.

— E aí, primo. Veio sujar as mãos hoje? — Bastien apareceu perto de mim, nos cumprimentamos com um aperto de mãos e abraço com tapa nas costas. Ele sabia que lutar não era muito minha praia, mas assistir me distraia.

— Hoje vim apenas assistir, está uma merda ficar sem trabalho e com uma namorada que só tem domingo de folga. — Apontei com o queixo para o ringue. — O de azul é o irmão de Luana, Aaron.

— O que estava preso? — questionou surpreso.

— Não, o que ninguém sabia. Mundo pequeno, certo?

Meu cunhado olhou para a plateia, me

encontrou e se desconcentrou, levou um soco no queixo e caiu quase desacordado no tatame.

— Tá ótimo, vão descansar. — Um homem com roupas pretas ajudou Aaron a se levantar e dispensou o outro lutador com um gesto de mão.

Não perdi a oportunidade, estava me corroendo por saber mais sobre sua posição sobre a família, por isso me aproximei quando ele começou a caminhar em direção a um banco enquanto removia seus equipamentos de proteção.

— Que coincidência, cara. Você frequenta aqui?

Ele encontrou meu olhar amigável e suspirou incrédulo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, mas quando finalmente decido vir, é você que me aparece.

— O dono da academia é meu primo, Bastien. — Apontei.

— Jurava que o nome dele era Sebastião, todos o chamam de Bastião. — Sentou no banco, pegou uma garrafa de água e bebeu.

— Sim, acho até melhor esse nome, mas minha tia me mata se me escuta falar isso. — Sentei ao seu lado e tentei não começar o assunto. Minha perna começou a balançar e Aaron riu baixo.

— Parece que você está gritando no meu ouvido. Me deixa digerir primeiro a informação de que tenho dois irmãos e meu pai biológico está vivo antes de voltarmos a falar sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Conversou com sua mãe?

— Não, falei com meu pai e ele sabe uma parte da história, o que confirmou tudo o que você falou, inclusive, que talvez minha mãe e a mãe da sua namorada tenham sido enganadas por esse homem.

— Se ele fez alguma merda na vida, saiba que o peso que carrega está visível.

— Mas acho que, independente da verdade, é bem provável que eu ajude minha irmã no que precisar, só não sei meu irmão. Ela está certa na vida, porque ele seguiu para o lado errado?

— E eu vou saber? A questão é que não dá para ajudar um sem fazer pelo outro. Enquanto Aparecido estiver na criminalidade, Luana e seu pai

sempre serão um alvo.

— Agora, eu também — falou chateado, bebeu mais água e focou em respirar olhando para quem lutava no momento. — Minha mulher vai me matar quando chegar em casa.

— Casado há quanto tempo? — perguntei também olhando para a luta.

— Três anos. E caso pergunte, ainda não decidimos ter filhos, ela gosta de estudar, está fazendo doutorado e eu gosto de trabalhar.

— Pressão da família? — perguntei apoiando meus braços nas minhas pernas e o olhando de lado.

— Pode apostar. Mas é bom, mantém a chama da união e do amor acesa — falou irônico e

rimos. Tinha certeza que sua família era tanto quanto tradicional como a minha, por mais que havia esse segredo. — Vai lutar?

— Não, eu só venho para assistir e às vezes, correr na esteira. Lutar, para mim, é último caso.

— Então já vou, moçoila. — Levantou batendo no meu ombro. Estava aliviado que ele parecia mais aberto. — Quando pode começar a trabalhar?

— Fiz minha rescisão ontem, então posso começar hoje mesmo — rebati com esperança.

— Aparece na Concessionária na segunda-feira. Vamos ver até quando dura essa vontade de trabalhar tendo meu pai como chefe.

Levantei, trocamos um toque de mãos e o puxei para um abraço. Estava duplamente aliviado, porque estava resolvendo mais uma pendência na minha vida e de Luana.

— Valeu cunhado.

— E se tratar mal minha irmã, só lembre desse dia e que treino todas as noites durante a semana — disse colocando tudo dentro da mochila.

Ah, se isso acontecesse, não precisaria de ninguém além da minha mãe para me castigar, tinha certeza disso.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Fred

— Sério mesmo que precisa disso, Fred? Eu já conheço a sua mãe — Luana falou desconfortável no carro assim que entrou. Ela estava com um vestido florido, a primeira vez que a vi fora dos jeans.

— É almoço de domingo e prometi que voltaríamos cedo, vou te ajudar com o que precisar na sua casa.

— Vai me ajudar a fazer faxina? — Riu alto e bateu na minha mão quando tentei levantar

seu vestido. — Se comporte, porque só iremos transar depois que a casa estiver brilhando.

— Já pensou em contratar alguém para te ajudar?

— Com que dinheiro, Fred? Além do mais, gosto de cuidar da casa, é algo que faz me lembrar da minha mãe.

Lembrei do assunto familiar que estava cuidando do lado dela e tentei disfarçar meu incômodo. Aaron ainda iria falar com a mãe, o que não significava saber de toda a verdade. A realidade era que seu José Aparecido, em algum momento, teria que falar.

— E as entrevistas de emprego?

— Foram boas, segunda-feira começo na

Concessionária de Carros Importados. — Ela bateu palmas, beijou minha bochecha e apertou minha coxa, sua animação pela minha conquista foi apenas um peso a mais na balança sobre deixar me envolver de coração com ela ou não. — Já está de olho no meu salário?

— Não, seu bobo. Estou feliz que você não vai ficar me mandando mensagem de cinco em cinco minutos. Ocupar a mente é uma benção — falou brincando, mas sabia que tinha um fundo de verdade. Porra, nunca tinha namorado, nunca senti necessidade de saber sobre a vida e o dia de alguém como sentia da dela.

— Assim você me ofende, só quero cuidar de você — tentei não parecer chateado.

— E está fazendo muito bem, só está perdendo o humor no caminho. — Ela pegou minha mão e cruzamos nossos dedos. — É só que me incomoda não te corresponder toda hora, ainda mais que você sabe como é minha rotina.

— Isso vai mudar — falei convicto, beijei sua mão e deixei em cima da minha perna.

— Sim, cada dia mais falta um dia a menos desse pagamento.

— Você acha que eles vão deixar você ir depois de um ano de trabalho escravo, Luana? Não é cumprindo a pena que vamos nos livrar deles.

— O que você está fazendo, Fred?

Estacionei o carro na frente da casa da minha mãe, tirei o cinto e beijei a testa, depois a

boca da minha mulher. Apesar de parecer descontraído, estava com o coração querendo sair pela boca por estar com ela aqui.

— Vamos ter um almoço de domingo com a sogra, minha corujinha.

— Mundo cruel e o poder que apelidos carinhosos tem — falou sonhadora, esqueceu a pergunta que não respondi, tirou o cinto e saiu do carro, eu acompanhei.

Minha mãe não sabia o que fazer para agradar Luana, desde o cumprimentar até incluí-la nas atividades de domingo. Sem medo, deixei-a na cozinha com dona Bety enquanto fui no escritório do meu pai, com certeza estaria concertando algo.

— Oi pai — cumprimentei de longe

enquanto ele mexia em um antigo circulador de ar. — Nossa, isso tem quantos anos?

— Sessenta, no mínimo. É da sua avó. — Levantou o olhar apenas para cumprimentar e voltou a focar no que estava em mãos. — Estou há dias mexendo nessa placa, não descobri qual capacitor está estourado.

Inclinei para frente, identifiquei o capacitor mais estufado e apontei.

— Está precisando de óculos novos, cara — zombei e ele largou as ferramentas de lado.

— Seu irmão não vem, disse que está resolvendo um problema seu. — Olhou com seriedade. — Se ele precisa resolver, o negócio é sério. Diga o que é.

Olhei para trás, conferi se não vinha ninguém e baixei meu tom:

— Não é para mim, mas Luana. Depois conversamos sobre isso, ela ainda não sabe o que estou fazendo.

— Conseguiu emprego novo, meu filho, parabéns! — Minha mãe invadiu o escritório e me abraçou. — Precisamos comemorar, vou abrir um vinho.

— Não é para tanto, mãe. Deixa passar os três meses do contrato de experiência — falei olhando para trás dela. — Onde está Luana?

— Está lavando a salada. Precisei vir aqui quando ela falou sobre seu emprego. — Minha mãe saiu do escritório e recebi dois tapas do meu pai nas

costas.

— Parabéns, filho. Aproveite para descansar hoje, amanhã você volta a rotina.

Cruzei os braços enquanto vi meu pai voltar ao que estava fazendo. Diferente de conversar com Alexia, tinha medo de ser julgado por ele, ainda mais com a pergunta besta que tinha na ponta da língua.

— Quando soube que queria casar com a mãe? — Segurei a respiração, ainda mais quando ele soltou tudo e me olhou com um sorriso enorme. — Pareço uma criança, eu sei, mas tudo o que mexi essa semana está me deixando confuso e impulsivo.

— Então você sabe a resposta dessa pergunta, meu filho. Não precisa ter explicação

lógica, você precisa sentir. Só não faça nada por impulso ou para provar algo a ninguém. Sua mãe e a vó pressionam, mas com a intenção de você conseguir uma mulher fixa e não casar com menos de um ano de namoro. Ou mesmo já vir com uma criança.

Mordi a língua ao pensar em um filho, ainda mais nas vezes que fizemos sem proteção, que não foi apenas uma. Estava sendo descuidado e impulsivo, mas não queria provar nada para ninguém, apenas curtia o momento.

— Esse olhar... é o mesmo quando você fazia arte e não sabia como começar a contar — meu pai brincou e voltou a focar no seu trabalho.

— Dessa vez eu consigo limpar minha

própria bagunça, pai — falei orgulhoso, porque se tiver que colocar a carroça na frente dos bois, eu surtaria no primeiro momento, mas depois bateria no peito e assumiria o necessário. — Não sou filho de pai assustado.

— Está falando com Ricardo? — rebateu e voltei para a cozinha, onde as mulheres que faziam a diferença no meu dia trabalhavam em harmonia.

Até que não seria uma má ideia tornar esse almoço rotina.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Fred

Mais sério do que esperava, Aaron trabalhava com pulso firme como o seu pai de criação. Controlei meu jeito despojado, consegui quebrar o gelo em outros e no final do dia, tudo o que eu queria era deitar e dormir com uma certa corujinha atrevida.

Depois do almoço na casa dos meus pais, fomos para a casa dela. Fui apresentado formalmente para seu José e me sentindo em casa, ajudei Luana a limpar a casa.

Infelizmente, constatei que a garrafinha de água que o meu sogro levava para lá e para cá era vodca diluída com água. O cheiro estava suave, alguém tão focada em trabalhar como Luana não perceberia a situação.

Tentei iniciar uma conversa com ele quando minha mulher foi tomar banho, mas o homem conseguia desviar o assunto, ainda mais me ignorando. Ouvi-o resmungar algo como “playboy metido” e tentei não me ofender, uma vez que sua filha foi muito bem recebida pelos meus pais.

Como seu José estava em casa e ela não quis ir para a minha, acabamos dormindo sozinhos e hoje, depois do dia custoso que tive, precisava dela. Faria o que fosse necessário para convencê-la

a dormir comigo ou eu dormiria com ela na cama de solteiro do seu quarto.

Estacionei o carro perto do bar, tirei a jaqueta do terno e entrei procurando Luana. Minha corujinha estava atendendo os universitários na sinuca e para minha decepção, lá estava o babaca do Joilson, faltava babar ao encarar minha mulher.

Estava por um fio.

— Uma long neck — pedi ao dono do bar, que me ignorou. O cara ao meu lado pediu e o filho da puta atendeu.

Ah, dessa vez ele lembrou de mim, senão não faria essa putaria.

— Boa noite. O que vai querer? — Luana se aproximou e disfarçadamente, tocou minha mão

e apertou.

— Uma long neck.

— Nós não vamos servir nada para esse cara, Luana — Joilson falou com raiva e não me olhou. Percebi minha mulher ficar tensa e com um aceno afirmativo, dispensei-a.

— Vou só observar então — falei para provocar, o que foi o meu erro.

— Para olhar tem que pagar. — Joilson avançou em Luana que estava próxima pegando um copo, segurou seu cabelo e a exibiu como se fosse um objeto descartável. — Essa prostituta é cara, mas se pagar em dinheiro, você leva fácil.

Não gostava de lutar, para mim a violência era o último caso. Os olhos de Luana temiam por

ela e pelo o que faria, mas desta vez, iria longe demais.

Ergui do banco, esmurrei seu nariz e assim que o aperto do cabelo dela afrouxou, peguei-a e a acompanhei sair detrás do balcão.

— Filho da puta! — ele ia avançar nela assim que saísse detrás do balcão, mas consegui puxá-la para ficar atrás de mim e avancei com tudo o que tinha para cima dele.

— Isso é para você aprender a não tocar numa mulher, seu seboso!

Soquei umas três vezes antes dele cair e eu montar nele. As mãos de Luana tentaram me parar, mas desferi mais duas porradas antes de levantar, chutar sua barriga e sair com minha mulher. Todos

olhavam, mas ninguém fazia nada.

— Por que fez isso? — ela perguntou tremendo e sabia que sua vontade era de me bater. Olhei para os meus pulsos e os vi inchar, um baixo preço a se pagar para protegê-la.

Agora, o pior aconteceu. Antes de Leo concluir a transação, eu fodi com tudo, porque minha mulher não voltaria naquele lugar nunca mais.

— Entre no carro, Luana — pedi sentando no banco do motorista. Estava nervoso pelo meu impulso, pela situação e para tentar raciocinar rápido. Se o dono do bar tinha contatos, precisava desaparecer com ela e o pai o quanto antes.

Ela demorou para fazer, mas entrou aos

prantos.

— Nunca deveria ter deixado você entrar. Vão matar o meu irmão — ela choramingou e segui para a sua casa.

— Uma coisa de cada vez. Primeiro, vamos sair do radar, segundo...

— Eu não vou deixar meu pai! — falou alto e parei o carro na frente da casa ela.

— Em nenhum momento pensei em fazer isso. Eu fiz a merda, por pior que estava antes, vou resolver. Entre, coloque tudo numa mala e vamos...

— Mala? Você acha que alguém como eu, que não tem onde cair morta, tem uma mala? Como nunca percebi que éramos de mundos tão diferentes! — Ela saiu do carro e a segui para

dentro de casa. Seu José dormia no sofá, a garrafa de água no chão quase vazia denunciava o que o ajudou a fechar os olhos.

Estava tenso, a adrenalina corria solta e... só precisava que ela fosse embora comigo.

— Coloque as roupas em cima da cama e use o lençol como mala. Vamos para o Haras do meu tio, lá ninguém entra. — Fui para o quarto, Luana estava sentada na cama chorando.

— Meu irmão...

— Vamos, mulher! — exigi e finalmente levei as porradas que ela tentou evitar me dar. Abri seu guarda-roupas e joguei algumas mudas na cama enquanto era espancado.

— Eu te odeio!

— No momento, eu também, mas preciso fazer algo. Quer terminar o serviço aqui ou vai fazer a mala do seu pai? — falei alto e recebi um tapa na cara. Acho que nós dois precisávamos disso, ainda mais quando respiramos fundo e nos encaramos em busca de algum acordo.

— Vou proteger sua família como se fosse a minha, te prometo. O que aconteceu hoje poderia ter acontecido outro dia, quando não estaria por perto. E então?

Minha corujinha com os olhos cheios de lágrimas saiu do quarto. Observei suas ações e percebi que estava fazendo o mesmo com as roupas do pai.

Coloquei tudo o que tinha na cama, peguei

as pontas do lençol e fechei. Fui para o carro, abri o porta-malas e coloquei dentro. Luana veio logo em seguida com a segunda mala improvisada.

— Entre no carro, vou trazer seu pai.

Não respondeu, apenas obedeceu e isso me doeu. Deixei a porta do passageiro aberta, peguei seu pai nos ombros e o coloquei dentro do carro.

— Tem mais alguma coisa que você quer levar? — perguntei antes de sentar no banco do motorista.

— Vamos logo, Fred — pediu baixo e o fiz, porque cada minuto era valioso para nós.

Enquanto dirigia, liguei para o meu irmão e apoiei o celular no meu ombro.

— *Ainda não terminei de resolver, Fred.*

— Leo, soquei o dono do bar e estou levando Luana e o pai para o Haras. — Escutei-o xingar e respirei fundo. — Só garanta que Aparecido não sofra por conta disso e...

— *E limpe sua bagunça. Não dava para esperar só mais um dia, tinha que foder com tudo agora?*

— No dia que tiver uma mulher que você goste *pra* caralho e descobrir que algum babaca estava fazendo mal a ela, vai saber o que estou sentindo. — Parei no semáforo, olhei para Luana que estava de costas para mim praticamente. Olhei pelo retrovisor e o pai estava capotado no banco, dormindo.

— *Vou providenciar um atestado médico*

para Luana de sete dias e levarei para o mercado. Deixe os dois lá com os tios por enquanto, vou ter que partir para o plano B.

— Obrigado irmão, estou te devendo uma.

— *Saiba que cobrarei esse favor em outro momento.*

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Luana

Os donos do haras nos receberam como se fossemos da família. Tentei sorrir e ser agradecida, mas não conseguia, ainda mais quando colocamos meu pai numa cama e o tio de Fred falou:

— Coitado, olha o mal que o álcool faz. — Olhou para mim com carinho e apertou meu ombro. — Seu pai é um homem forte, amanhã, quando acordar, vou conversar com ele um pouco.

— Não se preocupe, nós cuidaremos dele — a tia falou e desatei a chorar. Ela me abraçou,

fez carinho e também um pouco de chá. Fred observou de longe, estava receoso de se aproximar, ainda mais quando sentei do lado oposto que ele estava da mesa da cozinha

Ele conversou com Leo sobre proteger meu irmão. Falou que gosta de mim *pra* caralho, por isso fez o que fez.

Queria ficar brava, dizer tudo o que estava entalado na minha garganta, mas meu coração não permitia, minha consciência zombava do tapa que lhe dei. Meu Deus, isso era muita humilhação, mesmo que ele merecesse.

— Vocês podem ficar no quarto do Guido, está tudo limpo lá.

— Obrigado tia e desculpe chegar nesse

horário — falou abraçando a doce mulher.

— Fico feliz que nos procurou, família sempre ajuda família.

Tomei meu chá e quando ficamos sozinhos, ele puxou a cadeira e sentou na minha frente. Estendeu os braços e com as palmas das mãos para cima, fez um convite para que o tocasse, mas não fiz.

— Desculpe — falou arrependido, seu olhar dizia que havia muita verdade nas suas palavras.

— Também me desculpe. — Soltei o ar e percebi o real poder do que estava dizendo, tanto para quem falava, quando para quem escutava. — Estou com medo de envolver sua família nos meus

problemas.

— Se isso acontecer, o culpado serei eu. — Ele balançou a mão. — Me desculpe.

Era momento de ceder, porque estava precisando de carinho. Perdi o chão sob meus pés, não saberia dizer o que fazer a partir de agora e tudo estava nas mãos dele.

Coloquei minhas mãos sobre a sua e ele apertou, trouxe para a sua boca e beijou dedo a dedo.

— Estou nas suas mãos, Fred. Perdida e sem direção, você tem o poder de me destruir.

— E também o de te levantar. — Ele se levantou e me ajudou a fazer o mesmo. Trouxe meu corpo mais próximo e abraçou. Inspirei seu cheiro e

tentei pensar como ele estava fazendo, senão, iria surtar. — Gosto muito de você, Luana, para brincar com sua vida. Quero te dar um pouco de paz.

Abracei forte, ergui minha cabeça e clamei por sua boca na minha. Ele, mais que depressa, me beijou e acalmou alguns temores.

Será que Fred realmente era o homem da minha vida?

Encerramos o beijo com um suspiro e escutei seu coração acelerado quando deixei minha cabeça deitar no seu peito.

— E agora?

— Meu irmão vai providenciar um atestado médico para você e entregará no mercado. Uma semana, esse é o prazo para ele resolver sua

vida.

— E você? Joilson marcou seu rosto, ele com certeza anotou a placa do seu carro.

— Quando ele descobrir de quem é, vai preferir continuar se escondendo, minha corujinha. — Beijou minha testa. — Vai ficar tudo bem, meus tios são gente boa.

— Meu pai é alcoólatra — falei com um nó na garganta e fui consolada com o esfregar de mãos nas costas.

— Já tinha percebido, só não sabia se você também o tinha ou quando deveria falar. — Olhei para ele, que sorria triste. — Aquela garrafinha nunca foi de água.

Novamente, alguém do meu lado se perdeu

no caminho da vida porque não dei a devida atenção. Os sinais estavam todos lá, as ações sem pensar, o jeito sonolento... Por que minha vida tinha que ser assim?

— Vamos para o quarto? Vou ficar com você até dormir.

— Toma banho comigo? — pedi, porque nesse momento, queria me sentir amada, amparada e especial. Ele iria embora depois que eu dormisse e amanhã, como ficaríamos? E se nessa uma semana ele percebesse que tudo foi apenas um ato de caridade e não amor?

Seguimos juntos para o quarto, ele trancou a porta e nos despimos com lentidão. Havia uma banheira pequena, Fred sentou na beirada e me

observou escovar os dentes. Estávamos nus e aos poucos, nossos corpos se acendiam com a necessidade de união.

Quando parei na sua frente, segurei seu membro e movimentei com precisão. Nada mais precisava de pressa, queria gravar esse momento eternamente na minha memória, ainda mais se ele fosse o último.

— Parece uma despedida e não é. — Fred acariciou meu corpo e esfregou meu clitóris. — Eu vou voltar.

Não respondi e inconsequente, sentei no seu colo, encaixei seu membro e afundei na sua masculinidade. Sentia-me completa e realizada, mesmo que minha vida estivesse o caos.

— Te adoro, minha corujinha — falou baixo, o olhar nublado pela luxúria aumentava meu tesão. Era uma pena que não estávamos na mesma página, porque depois de hoje, resolvi me jogar no amor.

Beijei sua boca enquanto suas mãos apertavam minha bunda, ajudando a movimentar para próximo e para longe. Ofegar foi inevitável e os gemidos baixos era um indicativo que estávamos próximo ao precipício do prazer.

Abracei seu pescoço e enquanto meu quadril continuou os movimentos até que gozasse, fechei os olhos e sussurrei perto do seu ouvido:

— Te amo Fred. — A intenção era que ele escutasse e ao mesmo tempo não o fizesse, porque

estava me entregando a ele, assinando um cheque em branco da minha vida e colocando-o em suas mãos. — Cuida de mim.

— Sempre — falou baixo gemendo e estocando uma última vez dentro de mim.

Estávamos sem camisinha, não foi a primeira vez e... só estava com o foda-se ligado acoplado ao amor que comecei a sentir por Fred, um homem improvável para se interessar por mim, mais ainda se apaixonar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Fred

Passei a semana sentindo que estava no caminho certo ao mesmo tempo que remava contra a maré. Aaron finalmente conversou com a mãe e quer, a todo custo, conhecer a irmã pessoalmente. Não contei o que aconteceu, falei que estava doente e quando melhorasse, providenciaria o encontro.

Parecia tudo bem, mas a falta de notícias de Leo mesclados com estar longe de Luana não me deixavam em paz. Ela não lia minhas mensagens, parecia ter deixado de lado o celular.

PERIGOSAS NACIONAIS

Falei com minha tia e ela parecia contente por ter companhia, que o pai de Luana estava ajudando com o trato dos cavalos e ela, ajudando-a na costura.

Também salientou que a minha namorada preferia se manter calada enquanto se fazia útil.

Por mim, voltava todo dia para o Haras, mas seria dar muita bandeira caso tivesse alguém me seguindo. Minha família poderia ser intocável, mas não Luana e seu pai, não ainda.

Alexia era a única que conseguia escutar, pelo menos por mensagem. A vontade de continuar fazendo loucuras era grande, mas já tinha feito merda no início da semana, não dava para fazer no final também.

PERIGOSAS ACHERON

Foi quando estava atendendo um cliente importante que Leo ligou e eu, entre fechar um negócio milionário e a vida da minha namorada, escolhi a segunda opção. Chamei Aaron, falei que tive notícias sobre Luana e ele assumiu meu posto.

— Me dê boas notícias, Leo.

— *Se você não se importar de ficar com um rombo na conta bancária, sim, temos boas notícias. O acerto foi feito, mas para isso, precisamos tirar Aparecido da prisão. Falei com o moleque, nem parece ter mais de vinte anos.*

— Você falou com o irmão de Luana?

— *Sim, precisava saber de toda a merda. Ele teve uma audiência agora a pouco e será liberado hoje. Vou acompanhar até uma casa*

segura, onde ficará até reencontrar com a irmã, ter uma nova identidade e sumir da cidade.

— Vai precisar de tudo isso? Como você faz?

— Menos pergunta e mais ação. Amanhã você já pode voltar com os dois para a casa, apesar que recomendaria sair do bairro. O dono do bar não está contente com o que aconteceu, por enquanto não fui atrás para resolver sobre esse rato.

— Droga. Assim não dá para deixar Luana sozinha.

— Coloca ela na sua casa, ué. Agora que não precisa mais trabalhar naquele bar, você a leva e busca no mercado, é uma rota segura.

Sorri para os cenários que surgiram na minha mente, até que não seria uma má ideia e com seu José adaptado no Haras, acho que seria muito melhor estar lá do que ficar sozinho em casa.

— Será que a mãe vai surtar quando eu disser que estou morando junto com Luana? — falei com humor.

— *Surtar eu não sei, mas que te obrigará a comprar um anel de compromisso e noivar, com certeza.* — Riu e bufou. — *Me dê um tempo para resolver com o bebum do bar, estou há muito tempo nessa missão, preciso de um descanso.*

— Pode me mandar a conta, sei que além da dívida, você usou recurso da empresa.

— *Vou te passar apenas a dívida, o resto é*

ônus e bônus de ser irmão. Lembre-se do que fiz, um dia vou precisar.

— Diz isso como se já soubesse o que vai pedir. O que está aprontando, Leonides?

— *Sei de nada, trouxa. Tchau.*

Encerrei a ligação e fui atrás de Aaron. O valor da dívida de Aparecido era maior do que daria conta, por isso compartilharia com meu cunhado.

***

Depois do que para mim pareceu uma eternidade, fui até o Haras no meu horário de almoço, sem avisar ninguém. Tentei não fazer muito barulho quando estacionei o carro, entrei na casa e procurei por ela.

— Luana está lá no fundo colhendo os ovos para o bolo que farei à tarde. Parece até que adivinhei — minha tia falou quando entrei na cozinha, beijei seu rosto e olhei para a porta, esperando por ela.

— Ela não respondeu minhas mensagens. Como ela está, tia, de verdade?

— Parece que está de luto, meu filho. Pouco conversa com o pai, comigo e o seu tio. Se ocupou das costuras comigo e vai dormir cedo.

— Ela é mais feliz que isso, tia. Será que estou fazendo algo de errado? — perguntei preocupado e ela sorriu carinhosa.

— Está seguindo seu coração? — ela perguntou baixo e virei meu rosto para ver Luana

se aproximar com uma cesta de vime nas mãos. Parecia cautelosa, por isso me aproximei antes dela chegar na cozinha, coloquei a cesta em cima da mesa e a tomei nos meus braços para beijar como se não houvesse amanhã.

Céus, que saudades!

Ela retribuiu com igual disposição e começou a rir de alívio.

— Oi, minha corujinha. Precisando de um celular novo? — perguntei suave, mas com intenção de cobrança.

— Só não queria ter migalhas antes de saber se você voltava mesmo — falou passando a mão no meu rosto. — Oi.

— Oi. Assunto resolvido com seu irmão

mais novo, você e seu pai poderiam voltar para casa, mas ainda temos o Joilson.

— Como assim resolvido? Onde conseguiram dinheiro? O quê...

— A única coisa que você precisa se preocupar é: quase acabou. Se quiser voltar para a cidade, você pode ficar na minha casa.

— Meu Deus, cadê o celular, vou gravar e mandar para a sua mãe. — Minha tia enxugou as mãos e começou a procurar nos bolsos. Olhei para uma Luana envergonhada e revirei os olhos.

— Sem exageros, tia. Guarde todo esse arsenal para Guido. — Peguei a cesta de vime, levei para a pia, sentei numa cadeira e trouxe Luana para o meu colo.

Não tive tempo de protestar, ainda mais porque estava olhando para o perfil de Luana, que sorria com timidez. Minha tia tirou uma foto e gemi tanto pela vergonha que me faria passar quanto pela *zoação* que teria que aguentar na próxima reunião de família.

— Não acredito — resmunguei.

— Preciso estimular meu filho a fazer o mesmo. Já imagino ele com uma moça boa de cozinha, que cuidará dele como eu cuidei...

— Mais fácil pagar uma faxineira, tia. Dará menos dor de cabeça. — Levei uma cotovelada de Luana e ri baixo. — Manda essa foto para mim também.

— Então, vocês vão morar juntos?

— Sim.

Fazendo o almoço ao mesmo tempo que preparava o bolo, a mãe de Guido era a típica esposa do lar, o que não era ruim, porque você não a via triste. Levei outro cutucão de Luana e a encarei sem entender.

— Você, por um acaso, perguntou se quero morar com você? Mesmo que seja provisório, é muito precipitado...

— E romântico. Já vejo vocês contando essa história para os seus filhos e netos.

— Bem, chega de açúcar para mim hoje, só queria trazer notícias e avisar que de noite venho buscar vocês. — Levantei e fiquei de frente para minha mulher.

— Acho que meu pai ficará, Fred. Está sendo bom para ele e... — Ela olhou para minha tia, que acenou afirmativo.

— Sim, sim, sim, deixe-o aqui, os peões o adoraram. Aqui ele terá muito carinho e trabalho, melhor remédio para qualquer mal do coração.

— Então venho te buscar, minha corujinha — falei baixo, tomei seu rosto com as minhas mãos e a beijei escutando o barulho da câmera do celular. — Pelo amor de Deus! — falei indignado para minha tia, que ria como se tivesse ganhado na loteria.

— Mandei a foto para você também, depois me agradeça. — Beijei seu rosto, deixei mais um beijo em Luana e voltei para o trabalho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Hoje à noite aproveitaria minha mulher, amanhã revelaria mais uma parte das ações que eu fiz. Por ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Fred

Parecia um desesperado por sexo. Como se dependesse disso para acordar, fui me esfregando em Luana e ela em mim que nos enrolamos nos lençóis e fomos parar no banho. Avisei que hoje a levaria para meu serviço, apenas por precaução e ela não relutou, nem desconfiava que conhecerá o irmão mais velho.

Bem alocada na minha casa, ocupando metade do meu guarda-roupa, parecia que essa mulher pertencia a esse lugar. Se estava com medo

de um relacionamento ontem, hoje nem saberia dizer de onde veio isso de tão confortável que estava.

Havíamos conversado pouco, mas entramos em um acordo sobre ela fazer a compra do mercado uma vez por mês. Para mim, tudo bem, até porque, isso indicava que ela não tinha intensão de voltar para a sua casa.

Era o provedor, aquele que protegia a minha mulher e tinha as melhores noites de sono. Não poderia me esquecer dos cafés da manhã maravilhosos. Foram com esses pensamentos que nos aprontamos, seguimos para o carro e guiei até meu emprego novo.

Assim que entrei na Concessionária,

Aaron me viu com Luana e já indicou o escritório para entrarmos.

— Ele é seu chefe? — ela perguntou baixo e apenas acenei. Queria contar a verdade, mas não seria pela minha boca.

Entramos no escritório e Aaron parecia emocionado ao lado do seu pai de criação, o dono da Concessionária.

— Oi Luana, estou feliz em te conhecer.

— Ah, oi... — ela falou envergonhada, estendeu a mão e foi puxada para um abraço.

— Estou parecendo um menino, mas é que sempre quis ter irmãos e agora tenho dois.

— Como é que é? — Luana tentou se afastar e percebi meu erro, havia esquecido de

comentar com Aaron que ainda não tinha contado nada a ela. — Fred? — Ela olhou para mim e deu um passo para trás.

— Quando fui atrás para resolver o problema do seu irmão e o pagamento da dívida dele, descobri que seu José tinha mais um filho nesse mundo, que por coincidência, era uma das pessoas que eu faria entrevista de emprego.

Corri para segurá-la, porque suas pernas fraquejaram e seu rosto perdeu a cor, sua pressão tinha despencado. Ajudei-a sentar e ajoelhei na sua frente.

Um copo de água apareceu na sua frente, ela bebeu tudo e suspirou olhando para mim.

— Como assim tenho um irmão? Por que

foi mexer onde não foi chamado? — Ela segurou no colarinho do meu terno e apertou. — Por que está me dando o céu e o inferno cada vez que estamos juntos?

— José Aparecido — Aaron começou a falar e o encaramos para continuar —, nosso pai tinha duas mulheres quando jovem. Quando descobriu que minha mãe estava grávida, a família dele a rejeitou e ele fez o mesmo. Ele se casou com sua mãe e antes da sua mãe ficar grávida, ele tentou pedir desculpas para a minha mãe, que na época não aceitou, só o considerou morto. — Sentei na poltrona ao lado de Luana e segurei sua mão, que apertava a minha com força.

— Meu pai tinha duas mulheres?

— Eles eram jovens e minha mãe, ao saber de você, se emocionou. Palavras dela, sabendo que você existe e precisa de nossa ajuda como um dia ela precisou, é uma forma de mudar o que foi dolorido no passado. Ela quer te conhecer.

— E quem é você? — Luana perguntou para o senhor mais ao fundo, que só observava.

— Sou pai de Aaron, de coração. Meu nome pode não estar na certidão de nascimento, mas não diminui o que somos.

Os lábios de Luana curvaram para baixo, sua cabeça parecia agitada, como se um carro corresse um milhão de quilômetros por segundo.

— Você também ajudou Fred com... com a dívida do Cido, meu irmão? — perguntou com voz

trêmula.

— Sim, eu e Fred fizemos. Foi um choque saber que vocês existiam, mas depois de um tempo a gente acostuma.

— Quanto tempo você sabe disso, Fred? — ela questionou com acusação para mim e implorei:

— Corujinha...

Previa merda e aconteceu.

Ela se levantou, acenou para que não nos aproximássemos e deixei. Luana precisava de um tempo tanto quanto Aaron precisou. A Concessionária era grande, daria para caminhar e refletir antes de voltar.

— Que história, cara. No dia que

quiserem, seu José ficou no Haras, está trabalhando com meus tios. Venham falar com ele.

— Sim, eu gostaria muito — Aaron falou e olhou para o pai, que sorriu acenando afirmativo.

— Bem, vou pegar Luana e levar para casa antes de voltar para trabalhar...

— Tire o dia de folga, é sexta-feira mesmo. Segunda-feira retornamos, vai dar tudo certo.

Saí da sala confiante por ter recebido essas palavras, mas cada vez que andava pela Concessionária e não parecia nem ter sinal de Luana, percebi que era uma doce ilusão.

— Viu a mulher que entrou comigo? — perguntei para a recepcionista, que me entregou um

celular e xinguei ao perceber que era de Luana.

— Ela estava chorando, deixou o aparelho cair e saiu sem que eu pudesse oferecer uma água.

— E você não a impediu? — perguntei indignado.

— Você não mexe com uma mulher de TPM, tenho certeza que era isso.

— TPM é o caralho. Porra! — esbravejei me afastando correndo para as ruas.

Nenhum sinal da minha mulher. Enquanto Joilson não fosse contido, não era seguro para ela andar sozinha na cidade.

Um pressentimento ruim tomou conta de mim, andei até meu carro e saí pelas ruas, sem saber para onde ir. Liguei para Leo e implorei por

ajuda em seu descanso.

— Irmão, preciso de você. Te deverei minha alma, mas ache minha mulher antes do dono do bar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 37

Luana

Uma parte de mim parecia destruída. Se passei alguns dias me sentindo de luto no Haras, agora, tinha certeza que existia algo para se lamentar a morte e era a admiração que tinha do meu pai.

Por que ele fez isso? Eu tinha um irmão mais velho!

Se eu me achava fora de lugar, agora tinha certeza.

Caminhei até o ponto de ônibus e entrei no

primeiro que parou. Estava sem bolsa, tinha vindo apenas com meus documentos no bolso da calça, porque confiava tanto em Fred, o amava, e ele me escondia algo tão grandioso como isso. Não encontrei meu celular, ele deveria ter caído em algum lugar.

Como conseguiria enxergar sua proteção e cuidado sem pensar que estava me invadindo? Tudo bem, a partir do momento que o aceitei na minha vida e ele veio arrumar o chuveiro de casa, sabia que ele não perguntava, apenas fazia. Era o melhor para mim? Só eu saberia responder...

Às vezes, as situações mais certas logicamente eram as piores para aquelas pessoas que se deixavam guiar pelo coração. Por que doida

tanto ser a última a saber?

Meu irmão ajudou a pagar, ou seja, Fred também o fez. Não saberia dizer se eu valia a pena para gastar tanto dinheiro. Lembro do dia que um rapaz apareceu em casa e tentou me obrigar a sair a força para pagar uma dívida de Cido. Disse que era forte e que trabalharia, implorei pela minha vida e do meu pai que faria tudo para cumprir a pena que fosse, mas com o suor do meu trabalho, não de uma obrigação que não tinha.

Como consegui tocar o coração do rapaz, não sabia, mas depois dos primeiros dias de trabalho percebi o quanto era trocar seis por meia dúzia. Quantas mulheres, para proteger pai e irmão, se entregaram para desconhecidos? Não queria

fazer parte dessa estatística, mas depois de um ano servindo de corrimão para Joilson, sabia que me sentiria assim.

Mas foram apenas poucos meses, Fred conseguiu me tirar de lá e não sentia falta, só estava preocupada com meu irmão.

Céus, tinha um irmão mais velho e outro mais novo. Isso deveria ser bom, mas por que estou tão decepcionada?

Coincidência ou não, o ônibus que peguei parou no ponto final do meu bairro. Como deixamos a casa aberta da última vez que saímos, segui até ela, entrei e lá estava, do jeito que deixamos.

Agachei no chão da sala e chorei pela

minha mãe, pelas omissões e pelo meu pai. Quis compreender o motivo dele ter sido assim, mas lembrei de uma fala de Fred, sobre não poder mudar o passado, mas a partir desse momento para frente.

Será que só bastava aceitar meu pai como era, para parar de doer?

Tão absorta no meu sofrimento, não percebi alguém entrar até que meu cabelo foi puxado e caí do chão.

— Sua vagabunda, você me pertence e só vai sair das minhas mãos quando pagarem o seu valor. — Gritei e levei um tapa forte na cara. — Cala a tua boca e vamos andando, estava esperando o momento que você voltasse para dar um tiro na

cabeça daquele playboy.

Ele me ergueu com força, caminhei curvada para trás e saí de casa descabelada e com lágrimas nos olhos. Joilson apontou uma arma para as minhas costas e me obrigou a caminhar normal até o bar.

Com minha vida em risco, percebi que o medo nublou meus verdadeiros sentimentos, o amor que sentia pela minha família e por Fred. O homem tinha entrado na minha vida como se fosse para uma guerra, assustada demais, tentei me afastar, mas ele era muito mais persistente que eu.

Chegamos perto do bar, que estava fechado e entramos pela porta existente entre as grades. Realmente combinava, esse lugar era uma

prisão.

Sabia que poderia ter minha vida mudada a partir desse momento e que as atrocidades que ele planejava acabaria com a minha sanidade. Comecei a orar e quando fui empurrada para dentro do depósito de frios, onde a temperatura estava abaixo do que normalmente estamos acostumados, só pensei em Fred e no quanto ele aqueceu meu coração nesses últimos dias.

— Não faça barulho, eu juro que te dou um tiro antes de pedir a recompensa.

Ele fechou a porta e me encolhi por causa do frio. Por mais que estava de luto por conta da mudança radical da minha vida, eu queria, pela última vez, dizer que amo a minha família, ela

sendo desajustada do jeito que era.

Fred

A próxima vez iria comprar um GPS e grudar na pele dessa mulher. Desesperado não descrevia nem metade do que estava sentido. Precisei ir até a academia de Bastien para saber quem mais poderia me acompanhar nessa busca, porque Leo estava me ajudando por outros meios.

— Velho, pensa com racionalidade, você já foi nos lugares que vocês frequentaram juntos? — um homem sério se aproximou de mim e meu primo como se soubesse todas as perguntas e respostas.

— Se já não tivesse ido, não estaria assim,

porra — rebati e fui acalmado com tapas no ombro.

— Foi no café, nos arredores da Concessionária, na sua casa... — Bastien falou.

— Ela mora com você ou outra casa? — o homem insistiu. — No trabalho?

— Ela não teria ido para o bar — resmunguei e gemi por ser tão relapso ao ponto de não pensar direito quando chegava nesse estado emocional. — Porra, ela teria ido na casa dela!

— Vamos lá, sou policial, posso dar apoio se precisar — o homem se ofereceu e seguimos juntos no meu carro. Percebi que ele estava de posse de uma arma e lidando com a minha mulher e sua família, previ que talvez precisasse de uma.

Só por precaução.

Passamos na frente do bar e não havia nada, depois na casa dela e a porta estava aberta. Entrei correndo, procurei em todos os cantos, mas não havia nenhum sinal dela. Todavia, sentia que ela esteve aqui.

— Cara, o dono do bar a pegou — falei chateado na sala da casa de Luana com os dois homens como apoio.

— Vamos lá, ele vai ter que abrir para nós — Bastien sugeriu.

— Ou vigiamos, não dá para abordar um civil dessa forma sem levar represálias.

— Enquanto vigiamos, sabe-se lá o que esse imbecil está fazendo com a minha mulher. Ele se esfregava nela de propósito! — falei alterado e o

policial não pensou duas vezes, saiu para a rua. Eu e meu primo o seguimos.

Não havia entrada lateral e dos fundos, para conseguir algo, precisaria entrar em uma das casas ao lado. Estávamos na esquina cogitando subir no telhado quando o arrogante do Joilson saiu e acendeu um cigarro.

— É ele! — falei alto e corri em sua direção. Ele foi mais rápido, largou o cigarro e entrou para dentro com pressa. Bati na porta da grade e fiz barulho. — Abre essa porta, porra!

— Calma *véio* — Bastien tentou me controlar.

— ABRE ESSA PORTA OU COLOCO FOGO AQUI!

— E vai matar sua namoradinha, playboy — o homem gritou do lado de dentro e meu sangue ferveu.

— O que você quer? — o policial pediu colocando um dedo na boca para pedir silêncio.

— Dinheiro, *mermão*. Traga um milhão até o fim do dia ou entrego a vagabunda pela metade — falou rindo e os dois me afastaram de perto. Ela estava ali, precisava salvá-la.

Escutei um grito de mulher, me soltei para bater naquela grade.

— SEU FILHO DA PUTA! LUANA!

Enquanto machucava minhas mãos de tanto bater, o policial acionou seu batalhão e em menos de cinco minutos havia viaturas pelas

quadras. Bastien, com toda a sua força, conseguiu me tirar de perto e que deixasse a polícia assumir a ocorrência.

Fingi me acalmar, porque apenas agachei e me preparei para correr assim que eu visse minha mulher. Nada de mal seria feito a ela, justo agora que a encontrei e sua vida estava quase alinhada com a minha.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 38

Fred

Quando Joilson descobriu que a polícia estava envolvida, deu um tiro. Minhas pernas amoleceram e não consegui mais ficar agachado, sentei no chão e fiz todas as promessas possíveis e inimagináveis para que esse tiro não acertasse ela.

A porta de metal foi arrombada e quando vi uma mulher saindo carregada por um policial, tentei me levantar, arranjar forças para saber a verdade, precisava confirmar que ela não tinha ido.

Parecia que o mundo tinha perdido o som,

um silêncio mortal tinha tomado conta e meu olhar não conseguia focar.

— Vem, cara, Luana está chamando por você — Bastien me trouxe para a realidade, minhas forças foram recobradas e corri em direção a minha mulher, que estava sendo colocada deitada em uma maca.

— Luana! — Passei a mão no seu rosto e fui procurar algum ferimento em seu corpo. Havia vermelhidão na bochecha e testa, algo me dizia que ele bateu nela. — Você está bem? Pelo amor de Deus, diga que está bem.

— Ele me bateu e se matou. Jurava que tinha sido na minha cabeça — ela falou rindo e chorando. — Eu estou viva, obrigada, Fred, eu te

amo.

Os paramédicos a colocaram na ambulância e quase não conseguiram me separar porque não a queria longe de mim. Se fosse o caso, eu andaria amarrado com ela. O hospital nos foi indicado, não havia nada que eles pudessem fazer.

Foi Bastien que me levou até o carro, mas não sem antes agradecer o apoio do policial que nos ajudou. Meu primo guiou e no caminho, liguei para Aaron e também para Leo, ambos estavam se deslocando até o hospital, preocupados.

Chegamos no local e demoraram muito para nos direcionar onde Luana estava. Aaron chegou com sua mãe. Depois veio Leo, que com seus contatos, finalmente descobriu onde minha

mulher estava.

— Está com fome? — a mãe de Aaron perguntou e então percebi que já havia passado o horário do almoço e nem percebi.

— Preciso ver Luana, depois penso nisso — respondi tentando não ser estúpido.

— Ela está terminando de ser consultada por um médico. Não foi nada grave, já foi medicada e terá alta, por isso não podemos entrar. — Leo apareceu e apertou meu ombro. — Você até parece um leão enjaulado, calma cara, ela está bem.

— Me deixa — falei me afastando, a sala de espera está ficando cheia e minha respiração parecia presa nos pulmões.

Se omitir algo dela, para tentar fazer o

certo deu tudo isso, nunca mais esconderia nada. Pelo amor de Deus, nunca orei tanto na minha vida. Seria parte da profecia jogada em mim pela minha mãe? Sim, eu faria tudo por ela!

Quando escutei um suspiro, olhei para a porta e percebi que era Luana se aproximando em uma cadeira de rodas. Passei na frente de todos e a abracei, ter seus braços em volta do meu corpo era o bálsamo que precisava para me acalmar.

— Estou bem, é apenas protocolo do hospital. — Ela me afastou, se levantou e a segurei pela cintura. Seu olhar cansado fazia meu coração doer.

— Oi Luana, desculpe nos conhecer nesse momento, mas é que fiquei realmente preocupada.

— A mãe de Aaron se aproximou junto dele. — Sou Camila, mãe do Aaron.

— Ah, oi. — Ela se soltou de mim e deu um forte abraço. Diferente do que imaginava e o que aconteceu hoje de manhã, ela foi bem receptiva. — Obrigada por virem, eu estou bem. — Agora foi a vez de Aaron receber o abraço e percebi que os dois ficaram emocionados. — Desculpe qualquer coisa, só preciso descansar um pouco.

— Claro, filha, haverá muitos momentos para estarmos juntos. — Elas apertaram as mãos, voltei a enlaçá-la pela cintura e se despediram.

— Que susto, cunhada — Leo falou e seguimos para fora do hospital.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aqui tem fortes emoções — Bastien falou divertido. — Eu dirijo, cara.

— Obrigada por me ajudarem. Prazer em conhece-lo, Leo. Estar sob a mira de uma arma não é fácil, te faz repensar as batalhas que você quer lutar nessa vida.

— Que eu continue no páreo — falei pegando-a no colo quando chegamos no estacionamento. Ela suspirou e encostou a cabeça no meu ombro.

— Ele parecia até touro bravo querendo invadir o bar. Fred merece perdão — Bastien falou.

— Não há nada que se desculpar, está tudo bem como está agora, só preciso dormir um pouco e relaxar a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só para avisar, domingo tem almoço no Haras.

— Nós não vamos! — falei ao mesmo tempo que Luana falou:

— Nós estaremos lá.

— Corujinha, você precisa descansar — falei baixo e precisei rir das gargalhadas que meu primo e irmão deram. Foda-se, era minha corujinha.

— Preciso estar ao lado das pessoas que me amam. Se hoje for meu último dia, que seja o melhor de todos.

Chegamos no carro e Leo, controlando o riso, entrou em seu campo de visão.

— A cabeça está ruim, mas e o coração?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai melhorar. Por quê? — questionou Luana.

— Tem alguém que precisa se despedir, porque vai recomeçar.

Um homem muito parecido com Luana saiu do carro próximo a nós. Ela se mexe no meu colo, coloquei-a no chão e ela o abraçou.

— Cido, meu Deus, você está bem!

— O irmão — falei baixo para meu primo.

— Os melhores parentes sempre começam com cu — Bastien falou baixo e foi para o banco do motorista.

— Estou seguindo vocês, conversem no carro — Leo acenou e se afastou, abri a porta de trás para os dois e sentei no banco da frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda não era hora de estar com minha mulher, cuidar e expor tudo o que sentia por ela. Da mesma forma que ela percebeu que se fosse o último dia de sua vida, queria estar com a família, eu também queria, principalmente ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 39

Fred

Os irmãos se reconciliaram e fizeram as pazes dentro do carro. Não que estivessem de mal um do outro, mas havia muita culpa na relação deles e com uma pequena conversa, foi possível esclarecer grande parte.

Ele sabia sobre o pai ter outro filho e quando estivesse com a vida feita, tentaria voltar para mostrar que era uma pessoa melhor.

O carro foi estacionado e todos saímos de dentro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me esqueça, mana.

— Você nunca deixará de ser meu irmão mais novo, estando ao meu lado ou não. Você precisa perdoar o nosso pai.

— Vou tentar... só não hoje. — Eles se abraçaram. Estávamos do lado de fora da minha casa.

— Te amo, seja feliz.

Eles se despediram e Leo o levou para sei lá aonde. Essa era a parte que não perguntava para o meu irmão, apenas aceitava que era assim.

— Pode ficar tranquilo, eu me viro para chegar em casa. Melhoras Luana. Até domingo. — Bastien se despediu no momento oportuno, entramos em casa e fomos direto para a cama.

PERIGOSAS ACHERON

— Quer água? Vou ligar o ar condicionado. Está com fome?

— Eu estou bem, Fred, não se preocupe. Você precisa almoçar e eu, tirar esse cheiro de hospital e dormir. Chega de movimentação na minha vida, só quero ficar em paz.

Ela estava tirando sua roupa quando me aproximei, beijei seus hematomas no rosto e depois sua boca. Foi suave, atencioso e queria dizer muito mais do que as palavras que iria falar agora:

— Acho que nunca disse isso para ninguém antes, mas sim, eu te amo também.

Foi a vez dela ficar em silêncio, tocar meu rosto e suspirar.

Sim, estávamos cansados, precisávamos

espairecer e deixar a conversa para outro dia. Mas, que não receber as palavras de volta era uma merda, isso era. Agora imaginei a insegurança que ela ficou quando se declarou e não retribuí de mesmo tamanho.

Enquanto ela tomava banho esquentei uma lasanha de micro-ondas. Quando a escutei deitar na cama, comi em silêncio e em dúvida se deveria deixá-la sozinha ou a acompanhava.

Não era nem 18 horas, mas o dia parecia ter passado mais de 24 horas.

— Fred, você vem? — ela pediu e precisei rir para a minha dúvida. Ela estava na minha cama, fazia minha casa a dela, era claro que estávamos bem, na medida do possível.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já vou, corujinha — respondi com seu apelido, porque sabia o quanto ela gostava.

Praticamente engoli o restante da comida, tomei um banho rápido e me acomodei às suas costas. Ela vestia uma camiseta minha, que apesar de grande, ainda deixava sua bunda com calcinha a vista.

— Tive muito medo — ela falou baixo acariciando meu braço.

— Eu surtei — confessei e rimos.

— Já percebi que quando algo foge do seu controle, parece que você esquece tudo, só atropela.

— Era você em jogo, só não derrubaria meus pais para chegar no meu objetivo. — Beijei seu ombro e depois sua cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Você entrou na minha vida e não só a bagunçou por completa, mas deu uma nova perspectiva. Céus, vi meu irmão, não sei por quanto tempo deverei o mundo para você.

— Contanto que continue ao meu lado, enquanto for bom para nós, a dívida está paga. Não falo que faria isso para qualquer um, mas até eu achar outra pessoa como você...

— Outra? Você acha que não daremos certo? — Ela parou o carinho no meu braço e me aconcheguei mais no seu corpo, o que a fez gemer.

— Droga, desculpa, te machuquei?

— Está tudo bem e...

— Não, minha corujinha, só existe uma mulher na minha vida que mexeu comigo desse

jeito e não pretendo encontrar outra porque estou muito bem, obrigado, com você. O que fiz, até então não sabia, foi por amor. Eu te amo, com toda a loucura que está sendo o começo do nosso relacionamento.

— Também te amo, muito. Nunca me aproximaria de alguém para resolver minha vida, eu só...

— Só precisava de um louco intrometido para realizar seus desejos mais secretos. No final das contas, eu fiz exatamente o que meus parentes fazem comigo, me intrometi sem ser convidado formalmente. — Esfreguei meu quadril em sua bunda e parei quando comecei a me animar e ela também. — Tem alguma restrição?

— Não, mas hoje estou cansada...

— Só perguntei por perguntar. Sou curioso, mulher. Agora durma. — Não resisti a brincadeira.

Ela suspirou e poucos segundos depois, já dormia pesadamente. Demorei para fechar os olhos, até então eu parecia em ação, a adrenalina ainda corria em minhas veias.

Enquanto pensava em nós e nos planos que poderíamos fazer juntos, como viajar, ela tirar carteira de motorista se não tiver, comprar um carro, terminar a faculdade, minha mente finalmente se acalmou e conseguiu colocar meu coração eufórico para dormir.

Ela também me amava.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 40

Fred

Pensando no bem-estar da minha garota, a família adiou o evento do final de semana para o outro. Ninguém queria forçar sua ida, ainda mais debilitada emocionalmente. Para conhecê-la, eles a queriam recuperada e de bom humor, como sempre.

Passamos o final de semana em casa, por várias vezes tive que dissuadir minha mãe de aparecer, porque queria dar apoio a sua nora. Nesse momento, a única coisa que Luana precisava era de paz e carinho, que não medi em nenhum momento.

Repetimos a dose de assistir filme, no sofá, quase nus. Dessa vez, o déjà vu foi mais do que um presente para meu coração apaixonado.

A volta a rotina veio com um sabor diferente. Ter alguém por perto era como se estivesse num final de semana como também em dia da semana. Luana conheceu a senhora que fazia faxina em casa e se deram bem.

Mesmo implorando para que continuasse na cama, minha mulher foi trabalhar, porque não estava com a vida ganha como a minha. Nenhum de nós estava nessa situação, isso era fato, mas que o caminho para vencer estava bom, não poderia negar.

Aaron queria um encontro com sua irmã,

sua mãe nos convidou para um jantar na sua casa, em plena quarta-feira, ao mesmo tempo que recebi uma mensagem de Luana lembrando que gostaria de falar com o pai, que estava trabalhando no Haras. Tudo parecia que estava caminhando para o acerto de contas, os próximos passos seriam reaver a faculdade e quem sabe, mudar de emprego.

Se estava exagerando no planejamento? Só estava seguindo minha intuição, mesmo que ainda não tinha exposto tudo a ela.

Ela voltava para casa antes de mim, por isso, em um dos dias, no horário do almoço, fui no shopping e comprei rosas, alguns livros de romance indicado pela vendedora, um ursinho de pelúcia em forma de coruja e chocolates. Deixei tudo em cima

da cama com um bilhete de que iríamos jantar com Aaron e sua mãe, se ela quisesse, para ficar pronta assim que eu chegasse do meu expediente.

Passei a tarde imaginando mil e um cenários para sua chegada em casa, olhei para o celular várias vezes antes de ir embora. Tive que controlar meu impulso de ligar e saber sua opinião, até porque, tinha confirmado nossa ida mesmo sem ela me dizendo sim.

Quando cheguei em casa, assustei ao ouvir um choro baixo. Sentada na cama, já vestida para sairmos, Luana chorava segurando o livro e abraçada ao ursinho de pelúcia de coruja.

— O que foi? — perguntei assustado, aproximei com cautela e para responder, ela

precisou respirar fundo várias vezes:

— Coitada dessa mulher. Tendo que viver sozinha com um filho, porque o marido praticamente a expulsou de sua vida. — Soluçou e fechou o livro, me fazendo entender que a explicação tinha a ver com a história do livro. Irmandade Horus: Vicenzo era o nome. — Nem emprego fixo ela tinha, deveria ser crime abandonar uma grávida ou uma mãe.

Comecei a rir, sentei ao seu lado e a abracei.

— Posso considerar que você gostou do livro?

— Não só dele, como da coruja e o convite para ir na casa da mãe do meu irmão. Me sinto

carente demais, não quero desperdiçar nenhum momento longe da família que nunca achei que poderia ter. Obrigada, eu amei tudo.

— Vamos ver se você vai continuar com a mesma opinião quando conhecer a minha família. — Beijei sua testa, suas lágrimas, a boca e me afastei. — Vou tomar um banho para irmos.

— Tenho medo da sua família — falou deitando na cama e colocando as mãos na barriga e esse ato me chamou atenção, sem exatamente processar o real motivo.

— Eu te protejo, ou melhor, não se preocupe, é mais fácil dona Bety te proteger do que a mim. Vai dar tudo certo, um passo de cada vez. — Comecei a tirar minha roupa.

— Se eu estiver sendo muito invasiva ou folgada, você me avisa, Fred? — Virou de lado e colocou as mãos debaixo do rosto. — Realmente estou me sentindo em casa aqui, nem pensei sobre o que fazer com a outra casa.

— Você não quer falar com seu pai? Veja com ele o que fazer, ainda mais se ele decidir ficar lá pelo Haras.

— Será que ele vai ficar por lá? O que sua tia diz?

— Que ele é muito calado, mas parece empenhado em fazer um bom trabalho com os peões.

Ela se levantou quando entrei no banheiro e com uma intimidade que nem sabia que tínhamos,

entrei debaixo do chuveiro enquanto ela ficou na porta me encarando.

— No final de semana eu vou fazer isso mesmo, conversar com meu pai, dar o fim naquela casa e começar uma nova etapa da minha vida. — Suspirou e colocou as mãos na cintura. — Estava pensando em fazer um curso de corte e costura, gostei de ajudar sua tia.

— Por que não voltar para a faculdade de Letras?

Percebi que ficou encabulada, que tinha vontade de continuar, mas algo a impedia.

— Vou te esperar lá na sala.

Terminei o banho rápido e fomos para a casa dos pais de Aaron em silêncio. Ela parecia

perdida em seus pensamentos e eu estava um tanto receoso para penetrar esse muro que ela tinha criado para darmos continuidade na conversa sobre seus estudos.

Parei o carro em frente a uma mansão e como minha mulher, tentei não ficar surpreso com o local onde eles moravam. Sempre fui confortável de dinheiro, mas não no nível que a família de Luana era.

— Só espero que a comida seja comum, não aguento comer aqueles pratos de passarinho — falei brincando enquanto esperávamos que o portão fosse aberto, do lado de fora, de pé.

— E ainda quero ver você elogiar e agradecer. Preciso causar uma boa impressão.

— Você, por si só, já é a melhor impressão. — Beijei seu rosto e o portão foi aberto nos mostrando os anfitriões.

— Bem-vinda, Luana e Fred. Aaron e Patrícia estão lá no fundo esperando por vocês — dona Camila nos cumprimentou junto de Pedro, seu marido e dono da empresa onde trabalhava. — Entrem!

Comum da minha profissão, conversei com todos como se fosse íntimo. Minha corujinha parecia o próprio animal, desconfiado e olhando tudo com curiosidade, mas tentava disfarçar muito bem. Ela acabou conversando mais com Patrícia e já se tratando como cunhadas, trocaram números de celular e se esconderam na cozinha com a dona da

casa, deixando os homens sozinhos.

— É impressão minha, ou as mulheres já estão se sentindo amigas de infância? — seu Pedro falou divertido para mim tomando um gole da sua água tônica. Ninguém estava bebendo álcool hoje.

— A minha mulher faz amizade com todos os atendentes. Não pode ir na drogaria que fica meia hora conversando. Sou sociável, mas minha mulher ganha de todas.

— Isso é bom, vai preparando o terreno para quando ela conhecer a minha família. — Tomei um gole do meu refrigerante e vi os dois curiosos com o que falei. — Lidar com duas mulheres é fácil, quero ver lidar com cinco tias, dez primas, mais um par de agregadas, crianças... —

Bati no ombro do meu cunhado. — Já esteve em uma reunião de família dos Saad?

— Não. Vai me convidar? — questionou me encorajando.

— Esse final de semana será da Luana, o próximo vocês estão mais do que convocados.

Até eu mesmo estava me sentindo em casa com eles. No final das contas, o segredo de família não desuniu, apenas aumentou o amor e a união.

Estávamos no caminho certo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 41

Fred

No domingo...

— Nunca te vi assim, Luana. Está tudo bem, são apenas pessoas — falei tentando não rir. A mão dela estava fria e suada, suas pernas tremiam levemente e estávamos dentro do carro, parado na frente da porteira para participarmos da reunião de família.

— São sua família, quero dar uma boa impressão. Da última vez que estive aqui, era

praticamente uma foragida.

— Justamente por causa disso você precisa relaxar. Você já conhece meus tios, agora conhecerá minha avó e outros parentes.

— E se não gostarem de mim? E se...

Peguei seu rosto com minhas mãos, beijei seus lábios com a intenção de pará-la e suspirei.

— Você esteve com seu irmão, foi acolhida pela mãe dele como sendo filha também. Todos vão te amar, minha corujinha — falei unindo nossas testas e ela parecia aliviar.

— Acho que esse nervoso é sobre algo que ainda não falei para você — sussurrou.

— Seja o que for, estou aqui com você. — Olhei em seus olhos. — Quer me falar agora?

— Queria, mas não sai... — Ela colocou a mão na boca, beijei seus dedos e saí do carro para abrir a porteira antes que a obrigasse a jorrar tudo. Se tinha algo que me deixava angustiado é saber que existia algo que eu não saiba. Mas, por Luana e seu nervosismo, eu descontaria em duas cervejas e na carne, em casa, de noite, descobriríamos o que seria isso.

Voltei para o carro, atravessei, saí para fechar a porteira e depois segui até debaixo da mangueira. Segurei sua mão e apertei com carinho, ela parecia se acalmar, ainda mais quando minha mãe apareceu do lado dela do carro.

— Oi, querida! Que bom que você veio, Fred não me deixou visitar nem levar comida a

vocês essa semana.

— Sem exageros, mãe — pedi tentando tirar minha mulher dos braços da minha mãe, mas elas foram na frente.

Ainda bem que a sogra de Luana era gente boa.

Parente a parente fui cumprimentando e apresentando minha namorada. Simone e Miriam, claro, fizeram questão de fazer uma piada sem graça como eu sempre fazia com elas:

— Nossa, primo, finalmente achou alguém que te aguentasse. — Simone abraçou Luana e sussurrou algo que fizeram as duas rirem.

— O que foi? — quis saber e as duas deram de ombros.

— Vingança. — Miriam acenou com um sorriso amarelo.

— Suas primas são uns amores — minha namorada me abraçou de lado e finalmente chegamos na minha roda, perto da churrasqueira.

— Esses são Guido, filhos dos donos do Haras, Bastien e Leo.

— Olá, apesar de já conhecer dois de vocês.

Ela os cumprimentou e já foi puxada pelas minhas primas para ver o artesanato em couro que meu tio fazia, desde sela de cavalo a pulseira.

— Se está com ela aqui, então é oficial. Fred está fora da jogada — Guido falou tomando um gole de cerveja e meu irmão se afastou quando

fui tomar a sua e me trouxe uma.

— Sim e vou falar para vocês, está bom demais. Parece que é final de semana todo dia, mas com a diferença que tenho que trabalhar.

— Ou seja, está transando — Bastien falou baixo e bati na sua cabeça.

— Respeito com minha mulher, caralho! — Tentei soar divertido, mas fiquei ofendido. As brincadeiras de antes, agora, parecia ofensivas.

— Deixa o cuzão apaixonado de lado, ele e o Ricardo vão formar a dupla dos casados. — Leo agachou e a sua afilhada correu para o seu braço.

— Pois é, você fala tanto, mas treinamento para ser pai você já está executando — rebati e meu irmão apenas deu de ombros e seguiu para a baia

dos cavalos, as crianças adoravam vê-los.

— E aí, meu primo, gostei de ver. Agora só falta esses vagabundos — Ricardo se aproximou rindo e olhando-o com malícia, virei para os outros.

— Sim, está na hora de fazer esses mulherengos tomarem jeito. — Cutuquei Bastien, que brincou fazendo o sinal da cruz.

— Isso me lembra a piada para pular na piscina gelada, que está boa. — Guido olhou para cima e fez uma careta. — Com a vinda de Luana para o Haras, minha mãe agora só fala em você tomando jeito, que eu deveria fazer o mesmo.

— Está na hora de mudar esse quarteto de solteiros para quarteto de noivos. Até quando vocês acham que aguentarão ficar no fervo? — Ricardo

acenou para a filha, Leo estava voltando com ela.

— Só para constar, continuo no fervo, a diferença é que com minha mulher. — Olhei para os lados, para trás e não achei Luana. — Falando nisso, cadê ela?

— Ih, agora não sabe mais ficar longe da mulher, é um babão mesmo — Bastien bateu no meu ombro e me afastei a procura da minha corujinha. Não que me preocupasse com ela longe, estávamos no Haras com minha família, mas era sempre bom tê-la por perto.

— Ela foi falar com o pai, que não quis participar da reunião hoje — minha tia falou ao perceber que estava procurando alguém. — Seu José precisa de um tempo, ele vai se sentir incluído

quando for o momento.

— Vou lá, para caso ela precise de apoio.

— Faça isso, meu filho. Sua mãe está orgulhosa de você.

Procurei minha mãe, que acenou e me deu todo o incentivo que precisava para seguir. Sabia que a conversa com o pai não seria fácil e nervosa como estava, ela precisaria de um apoio depois, ou quem sabe, durante.

Nada me dava mais satisfação do que poder ser essa fortaleza para Luana e só então percebi o que meu pai sentia pela minha mãe... tudo isso era o amor em ação.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 42

Luana

— Pai? — Bati duas vezes na porta do seu quarto e abri. Ele estava sentado na cama, as pernas estendidas e sem camisa.

Era impressão minha ou ele tinha muitas cicatrizes e estava tão magro?

— Oh, minha filha, vou por uma camiseta. — Ele deixou uma revista de lado, se vestiu e entrei para cumprimentá-lo com um abraço. — Como você está?

— Estou bem, pai. — Ele olhou para o

meu rosto e percebeu o último hematoma desaparecendo perto do meu olho. — Não se preocupe...

— Sua mãe teria vergonha do homem que me tornei. Sinto muito por não poder dar mais para você e seu irmão.

Controlei as lágrimas, mas estava difícil, ainda mais na minha atual situação. Céus, queria dizer tudo ao mesmo tempo que morria de medo do que ele pensaria de mim. Apesar de ter cuidado dele por um tempo, eu ainda o via como meu pai, aquele que sempree cuidou dos filhos.

— Tenho certeza que você faria mais se pudesse.

Sentei na cama e ele ficou de pé na minha

frente.

— Dona Jú falou que você queria falar comigo, mas não quis ir na festa deles, não sou da família.

— Como está aqui? Pretende ficar permanente? — Tentei começar por outro ponto, já que o final da conversa seria essa, ele era sim da família e tinha que começar a se acostumar como eu.

— Vou ser sincero, não tem nada para mim nesse mundão. — Olhou para baixo com vergonha. — O dinheiro que ganhava com os bicos de pedreiro eu comprava bebida...

— Pai. — Não era uma repreensão, mas admiração por estar assumindo para mim. Ele

ergueu a cabeça para me encarar e deixei as lágrimas escorrerem finalmente, porque ambos estávamos dando grandes passos. — Conheci Aaron, meu irmão, seu filho mais velho.

Ele estendeu a mão, porque parecia que ia cair, ajudei-o a sentar ao meu lado e em silêncio, ele chorou. Fiz carinho em suas costas, porque soube uma parte da sua história pela Camila. A vida do meu pai nunca foi fácil, meus avós eram muito rígidos e fechados, nunca aceitaram a amizade do meu pai com a minha mãe, nem depois que ele apareceu com sua real namorada grávida em casa. Uma baita confusão sobre ter duas mulheres, a verdade era uma, ele só não tinha maturidade para reconhecer.

Só de pensar imagino no desespero dos três, meu pai foi obrigado a casar com a minha mãe e Camila, grávida, foi renegada. Quando ele deu por si, que estava deixando uma mulher e seu filho por conta de um capricho de meus avós, era tarde demais e com o tempo, meus pais construíram o amor acima da amizade que tinham.

Minha mãe sempre foi apaixonada pelo meu pai, mas no início do relacionamento deles, nunca houve a mesma reciprocidade. Lembrei até do momento em que disse que amava Fred e ele não me correspondeu, seria destino ou karma as mulheres da família amarem antes dos homens?

— Nunca traí sua mãe... — seu José começou e beijei sua testa, ele estava mais calmo.

— O que aconteceu, tinha que ser assim, meu pai. Aaron quer te conhecer.

— Como posso estar feliz em ver meu filho mais velho se o mais novo não está aqui? — Tampou o rosto com as mãos e suspirou. — Meu Deus, por que tanto sofrimento?

— Falei com Cido, pai. Ele está livre e vai reconstruir sua vida. — Ele me olhou assustado e sorri, as lágrimas ainda não pararam de escorrer. — Prometeu voltar quando estiver bem. Ele vai tomar jeito.

— Agora, mais do que nunca, preciso continuar aqui, no meio do mato. Tenho trabalho todos os dias se quiser, dona Jú me dá alimento e um teto, preciso disso para reconstruir.

— O que faremos com a casa? — Limpei minhas lágrimas e respirei fundo várias vezes. Entraríamos em outro assunto delicado.

— Você não está nela? — Neguei com a cabeça. — Não fique, melhor assim, outra pessoa poderia ir atrás de você novamente e estou longe.

— Estou morando com Fred — soltei e ele parecia recomposto e até se levantou.

— Você vai casar, minha filha?

— Não sei, pai. Estamos namorando e morando juntos, vamos ver se vai dar certo. — Olhei para ele com amor, para que lembrasse do nosso vínculo e me respeitasse também. — Gosto dele.

— Se for igual a família dele, não se

preocupe, ele será direito com você. — Voltou a sentar e segurou minha mão. — Sobre a casa, faça o que quiser com ela, não quero nada.

— Pai, foi fruto do seu trabalho!

— E da sua mãe, ou seja, é seu e do seu irmão. Faça uma poupança, divida com ele e pense no seu futuro, os filhos quem sabe...

Engasguei com a saliva, tossi e ele bateu nas minhas costas para tentar me ajudar. Assim que comecei a respirar normalmente, comecei a rir.

— Ai, pai, só você. — Peguei sua mão e alisei os calos que haviam nela. — E se eu disser que estou grávida?

— Grávida? — duas vozes repetiram a pergunta. Olhei para a porta e vi Fred nos olhando

pela pequena fresta que havia.

Mordi o lábio e tentei não recuar, ainda mais quando a vergonha tomou conta de mim. Não era assim que eu queria que ele soubesse, precisava de um pouco de apoio antes, para caso ele se assustasse, não ficaria desamparada, como a mulher do livro que ele me deu.

Precisei me controlar muito para não contar para minha cunhada e mãe de Aaron, mas o meu pai, eu tinha que falar.

— Como assim, Luana? Como descobriu? — Fred entrou no quarto e olhou de mim para o meu pai com assombro.

Busquei apoio naquele que, apesar de toda dificuldade, era minha referência masculina. Foi a

vez dele pegar minhas mãos, alisar os dedos e depois entregou para meu namorado.

— Se esperam minha benção, tem de todo o meu coração. Que a criança venha com saúde e ilumine as nossas vidas como você fez, Luana.

Fred me levantou e meu pai fez o mesmo, indo em direção a porta.

— O senhor vai para a festa? — perguntei com esperança. — O senhor faz parte dessa família também, será avô.

— Tudo no seu tempo, minha filha. Agora acuda o pai da criança que ele ainda está em choque.

Olhei para Fred e só então percebi que ele encarava o nada atrás de mim. Peguei seu rosto

com as mãos, foquei meu olhar no dele e então, depois de algumas piscadas, ele me enxergou.

— Não era assim que pretendia dar a notícia, mas sim, estou grávida.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 43

Fred

— Quando descobriu? — Segurei suas mãos no meu rosto e tentei decifrar o que estava sentindo, mas a única coisa fácil de identificar era que meu estômago estava embrulhado.

A cerveja estava estragada, só poderia ser.

— No hospital, quando fui atendida depois que Joilson me sequestrou. — Abracei-a e senti o quanto ela estava precisando disso.

— Por que não me contou antes?

— Medo. Não sabia se você me amava e

quando se declarou, não estava preparada para contar. — Esfregou seu rosto da minha camiseta. — Minha cabeça está o caos, não queria esconder, só queria ter mais apoio antes de falar.

— Eu vou ser pai — falei alisando suas costas e tentando não surtar. Comecei a rir de nervoso, isso só poderia ser pegadinha.

— E eu vou ser mãe, minha vida vai mudar tanto, nem sei por onde começar, só tenho algo na mente, preciso ser melhor para ele ou ela.

— Por isso não quer voltar para a faculdade? — Afastei-a e encarei sua barriga, que não tinha nenhuma alteração de quando nos conhecemos. — Você pode fazer, nós vamos dar um jeito.

— Prefiro corte e costura, posso trabalhar em casa até eu me readaptar com um bebê. — Olhei para seu rosto e vi receio. — Tenha paciência comigo.

— Toda do mundo, minha corujinha. — Beijei seus lábios um, duas vezes e a vi mudar completamente. — Será que é verdade sobre hormônios da gravidez e tesão?

— No quarto do meu pai não, Fred. — Ela me empurrou para fora e saímos do quarto e da casa de mãos dadas e rindo.

Minha cabeça estava uma zona, porque lembrava das palavras de Ricardo ao mesmo tempo que percebia que nunca mais teria minha vida de solteiro de volta.

Vi as crianças correndo pelo gramado e um sentimento de dever cumprido me dominou. Claro, precisava de vocação e vontade para continuar o legado da família como minha avó e minha mãe queriam, mas só de saber que era possível, que estava no caminho, me enchia de orgulho.

— Sou foda, te engravidei na primeira transa sem camisinha — falei no seu ouvido e recebi um tapa no peito em protesto. Paramos de caminhar até a parte coberta com churrasqueira e ficamos frente a frente.

— Não fale isso para os outros, o que sua mãe vai achar de mim?

— Que você é a melhor pessoa no mundo

para ela agora, porque lhe dará um neto. Mas minha avó...

— Sua vó é um amor, Fred. Não quero fazer algo que não deve.

— Bem, já temos a benção do seu pai, então, só falta eu agir. — Peguei sua mão, beijei o dorso e voltei a caminhar. — Confia em mim?

— Depois de tudo o que passamos, você ainda pergunta? Não só confio como amo, Fred.

Sabia que estaria sendo precipitado, que meus primos iriam zoar e minha avó encher a cabeça de Luana com algum sermão que a própria mãe dela, minha bisavó, deu a ela. Tudo bem, estava sendo louco, mas o que seria um pedido em meio a tantas coisas que vivemos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi Luana mesmo quem disse, depois de tudo, só existia amor.

— Família, tenho uma novidade para contar — falei alto e Luana abraçou minha cintura envergonhada. Ah, minha corujinha, você não sabia nem metade do que estava planejando.

— Ah, meu Deus, Luana finalmente viu o quanto você é chato e te deu um pé na bunda — Miriam falou alto e a encarei com superioridade. Quem ria por último, ria melhor.

— Pelo contrário, diferente do seu juiz bunda mole, eu sou um Saad e faço papel de homem. — Simone e ela vaiaram. Olhei para minha mulher, que controlava o sorriso e continuei: — Vamos nos casar.

PERIGOSAS ACHERON

O sorriso dela sumiu na hora, os gritos de felicitações das tias dominaram e claro, os palpites.

— Vocês precisam ir com calma, fazer um teste primeiro morando junto — um tio falou.

— Cadê a aliança? Coloque logo no dedo dela, não faça como meu primo — outra tia falou.

Enquanto isso, encarava os olhos assustados da corujinha mais linda do mundo.

— Era para dizer que eu estava grávida, não para me pedir em casamento — falou baixo, mas muitos escutaram e um novo alvoroço se formou, dessa vez, meus primos vieram até mim, tiram-me de perto de Luana e me deram banho de cerveja.

— Vai ser pai! Fred vai ser papai! —

gritaram me fazendo rir e procurar minha mulher, que já estava sendo paparicada pelo lado feminino da família.

Sim, iria ser pai, marido e homem, tudo de uma vez, como nunca planejei.

Tirei a camiseta polo cheia de cerveja, olhei para o sol e fiz um breve agradecimento à Deus e o universo. Certo ou errado, eu faria meu melhor.

Quando voltei a olhar para as pessoas que só falavam sobre a novidade, lá estava ela, minha mulher, cheia de lágrimas no rosto e um amor imenso nos olhos direcionados a mim.

“E quem me viu, se visse hoje não acreditaria

Que o cachaceiro virou homem de família

Toquei a noite pelo dia.”

Não tinha música melhor para descrever minha atual situação e para mim, estava perfeito.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Fred

Três meses depois...

— A barriga da sua mulher já está aparecendo, seu bacuri vai ser grande, heim? — Guido provocou enquanto estávamos no nosso costumeiro canto de conversa nas reuniões da família no Haras.

Apesar do quarteto de solteiros estar desfalcado, minha posição ainda estava mantida, pelo menos, para a conversa fiada.

Era o nosso noivado, seu José estava presente e conversava com meus tios e pai como um igual. Ele era mais turrão do que imaginava, demorou para que me olhasse de igual. O que importava mesmo era o apoio e amor que dava para minha mulher, esse ele se manteve desde o dia que a pedi em casamento.

Um menino, descobrimos há pouco tempo que seria um menino, sacudo, igual o pai. A piada desse nível para baixo era muito comum, ainda mais por querer me destacar dos meus primos solteiros.

Minhas primas iriam reservar um horário, depois do almoço, para fazer brincadeiras e mesmo depois que perguntei, meus primos disseram não

saberem de nada do que viria.

Tentei ignorar o que estava por vir, ainda mais que minha mulher não parecia preocupada.

— Melhor fase da vida — falei tomando um gole da minha cerveja sem álcool. Enquanto estivesse com uma carga preciosa dessa, nem uma gota de bebida alcoólica entraria na minha boca.

— Ah, sim, ouvi falar desse tal de hormônio das grávidas — Bastien entrou na conversa e olhou para os lados.

— Vai me dizer que pegou uma grávida, cara! — Guido perguntou baixo e Bastien fez uma careta.

— Só escutei um papo na academia. As mulheres falam de tudo lá dentro — tentou se

defender.

Vi Alexia tocando a barriga de Luana e segurei a respiração ao ver tal ato, ainda mais quando minha mulher pegou na sua mão e segurou. Minha amiga não parecia com repulsa, pelo contrário, estava maravilhada com tudo. Ouvi algo sobre ela estar fazendo uma nova terapia, mas como nunca pressionava ou questionava, deixava esse papel para Luana.

As duas fizeram amizade e sempre conversavam, me deixando de lado muitas vezes. Agora estava mais fácil de convidar Alexia para sair, ainda mais que só ia nós três, fazia tempo que ela não via Leo e nem o contrário.

Meu irmão estava em uma missão e

tentaria vir antes de tudo terminar. Não contei para a minha amiga sobre esse detalhe, só disse que ele não estaria pelo almoço.

— Cara, esqueci de contar, lembram do Torto? — Guido falou e Ricardo se aproximou.

— Isso me fez lembrar daquela festa de formatura que fomos, você quase pegou a irmã dele, certo? — Ricardo questionou.

— Eu só lembro dos quatro pneus furados da caminhonete — Bastien comentou.

— Esse mesmo, o cara praticamente jogou a menina no meu colo! — Guido confessou.

— Tudo bem, você nem gostou — Bastien ironizou.

— Pois então, ele vai ser meu cliente

agora, vai trazer seus cavalos para eu tratar e já falou da irmã de novo. — Guido revirou os olhos. Se eu me lembrava bem, ele até que curtia a menina, só não foi para frente, porque ela era muito nova e ele tinha medo de ir preso.

— E sua mãe não para de falar em casamento, ainda mais agora que sua irmã arranjou um namorado. — Ergui minha cerveja para Júnior, o churrasqueiro do dia e o homem de quem falávamos. Eu não sofria mais com as cobranças, o foco da família estava todo do meu primo.

— Você sabe que algo entre eu e Laís é praticamente impossível de dar certo. Ela é muito *pra* frente...

— Sim, lembro disso — Ricardo falou

segurando o riso e batendo no braço dele. — Mas nessa vida, impossível só para dar vida aos mortos, o resto, rezando tem futuro.

Rimos alto e Guido ficou envergonhado. A referência que fizemos foi do que aconteceu na festa, a tal Laís ajoelhada tentando convencer meu primo de que era a sua melhor escolha.

Terminei minha cerveja, encontrei minha mulher e lhe dei um beijo de arrancar o fôlego.

— Vocês podem reservar essas demonstrações de afeto para quatro paredes — Alexia reclamou de brincadeira.

— Tudo isso é ciúmes do meu irmão? Não se declarou, perdeu a vez, agora só tem eu para te consolar — Leo apareceu atrás de nós e com um

grito assustado, Alexia se afastou. Percebi que ele havia segurado seu braço e com um soco no seu peito, o encarei chateado.

— Menos, cara!

— Olha isso, meu amor — Luana desviou minha atenção para algo em sua mão. Era um convite de casamento na cor marrom... ou era rosa? Havia um casal de corujas em cima e meu coração parecia que tinha parado de bater por um segundo.

Eu ia casar.

— Não gostou? — Minha corujinha estava preocupada, por isso beijei sua testa e forcei o sorriso. Não tinha nada a ver com querer ou não querer, era apenas... medo.

— Está lindo, será tudo do seu jeito. Eu

aprovo.

— Bundão — Meu irmão caçoou.

— Agora, o posto de mais chato é do Leo. Vem, Alexia, vou mostrar as pulseiras lá dentro — Simone falou pegando na mão de Miriam e ela pegando a mão da minha mulher.

— Hei, acabei de chegar perto dela — reclamei e ganhei um beijo de despedida de Luana.

— Depois eu compenso. — Mandou um beijou no ar e Leo sentou ao meu lado vendo todas se afastarem para a casa, já que estávamos na parte da churrasqueira.

— Parabéns Fred. — Meu irmão bateu seu ombro no meu. — Menos um para a concorrência.

— Obrigado, Leo. O posto de chato agora

é todo seu.

— Não vejo a hora de ver meus filhos casados — dona Bety apareceu sorridente.

— Eu só caso depois do Bastião — Leo comentou.

— Arranjo mulher quando Guido aceitar ser cunhado do Torto — brincou Bastien.

— Esquece, cara, nunca vou casar. Praticamente uma missão impossível — Guido completou e algo na minha mente estalou.

Um casamento. Nós quatro de noivos.

PORRA!

Ainda bem que não foi minha mãe pensando... talvez não vire profecia igual aconteceu comigo.

— Parem de ter medo. Casar é a melhor coisa do mundo, não é Amim? — minha mãe chamou meu pai, que divertido, acenou rapidamente, como se fosse mandado.

Rimos alto e tentamos dissipar essa neblina de casório, até porque, estava planejando o meu, só não tinha escolhido a data. Luana acreditava que o nascimento do bebê decidiria tudo em nossa vida.

Não demorou muito para as mulheres voltarem da casa gritando animadas. Luana estava com um vestido de retalhos brancos, uma coroa com véu na cabeça e um sorriso que não cabia no seu rosto. Sua barriga aparecia tímida, maravilhosa.

Não percebi meus primos agindo atrás de

mim, colocaram uma jaqueta de terno e tentaram colocar uma gravata, já feita o nó, passar pela minha cabeça, mas fui rápido e desviei.

— Aí vocês apelaram, gravata? — reclamei.

— Vai começar as brincadeiras. Os noivos sentam aqui! — Simone falou alto, Miriam pegou duas cadeiras e colocou no meio do gramado. Estava começando um chá de panela surpresa.

Rindo e um pouco nervoso, sentei e olhei para minha mulher, que estava linda como uma noiva improvisada.

— Está linda, minha corujinha. — Tentei beijá-la, mas uma colher de pau apareceu entre nós. Era minha tia se divertindo.

— Epa, que agora o beijo só vai ser no final.

— Primeira brincadeira! — Simone gritou, levantou o braço e deu início a uma avalanche de acontecimentos divertidos, que contribuíram não só para o meu futuro casamento, mas do nosso filho, que teve seu nome definido nesse momento, Maurício.

Não sabia, mas depois de alguns dias desse acontecimento, enquanto via a barriga da minha mulher crescer na mesma proporção do nosso amor, descobri que meu noivado foi apenas o começo de um desencadear de situações onde os solteiros da família se tornariam noivos.

No fritar dos ovos, estava achando tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

isso o máximo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



1ª. Edição

2019

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de

PERIGOSAS ACHERON

qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Sinopse

Dedicatória

Prólogo

Guido

Capítulo 1

Guido

Capítulo 2

Laís

Capítulo 3

Laís

Capítulo 4

Guido

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 5

Laís

Capítulo 6

Laís

Capítulo 7

Guido

Capítulo 8

Guido

Capítulo 9

Guido

Capítulo 10

Guido

Capítulo 11

Guido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 12

Guido

Capítulo 13

Guido

Capítulo 14

Laís

Capítulo 15

Guido

Capítulo 16

Guido

Capítulo 17

Guido

Capítulo 18

Guido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 19

Guido

Capítulo 20

Laís

Capítulo 21

Guido

Capítulo 22

Guido

Capítulo 23

Guido

Capítulo 24

Guido

Capítulo 25

Laís

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Guido

Capítulo 27

Guido

Capítulo 28

Guido

Capítulo 29

Guido

Capítulo 30

Laís

Alexia

Capítulo 31

Guido

Capítulo 32

Guido

Capítulo 33

Laís

Capítulo 34

Guido

Capítulo 35

Guido

Epílogo

Fred

Laís

Sobre a Autora

Outras Obras

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Veterinário dedicado ao Haras do seu pai e ciumento ao extremo eram os atributos marcantes de Guido. Consciente das suas características, preferia não se envolver amorosamente para não sujeitar as mulheres ao seu temperamento possessivo.

Um novo cliente desenterrou sentimentos adormecidos: Torto, amigo de infância e irmão mais velho de Laís, uma jovem menina que ele dispensou há dez anos atrás. O que Guido não esperava era que Torto retornaria com as velhas atitudes de incentivar uma união entre ele e a irmã.

Para Guido, um relacionamento com Laís era algo impossível de acontecer. Seus ciúmes e as roupas reveladoras, as atitudes livres e, principalmente, a profissão dela não combinavam. Ele sabia que faria mal à mulher segura e de espírito livre, então, jamais levaria caos para sua paz.

Mas, se Eva caiu em tentação, por que ele não? Não apenas lhe telefonou, como combinou rever a antiga paixão, antes de se afastar por completo. Mas, Guido surpreendeu-se ao perceber que a confiança e exuberância de Laís eram um páreo duro para todas as suas inseguranças.

Dedicatória

Em honra a minha família e a história familiar de Fabricio Roda Sales.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Guido

Dez anos antes...

A formatura do ensino médio era uma perdição ao mesmo tempo que uma das melhores festas para se divertir, beber até cair e encontrar alguém para beijar. Bem, tudo poderia estar às mil maravilhas se não fosse a garota que tentava me seduzir a todo custo.

— Meu Deus, Laís, as pessoas estão olhando! — falei com desespero enquanto a irmã

do meu amigo Torto dançava se esfregando em mim. Ela estava mais bêbada que eu, porém, meu juízo ainda estava ativo. Apesar de não parecer, com a roupa que estava e da forma que dançava, ela ainda era menor de idade, ou seja, proibida.

— *Tô* nem aí para os outros, só quero ficar com você. — Ela rodopiou na minha frente até ficar de costas para mim, alinhou nossos quadris e isso foi a gota d'água. Não conseguiria me conter mais, ela não poderia se exibir dessa forma, por mais que os países baixos do meu corpo estivessem em total acordo.

Seu vestido justo, o decote e meus pensamentos nem um pouco corretos chegaram ao limite do meu autocontrole. Aproveitei que meus

primos estavam envolvidos com outras pessoas, peguei no braço de Laís e a puxei até perto dos banheiros, onde poucas pessoas pudessem nos ver.

Quando pensei que poderia lhe dar um sermão, sobre não provocar um homem mais velho ou usar outro tipo de roupa para não provocar quem não deveria, ela me atacou, me beijou e no primeiro momento, só pude acompanhar o movimento dos seus lábios e sua língua, que tinha o mesmo alto teor alcoólico que a minha. Encostei-a contra a parede dominado pelo meu instinto carnal, segurei sua perna exposta pela fenda do vestido e encontrei algo quando minha mão quase encontrou parte da sua bunda.

— É sua, para lembrarmos da minha

primeira vez. – Meu Deus, ela era virgem, o que estava fazendo?

— Chega, Laís, você foi longe demais! — falei com raiva.

Peguei o pedaço de renda da sua perna movido pela raiva, agachei para tirar do seu corpo e coloquei no bolso interno do meu terno. Tinha certeza que se não pegasse, ela daria para outro, porque essa era Laís, exagerada e desinibida, mesmo ainda sendo virgem.

Minha atitude não foi certa e as palavras que saíram da minha boca tinham tons cruéis, mas precisava fazer antes que fosse tarde demais, para nós dois.

Por Deus, ela era menor!

— O que fiz de errado? — perguntou confusa e um pouco magoada. — Sou inexperiente, mas por você eu faço tudo, quero me casar com você!

A mulher era louca ou estava bêbada demais. Casar com menos de dezoito anos? Só se fosse para cumprir alguma sentença perpétua e o único criminoso, nesse momento, seria eu.

— Você é louca, nós nunca vamos fazer nada. Nosso envolvimento é impossível!

Foi então que ela se agachou na minha frente, pegou o cós da minha calça e tentou abrir o botão. Caralho, ela não entendia uma negativa? Seria ela a tentação do pecador?

— Porra, cara, na frente de todo mundo?

— Ricardo falou alto, tirando minha atenção de impedir que Laís fizesse algo que nos envergonhasse.

— Não! — rebati no mesmo tom, peguei no braço de Laís e a ergui olhando-a sério, ou pelo menos tentando. Seu olhar magoado e seus lábios formando um biquinho quase me fizeram ajoelhar na sua frente e pedir perdão. Eu tinha uma queda por ela, mas lutava com todas as minhas forças contra essa atração. — Não sou homem para você. Cresça, Laís e aceite um *não* como resposta.

Larguei a garota com corpo de mulher perto do banheiro e fui até Ricardo, que ria sem se preocupar com o estrago que tinha feito.

— Um boquete, cara? — meu primo

perguntou tomando um gole da cerveja que estava no copo descartável na sua mão.

— Não aconteceu nada. Fica quieto, ela é menor e pode sobrar para mim. — Segui para a pista de dança, olhei meu relógio de pulso e vi que era mais de duas da manhã. — Vamos embora?

— Claro que não, ainda não beijei ninguém.

— Mas tenho certeza que Márcia pica-pau já te *bulinou* — falei em tom de brincadeira, numa tentativa de recobrar meu humor e esquecer que mesmo eu repelindo Laís, tirei um souvenir dela.

— Ela já pegou um e cuidado, pode pegar você também, trouxa. — Ricardo bateu nas minhas costas e nos aproximamos de Torto, Fred e Leo,

que conversavam com duas loiras lindas. — Hei, vocês precisam saber da última...

— Cala a boca, Ricardo! — Olhei para os lados em busca de Bastien, alguém que me apoiasse, uma vez que meu amigo não precisava saber sobre sua irmã extravagante e eu.

— Acho que Guido se apaixonou por Laís — o filho da mãe do meu primo completou, me fazendo olhar para Torto com receio.

— Seria meu sonho de consumo, porque essa menina só sabe falar de você. — Meu amigo não parecia incomodado, pelo contrário, sorriu aberto. — Faça um favor para mim e aquieta o facho dela, ela é muito acelerada.

Fiz uma careta, olhando para os lados

encontrei Bastien beijando alguém em um canto e decidi ir atrás de uma bebida. Não precisava, mas ao perceber que Laís estava tão insistente assim comigo e seu irmão apoiava, minha negativa só poderia ter piorado a situação.

Continuei seguindo para a mesa de bebida sem olhar para trás. Merda, tinha que esquecer o que aconteceu, ela não era mulher para mim, ou melhor, nunca serviria para ser seu homem, essa era a verdade.

Era antiquado e sabia que estava errado. Não conseguia ver a mulher que me acompanhava usando decote ou roupa curta que virava bicho. Nunca mantive um relacionamento por mais de uma semana, porque todas, sem exceção, diziam o

quanto era ciumento e possessivo.

Porra, qual era o problema de entender que eu queria alguém só para mim? Não tinha medo de confessar, minha mulher, para me agradar, deveria andar de burca, mas sabia que esse pensamento era errado, minha mãe já conversou várias vezes comigo sobre relacionamentos e liberdade, não poderia mudar ninguém para acalmar meus sentimentos egoístas.

Ou seja, não fui feito para namorar, principalmente com Laís, que mais parecia uma linda borboleta voando sem rumo, delicada e livre. Nosso relacionamento era algo impossível de acontecer e quando coloquei a mão no meu bolso e senti aquele pedaço de pano de renda com babados,

sabia que estaria fazendo o certo ao me afastar desse amigo ou tentar arranjar outra pessoa para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Guido

Não sabia o motivo real do meu nervosismo. Havia se passado anos desde meu último encontro com aquela garota, que agora deveria estar um mulherão. Laís tinha marcado minha vida tanto quanto eu achava que tinha marcado a dela. Sua liga de perna, ou seja lá, como era chamado aquilo, ainda estava escondida no fundo da minha gaveta de cuecas, onde apenas eu poderia encontrar e relembrar o beijo que trocamos e ninguém sabia.

Encontrei Torto e tê-lo como cliente seria um ótimo desafio para o Haras. Ele era veterinário especialista em gado bovino enquanto eu me dediquei a equinos, tanto para ajudar meu pai quanto porque havia se tornado minha paixão enquanto crescia no meio do mato.

Trataria dos seus cavalos, cuidaria da reprodução e... teria contato com Laís, porque uma das éguas era dela, Torto fez questão de salientar e claro, novamente jogar sua irmã para mim.

Os anos se passaram e sua opinião continuava a mesma. Não poderia falar muito sobre, porque a minha também, apesar que com algumas ressalvas. Ela não era mais menor de idade, todavia, nosso relacionamento continuava

sendo inviável, eu ainda era ciumento e possessivo, talvez, tenha piorado com o tempo.

Não fui feito para namorar ninguém, já tinha aceitado essa situação.

Toda mulher que eu ficava mais de uma vez me deixava ansioso. Queria saber sobre seus passos, me incomodava o jeito que se vestiam e então, resolvia afastar, porque o problemático era eu, sempre foi.

Lembro da minha tentativa de namoro de mais de uma semana. Depois de enviar trinta mensagens em busca notícias dela, a mulher disse que eu precisava me tratar, porque homem nenhum mandaria na vida dela, muito menos um psicopata assediador como eu.

Porra, por que eu era assim?

Como nunca tive resposta sobre meu jeito e pior, nunca consegui mudar, resolvi seguir a onda dos meus primos de ficar e não se apegar. Tudo bem que, enquanto estávamos na balada, distribuía olhares sanguinários para todos que encaravam minha mulher.

Sabia que tinha um problema, então, tratava tudo da forma mais fácil para mim. Cuidar de cavalos era melhor do que lidar com minha obsessão ao estar vinculado a uma mulher. Minha mãe já tentou me aconselhar, mas nada fazia sentido, ainda mais quando eu só queria que a atenção da mulher fosse minha, para mim.

Respirei fundo assim que escutei barulho

do caminhão entrando no caminho até as baias dos cavalos. Calça jeans apertada, camisa xadrez e botas, caminhei até um canto e chamei alguns peões para esperarmos o parar total do caminhão. Torto apareceu pela porta do passageiro, acenou afirmativo para os homens abrirem as portas e iniciamos os trabalhos.

— E aí, Guido, tudo bem? — Aproximou-se sorridente, trocamos um toque barulhento de mãos e nos puxamos para um abraço de homem. — Estou feliz que nos reencontramos.

— Obrigado pela confiança, será um prazer cuidar dos seus cavalos.

— Espero que não só isso, meu amigo. Não vou desistir de lhe dar o número de celular da

minha irmã e ficarei te incomodando até que você envie pelo menos uma mensagem.

— Se o patrão não quiser, eu quero — um dos meus peões falou divertido e o olhei de forma ameaçadora. Ninguém tocaria em Laís, nem eu.

— Fica na sua, rapaz. Tem muito trabalho a ser feito para ficar de ouvido na conversa dos outros — repreendi e caminhei até o escritório junto com Torto.

— Antes fosse fácil resolver o problema da minha irmã como se fosse achar o melhor tratador de cavalos da região. Não sei mais o que fazer com essa garota, Guido.

— Cara, eu não sou salvador de ninguém, olha onde estou. — Brinquei quando entrei no

escritório desorganizado, onde podia se ver muitos papéis espalhados pela mesa. Sentei na cadeira e apontei para que Torto fizesse o mesmo na outra. — Então, vamos acertar sobre o tratamento dos cavalos? Você comentou sobre reprodução também.

Consegui mudar o foco da conversa para o lado profissional, algo que estava na minha zona de conforto e sabia lidar, mesmo com minha bagunça no escritório. Acertei a parte administrativa e financeira, então, saímos do escritório para conhecer os cavalos e éguas que trataria.

— Essa é Linda, a égua de Laís. Se for possível ou precisar adicionar algum valor a mais, para que minha irmã possa montar e passear pelo

campo, eu faço questão.

— A égua faz jus ao nome, Linda! — Passei a mão no seu corpo e depois fiz carinho entre seus olhos, o animal estava enfeitiçado por mim. — Será muito bem tratada.

— Tenho certeza que sim, e também acredito que a dona poderia ser, se você permitir.

— Torto — falei com uma leve chateação. Ele era meu amigo, mas agora, mais ainda meu cliente. — Prefiro não falarmos desse assunto, tenho certeza que Laís briga com você por conta disso.

— Ela briga quando eu lembro de você para ela, claro. A rejeição mexeu com seu orgulho — ele se aproximou do meu ouvido — e aumentou

mais ainda a paixão por você.

— Isso é passado, ilusão.

— Tão real como o destino cruzou nossos caminhos e cá estou, sendo seu cliente e quase implorando para que dê uma chance para podermos ser cunhados também.

— Guido, eu fiz bolo e café! — minha mãe falou alto se aproximando de nós com uma bandeja em mãos. Dona Ju era uma mulher prendada, caseira e muito amorosa. — Olha, eu conheço você!

— Sim, já dormi algumas vezes aqui quando adolescente. Sou Torto.

— José Eduardo! Meu Deus, ainda te chamam de Torto? — Peguei a bandeja das mãos

da minha mãe para que ela pudesse abraçar meu visitante. — Que bom te ver. Como estão seus pais? E sua irmã?

— Meus pais estão separados e muito bem. — Riu suave. — Minha irmã continua a mesma, apaixonada pelo seu filho.

Segurei a respiração quando vi o rosto da minha mãe virar suavemente em minha direção. O seu olhar tinha um brilho diferente e sua boca parecia pronta para profetizar algo, mas me enganei, porque só saiu:

— Mande lembranças aos seus familiares. E o que te trás aqui?

— Guido vai cuidar dos meus cavalos, a senhora vai me ver mais vezes aqui.

— Então venha tomar um café e comer o bolo fresquinho. — Observei a interação despretensiosa dos dois como se estivesse em um universo paralelo. — Chame o seu José para comer também, Luana mandou uma foto linda mostrando a barriga.

— Quem é Luana? — Torto perguntou.

— Noiva de Fred. O trem da juventude parece estar entrando nos trilhos — o tom subliminar que minha mãe teve ao dizer essas palavras me incomodaram, ainda mais quando entreguei a bandeja de volta para ela e os dois seguiram para o meu escritório enquanto ia encontrar o pai de Luana para tomar café.

Caramba, o que será que estava por vir?

Arrumando uma cerca mais afastada, consegui chamar seu José e encontrei Torto e minha mãe rindo olhando para a tela do celular.

— O que foi? — questionei desconfiado.

— Oi, seu José. Olha como sua filha e seu neto estão! — Ela falou pegando o celular, mexendo e depois mostrando a tela. Olhei por cima do ombro dele e lá estava a doce Luana com um vestido longo, mãos debaixo da barriga e sorriso fácil. — Alexia está fazendo curso de fotografia e Luana tem sido sua modelo preferida.

Olhei para Torto, que me encarava de forma intensa. Ver meu primo casar, o mais cafajeste de todos, era um mal sinal... para os solteiros que os cercavam, com certeza. E minha

mãe, que não perdia uma oportunidade de me alfinetar, já que Simone estava namorando sério com Juninho, dessa vez não disse nada sobre Laís e isso me preocupou.

Tinha algo acontecendo, só não sabia o que era.

— O número da minha irmã está aqui, Guido. Pense bem e dê uma chance. — Torto se levantou, despediu de todos e bateu no meu ombro antes de sair da sala.

— Quando a irmã dele vier para andar a cavalo, me avise que farei um chá da tarde, gosto muito deles.

— Tudo bem mãe — falei sem muita vontade.

Fiz uma careta, olhei para o papel em cima da mesa e travei uma luta épica dentro de mim. Será que valia a pena experimentar o que tanto me privei ou seria, mais uma vez, taxado como louco por causa do meu jeito?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Laís

Acordei de ressaca ao meio dia, na casa da minha colega de trabalho. Depois de uma noite de trabalho, dançando e tirando a roupa, estendemos para sua casa, onde encerramos a noite com mais dança e sexo.

Cada vez mais estava me sentindo uma acompanhante de luxo, a última coisa que pretendia fazer da minha vida. Apesar de ter cursado Administração, era na dança que me sentia realizada. Fiz balé, Jazz, dança de salão, dança do

ventre, descobri o pole dance e me envolvi no mundo adulto. Mesmo com meus recém dezoito anos, na época, decidi que iria dançar e me exibir para ganhar a vida, sem medo de ser julgada.

Andava com roupa decotada, era apaixonada por saias e ligas de perna, o que deixavam os homens loucos por mim. Eu adorava a atenção, apesar de não estar completamente satisfeita, porque o único homem que dei uma parte de mim, me rechaçou.

Guido me deu o melhor beijo do mundo, ficou com minha liga de perna – eu não dava para ninguém – e também, com uma parte do meu coração despedaçado.

Sempre fui motivo de briga dos meus pais,

porque era muito para frente, exagerada e exibicionista. Estava muito bem com minhas convicções, porque foi na dança exótica, no clube noturno para homens, que me realizei como mulher e profissional.

Só que estava andando em uma linha tênue entre dançar e se prostituir, ainda mais quando minha colega de dança não se importava de cobrar quando os homens, que passaram a noite na sua casa, foram embora.

— Aqui sua parte — ela colocou o dinheiro na minha frente enquanto eu divagava sentada na cadeira da mesa da cozinha. A dor de cabeça só piorava a sensação de que estava levando minha profissão para o lado errado.

— Todo seu, amiga, eu preciso ir — falei negando o dinheiro e indo para o banheiro. Apesar de não querer fazer isso, não me importava com quem fazia. Julgar era a última coisa que faria.

— Está se sentindo culpada por causa do Vladimir? Você sabe que ele pega todas na boate, inclusive eu! — tentou me animar, mas só ajudou a me afundar em culpa.

O homem citado era o dono da Angel's Night Club, meu patrão e amante fixo. Vivíamos em uma briga constante, porque ele parecia não se importar comigo e eu, para me vingar, fazia o mesmo. Depois de muita briga, nós sempre acabávamos na cama, mas no outro dia, fingíamos que nada aconteceu.

Necessitava de atenção e sabia que esse era um dos motivos de exibir meu corpo.

— Vou tomar um banho e já vou. Tudo bem? — pedi quando desviei do banheiro e fui para o quarto, onde minha bolsa estava. Meu celular anunciou uma mensagem e ao olhar o visor, percebi que era de um número desconhecido.

Desconhecido>> Oi Laís, tudo bem?

Fiz uma careta ao pensar que poderia ser um desses clientes que estendi a noite, ignorei e fui para o meu banho.

— Sei que você é toda certinha, não gosta de ser confundida com as prostitutas como eu, mas você tem que entender que a minha profissão é a mais antiga do mundo, precisa ser respeitada —

minha colega falou parecendo chateada quando entrei debaixo do chuveiro.

— Tanto respeito a profissão de vocês que não me encaixo nela e não vou me forçar a isso. Eu gosto de dançar, ser o centro das atenções e não de...

— Sexo sem compromisso. Falou a santinha do pau oco — resmungou saindo do banheiro e agradeci por ela ter me deixado em paz. Ela não media as palavras para falar comigo, muitas vezes demonstrava que não gostava de mim, mas eu não conseguia me afastar. Gostava de Valéria.

Muitos não entendiam esse meu lado exibicionista, me julgavam e eu só ignorava, mas

hoje, justo agora, algo dentro de mim estava mexido. Precisava tomar um jeito na minha vida, não poderia mais me envolver com os clientes como se fosse uma farra pós expediente. Não queria deixar de trabalhar com a dança no pole e o strip-tease, mas poderia reduzir a frequência e finalmente abrir meu próprio estúdio de dança.

Estava guardando dinheiro para realizar esse sonho, mas tão envolvida com minha rotina, apenas esqueci que poderia parar quando quisesse.

— Senhor, me dê um sinal — pedi olhando para o teto enquanto a água lavava meu corpo.

Terminei o banho, me vesti e segui para minha casa. A cobrança da minha mãe era menos

traumática que da minha consciência. Com meu carro compacto, segui bocejando pelas ruas e quase deitei o banco e dormi quando estacionei na garagem.

— Voltando esse horário para casa, Laís? Pelo amor de Deus, eu não te criei para ser desse jeito. — Escutei minha mãe falar do lado de fora do carro, suspirei e saí para enfrentar o seu sermão diário. Era sempre a mesma coisa.

— Mãe, a vida é minha — falei sem forças, segui para dentro e fui atrás do meu quarto.

— A vida é sua e a reputação é da família. Não aguento mais os vizinhos comentarem sobre a minha filha ser dançarina de puteiro. Você precisa arranjar outro emprego!

— Primeiro, não é puteiro — falei deitando de bruços na minha cama e largando a bolsa de lado. — Segundo, ninguém paga as minhas contas e da senhora que não seja eu. Relaxa, mãe, agora preciso dormir.

— Minha filha, você não precisa vender seu corpo para ter dinheiro. É inteligente, consegue um bom marido... — Ela sentou ao meu lado na cama e abri os olhos apenas para zombar.

— Se eu fosse modelo fotográfica ou atriz, seria da mesma forma, com a diferença de que todos pudessem ver. Me deixe dormir, mãe.

Ela suspirou, se levantou e antes de fechar a porta, perguntou:

— Vamos à missa comigo quando você

acordar?

Um indício, estava em busca de um sinal e quem sabe, nas orações, encontraria.

— Tudo bem, eu vou.

Ela me deixou dormir mais um pouco, a ressaca passou e quando acordei, estava faminta e com muita sede. Antes de me aprontar para ir à missa, tomei um banho, olhei novamente o celular e lá estavam outras mensagens.

Desconhecido>> Esse celular é da Laís?

Desconhecido>> Você tem um tempo para conversar?

Quem era essa pessoa?

Quase liguei para saber mais sobre o desconhecido, ou retornei a mensagem. Não,

precisava saber o que fazer da minha vida e seria em outro lugar que encontraria o sinal.

Com minha mãe mais calma, como se a briga não tivesse acontecido, nos levei de carro até a igreja do bairro. Fazia tempo que não vinha aqui, talvez no casamento de uma prima ou na missa do sétimo dia de algum parente... estranhei o clima, me senti retraída e pecadora, o que era muito longe da minha realidade.

O que eu estava fazendo da minha vida?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Laís

Para chamar menos atenção do que normalmente estava acostumada, abotoei todos os botões da minha camisete. Ela estava exibindo um pouco do sutiã, achei impróprio ao ver os olhares das outras mulheres e sentei no banco admirando a igreja e esperando se alguém apontaria o dedo para mim.

Será que foi assim que Maria Madalena se sentiu? Apesar de nunca me ver numa posição de pecadora, bem, não antes de começar a entrar na

onda da minha colega Valéria.

Meu celular tocou dentro da minha bolsa e morrendo de vergonha, principalmente pela minha mãe ter me olhado com repreensão, saí da igreja e coloquei o celular no ouvido sem olhar quem era.

— Alô! — falei irritada.

— *Esse celular é da Laís?* — uma voz conhecida me fez parar de andar. Olhei para o celular e vi um número desconhecido. Coloquei de volta no ouvido e tentei respirar normalmente. — *Alô?*

— Sim, esse celular é meu. Quem fala? — questionei, já sabendo a resposta.

— *Oi Laís, é Guido, amigo do seu irmão, lembra de mim?* — Ah, se ele soubesse que sim,

lembrava muito bem, tanto de ter ido ao céu com seu beijo quanto de ter definhado no inferno com sua rejeição.

— Ah, oi, tudo bem? Você pode me ligar depois? Eu estou na missa — falei desdenhosa e levei um susto quando o cântico inicial da cerimônia me fez afastar para escutar melhor. Olhei para o céu, depois para igreja e algo dentro de mim pareceu clarear.

O meu sinal!

— *Desculpa te ligar, sabia que não seria legal da minha parte, mas... sei lá. Você está bem?* — Ele parecia tão perdido quanto eu estava no momento.

— Sim, estou bem Guido. Como você

conseguiu meu telefone?

— *Estou tratando os cavalos do seu irmão. Torto é uma figura, você sabe* — percebi o constrangimento na sua voz e sorri ao perceber que ele não parecia ter mudado nada desde nosso último encontro. Parecendo um bicho do mato, Guido era o típico homem valentão antiquado. Muitas mulheres poderiam achá-lo machista, eu o considerava protetor.

— Linda está com você? — Lembrei da minha égua, que há muito não lhe dava atenção na fazenda do meu irmão.

— *Está sendo bem tratada também. Torto está pensando fazer uma inseminação nela.*

— Oh, Meu Deus, Linda vai ser mamãe?

— Quase me emocionei ao pensar em ter uma herdeira da minha égua. Vi, em minha mente, uma família se formando e meu coração bateu forte ao pensar que poderia fazer igual aos animais.

— *Sim. Se tudo der certo com a inseminação que iremos fazer, doze meses depois ela vai parir.*

— Você sempre delicado com as palavras, Guido.

— *Mas é a verdade, quem dá luz é o poste!* — Riu e tossiu para se recompor. — *Bem, desculpe incomodar, eu ligo outro dia.*

— Não! Quero dizer, sim! — Neguei com a cabeça e respirei fundo. — Chega de ligação, vamos nos ver. Que tal um barzinho?

— *No final de semana?* — perguntou esperançoso.

— Não posso, trabalho à noite. Pode ser na terça-feira? Vou pedir folga para não nos preocupar com o horário de voltar para a casa — falei animada demais, nem percebi que estava me oferecendo de bandeja. Quem eu queria enganar, ansiava me jogar em seu no colo desde adolescente.

— *Está trabalhando aonde?*

— Isso é conversa para quando você me buscar em casa, cheiroso e com calça apertada — falei pretensiosa e dei pulinhos de alegria. — Lembra onde era a casa dos meus pais?

— *Sim, você mora com eles?*

— Apenas com minha mãe. E você? Saiu

do meio do mato?

— *Eu tenho um quarto em cada canto, apesar da minha casa estar no apartamento no centro da cidade. Eu te busco então. Podemos ir nos falando por mensagem?*

— Sim! — Não consegui segurar o riso animado, ainda mais quando ele me acompanhou.

— *Você continua* espevitada*?* — perguntou baixo.

— Não, continuo espirituosa. Apenas para constar, meus peitos e bunda cresceram, então, leve babador. Beijo. — Encerrei a ligação pulando e girando no mesmo lugar.

Guido me ligou. Depois de tantos anos longe, de achar que estava me rejeitando, mesmo

que sempre me achei segura, ele me ligou e quis sair comigo. Tomou a iniciativa.

Coloquei o aparelho no silencioso, voltei para dentro da igreja e fiquei ao lado da minha mãe com um sorriso que não conseguia me conter. Se esse era o sinal que estava esperando para desacelerar, eu mais do que entendi o recado.

Enquanto a liturgia era feita, minha mente trabalhava para as ações que faria a partir de hoje, não mais strip-tease, mais folgas durante a semana e sem transar com Vladimir. *Perdoe, Deus, por estar pensando nessas besteiras dentro da sua casa, numa missa, mas era por uma boa causa.*

Não tinha vergonha do meu trabalho, mas sempre tomava cuidado quando revelava, por conta

do julgamento. Minha paixão era dançar, provocante, no pole dance, me sentindo mulher. As roupas curtas e decotadas foram parte do meu dia a dia desde quando me descobri nesse mundo.

Como minha virgindade não foi tirada por Guido como sempre sonhei, ela perdeu a importância tanto quanto o sexo. Ter uma amizade colorida com o dono da Angel's era mais comodismo do que o que realmente queria para mim.

Valéria teria que me perdoar, mas não seria mais sua parceira, muito menos iria em festinhas pós-expediente. Sabia que era apenas um encontro e que Guido poderia me rechaçar novamente. Diferente da adolescente carente e

perdida, hoje era segura e sabia exatamente o que precisava fazer para que ele cedesse e aceitasse ficar comigo.

Guido gostava de mim, tive certeza quando tirou minha liga de perna preferida e guardou para si, há dez anos atrás. Se fosse apenas um souvenir, saberia por outras bocas, homem gostava de se mostrar machão. Guido guardou, tinha certeza, e dentro de mim sabia que ele nunca me esqueceu como eu mesma não consegui.

Quando a missa acabou, peguei meu celular e enviei uma mensagem para o meu irmão:

Laís>> Para de dar meu número de celular para seus amigos. Não sou um brinquedo para ser oferecida a qualquer um.

PERIGOSAS NACIONAIS

Torto>> De nada, Barbie. Guido não é qualquer um, é seu Ken noivo e se você fizer besteira, eu vou contar isso para ele.

— O que você está digitando aí, filha? — Minha mãe quis olhar meu celular e senti meu rosto virar um pimentão.

— Seu filho mais velho é um intrometido — falei com um sorriso nos lábios.

— Ele só quer seu bem, cuida de ti mesmo longe de casa.

Laís>> E se for ele a fazer besteira? Cadê meu irmão protetor?

Torto>> Ele teve a chance de fazer besteira e não fez. Ele é correto demais para isso, já você...

PERIGOSAS ACHERON

Laís>> Não se esqueça que o apelido Torto é seu.

Torto>> E você é a tortinha que mais amo nessa vida. Vai ser feliz, minha irmã.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Guido

— Olha quem a gente encontrou, Clarinha! — Escutei a voz de Leo atrás de mim. Dentro de uma das baias, cuidando da égua Linda, apenas olhei por cima do ombro e o vi com sua afilhada, filha de Ricardo.

— Guigo!

— Oi Clarinha! E aí, primo. O que manda? — cumprimentei voltando minha concentração no animal. Apesar de estarmos em pleno almoço de domingo em família no Haras, precisava acudir

Linda.

— Cruzei com Torto hoje — falou com tom de malícia e tentei não reagir ao que viria depois. — Está cuidando só dos cavalos ou pretende finalmente dar um trato na irmã?

— Não viaja, eu não sou igual ao Fred. — Até eu não acreditei nas minhas palavras. A verdade era que eu estava ficando igual ao meu primo noivo, indo atrás de uma mulher para me acomodar.

A única diferença era que eu tinha certeza do fracasso, mulher nenhuma lidaria com meus surtos de ciúmes.

— Opa, quem não é igual a mim? — Meu primo mais velho apareceu e quando olhei para

trás, lá estava o quarteto completo.

— Acho que Guido está apaixonado pela égua. Olha quanto carinho ele está fazendo nela — Bastien falou erguendo sua long neck.

— Fiz inseminação nela ontem, ela ficou agitada a noite inteira. — Fiquei de costas para eles e continuei o carinho, porque, por algum motivo, a égua parecia gostar da minha presença. — Não façam muito barulho, o animal não precisa de mais estresse.

— E desde quando Guido Ferreira dá tratamento VIP para algum animal do Haras? — Fred perguntou pegando Clarinha do colo de Leo, que se aproximou de mim com ela e alisou a crina de Linda.

— Desde quando a égua é da Laís. — Leo virou para os outros com um sorriso malicioso. — Ele vai engravidar as duas, observem.

Bati na sua cabeça de raiva e ele me olhou chateado.

— Ah, pelo menos alguém aqui consegue provar que é homem, diferente de uns aí que vive em missão — Fred provocou o irmão. — Imagino os chefões de vídeo game que ele precisa derrubar.

— Você se acha o mais engraçado do mundo, não é? — Leo se afastou e pegou sua afilhada do colo dele. — Vão para...

— Temos menores no recinto, sem palavrões — Bastien impediu que o estressado fosse embora deixando palavras que Clarinha não

deveria escutar.

Ele saiu e os dois ficaram atrás de mim como urubus.

— Luana não está precisando de ajuda não? — Tentei dispensar um deles.

— Sua irmã está fazendo um ótimo papel em mostrar as possíveis lembrancinhas do casamento dela e do meu. Aceita a sela, trouxa.

— Vocês estão viajando, me deixem trabalhar em paz — reclamei.

— Nós já sabemos que você vai se encontrar com Laís. Leo encontrou Torto e já contou para nós, você será a piada do mês. — Bastien terminou de tomar sua cerveja e jogou a garrafa em um latão de lixo, fazendo barulho e

assustando a égua.

— Xiu, xiu... — Olhei-o com repreensão. — Se era tudo isso que vocês queriam falar, ótimo, podem ir embora.

— Zoar Leo é sem graça, ele fica mal-humorado muito fácil. Acho que vamos permanecer por aqui até você nos contar como que foi esse encontro com Laís — Fred falou entrando na baia.

— Percebe que está virando uma mulherzinha? Eu não vou contar sobre isso.

— Conta logo como foi a foda, porra. — Riu. — Está mais másculo assim? — Bastien ficou perto da cabeça na égua e acariciou entre os olhos. — Você faz jus ao seu nome, Linda.

Suspirei antes de ponderar o que deveria

falar. Meus primos reclamavam dos tios invasivos, mas eles mesmos eram intrometidos quando havia algo que não tinha contado.

Bem, como minha mãe parecia ter me esquecido com relação a ter um compromisso, iria me abrir com eles. Apesar que... ela não tocava mais no assunto desde que Torto apareceu aqui com os cavalos, no meio da semana.

— Eu mandei mensagem para ela e não tive resposta. Então liguei...

— O psicopata das mensagens ataca novamente. — Bastien bateu nas minhas costas e dei de ombros.

— Cara, a mulherada me quer e depois que me conhece, some. Eu não posso fazer nada, são

elas que não me querem. — Tentei não soar triste.

— Laís sempre foi *pra* frente, certo? — Fred perguntou cruzando os braços a sua frente. — É capaz dela nem dar moral para os seus chiliques ciumentos. Ela respondeu a mensagem como?

— Não respondeu, eu liguei. Acho que estava na missa, porque escutei uma música conhecida, minha mãe costuma cantar — falei me arrependendo assim que meu primo começou a rir. — Vai se foder, Fred.

— Enquanto uns não respondem mensagem, você envia vinte delas e depois liga se não teve resposta. É muita síndrome de vira-lata, meu primo — Bastien falou saindo da baia. — Vou pegar mais uma cerveja. Quer uma, Guido?

— Pode ficar por lá, daqui a pouco eu vou. Linda já está mais calma. — Tentei dispensá-lo. — Vá também, Fred.

— Estou muito bem aqui, obrigado. — Aproximou-se de mim quando Bastien saiu. — Cara, se tiver que ser, não deixe a mulher escapar. Por experiência própria, vida de casado é boa demais.

— Você nem casou.

— É verdade, corrigindo, vida de noivo é boa demais. Casado é Ricardo, que transa esporadicamente, eu faço isso quase todos os dias. — Ele arregalou os olhos e levantou as sobrancelhas várias vezes divertido.

— Que ótimo, conselhos do pegador

rendido. Obrigado — ironizei.

— Pode contar comigo e Luana sempre que precisar de um conselho sobre relacionamentos. Aproveite para testar seu autocontrole de envio de mensagens e ligação, mulher não curte homem chiclete.

Engoli em seco e o vi sair, me deixando sozinho e aliviado por estar como eu mais gostava, eu e o cavalos.

— Será mesmo que sua dona não curte mensagens? — perguntei baixo para a égua, que relinchou baixo, como se tivesse me respondendo.

Peguei o celular e vi as dez mensagens que quis enviar para ela, mas não fiz, deixei no rascunho, apenas para acalmar o monstro da

perseguição que existia em mim. Estava inquieto, tudo em mim era chateação e num momento de fraqueza, cliquei em enviar na última mensagem que rascunhei:

Guido>> Como está seu domingo? Hoje temos reunião de família no Haras e Linda parece um pouco inquieta, mas já estou acalmando-a com um pouco de atenção. Será que você também quer minha atenção?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Laís

Depois da conversa com Guido, estava disposta a abandonar algumas atividade que fazia por ser solteira e desimpedida, mas como ele não me enviou mensagem, muito menos ligou, apenas para mostrar que eu era dona da minha vida, dancei e tirei a roupa como sempre fiz, sem culpa e me achando a mais bela das mulheres.

Se ele não falasse comigo até terça-feira, não iria atrás dele e continuaria em busca de outro sinal. Homem nenhum comandou minha vida, não

seria um amor de adolescência que mudaria isso. Até planejava seguir o idiota, encontrá-lo na balada e me exibir, mostrando o que perdeu. Minha mente estava em modo vingativo e nem certeza sobre o ocorrido eu tinha.

Mas, na manhã de hoje, domingo, sua mensagem me derreteu e relembrando a garota apaixonada que deu sua liga de perna no baile de formatura do ensino médio do irmão, respondi eufórica:

Laís>> O Haras deve ser lindo, tenho certeza que minha égua está em boas mãos e no melhor local para se acalmar. Já, sua atenção... não sei, você parece ter esquecido de mim depois que me ligou há dias atrás.

Guido>> Vale dizer que tem mais de dez mensagens não enviadas para você? Não liberte o monstro em mim, todas as outras deixaram claras sobre o quanto sou perseguidor.

Laís>> Poderia não trazer as suas peguetes para a nossa conversa? Não me faz bem lembrar que você dormiu com todas quando poderia estar comigo desde a formatura.

Droga, não tinha como apagar essa mensagem? Deitada na cama, esperando o horário do almoço chegar, estava feliz por ele ter falado comigo ao mesmo tempo que indignada por ter demorado tanto. Ele me fez relembrar sentimentos há muito tempo adormecidos.

Guido>> Nunca dormiria com você

sendo menor de idade. Ou você não se intimidaria de namorar um ex-presidiário?

Levando em conta que Vladimir já esteve preso antes de montar a Angel's, não me importava com o passado, desde que respeitasse minhas vontades. Não iria contar essa parte para ele, até porque, do jeito que estava indo, meu chefe e ex-amigo colorido seria passado e nada mais.

Laís>> Tudo bem, senhor samaritano, que faz tudo conforme a lei e não segue seu coração ou seus instintos carnais. Quem está na reunião de família?

Guido>> A família inteira, hoje não faltou ninguém, apesar que poderia, Fred, Bastien e Leo poderiam ter ficado em casa, não

fariam falta.

Laís>> Seus primos, como eles estão?

Guido>> Te garanto que você não precisa saber deles tanto quanto eles não precisam saber de você!

Laís>> Ah, então eu serei um segredo? Tem vergonha de mim? Quer saber, vai se foder!

Joguei o celular na cama e fiz um barulho de irritação. Que filho da mãe, Guido não iria contar para a família sobre nós?

O barulho de uma, duas, três mensagens soaram e cruzei os braços em birra, não iria responder logo. Sei que estava pressupondo um relacionamento, nem beijar nós tínhamos, mas poxa

vida, ele era meu amor de adolescência, se me pedisse em casamento hoje, eu, com certeza, aceitaria.

— *Vem almoçar Laís!* — minha mãe gritou da cozinha.

Peguei o celular a contragosto e olhei as mensagens com um sorriso enorme nos lábios, estava me sentindo a boba apaixonada.

Guido>> Nunca tive vergonha de você! Laís, você entendeu errado, só não quero meus primos em cima, sabe como são, além de me infernizarem.

Guido>> Você é linda, extrovertida e sabe dançar como ninguém. Tudo bem, isso é o que lembro de dez anos atrás, mas tenho certeza

que continua assim ou até melhor. Não tenho vergonha de você, não pense isso.

Guido>> Pelo amor de Deus, diga que entendeu, porque o problemático, ciumento e possessivo sou eu. Sei que tenho problema, que irá me mandar para puta que pariu depois de alguns dias, mas me deixe te ver, pelo menos uma vez.

Laís>> Acalme, touro bravo, a gente vai se falando por mensagem até nosso encontro. Você me viu reclamando de ciúmes? Para mim está tudo bem. Vou almoçar, beijos.

Larguei o celular, fui para a cozinha e sentei à mesa. Era apenas eu e minha mãe. Nunca me senti sozinha ou solitária, mas sabia que dona

Gorete se sentia assim desde a separação com o meu pai.

Acreditava que era a sina das mulheres de sua família, porque minha avó cuidou do meu avô até morrer, mesmo sabendo que ele tinha uma amante fixa. Agora a minha mãe, que nem procurava outro homem depois da separação com meu pai e eu, que sempre sonhei com Guido, mas tentava não correr atrás.

A verdade era que, enquanto não tivesse esse homem para mim, nenhum outro era bom o suficiente para permanecer comigo.

Desde o colégio, Torto trazia seus amigos para estudarem e brincarem com ele. Enquanto se isolavam, eu escutava atrás das portas e observava

de longe, minha mãe sempre me impedia de confraternizar junto com eles, por eu ser menina e eles, meninos.

Aprendi a usar roupa curta, mostrar a barriga e então, dançar. Quando todos me olhavam era quando me sentia plena, admirada e adorada, não excluída.

Meu pai não foi tão amoroso e depois que arranjou outra família, ficou menos ainda, para sofrimento da minha mãe. Eu comprava sua briga, ela era meu exemplo de vida.

— Sonhando com o quê, filha? — minha mãe perguntou sentando na cadeira a minha frente.

— Você nunca nem gostou de outro homem depois do papai?

— Que pergunta é essa? — Ela se serviu da comida e por não ter parado de encarar, deu de ombros. — Diferente do seu pai, sou mulher de um homem só, fui criada assim e sou feliz, mas não você. Não se deixe envolver por quem não te dá valor.

— Não se preocupe, mãe. Sou eu quem pego e não me apego. Também sou feliz assim — falei divertida e ela pegou meu prato para me servir.

— Tudo sob medida, Laís. Dar para todo mundo também não é bonito.

— Não... a bonita sou eu e meus encantos — brinquei movendo meus dedos na sua frente como se quisesse enfeitiça-la. Ela riu e seguimos o

almoço em silêncio, porque nós duas éramos grandes mentirosas em se tratando de estarmos felizes dessa forma.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Laís

Fui para a Angel’s cheia de determinação. Estava me sentindo em sintonia com Guido e por isso, precisava mudar algumas coisas na minha vida, começando pelo meu trabalho.

Entrei no camarim, conversei com as meninas, fiz meus alongamentos e não usei minha habitual roupa de dança e strip, apenas algo mais decotado, que para todos, era recatado.

— Muito comportado para você, Laís — Valéria comentou levantando minha saia e

conferindo a calcinha fio dental. A liga de perna estava a mostra, minha marca registrada desde que comecei a trabalhar aqui.

— Hoje só vou dançar.

— Desde quando? — questionou colocando as mãos na cintura e me enfrentando como se fosse minha chefe.

Fiquei de frente a ela, virei minha cabeça de lado e pisquei um olho para provocar.

— Você pode ter dado para Vladimir, mas não ocupa seu cargo. Eu faço o que quero.

— Ele já sabe? — Tentou mudar o clima e foi para o espelho retocar o batom. — Só estou preocupada, não precisa ser arredia comigo.

— Não se preocupe, eu sei me cuidar —

falei dando um tapa na sua bunda nua, hoje ela estava apenas com um tapa sexo e fitas tampando o bico dos seios.

Apesar de considerar Valéria um apoio, sabia que iria falar da nossa conversa para Vladimir. Não estava com medo das consequências, provavelmente meu salário diminuiria, mas estava tudo organizado na minha mente, eu juntei dinheiro e conseguiria o resto do meu sustento abrindo um estúdio de dança sensual. Era tempo de mudar, mesmo que parecesse que eu já estava contando com o ovo antes da galinha.

Esperei minha vez de apresentar, escondida na coxia do palco. *Earned It*, do cantor The Weeknd começou a tocar, saí de onde estava e

comecei a me exibir, caminhando lentamente, até chegar no pole. Angel's tinha dois ambientes, um mais comportado e outro mais explícito. Há muito tempo não dançava para esse ambiente, porque aqui, além de receber menos, tinha muito mais pessoas te olhando e devorando.

Gostava de me exibir, ser o centro das atenções e em nenhum momento me intimidei quando expus minha bunda nas acrobacias que fazia. Era uma afirmação do meu lado feminino, que tinha poder e poderia fazer o que quisesse enquanto houvesse respeito.

A música acabou e quando a luz baixou, vi Vladimir perto do bar acenando para que eu fosse até o escritório. Ótimo, Valéria tinha sido rápida,

ainda mais que ele costumava ficar apenas no outro ambiente e os seguranças controlavam esse.

Desinibida, saí do palco em direção aos clientes e muitos se surpreenderam. Bem, quem não me conhecia iria babar e pedir mais, diferente do mal-humorado do meu chefe.

Ele seguiu para as escadas que davam acesso ao escritório e fui atrás, enviando beijos para alguns homens que assobiaram para mim.

— O que está acontecendo, Laís? — questionou assim que abriu a porta do escritório. Entrei, sentei no seu sofá confortável e cruzei minhas pernas olhando para o imponente Vladimir.

— Comigo está tudo bem e com você? — falei com ironia, o que não o agradou. Dei de

ombros, ele sabia do meu jeito insubordinado.

— O que está fazendo que não dançou no ambiente explícito? Eu não te pago para rebolar, mas também mostrar seu peito e boceta raspada.

— Sim, imaginei que mesmo depois de anos trabalhando aqui, assim que pensasse em fazer algo diferente, você mexeria no meu salário. Está tudo bem, eu vou ficar com a turma comportada a partir de hoje. — Levantei e acenei com os dedos. — Tchau.

— Essa história está mal contada, o que está acontecendo? — Ele segurou no meu braço com força e me fez encará-lo. Em outros momentos eu o provocaria para transarmos nesse sofá, mas hoje, meus pensamentos eram apenas de Guido.

— Escolha o motivo que quiser, só não quero mais exibir meu corpo além do necessário. Amo dançar, mas não vou mais para o explícito. — Tirei meu braço e o encarei séria. — Espero que o respeito continue, não estou fazendo nada de errado.

— Se não mostra o corpo, não serve, vá para o olho da rua. — Apontou para a porta e empinei o nariz para o desafiar.

— Ótimo, porque não preciso mais do salário que você me paga. Adeus.

Ele não me deixou virar, segurou meus braços e tentou me beijar, como muitas vezes fazíamos quando começava uma briga, ou por causa do meu figurino, ou porque não segui o

protocolo de dançar apenas no palco. Ninguém me tocava, tinha liberdade de ser eu mesma entre os homens que me admirava.

— Me solta, Vladimir! — Empurrei-o e dei passos para trás. Não tinha nem me envolvido com Guido e já imagina que estava traindo. Droga de coração apaixonado, precisava firmar nossos laços antes que todas as minhas ações fossem um tiro no meu pé.

— Você não vai embora!

— Não vou, sei que falou da boca para fora. — Ajeitei minha roupa e a liga de perna, que ele puxou e soltou, me fazendo gritar. — Dói, idiota! — Bati no seu braço.

— Você me deve essa, para comemorar

sua aposentadoria. Quem sabe eu finalmente assumo um namoro com você.

Curvei o corpo quando ri alto, para sua decepção. Aproveitei para me afastar até chegar na porta.

— Vladimir me assumir como namorada? Foi a piada do século. Por favor, dê um trato na Valéria, ela está desesperada para te dar.

— Vou perguntar uma última vez, o que aconteceu, Laís? — Cruzou os braços e me encarou com raiva.

— Tive um sinal e o estou seguindo. — Abri a porta e mandei um beijo com a mão para ele. — Farei mais duas danças e vou para casa.

Saí de lá e desci as escadas com um ar

renovado. Tinha certeza que Vladimir não aceitaria fácil a rejeição, mas enquanto me mantivesse enigmática, como eu sempre era, tudo daria certo até que finalmente montasse meu próprio negócio.

Ele tinha várias mulheres, eu era apenas mais uma como ele era para mim. Estaria tudo certo, não haveria retaliações.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Guido

Saí mais cedo do Haras para ficar no meu apartamento na cidade e me preparar para o encontro com Laís. Iríamos em um pub country, escolha dela, apesar de nunca ter pensado nesse estilo para ela.

Trocamos muitas mensagens até hoje e, pela primeira vez na vida, parecia que alguém estava na mesma sintonia que eu da possessividade. Olhei-me no espelho, respirei fundo e neguei com a cabeça. Estava tudo errado, não era certo eu

monopolizar sua vida como ela a minha. Precisava trabalhar algo em mim, só não sabia o que era.

Entrei na minha caminhonete e segui para o pub como um adolescente indo encontrar sua paixão escondido dos pais. Precisei parar de pensar sobre a liga de perna que estava comigo há anos, inclusive se ela ainda usava esse tipo de lingerie. Eu iria tomar para mim novamente, meu prêmio de consolação.

Cheguei cedo, escolhi uma mesa mais ao fundo e com pouca luz. Avisei a moça da recepção que estaria aguardando Laís e inevitavelmente, peguei o celular para lhe enviar uma mensagem:

Guido>> Já estou te esperando. Quer que peça algo para você?

Laís>> Por que não pergunta pessoalmente? Olhe para cima!

Ergui minha cabeça e abri a boca em choque ao vê-la com um vestido preto justo, decotado e que moldava todas as suas curvas. Laís tinha se transformado em um mulherão, cabelos castanhos soltos, seios avantajados e quadris do tamanho certo, do jeito que mais gostava. Meus olhos foram para sua perna, meu pau quase acordou para vida ao ver um pedaço de renda perto da barra do vestido.

— Não vai me cumprimentar? — ela falou divertida e quase derrubando a cadeira, levantei e a abracei. Que cheiro maravilhoso, minha vontade agora era de beijá-la.

— Você está linda — falei olhando para todos os lados em busca de quem tivesse cobiçando a mulher. Um garçom olhou demais e já franzi minha testa em sua direção.

Coloquei-a para sentar ao meu lado, meu braço ficou em cima da sua cadeira e meu corpo parecia chamar o dela.

— Você não está nada mal. Parou no tempo? — perguntou divertida.

— Engordei um pouco, uma hora as cervejas iriam fazer efeito — falei chamando uma garçonete mulher. — O que vai beber, Laís?

— Vim de carona, então, estou podendo tomar álcool. Um drinque de morango para mim.

— Uma água tônica — pedi para mim e a

encarei da mesma forma que ela fazia comigo. Seus olhos brilhavam e seu sorriso, com o batom vermelho nos seus lábios, me atraíram como uma abelha no mel.

— Trouxe o babador? — perguntou com um sussurro.

— O quê? — Assustei.

— Aqui. — Sua mão foi até o canto da minha boca e deslizou pelo meu lábio. — Tinha uma baba.

— Você poderia limpar de outro jeito — falei em tom sedutor e quando pensei em avançar, o garçom apareceu com nossas bebidas. Olhei para o homem com raiva. — Eu prefiro que sejamos atendidos pela garçonete que nos atendeu primeiro.

— Pode ser vocês dois, fique tranquilo — Laís intercedeu quando o homem ficou envergonhado. A mão dela no braço dele acendeu uma chama que não gostava, do ciúme. Tirei meu braço do encosto da sua cadeira, peguei o cardápio e fui pensar em outra coisa.

Percebi que ela se serviu do seu drinque e depois, colocou água no copo para mim.

— Não sabia que seu nível de ciúmes era tão alto — falou divertida e apenas olhei-a de canto de olho.

— Meu santo não bateu com o garçom, só isso. Vamos pedir algo para comer? — Entreguei o cardápio e bebi um pouco da água enquanto ameaçava com o olhar todos que queriam ter uma

visão privilegiada da minha mulher.

Porra, estava fodido, não ia funcionar.

— Você lembra o quanto eu danço? — Laís questionou e levantou a mão para chamar o garçom. Rosnei e olhei para o teto, a última coisa que queria era ser chamado de louco, por mais que me sentisse o tal.

— Sim, você fazendo isso na formatura é uma memória viva — falei para o garçom escutar. Ele anotou nossos pedidos e Laís se levantou estendendo a mão para mim.

— Vem, vou te fazer relaxar.

— Como? E... eu não estou tenso! — Senti uma gota de suor escorrer nas minhas costas e percebi o quanto essa situação estava me

incomodando, ainda mais porque um cara estava olhando para a bunda dela.

— Vem, Guido! — Pegou na minha mão e me puxou para a pista de dança, que tocava uma música sertaneja agitada, João Bosco e Vinicius, Chora me liga.

“Não vai ser tão fácil assim

Você me ter nas mãos

Logo você

Que era acostumada a brincar com outro coração”

A música parecia fazer parte dela. Mexendo os quadris e os braços, ela me fez acompanhar seu ritmo e finalmente consegui esquecer todos ao nosso redor. Não importava

quem olhava ou o quanto seu vestido parecia subir a cada movimento, porque ela fazia por mim, para mim e... dessa vez, ela seria toda minha.

“Chora, me liga

Implora o meu beijo de novo”

Ela cantou para mim, me provocou e com as mãos possessivas na sua cintura, trouxe-a para perto e uni nossas bocas sem nenhum ressentimento. Céus, era bem melhor do que antes, ou eu havia esquecido como era ter sua boca na minha. Macia e ávida, ela correspondeu ao beijo e segurou meu rosto sem perder o ritmo da dança.

Provocadora, ela interrompeu o beijo, pegou na minha mão, a outra colocou na sua cintura e dançamos a próxima música a dois,

Sufoco, também de João Bosco e Vinicius.

“Como que eu faço pra tirar da cabeça

Sendo que você não sai do meu coração?”

O sorriso era impossível de conter, os beijos roubados mais prazerosos do que um dia consegui sentir com alguém. Seria isso que Ricardo tinha com Tati? Ou então Fred, era esse sentimento que o fez mudar de galinha para homem de família?

Seria eu a próxima baixa do quarteto de solteiros?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Guido

— Nossa comida chegou! — Laís gritou no meu ouvido, estourou nossa bolha mágica e me fez segurar a respiração ao perceber que chamamos atenção de quase todos no pub.

Abracei a mulher, caminhei com ela até a mesa como se fosse o seu dono e sentei, com meu braço no encosto da sua cadeira.

— Precisam de mais alguma coisa? — o garçom perguntou assim que colocou nossos pratos na mesa.

— Não!

— Sim! Traga limão, sal e uma dose de tequila, por favor. — A suavidade de suas palavras me irritou e não consegui controlar.

— Precisava falar assim com ele?

— Assim como, educada? — questionou rindo, o que piorou a situação. — Ele é só o garçom, quem estou beijando e imaginando na minha cama é você, garanhão. Relaxa, Guido.

— Relaxa o ca... — Controlei minha boca, peguei um pouco de água e tomei. Normalmente, o ciúme vinha depois de um ou dois dias ficando, com Laís, não imaginava que seria tão rápido.

Claro, nunca troquei tantas mensagens com uma mulher e óbvio, ela era o amor impossível

de juventude.

— Experimenta! — Laís segurou o garfo na direção da minha boca e não parecia incomodada, pelo contrário, se possível, ela estava mais radiante.

Abri a boca olhando para todos a minha volta e me incomodava demais com as pessoas nos observando. Precisávamos ir para casa logo, afirmar que ela estava comigo entre os lençóis e, se ela ainda me quisesse, tentar um novo encontro.

— Está tão preocupado com os outros que está esquecendo de curtir comigo. Guido — ela passou a mão no meu rosto e conseguiu minha atenção —, você pensa que eles estão olhando, porque querem me ter, mas a verdade é que todos

querem você.

— Só tem *viado* aqui? — questionei irônico.

— Não, seu bobo. Você foi o homem que me fisgou, nenhum outro vai me tocar enquanto você estiver aqui comigo. Aproveite o momento e esqueça o resto.

Ela parecia compreensiva demais, o que não fez bem para meu lado possessivo, ainda mais quando a tequila, sal e limão chegaram. Por que ela tinha que sorrir para todo mundo e não apenas para mim?

— Metade para você, metade para mim — ela falou sem eu entender.

Abriu dois botões da minha camisa xadrez,

lambeu meu pescoço e me deixou de pau duro no instante depois. Colocou sal por onde ficou molhado de saliva, pegou a dose de tequila e levantou as sobrancelhas travessa.

— Aos amores impossíveis.

Ela chupou meu pescoço, onde tinha sal mais tempo do que deveria. Sua mão segurou perto da minha virilha, piorando a situação que estava, tomou metade da dose, e depois chupou o limão fazendo um barulho de vitória.

— Sua vez!

— Como assim?

Ela pegou minha mão, chupou meu dedo e esfregou no seu pescoço. Colocou sal, entregou a dose e incentivou.

— Assim, sua vez.

Deveria estar maluco ou em um universo paralelo. Quando que imaginei que estaria assim com Laís?

Fiz como ela, chupei seu pescoço, tomei a tequila e quando procurei o limão, estava em sua boca, me chamando para se unir a minha.

Beijei-a com desejo, tirei o limão do meio de nós e continuei enquanto minha mão deslizava pela sua perna sua até chegar na barra do vestido. A liga de perna, a bandida estava com ela e isso me excitou mais ainda, esquecendo de tudo novamente.

— Colocou para mim? — questionei convencido.

— Sim, mas só será sua se me levar para a

sua cama.

Atrevida, não tinha papas na língua e... nada mais era que meu inferno pessoal.

Minha mão tentou puxar o tecido para baixo, o que foi um mau movimento, porque ela interrompeu nosso beijo, acenou para alguém de outra mesa e voltou a comer.

O que foi que tinha acontecido?

— Quem era? — questionei procurando a pessoa que ela fez contato.

— Não sei, mas estava babando na nossa encenação. Fiz para provocar. — Bateu seu ombro no meu e me encarou com desejo. — Termina logo sua comida, porque vou deixar a sobremesa para você me dar.

— Meu Deus, mulher, você vai me fazer surtar! Por que dar atenção para alguém de fora? Eu não quero chamar atenção.

— Acostume-se, porque estar comigo é se transformar no centro das atenções. — Ela bateu no meu nariz com a ponta do dedo e tomou um gole do seu drinque. — Não é errado nisso.

— E quem disse que é certo? — Ainda estava atônito, não sabia o que fazer.

— É o meu jeito. Ou você, algum dia, olharia para mim se eu não rebolasse no seu pau? — perguntou baixo e colocou a mão na minha virilha rapidamente. Segurei a respiração, ela me faria explodir, tesão ou loucura, os dois.

— Você não precisa se exibir para eu te

notar. Você é linda de qualquer jeito.

— Que bom, porque eu gosto de ser linda usando decote e mostrando minhas pernas. — Deu-me um selinho e apontou com o garfo para minha comida. — Come logo, senão vou achar que você não quer minha liga hoje.

Ela não precisava dizer duas vezes, porque eu queria saber mais dela, conversar mais sobre sua vida, mas o tesão estava em primeiro lugar na sua noite, e pelo visto, na minha também.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Guido

Parei o carro na vaga do estacionamento subterrâneo do meu prédio e Laís me atacou. Abriu o zíper da minha calça, tirou meu membro e o manipulou como uma perita.

Fechei os olhos e esqueci qualquer outro homem que teria tocado nela que não fosse eu. Laís soube lidar com meus ataques de ciúmes, ninguém, até hoje, conseguiu ser tão maleável como ela.

— Melhor irmos para dentro, tem câmeras por aqui.

— É apenas uma chupada, prometo ser rápida.

— Porra! — xinguei baixo quando ela inclinou e colocou tudo dentro da boca.

Como conseguiria lidar com essa mulher? Tomava iniciativa, me dominava e quando achava que iria surtar, me colocava na linha. Laís não era apenas uma garota que fantasiei e rechacei, era a porra de uma mulher no poder.

— Sou cimento pra caralho — falei tentando não gozar na sua boca com apenas algumas sucções de sua parte.

— Eu não ligo, desde que não tire minha liberdade — respondeu beijando minha boca e voltando a trabalhar no meu membro.

— Está errado, eu preciso me tratar — falei estrangulado, estava quase no ápice.

— Serei seu melhor remédio, Guido. Pode gozar, eu te animo novamente lá em cima ou você mostra todo o poder da sua boca em mim — falou cheia de malícia, voltou a me chupar e sem pudor, gozei com força enquanto segurava seu cabelo e comandava o ritmo final.

Caralho!

Fechei os olhos e ela me deu um selinho, me assustando.

— Se não sairmos logo daqui, vou ter que tirar meu vestido, porque ele estará ensopado. — Saiu do carro.

Respirei fundo, ajeirei minha calça e saí

com as pernas bambas.

— Está tão molhada que passou da calcinha? — questionei bem perto do seu ouvido andando em direção ao elevador, o estacionamento dava eco dos nossos passos.

— Estou sem calcinha — respondeu correndo de salto até o elevador e me olhando com cima do ombro enquanto mexia os quadris.

Era hoje que infartava, tinha certeza disso. Evitei pensar nela, sem calcinha, enquanto dançávamos no pub.

Colei nas suas costas e beijei seu pescoço. O elevador chegou e como se fôssemos um, entramos abraçados.

— Como está Linda? — ela questionou

enquanto controlava os gemidos de prazer. Minha boca fazia um bom trabalho no seu pescoço e ombro.

— Quer falar de égua nesse momento?

— Estou tentando me distrair antes de pular no seu colo enquanto o porteiro nos assiste pela câmera. — Parei imediatamente o que estava fazendo e a coloquei atrás de mim. Porra, como não lembrei disso?

— Desculpe, não queria te expor — falei pesaroso e as portas se abriram com ela rindo alto.

— Exposição da minha figura é a última coisa que me preocupo, Guido. — Ela envolveu os braços no meu pescoço enquanto tentava abrir a porta do meu apartamento. — Faça uma loucura

comigo, me fode contra essa porta.

— Tenho dois vizinhos aqui na frente, eles podem nos ver, Laís! — falei com a mão tremendo e não conseguindo encaixar na fechadura. Puta que pariu, ela queria me levar ao limite.

— Que vejam, ninguém os chamou. Estou quase gozando, só preciso que seja agora.

Não iria expô-la, por mais que a adrenalina do momento estivesse me deixando pronto para o combate mais uma vez. Também não queria decepcioná-la, eu já estava com um no placar, precisávamos igualar.

Virei seu corpo, coloquei minha mão debaixo do seu vestido e colei seu corpo em frente da minha porta. A chave entrou e pronto para entrar

em casa se alguém aparecesse, movi meus dedos em meio a sua umidade e ponto de prazer.

— Mais rápido — pediu baixo e realizei seu desejo. Estava desconcertado, desesperado e louco para entrar em casa e me perder em seu corpo entre meus lençóis.

— Pode gozar sem medo, porque teremos muito mais essa noite — sussurrei no seu ouvido.

E assim ela se entregou, o elevador fez barulho e rapidamente, virei a chave e entrei no meu apartamento antes que nos pegassem em flagrante. Minha mão nunca saiu do seu clitóris, por isso o pé fechou a porta.

Peguei-a no colo quando o tremor do seu corpo sessou, segui até a cama e a coloquei como

se fosse a dona do lugar. Como sempre no comando, ela retirou o vestido com destreza, se remexeu e me fez admirar toda a sua beleza enfeitada com a liga de perna.

Pelo menos, por hoje, ela seria minha.

— Tira a roupa para mim, bem devagar, quero apreciar com moderação.

— Depois de tudo o que fizemos lá fora? — perguntei divertido enquanto removia minha camisa, botão a botão fui exibindo meu tórax.

— Minha vez de ter alguém se exibindo para mim, não tire isso de mim — falou enigmática e não entendi ao certo. Precisava urgentemente conversar com ela, saber mais sobre sua vida, sua profissão e...

Ela virou de bruços, empinou a bunda e mexeu as pernas me provocando. Seu olhar por cima dos seus ombros era apenas um adicional para a visão maravilhosa que estava tendo.

— Espero que tenha muitas camisinhas.

— Se não forem o suficiente, farei com que minhas mãos e boca o tornem. — Tirei as botas, depois a calça e por fim, a cueca. — Posso começar te beijando?

Ela voltou a ficar de barriga para cima, abriu as pernas e ergueu o quadril me convidando.

— Pode começar me fodendo, foram mais de dez anos esperando por isso, só acabe com a minha tortura.

Fui até o criado mudo, forcei meu pau a

ficar completamente ereto com um pouco de punheta e coloquei a camisinha. Pulei na cama, me coloquei entre suas pernas e não perdi tempo invadindo sua boceta.

— Guido! —gritou meu nome, beijei sua boca e movimentei meu quadril para nos proporcionar o melhor do prazer. Estávamos sensíveis e desesperados, precisávamos ter controle, ou cansaríamos rápido demais.

Ela fez força e me deitou enquanto me montou. Se esfregou no meu quadril, ficou sentada, subiu e desceu para meu deleite.

— Você me quer? — questionou em êxtase.

— Sim! Laís, você é perfeita — falei

segurando seus seios.

— Gosta assim? — Ela subiu, desceu e se esfregou.

— Vou gozar a qualquer momento.

— Não, vai gozar comigo — falou mandona, inclinou seu corpo e beijou minha boca. Seus gemidos eram uma tortura e como um bom amante, ela mandou, eu obedeci, segurei meu clímax enquanto ela não chegasse ao seu.

Não demorou muito e com um sorriso satisfeito, assim que interrompeu o beijo, gozou rebolando no meu pau e eu gravei na memória o momento que me tornei um homem estragado para qualquer outra mulher.

Ela caiu ao meu lado, exausta, tirou a liga

de perna e jogou no meu peito.

— É sua, sempre foi e sempre será.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Guido

A noite foi longa e mesmo eu precisando acordar cedo para ver os cavalos no Haras, decidi por ficar um pouco mais com Laís.

Observei-a dormir e quando ela se espreguiçou, anunciando que estava acordando, alisei seu corpo e senti o arrepio que causei.

— Bom dia, furacão. — Beijei sua clavícula depois seus lábios. — Está com fome?

— De você, sim! — Virou na minha direção, enlaçou sua perna na minha e quase nos

uniu. Ambos nus, esgotados e pelo visto, insaciados.

— Não vai ficar assada ou algo assim? — questionei e ela riu alto, me colocando deitado de costas e montando minha cintura. Ela exibiu seus seios, se esfregou na minha barriga e pulou para fora da cama.

— Vou tomar um banho, você está convidado se não estiver atrasado.

— Atrasado estou, mas quero ficar um pouco mais com você. Acabou que nem conversamos.

Se sentindo dona da casa, ela entrou no banheiro, ligou o chuveiro e me deu espaço para fazer o mesmo.

— Agora você quer conversar? No pub você só pensava em formas de torturar os clientes que nos encarava — brincou enquanto se ensaboava.

— É algo que tento controlar, mas parece mais forte que eu. Você é bonita e gostosa, os homens vão querer te assediar.

— Não mais do que fazem no meu emprego e nunca tive ninguém ultrapassando os limites. — Deu de ombros, virou de costas e deixou a água escorrer pelo rosto. — Existe terapia para esse tipo de coisa, não é vergonha fazer.

Como é que é?

— Que trabalho? — perguntei com o coração na mão, era a única coisa que tinha

entendido. Ela me entregou o sabonete, mas nem consegui fazer minha higiene.

— Torto não contou? — Olhou por cima do ombro. — Sou dançarina da Angel's Night Club. E antes que você diga algo, quando me mandou mensagem no domingo e firmou nosso compromisso, eu deixei de fazer strip-tease. Eu danço, eu me exibo, sou o centro das atenções e sou feliz, ninguém faz nada que eu não queria.

Ela voltou a se lavar como se a bomba que ela tinha falado não tivesse me brochado pela eternidade. Achava que namorar Laís seria impossível na juventude, agora, ultrapassou outros limites da dificuldade.

Ela dançava na Angel's. Ela era uma

prostituta.

— Você se prostitui? — perguntei decepcionado e ela se virou para mim revirando os olhos.

— Abra sua mente, Guido. Sei que muitos homens só vão na Angel's para transar, mas há aqueles que só vão ver. Não estou na folha de pagamento como prostituta, mas dançarina. Eu danço, pole dance é minha vida. — Ela sorriu como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Com a redução da minha jornada na boate, vou poder finalmente usar meu dinheiro para abrir um estúdio de dança sensual. Vou ajudar mulheres a fazerem exercício físico e trabalharem na confiança.

Não entrava na minha cabeça o motivo

dela falar tudo de forma tão natural. Laís não se considerava uma prostituta, mas eu já estive na Angel's e sim, todos que assistem uma dança sabem que podem transar com a mulher pagando o seu preço.

Como poderia namorar com alguém que...

Virei de costas e tentei não deixar que meus pensamentos seguissem para o preconceito. Ela não parecia alguém que precisava do dinheiro e não fazia por obrigação, mas por satisfação. Laís gostava de atenção, de dançar e... encontrou na boate o local perfeito para ser o que ela queria.

— Acho que te choquei demais. Vou te dar alguns minutos para digerir antes de tomarmos café da manhã juntos. Só lembre que eu escolhi ser sua.

— Ela me virou para dar um selinho e não retribuí, porque estava... chocado.

Justo eu, o rei dos ciúmes, escolheu uma dançarina sensual para ficar?

Ainda bem que nunca prometi nada para ela, muito menos para Torto. Agora parecia até claro o motivo dele querer me empurrar para sua irmã, quem iria querer um relacionamento sério com ela tendo essa profissão?

Demorei para começar a tomar banho e quando terminei, me enxuguei no automático. Peguei a pasta de dente, coloquei na escova e enquanto me encarava no espelho, refletia sobre como deveria lidar com essa situação.

Eu era um cavalo, muitas vezes minha

irmã me chamou de tal por ser antiquado e estúpido. O ciúme que tinha dela se foi quando mudamos nossa turma. Quem sabe, acumulei todo esse meu jeito protetor para as mulheres que saía.

Laís não parecia preocupada com seu jeito de ser, diferente de mim, que tentava controlar a todo custo e quando eu exibia, ela lidava da melhor forma. Esse foi um primeiro encontro e tanto, mas que nunca poderia se repetir.

Essa mulher não era para mim.

Cuspi a pasta de dente sentindo amargo ao invés do refresco da menta. Só de pensar que não terei o furacão novamente me fazia o peito doer e o ácido subir na minha garganta.

Por que ela tinha que ser assim?

Por que eu era assim?

Perdido no que deveria fazer, coloquei minha roupa de trabalho e fui para a cozinha, percebendo que demorei mais do que deveria no banho. As torradas estava tronchas e o café não saia fumaça por estar frio. Olhei para Laís, que estava vestida e apoiava seu cotovelo na mesa enquanto sua mão segurava seu queixo. Seu olhar estava longe, o sorriso que aquecia meu peito não existia mais.

— Eu realmente gosto de você há tanto tempo, Guido — ela revelou e me encarou temerosa. — Se me perguntarem, é capaz de dizer que amo e sempre amei, ainda mais depois da noite que tivemos.

Sentei na cadeira a sua frente, ela suspirou e se levantou.

— Respeito o seu jeito de ser, sempre soube que você era ciumento e possessivo, apesar da intensidade ser maior. Como disse, não me incomoda enquanto não invadir meu espaço. Achei que você seria diferente, que quando revelasse minha profissão, não ficasse horrorizado como muitos outros, até porque, não tenho vergonha do que faço, ganho meu dinheiro com o fruto do meu serviço, o que mais amo fazer nessa vida que é dançar e hipnotizar quem me vê fazendo isso.

— Laís... — Esfreguei minhas mãos no rosto, suas palavras massacraram meu coração e todos os meus preconceitos. — É muito sofrimento

te ver enquanto outros te cobiçam. Não acho que daremos certo.

— Eu acho que daremos sim, mas você precisa tentar. — Ela colocou a mão na mesa a minha frente e a encarei de baixo. — Você gostou da adrenalina, você se excitou comigo sem calcinha então sim, nós temos uma conexão, só basta você dizer sim para ela.

Quando abri a boca para responder... nem sabia o quê, ela saiu do meu apartamento e me deixou com dúvidas e sofrimento.

E agora, o que faria da minha vida?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Guido

Tentei controlar minha ânsia de enviar uma mensagem para Laís, mas foi impossível, ainda mais que ela fez questão de invadir meu celular com várias mensagens até a noite do outro dia, quando terminei o meu expediente e voltei para casa.

Laís>> Ainda sinto seu cheiro na minha roupa. Não tirei meu vestido, estou deitada na cama, com preguiça.

Laís>> Sei que te assustei e tenho

certeza que está se remoendo por saber minha profissão. Não se engane, eu danço, uso o meu corpo tanto quanto um ator de novela.

Laís>> Como está Linda? Espero que você esteja cuidando bem da minha égua, pretendo te visitar essa semana ou semana que vem.

Laís>> É melhor você dar sinal de vida, porque sei onde você mora e onde trabalha, posso aparecer a qualquer momento e te enquadrar na frente de todos. Não tenho medo de homem fujão.

Guido>> Não fugi, pela primeira vez na minha vida, foi uma mulher que encheu meu celular de mensagens e eu não consegui

responder.

Laís>> Como não posso falar dos homens que já passaram na minha vida, você também está proibido de falar das mulheres da sua. Como está Linda?

Guido>> Acho que a inseminação deu certo, apesar dela estar muito agitada. Sua presença será bem-vinda até para acalmar.

Laís>> Combinado. Se não fosse de noite, sairia de casa agora.

Guido>> Não vai trabalhar hoje?

Apesar de ter digitado, senti o gosto amargo na boca. Porra, a mulher trabalhava de noite na boate que muitos colegas já frequentaram, inclusive eu. Pelo visto, havia um local exclusivo

com pessoas VIP, porque nunca vi Laís por lá.

Será que eu deveria ir vê-la? Não, aconteceria um assassinato e não estava pronto para ir preso, tinha um casamento para participar, o de Fred, não o meu.

Droga, larguei o celular de lado e fui procurar algo para comer na cozinha. Minha mãe andava muito quieta, o que não era comum. Do nada ela parou de comentar sobre minha irmã e meu primo, estava fazendo café e bolo quase todos os dia depois que Torto apareceu com os cavalos.

Meu celular apitou e minha curiosidade foi maior do que a prudência.

Laís>> Sim, hoje é dia de dança, mas troquei para ir apenas no final de semana. Meu

chefe anda de cara amarrada para mim e só para mostrar que ninguém manda em Laís Pirez, mudei meu horário.

Laís>> Vamos nos ver?

Guido>> Não gosto dessa conversa, Laís. Torto sabe sobre esse chefe? Será que devo me preocupar por você?

Laís>> Foda-se meu chefe, estou interessada em ser fodida por você. Uau, até eu me senti ousada nessa cantada, não me deixe no vácuo.

Tantas palavras obscenas em uma única mensagem de texto. Ela parecia não se dar conta do tanto que me deixava obcecado, imaginando mil cenários de prazer ao mesmo tempo de terror, com

pessoas olhando e desejando o que era meu.

Fechei os olhos e sacudi a cabeça, não poderia aprisionar alguém ao meu inferno pessoal e muito menos eu deveria estar procurando alguém que me fizesse sofrer. Ela ia dançar, homens se masturbariam pensando nela e eu, entraria em modo assassino.

Precisava beber, de um ombro amigo e esquecer as mulheres que me deixavam louco por suas atitudes.

Mas não poderia dispensar Laís, não novamente, ainda mais quando sabia como era estar com ela debaixo e encima de mim. A vida era ardilosa, porque me entregava o maior tesouro do mundo e junto dele, os piores pesadelos.

Valeria à pena?

Guido>> Laís, meu primo está precisando de um apoio e vou lá ajudar. Depois nos falamos, furacão.

Laís>> Até amanhã, fujão.

Sim, não tinha nem vergonha de assumir que estava fazendo isso.

Liguei para Bastien e não tive resposta. Então liguei para Leo, que se prontificou a vir até em casa, porque estava de folga.

Peguei uma cerveja no refrigerador, abri e tomei quase tudo em apenas um gole para acalmar meu membro que estava se animando só de pensar na Laís rebolando enquanto tirava a roupa. Ela me pediu para me despir lentamente, não tinha

entendido a referência naquela hora, agora sim.

— *Sou eu, trouxa!* — Leo gritou enquanto apertava a campainha. Como já conhecia o porteiro, ele entrava e saia sem precisar da minha autorização.

— Entra e pegue uma no congelador — cumprimentei seguindo para a sacada e sentando na cadeira que existia nela.

— Hoje vou só escutar, estou dirigindo e de plantão — Leo falou sentando na outra cadeira e colocando os pés sobre a mesa.

— Encontrei com a Laís — falei e ele entendeu o peso dessa afirmação. Assobiou, sorriu divertido e não me encarou, continuou olhando para o céu estrelado.

— Descobriu sua profissão — declarou e me encarou com diversão enquanto eu o olhava chateado. — Depois de Luana, investigo todos que estão a nosso redor, por pior que seja. É chato demais saber demais, deixava tudo de lado, agora não mais.

— Você poderia ter me enviado uma mensagem de texto e avisado, porra.

— Oi, Guido, Laís é dançarina na Angel's Night Clube. — Voltou a olhar para o nada. — Que diferença isso faria?

— Não ligaria para ela e marcaria um encontro.

— Bem, agora você marcou, fodeu e está com o pinto triste, porque não será exclusivo.

Bati a cerveja na mesa e joguei seus pés no chão. Não costumava explodir, até porque, vivia uma guerra interna para me controlar, mas falando de Laís dessa forma... não deixaria passar impune nem se fosse meu primo.

— Ela não é uma prostituta.

— Que bom que você sabe, porque o dono da boate considera todas as mulheres lá dentro como tal. — Inclinou o corpo para frente e me encarou feroz como eu estava. — Ela não está em um bom ambiente de trabalho.

— Laís disse que gosta de dançar, não vou mudar a vida dela, até porque, se eu quisesse, obrigaria a andar de burca.

Ele riu alto, levantou da cadeira e inclinou

para olhar para baixo, me assustando e o fazendo rir mais ainda.

— Você precisa relaxar ou encontrar um terapeuta.

— Pensei que você iria me ajudar em alguma solução.

— O que você quer fazer? — Ele virou e se apoiou na varanda. — Faz igual Fred, começa a morar junto, pede em casamento e tira ela dessa vida bandida.

— Eu não vou casar com ela! — falei indignado.

— Repita essa frase daqui um mês. Vocês são tudo uns tanga frouxa, não conseguem pegar uma mulher e desapegar, já se apaixonam. — Leo

falou saindo da sacada e seguindo em direção a porta. — Vocês só arranjam mulheres complicadas.

— Falou o homem que tem uma paixão enrustida por Alexia. Sua hora chegará. — Pisei em uma ferida aberta, porque meu primo parou, respirou fundo e mostrou o dedo médio para mim sem me olhar nos olhos.

Foi embora, me deixou com mais dúvidas e piorou os meus medos.

Droga, seria mesmo verdade que estava ficando apaixonado?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Guido

Não deveria me surpreender quando vi um carro estranho se aproximar e de dentro dele saísse Laís, vestindo uma calça justa escura com alguns rasgos nela combinando com uma camisa jeans amarrada debaixo do seio. Ela era a personificação da atriz pornô em um estúdio country, por isso olhei feio para os peões do Haras e corri para tampar a visão deles para ela.

— Laís! — Queria dizer tanta coisa, que sua roupa era inadequada, que sua vinda não foi

planejada, que nossa troca de mensagens, desde o nosso encontro, me deixava excitado, mas só saiu:
— Você veio.

— Sim, não deu tempo de ter vindo ontem, porque estou em busca de um local para escolher meu estúdio de dança, mas vim hoje e pronta para montar. — Ela deu um selinho nos meus lábios, girou o corpo na minha frente e o filho da puta de um dos meus funcionários assobiou.

— Respeito, caralho! — gritei para trás e para meu desespero, Laís acenou para os babões que nos observavam.

— Relaxa. Cão que ladra, não morde — falou de forma sensual e saiu andando, ou melhor, rebolando até as baias onde os cavalos ficavam.

— Você vai me fazer perder o juízo, mulher. — Olhei para sua bunda, cuja a calça parecia ter embalado seu corpo a vácuo. Eu não poderia ter fixação por uma mulher feia? Não, tinha que ser a mais gostosa e desejada de todas.

— Foca em mim, Fujão. Esqueça os outros e qualquer pensamento que lhe faz querer matar alguém. — Ela parou de andar e fiz o mesmo. Ela virou e me encarou. — Está focado em mim?

Seus olhos me hipnotizavam e numa tentativa de recobrar meu domínio mental, tossi e desviei o olhar.

— Preferia que você tivesse ligado. Linda está em uma atividade, não dará para montar nela.

— Sei que você arranjará outro cavalo e

andará comigo, certo? — Colocou os braços ao redor do meu pescoço e precisei segurar a respiração para que meu membro não reagisse a sua aproximação. — Você ainda está pensando no meu trabalho, né? Tire ele do nosso caminho.

— Não tem como eu fazer isso, uma vez que ele existe e me faz ter um ataque de ciúmes. Não sou homem para você, Furacão — falei baixo, apesar de imaginar que alguns de meus homens pudessem escutar. Segurei seus braços e os tirei de mim, fazendo o sorriso jovial, que me enxia de prazer, sumir.

— Por isso diminuí minhas horas na Angel's, vou montar meu próprio estúdio e ser independente. Se você me der toda atenção que eu

preciso, não vou precisar procurar em outro lugar, como sempre fiz — falou e me deixou plantado no meio das baias.

Não sabia para onde tinha ido, até porque, aquela direção era da casa dos meus pais, o pior lugar para ela estar.

— Patrão, quer que sele algum cavalo nosso para a moça?

Olhei para o peão que me encarava receoso. Não precisava me olhar no espelho para saber que estava com minhas feições irritadas. Laís gostava de me tirar da zona de conforto ao mesmo tempo que me deixava flutuando em nuvens.

— Pode deixar que eu faço isso, volte para o seu trabalho — falei seco e fui atrás da minha

melhor sela e o meu garanhão.

Tinha dois cavalos, Cacareco era mansinho e usava para andar com as crianças e Patriota, o quarto de milha que me ajudava nos afazeres do Haras e em exposições.

Depois de tudo pronto, puxei o cavalo e fui para o lado de fora, onde encontrei Laís com um sorriso travesso nos lábios. Ela parecia que tinha saído da casa dos meus pais, mas como a porta da frente estava fechada, ela deveria ter apenas espiado e não cruzado com minha mãe, que seria o caos para a minha vida pessoal.

— Vem andar comigo? — falei alto enquanto ela vinha saltitando em minha direção. Assim que se aproximou, cruzou os braços a sua

frente e fez bico.

— Posso não ligar para seu jeito turrão, mas um pedido de desculpas seria de bom grado, já que vamos dividir uma sela.

— O que eu fiz? — perguntei assustado.

— Veio todo “não sou homem para você, Furacão” — engrossou a voz para zombar de mim. — Amei o apelido, mas não diminuiu sua pena. Quero um pedido de desculpas.

Olhei para a sua barriga de fora e decote, depois por cima do meu ombro os meus funcionários babando na minha mulher e suspirei rendido. Faria isso apenas para sairmos logo daqui e não porque sentia que estava errado. Era real, não daríamos certo.

— Desculpe, Laís, agora monta.

Bufando irritada, ela segurou na sela, montou e tomou as rédeas da minha mão.

— Você vai a pé.

— Patriota não é como Linda, deixe-me montar... porra! — Ela disparou com o cavalo pelo pasto a fora e lá estava eu, correndo atrás dela e morrendo de medo que caísse.

Seu riso podia ser ouvido de longe e seguindo em direção onde aos outros cavalos se exercitavam, inclusive sua égua, ela reduziu a corrida e então, consegui alcançá-los.

— Linda é poderosa como eu, não é mesmo? — Laís falou enquanto eu tomava as rédeas de Patriota e montava às suas costas. Pior

movimento possível, uma vez que nossos corpos se conectaram e lembraram da nossa noite quente.

Deveria ter perdido o juízo. Mesmo com ela dando em cima de mim e eu fugindo, minha cabeça de baixo falou mais alto que a razão.

— Vamos para um canto, vou te mostrar o lado do Haras que ninguém conhece — sussurrei no seu ouvido e sua mão fazendo o meu braço envolver sua cintura era toda a autorização que eu precisava para agir.

Virei a direção do cavalo e segui mais para dentro do pasto, onde havia a parte verde obrigatória. Muitas árvores, muitos passarinhos piando e, claro, privacidade.

Assim que não vi mais ninguém por perto,

desci do cavalo, ajudei-a fazer o mesmo e a tomei, sem pensar duas vezes. Dessa vez, quem tinha dado o pontapé inicial era eu.

— Uau, não é que o Fujão tem iniciativa?

— A porra do Fujão vai te fazer gozar no meio dessas árvores. — Colei suas costas em uma árvore enquanto Patriota parecia preocupado com outra coisa, se afastando e nos dando privacidade.

— Gosto assim, Guido, quando não há dúvidas, apenas paixão.

Ela pulou e enlaçou suas pernas no meu quadril ao mesmo tempo que seus braços envolveram meu pescoço. Estava com medo de machucá-la, mas não me impediu de pressionar nossos corpos e tirar o máximo de prazer enquanto

a beijava.

Não deveria dar corda para essa mulher, todavia, eu seria um idiota se não a tomasse aqui e agora.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Guido

Quando apertei sua bunda e a escutei gemer, percebi que não tinha nenhuma camisinha por perto. Não estava com minha carteira e nunca pensei em transar durante o meu trabalho.

Laís me fazia ter desejos que estavam além do tradicional.

— Não tenho camisinha — falei quando tomei fôlego para beijá-la novamente.

— Me faça gozar como prometeu que eu te farei o mesmo quando me recuperar.

Tinha certeza que ela faria, com Laís não havia meio termo, ela executava e pronto.

Subi e desci seu quadril no meu, apertei sua bunda e apreciei a finura do seu jeans justo. Ela jogou a cabeça para trás e tentei não nos derrubar quando vi seu seio quase a mostra. Caralho, precisava experimentar, chupar e ouvi-la gozar.

Com uma mão apenas a segurando, puxei a camiseta para o lado junto com o bojo do seu sutiã. Chupei o bico e ela tomou conta dos movimentos de quadris, meu pau estava latejando, Laís não precisaria fazer nada além do que continuar, iria encontrar o clímax junto com ela desse jeito.

— Eu vou gozar — anunciou com um

sussurro.

— Pode se entregar que te seguro. — Abracei seu corpo enquanto os tremores tomavam conta e esperei seu fôlego voltar para colocá-la no chão.

— Preparado para a revanche? — inquiriu atrevida enquanto ia se agachando. Só de imaginá-la novamente com a boca em mim me fazia querer gozar sem nem ter sido tocado.

— Com as mãos — pedi colocando-a de pé e massageando seus seios. — Vai me fazer gozar enquanto aproveito você.

Ela não relutou, sorriu com ousadia e abriu minha calça para me satisfazer. Tinha certeza que ela ficaria pronta para mim novamente, mas nossa

aventura tinha prazo de validade, eu precisava voltar a trabalhar e a gente tinha que dar um tempo.

Enquanto só pensava em sexo, estava tudo bem. Quando a colocava no meio de tantas outras pessoas, meu cérebro fundia.

Não demorou muito para que o vai e vem da sua mão nos lambuzasse. Ela riu orgulhosa enquanto eu tentava me limpar sem deixar na cara que estive fodendo no meio do mato.

— Aqui. — Laís pegou minha mão suja de porra, passou nos seus seios expostos e então, os cobriu. — Para você não se preocupar, porque o macho que se aproximar sentirá seu cheiro e irá fugir. — Beijou minha boca devagar. — Só você ainda não percebeu, mas eu sou apenas sua.

Tentei controlar minha respiração, olhava para ela com admiração e como sempre conseguia, me fazia esquecer tudo ao meu redor. Crise de ciúmes? Eu parecia certo de tudo na minha vida, ainda mais quando ela me permitia marcá-la dessa forma.

— Não quero te mudar — revelei temeroso.

— Sou muito orgulhosa para me moldar conforme outra pessoa quer. Se estou com você, é porque eu quero e pronto.

Eu acreditava nela, mas não em mim, o que era uma merda. Estar com Laís significava nunca manter uma rotina. Ela poderia ser perfeita para mim, se eu não me conhecesse o suficiente

para estragar tudo em alguns dias.

— Vamos voltar — falei segurando a sua mão e olhando para os lados. — Temos que achar Patriota.

— Cavalo muito educado, não ficou olhando a putaria. — Riu alto e me abraçou enquanto caminhávamos pelas árvores. — Por que você não ficou comigo na formatura, Guido?

— Você era menor, Laís.

— Mentira! Eu estava me oferecendo para você — falou chateada.

— Além do mais, você chama muita atenção, eu surto só de escutar meus funcionários assobiando para você, imagine alguém te tocando? — Vi meu cavalo e fiz um barulho com a boca para

ele se aproximar.

— É um exercício de confiança diário, fujão. Sente seu cheiro em mim, que outro homem vai me querer?

Fiz o que ela pediu e o franzir de testa foi inevitável. Apesar de ser meu cheiro, não era nem um pouco agradável. Todos saberiam sobre o que aconteceu, ela não poderia nem passar perto da baia dos cavalos.

— Você precisa de um banho, prefiro mil vezes seu cheiro ao meu.

Ousada como sempre, ela passou o dedo dentro do sutiã e lambeu. Fechei os olhos assim que coloquei a mão em uma rédea. Precisava dela, só mais uma vez.

— Se eu morasse sozinha, te chamava para ir em casa antes do trabalho. Então, estou esperando o seu convite.

Estendi a rédea para ela, se apoiou na sela e montou. Fiz o mesmo, colei nossos corpos e suspirei antes de negar:

— Preciso trabalhar e ontem fui dormir tarde vendo futebol.

Ela ficou em silêncio e para aproveitar ao máximo o tempo com ela, deixei que Patriota apenas trotasse até chegar na área externa onde ficavam os cavalos.

Fomos em silêncio, mas nossos corpos falavam muito, principalmente sua mão na minha, deslizando sobre sua barriga e apertando de tempo

em tempo.

— Há um limite para a rejeição, Guido. Estou há muito tempo sendo julgada e rejeitada pelas minhas ações, o que me fez forte e não me importar com a opinião alheia.

Ela se virou para mim e sem o sorriso que tanto gostava, ela quase pregou uma estaca no meu coração.

— Sempre gostei de você, meu irmão é prova disso. Agora que consegui sua atenção, farei de tudo para tê-lo, menos me perder no caminho. — Ela beijou meus lábios e saiu do cavalo. — Seus créditos para me dispensar estão acabando. Um dia eu vou apenas aceitar e nunca mais você me terá.

Rebolando, ela caminhou para a lateral da

construção das baias e foi até seu carro. Estava debatendo sobre pedir que ela fosse no meu apartamento ou simplesmente ligasse o foda-se, porque era o certo, Laís era muita areia para o meu caminhão.

— Patrão, a moça foi embora — o mesmo peão que quis selar o cavalo para ela me abordou. Desmontei, entreguei as rédeas para ele e praticamente rosnei:

— Tire o olho da minha mulher.

Pelo menos, com ela longe, eu poderia me enganar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Laís

Uma volta no pilar, agachamento, levantamento com a bunda empinada e fim. Minha noite de trabalho estava encerrada e dando pulinhos até o camarim, meu humor estava ótimo.

Depois de muito pesquisar, tinha encontrado um ótimo local para fazer meu estúdio de dança. Precisaria de uma pintura e eu tinha que encontrar alguém para me ajudar, uma recepcionista, mas o resto, tirando os olhos de desejo do corretor de imóveis, estava perfeito,

principalmente o preço do aluguel.

— Você não tem jeito mesmo, Laís. Vai continuar apenas com a dança recatada? — Valéria falou se aproximando de mim por trás. O reflexo da sua nudez nunca pareceu me incomodar tanto como agora.

— Por que está pegando no meu pé? Pensei que você era minha amiga.

— Eu sou, estou falando para o seu bem. Sabe que não sou de alisar ninguém.

— Só o pau dos clientes — uma das dançarinas falou se intrometendo na nossa conversa. Como ela estava passando por nós, não deu tempo para retrucar, mas Valéria conseguiu:

— Puta!

— Pago minhas contas — respondeu alto saindo do camarim.

Sentei na cadeira e comecei a retirar a maquiagem. Estava me acostumando a deixar a dançarina aqui e manter apenas a Laís quando estou lá fora.

— Tem um pessoal indo para a minha casa, vamos? — Minha colega começou a se exibir no meu espelho e tentei focar apenas em mim.

— Não faço mais isso.

— Está exclusiva do Vladimir?

— Nunca fomos e nunca seremos exclusivos, Valéria. Você já teve a prova disso. Estou com outra pessoa.

Meu erro foi dar mais do que ela pedia,

porque sorriu cínica, virou as costas e foi para seu canto mexer no celular. Era só o que me faltava, ter que lidar com meu chefe novamente. O confronto do primeiro dia que decidi diminuir minhas horas e mudar meu serviço já foi o suficiente.

Eu tinha limite para rejeição, Vladimir não. A fuga para suas investidas era a melhor opção para mim.

E pensando na minha saída, assim que troquei de roupa, o homem apareceu e com apenas um aceno feito no reflexo do meu espelho era suficiente para saber que ele queria conversar no seu escritório.

Poderia muito bem ignorar, mas não tinha medo nem vergonha das minhas ações. Claro,

preferia protelar ao máximo dizer o real motivo da minha mudança. Se tiver que ser hoje, então será.

— Como um cachorrinho você vai, né miga? — Valéria falou em tom irônico quando passei por ela. Ela não conseguia disfarçar sua antipatia comigo e me perguntei como nunca reparei nisso na nossa amizade.

Ah, eu estava na mesma onda dela, como mudei, tudo ficou mais claro.

— Prometo deixar um pouquinho para você, miga — ironizei a última palavra, mandei um beijo com a mão e saí sem esperar rebate.

Rebolando, enquanto caminhei pelo salão até chegar nas escadas que davam acesso ao seu escritório, ignorei todos, o que era uma novidade

para mim. Antes, o meu lado que precisava de atenção e estar sempre por cima parecia ávida em receber o assédio, agora, depois de tantas mensagens trocadas com Guido e por saber da sua necessidade em ser possessivo, me senti apenas bem do jeito que estava.

Seria ele a solução dos problemas que minha mãe via em mim? Meu pai, tão preocupado com sua nova mulher, parecia me ignorar. Torto, sendo amoroso como era, dizia que quando eu casasse, sararia essa minha necessidade de sempre estar em alta velocidade com meu corpo.

— Sim, estou aqui — anunciei minha chegada abrindo a porta sem bater. Vladimir estava todo imponente sentado em sua cadeira e me

olhando com a cabeça inclinada para o lado.

— Você ainda está com essa putaria de dançar sem tirar a roupa?

— Vladimir, eu falei com você sobre isso. Recebi a notificação sobre a mudança dos valores que me serão pagos, não entendo o motivo de tudo isso. — Continuei perto da porta, mesmo sabendo que isso iria incomodá-lo.

Ele virou a cadeira e bateu na sua perna com olhar mandão. Em outros tempos, com o tesão que eu estava tendo, iria fazer de tudo para transar, mas meu foco mudou, o homem que queria que mandasse em mim, entre quatro paredes, era outro.

— Era só isso? — Cruzei os braços e o vi se levantar com orgulho ferido.

— Vou te foder contra essa parede e vou te mostrar o que é só isso, Laís.

— Então era só isso, porque estou cansada e vou para casa dormir.

Tentei fazer uma fuga rápida, cheguei de abrir a porta, mas não consegui passar, porque ele me puxou para dentro com força e acabei caindo no chão ao tropeçar nos meus saltos.

— *Tá* louco? — questionei segurando meu braço, onde senti a ardência da sua pegada forte.

Ele não respondeu enquanto me levantava, se aproximou, segurou no meu cabelo e forçou sua boca encontrar a minha.

— Para, Vladimir, eu não quero! — falei com raiva sem abrir meus dentes. Seus lábios não

tinham mais o mesmo sabor que eu gostava, estava tudo errado.

— Como a puta que você é, vai dar para mim sim! — bradou e me empurrou contra a parede, fazendo minha cabeça bater e eu gritar de dor. As lágrimas foram impossíveis de conter, tanto o medo quando a pancada estava latejando em meu corpo.

Fechei os olhos e percebi que Vladimir tinha se afastado. Abracei meu corpo e o procurei pela sala, pronta para revidar se ele me atacasse novamente.

O cara sempre foi bruto, muitas vezes idiota, mas nunca forçou.

Ele parecia arrependido e quando sentou

na sua cadeira, fez um sinal para que eu fosse embora. As mãos esfregavam o rosto com desespero, ele parecia arrependido.

— Você quer terminar, tudo bem, só vai embora e pare de me provocar! — falou apontando para a porta.

— Provocar? Nem tirando a roupa eu estou, seu louco! — rebati jogando meus braços para cima. — Nunca tivemos nada para terminar.

— Claro que tivemos, porra! Quer que eu te recorde todas as fodas que fizemos aqui?

— Lembre-se também das outras fodas que você teve aqui, para entender que nunca tivemos nada além disso, FODA. Se você virar esse cuzão, me avisa, eu me demito.

— Já pedi desculpas, caralho. Vai embora e tire o resto da semana de folga, não vou descontar do seu salário. — Respirou fundo e ficou olhando para a parede atrás de si.

— Não gostei do que aconteceu, Vladimir. Não preciso que me pague além do que eu trabalho, nem ser saco de pancadas para você descarregar sua raiva. Tchau!

Virei as costas e saí batendo a porta. Sequei minhas lágrimas, desci as escadas correndo e fui embora da Angel's, pela primeira vez, arrependida das escolhas que fiz. Tudo bem, antes desse dia, tudo parecia o meu sonho de princesa.

Entrei no carro, peguei meu celular e vi algumas mensagens que me fizeram esquecer tudo

o que tinha acabado de acontecer.

Guido>> Hei, já foi para a cama? Prefiro não pensar que você trabalhou hoje, fui até na academia de Bastien para descarregar um pouco da minha necessidade de ir até você e socar a cara de cada um que não te olhasse com respeito. Mais um motivo para você ficar longe de mim, mulher!

Guido>> Quando chegar em casa me avisa, estou acordado.

Guido>> Daqui alguns dias vou conseguir descobrir se a inseminação de Linda deu certo com o ultrassom. Me avise quando quiser montar, vou deixar tudo preparado para você.

Ah, meu homem que não conseguia enviar uma mensagem e mal sabia ele que amava todas, quanto mais, melhor. Guido via como obsessão, eu enxergava como amor. Por mais que ele tivesse medo do nosso envolvimento e do que ele sentia ao estar comigo, eu nos enxergava como perfeitos um para o outro.

Mas como o faria ver da mesma forma?

Laís>> Indo para casa pensando em você. Vou ter o resto da semana de folga, então, espero um convite pretencioso para que eu passe as noites na sua cama.

Dei partida no carro e não esperei resposta, porque se o conhecia muito bem, ele recuaria. Precisaria entrar com meu jeito irreverente e com

uma liga de perna para me ajudar a seduzir meu cowboy.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Guido

Guido>> Hoje não vai dar para nos ver, porque vou sair com meus primos, programa de homem e tal...

Respondi a mensagem depois de várias outras que trocamos antes de dormir e durante a manhã. Claro, convoquei Bastien e Leo para me ajudar a sair e tirar um pouco o foco dessa mulher, porque eu só pensava nela.

Seus beijos.

Sua confiança.

Seu corpo.

A última coisa que queria virar era um pau mandado e esquecer meus primos, como Fred fez.

Exagero da minha parte, o cara estava babão não só pela mulher, mas pelo filho que estava a caminho. Inclusive, me peguei várias vezes me colocando em seu lugar, o que seria o fim do trio de solteiros para ser dupla.

Fomos em um barzinho de esquina bem movimentado da cidade chamado Mercearia. A cerveja era cara, muita gente com grana vinha, ou seja, menos chance de encontrar conhecidos.

Fui o primeiro a chegar, escolhi uma mesa próxima do telão para vermos um pouco de luta mista e pedi uma cerveja sem álcool, precisava de

toda sobriedade para conversar com os meus primos sobre meu possível relacionamento com Laís.

— Não chamou meu irmão, viado? — Leo chegou falando chateado e se sentando. Estendi a mão para nos cumprimentar e dei de ombros.

— Ele não sai mais sem a Luana.

— Claro que sai, inclusive liguei para ele antes de vir e ele está bolado com você.

Bati no braço dele indignado. Porra, por que ele queria o irmão nessa reunião? Arregalei os olhos e ri quando minha ficha caiu.

— Você quer Fred, porque ele traz Alexia.

— Não viaja, sempre fomos em quatro, não tem motivo de excluir um de nós porque está

noivo — tentou desconversar e chamou o garçom para pedir uma bebida.

— Vou fingir que acredito que você só quer seu irmão mais velho, aquele que rouba sua cerveja e te irrita, para formar o quarteto. — Antes que ele rebatesse, emendei: — Não quero falar de você, de indeciso já basta eu.

— Laís? — questionou interessado, mudar de assunto era melhor para nós dois.

— Sim. Ela não parece incomodada com minhas mensagens, em nenhum momento falou sobre estar se sentindo sufocada ou me achar exagerado. — Tomei um gole da minha cerveja e bufei. — Vai fazer mais de uma semana que estamos conversando por mensagem. Eu quero

matar todos os homens que frequentam a Angel's, mas ainda não fiz.

— Isso é um recorde e inusitado. Ela gosta de chiclete?

— Sei lá, caralho. Mas quanto mais tempo passo com ela, mais difícil fica para eu despistar a mulher. Ela quer passar o final de semana em casa.

— E você está reclamando? — Leo pegou sua bebida entregue pelo garçom e riu depois. — Só você mesmo recusando uma transa.

— Aí que está, quando a gente faz demais, vira algo sério. Será que eu tento namorar...

— Porra, eu sabia que tinha algo com vocês dois! — Bastien chegou me interrompendo. Uma mulher se aproximou dele, os dois se

cumprimentaram com um abraço e outras duas mulheres rodearam a mesa.

— Posso sentar? — uma mulher perguntou para Leo e outra sentou sem perguntar ao meu lado.

— Eu sou Elis, prazer — falou de forma sensual. Ela me parecia familiar e por educação, dei um beijo em cada lado da bochecha e pedi para o garçom as servir.

Momento para desabafar? Que nada, Bastien estragou todo o propósito trazendo outras pessoas para a mesa. Meu primo sentou, colocou a mulher no seu colo e os dois pareciam muito bem entrosados, ainda mais quando ela o beijou na boca como se quisesse desentupi-lo de algo.

— E você reclamou de Fred — Leo falou

zombeteiro deixando uma mensagem subliminar para mim.

Se Fred estivesse aqui, em respeito a Luana e Alexia, Bastien provavelmente não traria mulheres para a mesa. Mas, esse era o nosso padrão antes do quarteto virar trio, antes da Vó Cida falar sobre a família daquele jeito em seu aniversário.

A mulher ao meu lado tentou puxar conversa, mas meus pensamentos estavam longe demais, naquela que tentava repelir, porque sabia que chegaria um momento que não a largaria mais e poderia destruir nossas vidas com meu ciúme.

Frequentar a academia do Bastien teria que se tornar rotina, só espancando o saco de pancadas para poder extravasar minha vontade de matar um.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E aí, pessoal. Como estão? — Torto apareceu ao lado da nossa mesa e nem reparei que a mulher estava com a mão em cima da minha coxa. Atordoado, olhei para meu amigo, que sempre me empurrou para sua irmã, me olhar de forma misteriosa.

Seria raiva ou diversão? Não sabia.

— Vai dar merda — Leo falou baixo na minha direção quando se inclinou para cumprimentar Torto.

— Vou pegar mais uma mesa, vocês se importam?

Bastien parecia alheio ao que estava acontecendo, ainda mais porque só tinha contado sobre o que tive com Laís, com Leo.

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração acelerou, minhas mãos começaram a suar e quando fui esfregar minha perna, a mão de Elis se enrolou na minha e não entendi como paramos com ela quase me beijando.

— Hey, hey, muita calma... — falei desviando o rosto e tentando não ser grosseiro perto dos outros.

— Não precisa ser educado, meu amor. — Laís apareceu ao meu lado, puxou a mulher para sair da cadeira e se sentou cumprimentado todos inclinando o corpo para frente.

Não reparei na sua roupa, muito menos que ela praticamente expulsou a mulher do meu lado. Será que ela estava achando que eu ia traí-la? Será que...

— Sua fura olho, eu estava sentada aí primeiro! — Olhei para Elis com assombro. Era só o que me faltava, a mulher me reclamar para si.

— Ah, desculpa querida, não me apresentei. Eu sou Laís, a noiva de Guido. Ele é muito educado para dispensar as galinhas, ainda mais porque ele lida com muitas na casa dele, no Haras.

O que poderia ser pior?

Leo cuspiu a cerveja na mesa, a sorte que tinha pouca coisa na sua boca e não respingou além da mulher que estava ao seu lado, que levantou indignada e foi acompanhar Elis.

Bastien riu alto, mas levou um sermão da sua acompanhante, porque pegou as dores das

outras amigas. Torto levantou a cerveja e chamou todos para o brinde e eu, virei meu rosto para finalmente encarar minha “noiva”.

— Que porra é essa? — perguntei indignado e Laís, tranquila, pegou minha garrafa, colocou na minha mão e bateu nas outras erguidas.

— Um brinde ao amor — falou sorridente.

— Ao sexo, Laís. Estou em outra etapa da vida, diferente de você e Guido — Leo falou parabenizando Torto. — Sempre te considerei da família, agora é de verdade.

— Pessoal... — tentei interromper as brincadeiras.

— Cara, quando que você ia nos contar? Pelo menos Fred pediu Luana em casamento na

frente da família. Não se faz isso escondido. — Bastien tinha um sorriso sacana, ele queria por lenha na fogueira.

— Não viaja... — tentei, novamente, cortar o assunto. Precisava tirar satisfação com Laís.

— É minha maior alegria saber que minha irmã Laís vai finalmente se aquietar com um homem digno e que respeito muito.

— E eu fico mais feliz ainda de você ter sido nosso cupido, irmão! Estou muito feliz por fazer parte dessa família, Guido foi meu amor de adolescência!

Eu ia abrir minha boca para cortar todos, mas então, a mulher virou seu rosto para mim e aquele sorriso satisfeito dominou meu coração. Não

era mais uma questão de encerrar a mentira, eu poderia ferir seus sentimentos.

Seus créditos para me dispensar estão acabando. Um dia eu vou apenas aceitar e nunca mais você me terá.

Não dava para cortar o assunto dessa forma, precisávamos de um momento nosso para desfazer essa confusão.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Guido

— Laís, preciso falar com você em particular — anunciei me levantando e a fazendo me seguir. — Leo, depois te pago a conta.

— Nos chamou para o lugar mais caro para ficar sem pagar — meu primo brincou e estava saturado de *zoação*, era minha vida que estava em jogo.

Noivo?

Meu Deus, não estava pronto para me vincular a alguém antes de exorcizar meus próprios

demônios. E se ela se cansar, virar as costas e me largar por que estava sendo muito invasivo? Tinha certeza que iria persegui-la, pedir perdão e esquecer da minha vida em busca de estar com ela.

Não estava preparado!

Andando de mãos dadas, Laís parecia desfilar comigo ao seu lado enquanto eu estava louco para chegar no estacionamento. Estava sendo difícil não explodir, mas não teria outro jeito nesse momento.

Assim que entrei no estacionamento e andei até mais rápido para o meu carro, coloquei a mulher contra a porta da caminhonete e abri a boca para gritar, mas ela foi mais rápida e me beijou.

Com uma perna enroscada na minha, as

mãos passeando pelos meus cabelos e meu corpo sentindo as curvas do seu, minhas mãos foram relaxando, minha respiração se estabilizando e a tensão mudando de foco da cabeça de cima para a cabeça de baixo.

— Gosto quando você vem todo mandão — ela falou entre um beijo e outro. Sua língua parecia querer me devorar, ou era um pedido de desculpas muito pervertido.

— Estamos em um estacionamento, caralho! — resmunguei quando ela foi para meu pescoço e chupou com força. Ela queria demarcar território e eu? Doente como era, acalmava minha indignação de ter virado noivo, mesmo que de brincadeira.

— Não tem câmeras e eu estou molhadinha para você. — Pegou minha mão, colocou debaixo da saia e senti sua umidade, a bandida estava sem calcinha novamente.

— Você é mesmo um furacão. Pelo amor de Deus, me diga que irá desfazer esse mal-entendido depois que eu te foder aqui. — Finalmente olhei para a sua roupa, um corpete de renda como se fosse um espartilho, uma saia de couro solta e botas até os joelhos.

Todo mundo a viu nessa roupa?

— Só existe eu e você, meu amor. Não seja o fujão, seja o garanhão!

Encarei seus olhos e com desespero, desafivelei a calça, tirei meu pau para fora e a

invadi. Queria calá-la ao mesmo tempo que precisava silenciar a voz do ciúme na minha mente.

Tomei sua boca, me movimentei ritmado e gozei quase me esquecendo de ter sido a porra do cavalheiro e ter esperado que ela fizesse primeiro. Continuei as estocadas e com meus dedos, fiz movimentos circulares em seu monte até que encontrasse seu clímax. Meu pau foi judiado, mas por um bom motivo.

Ofegante, saí de dentro dela e apoiei minha testa suada em seu ombro. O carinho que ela fazia nas minhas costas e cabelos era um bálsamo para voltar ao meu equilíbrio.

— Você tem alguma coisa dentro da sua caminhonete que possa me limpar? — perguntou

suavemente e me afastei para ver o que tinha de sujo nela. Do meu pau para suas pernas, só vi imprudência.

— Esqueci a camisinha — falei sombrio, destravei o carro e peguei a caixa de lenço umedecido que minha mãe me obrigava a ter por conta de estar sempre sujo com o cuidado com os cavalos.

Olhei ao redor, me arrumei e esperei que ela terminasse o serviço para ajudá-la a entrar pela porta do passageiro. Quando sentei no banco do motorista, olhei-a e tentei descobrir o que se passava em sua cabeça, mas o olhar sereno não me indicava nada.

— Desculpa...

— Não tem problema. É minha primeira vez sem camisinha, espero que seja a sua também. — O tom era tranquilo, mas dentro de mim era confusão.

— Sim, é, mas... e gravidez?

— O que é que tem? — perguntou tranquila.

— Quer engravidar de mim para poder casar? *Tá* louca?

— Eu tomo pílula há anos, essa semana que parei por conta da minha mudança de rotina, então, sem bebê para você. Mas não tem problema quanto a isso, amaria formar uma família com você.

A naturalidade com que ela falou tudo isso

me fez rir. Conhecia muito bem o sistema reprodutor de uma égua, da mulher também, mas o que se passava na cabeça de ambas...

— Chega de brincar, Laís. Estou falando sério!

— E você acha que estou aqui, tentando te acalmar, focar em mim e até me expor a um vídeo íntimo antes que você surte como brincadeira? — Ela usou o mesmo tom que eu e segurou a minha mão com força. — Guido, eu gosto de você, não tenho medo do meu futuro ao seu lado, diferente de você. Quantas vezes vou precisar provar que eu te entendo e aceito seu jeito?

— Isso não tem nada a ver com você dizendo a todos que é minha noiva muito menos

com podermos ter um filho depois dessa loucura. — Apertei sua mão sem machucar. — Você não me perguntou se eu quero tudo isso, porra! Eu não faço bem para as mulheres.

Ela fechou os olhos, suspirou e sentou correta no seu banco pegando o cinto de segurança para colocar. O sorriso nos seus lábios foi embora e a certeza de que fiz merda me dominou.

Pedir desculpas? Já tinha feito e não faria novamente, ainda mais porque foi a vez dela ser invasiva e obsessiva. Era só ter falado que eu era namorado ou outra coisa, precisava ser noiva?

Coloquei o cinto, liguei o carro e nem perguntei para onde iríamos, porque a deixaria em casa e voltaria para meu apartamento sozinho,

precisava pensar. Era assim que as mulheres se sentiam quando eu invadia seu espaço?

— Laís, acho que você também tem problema como eu — falei apaziguador.

— Problema de autoafirmação, autoestima elevada, disfunção sexual... escolha um desses e me dê o título, não me importo, sou feliz assim e não faço mal a ninguém. — Cruzou os braços a sua frente.

Se sabia do seu problema, por que eu não ligava o foda-se como ela?

— Você espantou a mulher dizendo que era minha noiva. E se eu for na Angel's, um homem se aproximar e eu fazer o mesmo? — perguntei mais tranquilo.

— Bem, se você durar até o final do meu expediente sem ser expulso do local, eu abriria um enorme sorriso e afirmaria com orgulho. — Ela virou o rosto para mim e observei pelo canto do olho. — Eu sonhava em casar com você, Guido, o único medroso e fujão é você.

— Laís, não temos nem uma semana de namoro...

— Mas eu tenho dez anos de paixão enrustida aqui. — Ela bateu no peito e voltou a olhar para frente. — *Ficante*, namorada, noiva, mulher... desde que você não me espante no dia que eu estiver de cu virado com o mundo, vai dar tudo certo. Eu quero que dê certo. — Ela segurou na minha mão e entrelacei nossos dedos, trazendo seu

dorso para que eu beijasse.

Porra, a mulher poderia ser mais perfeita que isso?

— Eu não sou homem para você — falei quando parei na frente da sua casa. Ela tirou sua mão da minha, abriu a porta e me olhou tranquila antes de falar:

— Você pode ser, se você quiser. Não demore muito. Adeus.

Esperei que ela entrasse antes de seguir para meu apartamento com uma determinação criando raízes dentro de mim.

Eu poderia ser o homem que ela merecia, precisava me tratar antes.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Guido

Para começar com minha meta de se tornar um homem melhor, decidi diminuir as mensagens enviadas a ela. Bem, acho que fui muito radical, porque passei os outros dias e o resto do final de semana inteiro sem falar com ela e Laís, para provocar ou só seguindo minha vibração, fez o mesmo.

Estava ficando louco e por isso, comecei o dia indo na academia de Bastien extravasar. Tinha acertado em algo, pelo menos, a exaustão e

distração que os exercícios me davam caíram como uma luva.

Fui para o Haras e ao invés de ir falar com os peões primeiro, fui até a casa dos meus pais cumprimentá-los e quem sabe, tomar um café com eles. Com a correria que eu fazia e o surgimento de Laís na minha vida, estava esquecendo da minha família.

— Mãe! — chamei quando cheguei na cozinha e não a vi.

— *Aqui dentro* — ela respondeu em um dos quartos, onde meu pai fazia o artesanato com couro.

Como uma dupla bem alinhada, lá estavam os dois dedicados aquele ofício. Meu pai sempre foi

muito criativo e amava o mato, minha mãe acabou se moldando a ele, o que me gerava a dúvida de que ela poderia não ser feliz com o que fazia.

— Oi, meu filho, que bom que veio nos ver. Quer um café? Bolo? — Dona Ju, como muitos a chamavam, se levantou e eu a abracei.

— Sim, por favor.

— Você vai me desculpar, filho, preciso terminar uma encomenda — meu pai falou apenas acenando com a cabeça e eu, beijei sua testa antes de acompanhar minha mãe até a cozinha.

— Chegou agora para trabalhar? — minha mãe questionou colocando comida na pequena mesa que ficava na cozinha.

— Sim, estou fazendo exercícios lá no

Bastien.

— Ah, cuidando da saúde, isso é bom. — Acenou enquanto cortava um pedaço de bolo e colocava na minha frente. — Como estão as coisas com os animais?

— Tudo bem, acho que essa semana já vou conseguir descobrir se a Linda ficou prenha.

— Laís estava toda animada com isso. Torto sempre teve receio de algum veterinário machucar a égua, com você ele deu abertura no primeiro dia. — Sentou à mesa e me encarou curiosa, o que me fez recuar, ainda mais por ela saber sobre o assunto.

— Como você sabe?

— Ela veio aqui semana passada, a moça é

muito educada, filho. Apesar das roupas serem bem reveladoras, deve fazer parte do estilo dela. — Serviu café para si e assoprou antes de continuar: — Não brinque com ela.

— O que mais ela disse? — Meu coração acelerou, então, naquele dia que ela veio no Haras, foi falar com minha mãe. Será que meus primos já falaram sobre ela ter dito que era minha noiva?

— Só isso, Guido. Mas pelos olhos brilhando dela ao falar de você, sei que tem algo *rolando*, como vocês jovens dizem.

— Estamos nos conhecendo...

— Até quando? Meu filho, olha seu primo Fred, encontrou uma moça boa, já estão esperando um filho, vão casar...

— Eu não sou desesperado como ele. E outra, Fred curou seu problema de *pegação* escolhendo apenas uma mulher. Eu preciso não só curar meu problema de ciúmes, mas aceitar o trabalho dela.

Tomei o café sem assoprar para queimar minha língua grande. Porra, como iria dizer para minha mãe sobre Laís ser dançarina sem julgamento? Eu ainda não conseguia digerir essa informação direito, imagine falar sobre isso.

— Já falei para você esquecer esse tal de ciúmes que você acha que sente. Isso não muda ninguém, ou pior, te impede de viver um amor. Laís parece ser uma mulher moderna, confiante, cuida da beleza porque precisa se apresentar com a

dança...

— Ela falou onde trabalha? — perguntei sentindo minha língua sensível.

— Ela disse que vai montar um estúdio de dança, que terá todos os estilos que ela sabe. — Minha mãe apertou meu ombro. — Deixe a moça entrar, tenho certeza que vocês irão se moldar com o tempo e toda essa preocupação que você dá voz, vai desaparecer.

— Se moldar como você fez com o pai? — Suspirei para seu olhar de confusão. — Mãe, sei que você nunca morou no meio do mato, diferente dele. Olho as fotos antes de vocês casarem, está lá, seu estilo mudou...

— Porque eu quis, meu filho, nunca pense

diferente disso — falou amorosa e pegou minha mão na sua. — Nunca tive contato com o mato, confesso que fugia de bicho e tudo mais, mas depois que escolhi casar com o seu pai, a vida no campo ganhou outra cara. Ele pode ter me moldado? Sim, mas não porque não tive escolha, pelo contrário, eu escolhi isso. O amor nos muda.

— Isso é ruim! — Voltei a tomar o café e minha mãe riu.

— Mudar não é ruim, continuar na mesma e sofrendo que é. — Ela se levantou e apontou para mim. — Não enrole a moça, ainda dá tempo de levá-la ao altar...

— Mãe, eu não vou casar com ela sem namorar!

— Você não me deixa terminar. Levar Laís no altar do casamento do Fred. Não viu o grupo de mensagens da família? Eles decidiram casar antes do bebê nascer, vai ser aqui no Haras, no mês que vem.

Tão preocupado em pegar o celular e cair na tentação de falar com minha mulher que não vi nada disso.

— Porra, o que mais eu perdi? — resmunguei.

— Olhe o linguajar, meu filho. Não deixe de me avisar se Torto ou Laís aparecerem.

Dona Ju saiu da cozinha e me deixou com algumas certezas, eu precisava afastar minha família do início do meu relacionamento, era

momento de olhar minhas mensagens e enviar algumas.

Será que no fim das contas, se der certo esse relacionamento, seria Laís a se moldar a mim ou eu a ela?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Guido

Como estava alguns dias sem falar com Laís, tive receio de enviar uma mensagem sem sentido e ser rejeitado. Hipocrisia da minha parte, uma vez que ela mesma me falou que eu estava nos afastando e agora, queria o contrário.

Precisava de uma desculpa para voltar a falar com ela e mais ainda, um motivo para vê-la. Tudo bem, estava treinando para não ser o cara possessivo e ciumento que costumava ser. As dores de cabeça estavam frequentes, algo que sabia que

poderia ser curado com algumas doses do meu furacão pessoal.

Depois do que minha mãe falou no dia anterior, sobre não enrolar Laís, algo dentro de mim se acalmou. Eu me preocupava com a opinião da família, principalmente se julgasse seu jeito de vestir ou seu trabalho, uma vez que reinava o estilo tradicional.

— Está pensando demais, meu filho — seu Aparecido, pai de Luana, me abordou enquanto olhava Linda caminhando em seu momento de atividade diária. Era importante não deixar de executar as atividades que antes fazia, porque chegaria o quinto mês de gestação e tudo ficaria mais lento para ela.

— Estou em uma luta diária — falei sem me importar com julgamento. Ele costumava ser calado, quando vinha conversar, sempre tinha algo importante para dizer. Diferente dos outros peões, ele não ficava de conversa, focava no trabalho e fazia da melhor forma possível.

— Com quem?

— Aqui — apontei para a cabeça — e aqui — apontei para o coração.

— Ah, mulheres. — Ele cuspiu ao seu lado, o fumo em sua boca era visível. Esse hábito eu havia abandonado há alguns anos, mas agora, parecia tentador. — Não faça o que sua cabeça quer. A razão sempre estraga tudo. Digo por experiência própria.

— Eu sei, mas meu coração é muito impulsivo. Sou ciumento ao extremo, além de obsessivo. Preciso aprender a controlar tudo isso antes de investir na mulher.

— Ela que pediu para você mudar como é? — questionou olhando a égua também.

— Não, mas recebi críticas demais nessa minha vida para saber que o problema sou eu.

— E você vai ficar com todas as mulheres que você criticou ou com essa, que parece que não se incomoda com você? — Olhei para ele um pouco assombrado e ele bateu nas minhas costas com um sorriso no rosto. — Tem horas que só a razão consegue mostrar que quem manda é o coração. Larga mão de mudar quem você é.

— Ih, seu Aparecido, está filosofando agora? — tentei zombar, porque suas palavras haviam me acertado em cheio.

— Fique em paz, Guido. Pare de brigar consigo e vá lutar por quem vale a pena.

O peão que acompanhava Linda a conduziu até sua baia. Aproveitei para pegar o ultrassom móvel que tinha para verificar como estava seu útero. Precisava de quinze dias depois da inseminação para ver se o óvulo tinha fecundado, mas meu desespero era tão grande para ver minha mulher que, enviar a notícia sobre a gestação seria perfeito.

— Acha que já dá para ver, patrão? — o homem que estava com a égua perguntou.

— Sim, as vezes dá. Deixe que eu passe.

Com o coração na mão, liguei o aparelho e depois coloquei um pouco de gel na barriga dela. A égua parecia calma demais para quem tinha ficado agitada alguns dias depois da inseminação.

Oh, sim!

— Veja, Tito. Vingou! — chamei o peão, que olhou o monitor do aparelho e sorriu.

— Ah, essa potranca é perfeita, patrão. Claro que daria certo. — Ele bateu na sua anca duas vezes e a admirou. — A senhora, sua mulher, vai ficar feliz.

— Sim, Laís vai gostar muito — rebati terminando de fazer o exame, guardando tudo e encarando meu funcionário. — Que bom que você

sabe quem é ela.

O homem recuou e eu, corri para meu escritório. Precisava me limpar, ligar para Laís e finalmente encerrar essa greve para manter meu ciúme no controle.

Ela atendeu só depois da terceira tentativa. Se ela queria me deixar louco e desesperado, conseguiu.

— *Quem fala?* — estava nítido o fingimento.

— Laís, é Guido...

— *Não conheço ninguém com esse nome, até porque, se ele existisse, estaria sem pau e degolado!*

Ela encerrou a ligação e minha respiração

ficou presa na garganta. Porra, eu fodi com tudo?

Liguei novamente, a cada chegada na caixa postal me deixava mais e mais atormentado. O monstro que eu tinha conseguido adormecer, agora, estava sobre a superfície. Se ela não me atendesse, eu iria atrás dela, nem que fosse na Angel's.

A bandida me atendeu depois da quarta tentativa.

— *O que quer agora? Eu não merecia gelo depois da nossa noite, estou puta da vida com você, Guido!* — seu tom era desesperado, traindo sua raiva.

— Mas você está falando comigo, isso é um bom sinal. Eu só queria aprender me controlar...

— *Sumindo? Existe terapia para o seu problema. Só não te xingo, porque sua mãe é uma santa em ter um filho como você. Agora é minha vez de te dar o tratamento do silêncio...*

— Não desliga! — gritei e saí do escritório, precisava andar. — É sobre Linda. Por favor, não desliga.

— *O que tem minha égua?* — perguntou com preocupação.

— Prenhou, Laís. A inseminação deu certo, Linda está com menos de quinze dias, então, daqui onze meses, mais tardar um ano, teremos um potrinho.

Escutei uma fungada e parei de andar, preocupado com o que estava acontecendo do outro

lado da linha.

— Você está bem? — Outra fungada, meu coração acelerou e corri para o minha caminhonete, não dava para esperar, precisava ir ver se estava tudo bem. — Fala comigo, Laís.

— *Estou chorando de emoção, seu insensível grosseirão!* — ela soltou entre riso e choro. Dei partida no carro e segui, por sorte a porteira estava aberta, por conta do horário de expediente.

— Onde você está?

— *Você não vai vir aqui. Estou brava com você, mesmo que agora eu queira te beijar. Oh, que sonho, Linda será mamãe!*

— Onde você está, Laís?

— *Está vindo atrás de mim só por causa do choro de felicidade?* — Ela estava indignada. — *Não perca seu tempo, não vou abrir o portão para você e nem minha mãe.*

— Ótimo, está na sua casa, vou conhecer minha sogra. — Saí da estrada de chão e entrei na rodovia. Coloquei o celular no viva voz e acelerei o tanto que dava para chegar até ela.

— *Sogra? Quem quer um relacionamento sério não some pelo final de semana. Quem me garante que você não voltou naquele bar e pegou a tal da Elis?*

— Você conhecia a loira?

— *Claro que conhecia, sei o nome de todas as* periguetes *que andam com você e seu*

primos, principalmente a Márcia pica-pau.

Ri alto, porque essa era uma pessoa que fazia não só parte do nosso passado, mas presente. Bastien tinha sido sua última vítima.

— Torto faz um ótimo papel de fofoqueiro, heim?

— Ele é meu irmão e diferente de você, cuida de mim sem sumir.

— Estava tratando meus problemas... — mudei o tom para seriedade.

— Não quero você diferente do que já é. Me encha de perguntas e mensagens o dia inteiro, eu amo. Fiz tanta coisa essa semana e não pude contar com a pessoa mais importante nesse momento, porque tenho orgulho também. Chega de

te dar chances, Guido. Depois que você conhecer meus pais, pisou na bola, eu pisarei nas SUAS bolas.

— Estou chegando, furacão. Depois, não diga que não avisei.

Encerrei a ligação, guiei minha caminhonete por algumas ruas e cheguei em frente à sua casa. Esperava que a mãe não estivesse, porque minha vontade naquele momento era mostrar o que o ciumento possessivo tinha para dar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Guido

Ela abriu o portão e tudo o que poderia fazer era atacá-la com minhas mãos e boca. Seu carro estava na garagem, então empurrei-a para se escorar nele, aprofundei o beijo e trouxe sua perna para se enroscar no meu quadril. Estava entrando em ação, mais uma esfregada e poderíamos começar a protagonizar um filme para maiores de dezoito anos.

— Quem chegou, minha filha?

Afastei o rosto do dela, que me encarava

com um misto de desafio e diversão.

— Seu genro, mãe! — respondeu alto e beijou minha boca. — Depois entramos no meu quarto e terminamos o que começamos — falou baixo.

— Não vou transar com sua mãe do outro lado da porta — respondi ajeitando minha calça e pensando em coisas broxantes para não conhecer minha sogra com o pau quase duro.

— Ela vai sair daqui a pouco, mas também não me importo de você me levar para seu apartamento. Podemos passar a tarde inteira lá — falou antes de entrar na cozinha de mãos dadas comigo. — Oi mãe, esse é Guido, meu noivo.

Quando a mulher virou para me encarar,

seu olhar surpreso era igual o meu. A bandida continuaria com essa sacanagem?

— Sua filha é muito brincalhona, dona Gorete. — Estendi a mão para cumprimentar e seu olhar ficou feroz em minha direção.

— Minha filha não brinca com coisa séria, ainda mais um noivado. Quando aconteceu isso, Laís? Por que não fomos convidados? — Ela apertou minha mão com força e olhou para a filha com as mãos na cintura.

— Guido é tímido, mãe e foi no calor do momento.

— E desde quando estão namorando? — minha sogra questionou.

— Calma, foi apenas... — tentei intervir,

mas a discussão parecia ter sido concentrada apenas nas duas.

— Mãe, não lembra dele? Guido? Amigo do Torto, minha paixão de adolescência...

— Ele está se aproveitando de você! — Abri a boca para contestar dona Gorete, mas foi Laís que se pôs a minha frente com fúria.

— Não preciso que você goste ou não, mãe. Vou me casar com Guido e espero que você o trate bem.

— Casar? Desde quando te criei para ser trouxa igual a mim? — ela perguntou olhando de mim para a filha e suspirei, porque saberia essa briga não tinha nada a ver comigo.

— Não é porque seu casamento não deu

certo que o meu não dará. Guido veio até aqui, porque eu ameacei acabar com tudo entre nós. Se isso não é sinônimo de amor, não sei mais o que pode ser.

— Você fará uma grande burrada. — A senhora olhou para mim com desaprovação. — Meu colo sempre estará aqui para você, minha filha. Eu já vou.

Antes dela sair da cozinha, percebi que era minha deixa para falar:

— Quero o melhor para a sua filha, dona Gorete. Conheço vocês há muito tempo, apesar de não nos relacionar com mais profundidade. Laís sabe dos meus defeitos e estou tentando melhorar para ser digno dela.

— Depois que casar, os defeitos pioram. Esteja ciente disso — minha sogra apontou para mim olhando para a filha.

— Fiz minha escolha, mãe. Só quero que você me apoie — o tom chateado estava massacrando meu coração.

— Não fique preocupada, estamos namorando, nós iremos levar devagar... — falei.

— Nem assumir o que vocês têm ele quer, Laís. Para quê continuar com algo que está fadado ao fracasso?

Minha mulher soltou minha mão, ficou frente a frente com a mãe e apenas se encararam. Minha sogra, antes de derramar as lágrimas que estavam prontas para cair, saiu da casa. Laís correu

para algum cômodo e abrindo as portas, a encontrei chorando em sua cama.

Fotos dela, do irmão e outras pessoas enfeitavam um canto. Uma penteadeira grande, vários itens de maquiagem e acessórios estavam pendurados em volta. Era feminino, exibicionista e muito ela.

— Laís...

— Vai embora! — falou com a cara afundada em um travesseiro. O que era para ser fogo e malícia se tornou triste e sentimental. Sentei na cama e coloquei minha mão nas suas costas, o que fez seu choro aumentar.

— Seus pais se separaram, certo?

— Ela tem razão, Guido. — Ela virou para

mim e seu rosto banhado em lágrimas quase me fizeram ajoelhar no chão e pedir perdão por algo que não sabia o que era. — Você sumiu uma vez, quem disse que não fará de novo? — Abri a boca para rebater, ela negou com a cabeça. — Você não assume nosso relacionamento.

— Quer namorar comigo? É isso que você quer? — questionei alisando seu cabelo, ela voltou a abraçar o travesseiro e chorar.

— Nunca foi apenas beijos e sexo com você, Guido.

— Isso é um sim?

— Isso é um, eu quero mais.

— Venha conhecer minha mãe, então. Tenho certeza que ela vai mudar o seu humor com

café e bolo. — Tentei apaziguar. Para mim, mais valia conhecer minha família e sofrer as consequências que a ver dessa forma.

Estaria oficialmente amarrado, mais um desfalque para os solteiros.

— Agora? — questionou esperançosa, sentando na cama e tirando a regata que estava no seu corpo.

Abri a boca em choque, porque não tinha reparado que estava sem sutiã. Olhei para baixo e tinha quase certeza que debaixo do pequeno short de malha estava do mesmo jeito.

Tristeza? Não, Laís tinha outros planos.

— Depois que eu te pedir desculpas com minhas mãos e boca — falei segurando seus seios e

massageando. Porra, tinha até esquecido sobre Linda.

— Quero que você me peça em casamento com suas mãos e boca. — Deitou na cama e removeu o short, confirmando o que já sabia. Ela estava nua.

— O quê? — Estava perdido na sua beleza, minhas mãos necessitavam tocar todo o seu corpo.

— Me peça em casamento, Guido. Com você eu quero tudo, cansei de esperar.

Seu corpo se contorcia e meu membro acordou para a vida. O que ela queria mesmo? A saudade foi maior que a sanidade, por isso removi minha camisa com pressa, levantei da cama para

tirar minha calça e ela virou de bruços apenas para me tentar com os movimentos que ela fazia com seus quadris.

Porra!

Tirei as botas, a calça junto com a cueca e cobri seu corpo com o meu. Como da última vez que transamos, estava em uma névoa de paixão que nunca soube que existia, nunca senti com ninguém além dela.

— Diga sim, Guido.

— Sim, Laís. — Entrei nela e gememos em apreço. — Para você eu digo qualquer coisa.

E foi assim que me tornei oficialmente noivo sem realmente saber o que estava acontecendo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Laís

Em êxtase era pouco para descrever o que estava sentindo. Apesar do sumiço de Guido e do meu orgulho ter ganhado do meu bom senso, estava tudo indo muito bem com meu lado profissional.

Fechei o contrato de aluguel do estúdio, consegui pessoas para pintar e organizar a parte de dentro além da pessoa para me ajudar na recepção. Torto comentou sobre uma amiga de Fred, o primo de Guido, que estava em busca de um emprego inicial e nada melhor que a recepção do meu

estúdio de dança. Ela ainda estava fazendo um curso de fotografia, ser sua modelo seria meu passatempo.

Precisava de um nome, a única coisa que faltava para criar a empresa e eu poder voar livre.

Meu chefe não me procurou e decidi tomar mais dias de folga do que ele ofereceu. Cada vez mais não me sentia pertencente aquele lugar, o que era bom, já que toda a minha animação e realização estava sendo direcionado para meu próprio negócio.

Não deixaria a sensualidade, muito menos o exibicionismo para trás. Só não precisaria mais fazer para homens com desejo, fariam parte do meu público mulheres e apreciadores inocentes desse

tipo de dança.

Estava decidido, improvisaria uma última apresentação na Angel's, pediria as contas, me livraria de vez da invejosa da Valéria e do louco do meu chefe. Seu avanço sem precedente me preocupou, apesar de não saber se esse era um limite para ser denunciado ou não.

No final das contas, eu só iria embora e seguiria minha vida, eles a deles.

Depois de amar meu noivo na minha cama e também no chuveiro, seguimos para o Haras, era momento de conhecer minha sogra oficialmente e de Guido voltar ao trabalho.

Não conversamos muito, estávamos dedicados em matar a saudade e voltarmos a ter a

mesma sintonia explosiva que estava antes dele achar que enviar mensagens para mim era um grande risco.

Qual era o problema dos homens? Era só ele esperar eu dizer não, enquanto isso, poderia continuar como estava, porque me sentia amada e protegida.

— Vou pedir para que você evite falar sobre noivo e noiva com minha família. Eles tendem a acreditar nessas coisas. — Guido segurou minha mão, trouxe para a boca e beijou enquanto a outra segurava o volante da caminhonete. Havíamos entrado na rodovia, o Haras estava perto.

— Não tenho vergonha do nosso envolvimento, Guido. Poderia ter parecido

impossível alguns anos atrás, hoje, quero mais que todos saibam que eu e você estamos juntos.

— Namorando...

— Qual a diferença do namoro para o noivado, quando não pretendemos largar um ao outro? — questionei controlando minhas emoções. Tudo bem, tinha falado sobre ser noiva apenas para espantar a mulher, mas no final, gostei de como soou, de como ele reagiu, de como tudo poderia ser.

Louca? Não, eu era um furacão e não pretendia passar na vida de Guido, mas me manter lá para sempre, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte nos separasse. Não eram esses os votos do matrimônio?

— Você precisa conversar com sua mãe antes...

— Já conversei e olha no que deu! Se eu falasse com meu pai agora, sobre nosso noivado, ia me dar os parabéns e nem se interessaria em conhecer o noivo, porque os dois são assim, extremos opostos. Enquanto minha mãe se preocupa demais, ele faz de menos e eu, sou o extremo de ser feliz. — Virei para o seu lado e abracei seu braço. — Você disse sim, Guido.

— Sim onde? — questionou virando o volante e entrando da estrada de terra. Ele não estava tão perturbado quanto estava antes de transarmos.

— Sou apaixonada por você desde o

ensino médio, já transamos sem camisinha e estou largando a Angel's para montar meu próprio negócio.

— Não mude por mim e isso não é motivo para pularmos uma etapa do nosso relacionamento.

— Tudo é por mim, apesar que sim, você tem uma parcela de incentivo. Quando tenho toda a sua atenção, quando foca em mim e parece hipnotizado, não sinto mais falta de ter os olhares de estranhos, você me completa.

Ele entrou na estrada que dava acesso ao Haras e percebi que engoliu em seco. Quando parou o carro, pulei para sentar no seu colo antes que descesse.

— Guido! — Segurei seu rosto e vi medo

em seu olhar. Por ele? Nosso futuro? O que os outros fossem pensar? — O que está pensando?

— Ultrapassei um limite pessoal, Laís. Independente do que faça, irei atrás de você como o doente que sou. Se é amor, paixão ou tesão, não sei dizer, porque é a primeira vez que me permito sentir. Preciso que você prometa que avisará seu irmão ou meus primos se eu ultrapassar algum limite, porque não quero começar algo como noivo, mas não conseguirei dizer *não* para você.

Sorri, beijei seus lábios com suavidade e abri sua porta. Desci como sendo a dona do mundo, a migalha que ele tinha me dado era mais do que suficiente para que sentisse que estava tudo indo certo, bastava apenas que continuássemos no nosso

ritmo. Aos poucos, Guido não precisaria mais se preocupar com os outros, porque ele só teria olhos para mim.

Era tudo o que mais desejava.

— Quero ver Linda! — anunciei me aproximando de um peão e estendendo a minha mão. — Sou Laís, muito prazer...

— Tito, vá trabalhar! — Guido apareceu rabugento.

— Amor, ele vai trabalhar te ajudando, está tudo bem! — Coloquei minha mão no bolso de trás da calça do meu homem, bati no ombro de Tito, que parecia preocupado e seguimos para a baia da minha égua.

Ela estava linda e quando olhei para sua

barriga, visualizei o pequenino ser sendo gerado. Céus, era possível algum dia acontecer comigo também?

— Como é que esses garanhões ficam perto dessa égua tão Linda e não tentam cobri-la? — perguntei para Tito, numa tentativa de mostrar ao meu homem que estava tudo bem, ele conseguiria lidar com seus ciúmes, uma vez que não tinha cabimento quando estávamos juntos.

— Por isso precisa ficar presa, ela faz jus ao nome e é tão bela como a dona! — Tito falou descontraído, ri com falsa timidez e beijei a bochecha de Guido, que ficou tenso.

— Viu, você tem uma mulher linda.

— O peão que ficará como a égua, porque

será capado como os bois de corte — respondeu ríspido e ri alto, para incentivar Tito. Aos poucos, inclusive Guido riu, se afastou e voltou com o aparelho de ultrassom portátil.

— Você consegue ver? — perguntei animada e ele me trouxe para perto com um puxão no passador de cinto da minha calça.

— Sim, e você também. — Diminuiu o tom: — Entendi o que fez e funcionou.

— Que bom, depois me lembre de te dar a recompensa — respondi baixo também, pisquei um olho para Tito, que envergonhado, se afastou e nos deixou sozinhos apreciando o surgimento de uma vida.

No mesmo dia que Guido me aceitou

como noiva, descobrimos o surgimento de uma vida animal. Não tinha melhor símbolo para nos representar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Guido

— E a vez que Guido ficou com medo de lobo e fez xixi na cama por uma semana? É difícil tirar a teimosia da cabeça dele, Laís — minha mãe falou animada enquanto nos servia comida. Meu pai estava enfurnado em seu quarto de artesanato.

Várias histórias já foram contadas, já saí para ver um cavalo e voltei, elas continuavam a falar da minha infância.

Preocupei quando Laís foi cumprimentar minha mãe logo que chegamos, mas não tive

oportunidade de continuar com o receio, ainda mais que dona Ju, a rainha da comida caseira e doces, a colocou debaixo do braço e seguiu para a cozinha.

— Ainda tem assunto? — cheguei perguntando para as duas, que deram de ombros e voltaram a se encarar.

— Tem que ver como ele anda tratando o tal do Tito, o homem já foi ameaçado pelo olhar só porque me chamou de linda.

— Ainda com ciúmes, Guido?

— Ela disse que não se importa — falei com cautela, sentei ao seu lado e roubei uma bolacha de nata do seu prato.

— Não mesmo, é a tradução de amor para os machões do meio do mato — falou orgulhosa e

antes que roubasse outra bolacha, colocou uma na minha boca. — Você não almoçou, quer que eu faça um prato para você?

— Serve ele, minha filha. Tem dias que esse menino só come quando eu vou levar o prato de comida para ele — minha mãe falou com repreensão, mas seu olhar era orgulhoso, ainda mais que minha mulher se sentia em casa abrindo os armários, pegando um prato e me servindo.

— Assim vou ficar mal-acostumado — falei com um sorriso enorme, até que ter uma mulher do meu lado não era tão ruim.

— Que bom que sabe, porque estou fazendo isso para dar uma boa impressão para a sogra. — Laís sentou ao meu lado depois de

colocar prato e talheres na minha frente. — Desculpa, dona Ju, mas ele está merecendo puxão de orelha e não agrados.

— Está certa, com certeza. Meu filho merece do bom e do melhor, mas tem que entrar na linha também. — Minha mãe me olhou séria. — Você não poderá ter um casamento sem noivado. Já acionei a família, final se semana nós iremos oficializar.

Engasguei ao tentar falar e engolir a comida. Laís bateu nas minhas costas e a olhei com repreensão. Porra, ela falou que estávamos noivos? Não dava para manter a boca fechada?

— Você quer me matar? — questionei pegando o copo da sua mão e tomando o suco

fresco de laranja.

— Só de amor. Como disse para sua mãe, foi algo de momento, a gente se reencontrou e não quer mais perder nenhum momento longe um do outro.

— Esperem um pouco para terem filhos, tem que aproveitar a vida a dois. Apesar que Fred e Luana parecem muito bem, hoje em dia as pessoas só fazem.

Gemi, fechei os olhos e tampei meu rosto com as mãos. Se ela estava citando meu primo, já imaginava que tinha acionado toda a família. Não peguei no celular depois que Laís veio comigo, nem queria imaginar o que estava se passando no nosso grupo de primos.

— Não precisa se preocupar, eu e Laís resolvemos tudo. Ela falou que até o mês que vem o estúdio de dança estará pronto e fará uma apresentação para a família.

— O quê? — Encarei minha mulher chocado, ela não entendia que minha família era muito tradicional.

— Dança do ventre, querido. — Laís riu alto e olhou para minha mãe. — Eu faço muitos tipos de dança, não faria nada mais sensual, até porque, vocês já têm netos, certo?

— Orando para que os meus cheguem logo, sem pressão, filha. — As duas estenderam as mãos e apertaram. — Será uma ótima forma de honrar a memória do meu pai, que nasceu nessa

cultura, mas foi criado no Brasil.

— Você faz dança do ventre? — perguntei ao descobrir que pouco sabia da sua vida. Talvez, com medo de aumentar meus ciúmes, escolhi viver na ignorância. Não mais.

— De tudo um pouco. Quando o estúdio estiver pronto, eu faço uma apresentação para você.

— Mantenham sempre a chama do amor acesa, você está certa, filha. — Minha mãe parecia acanhada, se levantou e colocou seu prato na pia. — Deixem tudo aí, depois eu limpo. Vou ajudar seu pai.

— Obrigada dona Ju! — Laís se levantou rapidamente, abraçou minha mãe, que retribuiu com igual intensidade e voltou para sentar no meu

colo. Distribuiu vários beijos pelo meu rosto, meu almoço tardio estava esquecido.

— O que foi isso?

— Não poderia ser melhor do que foi agora. Sua mãe é maravilhosa.

— Você não conheceu a família inteira, vamos ver se sua opinião continua a mesma depois. — Apertei sua coxa e olhei para ela perdida em pensamentos. — Me conta mais sobre você? Como descobriu a dança?

— Eu fazia balé no colégio, depois mudei para o jaz e dança de salão. Cada tipo diferente de dança eu ia lá e experimentava, tive sorte do meu pai sempre tentar suprir seu carinho com meu tempo extra fora de casa.

— Seus pais deverão estar aqui para o final de semana. — Comecei a rir e olhei para o teto. — Caralho, sério mesmo que vamos noivar?

— Vou ser a noiva não só disso aqui. — Rebolou no meu colo e se levantou quando inspirei com dificuldade. Já tínhamos feito demais por um dia, mas isso não queria dizer que meu corpo não queria outra rodada. — Serei toda sua, só sua, mas prefiro que meus pais não venham, não se minha mãe continuar daquele jeito.

— Então, vamos falar com ela novamente. — Dei de ombros e voltei a comer. — Agora que aceitei minha cela, o jeito é fazer conforme o script.

— Vai dar tudo certo, meu amor. Tenho apenas uma apresentação na Angel's, preciso

encontrar um nome para meu estúdio de dança e vermos como iremos fazer sobre nossas casas. Vamos ficar no seu apartamento ou escolheremos um novo?

Antes que engasgasse, parei de mastigar, de respirar e só senti.

Caramba, quando achei que aceitar o status de noivo era o pior momento, vem Laís e me joga um balde frio. Não saberia dizer o que seria pior, ela dançando na boate ou ter que começar a dividir meu canto com ela.

Não era filho de pai assustado, mas por um momento me senti.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Guido

— Oi pessoal. Preparados para o nosso casamento? — Fred chegou na reunião de família, no Haras, com Luana debaixo do seu braço e Alexia ao lado dos dois. Depois da confusão da semana, me inteirei do que estava acontecendo. Em um mês eles iriam se casar, aqui.

— Só faltava dizer os padrinhos. Simone fez um convite especial para eles! — Luana complementou e todas as mulheres os rodearam. Sua barriga já estava bem saliente, o bebê ficaria na

barriga antes deles fazerem seus votos.

— Você é o próximo, trouxa — Leo falou em tom zombeteiro. Eu, ele e Bastien estávamos no nosso canto. Laís estava entrosada com minha família, nem saberia descrever a sensação sobre tal situação.

— Sem pressão, porra! — rebati só para que os dois rissem da minha cara. — Ainda estou tentando digerir que minha mulher vai dançar na frente de vocês.

— Antes nossa que de um bando de pervertidos — Bastien falou baixo no meu ouvido e endureci. — O que será que ela vai fazer? A vó vai surtar se ela começar a tirar a roupa.

— Mais respeito, idiota! Será dança do

ventre, em honra a família Saad. — Bati no peito dele, que recuou e pediu desculpas com o olhar. — Ela disse que terá só mais uma apresentação na Angel's, seu foco será no seu estúdio de dança.

— Que Alexia vai trabalhar — Leo falou com ironia. — A menina nunca saiu de casa, não sabe ser social ou simpática.

— Não é porque ela não quer dar para você que não merece uma chance — falei com repreensão, tinha horas que Leo ultrapassava os limites do seu amor/ódio. — Laís me falou sobre algumas limitações que Alexia impôs, mas nada absurdo.

— Sem toques? Sem cumprimento de mãos? — Leo virou de costas para a família e

continuou com seu veneno: — Me poupe, essa menina precisa de um tratamento de choque!

— Espero que o padrinho do meu casamento não esteja falando da madrinha de Luana. Já falei para você pegar leve, cara — Fred apareceu, pegando todos de surpresa.

— Como assim? Padrinho? — Leo questionou e os dois se abraçaram.

— Não só você, trouxa, mas o quarteto inteiro. Você e Bastien entrarão juntos, como o casal que são — o noivo da vez falou para irritar seu irmão e conseguiu. A discussão de irmãos começou e para não sobrar para mim, procurei um lugar para me sentar.

De todos os lugares, achei que perto da

minha mãe seria seguro, ainda mais quando minha mulher estava por perto, mas não foi.

— Ju, Debora suspeita que o marido está tendo um caso — minha tia Alice, mãe de Bastien, falou baixo, para que a conversa se mantivesse particular. Laís foi para dentro depois de deixar um beijo casto nos meus lábios para se preparar, ela faria sua apresentação de dança.

Eu precisava de um momento sozinho, mas nunca se estava abandonado quando a família era grande.

— Heitor e Debora? Aquele casal amigo de vocês? — minha mãe questionou e puxei na memória se conhecia os dois. Caramba, traição era muito forte, algo que não admitiria.

— Sim! Parece que ela encontrou um fio de cabelo escuro na roupa, depois foi o cheiro de perfume diferente. Ela pretende seguir ele na próxima saída suspeita.

— E agora, Alice? Que *climão*. Os dois tem um filho! — minha mãe quis saber. Como se família ou filhos impedissem que o homem sem honra agisse pelas costas.

— Pois é, pior que ele, é a mulher que se submete a isso. Sem vergonha, se eu descobrisse quem era, dava uma surra!

Olhei para minha tia, depois para a minha vó e bufei. Criadas de forma muito tradicional, pareciam que viviam em uma realidade paralela. Para mim, nesse caso, o único que merecia surra

era o cara, porque ele sim, nós sabemos que tem noção da família que está destruindo, mas e a mulher?

Tantos julgamentos de mulheres nas próprias mulheres me deixava inseguro, porque Laís tinha um trabalho que não oficializei para ninguém e nem ela. Não que tivesse vergonha, minha mulher já salientou várias vezes que ela era assim e amava o que fazia, mas como não continuaria na Angel's preferi não criar um assunto que a julgasse.

Quando a música árabe começou a soar e de longe Laís chegou rebolando, com pouca roupa e um sorriso matador, levantei com meu coração disparado. Todos a olhavam admirado e precisava

me manter firme, tanto para não ter uma crise de ciúmes como para não me permitir atacar quem a julgasse.

Linda. Ela chegou perto de Luana e Alexia, rodeou as duas dançando e as fazendo sorrir. Diferente do comportamento padrão da amiga de Fred, quando Laís pegou na sua mão e a fez rodar, ela riu tímida e se escondeu atrás de Luana. Olhei para meu primo e Leo parecia hipnotizado, o idiota não sabia o que fazer com seus sentimentos, só ele não via o que estava perdendo ao não ser compreensivo com a garota.

Laís foi para perto da minha avó e daí, todos já batiam palmas e admiravam minha mulher. O brilho e os enfeites da roupa traziam uma alegria

diferente para o meu coração. Achei que encontraria julgamentos e apontamentos, mas o apertão da minha mãe no meu braço, dando a entender que tinha aprovado, me fez perceber que o julgamento só surgia quando não se conhecia a história por completo da pessoa.

Fui empurrado para me aproximar de Laís, que dançou me seduzindo, remexeu o quadril, segurou minha mão e me fez aproveitar a dança com ela. Era essa a mulher que rejeitei há dez anos atrás? Seria eu, merecedor de tanta realização?

— Beija! Beija! — minha mãe entoou o pedido batendo palmas e todos pediram a mesma coisa.

Nesse ponto, estava sorrindo como o idiota

do Fred fazia para a sua mulher, a cada graça que fazia. Segurei seu rosto, mas seu quadril e braços continuaram se mexendo. Beijei sua boca de forma casta, fomos ovacionados e a abracei.

Porra, ela era minha.

— Eu te amo, Laís — sussurrei no seu ouvido, tirando seu equilíbrio e quase a fazendo cair. Segurei sua cintura e olhei para a minha família. — Pai, mãe, família. Essa é Laís, a madrinha do casamento do Fred — olhei para o meu primo — e minha futura esposa.

O que parecia temeroso se transformou em realização. Estava tudo certo, o medo não tinha mais lugar em minha vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Guido

— Meu amor, é só hoje, o último dia. — Laís beijou meus lábios e me deixou sentado, angustiado, na sala do meu apartamento.

Ela ainda não falou que me amava, não quis se mudar para meu apartamento de imediato, apesar de estar dormindo todos os dias na minha cama e não quis falar com a mãe.

Alguma coisa estava acontecendo, ela não queria me contar e eu estava ficando desesperado, ainda mais porque ela iria na Angel's fazer a sua

despedida, encerrar seu trabalho lá e viver da dança como ela fez na reunião de família. Minha vó estava encantada, disse que sentiu como se um pedaço do que foi do avô retornasse apenas para lhe dizer que estava tudo bem, que a família continuaria.

Escutei a porta de casa fechar e levantei com pressa, parecia um animal enjaulado. Minha noiva não parecia o tipo de pessoa que escondia algo, sempre segura de si, falava e fazia sem medo de ser feliz.

Mas depois que escutei minha tia falar da traição do tal Heitor, minha cabeça imaginou vários cenários onde eu, em todos eles, iria coçar o chifre no cupinzeiro depois.

Não nessa vida!

Tomei um banho demorado, porque precisava distrair minha mente e usar o tempo. Ela não disse o horário da apresentação, mas conhecia esses locais da minha época de solteiro, eram todos iguais, só mudava as mulheres que dançavam no palco.

Meu coração sangrou só de pensar nela naquele lugar, algum homem subindo no lugar e se esfregando nela. Não, pelo amor de Deus, minha mulher não poderia gostar disso. Ela parecia doce e sensual ao mesmo momento enquanto dançava para minha família, ela tinha que se manter assim, porra.

Sabia que meu ciúme iria falar mais alto que eu, ainda mais quando minha mulher estava

quase nua na jogada. Ou ela dançava sem nada?

Vesti uma roupa que não combinava comigo, terno e gravata borboleta, a única que tinha achado aqui. Peguei minha carteira e quando saí dei de cara com Bastien batendo na minha porta.

— Onde você vai todo engomadinho? — perguntou me dando espaço para sair. Fechei a porta e segui para o elevador.

— Vou na Angel's.

— Opa, *tô* dentro. — Olhou para mim animado e depois ficou sério. — Não, espera, você vai casar, cara.

— Minha mulher vai fazer a última dança naquele lugar. Tem algo acontecendo e quero saber antes de ser o corno. — Entramos no elevador.

— Para de viagem, Guido. Desde quando você começou a namorar com ela sabia sobre a dança e nunca surtou como agora.

— Mas você não sabe o que está passando na cabeça daquela mulher. Bastião, ela é um furacão! — Segurei na sua camiseta e saí do elevador com pressa. — Primeiro, a mãe dela não aceita nosso relacionamento, é traumatizada com os homens. Segundo, ela tinha falado sobre morarmos juntos e agora, não trouxe nenhuma peça de roupa para ficar no meu guarda-roupa, mesmo que estejamos dormindo todo dia juntos.

— Você, por um acaso, falou para ela trazer as coisas para sua casa? — Bastien inquiriu entrando no banco do passageiro da minha

caminhonete. — Liberou espaço no seu guarda-roupa para ela?

— E precisa? Caralho, a gente vai casar! — Liguei o automóvel com raiva saí da garagem cantando pneus.

— Cara, tira essa venda que você está na cara e olha a situação como ela é! Já conversou com ela sobre se mudar? Uma coisa foi ela pedir, outra coisa você facilitar a ida dela para sua casa. Essa, até eu sei.

— Heitor está traindo a Debora.

— O quê? — Ele olhou para mim e freei brusco por conta de um sinal vermelho.

— O tal amigo da sua família, Heitor...

— *Tá* brincando, certo? O homem

perfeito, que meus pais já cansaram de me comparar para ser igual, está traindo? Como você sabe?

— Escutei sua mãe falando com a minha. Parece que Debora vai seguir ele e dar o flagrante.

— E o que isso tem a ver com o que estamos fazendo? — Acelerei a caminhonete e as mãos de Bastien tentaram me impedir de seguir com o carro. — Pode parar, Guido. Laís não está te traindo.

— Você não sabe!

— Quer estragar o que vocês construíram até agora? Eu vi sua cara de bobo alegre babando pela mulher, ela está assim ou pior. Laís é apaixonada por você desde sempre, ela nunca faria

isso logo agora que conseguiu você!

— A mãe não aprova nosso romance. Pedi para Laís, para conversarmos novamente com ela, mas não, ela está desviando do assunto.

— Isso não é motivo...

— Eu só quero ir ver com meus próprios olhos! — falei exaltado, estacionei o carro rente a calçada e bufei. — Ela é minha mulher e se tiver que viver com ela eternamente, quero conhecer todos os lados dela, inclusive o que vai arrancar o pior de mim.

— Ainda bem que estou com você, então. Não vou te deixar fazer nenhuma burrada. Você só vai ver.

— Ninguém te chamou, Bastião. Mais um

para ver minha mulher pelada é demais para mim. — Saí da caminhonete e liguei o alarme quando escutei a porta de Bastien bater.

— Sou seu primo, porra! Nunca faria isso com você.

Parei em frente a porta cujo muro em volta era preto. Angel's Night Club era um local para homens que queriam sexo pago e as dançarinas vendiam o corpo, ou não.

Esfreguei meu rosto e senti a mão do meu primo apertar meu ombro.

— Você mesmo disse, é o último dia. Para quê se torturar? E se ela achar que você está traindo a confiança dela?

— Esse é meu lado obsessivo falando,

cara. Um dia ela me falou que gosta de mim como sou, então, ela vai ter que me aguentar sendo perseguidor!

— Meu Deus, isso me lembra uma menina do colégio traumatizada com você — falou rindo e nos virou para a porta. — Se Laís aguentar esse seu ataque, estará imune para o resto da vida.

— Agora que assumi que amo essa mulher, vou até o fim.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Guido

Entramos como pessoas comuns em busca de sexo. A música que soava no ambiente tinha uma batida sensual, a luz era vermelha e o ambiente era propício para os prazeres da carne. Será que ela nunca transou com um cliente? Será que nunca tinha feito um programa?

— Se for pensar no que ela fazia aqui antes de ficar com você, vou te levar embora a força. O passado fica no passado, ou você foi santo?

PERIGOSAS NACIONAIS

Escolhemos uma mesa afastada do palco, sentamos e uma mulher seminua veio nos atender.

— Uísque — pedi e Bastien me acompanhou negando com a cabeça.

— Álcool não é um bom companheiro agora.

— Foda-se, Bastião. Estou quase explodindo, preciso relaxar e só vou conseguir com minha mulher ou com álcool.

— Gostariam do cardápio da noite, senhores? — a garçonete perguntou com malícia e entregou um folder com rosto de mulheres. Peguei com pressa e procurei minha mulher com o coração na mão. Não, ela não mentiria para mim sobre isso, ou sim?

PERIGOSAS ACHERON

— Tira o olho daqui, quem pode algo sou eu, ou vai ser igual Heitor? — Bastien tirou o papel da minha mão, que eu já tinha olhado mais de duas vezes e não encontrei minha mulher.

— Ele é um babaca, ainda mais porque paga de melhor homem do mundo, como você falou. — Tomei um gole da minha bebida e olhei para os lados em busca dela.

— Prefiro não julgar, cara, nem ele nem a mulher. A gente não sabe o que se passa na cabeça desse povo, muito menos dentro da casa deles.

— O que justifica traição, Bastien? Me diz! — Tomei mais um gole e quase cuspi tudo para fora quando anunciaram uma dançarina. Quando a mulher entrou, respirei aliviado e ansioso

ao mesmo tempo por não ser Laís.

— Ah, cara... acredito que trair e ajudar na traição tem a ver com autoestima baixa. Se não está satisfeito, fala, mas e quando a pessoa não se acha digna? Tem gente que age de propósito.

— E de onde você tirou tudo isso? — Minha atenção estava no meu primo e ele, no palco, hipnotizado. — Cara, não vou te esperar para foder ninguém aqui.

— Para de viadagem, Guido. Estou num puteiro e virei santo? Vou olhar, tirando sua mulher, claro — falou desviando sua atenção apenas para isso. — E sobre traição, eu conheço um caso e a pessoa sobreviveu. Às vezes, só acontece.

— Quem é? Nunca perdoaria.

— Não vem ao caso, o que já foi perdoado, já foi superado. Só comentei para que você saiba que tenho um estudo de caso. Você mesmo tinha medo que julgassem sua mulher antes de conhecerem. Sua vez de não julgar antes de conhecer o caso.

— Ou seja, Heitor não tem culpa.

— Talvez não — deu de ombros —, mas isso não quer dizer que ele deixa de ser um bundão e hipócrita. Estou louco para que minha mãe exalte esse babaca de novo para eu soltar isso. — Sorriu de lado divertido.

— Família...

— Sim, família, ame mais que odeie para não ficar louco.

Outra mulher entrou para dançar e meu coração pulsou mais forte pela antecipação. Não era Laís e não via a hora dela chegar.

— Falando em louco, quando será que Leo vai assumir que arrasta a bunda no caco de vidro por Alexia? — questionei.

— Quando chover canivete. — Tomou um pouco de uísque e virou para mim. — A menina parece mais desinibida e o cabeçudo fica criticando.

— Sim, reparou nela com Laís?

— Reparei nela com todo mundo no domingo. Falei com Luana, Alexia está fazendo uma terapia diferente aí, parece milagrosa.

— Será que ela gosta de Leo?

— Só sei que ele vai precisar cavar muito até achar algum sentimento de empatia dela com ele. E vai ser divertido assistir à queda do caçulinha. — Ele estendeu o copo e brindamos. Por incrível que pareça, me distraiu falar de outro relacionamento que não fosse o meu.

Quando *Umbrella* de Rihanna começou a soar com uma batida mais lenta e sensual, meu coração parecia saber que seria sua vez. Olhei para o palco e lá estava ela, com uma saia que não cobria sua bunda e um top que tampava apenas o necessário dos seios. Ela tinha um guarda-chuva fechado nas mãos e olhei para todos que babavam na minha mulher, estavam surpresos.

A dança seguiu tímida no início, teve

algumas partes mais provocativas, mas em um todo, se ela mudasse a roupa, poderia ter apresentado para a minha família, como fez com a dança do ventre.

— Sua mulher dança bem *pra* caralho!

— Para de olhar, Bastião! — exigi batendo nas suas costas. Ele riu e deu de ombros, ficando de costas para o palco.

— Se te consola, muitos aqui não devem estar gostando da apresentação comportada da sua mulher.

— Comportada? Ela me deixa ligado de qualquer jeito — falei levantando da cadeira e seguindo para o palco assim que a música foi baixando e ela, cumprimentando o público em

despedida.

— Não faça nenhuma besteira. Estou atrás de você — Bastien falou perto do meu ouvido, meus olhos estavam toda nela.

Com um sorriso enorme nos lábios, ela acenou em despedida para os clientes e encontrou meu olhar. Não parei de andar, ainda mais quando ela parecia surpresa e feliz de me ver, desceu os degraus do palco e se jogou nos meus braços.

— Oh, Guido, você veio.

— Sim, eu vim. Eu...

— Estava tendo um ataque de ciúmes. Sim, venha dizer a todos esses babões quem é o dono desse mulherão! — Afastou seu rosto e beijou minha boca sem pudor. Com um pulo envolveu

suas pernas na minha cintura e se entregou.

O que eu estava sentido? Era estranho, enchia meu peito de emoção me fazia querer mais, muito mais, com essa mulher.

— Que tal fazer com uma garota da Angel? — propôs com um olhar travesso e não sabia o que responder, porque tive medo do que estava por vir.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Laís

— Laís?

— Vamos brincar apenas hoje — falei saindo do seu colo e o puxando em direção aos quartos privados.

Era meu último dia aqui, Valéria me deixou claro que Vladimir estava puto com minha saída e eu, só queria mostrar a esse idiota que eu tinha alguém na minha vida, que me amava como eu era.

Sim, Guido me amava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Onde estamos indo? — Ele virou a cabeça para trás. — Cadê Bastien?

— Deixe-o aproveitar e você, faça o mesmo. — Fiz um sinal para o segurança do corredor para nos deixar seguir, escolhi um quarto e o joguei dentro. — Você será meu cliente...

— Você se prostituía, Laís? — perguntou indignado e tentei não me abalar com a precipitação dele. A verdade era que Guido estava confuso e não entendeu minha proposta.

Empurrei-o até a cama para que sentasse, coloquei meu pé em cima da sua coxa e praticamente exibi minha microcalcinha para ele. Sem liga de perna, porque minha marca registrada agora, era apenas dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Saia da sua zona de conforto, Guido, como eu fiz hoje. Não é assim que danço normalmente e para marcar minha nova fase, dancei diferente e senti mais orgulho do que da forma ousada que fazia. Você preencheu meu vazio, agora, quero preencher o seu.

— Não estou entendendo...

— Finja que sou uma dançarina inocente e sensual, que caiu nos seus encantos e agora, vamos fazer o melhor sexo do mundo.

— Não posso te tratar como uma prostituta. Eu...

— Por que não? — Deixei meus pés no chão, virei de costas e comecei a dançar no seu colo. — Solte sua imaginação, mostre que você

gosta de mim independente da profissão ou posição, mas por mim. — Virei, montei seu colo e segurei sua nuca rebolando no seu colo. Guido, com esse terno, estava me levando a loucura. — Mostre o real motivo de você vir aqui, conferir minha performance, com seu corpo, sua boca e seus dedos maravilhosos.

Peguei sua mão, chupei o dedo médio e o transformei no homem que queria. Ele segurou minha cintura, me colocou debaixo do seu corpo na cama e me beijou como se não houvesse amanhã. Faminto e com força, ele não só movimentava sua boca, mas seu corpo, acendendo o meu.

— Mais — gemi quando ele largou minha boca para remover a jaqueta do terno, depois a

gravata e a camisa. — Você fica perfeito de terno, quero ver no nosso casamento.

— Quem disse que vou me casar com você? — Ele me olhou com carinho e percebi que tinha entrado no personagem. — Só temos essa noite, Furacão. Vou dar o melhor e mim e você, o seu melhor.

— Sim! — Removi meu top e ele removeu minha saia, dando atenção para o seu sexo mal coberto.

— E dizem que se chama calcinha. — Pegou-a e removeu vagarosamente pelas minhas pernas.

— Ela faz seu papel bem. — Abri as pernas. — Vamos ver se você faz também.

— Faço melhor.

Ele me chupou com força, investiu com um dedo dentro de mim e me fez ver estrelas em pouco tempo. Excitada era apenas um eufemismo para como estava, saber que sairia da Angel's com o homem da minha vida era o ápice do meu prazer.

Ele subiu pelo meu corpo deixando um rastro de beijos. Chupou meu pescoço com força e tirou seu membro da calça com apenas uma mão enquanto a outra o apoiava acima de mim.

— Apressado, moço? — Ergui meu quadril.

— Aproveitando cada segundo com o que foi feito para mim. — Entrou com força, me fazendo arfar. — Pensar que um dia achei que isso

seria impossível de acontecer.

Entrando e saindo, ele me fez admirá-lo como o homem viril e apaixonado que era. Ainda não tinha me declarado, mesmo que parecesse infantil, estava esperando seu convite para sua casa, para finalmente ser dele por completo.

Ele precisava entender os meus sinais.

— Eu te amo — falou ofegante enquanto não parava de se movimentar.

— Mais forte.

— Leve suas coisas para a minha casa, more comigo.

Ri cheia de prazer, fechei os olhos e senti sua mão em cima do meu clitóris.

— Vai me fazer gozar novamente.

— Farei isso todos os dias se estiver debaixo do meu teto. — Beijou minha boca e acelerou os movimentos. — Eu te amo, Laís!

— Sim, Guido, eu te amo, sempre te amei, nunca te esqueci! — falei em um fôlego, porque o orgasmo tinha me atingido e durou muito tempo, pareceu a eternidade.

Ele me acompanhou e como das últimas vezes, gozou dentro de mim, me fazendo sonhar com uma família apenas para mim. Minha vida estava indo bem demais, apenas minha mãe estava no caminho, mas era fácil de resolver. Minhas atividades nesse clube terminavam, não havia mais nada com o que me preocupar. Vladimir não me tocaria nunca mais.

— Vou morar com você, vamos hoje em casa e fazer a mudança. — Alisei suas costas quando ele começou a rir.

— Você não precisa de roupas, pode usar as minhas e ficar presa no meu quarto o resto da vida.

— Tenho um estúdio de dança para inaugurar, meu amor.

— É verdade, voltamos a ser marido e mulher — ele falou se erguendo e olhando nos meus olhos. — A gente vai casar.

— Esse será o enlace impossível mais real de todos os tempos. — Ele riu e dei de ombros. — Aprendi com Alexia, ela ama romance de época.

— Vamos embora, temos uma vida para

PERIGOSAS NACIONAIS

seguir em frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Guido

Sem sua mãe saber, dormimos no seu quarto, na casa dela. Tentei ser comportado e apenas esperar o dia amanhecer para que conversássemos com dona Gorete, mas Laís parecia em êxtase comigo no seu canto, aquele onde ela sonhou conosco por muito tempo.

— Tem certeza que quer falar com a minha mãe? — ela questionou assim que encerramos nosso sexo matutino, lento e sem barulho. Abraçou meu corpo com pernas e braços e

escondeu a cabeça no meu pescoço. — Só vamos pegar minhas coisas e ir para a seu apartamento.

— Sua mãe pode não gostar de mim ou da situação, mas não vou fugir. Estou te assumindo para a minha família, farei o mesmo com a sua.

— Ela vai surtar... — sussurrou se esfregando em mim como uma gata.

Seria mesmo minha sogra a surtar ou Laís? Dessa vez, parecia que a ficha dela estava finalmente caindo.

Escutei barulho do lado de fora do quarto e sentei na cama com ela.

— Vamos tomar banho e falar com ela. Quem sabe, fazendo a moda antiga, ela não aceite melhor?

— Pedir minha mão em casamento? Antiquado para uma mulher para frente como eu, Guido. — Ela saiu da cama e rebolando, foi para o banheiro. Apesar de suas palavras contrárias, dentro de mim sabia que isso iria ajudar, de alguma forma, a situação com a sogra.

Esperei que ela terminasse o banho para ir, meu furacão estava sempre pronta para me virar do avesso a cada oportunidade. Coloquei a mesma roupa do dia anterior, terno e gravata e de mãos dadas, saímos do quarto e encontramos dona Gorete na cozinha fazendo o café da manhã.

— Que susto, minha filha, você não costuma acordar cedo... — Minha sogra virou o rosto e parou de falar quando me viu. Sorri

acanhado, era momento de falar.

— Bom dia dona Gorete.

— Filha, você vai começar a trazer seus homens para dentro de casa? Faça o favor de obrigá-los a pagar o motel, pelo menos, para valer a pena.

— Quero pedir a mão da sua filha em casamento.

— O que você está dizendo?

Abri a boca para responder que só existiria um homem na vida de Laís a partir de agora e estaríamos unidos pelo matrimônio, mas minha mulher foi mais rápida:

— Mãe, vou sair de casa para morar com Guido.

Olhei-a preocupado, depois para minha sogra, não estavam parecendo bem. Dei um passo para trás assim que Laís correu para os braços da mãe e ambas começaram a chorar.

Não estava entendendo o que elas falavam entre as lágrimas, mas pareciam se resolver, porque não havia mais raiva ou crítica, apenas carinho e palavras com tons de afeto. Olhei para os lados me sentindo um invasor de privacidade, achei o café e me servi na xícara que estava ao lado.

— Você vai fazer minha filha feliz? — dona Gorete me abordou com Laís nos seus braços. As lágrimas estavam por toda a parte de seu rosto.

— Pode apostar que sim — falei convicto.

— Eu te castro se você a trair ou

abandonar o lar como o meu marido fez. — Era uma merda quando o assunto conjugal interferia na vida dos filhos. Apesar de tudo, pai era pai e ponto final.

— Eu amo Laís e o sentimento é recíproco. — Estendi a mão e minha mulher veio para os meus braços. — Estamos noivos, vamos morar juntos e daremos continuidade nas nossas vidas como uma família.

— Você quer formar uma família comigo? — Laís perguntou chorosa e apenas alisei seu braço. Engoli em seco e mantive minha pose confiante, porque não poderia dizer sim para um assunto que nem tinha pensado.

— Se quiser ficar mais um dia com sua

mãe, eu entenderei — falei para minha noiva.

— Faça uma mala simples, eu guardo tudo para você até amanhã. — A tristeza estava nítida nos lábios repuxados para baixo de dona Gorete. — É uma forma de me despedir.

— Mãe...

— Vão! — Fez um movimento com as mãos. — Façam isso e me deixem terminar o café da manhã.

Mil vezes minha mulher brava comigo do que inconsolada. Ela chorou enquanto fazia a mala e depois me abraçou com força, parecia que estava arrependida da sua decisão.

— Você não precisa fazer isso agora. — Não queria dizer as palavras, mas me forcei.

— Sim, eu preciso. Meu sonho era ter você, não posso voltar atrás.

— Você não vai me perder se não for morar comigo hoje. Eu espero... — ela olhou para mim e sorri divertido, para tentar quebrar o clima tenso — até amanhã.

— Bobo — falou mais calma, suspirou várias vezes e se consolou antes de voltarmos para a cozinha e sentarmos à mesa digna de hotel.

— A senhora caprichou — falei me servindo novamente de café.

— Anote tudo, Laís foi tratada com amor e carinho, nada menos que isso. — Fiz uma careta, porque muitas vezes, quem fazia algo para mim era minha mãe. A atenção agora era de Laís. — Já

falou com seu pai?

— Sabe como ele é, nem vai dar moral. Vou ligar uma semana antes do casamento — o tom de rebeldia me fez apertar sua coxa por debaixo da mesa.

— Eu quero falar com ele antes, Laís. Será que ele iria no meu apartamento?

Minha mulher pegou o celular, pesquisou nos contatos e colocou o celular no ouvido.

— Pai, bom dia, tudo bem? — Uma pausa e uma careta. — Não posso ligar depois e sim, é urgente. Estou saindo da casa da mamãe, vou morar com Guido, meu noivo. — Ela revirou os olhos e me encarou como se dissesse “eu disse”. — Sim, pai, eu te aviso do casamento com antecedência,

mas ele será no dia que eu quiser, não quando não conflitar com suas atividades familiares. Tchau. — Olhou para nós com superioridade e percebi que dona Gorete parecia a ponto de explodir. — Pronto, pai avisado e nem quis saber quem é o noivo, só se meu casamento não cairá no aniversário da sua *mulher* — falou em tom de deboche a última palavra.

— Maravilhoso seu café, sogra. — Tentei mudar de assunto.

— Depois te passo a receita, é como minha filha gosta que seja feito.

Eu acreditava que apenas homens tinham mães que mimavam, mas pelo visto, estávamos em pé de igualdade. Apertei novamente a coxa de Laís,

ela olhou para mim, roubei um beijo para arrancar um sorriso seu e voltei a comer. Parentes eram assim mesmo, quanto mais imperfeitos, mas se pareciam como uma família de verdade.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

Guido

— Minha irmã me ligou ontem, estou feliz pra caralho sobre o noivado de vocês — Torto falou logo que me cumprimentou com um abraço. Ele iria levar alguns cavalos para sua fazenda e trazer outros. Linda continuaria comigo, ela era agora minha também.

— Nunca achei que seria possível. Apesar dela estar preocupada com a mãe, acho que vai dar tudo certo.

— E sua mãe? — ele perguntou e fiz um

movimento com a mão para ele me seguir.

— Já está contando vantagem para as irmãs, já que Simone, minha irmã, também vai noivar com Junior. Está falando até de casamento duplo.

— Fred vai casar aqui, não é mesmo? Ele me mandou convite.

— Sim, tudo culpa dele. Agora basta meus outros primos arranjarem suas mulheres para nos transformar no quarteto de noivos.

— Ainda bem que não me incluiu, porque você sabe, vou me manter o solteiro da turma.

Fomos para as baias de seus cavalos conversando sobre sua fazenda junto com meus peões. Avaliamos alguns cavalos e do meu

escritório, escutei o celular tocar, era Laís, não deixaria de atender por nada.

Corri para atender e assim que coloquei o aparelho no ouvido, escutei seus gritos eufóricos:

— *Meu amor, é meu, é tudo meu!*

— O que foi, Laís? — perguntei voltando para perto do meu cunhado, o sorriso no rosto dele era apenas um indicativo que estava mais do que satisfeito com o que estava acontecendo entre nós.

— *Assinei o contrato de aluguel, os pintores já terminaram, agora é só colocar os postes na sala de pole dance e uma mesa na recepção. Preciso de um nome!*

— Que bom! Estou com seu irmão aqui, vou falar para ele! — Acenei para Torto. — Ela

quer inaugurar o estúdio de dança, precisa de um nome.

— Laís é um passarinho que voa livre sem se preocupar com ninguém — meu cunhado falou e complementei para Laís:

— Sou péssimo para nomes, mas acho que passarinho que voa livre é muito bom.

Ela gargalhou, vibrou e depois respirou fundo várias vezes antes de falar:

— *Voo Livre, estúdio de dança contemporânea, está decidido.*

— Muito bom, Voo Livre! — Torto acenou positivo para mim. — Vai vir almoçar comigo hoje?

— *Não, você vem almoçar comigo. Vou te*

mandar a localização do estúdio, será a apresentação privê de estreia só para você!

Tossi sem graça, ainda bem que não tinha colocado no viva voz, por isso acenei afirmativo e voltei para o escritório.

— Que tal chamar toda a família para inaugurar de tarde e de noite, quando todos forem embora, seremos eu e você? Minha mãe vai ficar feliz em fazer alguma coisa para o momento.

— *Perfeito, Guido. Perfeito, meu amor! Meu Deus, está dando tudo certo, não me faça cair agora!*

— Vou avisar por mensagem no grupo e falar com minha mãe. Me espere, Furacão.

— *Estou sempre com você, meu ex-fujão.*

Depois de convidar todo mundo e avisar minha mãe sobre a conquista da minha mulher, pensei em comprar algum presente para ela.

— Torto, o que sua irmã gosta? Pensei em comprar algo por conta da inauguração.

— Flores? Bombons? — Deu de ombros. — Talvez um anel de noivado que nunca apareceu?

— Porra, véio, é verdade! — Bati na minha testa de leve e uma imagem veio na minha mente como um flash. A liga de perna, que ela usava na formatura e na nossa primeira vez. Ela não usou mais e pensando bem, as duas estavam escondidas na minha gaveta.

Será que roubei todas dela? Iria comprar uma... depois do anel de noivado.

Assim que liberei meu cunhado e seus animais, peguei minha caminhonete e fui até Fred. Ele tinha comprado aliança ou anel de noivado para sua mulher? Seria mesmo a melhor opção pedir ajuda para um homem? Depois iria numa loja de lingerie, então, meu primo estava descartado.

Minha irmã não era uma opção para encontrar o que precisava, por isso fiz uma loucura e fui até o supermercado que Luana trabalhava. Não tínhamos intimidade, mas assim que ela entrou na família, era como se fôssemos primos também.

— Oi prima — chamei sua atenção e ela sorriu para mim enquanto atendia uma cliente. — Tem intervalo?

— Oi, Guido, mais meia hora e estou

liberada. Pode ser? — Olhei para ela sentada, sua barriga já grande parecia dificultar o trabalho.

— Quer ajuda? — Vi-me perguntando, o que não só a mulher rir, como a cliente.

— Senta lá, já falo com você. — Apontou para umas cadeiras. — Gravidez não é doença — falou alto divertida.

Aproveitei para encher de mensagens minha mulher. A animação dela me contagiava, saber que não precisará mais trabalhar na Angel's e ter seu próprio negócio estava sendo o ponto alto do nosso relacionamento. Cancelei nosso almoço, precisava desse tempo para comprar o presente.

E pensar que sempre me achei um homem impossível de casar. Como ela tinha dito mesmo?

Um enlace impossível que se tornou real. Mulheres e suas palavras diferentes para ver o simples.

— O que precisa de mim? — Luana apareceu na minha frente alisando a barriga. Levantei e respirei fundo antes de falar:

— Preciso de ajuda para comprar um anel de noivado para minha mulher. Como você é uma noiva, então, achei...

— Ah... sim... deve ser mal de família, pedir a mulher em casamento e compra o anel depois. — Ela ergueu a mão e mostrou o dela. Bonito e simples, mas sei que Laís iria gostar de um que chamasse atenção. De preferência gigante, para mostrar que ela tinha dono.

— Se for analisar, eu ainda não a pedi em

casamento, ela que se auto intitulou minha noiva depois que espantou Elis de perto de mim.

— Não acredito, será que é a mesma Elis que Fred contou, sobre a maldição? — Ela começou a rir e seguimos para fora do mercado.

— Se for a que ele pegou, acho que era sim. — Recebi um tapa. — Aí, por que isso?

— Para te proibir de olhar para outra mulher, Laís é seu foco, claro que ela teve que demarcar o território.

— Me sentindo no reino animal — brinquei e levei outro tapa. — Sua mão é pesada, coitado do meu primo.

— Vamos lá comprar um anel de noivado digno da sua mulher. Espero que seu cartão de

crédito tenha limite.

— Para ela, eu tiro dinheiro até da poupança! — Apontei para minha caminhonete quando saímos para o estacionamento. — Vamos juntos, depois te trago de volta.

— Posso avisar Fred ou é segredo?

— É segredo e pode avisar o fofoqueiro — falei contrariado e arranquei riso da grávida.

Sim, éramos primos mesmo não compartilhando o mesmo sangue. Isso era o bom de ter família grande, os agregados se tornavam parente também.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Guido

— Olha, a nem-nem tem trabalho agora — Leo zombou assim que Alexia sentou na cadeira atrás da mesa de recepção.

O cara era um filho da mãe sem noção, a inauguração do estúdio de dança da Laís estava sendo mais do que o estimado, porque além de bolo, café e salgadinho, minha família arranjou uma mesa, uma cadeira e um arquivo vertical para a recepção.

Fred e Luana apareceram com Alexia, que

raramente interagia e agora, estava mais do que aberta a fazer parte.

— Leo, vai tomar no cu! — Laís falou empurrando-o para longe assim que a menina perdeu o sorriso e foi para perto de Luana, seu porto seguro. Fred fechou a cara e olhei para todos em volta para saber se alguém tinha presenciado minha mulher soltar um palavrão. — Sério, Guido, vou arrancar as bolas do seu primo.

Apesar de querer fazer o mesmo com ele, Leo precisava amadurecer mais. Eu e Bastien tínhamos 28 anos, aprendemos na marra amadurecer, com nossos pais turrões, mas o caçula Leo, com 26 anos, mais parecia ter 16! E olha que dona Bety não perdia muito para os nossos pais em

ser rígida na educação, mas tendo um pai como Amim tornava tudo mais suave. O tio era foda, com coração enorme.

— Até quando vão ficar protegendo a menina? Ela é muito mimada, precisa de um tratamento de choque.

— Nossa, falou o expert em comportamento humano — Bastien se aproximou e bateu na nuca de Leo. — Vai para casa, cara. Só você ainda não percebeu que está de mal humor e estragando a festa.

— Trouxa — resmungou e saiu do estúdio. Se foi embora, não sabia, mas só de olhar para Alexia relaxada era uma boa coisa.

— A única bola que você vai tocar é a

minha — falei provocativo no ouvido de Laís. Não adiantava, meu ciúme acabava falando mais alto.

— Não, as suas bolas eu vou chupar — rebateu minha afirmação sussurrando sensual no meu ouvido, me deixando constrangido e louco para que todos fossem embora, o que não demorou muito, já que era dia de semana.

Apenas minha mãe e meu pai vieram, a maioria dos outros convidados eram os primos e seus agregados, além de Torto e minha sogra.

Aos poucos eles foram embora e meu cunhado precisou arrastar minha sogra para fora, porque ela queria ficar até o final.

— Pode deixar que está tudo sob controle, dona Gorete! Preciso fazer meu papel de homem da

casa, não é mesmo? — provoquei de leve e tive um aceno em concordância antes dela abraçar nós dois e ir embora com o filho.

— Como seu irmão conseguiu sair de casa sem casar? — questionei Laís fechando a porta da frente. Era uma casa comercial onde, antigamente, funcionava uma clínica. Tinha uma recepção grande e quatro salas bem espaçosas.

— Acho que minha mãe tem aversão aos homens, inclusive meu irmão. Mas ele é bem resolvido como eu, ninguém mudará o que está solidificado na nossa mente. Ele queria um canto para a putaria, então fez acontecer.

Virei para ir atrás dela, mas ela fez sinal para parar.

— Não seremos só nós dois agora?

— Sim, vou me trocar e você, espera a música começar a tocar antes de entrar na última sala. — Mandou um beijo no ar, correu para se esconder e divaguei sobre tudo o que passamos até chegar aqui.

Se parar para pensar, estávamos há dez anos fazendo história, com um grande hiato. Afastei, porque ela não tinha idade suficiente e depois que poderíamos nos relacionar, estava preocupado demais em controlar meu jeito ciumento e ela, em dançar, voar longe.

A música começou a soar, não era o tipo de música que estava acostumado, sertanejo e moda de viola era o que fazia parte do meu dia a dia.

“Kissing strangers (oh)

Open heart, open mind

Never know who you'll find

Open heart, close your eyes”

Era agitada, nada sensual, por isso fui entrando devagar e a encontrei dançando livre, com uma saia curta e um tope que mostrava sua barriga. Assim que me viu, me chamou com as mãos e fui dançando meio sem jeito até ela. Seus braços circularam meu pescoço e seu corpo dançou por nós dois.

— Beije uma estranha — falou acima do som.

— Só tenho olhos e boca para você, Furacão. — Segurei forte na sua cintura e juntei

nossos quadris.

— Eu me sinto uma estranha, Guido, no bom sentido — falou assim que a música parou e seus movimentos também. — Estou me sentindo tão bem, tão completa, não preciso mais nada na minha vida. Pensei em fazer uma dança sensual ou strip-tease, mas tudo o que veio dentro do meu coração é, dance de qualquer jeito, sem rótulos ou julgamentos.

Dei um passo para trás e segurei sua mão. Ah, se ela soubesse que sim, ainda faltava alguma coisa. Coloquei um joelho no chão e não tirei os olhos do dela surpresa quando peguei no meu bolso a liga de perna, uma preta, nova, que comprei para ela antes de vir.

Ela colocou seu pé em cima da minha perna e com carinho, coloquei a liga até que chegasse no meio da sua coxa. Beijei o presente, sua perna e sua mão, que foi sentir o tecido da liga de perna.

— Você lembrou... — sua voz estava embargada.

— Você nunca mais usou, achei que era porque tinha roubado a última.

— Você tem a da formatura e depois da nossa primeira transa. Elas foram feitas para você, me lembravam você e agora, te tendo real, não preciso de mais nada.

— Casa comigo? — perguntei tirando o anel do outro bolso e colocando em seu dedo.

— Você precisava esperar eu dizer sim para poder colocar — falou rindo, mas sabia que no fundo ela controlava o choro. Levantei, segurei seu rosto e finalmente as lágrimas caíram. — Sim, eu caso com você, hoje, amanhã, todos os dias.

— Para mim já basta.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Guido

— O que foi? — perguntei para Laís assim que ela saiu do banho de manhã, antes de iniciarmos nossa rotina. Depois do que nos aconteceu ontem, era para ela estar feliz e animada como eu, mas parecia... brava.

— Nada, estou ruim do estômago — resmungou abrindo o guarda-roupa e olhando para as roupas sem escolher nenhuma.

— Será que exageramos ontem? — perguntei saindo da cama e abraçando seu corpo,

ela pareceu recuar e suspirar chateada. — Laís?

— Só preciso de um tempo, Guido. Não sou obrigada a acordar bem todo dia. — Pegou uma roupa qualquer, vestiu e saiu do quarto sem se despedir. Meu coração acelerou, porque algo tinha acontecido e ela não queria me falar.

Será que desistiu de nós?

Tinha outro na história?

Fui para a cozinha apenas de cueca e não a encontrei. Meu Furacão tinha saído de casa sem se despedir ou esclarecer o que estava acontecendo.

Liguei para ela várias vezes e não me atendeu. Então, mandei mensagem, várias delas, cobrando uma explicação pelo seu mal humor. Ninguém era obrigado a estar sempre bem, mas

quando se estava morando sob o mesmo teto, o bom senso era no mínimo necessário, que ao menos explicasse o que se passava.

Laís>> Estou ruim do estômago, não é nada, me deixe melhorar para falar com você, caramba!

Sua mensagem não foi suficiente, por isso fui tomar banho e trabalhar, apenas para mostrar a ela que eu também sabia ser mal-humorado. Parecia que ela não se lembrava do meu tratamento de gelo. Consegui ficar vários dias sem falar com ela, conseguiria hoje também.

Porra!

— Nossa, patrão, comeu ninho de abelha? Só cuspindo ferrão! — Tito falou depois que soltei

todos os palavrões que eu conhecia ao deixar cair uma sela em cima do meu pé.

— Vá trabalhar! — ordenei fechando os olhos e tentando encontrar um equilíbrio. Precisava ficar no meu escritório hoje, deixar que o povo trabalhasse e não dependesse tanto de mim.

Fui mancando até minha cadeira e quando sentei, o celular vibrou por conta de uma mensagem. Olhei para o teto e liguei o foda-se, se fosse de Laís não iria nem olhar, muito menos responder. Mal do estômago? Toma a porra de um sal de frutas, não me deixa no escuro.

Mais outras mensagens apareceram na tela do meu celular e a curiosidade venceu, conferi e percebi que era uma imagem de Laís. Desbloqueei

o celular, pronto para ver e ignorar, mas quando a foto preencheu toda a tela do dispositivo, eu vi vermelho, como um touro bravo.

— Porra! — gritei, levantei e chutei o lixo contra a parede, derrubando papel e tudo o que estava dentro dele.

Queria quebrar tudo, tomar de volta o que aquela ordinária pegou de mim, mas já era, ela tinha me fisgado e agora, eu estava oco por dentro.

Xinguei alto e caí de joelhos no chão com lágrimas nos olhos. Ela não poderia ter feito isso comigo, não quando estava indo tudo bem, tudo certo.

— Guido? Patrão? — seu Aparecido me chamou, o que me fez gritar de raiva ao saber que

eu teria plateia. Minha família iria saber, aquela que tanto acolheu sem julgar... Laís jogou fora algo especial. — O que está acontecendo? Alguma coisa aconteceu?

— Sim! — respondi irritado, levantei e apontei para o celular, que agora tinha a tela preta. — A porra dos chifres na minha testa estão coçando.

O pai de Luana controlou o riso, o que foi sábio da sua parte. Pegou o celular e me entregou, desbloqueei e não me importei que ele veria fotos da minha mulher com outro homem.

Sim, Laís me mandou fotos íntimas com outro homem. Amava meu ciúme? Claro que sim, ela queria ter todos para si.

— Oh, uau... — seu Aparecido falou e andei indignado de um lado para o outro. — Por que ela mandaria isso para você? Tem algo estranho...

— Estranho é eu ter finalmente escolhido uma noiva e ela ser a pior de todas. A bandida estava seca comigo, foi embora sem se despedir e agora responde meus questionamentos com isso. — Apontei para o celular nas suas mãos. — Ela não sabe como me dizer, mandou foto transando com outro! — gritei o final.

— Calma, Guido. Toda história tem dois lados. — Ele deixou o celular em cima da mesa e segurou meu braço. — Se ela estava estranha hoje de manhã, tinha algo que precisava te falar e não

sabia como.

— Ela falou! Você viu! — Apontei para o celular, que agora queria jogar contra a parede e fazer picadinho. — Meu Deus, preciso *desver* essa merda! — Segurei meu cabelo e seu Aparecido me fez sentar.

— Quem trai não revela a traição sem ser pressionado.

— Eu a pedi em casamento oficialmente ontem. Até anel de noivado eu dei — respondi derrotado. — Quer mais pressão que isso?

— Você falou que dormiram juntos de ontem para hoje, então, estão morando juntos?

— Sim, mas ela não queria, a mãe não queria...

— Não tente justificar, preste atenção nos fatos, meu filho. — Ele apertou meu ombro e suspirei derrotado.

Era fato, eu fui traído e ainda tive as provas esfregadas na minha cara.

— Está tudo bem? — Minha mãe apareceu e correu para o meu lado. — O que foi, Guido?

— Ela me traia, mãe, igual o Heitor faz com Debora — respondi como uma criança. Não saberia dizer se o choque no olhar da minha mãe era por conta de Laís ou porque eu sabia de Heitor.

— Dona Ju, não é bem assim, tem algo estranho, eu sinto isso — seu Aparecido falou e minha mãe o encarou feroz.

— Como é então? O que aconteceu?

— A menina mandou fotos... no celular dele. Por que ela mandaria fotos da traição?

— Porque ela não estava sabendo falar na cara. Uma imagem vale mais que mil palavras! — rebati irritado. — Contra fatos não há argumentos!

Minha mãe ficou em silêncio, olhou para mim, depois para o pai de Luana e por fim, o celular, que pegou e me deu.

— Quero ver.

— A senhora... é um pouco íntimo... — o homem tentou impedir, mas eu queria mesmo era expor tudo a todos. Queria esfregar na minha cara? Faria isso para a família inteira.

— Ela disse que me amava. Merda de amor... — resmunguei quando entreguei o celular

para minha mãe e olhei para a parede sem pensar em mais nada a não ser vingança.

— Filho, a Laís não tinha uma cicatriz?

— O quê? — questionei irritado.

— Ela dançou no final de semana e reparei que ela tem um risco, ou marca, ou tatuagem, nas costelas, perto dos seios.

Olhei para minha mãe e fiquei incomodado, tanto porque nunca tinha reparado quanto porque Laís nunca me mostrou. Seria esse o motivo dela ter me trocado, alguém que reparasse mais nela? Mas porra, a mulher me deixava hipnotizado por outras coisas, como que...

— Aqui, meu filho, essas fotos devem ser antigas. A cicatriz não está aqui. — Minha mãe

ampliou a foto e mostrou o local. — E antes que você fale sobre ser do outro lado, tem foto demais aqui para te garantir que não tem nada no corpo dela. Será que ela perdeu o celular em algum lugar? Ou a assaltaram?

Como uma avalanche, as informações foram jogadas na minha mente sem cuidado. Leo comentando sobre o dono da Angel's, ela nunca me falou sobre como era o relacionamento lá, mas com certeza, se fosse eu, iria fazer a vida de Laís um inferno se a encontrasse com outro homem.

Peguei o celular da minha mãe, fui atrás da minha última mensagem, depois a dela e o horário das fotos. Quase meia hora antes e já estávamos perto do horário do almoço.

Se essas fotos estavam no celular dela, como o ladrão saberia exatamente para quem mandar?

Fui atrás do contato de quem saberia me dizer algo sobre isso, principalmente onde estava minha mulher. Iria tirar tudo a limpo e lá no fundo, eu tinha medo e esperança, tanto por saber que ela ainda era minha, como porque ela poderia estar em perigo.

— Leo, preciso de você — falei assim que ele atendeu.

— *Estou entrando no helicóptero, Guido. Vai ter que ficar para outra hora.*

— Não! Pelo amor de Deus, tem algo acontecendo com minha mulher, eu preciso saber

onde ela está! — Escutei o barulho de hélice e fechei os olhos em desespero. — Não me diga que...

— *Já estou no ar. Nada aconteceu com sua mulher, mande o bicho do ciúme parar de falar com você.*

— Leo, estou com várias fotos íntimas de Laís com outro homem no meu celular enviado por ela. Tudo indica que são antigas, mas...

— *Porra!*

— Preciso de ajuda, cara. Se não for você, me indique alguém, ou vou sozinho colocar essa cidade para baixo até achar minha mulher.

— *Vou ver o que posso fazer daqui, me dê duas horas.*

— Duas horas ela pode ter morrido se for sequestrada! E se o ex-chefe dela a pegou? Você mesmo disse que ele é *bandidão*... — Minha mãe me olhou preocupada e eu retribuí.

— *Eu sei, porra, por isso pedi duas horas. Não queira saber o que se passa na minha cabeça agora. Vá procurando por você, daqui a pouco entro em contato.*

Ele encerrou a ligação, peguei as chaves da minha caminhonete e saí do escritório com minha mãe e seu Aparecido atrás de mim.

— O que vai fazer, meu filho? Eu posso ajudar? — Entrei na caminhonete e minha mãe me olhou de longe. — Tenha cuidado, você pode contar com a família.

— Traição ou não, sinto dentro de mim que ela está em perigo. Só vou parar quando a encontrar. — Liguei o carro, saí cantando pneu e corri para a cidade.

Primeira parada seria a casa da sua mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Laís

Minha cabeça estava em outro lugar e não em cima do meu pescoço. O enjoo de manhã veio como um choque de realidade que não estava preparada. Bem, estava e não estava, a brincadeira se tornando realidade me fez entrar em choque. Apesar de saber que poderia acontecer, uma gestação, no início do nosso relacionamento, poderia azedar o que construímos.

Enquanto estava apenas no sonho, eu e Linda esperando nossos filhos, estava tudo bonito,

mas a constatação que minha menstruação estava atrasada e que tive enjoo matutino me fez precisar de espaço.

Como falaria para Guido?

Primeiro, precisava fazer o exame de farmácia. Se desse negativo, precisaria ir no hospital fazer o de sangue. Não estava em busca do positivo, mas da afirmação do que eu já sabia, estava grávida.

Foi exagero nosso ontem? Quando Guido me perguntou, quase ri e disse que não, o que aconteceu foi em pequenas doses de transar sem camisinha. O que eu estava esperando?

O que minha mãe iria achar?

De um momento para o outro me vi

insegura, com medo e querendo fugir para não assumir, praticamente o oposto do que era. Essa situação confirmava que estava grávida, só com alteração hormonal que agiria dessa forma.

Comprei dois exames de farmácia, fui até meu estúdio de dança e nem me importei de trancar a porta, uma vez que Alexia iria chegar para iniciarmos os planejamentos de divulgação. A menina era tão inteligente, tinha ideias tão maravilhosas, não sabia como estava enfurnada dentro de casa.

Ah, sim, o idiota do Leo fazia tudo para importunar. Toda vez que ele soltava algo, parecia que ela recuava cinco passos do um que ela estava dando. Ainda não tinha conversado com Luana,

mas conhecia mulheres demais no mundo para saber que ela tinha um trauma e estava em busca de solução.

Fui até o banheiro, deixei minha bolsa largada na sala e fiz xixi no palitinho. Mal tive tempo de levantar minha calcinha, meu cabelo foi puxado com força e fui arrastada para fora.

— Sua puta, pensa que vai se livrar de mim?

— Vladimir? Me larga! Está me machucando!

— É pouco, sua vagabunda, vou destruir você! — Ele bateu no meu rosto com força, me jogou no chão e pegou minha bolsa. — Ninguém sai da minha vida se eu não quero.

Mesmo em choque e com o rosto doendo, levantei e corri para fora, mas novamente fui puxada pelo cabelo e tombei de costas no chão, perdendo o ar. Tentei arranhar suas mãos, ele me deu um chute não muito forte nas costelas e me fez endurecer.

Oh, meu Deus, se eu estiver realmente grávida, precisava proteger meu filho e não reagir. Relaxei no chão e fui erguida sem cuidado pelos cabelos. O choro veio com força.

— Quero te ver implorar para continuar, para ficar comigo. — Bateu no meu rosto novamente e cuspiu. — Pensa que não sei que você está dando para outro? Acha que vai brincar de casinha com ele?

Não respondi e fui empurrada para fora da sala. Não sabia se torcia para Alexia aparecer ou não, uma vez que seria pior para nós duas.

— Por favor, me deixe ir! — pedi com cuidado e levei outro tapa na cara, antes de sair do estúdio.

— Você só vai quando acabar com sua vida, começando pelo seu namorado. Filha da puta, teve a coragem de foder com ele dentro da minha boate!

Ele me jogou dentro de um carro, fechou a porta no meu calcanhar e gritei de dor. Antes que ele fizesse novamente, puxei a perna e ele fechou a porta.

— Onde é a casa do corno? — perguntou

ligando o carro e acelerando.

— Por favor... — pedi chorando. O que ele pretendia fazer?

— Então vamos para a sua casa, vamos ver se sua mamãe gosta de foder ou te ver fodendo.

Gritei irritada, porque previa meu fim nas mãos desse homem e a última coisa que fiz com Guido foi pedir um tempo para eu processar o que estava sentindo. Por que não falei sobre minha suspeita na hora? Que medo era esse que me dominou tão de repente?

— Diga logo, porra! — gritou.

Falei o endereço e orei para que tudo se resolvesse, que o ciumento do meu noivo não aceitasse meu silêncio e fosse tirar satisfação. Ele

não sabia, mas só enxergava seu amor.

— É hora de jogar — Vladimir falou sombrio enquanto dirigia sem controle pelas as ruas.

Precisava escapar, tentei a porta e estava travada para dentro. Orei por força e esperei que alguma ideia surgisse sem me ferir pelo caminho, uma vez que o ser que estava sendo gerado precisava de mim inteira.

Alexia

— Estou muito feliz por você, minha filha. Sei que você pode mais, mas é assim que começa — minha mãe falou animada enquanto me levava para trabalhar no estúdio de dança da Laís. Não sabia quanto tempo duraria essa minha descoberta, ainda mais quando se tem um homem que adorava zombar das minhas conquistas.

Ele não sabia o mal que fazia para mim. Ou bem, dependia do ponto de vista.

— É apenas um teste, nada fixo — falei sem lhe dar grandes esperanças.

Ela parou o carro em frente do estúdio e

me preocupou a porta estar aberta. Minhas mãos começaram a suar, meu coração bater mais forte e percebendo meu estado, minha mãe saiu do carro e fiz o mesmo.

— O que foi, filha? — perguntou me trazendo para perto, me abraçando de lado e dando o conforto que nunca neguei. Esse era o único toque que nunca reneguei.

— A porta está aberta...

— Vou entrar com você, está tudo bem — tentou me acalmar. Apesar de ter 23 anos, ela me tratava como criança e preferia assim. — Laís? — chamou alto assim que atravessamos a porta e não tivemos resposta.

Caminhamos para dentro das salas e logo

na primeira vi um tufo de cabelo no chão. Saí dos braços da minha mãe o fui para o banheiro, que tinha a porta aberta e um exame de gravidez de farmácia fechado no chão. Olhei para a pia e vi um palito com dois risquinhos.

Oh, meu Deus, o que isso queria dizer?

— O que será que aconteceu filha? — Minha mãe entrou, pegou o palitinho e sorriu saudosa. — Acho que temos uma grávida. Ela pode ter saído correndo para avisar o pai da criança.

— Não foi isso, mãe — falei chorosa, me senti claustrofóbica e saí correndo do banheiro até a recepção. — Tem alguma coisa errada.

Situações assim me faziam entrar em um ciclo vicioso de medo a angústia. Tentei focar na

minha respiração, como já tinha sido orientada pela terapeuta, mas não consegui. Estava perdendo as forças...

Peguei o celular e procurei o número de Fred. Odiava ser o terceiro elemento na relação dele, mas não poderia evitar, ele, depois dos meus pais, era o único que me fazia sentir bem.

— Para quem está ligando? — minha mãe se aproximou.

— *Alô?*

— Fred, tem como você ligar para o Guido e saber da Laís?

— *Por quê? Já tentou ligar direto para a Laís?*

Merda!

Encerrei a ligação, liguei para Laís e a ligação ia até a caixa postal, ninguém atendia. Insisti várias vezes e quando olhei o tempo passar, desisti e voltei a falar com Fred.

— *Adoro quando você só desliga na minha cara.*

— Falou com Guido?

— *Não, quero entender o que está acontecendo primeiro, Alexia.*

— Estou no estúdio de dança, Laís não está, a porta estava aberta com a chave nela...

— *Ela pode ter saído e esquecido, é perto do horário do almoço.*

— Não, Fred, me escuta! — falei alto, bati o pé e me vi dentro de um redemoinho de angústia.

Fechei os olhos, tentei me concentrar na respiração uma última vez, mas não consegui.

— *Tudo bem, vou ligar para o meu primo e te acalmar, pode ser?* — falou carinhoso e tudo parecia mais calmo.

Ele me conhecia tão bem, sabia exatamente como me tratar, por que nunca consegui me apaixonar? Agora não mais, Luana estava se tornando uma grande amiga e a última coisa que faria era estragar sua vida com a minha.

— Obrigada, Fred.

— Fale que vamos voltar para casa e fechar aqui — minha mãe falou alto.

— *Escutei sua mãe, fique em casa, já te retorno.*

— Obrigada. — Encerrei a ligação, olhei para o exame de gravidez na mão da minha mãe e suspirei, porque dentro de mim só tinha medo e confusão.

Alguma coisa tinha acontecido.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Guido

Ruim ou pior, ir na minha sogra tornou tudo mais tenso. Ela me culpou, me bateu e depois entrou na caminhonete comigo para encontrarmos sua filha. Enquanto dirigia, ligava para seu celular e ninguém atendia. Se estivesse pregando uma peça, eu infartaria antes de terminar o dia e a levaria comigo para meu apartamento.

— Você fez algo para ela, tenho certeza — minha sogra resmungou.

— Sim, devo ter dado amor demais ou o

anel de noivado errado. — Virei o volante e parei em frente da casa de Torto.

— Amor sempre é de menos. Você precisa fazer mais, Guido!

Saímos da caminhonete, tocamos a campainha e Torto apareceu na janela sem camisa.

— Oh, droga, custava avisar? — resmungou abrindo o portão eletrônico.

— Sabe onde está sua irmã? Pelo visto, com você é que ela não se escondeu — falei segurando o braço da minha sogra que já ia abrindo a porta. — Espere ele se vestir e as mulheres lá dentro também.

— Que elas se explodam, quero saber da minha filha!

Ela abriu a porta, vi duas mulheres entrando para o quarto com as pernas de fora e revirei os olhos. Há um tempo, minha vida era assim também, mas agora, via como algo vazio e sem sentido.

— O que aconteceu com Laís?

— Estamos tentando localizar...

Meu celular tocou, atendi quando vi o número de Fred.

— E aí, primo. Laís está com você?

— Por que quer saber da minha mulher, porra?

— Calma, cara. Alexia me ligou preocupada, parece que ela esteve no estúdio e não está mais, deixou tudo aberto...

— Não está no estúdio, mas ela foi para lá — falei para minha sogra e cunhado vestindo apenas samba canção. — Eu vou na Angel's, o idiota do ex-chefe dela que deve estar por trás disso.

— Merda, já ligou para Leo? Posso ver se Bastien ainda conhece aquele policial que me ajudou com Luana.

— Leo já sabe. Quando chegar lá eu te falo. Se ele tocar um dedo na minha mulher, eu acabo com ele. — Encerrei a ligação, saí da casa e fui para a minha caminhonete.

— Minha filha não vai casar com um presidiário. Matar não resolve nada.

— Antes ele do que ela, dona Gorete —

falei sentando no banco do motorista, ela no do passageiro e Torto subiu no degrau da porta da caminhonete para me olhar da janela.

— Vou trocar de roupa e ir para lá também.

— Não vou te esperar.

Cantei pneu assim que ele se afastou, segurei o volante com força e tentei controlar as batidas do meu coração, mas não consegui, porque as imagens dela com outro homem invadiam a minha mente. Ela estava sorrindo? Gostou? Nem lembrava mais a posição, só da sensação de traição que senti ao ver.

Foi forçada? Ele fazia melhor que eu?

Era do passado, pelo amor de Deus, que

seja do passado, porque mesmo com minha sogra do meu lado, eu ia acabar com todo mundo com minhas próprias mãos.

Meu celular tocou e entreguei para minha sogra ao ver que era Fred.

— Alô? É Gorete, mãe da Laís, ele está dirigindo. — Ela fez uma pausa. — Ah, o seu apartamento está revirado, passaram por lá, depois vão verificar se furtaram algo. — Mais uma pausa e então, gritou: — O quê? — Levei dois murros da mulher e a olhei feroz.

— Qual o problema das mulheres querendo me bater a todo momento? O que fiz agora? — Queria xingar, mas me controlei, ela ainda era minha sogra.

— Fred ligou porque Alexia chamou novamente e disse que encontrou um teste de gravidez positivo no estúdio. Você engravidou minha filha sem antes casar! Se algo acontecer com ela ou o bebê, vou fazer da sua vida um inferno!

Parei o carro abruptamente e senti a colisão atrás de mim. Olhei para a minha sogra em choque, ela estava com raiva e preocupada.

Laís estava grávida? Como?

Idiota, quantas vezes transamos sem camisinha? Ela disse que tomava remédio, mas tinha parado uma semana para... Céus! Ruim do estômago, ela estava com enjoo essa manhã e não sabia como me contar!

— Anda logo! — Minha sogra bateu no

painel, olhei pelo retrovisor e vi o motorista do outro carro sair com os olhos arregalados.

— Depois a gente se acerta, anota minha placa! — gritei na janela, voltei a guiar a caminhonete e dessa vez, ainda mais determinado.

Traição? Não estava pensando em mais nada disso, apenas que minha família estava em perigo. Como minhas éguas prenhas, precisava cuidar e proteger até que o potro viesse a vida.

Meu Deus, eu poderia fazer ultrassom todo dia para ver o bebê!

Cheguei a sorrir, mas logo morreu, porque a boate apareceu no meu campo de visão. Parei o carro uma quadra atrás, inclinei meu corpo para frente e tirei minha arma de debaixo do banco.

— Eu não acredito, você anda armado?

— Eu trabalho no meio do mato, não são apenas dos ladrões que preciso me proteger.

— E você tem porte? Isso é legal? — Ela ia me bater e se controlou, olhou para a boate preocupada. — Oh, minha filha, por que se meteu nisso? Sempre falei para ela não trabalhar nesse mundo, só tem gente ruim...

— A culpa não é dela, dona Gorete. Apesar dela gostar de se exibir e não ter vergonha do que faz, é a pessoa com a alma mais feliz e linda que conheci. — Conferi as balas, coloquei o revólver nas costas e abri a porta.

— Sim, é verdade, Laís não tem culpa, quem tem é você que não soube ser compreensivo.

Pulei para fora. Não precisaria pedir para minha sogra ficar onde estava, ela parecia com medo de se mover.

— Você está certa, por isso vou atrás de me redimir.

— Traga os dois vivos, está me entendendo? Laís e meu neto! — Apontou o dedo para mim e acenei apenas, porque essa era a promessa que estava fazendo para mim mesmo, sabendo que não estava em minhas mãos tal destino.

Eu tinha que esperar Leo me retornar? Nada mais importava, estava indo enquadrar o dono dessa boate e faria por mim, pela minha família.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Guido

A porta da frente estava trancada. Entre bater e invadir, optei por achar outra entrada antes de anunciar minha chegada.

E se ela não estiver aqui?

Porra, ia realmente cometer um crime sem ter certeza do que estava fazendo, mas que se foda, o tal patrão de Laís iria escutar para ele nunca se aproximar.

É, faria isso e correria para a rua, porque precisava encontrar a minha mulher grávida.

Por Deus, eu ia ser pai na mesma época que Fred? Será que nossos pais passaram por isso e imaginaram o quanto seríamos amigos? Que meu bebê fosse menino, seria o legado dos solteiros para desespero da vó Cida, ou melhor, bisa Cida.

O pior de tudo era que não dava nem para comemorar, a tensão do momento e a concentração que eu precisava para decidir o que fazer, já que não tinha como entrar sem fazer barulho.

Voltei para a porta da frente, olhei para a minha caminhonete, minha sogra estava no banco do motorista, parecia pronta para arrancar. Mulher esperta, estávamos na mesma sintonia.

Tirei a arma das minhas costas, apontei para a fechadura e atirei. Restavam 7 balas da

Taurus 838 que mantinha apenas para emergência. Empurrei a porta com o pé e mirei para frente esperando alguma ameaça. Dois seguranças aparecendo mirando pistolas na minha cabeça e ergui minhas mãos em rendição.

Porra, até parecia que o homem não teria força armada.

— O que está fazendo aqui? — um segurança perguntou tirando minha arma da mão.

— Dê um motivo para não estourar seus miolos! — O outro segurança esfregou a pistola na minha cabeça.

— Vocês estão com minha mulher.

— Você sabe que está em um puteiro de luxo, certo? Qualquer prostituta que lhe deu

esperança, era apenas para roubar o seu dinheiro.

Na hora veio o pensamento do meu apartamento revirado, mas não dei atenção. Laís carregava um filho meu, ela não faria isso comigo.

Fui empurrado para trás e forcei ir para frente, até que parei, porque novamente a arma foi para a minha cabeça.

— Qual a parte de que vou estourar sua cabeça você não entendeu? Estou dando a chance de você ir embora, idiota!

— Quero ver minha mulher! Cadê o dono desse lugar? — exigi sem medo do perigo. De uma coisa eu sabia, se quisessem me matar, já o tinham feito.

— Vá para a pu...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixem-no, pessoal, deixem — a voz rouca e ameaçadora personificou em um homem mais velho e com cara de poderoso. O sorriso amarelo, indicando que fumava ou exagerava no café me deram nojo e preocupação pela minha mulher.

— Ele invadiu a Angel's, Vladimir — um dos seguranças comunicou.

— Tudo bem, está tudo bem — falou com cinismo.

— Cadê minha mulher?

— E eu vou saber? Aqui só tem minhas putas e elas são MINHAS! — Aproximou e exibiu as correntes grandes no pescoço e pulso, um verdadeiro mafioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero que saiba que Laís é MINHA mulher. Não encoste um dedo nela, senão...

— Senão o quê, filho da puta? — Ele pegou o meu revólver da mão do segurança e colocou entre meus olhos. — Quem manda nessa porra sou eu e nenhum cowboy filhinho de papai vai passar por cima de mim. EU MANDO AQUI!

— Bom saber, porque será o que irá morrer primeiro — Leo apareceu encapuzado com outros dois homens. Sabia que era ele por causa da voz, cada um apontou uma arma para a cabeça do outro e eu era o único rendido.

Ele não estava em um helicóptero?

— Se me matar, não saberão onde está a vadia.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para o homem, que desviou a atenção de mim para os novos visitantes e avancei abaixando para sair da mira. Ele estava com minha mulher e ter essa confirmação me deixou insano.

Eu ia matar pela primeira vez e seria hoje.

Um tiro soou e vários outros seguiram atrás de mim. Se me acertou, não estava sentindo, a adrenalina corria nas minhas veias em busca de vingança. Caí por cima de Vladimir, tentei tirar a arma da minha mira e ela disparou mais quatro vezes. Faltava duas balas, uma teria que estar reservado para ele.

Bati uma vez na sua cara e o braço amoleceu. Soquei mais vezes, forcei a arma para longe da sua mão e consegui, mas voou para longe.

Fui levantar, ele puxou minha perna, caí de costas e foi a vez dele me acertar. O cara era maior que eu, estava difícil tirá-lo de cima de mim.

— Se manda, idiota! — Uma pesada acertou a cara de Vladimir, que caiu desacordado ao meu lado. Olhei para cima e uma mão estava estendida em minha direção. — Os outros já estão vasculhando o local atrás de Laís. Vou pegar sua arma e dar o fim nela, essa missão é extraoficial.

— Missão? — Levantei e encarei os olhos do meu primo. Seu trabalho era sobre transporte em segurança e não... toda essa coisa de agente secreto.
— Cara, eu...

Ele apontou o dedo para eu esperar e fechou os olhos com dor.

— Encontraram a mulher. Já chamamos a ambulância — falou com pesar e só não desmoronei no chão, por imaginar que minha mulher poderia estar muito ferida ou ter perdido o bebê, porque quem iria salvá-la era eu.

Corri para dentro da boate, olhei para todos os cantos e quando vi um homem de preto descer com alguém no colo, corri em sua direção.

— Me dê ela, me dê! — exigi e uma Laís desfalecida foi colocada nos meus braços. Seu rosto parecia machucado e quando o homem colocou o braço em cima do seu corpo, vi a picada na curva. — O filho da puta a drogou?

— Desacordada do jeito que está, e com a roupa rasgada, é possível que outras coisas mais

também.

Abracei minha mulher e corri para fora. Não, esse homem não poderia ter estragado nossas vidas dessa forma. NÃO!

— Calma, Guido, a ambulância já está vindo! — Meu primo me freou quando ia saindo para o lado de fora. Olhei para ele, depois para minha mulher e senti uma lágrima escorrer. Porra, a mãe dela não podia ver isso, era demais até para mim.

Escutamos um disparo, Leo caiu ajoelhado e atirou em Vladimir, que tinha uma arma na mão apontado para nós.

— Porra fui atingido! — rosnou Leo, que foi amparado pelos seus colegas. — Merda,

fraturou o osso.

— Vamos embora, estão todos mortos, depois acionamos nosso contato na polícia — um dos homens falou segurando meu primo em pé.

— Vamos esperar a ambulância chegar. Porra, deveria ter matado o imbecil! — Xingou mais algumas vezes e a ambulância parou na frente da boate.

Os médicos entraram com pressa, eu carreguei Laís até a maca e Leo saiu à francesa com seus companheiros.

— Você não pode ir, senhor — o enfermeiro me impediu de entrar na ambulância.

— Pelo amor de Deus. Ela está grávida, ela foi drogada...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisamos chamar a polícia então. Estamos indo no Hospital Geral, ela será bem atendia.

— Salvem os dois! Por favor, salvem os dois.

— Faremos o possível.

Eles fecharam a porta, deram partira e me deixaram com uma bomba nas mãos para entregar a minha sogra. Olhei para trás e lá estava ela, em choque, me encarando.

Bati no meu rosto machucado para me despertar e corri para minha caminhonete. Eu teria todo o tempo do mundo para ficar em choque, agora precisava ser homem de ferro e aguentar a pancadaria até o final.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Laís

Acordei com um gosto ruim na boca. A sensação do meu corpo não era das melhores, mas da minha cabeça, ganhou todos os prêmios de dor do século.

Estava uma penumbra no quarto, olhei para o teto, depois para os lados e percebi que não estava em casa, nem no Guido, era um hospital.

— Laís? — a voz do meu noivo me fez lembrar tudo o que tinha passado antes de apagar, antes de ser drogada por conta da minha resistência

em ficar com Vladimir. Já tinha feito sexo sem amor, mas agora, não poderia fazer isso com Guido, ainda mais com a vida que eu achava que estava sendo gerada dentro de mim... se ainda existisse, se fosse verdade.

Lágrimas escorreram dos meus olhos e os bipes ecoando no quarto aumentaram o ritmo junto com meu coração.

— Não chora, meu amor, está tudo bem.

— Desculpa... — pedi emotiva e recebi vários beijos na testa e na boca. — Eu estava confusa...

— Está tudo bem, você foi forte e corajosa. A mãe mais destemida do universo! — Segurou minha mão e apertou. Olhei-o com

apreensão e o sorriso que me deu me fez chorar ainda mais, desta vez de alegria. — Vamos ser pais, Laís.

— Como está nosso bebê? Ele está bem? Eu o protegi, de verdade? E a droga no meu organismo? Oh, meu Deus...

— Não fique nervosa, está tudo bem, na medida do possível que possa ver nesse tempo de gestação. Vamos fazer todos os exames que precisar, você e ele vão ficar bem.

— Ele? Já deu para ver o sexo? — perguntei aflita e a porta do quarto foi aberta depois de algumas batidas. Uma médica entrou, acendeu a luz e se aproximou.

— Vejo que esses batimentos acelerados

tem a ver com saber que virou mãe, estou certa? — Ela apertou o braço de Guido e depois meu ombro. — Como você se sente? Reduzimos o máximo de remédios para que não afetasse o bebê, mas estávamos prontos para interceder se você ficasse muito nervosa.

— Quanto tempo estou aqui?

— Dois dias e esse moço está aqui desde então. — Olhou para meu noivo e depois para mim. — Agora que acordou, vou fazer os últimos exames antes de te liberar.

— Doutora, e a droga, será que vai fazer mal para o meu bebê? — perguntei apertando a mão de Guido.

— Só Deus saberá dizer. Conheço

gestantes que abusaram das drogas e deram luz a bebês praticamente saudáveis e outras não. — Acenou em despedida e suspirei preocupada.

— Calma, meu amor, vai dar tudo certo, nós vamos ficar bem. — Pegou o celular e fiz uma careta. — Vou avisar a família e sua mãe... se não acordasse hoje, ela iria fazer churrasquinho de mim.

— Você viu? — perguntei, lembrando de Vladimir enviando imagens nossa, que nem sabia que ele tinha feito, para Guido e vários sites de pornografia.

— O quê? — Olhou para mim e entortou a boca. — Eu fiquei louco, Laís. Agradeça seu Aparecido e minha mãe, que não me deixaram

quebrar o Haras e depois sair afiando meu chifre no cupinzeiro. Preciso me tratar, mais do que nunca. Preciso ser um bom exemplo para o nosso filho.

Tive que rir, porque seu tom de brincadeira acalmou um pouco da minha angústia.

— Menos mal, uma crise contida. — Olhei-o com admiração. — Não surte, tudo bem?

— O que foi agora? Ele não te abusou, certo? Porque eu desenterro aquele *imundiça* e o mato de novo! Fizeram exames em você e não constataram nada...

Fechei os olhos e tive a lembrança de Vladimir puxando minha roupa, empurrando meu corpo para todos os cantos e sua boca querendo encontrar a minha. Como, algum dia, pude me

entregar a alguém como ele?

Então, a ficha caiu, ele estava morto.

— Vocês o mataram?

— Sim, está morto e Leo levou um tirou na canela, está mais rabugento que o normal por estar em casa de repouso depois da cirurgia para colocar pinos. Meu apartamento está arrumado, nada de valor sentimental foi roubado. Mas não era isso que você queria falar, certo?

— Ele colocou nossas fotos íntimas na internet.

— Sim, vou precisar desenterrar o desgraçado. Que filho da...

— Menos mal, Guido. Antes isso do que não ter nosso bebê. Depois lidamos com um algum

gênio da informática para apagar tudo. — Peguei na sua mão e o puxei para beijar sua boca. — Estou com sede.

— Sim, água, tem aqui. — Ele prontamente saiu de perto de mim, pegou o copo, colher e foi me dando como um bebê. Coloquei minha mão na barriga e suspirei aliviada, no final, o importante era o que estava aqui, protegido e bem cuidado.

— Você acordou, minha filha! — minha mãe invadiu o quarto e logo atrás, meu irmão, minha sogra, Luana e Alexia e sua mãe. Olhei para a esposa de Fred e me vi feliz por ter alguém para compartilhar esse momento.

Trauma? Queria apenas esquecer que tudo

isso aconteceu com o presente e futuro. Que o passado ficasse enterrado.

— Estou grávida — anunciei alto e todo mundo bateu palmas entusiasmados, mesmo sabendo da notícia.

— A nova geração de primos providenciada! — Luana se aproximou e beijou minha testa. — Alexia estava preocupada.

— Venha, querida. — Estendi minha outra mão, já que minha mãe parecia ter grudado em uma delas. — Está tudo bem? — Ela apertou minha mão e suspirou aliviada.

— Sim. Cheguei para trabalhar e vi a porta aberta, depois um tufo de cabelo, o exame de farmácia... — Sua mãe apertou seus ombros e a

afastou de mim. Ela me piscou um olho e deu atenção para a filha.

— Está tudo bem, meu amor. Vamos para casa? O quarto está cheio — a mãe de Alexia falou.

— Sempre tem espaço. Fiquem mais, meu marido vai trazer bolo e café para nós — minha sogra falou e veio me cumprimentar. — Como está minha norinha e meu netinho?

— Vai ficar tudo bem — falei com esperança.

— Sim, vai ficar tudo bem — Guido repetiu e se pôs do outro lado da cama. Alexia e sua mãe aproveitaram para se aproximarem e sorrir para a minha família, meu irmão estava atrás da minha mãe encarando tímido a família, que

também se tornaria a minha, de Guido Saad Ferreira.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Guido

Uma semana depois...

Depois do que aconteceu com Laís, eu vivia grudado nela e ela comigo. Tirando os horários que ela ficava no estúdio de dança, que agora contava com um alto equipamento de vigilância e segurança, ela estava no Haras comigo e com minha mãe.

A conversa do momento era as festividades para Fred e Luana. Esse final de

semana seria o chá de bebê para Maurício e daqui duas semanas seria o casamento, ambos aconteceriam aqui no Haras, para alegria da minha mãe.

Minha mulher estava tratando tudo como se fosse para ela, inclusive, comprou liga de perna para todas as madrinhas de Luana, inclusive para ela.

— Amor, achei que isso fosse algo meu e seu. — Fingi chateação quando entramos na minha caminhonete no final do dia. Ela estava com um saco enorme de coisas feitas com minha mãe.

Iríamos para a casa de Fred. Alexia, Leo e Bastien estavam lá também.

— Continua sendo, mas não é algo que

posso deixar exclusivo para nós. Igual Fred chamando Luana de Corujinha, não é algo que ele possa impedir todo mundo de fazer.

— Mas ele não chama outras de Corujinha.

— E eu só uso a liga de perna para você, meu amor. — Beijou minha bochecha e vasculhou no saco. — Só não sei se Alexia usaria, ela parece mais tímida do que quando a conheci.

— Enquanto você parece ter superado o que aconteceu, ela ainda está em choque. Leo também não ajuda, está de licença no serviço e perturbando além da conta.

— Nem me fale, conversei um pouco com ela, mas não consegui convencê-la de voltar a

trabalhar comigo. Tive que achar outra recepcionista.

— Pelo menos ela ainda vai onde Fred e Luana estão.

— A filha mais velha dos dois. — Tirou algo dentro da sacola, era uma liga vermelha. — Vou usar uma hoje, só para relembrar os velhos tempos.

— Quer me deixar louco antes de entrarmos na rodovia? — perguntei ansioso, ainda mais que ela jogou o saco para o banco de trás, tirou o short jeans que estava e colocou a liga. — Estamos no horário mesmo.

— Sim, podemos brincar um pouco antes de perdemos a privacidade.

Encostei a caminhonete, empurrei o banco para trás e Laís sentou no meu colo com as pernas escarranchadas. Beijou minha boca, se esfregou e com o movimento, buzinou, nos fazendo rir.

— Você é um verdadeiro Furacão.

— O único da sua vida. — Ela desabotoou minha calça, me posicionou ao colocar sua calcinha de lado e nos proporcionou o melhor dos prazeres, eu dentro dela. — Esses hormônios estão me deixando louca.

— Não tenho nada do que reclamar. — Segurei sua cintura e depois descri para suas pernas, alisando sua liga. — Vou roubar essa para mim também.

— Não, essa é para o casamento! —

reclamou com um gemido, se esfregou em mim e deixou seu corpo encontrar o prazer. Tomei sua boca, acolhi seus gemidos e gozei dentro dela, agora, sem me preocupar com nada.

Tentei tirar a liga e ela me impediu.

— Se você conseguir me fazer transar no meio do mato, no casamento, ela é sua.

— Desafio aceito, Furacão — respondi ajudando-a a sair do meu colo. Peguei os lenços que tinha, ajudei-a a se limpar e seguimos viagem para Fred.

O trajeto foi feito em silêncio e sua mão segurando a minha era apenas um indicativo de que tinha feito o certo ao ter me rendido a ela.

Chegamos ao som de música do meu

estilo. Milionário e José Rico cantavam Coração de Pedra e não pude deixar de comparar com meu primo rabugento sentado e tomando cerveja sozinho em um canto.

“Tenho um coração de pedra não me considero vencido

Nuca soube o que é amar para não ser destruído

O dinheiro vale mais porque amigo não tem

Meu amor é só de mãe que do filho só quer bem.”

As mulheres foram para dentro do quarto com o saco de Laís e eu fui até os homens, que estavam sentados na sala, a porta aberta da sala

dava um ar mais amplo para o local.

— Toma uma hoje? — Fred perguntou me entregando uma long neck.

— Opa, para comemorar apenas. Estou dirigindo e tenho bens preciosos comigo.

— Aff, vai ficar com essa viadagem mesmo? — Leo questionou, a perna estava apoiada em uma cadeira.

— Preciso arranjar uma mulher, não aguento mais carregar esse trouxa para cima e para baixo. Está assim o tempo inteiro — Bastien falou e tomou um gole da sua cerveja.

— Não pedi para me trazer. Você faz porque quer, eu volto de táxi, porra!

— Acho que tem alguém de TPM aqui —

falei abrindo minha cerveja e estendendo ela. — Vamos brindar?

— Aos hormônios da gravidez! — Fred falou e ri em concordância, os outros dois zombaram.

— Ao Leo e seus superpoderes. Acho que ainda não te agradeci, veio. Obrigado e desculpe a merda na sua perna.

— Para isso que serve a família. Quem está grilada com tudo é minha mãe, ela quer matar quem quebrou minha tíbia.

— Para os *herdeirinhos* que estão a caminho. Que não façam metade das loucuras que fizemos — Bastien falou e Fred tomou um gole da cerveja com os olhos arregalados.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou emprestar minha caminhonete para eles, se furarem os quatro pneus eu os coloco de castigo por dez anos — brinquei e todos riram.

Olhamos para Leo, que pegamos distraído olhando em direção ao quarto onde as mulheres estavam e depois olhou para nós fingindo estar tudo bem.

— O que foi?

— Falta você brindar — Fred falou chacoalhando a cerveja.

— Às pomadas que cicatrizam igual o Wolverine. Preciso voltar a fazer exercício ou vou enlouquecer.

Batemos as nossas cervejas e Bastien bateu no ombro de Leo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cara, é só você ficar nessa posição e a mulher fazer o serviço, não tem crise.

— Não vai dar certo, porque ele não faz com mulher e é passivo — Fred falou e todos riram para o primo mal-humorado exibindo o dedo médio para nós.

— Idiota.

— Trouxa — respondemos para ele e iniciamos uma conversa despretensiosa, como sempre fazíamos, dessa vez, longe dos barzinhos e com nossas mulheres juntas conversando sobre bebês e casamento.

Ivo de Souza e Ednelson soou no som e em silêncio, escutamos a música que declarava a situação minha e de Fred.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Adeus, amigos companheiros de serestas

Eu me despeço esta noite dos senhores

Levo lembranças, recordações das nossas festas

Das serenatas, noites lindas, tantos amores

Hoje pra sempre me despeço da boemia

Deixo a cidade volto para o interior

Eu tenho alguém que lá me espera noite e dia

Já me cansei e vou viver pra aquele amor”

— Eu ainda estou na ativa, primos. Obrigado por liberar todas para mim — Bastien falou e virou para o Leo. — Não vou te deixar sozinho nessa, você vai para a farra comigo

PERIGOSAS ACHERON

também.

— É nós na putaria — Leo respondeu e algo na cozinha fez barulho, como se um copo tivesse quebrado.

Luana apareceu na sala e acompanhamos o movimento até que ela saiu com Alexia envergonhada de lá.

— Para, amiga, foi só um copo. Vamos, temos que experimentar os vestidos. — Luana fez cara brava para nós, um movimento com a mão para não olhar para elas e dei de ombros olhando para Fred.

— Maurício tem uma mãe leoa — meu primo falou com amor da sua mulher e evitei olhar para Leo, para não jogar em sua cabeça o quanto

estava perdendo de estar com alguém que valesse a pena, como Fred e eu estávamos.

Mas, cada um cuidava da sua vida e a minha, estava perfeita.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Guido

O Haras estava azul. Balões, fitas e bandeirolas enfeitavam a área da churrasqueira para comemorar o chá de bebê de Maurício. Nem preciso dizer que Laís parecia a mais empolgada, tratando Luana com carinho e tomando a frente de tudo para que se tornasse a melhor festa. Diz ela que estava treinando para o seu, mas começaria com o chá de revelação.

Não entendia nada, só queria que minha mulher fosse feliz e esquecesse o que passou

naquela boate. Vladimir saiu nas páginas policiais e sua morte foi caracterizada como acerto de contas de gangue rival. O cara era um grande bandido e se não fosse por Leo, poderia ter estragado minha vida com Laís.

Conheci uma colega da minha mulher da época da Angel's. Valéria não me enganou com seu olhar falso de cachorro sem dono, ali tinha muita inveja da minha mulher. Ela pediu auxílio para Laís em seu estúdio de dança. Pediu emprego e uma casa, mas minha mulher lhe deu dinheiro e a mulher sumiu.

Era o melhor, porque meu Furacão não precisava de ninguém abusando do seu bom coração durante a gestação.

— Pensando na vida, meu filho? — minha mãe se aproximou de mim. Estava perto da baia dos cavalos, observando tudo de longe, porque precisei atender um dos animais, que machucou a pata.

— Dando o tempo para ver se o medicamento vai fazer efeito no cavalo para lavar as mãos e ir participar com vocês da festividade. — Ela alisou meu braço e também olhou para a área da churrasqueira enfeitada.

— Laís é uma boa moça, meu filho.

— Sim, a melhor — respondi com meu peito se enchendo de orgulho.

— Você não parece mais preocupado com seus ciúmes.

— Não, porque ela gosta assim. Se não fosse o meu jeito, não a encontraria a tempo na boate. — Olhei para a minha mãe e ela me encarou. — Apesar disso, procurei terapia. Meu filho não precisa da minha carga.

— Está fazendo o certo, pensando na família, como sempre te ensinei — falou com orgulho.

— Confesso que tive medo que vocês julgassem Laís, por conta do seu antigo emprego.

— Posso afirmar que sim, em algum momento fiz isso, meu filho, mas depois que conhecemos as pessoas, muitos conceitos são substituídos pelo amor que sentimos. Você estava bem, isso que importava para mim.

— Mas a senhora falou para eu não enrolar a moça, parecia até uma defensora dela — fingi indignação e ela riu.

— Não digo o que você quer ouvir, mas o que precisa. Se é amor de verdade, as pedras no caminho não serão páreo para te fazer desistir. Estou orgulhosa do homem que você se tornou e seu pai também.

Um nó se formou na minha garganta, abracei minha mãe e voltei para a baia do cavalo que precisava de mim. Laís estava grávida, mas era eu quem ficava emocionado a todo momento, o que era uma merda, já que a última coisa que queria era ficar chorando.

Machista ou não, dentro de mim dizia que

homens precisam ser fortes. Talvez, para o meu filho, eu consiga mudar um pouco essa perspectiva com a ajuda da minha mulher e da terapia.

— Guigo! — Escutei a voz de Clarinha, olhei para trás e era Ricardo que se aproximava com ela no colo.

— Oi Clarinha. Cacareco está com saudades. Quer andar um pouco? — perguntei com voz branda, já estava me derretendo todo por crianças.

— Ah, como adoro ver meus primos pulando na piscina do casório e não me deixando sozinho.

— O que posso fazer, a mulher certa me achou. — Voltei minha atenção para o cavalo, que

estava sentado.

— Cacaleco dodói? — Clarinha falou triste.

— Não, esse é outro cavalo, mas o tio está cuidando dele. Vai ficar tudo bem. — Levantei e saí da baia, os dois me acompanharam. — Sabia que daqui alguns meses vai ter cavalinho para você brincar?

— Tem alguma égua prenha? — Ricardo perguntou e parei em frente a baia de Linda.

— Sim, essa é a égua da Laís, será o presente para o nosso filho. — Olhei para o meu primo, orgulhoso e deixei meu sorriso sumir quando seu olhar sacana me encontrou. — O quê?

— Espero que seja uma menina, tão linda

quanto minha filha. Não posso pagar com a língua sozinho.

— Mas a sua ainda será a mais velha, então, irei te ver sofrendo primeiro — zombei.

— Guido, pelo amor de Deus, larga esses cavalos e vem para o chá! — Laís falou se aproximando. — Vamos começar as brincadeiras, você precisa estar lá comigo.

Abri a boca para dizer que já iria lavar as mãos para lhe acompanhar, mas a apressada pegou no meu braço e me puxou, fazendo meu primo rir atrás de mim.

— Ah, a sela... — falou com ironia.

— O que você está falando, Ricardo? Tati te selou mais ainda — Laís tentou me defender.

— Não nego. Homem feliz é aquele que aceita as amarras que escolheu. Quem não aguenta pressão, não é da família Saad.

— Então Leo deve ser adotado — brinquei e todos riram.

Chegamos na parte da churrasqueira, sentei em uma mesa do lado de Leo sério e Bastien divertido. Luana estava na frente de todo mundo e Alexia parecia escondida ao lado da sua mãe, em um canto mais afastado.

— Pronto, agora que o Cristiano Ronaldo apareceu, podemos começar a brincadeira — minha irmã Simone falou alto e fingi que não era para mim. — Luana vai ter que adivinhar o que está dentro do pacote para não ser pintada.

A mulher de Fred estava com apenas um top, barriga de fora e calça apertada de malha. Atrás dela fizeram um painel com o nome Maurício, vários enfeites azul e marrom decoravam ao redor e me vi imaginando esse mesmo cenário comigo e minha mulher.

Minha avó estava em êxtase, mais um bisneto para fazer a alegria da casa e da família. Minha tia Bety parecia fora de contexto, o primeiro neto deveria ser algo muito diferente do que ter o primeiro filho.

— Está imaginando o nosso, não é? — Laís sussurrou no meu ouvido e apertei sua perna por debaixo da mesa para confirmar.

— Prefere menino ou menina? —

perguntei baixo quando a brincadeira começou. Era o momento deles, mas estávamos em nossa própria bolha.

— Imagino um menino com roupas xadrez andando por aí e uma menina cheia de enfeites de cabelo pedindo colo.

— Gêmeos? — Arregalei meus olhos e ela segurou o riso.

— Não, seu bobo. Isso quer dizer que para mim não importa, ainda mais que vejo um futuro lindo sendo um ou outro.

Unimos nossas mãos e ela fez uma careta para mim.

— Você não lavou a mão, né? — Fez cara de nojo.

— E você me permitiu? — Tentei não rir.

Ela levantou e me fez ir junto. Como os risos e gritaria estava direcionado para Luana e Fred, fomos para o banheiro.

Achei que iríamos lavar as mãos, mas ela fechou a porta e atacou minha boca como se estivesse há meses sem me ver.

— Não posso nos imaginar em um lugar sozinhos que me acende um fogo, Guido! — ela falou enquanto me beijava e eu, para não a sujar mais do que já tinha feito, abracei seu corpo com os braços, mas sem a tocar com as mãos.

— Nada a reclamar. — Ri enquanto ela brigava para se afastar. Virou de costas para mim e esfregou sua bunda no meu quadril enquanto lavava

as mãos.

— Tati falou que os primeiros meses com um bebê recém-nascido era muito difícil, além de não conseguir dormir. Precisamos aproveitar cada momento.

Respirei fundo, estendi minhas mãos e as lavei também, praticamente abraçando-a por trás.

— Vai dar tudo certo, Laís. — Beijei seu ombro e ela suspirou. Pegou minhas mãos e terminou de repassar na água.

— Promete que não vai me largar só porque ficarei gorda? — perguntou carente, virou seu corpo para ficar de frente.

— Prometo tentar não surtar quando você ficar mais gostosa do que já é quando um homem te

olhar de um jeito que não gosto. — Beijei sua boca com suavidade. — Vamos voltar, nossa vida a dois está apenas começando.

— Eu te amo, Guido.

— Não mais do que eu amo você e nosso filho, Laís.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Fred

Não achava que existia momento mais importante na vida do que ter uma promoção na minha carreira profissional. O fruto do meu trabalho e dedicação sendo reconhecido era o ápice da minha realização, mas depois que vi Luana caminhar até mim a passos lentos com seu pai, percebi que eu não sabia de nada nessa vida.

Sua barriga estava grande, seu olhar apaixonado e nossa vida, cada vez mais encaixada uma na outra. Por uma decisão nossa, ela iria sair

do emprego e se dedicaria a faculdade a distância de Letras. Ela protestou, preferia aprender corte e costura, encontrar um ofício para trabalhar em casa enquanto se adaptava a maternidade, mas fui contundente ao dizer que suas realizações pessoais não deveriam ficar em segundo plano quando poderíamos fazer dar certo.

Não seria um pai comum, daqueles que trabalha, brinca com a criança e assim que ele precisar de um banho ou dormir, deixaria tudo para a mãe. Não, sentia dentro de mim que precisava participar de tudo, mostrar a minha mulher que eu era útil e ela poderia ter sua vida profissional tanto quanto eu tenho a minha.

Seu irmão não pode vir ao casamento, mas

enviou um vídeo no dia anterior para desejar felicidades. Ele parecia mais maduro, sério e contido, o que preocupou Luana, mas fiz com que ela não se preocupasse, até porque, sua vida agora era comigo e nosso filho. Ela não precisava mais tentar ser mãe de ninguém.

Meu sogro entregou Luana para mim e tive que sorrir como um bobo para não chorar. Porra, a bola se formando na minha garganta e a emoção que me invadia estava me causando um rebuliço. Tinha certeza que a *zoação* depois da cerimônia aconteceria, o que não preocupava mais, porque estava onde sempre quis estar e não sabia, ao lado da mulher da minha vida.

Apenas para constar, não coloquei gravata.

Luana estava com um vestido sem alças marcando suas curvas até a cintura, onde uma grande saia estava. O véu na cabeça junto com a coroa no seu cabelo deu-lhe um ar angelical.

Ela era minha esposa, mãe do meu filho.

O pôr do sol estava iniciando, o tempo ajudou para que a cerimônia acontecesse sob céu aberto. Sobre a grama, com o céu alaranjado, o juiz de paz na nossa frente junto de um padre escolhido pela vó Cida, nossos votos aconteceram e o universo foi testemunha do nosso amor.

— Gostaria de dizer algumas palavras para a sua mulher? — o padre me perguntou e me pegou de surpresa. Leo riu baixo e meus primos o acompanharam. Há tanto que ele parecia não sorrir,

ainda mais que estava sem poder andar, que me deu coragem para olhar Luana e jorrar meu coração na frente de todos.

— Não sou filho de pai assustado, eu posso fazer isso. — Todos riram e minha mulher já tinha lágrimas nos olhos. — Confesso, sem vergonha nenhuma, que me apaixonei no primeiro momento que te vi. Que mulher era aquela, que trabalhava em um bar caindo aos pedaços e que sorria sem se preocupar? — Enxuguei uma lágrima do seu rosto que escorreu e controlei a vontade de beijar sua boca. — No final das contas, o que me atraiu primeiro foi sua dedicação. Depois reparei no quanto você é linda e especial e por último, mas não menos importante, no quanto você me

completa e me faz sentir importante. Eu te amo, Luana.

Fui ovacionado com aplausos, beijei sua testa e a senti suspirando para controlar o choro desenfreado.

— Não chore, meu amor — pedi controlando minhas próprias emoções.

— É de felicidade, não tenho nada para sofrer, só agradecer — respondeu e olhou para o padre, que sorriu divertido.

— Sim, minha filha, sua vez. Será que Frederico Saad tem algo para escutar que ainda não foi dito?

— Você virou meu mundo do avesso. — Riu e chorou ao mesmo tempo. Fechou os olhos,

respirou fundo e me encarou como se enxergasse a minha alma. — O que o playboy tinha visto em mim? Não dava para ter mais um compromisso na minha vida, mas quem disse que eu mandava no meu coração? Você se apaixonou quando me viu pela primeira vez, eu me apaixonei quando trocou meu chuveiro. — Todos riram e ela olhou para os convidados. — Ele quase queimou minha casa, mas tudo bem.

— Calúnia, você que quase surtou quando fingi ter levado um choque — tentei me defender e lembrei da sua antiga casa. Conseguimos regularizar a documentação e a vendemos. Com o dinheiro, compramos os móveis para o quarto do bebê e a outra parte dividimos entre seu irmão e seu

pai, mesmo a contragosto. Os dois preferiam que Luana e Maurício tivessem tudo.

— A melhor coisa que aconteceu na minha vida. Um intrometido que me deu duas famílias. Meu amor é minha gratidão, Fred, eu amo você — ela concluiu fazendo referência a seu irmão por parte de pai, que estava do seu lado como padrinho e a minha própria família, que a tratava como se tivesse nascido nela.

Agora, o beijo foi na boca. As palmas e assobios eram música para meus ouvidos, a melhor trilha sonora que pudesse escolher para o momento.

— Eu vos declaro, perante Deus, suas famílias e a comunidade, marido e mulher. — O padre encerrou a cerimônia.

Can’t Stop The Feeling, de Justin Tiberlake soou. Divertida e animada, como eu me sentia no momento, foi escolhida por Luana. No início reclamei, queria que Espero ser Feliz, de Ivo de Souza & Ednelson tocasse, era o hino dos recém-casados, mas faria tudo para agradar minha mulher, aquela que carregava nosso futuro, Maurício.

Essa música tocaria na nossa festa e com meus primos, iria curtir depois de tomar todas.

Arroz foram jogados em nossas cabeças e também pétalas de rosas. Tiramos muitas fotos, carreguei minha mulher no colo e aproveitei o início do nosso felizes para sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Guido

— Preciso contar, não consigo mais olhar para Heitor como antes — Bastien falou para mim apontando com o queixo para a pista de dança onde estava o casal de amigos dos pais dele.

— Mentira tem perna curta, primo. A casa dele vai cair — respondi tomando um gole de cerveja.

— A casa de quem? — Laís quis saber e Bastien se levantou para fugir do assunto.

— Esquece as paranoias do meu primo, vamos dançar! — Puxei-a para a pista de dança.

Não havia mais nada que eu quisesse nesse

mundo do que estar apenas com minha mulher, pensar nela e fazer amor com ela. Traição dos outros? Cada um com seus problemas, eu só tinha solução.

Laís

— Está na hora de conseguir meu prêmio, furacão — Guido falou no meu ouvido enquanto dançávamos uma música mais calma entre os convidados.

— Que prêmio? — preguntei inocente.

O vestido que usava era decotado o suficiente para exibir o vão entre meus seios e minhas costas. Claro, fiz questão de que tivesse uma fenda atrevida e recatada ao mesmo tempo, para que usasse minha liga de perna, a recompensa para a sedução do meu noivo.

— Venha!

Andamos por entre os convidados,

seguimos até as baias dos cavalos e fomos para onde os postes não iluminavam nossa fuga. No meio do caminho, Guido me pegou no colo, meu sapato estava sujo e não me importava, ainda mais sabendo que valeria a pena.

Ele caminhou por um tempo, por isso fechei meus olhos, abracei seu pescoço e aproveitei o passeio. Quando ele parou, fui surpreendida, no meio do mato havia uma tenda.

— Fiquei responsável de fazer uma surpresa para os noivos e não perdi a oportunidade, fiz algo especial para nós. — Ele me colocou no chão, me pôs a sua frente e abraçou minha cintura, colocando seu queixo no meu ombro. — Amo você, Laís. Não faço apenas pela sua liga de perna,

mas você como um todo. A única pessoa que não se importa com meu jeito e de alguma forma, consegue me domar.

— Dez anos de amor guardado aqui dentro, Guido. Fomos feitos um para o outro. — Ela virou o rosto, nossas bocas se encontraram.

Os passos para dentro da tenda foram apressados, mas nossos planos para o presente e futuro, não tinha pressa, estávamos focados em aproveitar o momento, porque o impossível não fazia mais parte das nossas vidas.

PERIGOSAS NACIONAIS



1ª. Edição

2019

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de
PERIGOSAS ACHERON

qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Sinopse

Nota da Autora

Dedicatória

Prólogo

Bastien

Capítulo 1

Analia

Capítulo 2

Bastien

Capítulo 3

Bastien

Capítulo 4

PERIGOSAS NACIONAIS

Bastien

Capítulo 5

Bastien

Capítulo 6

Analia

Capítulo 7

Bastien

Capítulo 8

Bastien

Capítulo 9

Bastien

Capítulo 10

Bastien

Capítulo 11

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bastien

Capítulo 12

Bastien

Capítulo 13

Bastien

Capítulo 14

Analia

Capítulo 15

Analia

Capítulo 16

Bastien

Capítulo 17

Bastien

Capítulo 18

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bastien

Capítulo 19

Analia

Capítulo 20

Bastien

Capítulo 21

Analia

Capítulo 22

Analia

Capítulo 23

Analia

Capítulo 24

Bastien

Capítulo 25

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bastien

Capítulo 26

Bastien

Capítulo 27

Bastien

Capítulo 28

Analia

Capítulo 29

Analia

Capítulo 30

Bastien

Capítulo 31

Bastien

Capítulo 32

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bastien

Capítulo 33

Bastien

Capítulo 34

Bastien

Capítulo 35

Analia

Capítulo 36

Bastien

Capítulo 37

Bastien

Capítulo 38

Bastien

Capítulo 39

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bastien

Capítulo 40

Bastien

Capítulo 41

Analia

Capítulo 42

Bastien

Capítulo 43

Bastien

Capítulo 44

Bastien

Capítulo 45

Analia

Capítulo 46

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bastien

Capítulo 47

Bastien

Epílogo

Guido

Analia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Centrado e divertido, Bastien era o primo que se dedicava a prosperar sua academia e celebrar a união familiar. Apesar de confiante e paquerador, carregava consigo um histórico de rejeição. Ele não confiava nas mulheres, essa era a verdade.

Analia não tinha pretensão de passar mal enquanto afugentava seus anseios por um homem proibido. Depois de descobrir sua origem, ela estava disposta a não repetir os passos da mãe, porém, o amor era algo incontrolado, muito mais complexo que um disjuntor de liga e desliga.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em meio aos delírios da exaustão, confessou seu maior pecado para um homem que a julgaria, uma vez que ele já havia sofrido na pele o que era ser traído.

O que ambos não sabiam era que, mesmo estando em lados opostos da moeda, faziam parte de um mesmo emaranhado chamado família Saad. E, a partir dessa descoberta, ambos descobririam que amar era muito mais do que eles mesmos conheciam sobre o assunto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Nota da Autora

Nessa obra cito um tratamento terapêutico real. Tenho a honra de participar de um grupo que utiliza a *Constelação Familiar* como forma de terapia. Com ela, consegui esclarecimentos importantes para a minha vida. Qualquer tipo de enfermidade, biológica ou psíquica, essa terapia pode ajudar o paciente em sua cura. E vai além, hoje em dia, a *Constelação* está na área jurídica, pedagógica, da saúde e outras áreas profissionais.

A forma como ela foi abordada no livro é apenas minha visão, individual, não tendo nenhuma intenção de ser didática. Não tenho formação ou

respaldo para atestar as situações descritas na trama, trago aqui parte da minha vivência.

Caso o assunto lhe interesse, busque informações aqui: https://www.hellinger.com/pt/pagina/constelacao-familiar/constelacao-familiar-de-acordo-com-hellingerr/

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Dedicatória

Em honra a minha família e a história familiar de Fabricio Sales.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Bastien

Estava acontecendo tudo novamente.

Nem saberia dizer se tinha a ver com traição, até porque, nunca firmamos um compromisso. Mas eu estava me apaixonando, queria algo sério depois de tantos anos me privando de relacionamentos sérios. No final, não passou de um amor de pica.

Isso aconteceu antes de Fred conhecer Luana, tão antes de Laís ter reencontrado Guido. Minha história começou há mais de dez anos e

agora, há meses atrás.

Vi Elis sair do bar junto com meu primo Fred e a minha ficha caiu. Ela não queria nada comigo que não fosse chegar até o meu primo. Há duas semanas, ela parecia interessada demais nos meus primos e quando a chamei para me encontrar no bar, onde eles estariam, não deveria me surpreender que ela fingiu nem me conhecer.

Não tínhamos nada oficial.

Quando diziam que a história se repetia, não sabia que aconteceria com a mesma pessoa. Desde adolescente eu era traumatizado com garotas que não querem oficializar nada, ou arranjavam uma desculpa para não falar de sentimentos.

Gabrielle era seu nome. Quando tinha doze

anos, por um mês ficamos, inocente, na saída da escola. Ela dizia que seus pais não poderiam saber sobre nós, ambos menores de idade. Faria tudo por ela, inclusive mentir para os meus primos que desde cedo não tinham interesse de se apegar.

Estava pronto para assumir nosso relacionamento, enfrentaria a família dela e tinha certeza que a minha a acolheria, mas... ela sumiu por uma semana, fugia de mim no recreio, até que não pôde mais e apareceu de mãos dadas com um garoto do último ano, mais velho que nós.

Ela nunca me quis de verdade. Elis nunca me quis de verdade. Um ciclo vicioso que eu clamava por vingança. Por anos, quem usava era eu. Por muito tempo, fiz questão de pegar e

descartar, como me sentia, até que senti algo diferente por essa loira que tinha sido largada pelo namorado.

Elis contou sobre o pé na bunda que tinha levado do namorado e a rejeição que sentia. Por algum motivo, me identifiquei. Ela tinha medo de se relacionar novamente e compreensivo, aceitei suas migalhas. Se eu estava mudando meus conceitos sobre confiar em outra pessoa, ela também mudaria, ou faria com que isso acontecesse.

Minha vida pessoal era uma piada, pela segunda vez, fui usado como trampolim.

Ninguém sabia disso. Não iria brigar com meu primo Fred por ter pegado a mulher que estava

começando a gostar. Ela fez sua escolha e eu, a minha. Aproveitei que Márcia pica-pau estava na área e me comia com os olhos, finalmente me entreguei a mulher que não conseguia segurar suas mãos e tocava todos os homens que estavam por perto.

Foi ótimo ao mesmo tempo que péssimo. Só pensei em Gabrielle, Elis e no quanto parecia um garoto abandonado. Não dava para bobear novamente, a vida de solteiro deveria se manter até o fim dos meus dias.

Exagerado? Depois que o raio caiu no mesmo lugar, comecei a pensar que a vida de casado não era para mim.

Para ajudar a pisar no meu ego ferido,

reencontrei Elis e suas amigas no bar Mercearia. Guido parecia querer nos dizer algo ou estava apenas fugindo de alguém, que era a mulher que ele escolheu para casar. Laís e Guido pareciam iniciar um romance impossível, ainda mais quando as crises de ciúmes do meu primo estavam na equação.

Era um bom ator, ainda mais quando fiz questão de me enroscar com a melhor amiga de Elis enquanto ela tentava se esfregar em Guido. Porra, ela preferia todos os outros primos, menos a mim.

Tudo bem, eu sabia jogar esse jogo e mais do que nunca, sozinho na balada, mergulhava em um mundo que nunca se encaixou comigo, que era foder sem amar.

Acreditava que a culpa era do que via em casa. Meus pais se distanciaram afetivamente e sempre vi isso como algo que não queria para a minha vida. Minha mãe, criada para ser esposa e dona de casa, amava cuidar do lar, trabalhar com artesanato e se dedicar a toda a família.

Quando alguém precisava de algo, era dona Alice que assumia tudo, para desgosto do meu pai, que a queria afastada de todos e dedicada, exclusivamente, a ele.

Nunca me intrometi na vida deles, mas sentia. Ambos estavam infelizes, cada um com suas razões e por isso, acabavam me deixando livre demais para viver. A forma deles amarem era me dando espaço, todavia, a cada dia eu precisava de

menos distância entre quem realmente me amava. Como um barco em alto mar, me sentia sem motor e à deriva.

Fred estava formando sua família e aos poucos nos deixando para segundo plano. Completamente compreensivo, se eu tivesse alguém como Luana, mais que depressa mandaria os meus primos para a terceira opção. Guido estava entrando na mesma onda, sobrando apenas um companheiro, meu primo Leo, que de mal humor e chateação, ele tinha de sobra por cinco gerações. Era boa companhia quando bêbado, que não pensava de forma racional, mas com sua lesão na tíbia e tomando remédios, ele estava ao natural.

Insuportável.

Foi com todos esses pensamentos na minha mente que escutei o meu celular despertar. Acordava antes do sol nascer, um hábito criado quando decidi abrir minha própria academia, ser independente e ter alguma coisa que não fizesse o mesmo papel das pessoas, de enganar.

Tudo bem que hoje eu era adulto e racional, ninguém me enganou, porque não houve promessas ou declarações de amor, mas o sentimento estava lá, de não ser o suficiente para ninguém, de preferirem me trocar ao invés de tentar me conhecer mais.

Morava em um apartamento modesto a algumas quadras da minha academia, por isso troquei de roupa, peguei minha mochila e desci as

escadas em direção ao meu trabalho. Iniciaria o dia com minha rotina de exercícios até meus funcionários chegarem e minha vida entrasse nos eixos.

No meio de aparelhos e pessoas desconhecidas era onde me sentia acolhido ao mesmo tempo que um zero à esquerda. Se ser incompleto seria minha sina, se a incerteza sempre dominasse meu mundo, eu malharia o suficiente para suportar o peso de não ser especial para ninguém.

Não me importava em parecer sensível demais, uma vez que ninguém sabia o que realmente se passava comigo. Por fora, eu estava bem, sorrindo e fazendo piadas. Por dentro... meu

PERIGOSAS NACIONAIS

mundo estava ruindo...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Analia

Fechei minha bolsa e olhei para os papéis que estavam ao lado, jogados na cama. Mais uma vez não tive coragem de abrir meu coração, muito menos de falar metade das coisas que tinha escrito.

Ele não entendia, meu amor era apenas dele desde a primeira vez que ficamos, desde quando ele tirou minha virgindade. Mas, então, ele vem me dando apenas partes da sua vida e eu, aceitando.

Por que me sujeitava a isso?

Deixei a lágrima escorrer, porque estava cansada. A palavra exata era exausta. A última conversa que tive com minha mãe me colocou no limbo e precisava sair dele. Meu pai nunca quis saber de mim e criada unicamente pela dona Rita, aprendi que os homens não prestavam. Nenhum deles.

Achava que era culpa da minha mãe não ter uma família perfeita, até descobrir, na semana passada, que era uma filha bastarda. Fruto de uma traição, minha mãe sempre odiou o meu pai, porque ele nunca trocou sua família oficial por ela. Dava para contar nos dedos quantas vezes o vi pessoalmente e nunca fiz questão de estreitar o laço afetivo com ele, uma vez que minha mãe não tinha

nada de bom para falar do meu progenitor.

Aqui estava eu, repetindo os passos da minha mãe sem me dar conta até hoje. O que um porre mais vinte e cinco anos de segredo não faziam com uma mãe solitária? A diferença entre mim e ela, era que de mim não sairia nenhum fruto proibido, era estéril. A síndrome dos ovários policísticos foi um diagnóstico com gosto de sentença de morte para mim.

Descobri minha situação depois de dois anos transando sem camisinha com Heitor. Fui ao médico escondida da minha mãe, havia recém entrado na faculdade e tinha medo de estar grávida. Quanta ilusão, o que descobri foi sobre minha infertilidade. Naquela época, não fazia muito tempo

que a realidade tinha sido jogada na minha cara, que o homem da minha vida tinha uma família, inclusive um filho. Ele era mais velho, experiente, meu sonho de princesa... minha mente estava deturpada.

Conheci o amor da minha vida em um bar, que entrei infiltrada, por ser menor. Quando aquele homem com fios brancos no cabelo parecia interessado em mim, eu mais que depressa me entreguei a ele. Os beijos foram cinematográficos e meus sonhos, cada vez mais alimentados.

Depois desse dia, falávamos por mensagem, nos encontrávamos uma vez por semana ou uma vez a cada quinze dias, em locais estranhos, afastados, mas nunca me importei

realmente, porque existia um homem mais velho interessado em mim.

Minha mãe nem sonhava que eu estava namorando escondido, tinha uma amiga de colégio que me acobertava e por causa da adrenalina, continuei com essa ilusão de relacionamento. Não sabia o que era um relacionamento de verdade até essa amiga começar a namorar. Todos sabiam, as demonstrações de afeto eram constantes e eu queria algo como isso para mim.

Heitor sempre soube conduzir meus anseios de assumir um compromisso, beijos, abraços e carícias me adulavam o suficiente para não perguntar até quando seríamos um segredo. Ele viajava muito, trabalhava com representação

comercial e não tinha tempo que não fosse um encontro só comigo.

Primeiro, fui ao médico e descobri que era uma mulher defeituosa. Segundo, em um passeio no shopping, no mesmo dia que ele avisou que não poderia me ver, porque estaria viajando, o vi passear com a mulher e uma criança no colo.

Deveria ter feito tanta coisa quando vi essa cena, a primeira delas seria abordá-lo, mas a menina indefesa, que teve seus sonhos destruídos, se escondeu e fugiu, deixou para confrontar quando ele “voltasse” de viagem.

Ele me dominava, sempre soube disso, mas nunca tive forças para lutar contra. Em um encontro no motel, quando joguei na cara dele

sobre ele ter outra mulher, Heitor confessou que na verdade, quem era a outra, era eu. Que seu casamento não ia bem, que sua mulher era chata, que a alegria da sua vida estava comigo.

Tinha visto o sorriso dele enquanto estava com sua família, mas me enganei, permiti que entrasse nesse mundo de ser a amante, sem perceber que estava cometendo o pior erro da minha vida.

Encontrei-o nas redes sociais, comecei a persegui-lo sem que soubesse, me inscrevi na mesma academia que ele frequentava, apenas para me sentir no controle. De quê? Não sabia, era uma pessoa perdida.

Não dei valor para a minha faculdade,

mesmo formada e com minha autorização para advogar, lá estava eu, como estagiária em um escritório há mais de seis anos, mesmo depois de formada.

Nunca me achei digna de nada, nem do sucesso profissional, muito menos de ter um amor de verdade. Essa era eu, o símbolo do fracasso e do ódio das mulheres oficiais.

Então, pouco tempo atrás, descobri que eu nada mais era que fruto do que fiz da minha vida. Ser amante era sonhar, constantemente, em virar oficial, ainda mais quando ele, em todos os nossos encontros, prometia tal coisa.

“Quando nos ver pela próxima vez, eu terei largado da minha mulher.”

Mas, a cada encontro, a desculpa para que isso não acontecesse mudava:

“Ela está com depressão, não posso largar meu filho sozinho.”

“Estou em um mal momento no trabalho, não posso pensar em um drama pessoal, não dou conta.”

“Só quero te amar hoje, não vamos falar mais nada, vamos fazer.”

Eu acreditava desacreditando. Precisava de mais, só não sabia cobrar tal coisa.

Pelo amor de Deus, precisava mudar! Eu era fruto de uma traição, não podia mais fazer parte desse emaranhado de sofrimento e incertezas.

Rasguei os papéis contendo meu desabafo

no lixo, limpei a lágrima do rosto e saí do quarto de hotel com o nariz empinado. Sabia que era bonita, muitos homens já tentaram se aproximar, inclusive, tentei beijar outras bocas, mas não consegui. Heitor tinha me estragado para o mundo, não sabia tirar o poder dele de mim.

Quando chamei o elevador, lembrei que a escolha do local foi minha para esse encontro. Ele estava com saudades e eu, tinha conquistado um pingo de confiança para o abordar sobre ele me assumir de uma vez ou eu me afastar.

Precisava me livrar dele.

Aconteceu o que sempre acontecia, ele me dobrava com seus beijos e eu, fazia tudo o que ele pedia, ainda mais por achar que eu nunca

conseguiria outra pessoa na minha vida que desse o carinho que ele me dava.

Não havia segundas chances para as amantes.

Além do mais, que homem iria querer uma mulher infértil? Se mesmo dando um filho, meu pai não quis minha mãe, não podendo engravidar, eu era a personificação da amante perfeita.

Paguei nossa estadia na recepção como se fosse a dona da situação, entrei no meu carro de quase vinte anos de idade e fui chorando até a academia que ia apenas para ver o homem da minha vida sem que ele percebesse que estava no mesmo lugar.

Não queria morrer, não buscava acabar

com minha vida, mas esgotar a minha falta de autoestima. Eu era mais forte, precisava ser mais determinada em encerrar o que tínhamos. Beijos e carinhos não tampavam o buraco que existia no meu coração.

Fui até o vestiário, coloquei minha roupa de academia e escolhi meu equipamento de tortura. Até que minha mente e meu coração não entrassem em um acordo de que eu precisava esquecer Heitor, não iria parar de pedalar.

Só não esperava que meu corpo entrasse no meio e pedisse arrego antes que conseguisse tal façanha.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Bastien

— Que preguiça é essa? Acelera! Acelera! — Bati palmas com força e pressionei meus alunos no circuito funcional. Era a única aula que eu me permitia ministrar, por conta de estar imerso na administração da academia, que iria se expandir.

Sorte no lado profissional, azar no lado pessoal, esse era o meu lema.

Homens e mulheres se revezavam entre atividades, muitos eu conseguia extrair o máximo de esforço e concluía a aula com eles satisfeitos

com tanto suor e exaustão.

No final de semana, me dedicava às lutas. Depois de conhecer alguns senseis e mestres, disponibilizei a parte dos fundos da academia, onde tinha um grande tatame e um ringue, para treinamento entre academias. Estimular a competição, de forma saudável, era um ótimo motivador para que todos aprendessem mais.

Olhei para o lado e vi minha funcionária acenar em desespero para mim pelo vidro. A sala que estava tinha uma grande parede transparente e o único momento que impedia a todos de me atrapalhar, era quando dava aula. Muitos não se dedicavam a mim ou me colocavam como prioridade, eu não faria o mesmo com meus alunos,

principalmente porque era pago para isso.

Fiz um olhar feroz para ela e voltei minha atenção aos alunos. Uma aluna parecia querer fazer corpo mole e gritei para incentivá-la, consequentemente, a todos:

— Mais cinco minutos. Sua vida depende disso, faça seu melhor hoje. AGORA! — Bati palmas novamente e escutei socos suaves no vidro. Virei para o vidro novamente e Joana fez uma cara de desespero, apontou para o canto onde ficavam as bicicletas e percebi um aglomerado de pessoas.

Se for mais uma aluna que não comeu o dia inteiro e resolveu fazer exercício, eu iria contratar uma junta médica para examinar todos eles antes de se exercitar.

— Quando eu voltar, quero todo mundo no final do circuito — falei correndo para fora da sala e indo até o local que foi indicado.

— Senhor, sei que não é para te incomodar, mas não dava, esse caso é sério.

— O que foi, Joana? Outra aluna que não se alimentou direito? — questionei quando me aproximei e as pessoas me deram espaço. Uma moça estava deitada no chão, parecia estar se lamentando, não estava entendendo nada. — O que aconteceu?

— Acho que está delirando. Ela não responde o que perguntamos — uma falou indignada.

— E vocês irão decidir ajudar ou procurar

ajuda quando? — rebati sério, peguei a mulher no colo e ia seguindo para a sala de avaliação física, mas parei quando Joana entrou na minha frente.

Estava puto da vida, tanto por estragarem minha aula quanto por ainda estar digerindo a segunda traição na minha vida. Tudo bem, Elis não me traiu, não tínhamos nada, mas porra, eu queria. Estávamos nos vendo há duas semanas, comentei sobre um almoço de domingo nos meus pais... não era indireta suficiente para que ela soubesse que eu queria mais que uma transa?

— Bastien, ela está aqui desde às dez da manhã nessa bicicleta. Não a vi se levantar ou tomar água.

— Vão ser quinze horas agora. Por que

você não a parou? — Olhei para os lados, essa não era a função dela. — Cadê o instrutor dessa área, caramba? — resmunguei e pedi desculpas para minha funcionária, que me olhou compreensivo por ter xingado.

A mulher no meu colo gemia, tinha lágrimas nos olhos e um semblante derrotado que conhecia, eu o via toda vez que me encarava no espelho. Droga, não adiantaria brigar com ninguém, tinha que resolver o assunto e quando isso acontecia, eu só *patrolava* o que estava na minha frente.

— Me ajude a encontrar as coisas dela, Joana. Vou até o pronto atendimento, mas precisarei dos seus documentos pessoais. Vou te

esperar no carro da academia. Rápido!

Fui até a garagem, coloquei a aluna deitada no banco de trás e suspirei resignado. Teria que providenciar uma pessoa para me cobrir na aula, além de agendar uma reunião com o *personal* que deveria ter visto isso acontecer e não estava no seu local de trabalho.

— Achei, senhor. O nome dela é Analia, é aluna há mais de um ano e só vem esporadicamente. Não sei dizer se ela aguentaria tudo isso de esforço físico.

— Obrigado, Joana. Encontre alguém para terminar minha aula, peça desculpas aos alunos por mim. — Joguei a bolsa da tal Analia no banco da frente e fui dar a volta no carro, para entrar, mas

parei e encarei minha funcionária, que parecia preocupada e ao mesmo tempo sem reação. Ela era meu braço direito, sua família e marido eram alunos da academia, minha pessoa de confiança. — Também quero o *personal* que deveria ter visto isso na minha sala amanhã cedo. Posso contar com você?

— Si... sim! — Ela parecia ter saído do transe e correu para dentro da academia.

Liguei o carro e percebi que o certo seria chamar uma ambulância, a academia tinha seguro de vida para esse tipo de situação. Saí da garagem e andei pelas ruas da cidade sentindo que estava fazendo uma grande burrada. E se acontecesse alguma coisa com ela?

Bem no momento que eu queria expandir meus negócios, isso surgiu. Seria mais um sinal na minha vida? Que merda, não poderia a incerteza focar apenas no meu lado pessoal?

— Por quê... por quê.... — A mulher no banco de trás gemeu inconsolada. Também me perguntava, Analia, por quê? Justo agora?

Cheguei no pronto atendimento de um hospital particular e preparei meu bolso para efetuar o pagamento no cartão de crédito o tratamento da aluna. Que não fosse nada grave, por mais egoísta que fosse, eu tinha muito no meu prato para cuidar da vida dos outros.

Estacionei o carro o mais próximo da entrada, entrei com ela em meus braços e logo

fomos atendidos. Coloquei-a deitada numa cama de enfermaria, um soro foi posto na sua veia e então, enquanto conversava com a enfermeira e abria sua carteira para lhe dar os documentos pessoais para cadastro, vi uma foto 3x4 de um homem conhecido.

— O que aconteceu, senhor? O que ela é sua?

— Pode ser exaustão física, já que fez mais de quatro horas seguidas de exercício físico, misturados com desidratação. Não a conheço, nem sei se ela tem alergia a algo. Ela é aluna na minha academia. — Meus olhos não saiam da foto que estava na sua carteira.

Não poderia ser. O mundo não seria tão pequeno, muito menos a vida me traria tanta

coincidência.

— O senhor deveria ter chamado uma ambulância — repreendeu-me e dei de ombros.

A merda já tinha sido feita, eu deveria ter dado água para Analia, deveria ter pedido que uma mulher viesse comigo, para que não fosse culpado por assédio... deveria ter feito tanta coisa, mas estava tão irritado que interromperam minha aula, que só queria me livrar do problema... só não sabia que ela seria O problema.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Bastien

Sentado em uma cadeira ao lado da cama de hospital, acompanhei Analia ser avaliada por médicos e enfermeiros, até acordar agitada, chorando e repetindo a mesma pergunta: por quê?

— Vamos ter que dar um calmante e transferi-la para um quarto ou a enfermaria de internação para observação — o médico falou para mim preocupado. — Não sabe o que aconteceu com ela antes dessa exaustão?

— Não, doutor. Como disse, é minha

cliente na academia, não amiga — respondi imaginando que sim, sabia que aconteceu algo e tinha tudo a ver com o amigo dos meus pais que traia a mulher com ela.

De todos os lugares, todas as mulheres, alguém como ela tinha que ter parado na minha academia?

— Ela tem algum telefone de parente para que a acompanhe?

— Estarei aqui até que ela acorde e diga o que aconteceu. Ela estava no meu estabelecimento, sou responsável.

Olhei para o roso pálido de Analia, os lábios secos e a respiração descontrolada para tentar encontrar as respostas que procurava. Por

que ela fez isso consigo mesma?

Quando o médico saiu de perto de nós, forcei minha mente a raciocinar e lembrei que Heitor treinava, duas vezes por semana, na academia. Certeza que ela ia para os dois se encontrarem. Raiva cresceu dentro do meu peito, como ela poderia ter feito meu local sagrado, meu empreendimento, um local para suas artimanhas?

Ah, se eu cruzar com ele novamente, não seria a consideração que meus pais tinham por ele que me impediriam de jogar na cara dele tudo o que tinha descoberto. Desleal, desgraçado, filho da... bem, a mãe dele não tinha culpa de ter gerado um imbecil como ele!

— Por quê? — sussurrou a pergunta e

virou seu rosto para mim. Seus olhos foram se abrindo aos poucos e precisei vestir minha armadura de indiferença quando a dor que vi neles queria me tocar.

Precisava me lembrar, Elis também tinha isso e fui idiota o suficiente para cair na sua lábia. Parecia que foi ontem, mas havia se passado meses desde o acontecido, o que não amenizou o sentimento de traição.

Uma maca veio até nós, enfermeiros pediram para que me retirasse e fecharam o cubículo para trocarem sua roupa e a encaminharem para a internação.

Fui até a recepção, pedi para que a colocassem em um quarto e assinei os papéis para

autorizarem o débito no meu cartão. Caralho, nunca tinha gasto tanto na minha vida em um único local.

Repreendi-me, porque minha mãe, sendo de um coração enorme como era o dela, nunca recusaria ajuda, mesmo que fosse uma estranha. Se bobeasse, ela ajudaria a amante do meu pai, se ele tivesse uma e ela precisasse.

Não fui criado para ser mesquinho como estava sendo.

Quando vi Analia ser empurrada para o elevador com suas coisas em cima da sua perna, me aproximei, acompanhei os profissionais da saúde e me acomodei no sofá que estava ao lado da cama no quarto que ela foi acomodada.

Quem diria que meu dia terminaria dentro

de um hospital, com uma estranha, ou melhor, alguém com um passado que eu abominava? Tentei não julgar, vê-la por um outro ângulo, porque sabia que Heitor tinha muita lábia, gostava de contar vantagem, ela poderia ser apenas uma vítima. Certo?

— Quem é você? — ela questionou grogue me encarando.

— Sou Bastien, dono da academia onde você desmaiou de exaustão física. Lembra de algo?

Ela virou o rosto na hora e começou a chorar, mas baixo e controlado. Os bipes do equipamento cardíaco aumentaram a frequência e olhei para a porta para ver se alguém iria entrar e sedá-la mais ainda.

— Desculpe... — sussurrou como se fosse uma criança. A armadura de insensibilidade foi rachada apenas por isso, o que era uma piada. Eu era um frouxo mesmo, merecia ser passado para trás.

— Você se lembra do que aconteceu? Por que fez isso na minha academia?

— Oh, céus, sou a pior pessoa do mundo. Não posso sofrer sozinha, preciso atrapalhar a vida dos outros.

— Não precisa se lamentar, só diga o que aconteceu.

— Serei odiada...

— Ou não. Você só precisa falar.

— Não mereço compaixão de ninguém.

Estava me punindo, mas não consegui o que queria, eu ainda gosto dele. Por quê? — Ela virou para mim com os olhos cheios de lágrimas. Analia parecia pronta para jorrar o que estava curioso para saber, a sua versão dos fatos sobre Heitor. — Por que não consigo parar de gostar dele?

— Dele quem, seu namorado? *Ficante*? Tenho certeza que enquanto você sofre, ele está curtindo a vida feliz — falei com desdém. Esperava que ela não percebesse que eu sabia de quem ela falava.

— Eu sei disso, Bastien, você tem razão, ele é feliz e eu, infeliz. Nunca fui mulher suficiente para ele, sou quebrada, nem gerar um filho eu posso. Sei de todos os meus defeitos, mas me vejo

presa em uma teia que não sei como me desgrudar. Estou há muito tempo com a única pessoa que me deu um pouco de carinho, tenho medo de ninguém mais gostar de mim.

Franzi a testa, estava começando a sentir empatia por essa mulher e não queria, precisava lutar contra esses sentimentos. Amante nenhuma merecia pena, mas sim penitência.

— Qual é a sua história, Analia?

Ela olhou para o teto, suspirou e deixou mais lágrimas escorrerem dos seus olhos. A aparência calma deveria ser resultado dos remédios, porque eu mesmo não estava conseguindo controlar meus batimentos cardíacos.

— Conheci Heitor muito jovem, em uma

festa. Me senti o máximo, mesmo sendo uma menina, chamei atenção de um homem mais velho. — Olhou para mim sonhadora. — Ele era meu príncipe encantado, meu primeiro beijo, meu primeiro tudo. Nosso relacionamento não era público, nem para a minha mãe contei, porque ele era um homem de negócios, não tinha tempo para interação com ninguém que não fosse eu. — Sorriu, mas só vi tristeza. — Me sentia importante, ele só tinha tempo para mim, mas a verdade era que ele só tinha alguns minutos para estar comigo antes de voltar para a esposa e filho. Me vi tornar amante e aceitar, apenas porque eu tinha esperança de que o meu sonho de juventude não fosse massacrado. Perdia provas na faculdade por causa dele, chorava quando não me ligava, cobrava que se separasse da

mulher, mas me contentava com suas migalhas, ainda mais quando descobri que era infértil, que minha vida estava fadada a ser a outra, nunca a principal.

Analia me deixou sem palavras. Ainda julgava sua fraqueza, mas como meus alunos de funcional, ela parecia precisar de alguém para gritar no seu ouvido para sair dessa posição e ir para outra. A mulher era bonita *pra* caralho, conseguiria qualquer homem que quisesse com essa voz suave, estava sendo a outra porque queria, era fato.

Abri a boca para dizer algo, mas ela foi mais rápida:

— Desculpe desabafar, estou me sentindo leve e sincera demais. Fui na academia para me

obrigar a aceitar que Heitor não é meu e nunca será. Preciso me libertar dele. — Suspirou e piscou os olhos docemente. — Não queria te dar trabalho, você deve ter pessoas na sua casa para voltar.

Ah, se ela soubesse que o seu vazio era um tanto parecido com o meu. O quê? Estava me comparando com ela? Nunca! Era por causa de pessoas como ela que sofria até hoje.

— Você estava na minha academia, vou me certificar de que esteja bem.

— Vai por mim, Bastien, eu não valho o esforço. — Ela virou o rosto para o outro lado. — Sei que não me julgou com palavras até agora, mas na sua mente sim. Sou a pior pessoa desse mundo, que contribui para que um homem traia. Não

mereço atenção, mesmo que seja sua obrigação.

— Analia...

— Trabalho num escritório de advocacia e te garanto, no contrato que assinei com a academia, assumi os riscos de fazer os exercícios que queria sem acompanhamento de um profissional. Legalmente, você está livre...

— Por que você está com ele? — Percebi que nem me importei com o que ela falou anteriormente, só queria entender. — Mesmo sabendo que é errado, feio, você mesmo se julga, ainda continua com esse cara?

— Queria poder responder, porque sei que no dia que descobrir a real motivação que me faz estar nessa posição, será o dia que conseguirei sair

dela. — Ela me olhou com pesar e me vi fazendo essa mesma afirmação. No dia que descobrisse por que não era a primeira opção das mulheres, mudaria para que fosse e não estaria me lamentado internamente.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Bastien

— Bastien! — escutei meu nome sendo chamada ao longe. Estava numa posição ruim no sofá, era grande demais para esse canto, mas não deixaria a mulher sozinha, por mais que ela havia insistido.

Estava cuidando da reputação da academia, era apenas nisso, pensei comigo mesmo.

— Bastien! Oh, meu Deus, estou tão apertada! — ouvi novamente e abri os olhos para perceber que Analia estava tentando se sentar na

cama, porém não conseguia. O esforço com a perna as deixou dormentes, esse tipo de estresse muscular passaria depois de muito remédio ou descanso.

— Hei, cuidado! — Sentei no sofá e tentei abrir os olhos, estava exausto. — Precisa de algo?

— Estou morrendo de vergonha de te pedir isso, mas chamar uma enfermeira para fazer xixi seria pior, não quero uma comadre, preciso sentar em um vaso. — Ela colocou a mão sem o soro no rosto pela vergonha. — Você poderia...

— Eu vou te ajudar — respondi antes que ela terminasse. Levantei, me alonguei e dei a volta na cama de hospital para carregá-la a partir do lado que tinha o soro pendurado.

Quando segurei suas pernas e costas,

percebi que a parte de trás da sua roupa era aberta e isso seria mais constrangedor do que fazer suas necessidades em uma “tigela”.

— Tem certeza que não quer uma enfermeira? Eu fico do lado de fora ou você me deixa chamar sua mãe...

— Por favor, é rápido, você já está pronto aqui. — Ela abraçou meu pescoço, segurou o pilar de metal que tinha o soro e fui até o banheiro com ela no colo. — Além de ser madrugada, a última coisa que quero é envolver minha mãe nos meus problemas, ela já tem os dela.

Coloquei-a sentada no vaso com a tampa aberta e saí do banheiro segurando a respiração. Se estava tão preocupado com a reputação da minha

academia, deveria contratar uma acompanhante e não ficar eu mesmo. Ser acusado de assédio seria o mínimo, se ela realmente trabalhava em um escritório de advocacia, eu seria liquidado.

O suspiro de alívio e o barulho da água caindo me fizeram sorrir. Ela estava muito apertada mesmo, arranjou complicação para algo simples como eu fiz no momento.

— Seu escritório trabalha em que área? — perguntei do lado da porta, esperando que ela me chamasse.

— Civil e trabalhista. Eu atuo mais na segunda, meu sonho é cursar alguma pós-graduação na área.

— E não faz por quê?

Ela demorou para responder, o que me deu a impressão de que ela estava escolhendo a melhor mentira. Pessoas que traem tendem a serem especialistas na arte da falsidade.

— Não tive oportunidade — respondeu baixo, o barulho da descarga quase não me permitiu escutá-la. — Trás um pouco de álcool em gel que tem aí na parede, por favor? Já terminei e não vou conseguir lavar a mão.

Entrei olhando para o chão, peguei-a no colo novamente e não consegui ignorar a suavidade da pele das suas costas. Coloquei-a na cama e aproveitei para ir ao banheiro quebrar um pouco do clima constrangedor que ficou.

Havia algo de errado em mim, com certeza

a tal Elis fez um estrago grande no meu juízo, porque estava agindo como um adolescente. Sentia que tinha uma guerra dentro de mim e não conhecia os lados. Não estava atraído pela amante de Heitor, longe disso, só queria tentar não a julgar.

— Não sei como conseguirei te agradecer depois de tudo o que fez por mim aqui — ela falou quando voltei a sentar no sofá.

Peguei meu celular, deitei da melhor forma que consegui e suspirei antes de responder:

— Está tudo certo, você não precisa ficar em dívida comigo.

— Tenho certeza que você preferiria ficar com sua namorada do que comigo, uma louca que na primeira oportunidade, contou o segredo da sua

vida. — Olhei para ela com cenho franzido. — Você não precisava saber dos meus problemas, é que hoje foi a gota d'água.

— Ele te dispensou?

— Não, eu cobrei uma posição definitiva e recebi a mesma desculpa de sempre, que ele deixaria a mulher, mas não agora. — Ela tampou os olhos com as mãos e gemeu. — Você nunca mais vai me ver na academia ou qualquer outro lugar, prometo. Minha mãe que está certa, quanto menos pessoas eu me relaciono, mais segura eu estou.

— Sua mãe sabe sobre você estar com um homem casado? — Medi as palavras, a vontade era de jogar na sua cara que ela era amante.

— Sim, ela sabe, ela já foi uma, é nossa

sina.

Ela virou de lado e a fungada que deu, tentando controlar o choro, mexeu com algo dentro de mim. Empatia? Só poderia ser, apesar que a última coisa que queria era ter dó de alguém que destruía lares.

— Não tenho namorada. Enquanto alguns homens tem duas mulheres fiéis a ele, eu sou do tipo que nunca tive ninguém dedicado a mim. — Olhei para ela, que tinha se virado para mim e fiz uma careta divertida. — Tirando a parte dramática dessa situação, é o que me aconteceu. As mulheres que dei chance para iniciarmos um relacionamento sério, me trocaram.

— Logo você? Bonito, dono de academia,

prestativo... — ela falou parecendo incrédula. — Acho que você deu bola para mulheres como eu, que não sabem valorizar e merecem sofrer.

— Por que se menospreza tanto, Analia? — questionei um pouco irritado com essa posição de vítima dela.

— Para alguns, mesmo depois da tempestade, o sol aparece. Para mim, só há chuva e mais chuva na minha vida. Não queira saber além do que te contei aqui, vai por mim, não valho a pena.

Dessa fez eu foquei no meu celular, porque queria dizer tantas coisas para ela, dar um choque de realidade, mas lembrei que Leo era o primo do pavio curto, que não tinha paciência com

ninguém e soltava estupidez a cada ação de Alexia.

O melhor era esperar que a madrugada passasse, suas pernas ficassem boas e nossas vidas seguissem rumos completamente distintos.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Bastien

No outro dia, Analia teve alta, suas pernas estavam mais firmes e sozinha, porém com lentidão, ela conseguiu se vestir e sair do hospital. Queria levá-la para sua casa, mas a teimosia em querer pegar seu carro, que mais parecia uma relíquia de tão antigo que era, foi maior.

A pintura estava gasta, os pneus com o arame aparecendo e o cheiro de óleo queimado era apenas um indício de que o motor iria fundir a qualquer minuto.

— Muito obrigada pelo o que fez comigo. Serei eternamente grata por isso — ela falou, abriu a porta do carro e saiu. Fiz o mesmo, ela caminhava devagar, dirigir não deveria ser sua atividade do dia.

— Não vai me dizer para guardar seu segredo? — questionei segurando seu braço e se apoiando em mim, ela caminhou em direção ao seu automóvel.

— Confesso que ainda estou sob a dose cavalar de relaxante muscular, o foda-se está ligado junto com a sensação de estar levitando.

— Eu vou dirigindo. — Tomei a chave da sua mão e ela suspirou em contentamento. — Preciso que você fique inteira e não sofra um

acidente de trânsito.

— Como eu te disse, Bastien, nunca processaria você. Tudo o que fiz foi culpa minha. E isso não é conversa de advogado espertalhão, nunca consegui ser uma, meu coração é mole demais.

Dei a volta no seu carro, abri com dificuldade a porta do passageiro e a coloquei, sem o cinto, porque não tinha para pôr. Voltei para a lado do motorista e contei até cem antes de sentar, ajustar o banco, o retrovisor e dar partida.

Nada.

— Precisa acelerar um pouco...

— Esse carro é a carburador? Meu Deus, parece que essa lata velha vai desmanchar. — Virei a chave novamente, acelerei e o motor se manteve

ligado.

Olhei para Analia, ela tinha encostado a cabeça na janela e fechado os olhos, percebi que estava reclamando demais para alguém que queria ajudar.

Saí do estacionamento da academia, que já iniciava suas atividades e fui para a avenida, sem saber o rumo que a levaria.

— Onde você mora? — Percebi que tinha apagado, chacoalhei sua perna, depois seu braço, ela despertou assustada, olhou para mim e corou. — Analia, preciso saber onde você mora.

— Perto do Detran, no condomínio de prédios ao lado, conhece?

Longe *pra* caralho!

— Conheço, então vamos.

Olhei para o painel, o ponteiro da temperatura do motor estava elevado e a luz do combustível ter entrado na reserva ligou. Olhei novamente para Analia, ela havia apagado e para não me irritar, parei no primeiro posto que surgiu, enchi o tanque, coloquei água no reservatório do motor e conferi o óleo, já prevendo o que encontraria, nível baixo.

A mulher não se movimentou no carro e queria dirigir? Ela bateria no primeiro poste ou em alguma moto com essa sonolência.

Segui com cautela até o seu condomínio e quando cheguei na portaria, o homem reconheceu Analia e iria nos deixar entrar.

— Qual o apartamento dela? — questionei com medo de que ele achasse que eu a encontrei em qualquer canto na madrugada.

— É no terceiro bloco, 202. Analia está bem? — Franziu a testa preocupado.

— Ela passou mal, sou apenas alguém levando a amiga com segurança para casa — rebati sério, dirigi até a primeira vaga de visitante que encontrei perto do seu bloco e saí do carro, alongando meus braços e tentando achar a melhor saída na minha mente.

E se sua mãe estiver em casa? E se minha mãe descobrir que estou fazendo tudo isso para a amante do marido da sua amiga querida?

Que enrascada que me meti, porra!

Cheguei até aqui, a merda estava feita, não poderia deixá-la no carro enquanto o sol estava nos cozinhando. Dei a volta no carro, peguei sua bolsa e achei um molho de chaves. Carreguei-a no colo e sonolenta, abraçou meu pescoço, me cheirou e fez meu corpo se arrepiar em apresso.

Como é que é?

— Fica comigo, Heitor, por favor... — ela resmungou delirante e qualquer sensação agradável foi substituído por nojo. De quem? Não sabia ainda, apesar que não era de Analia em meus braços, ou já a teria jogado no chão.

Para minha alegria, tive que subir dois lances de escadas até chegar no seu apartamento. Toquei a campainha, ninguém atendeu, coloquei

uma chave na fechadura e não deu certo. Tentei abrir a porta, na esperança que não estivesse trancada e não precisasse testar todas as chaves, e ela abriu.

Minúsculo. Só a sala da casa dos meus pais era maior que o próprio apartamento. Desviando dos móveis, fui atrás do quarto e o achei. Não foi difícil, porque eram três portas, uma delas era o banheiro.

Deitei-a na cama, coloquei as chaves dentro da bolsa e observei ao redor. Não dava para ter uma cama de casal, o guarda-roupas tinha apenas três portas e em um canto havia vários livros empilhados, entre títulos da área de direito e outros que não conhecia muito bem, mas imaginava

que eram romances.

Deixava um bilhete ou não?

Claro que não, essa ação daria provas para que ela pudesse usar contra mim. Isso me lembrava que conversaria com meu *personal* ainda hoje e estava com um péssimo humor para desculpas. Sem dormir, com uma grande dúvida se fiz a coisa certa e angústia, meu funcionário iria receber toda a minha fúria.

Antes de sair, precisei tirar o cabelo do seu rosto e apreciar uma última vez seu rosto. Ela era uma mulher jovem e bonita, não entendia o que ela tinha visto em um cara que poderia ter até ou mais de vinte anos da sua idade.

— Esqueça Heitor, Analia — falei baixo e

saí de lá, agradecendo ao meu anjo da guarda por não ter cruzado com sua mãe. Isso era problema dela resolver, não meu.

Apesar do horário e o sol de matar, saí a pé do condomínio, parei em uma mercearia, tomei água, comprei duas bananas e corri até a academia. Não seria nem metade do que estava acostumado a correr na esteira, mas seria uma boa distração para que minha vida voltasse a normalidade.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Analia

Acordei assustada, estava na minha cama, minha bolsa estava no chão ao meu lado e meu celular, quando o procurei, descarregado, mas ali. Nem me preocupei com a carteira, não havia mais nenhum tostão furado. Tinha gasto tudo no hotel, na minha surpresa que se tornou a despedida.

Eu precisava esquecer Heitor.

Como?

— Até que enfim acordou. O que aconteceu? Andou bebendo? — minha mãe falou

da porta do meu quarto e bocejei. Minhas pernas ainda estavam formigando, mas bem mais firmes que antes.

O que falaria para a minha mãe? E que desculpa usaria para a minha chefe? Quase todo mês, dois dias na semana, eu faltava por conta do encontro com Heitor. Doutora Mendes era rígida, exigia demais de mim e eu só aceitava suas reclamações sem retrucar, porque ela estava certa, sempre fui a errada.

— Dor de cabeça — menti procurando o carregador do meu celular e o ligando. Acordei na hora quando vi várias ligações da minha chefe e mensagens dos meus outros colegas de trabalho.

Oh, droga, eu tinha faltado mais do que

dois dias de serviço!

— Então acertei. Sua chefe ligou, falei que você passou mal e iríamos para o hospital. Você precisa de um atestado para levar, ela não parecia contente.

Que merda, tão atordoada como estava, nem pedi um atestado quando fizeram minha alta. Peguei minha bolsa, na esperança de que um milagre acontecesse e tudo voltou a minha mente como uma avalanche. Bastien, o dono da academia, cuidou de mim. Ele havia deixado claro que era apenas por questões profissionais, cuidar da reputação da sua empresa, mas ele foi mais do que isso naquele momento, ele me escutou, foi um amigo que nunca tive.

Peguei alguns papéis dobrados na minha bolsa, acreditando ser algum recado dele para mim, mas era apenas receita médica e... um atestado de cinco dias, ou seja, voltaria a trabalhar apenas na segunda-feira.

Sorri ao pensar que poderei ir vê-lo assim que me sentir mais acordada para agradecer. Ele não só ficou comigo, mas me trouxe para casa sã e salva.

Como é que as mulheres não enxergavam o homem perfeito que tinha em mãos? Ah, com certeza sabiam, Bastien deve ter falado sobre ninguém querer ficar com ele apenas para me agradar. Todo mundo mentia nessa vida.

— Aqui — falei para minha mãe erguendo

o atestado. — Volto a trabalhar apenas na segunda-feira.

— Que maravilha. Estão pagando quanto para darem atestado falso? Me passe o contato, é sempre bom ter para indicar a uma amiga ou cliente. — Minha mãe saiu da porta do meu quarto e foi para o seu.

A rainha do rolo, essa era dona Rita. Quanto mais eu tentava me afastar do seu jeito de ser, mais ele me encontrava. Manicure, ela vivia na rua com sua maleta. Da mesma forma que eu não conseguia cuidar da sua vida, ela fazia comigo e muitas vezes me sentia vivendo com uma estranha.

— Filha, tem vinte para me emprestar? — pediu do seu quarto, me fazendo deitar na cama e

gemer.

Negar dinheiro para minha mãe era uma semana de perturbação, de jogar na minha cara a ingratidão e meu descaso. Ela sabia que não ganhava muito e ainda por cima, gastava com Heitor. Não tinha um tostão furado, nem sabia como iria trabalhar, porque o tanque do meu carro estava quase vazio, senão zerado, depois dessa última viagem que fiz.

Ela apareceu na porta do meu quarto novamente, com sua bolsa de manicure e suspirei.

— Pode ser quando eu receber? Sério, mãe, eu gastei tudo...

— Você não está conseguindo tirar nada do riquinho? — Minha mãe revirou os olhos, era

assim que ela chamava Heitor. — Não aprendeu nada comigo?

— Mãe, extorquir é crime, não vou fazer isso — falei chateada.

— E você acha que paguei sua escola e suas roupas como? Só dando para o seu pai?

Peguei o travesseiro e coloquei em cima da minha cabeça, porque o discurso seria grande, íntimo e não estava com cabeça para escutar.

Tinha que tirar esse homem da minha vida. Se ele não me escolheu, então, que eu vivesse minha vida. Já era tempo desse ciclo vicioso de traição saísse da vida da minha mãe e a minha, uma de nós duas tinha que mudar e se não fosse ela, que eu pelo menos tentasse.

Escutei a porta bater e tirei o travesseiro do rosto. Peguei meu celular, tirei foto do meu atestado médico e mandei para minha chefe, pedindo um milhão de desculpas pelo o que aconteceu, que compensaria as horas que faltei.

Era uma estagiária que fazia tudo. Mesmo aprovada no exame da ordem, não consegui pegar minha credencial para advogar, porque o valor era o tanto que eu gastava sendo amante de Heitor.

E se ele me ligasse novamente?

Por Deus, precisava de forças para não cair na tentação. Precisava suprir minha carência de outra forma, de preferência, algo mais barato. Uma hora, a Doutora Mendes iria me chutar para longe daquele escritório e eu ficaria sem nenhuma renda

em casa, já que o que minha mãe ganhava, dava apenas para uma compra de supermercado.

— Estou tão cansada... — resmunguei alto, levantei e fui tirar a roupa para tomar banho. Já que estava sozinha e minhas pernas pareciam bem o suficiente, iria faxinar o apartamento antes da minha mãe voltar.

Escutei um bipe do celular, fui até ele achando que era uma mensagem da minha chefe, mas era um número que não tinha armazenado nos meus contatos.

Desconhecido>> Você está bem?

Heitor descobriu que passei mal ontem? Às vezes, ele enviava mensagem de números que não conhecia.

Ou será que era Bastien? Ele tem meus dados na ficha de inscrição na academia, ele poderia estar entrando em contato.

O certo seria perguntar quem era, mas conhecia o homem por quem era apaixonada e Heitor ficaria chateado se eu estivesse esperando mensagem de outra pessoa que não dele.

Analia>> Sim, estou melhor.

Desconhecido>> Tomei a liberdade de encher o tanque do seu carro e colocar água no reservatório do motor. Você precisa trocar o óleo, talvez trocar as pastilhas de freio também.

Não sabia o motivo, mas sorri ao perceber que me senti acolhida e cuidada por esse homem. Era Bastien, mesmo que por obrigação, ele me deu

algo pelo o que almejar. Heitor nunca fez nada parecido, sempre tão ocupado com sua esposa e filho. Entendia que era a segunda, a outra, mas... nada de mais, eu não merecia nada!

Adicionei seu número nos meus contatos antes de responder sua mensagem. Mais um gasto para repor no mês que vem, mais um motivo para não encontrar com Heitor.

Analia>> Obrigada por tudo, de coração. Como posso retribuir? Se puder ser mês que vem, eu pagarei à vista.

Bastien>> Só espero que tudo fique bem e se tiver algo para reclamar, não abra um processo, pode vir direto falar comigo. Tudo bem?

Sorri com tristeza, porque eu fugia do meu destino e ele parecia correr atrás de mim. Não passava de um peso, meu lugar era mesmo sendo a segunda, aquela que só aproveitava a parte feliz do relacionamento.

Analia>> Não se preocupe, você fez muito por mim e não precisará se preocupar, está livre de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Bastien

Não respondi sua mensagem dramática, porque senão, iria estragar meu objetivo, que era ver se ela estava bem e que a minha parte foi feita a contento.

Ainda não tinha conversado com meu *personal*, cheguei muito tarde na academia e para irritar meu funcionário, falei que o chamaria apenas quando seu horário encerrasse. Estava em modo birrento, o saco de pancadas não conseguiu acalmar minha ira, então, seria ele com minhas palavras.

— Senhor, o homem parece que está cuspindo fogo — Joana entrou na minha sala e a olhei com indiferença.

— Não me importo, mais um motivo para dispensá-lo, tratando mal os clientes.

— E a moça, está melhor?

Olhei para o celular e tentei não entortar a boca por desgosto. Amante de Heitor no meu colo, era só o que me faltava.

— Se tiver alguma conversa de corredor, silencie. Está tudo bem com ela, bem provável que não volte mais.

— Tudo bem. Vim falar que o seu substituto já está a caminho.

— Obrigado. — Acenei com a cabeça e a

observei sair me sentindo preso. A única atividade que me permitia, tive que colocar outro em meu lugar, porque minha cabeça não estava boa, muito menos o meu juízo.

Peguei meu celular, olhei nossa troca de mensagem e percebi que ela sabia quem era desde a primeira mensagem. Será que o filho da puta não interagia com ela dessa forma?

Por que estava querendo tomar partido?

Era falta de sair com meus primos, a ausência de dois solteiros e a baixa de Leo sem poder andar estava me frustrando.

Bastien>> Preciso de companhia. Quem vai comigo no Pub ou em um bar?

Fred>> Cara, voltei de viagem, mas

ainda estou em lua de mel. Se quiser, posso fazer algo em casa, não vou deixar Luana sozinha.

Guido>> Estou com Laís no estúdio de dança pela semana, ajudando com a parte elétrica e a moça da recepção.

Leo>> Ah, Alexia deixou na mão mesmo?

Bastien>> Vai se foder, Leo. Vamos eu e você então, trouxa!

Leo>> Não posso, fui inventar de andar ontem, minha perna está latejando até agora, mesmo com remédio. Se não posso beber, nem vou sair de casa para passar raiva.

Fred>> Vai até a moçoila fazer uma massagem, Bastião. Isso é falta de transar,

irmão.

Leo>> Fala tanto isso, que deve ser você que está com falta, já que só anda com Alexia debaixo do braço.

Guido>> Ele poderia andar sem ela, se você deixasse de ser cuzão, mas como é uma missão impossível, deixa ela segura com seu irmão e cunhada.

Fred>> Vai tomar no cu.

Bastien>> Larga mão de ser chato, Leo. Se você parar para ler, vai perceber que é uma baita indecência tudo isso. Estou indo aí na sua casa depois do expediente.

Guido>> O homem quando toma iniciativa...

Fred>> Não é uma dupla de solteiros, mas um casal. Sabemos que Leo é o passivo.

Bloqueei o celular, peguei alguns aparelhos de relaxamento muscular que tinha na minha sala e coloquei dentro de uma bolsa. Deixaria tudo pronto, porque assim que conversasse com meu funcionário, iria até o meu primo azedar junto dele.

Andei pela academia, olhei para todos que se exercitavam e procurava outra louca da atividade física. Só com Analia para acontecer tal exaustão, porque os exercícios físicos produziam endorfina e elas, por sua vez, geravam alegria.

Olhei o meu substituto nos exercícios funcionais e tive inveja, porque porra, eu gostava

de incentivar as pessoas, tirar seu máximo e então, ver o sorriso de satisfação de que conseguiu alcançar o objetivo. Motivação estava no meu sangue, nunca me vi trabalhando em algo diferente do que fazia.

Olhei o relógio, meu olhar encontrou do meu funcionário e juntos, caminhamos até minha sala.

— Joana disse que queria falar comigo de manhã, mas o senhor não estava — entrou falando e tentando me colocar em uma posição ruim.

— Ontem tivemos uma aluna fazendo exercícios além do que suportava. Onde você estava? — Fui até minha cadeira e sentei. Fiz sinal para que ele se sentasse, mas ficou de pé, superior.

— Estava no meu intervalo.

— Quanto tempo de intervalo? Dez minutos ou uma hora? — questionei controlando a ironia. Esse idiota estava querendo o quê?

— Não é como se eu pudesse mandar a mulher parar de pedalar. Perguntei duas vezes e ela me ignorou. Que assuma os riscos...

— E não falou comigo ou com Joana por quê? — Mesmo sentado, consegui me por com ar superior ao dele. — Poderia ter acontecido um acidente pior.

— Você contratou um *personal* ou uma babá? Estou aqui para trabalhar com quem quer...

— Você está aqui para trabalhar para mim, Roberto. Está claro? — Tentei controlar meu

impulso de apenas mandá-lo conversar com Joana para fazer seu desligamento.

— Eu mereço um pouco de respeito aqui, Sebastião. Não sou nenhuma criança...

Levantei e sua fala se perdeu, porque meu olhar era mortal. O filho da mãe não sabia nem meu nome, por que deveria manter seu trabalho? Que tudo fosse para os ares, minha paciência tinha chegado ao fim.

— Pode falar com Joana, seus serviços estão dispensados. — Peguei o telefone e liguei para minha secretária observando o homem virar uma fera.

— Você sabe o quanto preciso desse emprego?

— Na mesma proporção que eu preciso de alguém que cuide dos clientes enquanto estão sob a sua supervisão.

— Isso é muito injusto, você não pode fazer isso, é contra as leis!

Joana entrou, tentei não revirar os olhos para seu discurso de merda.

— Joana, acompanhe Roberto para pegar suas coisas, por favor. Ele está sendo desligado da academia.

— Vou atrás dos meus direitos, anote isso! — Ele bateu na minha mesa e saiu da sala como um furacão. Olhei para minha secretária, que ia atrás dele, mas a impedi.

— Deixe que eu cuido disso, ele está

exaltado e pode te agredir.

— Marcus está aqui, ele me acompanha. Pode ficar tranquilo. — Ela segurou meu braço e sorriu, Joana tinha tudo sob controle e seu companheiro iria ajudar, menos mal.

— Eu vou encerrar por hoje, qualquer coisa me liga.

— Pode ir tranquilo, amanhã nos falamos.

Peguei a bolsa, meu celular a carteira e fui até meu apartamento caminhando. De lá pegaria meu carro particular e se bobeasse, dormiria no Leo, porque minha vontade era de tomar todas até cair.

Que dia do cão!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Bastien

— E esse é o resumo do meu dia, acho que não tem como piorar do que tentar te fazer acalmar — falei cansado depois de seis long neck e um mergulho na piscina. Não era fisioterapeuta, mas sabia que um pouco quais eram os exercícios para se fazer com a intenção de fortalecer os músculos da perna e canela.

Leo estava em seu habitual mal humor, não conversou muito, mas me escutou até demais. Falei de Analia, depois de Guido me contando

sobre Heitor e Debora, os amigos dos meus pais e a demissão do meu funcionário.

Estava me sentindo uma mulherzinha reclamando da vida, dentro da piscina na casa do meu primo.

— Você disse que a tal Analia trabalha em um escritório de advocacia, certo? — Leo perguntou movimentando a perna machucada dentro da água. As vezes ele fazia careta de dor, outras vezes de esforço.

— Sim. Tenho quase certeza de que ela vai me processar.

— Não, você tem quase certeza que Roberto vai te processar. Ele te ameaçou.

— Sim, mas você sabe que são os quietos

que temos que nos preocupar. — Apoiei meus braços na borda da piscina e olhei para o céu. — Quanto mais eu rezo, mais assombração aparece.

— Cuidado que a Márcia Pica-Pau pode aparecer.

Ri alto, o álcool me fez lembrar da última vez que a vi e o quanto estava sofrendo.

— Cara, tudo isso é culpa do Fred que se casou. A maré de azar surgiu com a dele.

— Acho que não tem nada a ver não, até porque, Fred está feliz *pra* caralho e Guido também. Ele comentou outro dia que fez algumas sessões de terapia e não está mais psicopata de ciúmes como antes.

— Será que todos te veem como bom

ouvinte? — Aproximei dele e segurei sua perna machucada para cima.

— Porra, o que está fazendo?

— Respira fundo e mantém o equilíbrio. Você é todo metido a agente secreto e não consegue deixar a perna em noventa graus?

— Eu faço artes marciais mistas e não KickBoxing como o Van Damme — resmungou, mas tentou se manter sem segurar na borda da piscina. — Então, como você me interrompeu, vou voltar no assunto. Seu funcionário te ameaçou, porque você não vê com Analia sobre como se proteger juridicamente, já que ela é da área trabalhista?

— Pelo jeito, você não escutou tudo o que

contei. Ela é amante do Heitor, amigo dos meus pais.

— E daí? Vai deixar de ter uma consulta jurídica porque ela resolveu dar para o amigo babaca do seu pai? É uma forma também de você saber se ela não vai te processar, aí você fica tranquilo. — Soltei sua perna e mergulhei, tentando abafar um pouco meus pensamentos.

— Nunca mais vou olhar para aquele homem sem lembrar dela. Precisa ver, toda pessimista, achando que merece sofrer e tudo mais. Não tem noção do quanto me irritou tudo isso.

— Agora você entende o que sinto quando vejo todo mundo falar assim de Alexia. Aquela garota é forte, quanto mais vocês têm dó, mais ela

afunda no buraco.

Olhei para o meu primo e tentei entender sua lógica. A comparação não tinha muito a ver, onde Alexia claramente tinha sofrido algum trauma e Analia era apenas uma vítima de si mesma.

— O problema das duas são diferentes, Leo. Não tem nada a ver.

— As duas são vítimas, porra. — Ele virou de costas para a borda da piscina e se ergueu para sentar. — Não quero falar desse assunto, parece que sou o único que a vê diferente.

— A verdade é que você é o único que não a vê. — Saí da piscina e ajudei-o a se levantar. A cicatriz na sua canela, pela bala atravessada e a cirurgia estava vermelha, uma ferida recente. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela não precisa levar pancada para sair da sua posição de vítima.

— Nem Analia.

— Mas ela... — Que merda, ele tinha me colocado contra a parede.

Bufei e meu primo riu enquanto caminhávamos até a espreguiçadeira. Apesar do quintal enorme que Leo tinha, o sobrado era compacto e cheio de dispositivos eletrônicos. Ele era aficionado por tecnologia e não contava muito da sua profissão.

— Eu não queria me envolver mais do que já fiz com ela, essa é a verdade. Odeio traidores — confessei fechando os olhos e deitando na espreguiçadeira.

PERIGOSAS ACHERON

— Uma coisa que posso te dizer é que, se a pessoa trai, é porque alguém a traiu também. O universo sempre conspira para que tudo seja um equilíbrio.

— Não justifica, Leo. Heitor tem um filho, ele precisava pensar em respeitar sua família antes de agir pelas costas da mulher.

Ele riu baixo e virei meu rosto para o encarar. Ele também estava de olhos fechados, mas sorria, como se soubesse um segredo.

— Percebeu que quando você falou de traição, foi Heitor que veio na sua mente e não Analia.

— Os dois são — falei irritado.

— Concordo, só acho que você poderia

dar um choque de realidade na mulher e mostrar o que um homem de verdade pode oferecer.

— Vai se foder! — Chutei sua cadeira e ele riu mais alto. — Faço das suas as minhas palavras, faça Alexia descobrir o que um homem de verdade pode oferecer.

Seu riso morreu e seu semblante ficou sombrio. O trouxa poderia me provocar, mas não eu a ele. Típico.

— Esqueça esse assunto, Bastien. Faça o que quiser com Analia e me deixe em paz — retrucou irritado, sentou e se levantou sem ajuda, gemendo de dor. — Caralho, o defunto tinha que ter atirado na minha tíbia?

— Vamos lá, eu te ajudo. Eu quero te

matar muitas vezes, mas ainda gosto de você. É meu primo. — Corri para o ajudar a andar e ir até seu quarto.

— Papo de *viado* — resmungou.

— Sempre soube que você gostava de mim — brinquei.

Encerramos a noite por ali mesmo, dormi em um dos seus quartos de hóspedes e quando acordei, lá estava Leo de pé no mesmo horário que eu, com sua seriedade e poucas palavras logo cedo.

De uma coisa poderia afirmar, a sementinha tinha sido plantada e eu, com certeza, encontraria com Analia novamente.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Bastien

Esperei até o final de semana para enviar mensagem para ela. Não sabia dizer se era o melhor momento, uma vez que no domingo, como não teria almoço no Haras, meus pais fariam almoço na casa deles e como sempre, Heitor e Debora estariam lá com seu filho.

Talvez era apenas eu tentando me torturar, algo comum da minha parte.

Bastien>> Olá, como você está? As pernas voltaram a funcionar 100%?

A resposta demorou para chegar, ainda bem que estava em casa, assistindo televisão para distrair. Mais tarde iria abrir a academia para disponibilizar o espaço para as artes marciais, quem sabe levaria Leo, para ver e se o distraia também.

Analia>> Obrigada pela preocupação. Se for por conta de algum processo, volto a repetir, não há nada que poderei fazer contra você.

Bastien>> Tudo bem, já que você não irá me processar, que tal me ajudar com uma orientação jurídica? Poderia me passar o endereço do seu escritório?

Analia>> Se é apenas orientação, posso fazer fora do expediente mesmo, uma forma de

retribuir o tanque cheio. Quer que eu vá na academia?

Bastien>> Que tal um almoço? Podemos nos encontrar no shopping então.

Analia>> Sei que vai parecer loucura da minha parte, ainda mais depois de tudo o que gastei com hotel, mas não tenho dinheiro e não quero que você pague.

Bom saber que o idiota, além de trair, não bancava a própria amante. Não saberia dizer quem era pior, ele por enganar e dar um de machão ou ela por se rebaixar a tanto.

Que se foda não ter dinheiro. Eu pago tudo, porra!

Bastien>> É o mínimo pela consultoria.

Eu realmente estou precisando de um conselho jurídico na parte trabalhista.

Analia>> Segunda-feira eu passo na academia, acho melhor assim. Me desculpe.

Bufei irritado, desliguei a televisão e fui tomar banho. Dispensado? Ah, não, essa mulher não conhecia a família Saad e no meu caso, Saad Torres, a junção do que é de melhor da determinação, ou teimosia, dependia do ponto de vista.

Vesti uma regata e uma calça de *tactel*, depois do almoço iria para a casa de Leo e então, para a academia, ver um bando de machos lutando e extravasando por meio da luta.

Não era o que mais gostava de fazer, mas

às vezes me rendia a um treino de boxe. Era sempre bom saber lutar, principalmente para se defender. Quando criança, eu era o que impedia meus primos de apanhar e levava mais bronca dos professores por conta das agressões.

Fui de carro até o condomínio de prédios de Analia e parei do lado de fora, perto da portaria. Dessa vez não enviaria mensagem, ela teria que dizer não para minha insistência por telefone ou frente e frente.

— *Bastien?* — atendeu parecendo incrédula. Seu tom era baixo e algumas vozes atrás me indicaram que parecia uma briga. — *Posso te ligar outra hora?*

— *Ela roubou de mim!* — escutei uma

mulher gritar ao fundo e me adiantei a falar:

— Analia, estou na frente do seu prédio. Vamos almoçar — convidei, já imaginando a negativa.

— *Mãe, por favor, agora não!* — escutei a voz dela ao fundo. — *Estou descendo, preciso sair desse inferno.* — Ela encerrou a ligação e não sabia se estava feliz ou preocupado com seu aceite.

Será que ela teria mais drama para me contar?

A mulher era formada em direito, tinha um escritório, não deveria estar nessa posição de vítima. Meu instinto era de gritar como fazia com meus alunos, motivação para dar até a última gota de suor para o exercício.

Lembrei das palavras de Leo, do choque de realidade e não tive coragem de fazer nada do que planejei, ainda mais quando os olhos dela estavam fundos de olheira ou choro.

Ela entrou no carro e suspirou, parecia aliviada.

— Não sei o quanto escutou pelo celular, mas me desculpe. Minha mãe começou a beber logo cedo e já está de pileque. O discurso é sempre o mesmo, ela roubou o homem dela. Não aguento mais isso. — Ela tampou os ouvidos com as mãos.

— Você costuma contar sua vida para todos que você conhece? — Liguei o carro e guiei. Como demorou para responder, olhei para o lado e a vi enxugando as lágrimas.

Que maravilha, tinha feito a mulher chorar.

— Tenho vinte e cinco anos, formei com vinte e dois e não consegui manter nenhuma amizade desde o colégio. A única para quem contei minha vida, me abandonou assim que descobriu que eu era amante. No meu serviço, tudo o que faço é insuficiente, é errado, preciso melhorar. Então...

Abri o porta treco entre os nossos bancos e lhe dei uma caixa de lenço. Ela limpou os olhos, assoou o nariz e suspirou.

— Enfim, eu contei minha vida para você, porque estava grogue. Depois que o efeito passou, só não sei me fazer parar, olho para você — nos olhamos rapidamente — tenho vontade de contar

toda a minha vida.

Não posso, não posso, não posso...

— Eu posso ser seu amigo. — Que vontade de me bater assim que as palavras saíram. Disse apenas para acalmar a mulher, mas as consequências disso poderiam ser as piores.

Minha mãe iria me matar. Um caos na família, ao ter contato com a amante do Heitor, seria instaurado.

— Você não quer ser meu amigo. Acredite, não tenho nada que valha a pena.

— É verdade, acho que me equivoquei, pode descer aqui — falei grosso, parei o carro e ela me olhou em choque. Porra, será que o espírito de Leo baixou em mim? Fechei os olhos e contei até

dez antes de impedir que ela saísse do carro. — Desculpa, falei apenas da boca para fora. — Tive que inclinar meu corpo para ela não abrir a porta, seu cheiro suave, algo de pele e sabonete, tinha me perturbado momentaneamente.

— Olha, eu sei que sou um pe...

— Uma mulher que está indo almoçar com um homem para falarmos sobre direito trabalhista — completei para ela sério, meu olhar era como para os meus alunos que pediam arrego do exercício puxado. — Preciso assinar algum papel para deixar isso claro?

Ela engoliu em seco, olhou dos meus olhos para a minha boca e corou. DE NOVO! Analia tinha vinte e cinco anos, transava com Heitor a todo

momento, qual era a dela de corar por conta de palavras que nem indireta para paquerar tinha?

— Tudo bem, posso fazer isso, eu consigo — falou mais para si mesma do que para mim. Voltei a guiar o carro e ela continuou baixo: — Não brigue comigo agora, só quero pedir desculpas porque ter uma amizade e ser com um homem como você, isso mexeu comigo.

Eu queria saber como? Não deveria, essa era a verdade, por isso mudei de assunto.

— Cada setor da minha academia tem instrutores responsáveis. O homem que deveria te impedir de ir além do que você suportaria não estava no local quando te encontrei desacordada. Eu mandei-o embora.

— Tudo bem. Qual a carga horária? Ele está registrado em carteira com qual cargo? Qual a descrição das atividades? — ela perguntou com outro humor, segura e analítica.

Enquanto chegávamos no shopping, conversamos sobre tudo o que queria saber. Falhei em não fiscalizar meus profissionais e descrever melhor suas atividades. Não havia documentação sobre os intervalos, algo que ela recomendou começar a controlar a partir de agora.

Documento era tudo e eu, deixei passar.

Optei por comer no restaurante por quilo de cozinha mineira que existia no lugar e ela, com os olhos brilhando, se serviu de feijoada e mandioca frita. Peguei algumas a mais no meu

prato e quando nos sentamos, coloquei algumas para ela.

— Por que isso? — questionou sorrindo e pegando uma delas para comer. Parecia uma menina travessa quando estava mais descontraída, sem aquele peso de ser a pobre coitada.

— Eu vi que você estava com vergonha, peguei para você. — Pisquei um olho divertido e precisei focar no trabalho para não deixar meu corpo reagir ao seu rosto corado. — Como posso fazer os documentos? Você acha que devo contratar alguém para gerenciar todo mundo além da Joana, minha secretária?

— Acharia justo você subir a Joana de cargo e lhe oferecer as duas funções. Pelo o que me

falou, ela e a família são muito fiéis a você. — Ela comeu outra mandioca frita e precisei não pensar nisso de forma sexual. Pelo amor de Deus, não tinha nada excitante nisso. — Você fez certo em não ter deixado ela sozinha com o tal Roberto. Ao invés de um processo, levaria dois.

— Você acredita que ele vai me processar?

— Já vi processos por muito menos. Defendemos empregador e empregado, tem situações em que tenho vontade de dizer apenas: chega de mimimi.

— Que é o caso do Roberto.

— Não, ele tem suas razões e você tem as suas. Temos falha dos dois lados, mas como numa relação de pai e filho, o pai sempre tem mais peso.

— Focou no prato e começou a comer e eu, ao invés de pensar que estava errado também, fiquei observando Analia se alimentar.

Distraído, ela roubou uma mandioca frita do meu prato e despertei do transe.

— Fica dando bobeira, vou comer sua mandioca.

Eu tive que rir alto, chamei atenção e depois, fiquei roxo de vergonha do que sua fala me fez entender. Minha mente era de homem e porra, não estava seguindo para um lado de amizade.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Bastien

O sábado passou de forma estranha, depois que deixei Analia no seu apartamento, abri a academia para as lutas e fiquei aéreo, olhando para tudo e não vendo nada. Estava sentido que tudo estava errado, mas não sabia explicar o motivo.

Não queria que chegasse domingo, quando fui dormir, estava tentado a cancelar o almoço, não estava preparado para ver pessoas que eu sabia mais do que eles aparentavam.

Mas não teve jeito, no piloto automático,

eu apenas fui até eles.

— Bom dia mãe! — cumprimentei com um beijo e abraço assim que cheguei na casa dos meus pais e fui direto na cozinha.

— Bom dia Bah. Seu pai está lá no fundo mexendo na churrasqueira. — Minha mãe me virou para olhar a visitante.

Debora estava ao lado, por isso a cumprimentei com um beijo no rosto, mas estava sem graça.

— Você parece que cresce a cada dia, Bah! — Ela apertou meu braço piorando meu constrangimento. Esse apelido era exclusivo da minha mãe.

— Se ela não tivesse visto você escrever,

eu ficaria preocupado — Heitor falou entrando na cozinha. Ele estendeu a mão para cumprimentar, fiz o mesmo e o abracei com um sorriso amarelo. — Como está, Bastião?

— Tudo certo — respondi seco, não consegui evitar, ainda mais que até meu nome, sendo pronunciado errado por ele, me incomodou.

— E a academia? Faz tempo que não passo lá, preciso levantar um pouco de peso. — Abraçou a mulher e ergueu a manga da sua camiseta para expor seu bíceps flácido.

Era com isso que Analia ficava?

Nem me incomodei de falar que parentes e amigos precisavam pagar para frequentar, porque levaria um sermão da minha mãe. Eles não

precisavam saber que estava irritado, muito menos o motivo.

Fui para sala, encontrei o filho deles zapeando os canais.

— Oi Heitorzinho — cumprimentei me aproximando com a mão estendida e ele me ignorou, como estava se tornando um hábito. Cada ano que passava, o menino ficava mais insuportável. — Se me ignorar, vou colocar sua cabeça dentro do vaso sanitário para aprender o que é vácuo. — Enrijeci meu bíceps e com medo, ele tocou sua mão na minha e saí de lá, em direção aos fundos de casa ajudar meu pai.

— Bom dia pai, precisa de ajuda?

— Gostaria de falar sobre a gráfica. Eu

ainda não desisti.

— O melhor dono daquele lugar é o senhor, meu pai. Eu fico bem na academia e ambos estamos felizes — rebati com humor, mesmo que o assunto sobre assumir a empresa do meu pai me incomodasse muito.

— Então me ajude com o fogo, não estou conseguindo acender a churrasqueira. Sua mãe jogou água dentro de novo, está tudo úmido.

— Pode deixar comigo, porque aqui tem fogo, meu amigo — Heitor apareceu contando vantagem e o que me fazia rir algum tempo atrás, me deu asco.

O que era para ser um dia de família e piada, hoje seria de tensão.

Preferi deixar os dois se virarem, sentei em uma das cadeiras, apoiei meus braços na mesa e não resisti ao enviar uma mensagem para Analia.

Bastien>> Bom dia! Já está preparando o almoço? Hoje terei churrasco patrocinado pelo meu pai.

Analia>> Bom dia você. Se pão com mortadela poderá ser considerado almoço, então, já até o fiz. Estou aproveitando que a casa está em paz para ler um pouco.

Bastien>> Muito bom. Eu curto ler, o que temos para hoje?

Analia>> Te garanto, esse não é seu estilo.

Bastien>> Só vai saber se me contar o

que é.

Analia>> Vou ficar envergonhada...

Bastien>> Lembre-se, já te levei até o banheiro, acho que já passamos dessa fase na nossa amizade.

— Olha ele, Paulo. Seu filho está de namorico com alguma garota, está sorrindo igual bobo para o celular. — Heitor se aproximou do meu lado, bloqueei o aparelho e o encarei com desafio. — Já passou da fase de ficar batendo punheta no banheiro, cara. Com esse bração que você tem, há outras utilidades...

— Pode me poupar do papo sobre sexo e outras coisas, Heitor. Eu tenho um pai, primos e uma vasta experiência com mulheres para saber que

seu papo não cola comigo.

— Bastien, meu filho, ele está apenas brincando — meu pai falou em tom severo e me levantei incomodado. Esse almoço ia dar merda, ainda mais com ele se levantando e querendo se sobrepor a mim. Ele era mais velho, mas eu ainda era maior, na altura e nos músculos.

— Os cabelos estão grisalhos e você pode achar que não dou no couro, mas vou te dizer, é dos experientes que elas gostam.

— Elas? Pensei que você fosse casado e tinha apenas uma — rebati sem pensar e suspirei quando percebi que atrás dele estavam vindo minha mãe e Debora.

Olhei para Heitor e achei que ele ficaria

ofendido, mas não, quanto mais constrangido eu ficava, mas ele sorria cínico. Idiota!

— O que está acontecendo com você, Bastien? — minha mãe se aproximou brava e dei de ombros.

— Estou com alguns problemas na academia, não estou dormindo bem, acho que vou lá para dentro dormir — desconversei e olhei para o meu pai com um pedido de desculpa. Seu amigo era um idiota, mas nem por isso eu tinha que deixar o clima tenso. Só de olhar para Debora, percebia que ela tinha escutado e estava sofrendo com a suspeita de traição que plantei em cima do que ela já desconfiava.

— Sei que vai dormir. Tranque a porta! —

Heitor me tratou como adolescente e fiquei tentado em me vingar no seu próprio filho. Quando entrei em casa para ir ao meu quarto, deixei o menino de lado e fui para meu antigo quarto. Talvez, esse mal humor do filho tenha a ver com essa desestruturação familiar.

Deitei na cama e voltei a olhar o celular. Antes de desbloquear, tive uma visão da confusão que me meti, quando ela fosse exposta para os dois lados, ou melhor, para todos os meus lados.

Estava conversando com uma cliente da academia que foi negligenciada, depois fiquei ao seu lado sem a conhecer. Assédio e danos morais. Depois a chamei para tirar dúvidas trabalhistas, falei como funcionava a academia e dei provas

contra mim de mão beijada a ela. Indenização trabalhista.

O sonho de expandir a academia para o outro lado da cidade, com a mesma estrutura e abertura aos sábados para as lutas estava se tornando um navio com o casco furado.

Por que tive que escutar Leo sobre ir atrás dela?

Mas agora que tudo tinha sido feito, que tomei a iniciativa e estava me afeiçoando a mulher, estava difícil ignorar.

É só uma amizade, estamos apenas sendo amigos, repeti na minha mente. Afinal de contas, ela parecia ter uma vida bem sofrida, apesar de ser bem-sucedida com a profissão, com seu escritório

PERIGOSAS NACIONAIS

de advocacia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Bastien

— Porra — resmunguei baixo desbloqueando o celular e vendo a mensagem dela, que acalmava minha angústia de alguma forma.

Analia>> É tão estranho saber que tenho um amigo. Tudo bem, eu falo, mas depois não diga que não tentei esconder. Estou lendo Refém de Uma Promessa da autora Valentina Fernandes.

Bastien>> Você venceu, não conheço esse livro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Analia>> É um romance nacional sobre um homem que prometeu ao pai algo, o que ia contra os sentimentos que ele tinha pela mocinha, que sofreu abuso na infância. Tem drama na medida certa.

Bastien>> E eu te atrapalhando. Mas é mais forte que eu, qual o próximo livro que você lerá?

Analia>> Mrs. Joy, da Denilia Carneiro, mas esse não vou contar sobre o que é.

Bastien>> Por quê? Agora eu quero saber.

Analia>> Minha vez de querer saber, senhor curioso. Como está o churrasco? Achei que você fosse todo fitness.

PERIGOSAS ACHERON

Bastien>> Tento ser, mas nada exagerado ou radical. Minha família não permite que ninguém seja vegano, os churrascos e cervejada pelo menos uma vez por mês é muita tentação para alguém querer fazer regime forçado.

Analia>> Nem consigo imaginar como deve ser. Sempre foi eu e minha mãe por anos, até o Natal a gente não comemora como nas novelas. Às vezes, eu durmo antes das nove.

Ela nem parecia perceber, mas estava entrando novamente naquele redemoinho de ser a vítima e pobre coitada. Era foda, porque tudo o que falava me tocava, ainda mais eu que sempre tive tudo o que uma família grande poderia dar, mas se

Analia quisesse ser diferente, ela poderia fazer isso acontecer.

Bastien>> Por que você mesma nunca fez uma ceia como nas novelas?

Analia>> Nem sei o motivo de entrar nessa pauta, desculpe se te incomodei. Estou lembrando de você ter parado o carro e me mandado sair, realmente me chocou e me fez ver algo que não percebia que estava fazendo.

Bastien>> E o que é?

Analia>> Ser uma pobre coitada. Sou pobre, isso não vai mudar, mas coitada, nunca tinha me visto dessa forma. Obrigada pelo choque de realidade.

Bastien>> Se quiser um outro choque,

aqui vai, pare de se desculpar por ser quem você é.

Analia>> Mas está errado, eu preciso lutar e me impor.

Bastien>> Quem disse que está errado? Só falei que enquanto você ficar se lamentando, você não vai sair do buraco. Agora você percebeu, tudo bem, a vida é sua, você faz o que quiser.

Analia>> Eu te dou dicas trabalhistas e você me dá sobre a vida, acho que é uma troca justa.

Ah, se ela soubesse o que estava justo no momento, ainda mais quando tive a visão dela com as roupas de academia, desfalecia, nos meus braços

indo até o pronto atendimento. Não era seu estado atual, mas seu corpo que me chamou atenção.

E pensar que Heitor tem isso disponível para ele sempre que quiser. Que broxante, ainda bem que meu cérebro sabe para onde ir quando necessário. Nada romântico deverá surgir dessa amizade, porque foderia não só com o relacionamento extraconjugal de Heitor, mas a amizade dos meus pais.

— Posso entrar? — Debora bateu na porta e entrou no meu quarto. Sentei na cama assustado e ela sorriu tentando ser sensual. Caralho, essa mulher trocou minhas fraldas, não tinha como enxergá-la diferente de tia. — Vim te chamar, porque começou a sair carne...

— Eu já vou. — Levantei apressado e ela se aproximou, novamente tocando meu braço exposto pela regata. Por que não usei camisa de manga comprida? — O que está acontecendo? — Afastei e ela se aproximou novamente.

Esses dois estavam ficando loucos, eu não poderia ser bombardeado pelos dois lados, Heitor e Debora.

— Meu marido me trai e só quero pagar na mesma moeda, com um jovem... — Afastei dela, saí do meu quarto as pressas e fui até os fundos me sentindo sufocado. Ela sabia que o marido traia com uma mulher mais jovem? Se queria se vingar, por que comigo?

— O que foi, meu filho? — Minha mãe se

aproximou e passou a mão no meu rosto, Debora veio logo atrás e com um sorriso tão cínico quanto do marido, me olhou e depois a ele.

— Não foi nada, eu só fui avisar que estava saindo carne.

— Ele não é mais criança, da próxima vez, deixe que eu o chamo — Heitor falou bravo e me olhou com ameaça, como se soubesse das intenções da sua mulher comigo.

— Deveria ter chamado seu filho, ele está lá na sala de televisão sozinho — falei controlando minha indignação.

— Está entrando na *aborrecência*, deixa ele — Debora falou se sentando à mesa.

— Esse menino está ficando cada dia mais

impossível. Vocês têm sorte de Bastião não ter dado tanto trabalho — Heitor falou se sentando ao lado da mulher e beijando a sua testa amorosamente, mas olhando para mim.

Mas que porra, ela é toda sua!

— Vou comer e depois ir para casa, preciso descansar para começar a semana resolvendo pepinos — falei sentando ao lado da minha mãe, tentando estar em um local seguro.

Eu não ficaria mais em um lugar em que esses dois estivessem.

Quando eu resolvia expandir meus negócios e focar apenas no profissional, surgiu uma confusão no meu colo e não sabia como não afetar toda a minha vida.

Deveria ignorar, me afastar, mas no final de toda confusão mental, lá estava eu, olhando meu celular e enviando uma mensagem para Analia:

Bastien>> Almoço encerrado, vou para casa descansar e procurar um dos seus livros para ler.

Analia>> Por favor, não faça isso, assim eu nunca mais conseguirei olhar para a sua cara sem ficar envergonhada.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Bastien

Diga “não leia” para um homem e ele vai atrás ler, apenas pela sensação do proibido. E não digo a pessoa do sexo masculino, mas o ser humano em geral, eles têm, em sua grande maioria, a curiosidade aguçada pela natureza.

Eu fui atrás dos dois livros que ela falou na livraria do shopping assim que saí da casa dos meus pais. O que tinha em um romance que ela poderia ficar envergonhada ao me ver?

A dona da livraria não tinha os títulos, mas

me contou sobre existir um mundo virtual contendo e-books, e foi aí que encontrei os dois na Amazon.

CA.RA.LHO.

Sim, tinha que ser justamente esse palavrão, porque os dois livros tinham sacanagem no meio. Passei a tarde e a noite lendo os dois e não consegui evitar de ficar de pau duro, muito menos de imaginar a personagem principal como sendo Analia.

Eu me sentia a porra do CEO massagista.

Se ela ficaria encabulada de me ver, agora, quem estava em uma outra página da vida era eu. Não sabia explicar, esse tipo de história, por mais florido como tudo foi escrito, mexeu com meus pensamentos nem um pouco puros.

Pesquisei romances onde se passavam na academia e preferi não alimentar mais minha imaginação, ainda mais quando vi um trio na capa.

Precisava focar na expansão dos meus negócios e não ficar excitado a cada canto que eu olhasse do meu trabalho.

Fui caminhando até minha academia e dessa vez, estendi meus exercícios até metade da manhã junto do pessoal de Crossfit, que se empolgaram com minha presença.

Conversei com meu contador, para saber sobre o andamento da papelada sobre abrir uma filial e me lembrou de pagar alguns impostos do mês para emitir certidões negativas, o que fiz e perdi meu almoço e parte da tarde. Precisava de

alguém para me ajudar com o banco, Joana já estava sobrecarregada e ainda lhe daria mais um encargo ao conferir a atividade dos funcionários.

Ao lembrar disso, chamei-a na minha sala, tinha que colocar em prática tudo o que Analia me propôs, inclusive me enviou alguns modelos de documentos para serem assinados pelos funcionários.

— Chamou? — Joana apareceu e sentou na cadeira a minha frente.

— Você pode recusar, tudo bem? Não afetará nada no seu trabalho e na nossa relação. Vou precisar de um supervisor, para cuidar da rotina de todos os funcionários e fazer algumas coisas administrativas. Também não quero perder

minha secretária, mas te libero para achar alguém que te ajude e claro, um instrutor novo.

Ela abriu a boca em choque e resolvi brincar com a situação.

— O salário também vai aumentar, mas se você não quiser...

— Mas é claro que quero! As horas serão as mesmas? — Ela apoiou as mãos na mesa e inclinou para a frente com um sorriso no rosto.

— Você não pode trabalhar mais de 44 horas semanais, então sim, mesmo horário, mais responsabilidade.

— Eu vou calar a boca do meu marido, ele disse que nunca iria crescer aqui dentro! — Ela tampou a boca com a mão e arregalou os olhos. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele não...

— Está cuidando de você, está fazendo o certo. — Pisquei um olho e virei o monitor do computador para ela ver. — Realmente não existe muitas possibilidades aqui dentro, Joana, mas quero expandir e você é meu braço direito. — Apontei para a tela e mostrei a planta baixa da nova academia. — Quando seu marido me dar mais crédito, quem sabe, quando isso sair do papel, vocês não podem me ajudar a administrar essa filial?

— Posso te abraçar, Bastien? — Ela pediu se levantando, fiz o mesmo e a abracei. Reconhecimento nunca era demais, ainda mais para pessoas do bem como eram ela e sua família.

PERIGOSAS ACHERON

— Hei Bastião! Ba *pegação* em pleno horário de serviço? — Ouvi Heitor e me afastei de Joana para encarar o amigo do meu pai. O que ele estava fazendo na minha sala sem ser anunciado?

— Melhor eu voltar para o meu posto — minha secretária falou baixo, percebendo minha insatisfação.

— Sempre soube que você era acelerado, parecido com o tio aqui — continuou falando asneiras e voltei a me sentar.

— O que conversamos valerá a partir dessa semana — falei alto antes que Joana saísse, ela me mostrou o polegar para cima e saiu.

— Hum, um acordo?

— Heitor, estou no meu local de trabalho

conversando com uma colaboradora. Você poderia ser menos invasivo? Processo de assédio não combina comigo.

— Nossa, ainda está nervoso, vejo que realmente precisa de mim. — Ele tirou do bolso um cartão, peguei e franzi a testa ao me parecer conhecido. — Minha cunhada trabalha nesse escritório de advocacia, especialista em trabalhista. Se tiver algum problema...

— Obrigado, mas já tenho quem me assessora. — Coloquei o cartão do lado e o vi pensar sobre o próximo passo. Ele não estava com roupas de academia, então, não ficaria para se exercitar sem ter que pagar.

— Tudo bem. Gostaria de fazer minha

matrícula aqui, acho que nunca me registrei de verdade. — Ele sentou e cruzou as pernas de forma superior. — Você não pode deixar que os parentes e amigos malhem de graça, Bastião.

— Meu nome é Bastien, mesmo depois de vinte e oito anos você não tenha aprendido. Obrigado por ser tão atencioso, matrículas é com Joana, minha secretária.

Foquei na tela do computador, para ver se ele desconfiava e foi saindo murmurando um adeus baixo. Bufei assim que ele desapareceu da sala e não me surpreendi que pouco tempo depois, Joana colocasse sua cabeça para dentro da minha sala e fizesse uma careta.

— Sério mesmo que aquele cara é seu tio?

— Amigo dos meus pais. Se ele te incomodar, pode chamar seu marido e dar um jeito nele, eu assumo qualquer processo — falei divertido e ela revirou os olhos.

— Ele é só um mentiroso querendo ganhar vantagem em algo. Ele tinha a passagem liberada, fez a matrícula, na hora de passar o cartão, não passou e ficou de pagar depois. Ou seja...

— Não vai pagar, ele é um babaca — respondi chateado. Nunca imaginei que veria o cara sendo pior do que já era.

— Posso dificultar a vida dele? Estou me sentindo poderosa — brincou comigo e ri acenando afirmativo.

— Sim, por favor, faça seu pior e depois

vou lá brigar com você — ironizei.

Ela saiu da sala, peguei o cartão e observei os nomes. Mendes Advogados, eu já tinha visto em algum lugar, só não me recordava onde. Com um insight, abri meu e-mail, peguei o último recebido por Analia e gemi já imaginando o emaranhado... era o mesmo local que ela trabalhava e Heitor ainda indicava.

O que mais de bagunçado existia entre essa mulher e o amigo dos meus pais?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Bastien

A semana passou que nem consegui ir na reunião com os primos, porque estava quebrando a cabeça para fazer os documentos sugeridos por Analia, com a intenção de regularizar todas as pendências que tinha como empregador. Joana me ajudou muito, inclusive seu marido esteve junto, com seu conhecimento de contador.

No final, quando parecia tudo feito, só faltava reunir com os funcionários e os fazer assinar, sentia que faltava algo. Precisava da

anuência de Analia, essa era a verdade, mas estava com receio de chamá-la, não queria alimentar algo que não vingaria, como nossa amizade.

Trocamos uma ou outra mensagem, ela era muito reticente e eu, preferi não insistir, era um sinal para eu escapar.

Heitor começou a frequentar a academia e todos os dias, antes dele ir embora, Joana o chamava para ver sua pendência. Arrogante, ele nem se abalava e ainda não economizava nas cantadas para as alunas.

O que ele fazia não era da minha conta, mas me perturbava, ainda mais quando lembrava que Debora parecia saber o que ele fazia fora de casa e queria me usar como vingança.

Que merda.

— Por que não passa para a assessoria que você conseguiu esses documentos? Eu não sei mais por onde analisar, Bastien. Confesso que estou cansada — Joana falou, olhei o horário no computador e me xinguei por perceber que já passava das dez horas, em uma hora a academia fechava e nem eram nós que fazíamos isso.

— Desculpe ocupar seu tempo, além de ser sexta-feira. Eu não queria falar com a advogada, mas não terá jeito.

— Já ouviu dizer que quanto mais a gente não quer, mas atraímos? — Ela suspirou aliviada, ergueu os braços para alongar e se levantou. — Vai precisar de mim amanhã?

— Pode ficar tranquila, amanhã eu resolvo tudo por aqui com o pessoal das lutas. Estou precisando de distração, a semana foi puxada.

— Até logo.

Guardei todos os papéis da minha mesa, tranquei minha sala e fui dar uma volta na academia antes de ir embora. Olhei para um canto e vi Heitor de conversa com uma aluna, ambos saindo, para meu contentamento. Fazer minha academia do palco de traição deles não me agradava nem um pouco.

Passei perto do vestiário feminino e trombei com uma aluna, que pelo cabelo e cheiro, me eram muito conhecidos.

Era Analia com roupa de ginástica.

PERIGOSAS NACIONAIS

Os livros que ela leu.

Será que cruzou com Heitor? Ela veio por ele?

— Ah, oi Bastien, tudo bem? — Ela olhou para baixo envergonhada e se afastou. — Prometo não exagerar hoje, só precisava distrair a mente, minha semana foi péssima.

Ela desviou de mim para ir em direção as esteiras, olhei para a sala de exercício funcional vazia e a alcancei.

— Que tal uma aula diferente? — perguntei sem pensar nas consequências do que estava fazendo. Estava cansado também, louco para ir para casa, por que estava procurando mais atividade?

PERIGOSAS ACHERON

— Será que faz parte do meu pacote? Eu me inscrevi no básico. — Olhou para a recepção, depois para mim e para o chão, ela estava muito envergonhada e eu, estava louco para fazê-la se soltar.

Por quê? Sim, eu me perguntava o motivo e não sabia explicar, apenas sentir.

— A primeira aula é de graça, para ver se você se identifica, tudo bem?

— Ah... tudo bem — Aceitou sem muita confiança, coloquei minha mão nas suas costas e seguimos para a sala.

— Farei o básico, nada muito forçado.

— Sim, porque minhas pernas estão normais novamente, mas não tenho tanta

desenvoltura ou força.

Acionei o cronometro no meu relógio de pulso sorrindo, me posicionei em frente a ela e olhei nos seus olhos antes de falar:

— Se eu vejo força em você, então, você precisa ver. — Zerei o cronometro e o iniciei. — Vamos lá, para soltar o corpo, polichinelo.

Fiz vinte repetições de cada exercício até que desse vinte minutos. Agachamento, abdominal, flexão e por fim, sentar de pernas cruzadas e pular, o que a fez parar na primeira tentativa.

— Vamos lá! Vamos lá! — Bati palmas, sentei com ela e levantamos juntos para pular. — Mais um, você consegue!

E assim ela foi, as vezes sorria, outras

fazia careta, mas enquanto eu a motivava, ela tentava, o que era uma realização pessoal para mim. Apesar de serem exercícios básicos, gostava de adicionar sempre um mais desafiante, para mostrar a todos que é possível ultrapassar limites, basta um bom incentivo, ou um instrutor carrasco, como às vezes me chamavam com boas intenções.

— Vinte, isso aí, você conseguiu! — Aplaudi uma Analia suada com lágrimas nos olhos. — Faz isso uma vez por dia e estará em forma em um mês.

— Com um instrutor como você, não tem como desistir. Obrigada. — Ela me surpreendeu com um abraço, o seu cheiro parecia ter acionado todos os meus sentidos, ainda mais quando me

soltou e deitou no chão com braços e pernas esticados.

Olhei para o lado de fora da sala, a academia estava esvaziando e ninguém prestava atenção em nós. Ela fechou os olhos, senti um repuxão na virilha e agachei, para tentar disfarçar a reação imprópria do meu corpo.

Não havia nada de sentimento, era porque a Analia tinha um corpão e nem se dava conta.

— Vire, vou te ajudar a fazer um alongamento.

— Posso dormir? — questionou bocejando e virando de bruços, sua cabeça ficou para o outro lado e não para mim. Olhei para a minha virilha e amaldiçoei os shorts de academia que salientavam

tudo e não escondiam nada.

Porra.

— Vamos alongar os braços. — Tentei focar no que era experiente, exercícios físicos me ajudavam na concentração e equilíbrio, porém, não quando estava excitado. Precisei achar um assunto seguro para desviar meus pensamentos. — Fiz como você falou sobre os documentos.

— Ah, que bom! — Ela virou para mim e desci para suas costas, onde fiz uma leve massagem. — Nossa, estava precisando disso — falou gemendo, o que piorou meu estado atual e desci para as pernas.

Precisava de um assunto broxante imediatamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Viu Heitor? — questionei lembrando que o vi sair da academia, então lembrei que não havia falado para ela que o conhecia. Caramba, se precisava de um motivo para relaxar meu membro, tinha conseguido.

— A semana foi puxada, ele não deu sinal de vida e confesso que vim aqui em busca de pelo menos o ver. — Trouxe os braços para o rosto e abafou um gemido, não sabia se era de dor por conta do quanto estava apertando suas pernas ou constrangimento. — Disse que seria a última vez que o veria, mas não consegui, preciso ser mais forte.

Ela veio por ele.

Decepcionante.

PERIGOSAS ACHERON

Alívio, ela não percebeu que me referenciava ao dia de hoje.

— Pelo menos você não está fazendo igual o Hardy.

— Quem? — Ela virou, ficou meio de bruços, meio de frente e me fez engolir em seco, mas estava chateado demais por ela ainda pensar naquele pilantra.

— *Oh céus, oh vida, oh azar...* — tentei imitar o desenho e ela virou completamente de frente para mim, apoiando os braços no chão. Como sua feição continuou confusa, complementei: — Lippy e Hardy, leão e hiena, não lembra desse desenho?

— O que isso tem a ver comigo?

— Ao invés de reclamar que você não consegue se afastar do panaca, você disse: preciso ser mais forte. — Estendi a mão para a cumprimentar, ela segurou na minha e nos levantei balançando para cima e para baixo a sua mão macia e que me fez arrepiar. — Bem-vinda ao meu mundo, onde só os fortes vencem.

— Acho que não estou preparada para o seu mundo.

— A resposta que você precisa dar é: você quer estar do lado dos fortes?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Analia

Que esperança era essa que estava sentindo? Não me reconhecia, ainda mais quando me arrumei para ir trabalhar na segunda-feira como se fosse uma entrevista de emprego para o meu real cargo, advogada e não estagiária.

Você quer estar do lado dos fortes?

Passei o final de semana inteiro com essa pergunta ecoando na minha mente. Depois do exercício que fizemos e a massagem maravilhosa, que tinha certeza que não teve nada a ver com

alongamento pós treino, comecei a sentir algo que nunca achei que poderia por outro homem que não fosse Heitor.

Atraída.

Derretida.

O romance que li no final de semana, era ele quem imaginava no papel principal, ainda mais que o mocinho era todo musculoso e metido a ser dono da cidade como Vinicius em Detestável para Mim, da autora Agatha Santos. Se não fosse a promoção de R$ 1,99 por três meses de assinatura do Kindle Unlimited, eu estaria na fossa da não leitura, mas agora, eu devorava todos e esquecia dos meus livros de direito.

A verdade era que estudava enquanto

trabalhava e o final de semana era todo meu e dos livros... até minha mãe invadir meu quarto e reclamar sobre alguma cliente ou a falta de dinheiro. O mês precisava começar logo, enquanto minha mãe pudesse pagar suas coisas, ela deixava minha mente em paz e precisava disso mais do que nunca agora, porque, eu tinha dois homens na minha mente.

Estava ressentida com Heitor e esperançosa por Bastien. Não iria largar um para ficar com outro, mas pela primeira vez na minha vida, iria me dar uma oportunidade.

Seria traição?

Não tinha a resposta para isso, mas a ânsia em estar bem e me sentir bonita aflorou quando fui

escolher minha roupa para trabalhar.

— Onde vai assim? Será que Heitor vai finalmente te assumir? — minha mãe me cumprimentou fazendo o café na cozinha.

— Só estou me sentindo bem hoje. — Alisei minha calça do terninho e camiseta branca. — Será que estou arrumada demais para trabalhar?

— Minha filha, você precisa fazer umas luzes nesse cabelo e pintar as unhas de vermelho para chamar atenção. Você está tão apagada assim. — Ela veio até mim e tentei não desistir da minha determinação. Custava apenas me elogiar? Alisou meu cabelo, fez uma careta ao conferir os botões da minha roupa e voltou para o café. — Está com cara de estagiária arrumada, já te falei para comprar

aquela roupa que te faz parecer advogada de verdade.

— Quando eu tiver dinheiro, né? Ou seja, no dia de São Nunca — falei pegando um pacote de bolachas no armário para ser o meu almoço. — Tchau.

— Preciso pagar a conta de luz, filha. Mês que vem eles vão cortar.

— Mãe, como assim? Eu te dei o dinheiro para fazer isso — reclamei e ela deu de ombros sem olhar para mim.

— E você acha que consigo sobreviver com o dinheiro de fazer unha? Acho que você precisa vender o carro, Analia.

Saí de casa batendo a porta, desci as

escadas controlando o choro e cheguei até meu carro com uma bola enorme na garganta. Ele era velho, precisava fazer revisão e era todo meu. Não tinha dinheiro para me sustentar, muito menos minha mãe, pior ainda o carro e suas manutenções... mas era fruto do meu trabalho, a única coisa que poderia dizer que de todo o sacrifício que eu tinha feito na vida, ele valia a pena por tudo.

Entrei no carro, senti o cheiro forte de óleo e abri a janela, quando pudesse iria deixar um cheirinho aqui dentro para que esse forte saísse. Liguei o carro, dei ré e saí do condomínio, ganhando as ruas e tentando não pensar que comecei o dia bem, mas minha mãe jogou um balde

de água fria me deixando desmotivada.

Para onde estava indo o dinheiro que era para pagar as contas? Será que apenas a luz estava assim ou outras contas também? Precisaria ver tudo, ela não gostava que invadisse sua privacidade, mas precisava, porque ela estava negligenciando nossa vida.

Parei no semáforo vermelho, o carro engasgou, o escapamento soltou um estouro e fumaça saiu do motor. *Ah, não, carro, até você?* Isso porque eu estava antecipada no meu horário e o defendi!

Saí do carro as pressas com minha bolsa, olhei a situação e comecei a chorar. E agora? Várias pessoas buzinaram, o carro estava

atrapalhando um caminho, peguei meu celular e decidi sobre para quem ligar.

Primeiro foi para a minha chefe, por Deus, estava sem crédito com ela desde meu atestado, prometi abandonar o carro e ir a pé se fosse necessário.

Pesquisei nos meus poucos contatos e parei em Heitor. Meu dedo foi mais rápido, disquei e ele cancelou a ligação no segundo toque. A rejeição doía e mesmo que eu quisesse me afastar dele, saber que me descartaria quando mais precisava, me fazia sentir um lixo.

Você quer estar do lado dos fortes?

Não tinha mais cara para enfrentar Bastien, mas ele seria minha última salvação antes de

abandonar o símbolo que me tornava uma sobrevivente. Sem dinheiro para guincho, sem crédito para arrumá-lo, teria sorte se alguém o roubasse e pagasse os impostos, porque nem no meu nome estava.

— *Analia? Tudo bem?* — ele atendeu preocupado, nunca havia ligado. Aqueceu meu coração e novamente, surgiu mais um pingo de esperança.

— Sei que não gosta de me ouvir pedir desculpas, mas preciso, antes de dizer que meu carro está quase pegando fogo no meio da rua. Me desculpa te ligar, não faria isso se tivesse opção, é só que...

— *Onde você está? Vou mandar o guincho*

para aí agora, eu vou te pegar. Está tudo bem com você? Se machucou?

Mordi o lábio para não desmanchar. Sério que ele nem questionou ou brigou comigo?

— *Analia?*

— Estou bem sim, só com o orgulho ferido e morrendo de vergonha de te pedir ajuda. Estou no semáforo entre a Avenida das Torres e a Treze de Junho.

— *Estou a caminho, coloque o triângulo para sinalizar para os outros carros.*

— Tudo bem, obrigada. — Ele não precisava saber que nem extintor o carro tinha.

Mal tive tempo de olhar meu celular e reclamar sobre o quanto Heitor nem retornou à

ligação quando Bastien apareceu no carro da academia. Oh, droga, tirei-o do seu trabalho, parabéns para mim.

Sua roupa expondo seus músculos me deixaram momentaneamente atordoada. Ele era lindo, como não reparei nisso no hospital?

Ah, sim, eu estava cega pela paixão de Heitor e agora, conseguia enxergar novamente... bem até demais.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Analia

— Me desculpe, Bastien, eu não queria...

— Tentou ligar para Heitor? — ele questionou parecendo irritado. — Fui sua última opção? Pelo menos eu tenho hombridade e vim.

Dei um passo para trás chateada, achei que tinha ganhado na loteria, mas recebi apenas pedras arremessadas de prêmio.

— Você não precisava se incomodar se minha situação te incomoda. Pensei que éramos amigos, então... — Ele parecia controlar a

respiração e eu, estava pronta para chorar. Balancei a mão, dei as costas para ele se segui pela calçada.

Que se foda.

— Droga, Analia, desculpa! — Acenei para trás, para que me esquecesse e o senti se aproximar.

— Eu me viro, sempre me virei — respondi fungando.

— Só estou irritado, tudo bem? Não sou perfeito. — Ele foi para a minha frente, segurou meus ombros e parei de andar olhando para seus pés. — Desculpa, tudo bem? Vamos lá, vou te levar no trabalho, o guincho chegou.

— Esqueça, Bastien, não tenho como pagar. — Olhei para seu rosto e o vi preocupado.

Deixei a vergonha de lado e só desabafei, como fiz no hospital. — Sim, eu liguei para Heitor, mas foi sem querer. Ele recusar minha chamada doeu mais do que se apenas não tivesse ligado. Estamos há mais de oito anos juntos, hábitos são difíceis de abandonar.

Ele engoliu em seco, me virou e abraçou meu ombro para andarmos juntos até seu carro.

— Sou seu amigo, eu vou te ajudar.

— Não quero caridade, por mais que esteja precisando nesse momento. Uma carona para o trabalho é mais do que o suficiente, o resto eu dou um jeito.

— Preciso de ajuda jurídica lá na academia. Você me ajuda, eu te ajudo, o que acha?

— Ele abriu a porta do passageiro e sentei no banco.

Tudo bem, era menos pior trocar meu trabalho pelo seu gasto comigo.

— O que farei para você não pagará nem o guincho até a oficina.

— Tenho certeza que o custo da hora de um advogado vale muito mais que o quilometro rodado do guincho — falou dando partida no carro e guiando.

Era momento de revelar uma das verdades que omiti.

— Não sou advogada, sou estagiária.

— Como é que é? — Olhou para mim e depois para frente. — Você disse que é formada em

direito. Estava mentindo? E o trabalho que fiz?

Fechei os olhos, respirei fundo e continuei:

— Trabalho há muito tempo no escritório e continuo com o mesmo cargo desde que entrei, enquanto estava na faculdade, porque não tenho dinheiro para pegar minha habilitação para advogar. Sei tanto quanto os advogados que estão lá, mas não recebo igual a eles. Ou seja, minha hora é barata.

— E o que seus chefes estão fazendo para que você consiga isso? Bando de cuzão, se fosse para Joana ou outro instrutor, eu pagava.

— Não sou exemplo de boa funcionária também, Bastien. Eu falto, não consigo me vestir bem...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como que eles querem que você se vista? Posso não ser advogado trabalhista, mas sei muito bem que exigir vestuário é abusivo.

— Acho que essa é a primeira vez no ano que uso essa roupa — falei envergonhada e paramos em frente ao meu local de trabalho, algo que nunca disse a ele. — Como você sabia que trabalhava aqui?

Ele olhou para a placa indicando Mendes Advogados e soltou o ar com força.

— Um dos seus e-mails tinha na assinatura essa informação. Vamos lá, vou entrar com você.

— Você não precisa escutar minha chefe me dando sermão, Bastien. Por favor! — implorei, mas ele tinha saído do carro e abriu a minha porta.

PERIGOSAS ACHERON

— Deixa para lá...

— Sou uma pessoa em busca de assessoria jurídica. Como você não poderá assinar os documentos, preciso que alguém o faça e me dê respaldo, então, irei falar com sua chefe. Tudo bem com isso? — Olhou-me imponente, como se fosse a solução de todos os problemas.

O que ele pretendia com isso?

Bem, pelo menos, minha chefe iria ficar menos furiosa que o normal, já que um cliente era sempre bem-vindo.

Assim que entramos na recepção, a secretária, que sempre me olhou de cima, fingiu que nem me viu e sorriu para Bastien.

— Olá, senhor, em que posso ajudá-lo?

— Estou com Doutora Analia, ela vai me encaminhar, obrigado — respondeu enchendo a minha bola, o que me fazia ter vontade de beijá-lo.

— Ela é a estagiária, mas vou chamar a Doutora Mendes para te atender. — Não iria levar essa como sempre fazia, Bastien conheceria minha força.

— Não se preocupa, eu encaminho o cliente enquanto você foca na recepção. — O telefone tocou e apontei para ele empinando o meu nariz para ela.

Entrei para a parte dos corredores e olhei para trás, apenas para me sentir bem ao ver o sorriso dele para mim. Piscou um olho, tropecei e Bastien segurou na minha cintura antes que caísse

no chão.

— Bastien? — a voz da minha chefe me fez afastar e olhar de um para o outro. Meu amigo estava com a feição confusa e demorou segundos para que ele vestisse uma máscara falsa e me puxasse pela cintura para o seu lado.

— Oi Gabrielle Mendes. Há quanto tempo. — Ela olhou para nossa aproximação, inclinou a cabeça para o lado e fez bico.

— Eu prefiro que meus funcionários não tragam assuntos particulares para dentro do escritório — ela falou e me olhou chateada.

— Estou aqui, porque Analia foi muito bem recomendada por Heitor, seu cunhado. — Congelei ao saber dessa informação e como Bastien

sabia disso.

— Ah, ótimo. Vamos para a sala de reunião, Analia, traga a pasta com nossos planos e protocolos.

Precisei que Bastien apertasse minha cintura para que recobrasse a razão e fosse atrás do que ela pediu. Um aperto no peito me dominou e só tinha uma frase repetindo na minha mente e não era a mesma que foquei no final de semana, mas sim, uma da minha mãe, que ela tanto falava sobre o meu pai.

Todos os homens são iguais. Mentem, manipulam e te largam na rua da amargura.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Bastien

Meu lado menino, aquele que foi rechaçado pela garota por quem era apaixonado, estava sobre a superfície. Iria transformar Analia em minha namorada ou noiva, se fosse o caso, apenas para mostrar a essa mulher, que continuava linda, que seu estrago quando adolescente não me trouxe sequelas.

O lado adulto, que estava enclausurado na minha cabeça junto com a razão, estava envergonhado dos meus atos, mas foda-se, todas

essas mulheres iriam pagar.

Analia estava me usando, eu faria o mesmo com ela e seria superior, conseguiria que ela mudasse de cargo no final dessa reunião, coisa que seu amante idiota nunca se dispôs a fazer.

— Vejo que você continua o mesmo, gosta de exercícios, luta... — Ela sentou em uma cadeira e sentei a sua frente, exibindo meus bíceps.

— Estou muito diferente, foram mais de vinte centímetro de braço que cresci — falei me achando o máximo e ela parecia querer controlar o riso. O que tinha de engraçado no meu sofrimento, porra?

— Tem contato com alguém da época do colégio? Eu acabei me afastando de todo mundo

quando comecei a namorar Diego. Ele era um babaca — falou fazendo uma careta.

— Ah, o cara por quem você me trocou? — questionei irônico e Analia entrou na sala com várias pastas nos braços, tirando meu foco de querer me vingar do passado, para fazer no presente.

— Obrigada. Deixei dois processos em cima da sua mesa, preciso deles digitalizados ainda essa manhã.

— Tudo bem — respondeu baixo e sem me olhar, ela também parecia chateada, o que não cabia, porque eu tinha a salvado hoje.

— Analia não vai participar? — Estava indignado.

— Tudo se resolve comigo nesse escritório, Bastien. Ela precisa me ajudar com outras coisas — falou dispensando a mulher, trazendo assim o homem adulto de volta ao seu lugar.

Que papelão! Precisava voltar ao rumo certo dessa conversa.

— Preciso de assessoria trabalhista...

— Bastien, eu era imatura — Gabrielle me interrompeu estendendo sua mão até chegar na minha. Segurei a respiração, não estava entendendo o que ela queria dizer. — Confesso que nunca pensei no nosso relacionamento até agora, você me confrontando isso. Olhando para aquela época, eu não tinha noção do que era um compromisso. Você

acha, como você poderia gostar de uma menina que não te assumia para os próprios pais?

— Acho melhor focarmos aqui. — Peguei uma pasta, apontei e ela suspirou resignada.

— Bem, agora você vai ter que me escutar, porque preciso tirar isso do meu caminho com você, como cliente. — Sorriu misteriosa. — Fui imatura e não valorizei seu sentimento. Fiquei com você por conta da pressão de uma amiga, que já tinha beijado na boca e eu também precisava, coisa de criança. — Ela voltou com suas mãos para perto de si. — Eu sempre gostei de Diego e talvez, o melhor que eu poderia fazer, era ter ficado com você. Foram os piores dias da minha vida.

— Como assim? — Estava interessado na

sua história, porque agora, tudo parecia mais claro.

— Ele me forçou a fazer tanta coisa na época, precisei de terapia por um tempo e hoje estou muito bem casada com Douglas e dedicada a esse escritório. — Ajeitou-se na cadeira, para mostrar sua imponência. — Sinto que brinquei com seus sentimentos na época do colégio, mas não tinha consciência do que fiz até te ver hoje. Talvez seja a vida me dando um tapa na cara, rejeitei você e agora está assim e ficando com minha estagiária. Eu mereço e fico feliz, mais um processo do meu passado com solução.

Esfreguei meu rosto com as mãos e tentei não me deixar contagiar com sentimentos antigos. Não gostava mais dessa mulher, a verdade era que

não tinha ninguém comigo. Ficar com a estagiária era a maior mentira de todas e para ter meu orgulho mantido, acenei afirmativo.

— Analia é muito especial — falei sem perceber que não era da boca para fora.

— Sim, ela é muito esforçada, mas se vale um conselho de quem está com ela há muito tempo, precisa trabalhar na autoestima. Ela se sabota muito e eu não dou mole para seu complexo de Hiena Hardy.

Rimos juntos, porque havia usado esse mesmo exemplo com Analia há alguns dias. Bateram na porta, a garota de quem falávamos entrou com mais uma pasta pedindo desculpas.

— Tinha faltado essa, das propostas,

desculpa.

— Obrigada. — Gabrielle agradeceu e ficou me encarando enquanto eu olhava Analia sair. — Você é um mentiroso, Bastien. Está enrolando a moça desde quando?

— O quê? — Olhei para ela preocupada.

— Reconheço mentiras de longe e estar com minha estagiária é uma delas. Vamos, me conte, o que está acontecendo?

— Te garanto, você não vai querer saber o tamanho do problema que estou. — Preferi revelar ao invés de prolongar a discussão. Não era apenas eu me interessando por Analia, mas seu amante e seu cunhado. Voltei a apontar para os documentos. — Vamos resolver logo tudo isso? Eu preciso

voltar para a academia.

— Pode contar comigo — falou em tom de paquera e aproveitei o momento para fechar com chave de ouro minha vingança.

— Espero contar com a qualidade da sua assessoria, com certeza.

— Está se vingando — falou divertida.

— Pelo visto, não estou conseguindo, você não está afetada.

— Já sofri demais, alguém com ego ferido tentando me acertar não é páreo.

— Então vamos para o Crossfit, talvez eu consiga curtir você sofrer enquanto não consegue fazer a décima flexão.

— Precisa que eu chore e peça seu perdão?

Academia não é comigo, você venceu. — Ela pegou a pasta, abriu e mostrou uma planilha para mim. — Vamos ao que interessa, esses são os serviços que prestamos no escritório e o tempo de serviço dedicado...

Não imaginava que um dia conseguiria reverter algo do meu passado, ainda mais esse mal-entendido. Imaturidade, isso com certeza era algo que nós dois tínhamos, mas ouvir da sua boca, me sentir confortável conversando com a mulher, me fez sentir... melhor.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Bastien

Assim que terminei a minha monitoria com os alunos da aula de exercícios funcionais, peguei o carro da academia e fui até Analia. Percebi que precisava tomar um banho quando parei o carro na frente do escritório e me olhei no espelho. O suor brilhava na minha testa, que mancada.

Ela não respondeu nenhuma das minhas mensagens do dia e precisei falar com Gabrielle novamente, para segurar sua estagiária até que eu a

pegasse.

Depois que fechamos o contrato de assessoria jurídica, conversamos sobre Analia e seu cargo. Ela comentou que achou estranha minha afirmação de ter Heitor indicando-a, uma vez dele ser o primeiro a exigir do seu marido, irmão dele, Douglas, a sua dispensa por ser muito acomodada.

Ah, se ela soubesse que esse filho da puta só queria que sua amante se distanciasse dos seus familiares.

Deixei de lado a parte em que Heitor era amigo da minha família, até porque, ele não trazia o irmão mais novo para a conversa, inclusive, achei que era filho único.

Saí do carro e entrei na recepção dando de

cara, novamente, com a garota que parecia ter inveja de Analia. Senti-me orgulhoso ao vê-la enfrentar com classe a recepcionista, por isso, cruzei meus braços apenas para mostrar mais ainda meus músculos.

— Estou esperando Analia.

— Acho que ela já foi — falou me devorando com os olhos.

— Pode chamar Gabrielle, Doutora Mendes? Elas estão juntas.

Com a decência de ficar envergonhada, a mulher chamou Analia e ela veio até a recepção ofegante e parecendo indignada.

— Oi, vim te levar para casa.

— Tenho muito trabalho a fazer — falou

tentando me dispensar, sentei no sofá da recepção e apoiei meus braços no encosto.

— Eu espero.

— Vá embora, Analia. Amanhã continuamos — Gabrielle saiu junto de um homem e ambos apenas acenaram para mim em despedida. Meu assunto com ela tinha sido encerrado, agora eu tinha o presente para acertar.

— Eu...

— Fica à vontade, estou te esperando — falei em tom ameno, ela pareceu se irritar mais e voltou para dentro.

— Ela é de lua — a recepcionista murmurou e bati o pé no ritmo da música que me veio à cabeça.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Quando a noite ela surgia, meu bem você cresceu, meu namoro é na folhinha, mulher de fases.* — Analia apareceu e eu levantei ignorando a invejosa.

— Estava cantando? — perguntou olhando de mim para a recepcionista.

— Não é uma das minhas especialidades — falei divertido, abri a porta do carro e sentei no banco do motorista. — Como foi o dia de hoje?

— Como você sabe que Heitor é cunhado da minha chefe? Por que mentiu para mim?

— Oh, sim esse detalhe... — resmunguei enquanto guiava o carro. Precisava pensar no que responder, porque a verdade nua a crua poderia me tornar pior do que ela sendo uma mulher traidora.

PERIGOSAS ACHERON

A realidade era que estava chegando no mesmo patamar que ela e isso me incomodava.

— Antes de mais nada, eu estava omitindo a informação.

— Omitir e mentir, dois lados de uma mesma moeda. O que quer? Heitor quer se livrar de mim? Que se foda ele!

— Ele frequenta a academia — falei tentando dar o máximo de voltas no assunto.

— Sim, esse é o motivo para eu fazer o mesmo. — Não sabia explicar, mas essa verdade me incomodou.

— E o foda-se Heitor?

— Isso é hoje, ontem eu ainda pensava nele... — Fez um barulho com a boca e suas

palavras, mais uma vez, me machucaram. — Ontem o *escambau*, vai fazer quinze dias que ele nem envia uma mensagem para mim. Ele quer me calar, beleza, mas não terá mais nada meu.

— E se ele te ligar hoje? Essa é a raiva falando por você.

— Sinto em mim, ele não vai ligar e por um lado agradeço, preciso aprender a viver minha vida sozinha. — Olhou para o celular. — Sei que não sou exemplo de pessoa a seguir, mas você é meu único amigo. Por favor, não minta para mim — encaramo-nos —, não omita mais nada.

— Você quer com ou sem vaselina? — questionei divertido, mudei a direção e segui para o meu aparamento. Se era para colocar todas as cartas

na mesa, que fosse no meu território.

— Apesar de ser uma pergunta de duplo sentido, vou responder, vai no seco mesmo, preciso ganhar força e acho que só apanhando vou conseguir.

— Não quero te bater, Analia.

— Já o fez quando não me contou que conhecia Heitor. Está se aproximando de mim e fazendo tudo isso por quê? Proteger seu amigo? E eu pedindo para você ser meu amigo, isso nunca vai dar certo. Não tenho intenção de revelar a minha vergonha de ser amante para a família dele.

— Primeiro, não sou amigo do seu amante, segundo, só soube que o Heitor que conheço é o mesmo que você fala, porque existe uma foto na

sua carteira com os dois — falei com raiva e pelo visto, ela estava também.

— E fica dando de bonzinho para cima de mim, para mostrar o quanto sou podre? Olha a novidade, eu já sei do meu pouco potencial!

— Vamos voltar para você sendo a coitada? — falei alto, estava me aproximando da academia e deveria deixar o carro lá antes de ir para casa. — Pare de uma vez com isso. A vida é foda? Sim, mas adivinhe, é para todo mundo!

— Vai te catar, não sou obrigada a ser o que você quer. Não gosta do meu jeito, me largue no meio da rua!

— Sua referência de homem está errada, Analia. Heitor é um bosta, eu tenho caráter!

Parei o carro, olhei para a porta da academia e vi o homem pelo qual estávamos brigando. Pelo visto ela também viu, porque não me rebateu. Para confirmar a podridão do seu amante, ele estava saindo conversando com uma mulher e quando pararam em frente ao seu carro, ele a beijou como se fosse um adolescente desesperado.

Acho que escutei um coração despedaçar no mesmo momento que que quis dizer, para a mulher que estava começando a me interessar, que isso é o que a mulher oficial sente ao ter seu homem nos braços de outra.

Para quê colocar mais um prego no seu caixão? Era momento de lixar as unhas e cavar o

buraco de volta para a superfície.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Bastien

Estava arrasado, via seu sofrimento enquanto caminhávamos da academia até meu apartamento depois que Heitor se foi. O babaca não tinha apenas uma amante, mas várias. Ele não ia parar, estava estragado como companheiro.

Sem nos tocar, entramos no meu prédio pela portaria, entramos no elevador e seguimos para meu andar. Estava com raiva, mas também tinha empatia por se sentir traída. Ela era quem causava o sofrimento, agora estava sentindo na pele

e tinha certeza que não era tão bom.

Talvez fosse porque tinha resolvido um problema do passado, vi tudo isso sem me sentir um igual. Fui traído? Não, éramos apenas crianças que nem sabiam o verdadeiro significado do amor.

— Fique à vontade, vou trazer água para você — falei assim que abri a porta.

— Quero conversar, Bastien. Não aguento mais esse silêncio — rebateu com voz chorosa, passou a mão no nariz e apontei para o sofá.

— Heitor é esposo de uma amiga de colégio da minha mãe. Então, o conheço desde sempre, apesar de nunca ter ido com a cara dele. — Sentei ao seu lado com o braço no encosto do sofá e a perna dobrada em cima do assento.

— Quantos anos você tem? — Ela abraçava a bolsa como se fosse sua salvação.

— Vinte e oito.

— Meu Deus, Heitor tem muito mais do que quarenta anos.

— Sim, Analia. Ele tem quase cinquenta e você...

— Vinte e cinco — sussurrou enxugando as lágrimas dos olhos. — Você soube de mim desde quando?

— Um tempo atrás, quando meu primo escutou minha mãe conversando com uma tia minha. Mas não sabia que era você, Debora estava suspeitando de traição do marido.

— Será que ele me traía há muito tempo?

— Apertou a mão no peito. — Sei que não tenho direito de sentir isso, mas dói, meu Deus, como dói.

Não estava em meu melhor momento, o corpo tinha o suor de um dia de trabalho e a mente o peso de um segredo obscuro de outra família, outras pessoas.

Aproximei e a trouxe para os meus braços, que veio de bom grado, inclusive se permitiu chorar ainda mais. Quem diria que me encontraria nessa situação, consolando a amante de um cara que não gostava?

— Me sinto tão suja...

— Ainda bem que você não inspirou meu cheiro então, se sentiria melhor. — Tentei amenizar com uma piada e esfreguei suas costas. — Quando

você passou mal na minha academia, fui para o hospital e abri sua carteira para dar seus documentos para a internação, eu estava em choque. Como que o mundo poderia ser tão pequeno?

— Só me inscrevi na sua academia por causa dele. Vi-o poucas vezes, mas me escondia, porque ele sempre foi o dono da situação, só nos encontrávamos quando ele queria.

— Você se colocou em várias dívidas por conta desse amor, já parou para pensar?

— Sim, eu me anulei na esperança que um dia ele me aceitaria como sua mulher oficial.

Abracei-a forte, as batidas do meu coração começaram a mudar algo dentro de mim, a empatia

estava me tomando como nunca me permiti.

— Já pensou que, você tomando o lugar da oficial, seria ela a sofrer? Que a busca da sua felicidade seria às custas da infelicidade de alguém?

Novamente ela chorou, se desmanchou nos meus braços e nem percebi que estava me conectando. Não precisava dessa complicação na minha vida, mas foi inevitável, presenciei sua queda e tudo o que queria era levantá-la.

Ah, como seria ótimo se um dia ela pudesse desfilar com um homem melhor que esse idiota foi para ela.

Quando seu choro foi se acalmando, continuei com o carinho e ela, se aninhava ainda

mais em mim.

— Você precisa conhecer outras pessoas — disse.

— Sim. — Fungou.

— Heitor não é homem para você.

— Como eu poderia saber, se a única referência masculina que tive na minha vida foi ele? — Ela se afastou e me olhou nos olhos. — Pensando agora, no passado, talvez eu vi nele um pai que nunca tive. De uma forma distorcida, coloquei na figura dele o peso de duas pessoas, pai e homem. Era óbvio que estava fadado ao fracasso, só eu não enxergava.

Segurei seu rosto e limpei algumas lágrimas com o polegar. Caramba, essa mulher era

linda, como poderia ser tão rejeitada?

— O que viu em mim que resolveu contar sua vida lá no hospital? — *Seria tão mais fácil se eu não soubesse seu lado da história,* quis complementar.

— Pode ter sido o efeito dos remédios ou da exaustão. Vejo todos ao meu redor crescer e eu, afundar. Estou cansada demais, me agarrei a única oportunidade que tive. Você, naquele momento, parecia ser um anjo.

— Estou longe dessa santidade.

— Mas no seu coração tem bondade, foi isso que me atraiu. — Ela apontou para o meu coração.

— Por que escolheu sofrer, Analia?

— Não conheço outra coisa que não seja isso, Bastien. Estou repetindo os passos da minha mãe, mas quero mudar, eu PRECISO mudar.

Sua determinação foi meu incentivo para avançar, olhar seus lábios e os conectar com os meus. Não pensei nas consequências dos meus atos, até porque, uma explosão no meu corpo aconteceu assim que senti a textura da sua língua.

Ela gemeu, senti mais uma lágrima escorrer e a puxei para o meu colo. Ela largou a bolsa no chão, sentou escarranchada em mim e me abraçou com força enquanto explorava minha boca como se fosse seu primeiro beijo.

Se parasse para pensar, eu era o seu primeiro, um homem de verdade, que não a

ludibriou com mentiras e sonhos vis.

Minhas mãos estavam desesperadas, apertava suas costas, seus ombros, sua bunda e me afundava no que era a inocência dessa mulher. Ela não sabia, mas havia mais inexperiência dentro de si do que imaginava.

Deixei que minha mão escorregasse para as suas pernas, apertasse e me deixasse duro por completo.

Iria transar com a amante de Heitor?

Quando ela se afastou, ofegante e cheia de desejo brilhando nos seus olhos, percebi que não, não iria transar com a amante, mas Analia, a mulher que merecia viver a sua vida.

— Posso continuar? — perguntei com

rouquidão.

Ela, para me responder, desabotoou sua camiseta e ficou apenas de sutiã para mim.

— Por favor, Bastien — pediu com sensualidade e esse foi o meu pulo para o precipício da paixão.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Analia

Senti o sangue correndo nas minhas veias, meu coração bater e a vida pulsar dentro de mim. Era isso que estava me privando há tanto tempo? Estar com outro homem proporcionava tal sensação?

Era de Bastien que estávamos falando, um homem que se controlava para não ser sincero demais, mas que não economizava nas lições de moral. Percebi, desde o início, que ele me julgava por ser amante, mas que tentava, constantemente,

me tratar dignamente como qualquer outra pessoa.

Eu não merecia tanta empatia. Podre e destruidora de lares, precisava me manter o mais longe possível das pessoas, porque eu as estragava. Minha visão deturpada do amor estava me fazendo mal.

Mas agora, entre os beijos e carícias desse homem que fez mais por mim do que qualquer outra pessoa, do que até minha mãe, só queria esquecer meus erros e me permitir sentir.

A racionalidade não estava convidada para esse momento, nem a culpa, apenas meu coração e o tesão.

Entrei em transe, tirei meu sutiã e me permiti sonhar com um futuro onde eu poderia ser

feliz. Meu quadril fazia movimento circulares, sua calça fina era ótima para que sentisse toda a sua espessura e dureza.

Comecei a sentir algo diferente, apertei seus lábios contra os meus com força e me esfreguei mais, porque dentro de mim queria explodir.

— Isso, mais rápido, pode vir... — Bastien sussurrou e chupou meu pescoço, estava ávida para alcançar o fim dessa sensação diferente.

Fui afastada, ele tomou um seio na boca e chupou com força. Minha visão ficou turva, meu corpo endureceu e meu quadril se mexeu com precisão. Ele parecia ter vida própria, porque só parou quando meu sexo começou a latejar e eu,

precisava de um fôlego para respirar.

O que tinha acabado de acontecer?

— Vou te fazer gozar mais uma vez comigo dentro de você — ele falou e me deitou no sofá.

Como assim?

No momento que as sensações tomavam conta do que o cérebro deveria raciocinar, apenas tirei minha calça, a calcinha e o vi se levantar para tirar toda a roupa.

— Por que foi desse jeito? — questionei atordoada enquanto o via procurar algo no chão.

— Como assim? Você gozou, Analia, não foi?

— Não... quero dizer... não é dessa forma.

— Ele colocou a camisinha, se posicionou em cima de mim e me encarou orgulhoso.

— Você pode considerar nossa primeira vez como sendo o dia que você descobriu como é transar de verdade. — Ele começou a entrar e sair de mim, sentia a umidade escorrer entre minhas pernas. — Você está molhadinha...

— Vai fazer de novo? — Inclinei meu quadril para frente, permitindo que ele entrasse por completo em mim.

— Pode apostar que sim, meu doce.

Sua boca buscou a minha, minhas pernas envolveram sua cintura e ele investiu em mim com velocidade e ritmo. Estava fraca, mas muito disposta a sentir novamente o que ele tinha me

proporcionado.

Um orgasmo.

Ele saiu de mim, me virou de bruços e me preencheu, seu corpo em cima do meu era uma sensação maravilhosa de dominância.

Sentia meu sexo se esfregar no sofá, ele me trouxe para ficar de joelhos e foi metendo devagar, apertando meus seios e alisando meu corpo.

Estava me sentindo plena e desejada, sexo era muito menos para mim do que isso.

Fui colocada de quatro, levei um tapa na bunda e gostei como nunca imaginei. Gemia necessitada, eu queria mais, queria tudo de Bastien.

Por último, ele nos levantou, me

pressionou contra a parede, levantou uma perna e me penetrou, dessa vez, foi muito mais do que apenas o meu sexo, parecia ter invadido minha alma. Colocou meus braços para cima, juntou nossos narizes e ofegou a cada investida, trocando sensações que arriscava dizer que até ele não conhecia.

Apertei minha perna nele, que começou a se esfregar em mim mais que entrar e sair, fechei os olhos para encontrar, novamente, meu clímax, mas ele não me permitiu.

— Quero seus olhos em mim — exigiu.

— Não consigo...

— Vamos gozar juntos e você vai encarar aquele que te proporcionou prazer. — Meteu forte e

arfei. — Está pronta?

— Mais ainda? — Forcei meu quadril a se esfregar com ele e o gemido, quase sofrido, anunciou que tinha chegado lá e Bastien me acompanhou, metendo rápido, gemendo e extravasando tudo o que queria.

Não conhecia o que era o ápice do prazer e tive a oportunidade de sentir duas vezes numa mesma noite. Ele encerrou nosso ato com um beijo suave na minha boca, depois no meu ombro, o que me confundiu.

Toda a neblina da razão parecia se dissipar e controlei a necessidade de chorar, por ter me permitido sentir.

— Merda! — Bastien resmungou quando

saiu de mim. — A camisinha furou.

— Sou estéril e além do mais, os exames que fizeram no hospital foram mais do que suficientes para saber que mesmo meu descuido com Heitor, estou saudável.

E o balde de água fria foi jogado em nós dois, ele cambaleou para trás e eu me permiti escorregar pela parede até o chão e finalmente lamentar meus atos. Foi perfeito e seria a única vez.

Nunca seria digna de ninguém e Bastien era muito especial para se vincular a mim. Ele teria um local permanente no meu coração, isso era fato. Mais do que todos, me mostrou a verdade e não poderia privá-lo de ter alguém melhor do que eu.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Bastien

— Eu vou me limpar, o banheiro fica ali — falei apontando para a primeira porta do corredor. Ela parecia atordoada e não poderia mais me aproximar para consolar, porque senão, me perderia por completo.

Segui para o meu quarto, onde estava meu banheiro e tentei não me perturbar ao pensar que usei a mesma boceta que Heitor usou. Aquele pau podre não poderia me contaminar, pelo amor de Deus.

Assim que a água fria caiu na minha cabeça e corpo, percebi o quanto estava sendo idiota. Um agradecimento pelo filtro mental, porque condenar eternamente uma pessoa porque se relacionou com outra era errado em tantos níveis.

Lembrei de Laís e Guido, a luta para que meu primo pudesse aceitar o jeito esbanjador de sua noiva e percebi que o amor não tem preconceito ou vê o passado, mas as atitudes do presente. Desde quando estou conversando com Analia, ela parecia querer lutar com sua situação de amante.

Estava disposto a namorar alguém que foi amante de outro? O que minha família diria?

— Puta que pariu! — resmunguei

começando a me ensaboar.

Se meu futuro era incerto, o de Analia era mais ainda. Nada de bom viria do nosso relacionamento, precisávamos parar de plantar a semente no solo que não era fértil.

Ela merecia uma segunda chance na vida, mas longe de tudo que se relacionava com seu passado sendo amante.

Terminei o banho, voltei para a sala e lá estava ela, toda vestida, sentada no sofá e olhando para o nada.

— Analia? — chamei e ela se levantou com rapidez, quase assustada.

— Eu... você me leva em casa? Sobre o carro...

— Não se preocupe, eu vou cuidar de tudo. — Fui até a cozinha tomar água e ela não me acompanhou. Levei um copo para ela, que recusou.

— Você não pode fazer tudo isso para mim, Bastien. Não tenho como retribuir. — Estava atordoada e a encarei seus olhos, para entender o que estava se passando na sua mente. — Estou confusa, assustada, com medo... não me cobre nada e não me dê nada, só me leve em casa, por favor!

Respirei fundo para não a abraçar. Por mais que queria me afastar dela, tê-la dizendo isso, nos distanciando, me colocava em outra posição, do rejeitado. Era a melhor opção, nos afastar seria a solução para nossas confusões, mas eu falando teria outra consequência do que ela.

E isso mudou o que estava sentindo, por isso perguntei:

— E se eu disser que gosto de você?

— Não deve. — Apertou os lábios, estava controlando para não chorar.

— Para você, o que fizemos aqui pode ter sido uma experiência, para mim, tem muito mais do que isso.

— Foi surreal, Bastien. Você é perfeito, deveria ter te conhecido antes de qualquer outro, talvez eu não fizesse tantas burradas na minha vida, mas não sou para você. Vai me matar saber que posso te afastar da sua família, ainda mais se eles souberem que fui amante do amigo deles. — Ela abraçou o próprio corpo. — Será constrangedor

para mim e para você, não posso...

— Quando contou para mim, não parecia constrangida. — Estava ficando chateado. Porra, até aquela que não se sentia digna estava me descartando? — Você foi amante, assuma seus atos e bola para frente! Você é forte, só não quer lutar por nós.

— Queria me ver como você o faz, juro para você, mas estou tão... — Deu passos para trás, olhou ao redor e pegou sua bolsa. — Me dê um tempo, vamos continuar sendo amigos para que eu possa te pagar o que devo e...

— E o quê? Vai embora, continuar sendo a segunda onde você pode ser a primeira comigo? — falei sem pensar, ela arregalou os olhos e fui até ela

segurar seus braços com firmeza, mas sem machucá-la. — E se eu disser que quero estar com você? Que quero aprender a confiar, que você merece mais do que eu, mas no momento, terá que me aceitar assim?

— Você não se importa com meu passado?

— E você, se importa com o meu? Enquanto teve apenas um homem comprometido na sua vida, eu tive muitas mulheres, que não sabia exatamente qual o estado civil delas. Qual o peso disso tudo?

— Parece simples quando você fala, mas não é!

— Pare de criar complicações. — Chacoalhei-a um pouco. — Nós tivemos uma

conexão aqui, não descarte como lixo.

— Desculpe se não consigo demonstrar, mas saiba que esse momento foi único. Você é especial, Bastien.

— E você é doce, Analia. Não se deixe azedar por coisas que não pode mudar, como o passado.

Ela me beijou, abraçou meu pescoço e se entregou para o momento. Com o alívio veio o medo das consequências, então, quando ela falou por fim, dessa vez, eu só aceitei:

— Você é o melhor, Bastien, por isso, vai me levar para casa e me deixar pensar. Acima de tudo, você é meu único amigo, isso eu não quero perder nunca.

— E como seu amigo, vai me deixar arrumar seu carro e pensará no pagamento com prestação de serviço. Tudo bem? — Afastei para olhar em seus olhos. Ela acenou forçando um sorriso. — Vamos lá. — Abracei sua cintura, suspirei e peguei a chave de casa e do carro.

O melhor que eu poderia fazer era nos dar um pouco de tempo e espaço para pensar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Analia

Precisava parar de mentir, inclusive para mim. Quando acordei, achava que Bastien viria me buscar e levar até meu serviço, como fez no dia anterior. Nunca esperei nada das pessoas, ainda mais por me sentir sugada ao sempre dar, mas com ele foi fácil me acostumar com o lado bom, que alguém estava disponível para me dar algo.

Olhei meu celular assim que acordei e lá estava uma mensagem dele.

Bastien>> Joana, minha secretária,

mora perto de você e lhe dará carona para ir e voltar do serviço enquanto seu carro fica pronto.

Nem um bom dia? Estava tentada a dispensar, meu orgulho ferido já estava tão maltratado, por que pisar nele?

Analia>> Bom dia, Bastien. Não posso retribuir nem metade do que fez por mim e agora está colocando outra pessoa para me ajudar?

Bastien>> Estou sendo um babaca logo cedo, não é mesmo? Me desculpe, quando não durmo bem eu fico com um humor péssimo. Bom dia, Analia, como você está? Como dormiu? Sobre a ajuda de Joana, o carro é da empresa e o favor é para mim e não para você,

sua dívida será toda comigo.

Será que ele não dormiu bem pensando em mim, em se livrar de mim?

Analia>> Tudo bem, obrigada. Já vou me aprontar.

Queria dizer tanto, que ele me encurralou, que cada vez mais sentia que não era digna de tanta atenção e ajuda, mas aceitei o que ele queria me dar, porque essa tortura era uma forma de punição para mim também.

Quando ele cobrasse o que eu não tinha para dar, seria uma ótima forma de ser rejeitada e claro, aumentar minha culpa.

Minha mãe ainda dormia, procurei algo para levar de almoço e não achei nada além de um

pacote de bolacha água e sal. Saí sem tomar café da manhã e com o estômago roncando, torceria para que minha chefe trouxesse algo para lanchar, senão teria que fazer janta quando chegasse em casa.

— Olá — cumprimentei a mulher que estava dentro de um carro com adesivos da academia de Bastien. — Você deve ser Joana. — Abri a porta do passageiro e ela estendeu a mão para mim.

— Sim, você é Analia, tudo bem? — Cumprimentei-a e abracei minha bolsa, com medo do quanto que ele contou para sua funcionária.

Ela deu partida, seguiu o caminho até o escritório de advocacia e me deixou, sem trocarmos nenhuma palavra. Tenso não descrevia meu

sentimento, ainda mais quando meu dia foi cheio de cobranças de atividades que ficaram sem fazer no dia anterior.

Quando meu horário de serviço terminou, olhei para minha carteira e constatei o que já sabia, não tinha dinheiro e precisava jogar fora aquela foto que significava meu fracasso. Com raiva, piquei o papel e pensei em como conseguia me manter sem dinheiro por tanto tempo. Era uma arte de anos de treinamento, desde que comecei a estagiar e minha mãe me obrigou a pagar todas as contas da casa.

— Está tudo bem, Analia? — Doutora Mendes perguntou aparecendo na porta, minha sala ficava ao lado da sua.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, apenas pensando no processo.

— Esqueça ele por um dia, é o que faço e sempre surge a solução. Tem que aprender a seguir sua intuição. — Acenou em despedida, seu marido apareceu na porta também e seguiram para fora.

Olhei para o celular e não queria ter esperança sobre minha carona de volta. Sabia que Bastien falou ida e volta, mas ele poderia ser um pouco ruim e esquecer, apenas para ter algo com que comparar com Heitor, que nunca retornou minha ligação.

Lá estava a mensagem informando que Joana já estava me esperando e com pressa, para que ela não ficasse com tempo ocioso, entrei no carro como um furacão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oie! Como foi seu dia de trabalho? — Joana deu partida no carro e movimentou os ombros. — Céus, esse novo cargo está me matando.

— Cargo?

— Sim, Bastien me promoveu e estamos planejando a abertura de uma academia para o lado da cidade onde você mora.

— Achei que você também morasse desse lado — falei confusa e Joana riu.

— Ah, então Bastien falou que estava dando carona porque morava perto de você? Típico dele, querer dar além sem a pessoa perceber. — Ela parou o carro no semáforo e me encarou divertida. — É o homem com o maior coração que já conheci.

PERIGOSAS ACHERON

— Senti uma fisgada do ciúme. — Meu marido poderia aprender um pouco mais com meu chefe, mas o turrão prefere ser apenas assim comigo.

— Ah, você é casada... — falei aliviada e ela riu.

— Se o motivo de metade do mal humor dele hoje for você, está ótimo, ele precisava se acalmar mesmo. — Voltou a guiar o carro.

— Se acalmar? Como assim?

— E precisa explicar? Analia, o cara é lindo, sarado e bem-sucedido, quem que não iria querer ficar com ele? Chove mulher na academia por conta do dono.

E por que ficaria com a pobre coitada amante do amigo da família se poderia ter um

relacionamento descomplicado com alguma aluna? Nunca tinha pensando da forma que Joana pensava, meu mundo estava colorido demais, a realidade deu alguns tons de cinza e preto.

Fiquei em silêncio até chegar em casa e com uma mão no meu braço, ela se despediu:

— Esqueci de dizer uma última coisa, Bastien também é justo, por consequência, lhe torna fiel. Não se intimide com o jeitão dele de querer abraçar seu mundo como se fosse o dele, já tive a experiência e agradeço demais a prosperidade do meu lado profissional a ele. Se bobear, até a pessoal, porque mulher feliz, casa feliz, não concorda?

— Obrigada — respondi evasiva, saí do

carro com milhões de perguntas e um vazio do estômago. Pensar nesse homem era me permitir sonhar com um futuro, mas como poderia ir para frente se não encerrei minha vida com Heitor?

Essa constatação me deixou péssima, quando entrei em casa e vi minha mãe deitada assistindo televisão comendo um lanche que parecia estar saboroso, fiquei mais mal ainda. Não houve lanche da tarde, mas peguei algumas bolachas do cafezinho para os clientes no escritório.

— Estou morrendo de fome, mãe. Que bom que pediu lanche...

— E você acha que tenho dinheiro para comprar dois? Já avisei, a luz vai cortar e a culpa

será sua.

Deixei minha bolsa no quarto, fui para a cozinha e preparei um arroz com ovo antes de dormir. Tive que limpar o apartamento, depois tomei banho e dormi, me sentindo vazia por dentro, ansiando por um carinho que nunca tive dentro de casa.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Analia

O celular de Joana tocou quando ela estava me levando de volta para casa novamente na sexta-feira. Ela encostou o carro perto da sarjeta, colocou o aparelho no ouvido e me olhou divertida.

— Onde estou? Com sua mulher, olha o horário, chefe. — Engoli em seco, ela me tratava assim com ele ou o contrário? — Amanhã cedo eu resolvo, fica tranquilo. Hoje vou em uma sessão em grupo de *Constelação*. Beleza, tchau.

Queria perguntar sobre essa tal

Constelação, esclarecer que eu não era mulher de Bastien e pelo visto, tinha perdido a amizade também, já que nem mensagem trocávamos mais.

— Conhece *Constelação Familiar*?

— Nunca ouvi falar, o que é isso? — respondi prontamente e ela voltou a guiar o carro.

— É uma terapia criada por Bert Hellinger. Não sei as definições exatas, tenho medo de falar algo e ser minha visão ao invés do que realmente é. O que posso fazer é quebrar o galho dizendo o que ela faz para mim. Pode ser?

— Sim. É como terapia com psiquiatra? — Olhei-a preocupada, porque ela sempre parecia tão feliz e auto astral, não demonstrava ter problemas na vida.

— Vejo que é uma forma de olhar a vida. Assisti uma matéria em um programa de televisão e encontrei um instituto aqui na cidade. Na época, eu tinha acabado de entrar para o time de colaboradores do Bastien, ele era jovem e parecia tão inexperiente.

— Está com ele há muito tempo? Faz essa terapia há tanto tempo também?

— Sim. — Ela sorriu enquanto dirigia. — Curiosa, fui lá no instituto, que falaram que a primeira participação era de graça, o que me atraiu mais ainda. Se não prestasse, pelo menos não gastei nada. Sempre apreciei estudar, meu sonho era fazer medicina, mas só consegui passar para o vestibular de matemática. Me identifiquei, mas não estava

satisfeita, faltava algo.

— Nossa!

— Sim, nossa, se contar minha história com detalhes, você vai querer me dar colo. — Seu tom era brincadeira, mas me identifiquei, era como se ela tivesse algo em comum comigo. — Voltando a *Constelação*, fui assistir a tal terapia em grupo e choquei, tanto pelo impacto das palavras da terapeuta quanto o que mudou da minha vida, mesmo eu não sendo constelada. Comecei a frequentar, vi as coisas mudarem ao meu redor e sempre que posso, pelo menos uma vez por mês, eu vou.

— Assistir e ser constelada, é diferente?

— Sim. Você pode apenas ver o cliente ser

constelado ou ser essa pessoa. Lá é bem sigiloso, ninguém vai ficar falando ou te criticando, é uma grande família que te fará mudar se você estiver aberta.

— Mudar? Toma alguma coisa? — questionei interessada, mesmo que ela tivesse acabado de parar em frente ao meu prédio.

Céus, queria tanto uma mudança na minha vida, a mesma que estava em busca desde meu último encontro com Heitor.

— Vamos comigo? — Ela segurou na minha mão. — Sério, lá eles explicam mais do que eu. Indiquei até para uma amiga da Luana, esposa do Fred, primo do Bastien. Como ela é muito quietinha, não tive abertura para saber se está

dando resultando, mas quando vou, ela sempre está lá com a mãe. Você está aberta a novos conhecimentos e formas de enxergar a vida?

— Eu não tenho como pagar... — Estava pronta para fazer qualquer coisa para sair da minha inércia. O que senti ao estar com Bastien foi algo que queria sentir todos os dias. Mas se estava aceitando carona dele, mesmo pisando no meu orgulho, imagine iniciar um tratamento que sim, vai me custar o que não tinha.

— É de graça essa primeira vez. Se não te servir, pelo menos você não gastou dinheiro. Vamos, vai ser muito legal.

— Que horas? É hoje?

— Agora. — Virou o volante e voltou para

a rua. — Se me permite decidir, vamos juntas e te levo de volta para casa. Você não vai se arrepender.

Assim eu esperava, do fundo do meu coração.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Analia

Chegamos no tal Instituto, que era uma casa residencial comum. A sala tinha sido feita a recepção, deixamos nosso nome numa lista e fomos para os fundos, onde havia uma grande sala com cadeiras alinhadas ao redor das paredes e um grande tatame de EVA no centro. Três cadeiras a frente indicavam que os regentes da sessão ficariam ali e escolhemos nos sentar ao fundo, ou melhor, eu escolhi pegando na mão de Joana, que parecia querer ir o mais próximo da frente.

— Oi Alexia! — Joana cumprimentou com um aceno, a mulher mais velha ao lado da jovem cumprimentou com um abraço e sentaram ao seu lado. — Olha quem eu trouxe hoje, Analia, amiga do Bastien.

Estendi a mão para cumprimentá-la, mas foi a mãe que intercedeu. Olhei mais para a garota que parecia um anjo por conta dos seus traços suaves e cabelos loiros e Analia me cutucou.

— Veja, essa é Sônia. — Apontou com o queixo para uma mulher que entrava na sala e ia para a frente, onde estavam as três cadeiras.

— Boa noite. Quem não me conhece sou Sônia, terapeuta do instituto e consteladora. Vou esperar mais alguns minutos e vamos começar.

— Alexia não toca nas pessoas, não leve para o pessoal. Esse foi um dos motivos que indiquei a terapia — Joana sussurrou no meu ouvido, acenei sem tirar o olho da terapeuta. Não cabia a mim julgar mais do que já seria julgada, se me obrigassem a falar algo da minha vida.

Endureci na cadeira, a última coisa que gostaria era de dizer o que estava sentindo.

As pessoas foram sentando nas cadeiras, então, a terapeuta Sônia, junto com um homem, também constelador, iniciaram explicando o que era a *Constelação Familiar*. Essa abordagem se vê presente em várias profissões, com o intuito de melhorar o desenvolvimento. Um exemplo que ela deu foi sobre o trabalho com juízes e promotores,

com a intenção de solucionar mais processos e olhar para os envolvidos com muito amor e respeito.

Engoli um nó na garganta quando ela falou das três leis do amor que regem o mundo e definidos por Bert Hellinger, o alemão criador da terapia. O primeiro era do pertencimento, que todo indivíduo tem o direito de fazer parte e a família era o seu primeiro sistema. Todos da família têm um vínculo muito forte e excluir alguém poderia gerar muitas consequências.

Seria eu excluída do sistema do meu pai ou ele do meu? Doeu ter essa noção.

A segunda lei do amor era da ordem, quem vem primeiro, tem prioridade. Sem julgamento ou

valorização, apenas percebidos como são. O exemplo dado foi de uma mãe que teve cinco gestações e apenas as duas últimas foram até o fim. Essa mulher tem dois filhos vivos, o quarto e o quinto, mas cinco gestações. Essa, também, era uma forma de inclusão, complementando a primeira ordem de inclusão.

A terceira lei do amor era o equilíbrio entre o dar e receber, que também mexeu demais comigo e me esforcei para não chorar, porque sentia que era necessário um basta. Aquele que muito dá, precisa receber. O filho que não recebeu da mãe e nem do pai, não tem o que dar ao mundo e muitas vezes, não consegue ir para a vida.

Nunca tinha recebido nada do meu pai, só

tinha da minha mãe e não era algo bom. Lembrei da minha posição na vida dos meus pais e respirei fundo, céus, era fruto de uma traição, eu tinha local para pertencer?

— E o mais importante, enquanto acontecerem as *Constelações*, olhem tudo com muito carinho e respeito, sem julgamentos. Aqui, estamos para acolher o que aconteceu, o passado e sua história familiar foi assim, porque tinha que ser assim, foi o melhor que eles puderam fazer. Agora, podemos fazer diferente e só conseguiremos se olharmos para todo esse emaranhado com respeito, inclusive para si mesmo — Sônia parecia falar para mim, apesar do seu olhar passear pela sala. — Vamos começar?

PERIGOSAS NACIONAIS

Nunca, algo tão simples, mas tão intenso, me impactou tanto na minha vida. Pedem que não façamos retrospectiva, que o verdadeiro efeito de assistir ou fazer uma *Constelação*, é se permitir sentir, sem questionamentos ou julgamentos. O inconsciente deve ser trabalhado e não a razão.

Outra frase que me impactou muito durante as sessões foi o dizer sim a vida. Tanta coisa acontecia conosco e nos escondíamos, não nos permitíamos prosperar por não nos achar dignos da felicidade ou sucesso. Todos, independente do passado ou história familiar, merecia ser feliz no momento que aceitasse a vida.

Quando encerrou as atividades, conheci Alexia formalmente, ela parecia tão impactada

PERIGOSAS ACHERON

como eu, mesmo não sendo sua primeira vez. Joana me levou para casa em silêncio, precisava refletir ou sentir, não sabia explicar exatamente, apenas que tinha sido tocada.

— Até amanhã, Analia.

— Obrigada, Joana.

Vi o carro partir e a primeira mudança que percebi foi que tinha conseguido dois amigos em um curto espaço de tempo, assim que resolvi confrontar Heitor, mesmo que não obtive sucesso.

Mudar, eu precisava ir para a vida.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Bastien

— Como foi? — Estava na expectativa de Joana chegar no outro dia para saber delas na *Constelação*. A minha funcionária enviou uma mensagem de noite para mim, avisando que foi com Analia na tal terapia que ela indicou há algum tempo para Alexia.

Era sábado, tínhamos apenas alguns papéis para trabalhar e a tarde, era apenas eu que ficaria com os lutadores. Estava no meu escritório passando o tempo até que minha funcionária

chegasse.

— Tudo bem. Acho que ela gostou também, parecia diferente. Alexia foi, elas se conheceram. — Joana sentou na minha frente e parecia animada. — Você gosta dela, né?

— É mais complicado que isso — falei fazendo uma careta. — Vamos terminar logo isso?

— Ligue para ela, é sério. Ontem ela parecia querer colo, mas não acho que seria o meu.

Fingi que não tinha me incomodado saber que ela estava aflita, a verdade era que estava ansiando vê-la a semana inteira, mas me ocupei de outras coisas para não cair na tentação. Hoje não tinha mais escapatória.

Conferi o terreno onde seria construída a

filial da academia, a parte com o contador estava tudo certo e a contratação de um empreiteiro era o próximo passo.

Fiquei tentado em jogar o carro de Analia no lixo quando o mecânico me ligou e falou que havia muito mais para ser feito do que apenas o motor. Aquela lata velha precisava de uma reforma geral e compensava mais comprar um novo do que trabalhar nessa relíquia.

Como eu poderia dar o fim em algo que nem era meu?

Não me sentia bem fazendo isso, então, autorizei a reforma completa do automóvel, que levaria um mês. Esse era um motivo para tê-la comigo por esse tempo e transformar o que

tínhamos em algo... sério?

Caralho, eu nunca poderia levá-la em casa se Debora e Heitor fossem, ou seja, quase nunca quando eu mesmo ia.

Estava disposto a viver escondido por ela?

Fui contaminado pelos meus primos noivos, não tinha outra explicação. Ao me decidir que estava interessado em alguém, já imaginava como seria ao apresentar para a minha família, como se fosse firmar um compromisso sério.

— Enquanto você ficou com a cabeça na lua, terminei minha parte. Estou liberada? — Joana não esperou minha resposta, se levantou e bateu o dedo no papel que estava na minha mão. — Saia com ela, aproveite. Se ela tinha dúvida sobre se

envolver com você, agora ela tem certeza que você é a pessoa certa. Passei a semana inteira fazendo sua propaganda.

— Desde quando estamos falando sobre nossas vidas pessoais? Te garanto que não vai querer que eu fale com seu marido sobre certos assuntos.

— Será só coisas boas, tenho certeza. — Sorriu divertida e saiu da sala.

Peguei meu celular e não hesitei ao enviar uma mensagem.

Bastien>> Bom dia. Já almoçou? Tem planos para o final de semana?

Analia>> Olá, bom dia. Tirando a pequena faxina no meu quarto, não tenho nada

programado. Como foi sua semana?

Bastien>> Desculpe não mandar mensagem, estive trabalhando com a expansão da academia e... queria te dar o tempo que pediu.

Analia>> Acho que é suficiente de tempo, certo?

Bastien>> Com toda certeza. Está a fim de almoçar comigo? Depois podemos assistir as lutas que tem de tarde na academia.

Analia>> Confesso que nunca me interessei por lutas, acho que será interessante. Sim para sua programação.

Parecia até outra pessoa, estava ansioso e com medo do que poderia encontrar, mas não

menos ousado. Decidi abusar.

Bastien>> Leve sua bolsa de academia, farei você malhar também.

Analia>> Vamos com calma, se me visse agora, iria perceber o quanto estou surtando só de aceitar a sua proposta.

Ah, agora eu pensava como Leo, o tratamento precisaria ser de choque, por isso apertei o botão de vídeo chamada e sorri ao ver uma Analia de cabelos presos, sem graça.

— *Você não existe, Bastien* — falou baixo e envergonhada.

— Eu queria te ver surtando, mas acho que não tem nada disso. Foi difícil aceitar me ver hoje? Sou tão ruim assim?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela olhou para todos os cantos antes de olhar para o celular e suspirar.

— *Sabe que não é tão simples assim. Mas enquanto estivermos na zona da amizade...*

— Amizade colorida? Quer me transformar em seu amante? — Tentei não levar para o lado em quem ela não tinha coragem de enfrentar o mundo por mim como eu comecei a sentir que estava disposto a fazer.

— *Esquece, Bastien. Não vou dar conta...* — Ela encerrou a ligação e voltei a ligar, mas fui ignorado.

Voltei para as mensagens e lá estava uma dela.

Analia>> Enquanto tivermos o PERIGOSAS ACHERON

fantasma do meu passado mal resolvido entre nós, nada poderá ser simples como você vê. Não queria mais tempo longe, percebi que gosto de estar ao seu lado, tudo o que te cerca me faz bem. Mas será um alto preço estar com você se a cada momento você precisar me fazer provar que quero lutar por você.

Analia>> Droga, até parece que você vai me assumir como sua esposa. Não quero supervalorizar se formos apenas um passatempo e nem descartar se for algo que terá futuro.

Bastien>> Me atenda, doce.

Liguei novamente e ela atendeu fazendo bico.

— *Você me deu um apelido?* — perguntou

baixo e escutei sua mãe gritar algo. — *Já vou!* — respondeu gritando também e me olhou pedindo desculpas.

— Um doce, mais precisamente um bombom, que conhecemos o sabor por causa da embalagem, mas nunca saberemos o detalhe extra que virá com o formato, por causa do calor ou frio pelo qual eles passaram no transporte.

Ela mordeu o lábio e me esperou dizer mais.

— Você precisa de uma definição para o que temos? Namorar implicaria em conhecer nossas famílias, não abro mão disso.

— *E se seus pais souberem o que fiz?* — Tampou o rosto quando a mãe gritou mais uma vez.

— *Vou dispensar te apresentar para a minha mãe.* — Gemeu. — *Não, céus, estou excluindo, não posso...*

— Eu aguento, Analia. — Ela me encarou preocupada. — Talvez eu vá falar algo indelicado se ela me comparar com Heitor, mas eu enfrento. Estou disposto a isso para estar com você.

— *Quer namorar comigo?* — questionou assustada, a realidade estava se tornando surreal. Será que ela tinha algum receio de começar algo comigo, de ter algo real?

Ela parecia pouco a pouco ganhar força, como se algo dentro dela quisesse sair para aproveitar a minha proposta. *Porra, por favor, venha e não volte para dentro de si nunca mais*. Eu

daria o relacionamento real, sem compartilhar, eu e ela, apenas UM nós!

— Vamos almoçar juntos, então faço o pedido direito, pessoalmente, podendo te beijar da forma que quis fazer a semana inteira.

Ela sorriu como nunca tinha visto. O brilho nos olhos, que poderiam ser apenas reflexo da luz do sol, me encheu de expectativa de fazer com que essa reação acontecesse mais vezes, porque ela ficava linda, mais do que ela se permitia ser percebida.

— *Até daqui a pouco, Bastien.*

— Ansioso para te ver, doce.

— *Acho que vou arranjar um apelido para você também.*

— Minha mãe me chama de Bah, eu te libero para me chamar assim também.

— *Vem logo, Bah!* — sussurrou animada, encerrou a ligação e me fez ansiar por algo que tinha em mim e estava adormecido.

Estava iniciando um relacionamento.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Bastien

Quando parei o carro na frente do seu condomínio, lá estava ela, na calçada, me esperando vestida com uma legg e camisetão. Assim que me viu, veio direto em minha direção, então, precisei ser rápido ao sair para cumprimentá-la primeiro.

— Oi doce — falei porque sabia que a deixaria encabulada. O abraço que recebi era tudo o que estava aguardando para ter a semana inteira.

— Oi Bah. Nem parece que nos falamos

há minutos. — Ela inclinou a cabeça para trás, nos encaramos e beijei sua boca com suavidade.

Para minha decepção, ela interrompeu o beijo para me abraçar novamente, olhou para os lados e forçou nossa ida até o carro.

— Algum problema, Analia? — perguntei não fazendo resistência, abri a porta do carro e ela sentou abraçando a bolsa, um sinal de desconforto.

Dei a volta no carro para sentar no banco do motorista e a encarei antes de ligar o carro.

— Ainda quero conhecer sua mãe, achei que me receberia no seu apartamento.

— Hoje não está sendo um bom dia para ela e... estou um pouco desconfortável, vai passar.

— Desconfortável com o quê? — Guiei

pelas ruas e decidi, de última hora, ir até o restaurante do meu primo Ricardo e Tati.

— Tanto tempo com um relacionamento escondido, sendo amante...

— Não vou te tratar como um segredo. Quero ir com calma, claro, mas não vou me privar de te abraçar ou beijar com medo de que alguém veja. — Olhei para ela rapidamente. — E daí?

— Eu... — Ela suspirou e olhou para o teto do carro. — Acho que sempre terei vergonha do que fiz. Você conhece Heitor, podemos estar no mesmo lugar e... será estranho.

— Você gosta dele? — perguntei tenso, porque estava disposto a pedi-la em namoro, mas não com o medo de ser corno como Debora é.

— Não quero mentir, Bastien, mas tenho medo de falar o que sinto e você me abandonar. — Ela pegou na minha mão e apertou. — Eu gosto de você e quero descobrir o que podemos fazer juntos.

— E Heitor?

— Me dê um tempo para trabalhar nos sentimentos que tem a ver com ele. Foram anos juntos e nem pude encerrar nosso relacionamento para começar um novo com você.

Queria dizer tanto, a aflição que tinha sido dizimada depois da nossa vídeo chamada voltou com tudo. Ela não tinha segurança por nós, como entraria de cabeça em um relacionamento que ela não tinha certeza do encerramento do vínculo anterior?

— Preciso confiar em você, Analia. Mas como farei se toda vez que tento dar um passo para frente, você me faz dar outros tantos para trás com suas dúvidas?

— Eu quero ser amada por alguém certo, Bastien — falou em tom sofrido. — Você foi o segundo homem com quem transei, foi estranho, mas um estranho bom. Descobri que havia outras coisas em mim que nem sabia que existia.

— Não quero servir só para o sexo. Eu sei sua história e você sabe a minha, odeio ser usado como não irei te usar.

Entrei no estacionamento do restaurante do meu primo, parei o carro e a encarei. Ela não havia soltado a minha mão e esse ato me mostrou que

havia algo entre nós que poderia ser possível acontecer.

— Não desiste de mim — ela pediu virando para me olhar de frente. — O meu normal seria fugir ou voltar para casa chorando porque ninguém me ama como tem que ser. Mas existe você e a última coisa que quero é te decepcionar, ao mesmo tempo que não quero ser quem não sou.

— Você quer estar comigo como um casal?

— Sim, eu quero ter um namoro de verdade.

— Comigo ou com qualquer um? — Fechei os olhos e abri determinado. — Estou pronto para enfrentar o que vier ao estar com você.

Esse restaurante — apontei para a porta de entrada dele — é do meu primo, aqui começa um caminho onde não tem volta, mas tem interrupção. Namorar, para mim, é compartilhar a vida e pensar no futuro a dois. Abri meu coração duas vezes na minha vida, você é a terceira e última.

— Não posso ter essa responsabilidade nas minhas costas, porque sou fraca! — Ela tirou sua mão da minha e esfregou o rosto com ela. — Por que não poderia ser fácil?

— Você é mais forte do que imagina. Não é qualquer um que consegue se exercitar por tanto tempo como você fez até chegar na exaustão. — Olhei para o para-brisas do carro. — E ser ou não fácil, depende de você. Confesso que ainda não

parei para pensar no que vou falar quando enfrentar Heitor com você ao meu lado, ou meus pais, se ele falar alguma coisa sobre o seu passado, porque ninguém tem nada a ver com seu passado. A única coisa que sei e farei é estar com você, se estiver disposta a estar comigo.

Ela se mexeu no banco, ficou de joelhos e me puxou para que minha boca encontrasse a sua. Abracei sua cintura, foi fácil colocá-la no meu colo e me entregar a sua paixão. Poderia estar me enganando, mas ela gostava de mim, só não sabia se expressar, porque o fantasma do ex ainda pairava sobre suas decisões.

Interrompi o beijo, segurei seu rosto de forma firme e falei, do fundo do meu coração:

— Eu te prometo um relacionamento sério, uma família amorosa e muitos dias de namoro entre a academia e meu apartamento. Não vou te esconder, assumo as responsabilidades dos meus atos e se alguém quiser saber do seu passado, que me confronte primeiro, porque não é da conta de ninguém.

— Farei o meu melhor para ser tão boa quanto você é, Bastien.

— Quer namorar comigo? — perguntei deixando o sorriso aparecer e contagiar a mulher que merecia que alguém lutasse por ela.

— Sim — respondeu com os olhos brilhando de emoção.

E esse foi começo para que meu cérebro e

coração entrassem em constante discussão, porque a confiança entrou em ação ao mesmo tempo que a desconfiança. Haviam ovos no chão e qualquer deslize me faria pisar em um deles.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Bastien

— Oi Tati, essa é Analia, minha namorada — cumprimentei a esposa do meu primo já anunciando quem era a mulher que estava ao meu lado.

— Ah, oi, nossa! — Tati não sabia o que dizer. Sentada atrás do balcão do caixa, ela olhava de mim para minha mulher com confusão. — Como você conseguiu? — perguntou brincando estendendo a mão para Analia.

— Bastien é muito compreensivo —

respondeu encabulada. Apertei sua cintura para lhe dar forças, porque nosso relacionamento nada mais era que uma constante luta.

— Como está Clarinha? — perguntei para mudar de assunto.

— Está bem, hoje foi passar o dia com a vovó enquanto o papai e a mamãe trabalham. — Ela olhou para Analia. — Minha filha, tem quatro anos.

— Que linda. — Analia forçou um sorriso.

— Vamos almoçar, você coloca na minha conta?

— Sim, vou pedir para Ricardo fazer isso. — Piscou um olho e pegou o telefone do gancho, provavelmente chamando meu primo, que estava na

parte administrativa do restaurante.

Peguei um prato, entreguei para Analia e a coloquei na minha frente enquanto me serviria depois. Era a melhor comida por quilo da cidade, com um tempero bem conhecido, herdado da nossa família Saad.

— Ela é muito simpática — minha mulher comentou.

— Sim, mas meu primo compensa a simpatia da esposa com seu jeito brincalhão. Não leve nada para o pessoal, eu dou conta deles.

— Deles? — Ela olhou para mim assustada e vi Ricardo entrando para a parte dos clientes.

— Bastião, quem é vivo sempre aparece.

Resolveu ganhar um pouco de massa gorda? — Bati minha mão na dele e nos cumprimentamos de lado enquanto equilibrava o prato.

— Sim, preciso fazer um pouco de distribuição de renda. — Aproximei de Analia, que estava afastada se servindo e Ricardo veio junto. — Quero te apresentar minha namorada, Analia.

— Ah, sim, mais um para a turma dos comprometidos. — Ricardo apertou a mão dela, que tentava se encolher ao meu lado. — Ele ronca muito, mas dê uma chance, ele tem bom coração.

— Cala a boca! — pedi rindo, porque era zoação, mas com fundo de verdade. — Estou melhorando.

— Você ronca? — Analia questionou

surpresa e Ricardo riu alto.

— Continue assim, durma antes dele, porque se está como na nossa época de criança, ele causava até rachaduras na parede.

Larguei meu primo de lado e fui aproveitar com minha mulher o almoço. Ela parecia a vontade e isso me deu segurança, porque repelir minha família significava me repelir, mas da forma que ela estava acolhendo, me dava esperança de que faria igual comigo.

Escolhemos uma mesa encostada na parede, sentamos e nos encaramos, como se tivesse algo para ser contado.

— Mais um minuto com seu primo e ele estaria contando todos os seus defeitos — ela falou

antes de colocar comida na boca.

— Tudo exagero. Não ronco tanto assim.

— Não lembro de você ter roncado no hospital. Também, acho que estava dopada de remédio, não lembro nem metade das coisas que falei para você — assumiu envergonhada. — Talvez, se não soubesse do meu passado, não teríamos tanta dificuldade de nos relacionar.

— E então, te levaria em casa para um almoço de família e daríamos de cara com aquele ser que não deverá ser nomeado.

— Meu Deus, acho que iria embora e nunca mais falaria com você tamanha minha vergonha. — Riu e roubou uma batata frita do meu prato. — Como são seus pais?

— São ótimos, tradicionais... tive a sorte de ter morado perto dos meus primos, porque sair e ir para a farra só foi possível porque estava com eles.

— Ricardo estava junto?

— Ele foi o primeiro a casar, estávamos começando a descobrir as festas e mulheres na época, se é que me entende. — Sorri sacana e ela revirou os olhos divertida. — Ricardo é o herdeiro mais velho, mas não o menos imaturo quando o assunto é perturbar a vida dos primos.

— Deve ser legal ter uma família grande. Você tem quantos tios?

— Por parte de pai ou mãe? — Peguei sua mão, beijei o dorso e a vi sorrir cativada pelo meu

gesto. — Você conhecerá todos, não há motivo de antecipar o sofrimento.

— Mas, e... você sabe quem? — falou pela metade, mas entendi por completo.

— Heitor é amigo dos meus pais e raramente está presente na reunião de família. E se estiver, lidaremos com o assunto quando chegarmos lá.

— Invejo sua força, Bastien — falou admirada. Ergui meu braço, flexionei para salientar meu músculo e Ricardo apareceu ao meu lado.

— Cara, por favor, você está me constrangendo perante minha mulher. Você, todo *saradão*, vai tirar o foco de mim.

Pisquei um olho para Analia, que segurava

o riso e olhei para meu primo.

— A gente só enxerga o que temos em nós. Você pode ser um *saradão*, basta ir na academia, já liberei sua entrada. — Voltei a encarar minha mulher. — Isso vale para você.

— Você não contou para os outros, né? Mandei foto, Fred falou que vai te visitar hoje à tarde na academia.

— Sério? Você está pior de fofoca do que nossas mães, Ricardo.

— Não era para contar? — Meu primo olhou para Analia que deu de ombros. — Quando vocês começaram a namorar?

— Alguns minutos? — ela respondeu e chutou minha canela de leve.

— Você está atrapalhando nosso almoço de início de namoro, dá licença.

— Sim, pombinhos. — Ele se afastou, pegou o celular e tirou uma foto. — Para o álbum dos primos noivos. Você é o próximo, *véio*.

Terminamos de almoçar em silêncio. A troca de olhares e os toques furtivos dos seus pés nos meus me fizeram perceber que estava no caminho certo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

Bastien

Relaxamos deitados no chão da sala de exercícios funcionais da minha academia. Faltava apenas alguns minutos para que abrisse o local e o pessoal das artes marciais aparecessem.

Conversamos sobre nossos gostos musicais, filmes e comida. Ela era uma apaixonada de primeira e eu, o oposto, preferia música agitada e muita ação. Prometi assistir um filme do seu gosto no próximo final de semana e ela, um do meu estilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Analia estava mais solta, parecíamos mais conectados e isso me deixou mais confiante da decisão de me relacionar com ela. Chega de fugir, iria estar com ela até o fim.

— Meu doce, pode ficar aí, vou abrir as portas para o pessoal da luta, eles vão para os fundos. — Ela virou de lado enquanto me levantava.

— Você luta?

— Sei um pouco de boxe, gosto de assistir, mas não me identifico tanto quanto Leo.

— Quem é?

— Meu primo, você também vai conhecer. — Inclinei meu corpo para o chão, deixei um beijo em seus lábios e fui até a recepção da academia.

PERIGOSAS ACHERON

Logo que abri as portas, algumas pessoas já esperavam, cumprimentei-os amigável e senti meu coração perder uma batida quando vi Heitor aparecer. Sério mesmo que teria que provar o que faria com ele justo hoje?

— Como vai, meninão. As meninas já chegaram? — Ele me cumprimentou e não se importou que eu não o recepcionei como os outros. Abaixou a voz e falou perto do meu ouvido: — As mulheres da sua academia são maravilhosas. Agora entendo o motivo de você se dedicar tanto aqui.

— Prefiro que você faça suas coisas longe da minha academia, Heitor — rebati baixo e aproveitei que todos já tinham entrado para complementar: — Continue não dando atenção

para sua mulher e focando nas outras, vai ficar sem ninguém.

— O que você sabe sobre a minha mulher, porra? — Ele apertou a gola da minha camiseta e a sorte dele foi que Fred apareceu e me fez respirar fundo, ainda mais por ter Luana grávida ao seu lado.

— Oi Fred, Luana. Que bom que vieram! — falei inclinando minha cabeça e Heitor se afastou de mim carrancudo. Olhei para onde ele estava se dirigindo, apesar da sala de exercícios funcionais ser transparente, a luz estava apagada e ocultava minha mulher. Porém, de lá ela não poderia sair, Heitor nos veria e depois desse confronto, estava apto a conversar apenas com

meus punhos.

— Quem era esse idiota? — Fred sibilou e Luana abraçou seu braço.

— Ele estava te enfrentando, Bastien. — Sorri para a preocupação da grávida. Toquei sua barriga e a acalmei, porém, dentro de mim explodia de raiva. Precisava me acalmar, Analia não merecia que o dia de hoje terminasse comigo estressado.

— Está tudo certo, na verdade, vocês poderiam me fazer um grande favor.

— Não, quero saber o que aconteceu e por que Ricardo nos falou que você também vai casar.

— Esse nosso primo está ficando pior que tia aposentada sem família, só cuidando da vida dos outros. Estou namorando Analia, esse idiota é o ex

dela que, por ironia do destino, eu conheço. — Caminhei para a sala e os dois vieram comigo. — Levem minha mulher para a casa de vocês, vou arranjar alguém para ficar no meu lugar e irei depois.

— Sua mulher? Está namorando mesmo? — Luana perguntou esperançosa.

— Sim, vocês vão amá-la. — Olhei-a com um enorme sorriso. — Vou apresentar vocês, mas preciso que a tire daqui.

— Antes que você destrua o ex, eu entendo, faria o mesmo. — Fred levou um cutucão da esposa.

— Doce, Fred e Luana vieram te conhecer — falei quando entrei na sala. Olhei para as

paredes de vidro e vigiei se Heitor iria aparecer por ali.

— Ah, que lindo, ele deu apelido para ela também — Luana sussurrou.

Analia se levantou rapidamente, ajeitou o cabelo e novamente sorriu amarelo como fez ao Tati mencionar sua filha.

— Ah, oi, muito prazer. — Ela se aproximou e ganhou abraço dos dois. — Essa barriga está grande!

— Nem me fale, estou nas últimas semanas, 36 de 40! Fico feliz que Bastien está com você, agora só falta o Leo. — A esposa do meu primo alisou a barriga.

— Meu irmão e Alexia é um caso a ser

estudado. Se Laís e Guido era impossível, o envolvimento deles é quase um caso de polícia de tão indecente que seria — Fred brincou e abraçou a esposa pelos ombros.

— Se for parecida com uma Alexia que conheci essa semana, acho que concordo — Analia falou tentando parecer simpática.

— Foi lá na terapia que Joana faz que você a viu? — Olhei para a parede de vidro e vi Heitor andando por perto. Porra! Abracei seus ombros e a trouxe para perto, dando um beijo na sua cabeça.

— Ah, você também foi na *Constelação Familiar*? Queria tanto ir, mas estou numa fase onde só quero deitar e dormir.

— Vocês não tinham um convite para

fazer? — questionei impaciente, Analia queria se afastar, mas eu a mantive cativa no meu agarre, virei seu corpo para que ficasse de costas para onde Heitor estava. Isso chamou atenção de Fred, que pigarreou.

— Sim, verdade, Luana, você não ia fazer algo em casa hoje? — Ele jogou a bola para a mulher, que revirou os olhos e alisou a barriga.

— Homens... Laís quer casar antes que meu bebê nasça, vai levar algumas roupas de madrinha para que eu vista, vem comigo? Será o clube da Luluzinha.

— Eu... — Ela olhou para mim pedindo ajuda e eu acenei para que ela concordasse. — Acho que será estranho, porque...

— Se você está namorando Bastien, então, virou madrinha por tabela. — Luana se animou. — Aproveita e conheça todo mundo, será divertido.

Heitor se virou para nos encarar e saí andando com Analia e Fred fez o mesmo com Luana ao olhar na mesma direção que eu fiz. Droga, além da minha vontade de socar a cara desse homem, tinha a questão de que não queria ver dúvida no olhar da minha mulher, precisava fortalecer suas defesas e mostrar que eu era sua melhor opção antes desse confronto.

No final das contas, o inseguro estava sendo eu.

— Mas Bah... — minha mulher tentou protestar, mas segui determinado para fora.

— Doce, vai com eles, eu vou achar alguém que me substitua e vou para lá em seguida. Por mim, tudo bem? — pedi beijando sua boca com carinho, o que a fez ceder.

— Não me deixe sozinha com estranhos — ela pediu baixo no meu ouvido e olhando para todos os lados e não vendo Heitor, abracei-a forte.

— Eles são minha família, tão próximo quanto se fossem irmãos. Se você confia em mim, pode confiar neles.

— Não sou uma grávida chata, prometo. Quando falo muito de bebês, eu mesma me podo. Só não digo isso por Laís, ela não se intimida com ninguém.

— Tudo bem, vou pegar minha bolsa na

sala. — Ela ia virar, eu a fiz ir para frente.

— Vá, eu vou pegar sua bolsa.

Corri para dentro da academia, peguei a bolsa de Analia sob o olhar de Heitor e levei até o carro, onde os três já estavam acomodados.

— Pode deixar que cuidarei bem da sua mulher, Bastien, tchau! — Luana falou e Analia acenou. Fred deu partida e consegui respirar aliviado por ter colocado minha mulher para longe da tentação.

Tentei me enganar, dizendo que era apenas por hoje, em um outro dia iria enfrentar o que tivesse que acontecer.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Analia

Estranho demais o que aconteceu, parecia que queria se livrar de mim, mas fui, porque precisava me manter nesse relacionamento como se minha sanidade dependesse disso.

Era impressão minha ou as grávidas e mães vieram me perseguir justo no dia em que resolvi me dar uma chance? Não lembrava se tinha contado para Bastien que era estéril, se isso importava para o nosso futuro, a verdade era que tinha medo de colocar tudo a perder no mesmo dia

que apostei todas as minhas fichas nesse namoro.

Namorando, de verdade!

— Desculpa te roubar assim do seu namorado, mas é que grávida tem prioridade — Luana brincou.

— Tudo bem, só estou um pouco sem graça — respondi sincera.

— Não demonstre, porque na família, quanto mais vergonha você tem, mais te farão pagar. — Fred me olhou pelo retrovisor.

— Vocês estão casados há muito tempo?

— Pouco mais de um mês, para falar a verdade. — Luana olhou para mim. — Minha história com Fred foi um tanto louca.

— E que história, não é? — brinquei, mas

não querendo contar nada sobre mim. — Vocês trabalham em quê?

— Fred está em uma concessionária de automóveis e eu sou, ou melhor, era caixa de supermercado. Vou me dedicar aos estudos em casa assim que ganhar neném.

— Ah, uau. — Olhei a troca de carinho dos dois, um toque de mãos e outra alisada na barriga dela e senti meu peito apertar. Nunca teria isso.

— E você? — Fred perguntou.

— Trabalho em um escritório de advocacia. — Omiti meu cargo real, eles pareciam tão seguros, não queria estar por baixo.

— Oh, que legal. Qual área? Bom anotar

para quando alguém precisar.

— Civil e trabalhista que é minha especialidade.

— Foi como você e Bastien se conheceram? Ele comentou algo sobre encontrar um advogado trabalhista para ajudar numa demissão conturbada que teve esses dias.

— É, mais ou menos — respondi evasiva.

Eles pararam o carro em frente a um portão bonito, abriram pelo controle remoto e estacionaram na garagem de uma bela casa.

— Venha, Analia, vou mostrar a casa enquanto Fred chama Guido e Laís.

— Quer que ligue para Alexia? — o marido perguntou quando paramos na porta para

que abrisse.

— Mais fácil ir lá buscá-la. Deixe Leo de lado, pode ser?

— Não. — Beijou a boca de Luana e nos deixou entrar. — Mesmo que eu não ligue para meu irmão, sabe que ele rastreia todos e aparecerá. Fique de ouvido atento na campainha, já vou ligar para meu primo no caminho.

— Ou seja, esse encontro não foi planejado como você falou. — Entrei na casa e a observei ir até a cozinha se servir de água. Fred fechou a porta e nos deixou sozinhas.

— Seu namorado viu seu ex na academia e preferiu que trouxéssemos você sem que ele te visse — ela falou na lata e quase caí no chão por

conta da minha pressão ter baixado. A grávida foi até meu lado e juntas, sentamos no sofá.

Heitor estava na academia? Não era ele quem enfrentaria o mundo por mim?

— Beba um pouco de água. — Um copo foi posto na minha frente, tomei-o por obrigação. — Desculpe ser tão direta, mas estou curiosa sobre tudo isso.

— Eu não tenho ex-namorado — falei chateada. Por que Bastien não o enfrentou por mim?

— Agora que não entendi nada. — Ela sentou mais confortável no sofá e suspirou alisando a barriga. — Bastien estava pronto para bater no homem. Quando chegamos, eles pareciam prontos

para brigar.

— Eles brigaram? Por mim? — Olhei-a com esperança, coloquei o copo na mesa de centro e esperei por mais informação, mas ela não me deu.

— Se o primo do meu marido está te apresentando para a família, é porque o assunto é sério. Mesmo que há pouco tempo no mundo dos Saad, me sinto uma e vou te acolher como me acolheram. — Ela sorriu carinhosa para mim e pegou minha mão para sentir seu bebê mexendo. — É um menino, apesar de não ter perguntado. Maurício, não foi planejado, mas será muito amado.

— Sou estéril — falei apertando meus lábios para não me emocionar. Achava que nunca

tinha feito algo como isso, sentir a barriga de uma grávida. — Minha história não é bonita para ser contada, prefiro deixar apenas para mim e Bastien. Ele estava fazendo muito por mim, não quero envergonhá-lo.

— Meu irmão estava preso, envolvido com drogas e bandidos. Eu trabalhava de graça para um homem que tinha o prazer de esbarrar em mim e me... — Ela fechou os olhos e suspirou. — Passado. Fred entrou no bar onde trabalhava, mudou minha vida e cá estou, dando esperança para uma mulher que tinha o mesmo olhar que eu antes de conhecer o homem da minha vida.

Ajeitei-me no sofá, alisei mais a sua barriga e me perdi nos chutes e remelexos que

Maurício fazia. Era mágico, a natureza era tão perfeita e magnífica, por que não me deu essa chance? Será que eu me tornando amante danificou meu sistema reprodutor?

— O que você tem que te impede de ter filhos? — perguntou suave, parecia saber que era um assunto delicado para mim.

— Ovários policísticos. O médico me falou, na época, que seria quase um milagre eu ter um filho. Achei que fosse parte do meu castigo, ou melhor, ainda acho. — Tirei a mão da sua barriga, com medo de passar minha frustração para o bebê.

— Você pode contar comigo. — Ela segurou meu braço e sorriu. — Eu sou a última pessoa no mundo que julgaria alguém e Laís

também.

A campainha soou, ajudei Luana a se levantar e da janela, ela viu quem era no portão e abriu pelo controle remoto.

Era estranho o quanto me senti amparada por essa mulher e seu jeitinho carinhoso. Seria possível que eu falasse minha vida para ela sem muito esforço, mas precisava me controlar, estava sonhando demais e tinha medo de cair, duro.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Analia

— Acredite, depois de saberem o que fiz, vocês vão me olhar diferente — falei temerosa com a chegada de outros parentes dele.

— Bastien sabe, certo? — ela questionou e vi pela janela uma mulher linda caminhando com a barriga saliente de fora, top e short curto, além de botas nos pés. Um homem a acompanhava segurando uma grande sacola atrás.

— Sim e não foi fácil.

— Oi Laís! — Luana cumprimentou.

— O que não é fácil? — Laís apareceu, abraçou Luana e depois me olhou com fascinação. — Amo facilitar as coisas, me conte tudo!

— Não pressione, furacão. Oi namorada do Bastião, sou Guido.

— Por que vocês o chamam assim, de Bastião? Ele prefere? — perguntei dando um beijo no rosto do Guido e indo para o sofá novamente. — Sou Analia, prazer.

— Prazer, Analia. Que nada, ele e minha tia odeiam, mas somos família, é nosso papel mostrar nosso amor em todos os momentos — Guido falou e olhou para a mulher. — Onde vou deixar essa sacola?

— Vamos para o quarto fofocar,

experimentar vestidos e fazer um pacto de sangue entre as noivas. — Laís entrou no corredor como se fosse dona da casa.

— Você ainda não viu nada, Analia — Luana falou baixo para mim, pegou na minha mão e seguiu para o quarto.

— Pode ficar na cozinha e nos deixar sozinhas, amor. Tchau! — Laís praticamente expulsou o seu companheiro, virou para mim e mexeu os quadris. — Agora me conta tudo, como você conheceu Bastien? Já transaram? Não deixe ele te enrolar muito não, vou casar em quinze dias, você precisa ser a próxima a casar, porque Leo e Alexia ainda vão demorar uma eternidade.

Sentei na cama sem graça, porque não

estava preparada para contar nada. Parentes de Bastien, mas ainda eram estranhas para mim.

— Ela é tímida, Laís. Outro dia ela conta mais.

— Logo eu, a ex-dançarina da Angel's Night Club? — Olhei para a mulher que parecia grávida, em choque. — Sim, querida. Meu passado me condena, meu noivo surta e ninguém paga as minhas contas. Fui drogada e quase morta, graças a Deus, meu pacotinho está intacto aqui. — Ela colocou as mãos na barriga. — Segunda-feira vou fazer ultrassom para descobrir o sexo. Será maravilhoso se vier uma menina, para acabar com a paz do meu Guido.

Alguém bateu à porta, olhei para a garota

que entrava e senti, no meu íntimo, que nada nessa vida era por acaso. Alexia era amiga do primo de Bastien, Fred, que estava comigo na *Constelação Familiar* que Joana me levou.

— Oi, gente, alguém precisa de ajuda? Pelo jeito de Fred, parecia que o mundo ia acabar. — Ela me viu e arregalou os olhos. — Como...

— Sou a namorada de Bastien, Analia. Tudo bem? — Ela abraçou Luana, deu um beijo em Laís e se aproximou de mim para também beijar meu rosto. Foi forçado, mas ela fez e se afastou.

— Vocês se conhecem? Pode contar, Alexia, quero saber! — Laís exigiu com as mãos na cintura.

— Estávamos na mesma sessão de grupo

da terapia que faço — falou baixo, abriu a sacola e começou a ver os vestidos. — Achou um vestido sem decote para mim, por favor?

— Claro que não! — Laís piscou um olho para mim e tirou da sacola um lindo vestido roxo. — Quero todas, no meu casamento, sendo mulheres poderosas. Isso inclui você, namorada do Bastien!

— Laís... — Alexia suspirou. — Por favor...

— Você já me deixou na mão com o meu estúdio de dança, preciso de equilíbrio! — A mulher ousada e sem papas na língua colocou o vestido na frente do corpo da tímida e retraída garota. — Se não for para me agradar, faça por você. Todos vão babar...

— Eu não quero atenção, não sou como você! — Alexia foi para o lado de Luana, que a olhou com carinho, mas não se manifestou.

Droga, sabia que ela tinha algo a esconder, talvez pior do que meu próprio segredo, porque tudo o que foi meu passado, eu fiz por mim mesma, não por ter sido obrigada.

— Quero minhas madrinhas brilhando, Alexia. Fale comigo: eu posso, eu quero! — Ela estendeu o braço animada, não parecia fazer por mal, pelo contrário, vi Bastien me pressionando quando eu quis fugir do carro e ele me mandou ir.

— Luana, fala para ela! — Alexia pediu.

— Experimentar não arranca pedaço. Tente, vai no banheiro sozinha e coloque o vestido

— Luana foi mais suave.

— Tentar, não. Faça. — Laís foi até o banheiro, colocou o vestido em cima da pia e chamou. — Vamos, mulher, o mundo não vai te esperar.

Os olhos marejados de Alexia me fizeram abrir o coração antes que a pressionassem mais.

— Eu estive com um homem casado por anos — falei enquanto Alexia entrava no banheiro e as duas me encaravam curiosas. — Fui amante de um homem que é amigo dos pais de Bastien.

Luana foi para a cama, sentou esparramada e me encarou tentando não parecer mais chocada do que estava. Laís foi para o meu lado e me incitou a falar mais acenando com a cabeça, parecia

se controlar para não fazer algum comentário.

Por que estava me abrindo, mais uma vez? Ah, sim, o poder que o acolhimento da família de Bastien tem é sobrenatural.

— No dia que coloquei Heitor contra a parede, ele me enrolou como sempre fez, então fui para a academia de Bastien, que só me matriculei porque descobri que ele malhava lá e me exercitei até a exaustão.

Reconhecimento brilhou nos olhos de Laís, que olhou para Luana.

— Lembra que comentei com você sobre o amigo dos pais de Bastien que estava traindo e a mulher estava desconfiada?

— Oh, céus, a esposa dele sabe sobre

mim? — questionei me aproximando dela. Para minha surpresa, fui abraçada por essa grávida maluquinha.

— Não sei a resposta para isso, mas agora que você está na família, não importa o que fez no passado, vale o que está fazendo do seu presente. — Ela me afastou e me encarou feroz. — Você gosta de Bastien?

— Si-sim — respondi hesitante, o que a fez franzir a testa.

— Não, você não gosta, mas quer. Já é um começo. E o idiota que você dedicou sua vida enquanto ele estava se achando o maioral com duas mulheres? Você gosta do tal Heitor?

— Não tem como desgostar de alguém de

uma hora para outra.

— Tem sim. — Ela estralou o dedo e empinou o nariz. — Simples como estralar os dedos, você pode escolher deixar de gostar desse homem e seguir uma vida diferente. Só depende de você. Eu fiz isso e te garanto, esqueça a lógica, só faça.

— Nunca terminamos, Laís. Estou com Bastien, mas cheia de coisas entaladas na minha garganta para dizer a Heitor. Só queria encerrar o que tinha para começar um novo.

— Fale, agora, e encerre esse assunto. E se Heitor morrer hoje, como você vai fazer? Nunca mais vai seguir sua vida, porque não falou o que ele já sabe, na cara dele? Ele te ligou? Você foi atrás

dele?

— Não. — Olhei para a porta do banheiro e vi Alexia com o vestido roxo no corpo. Ela estava linda, jovem e até angelical, por conta dos seus cabelos loiros. — Uau, você está linda, Alexia — falei para mudar de assunto.

Laís olhou para a garota, acenou afirmativo e voltou para mim.

— Vamos voltar para você, namorada do Bastien. Você já deu o passo para estar com um homem de família, que vai te respeitar, te dar o mundo e te fazer feliz, as vezes te irritar, mas é o normal, homens têm essas habilidades. O que há para resolver com o passado?

— Você não entende... — Suspirei e ela

me deu um tapa na bunda, me assustando. — Hei!

— Tanto entendo que sou prova viva que somos nossos próprios agentes da mudança. Bloqueie o número desse idiota do seu celular, vai ser feliz e se algum dia cruzar com ele, sorria e mostre o quão incompetente ele é para fazer uma mulher feliz. A vez dele acabou, agora é hora de você brilhar. — Pegou um vestido de dentro da sacola e me entregou. — Se alguém apontar o dedo ou te julgar, mande se foder, porque a vida é sua, quem paga suas contas é você e o peso dos seus atos é todo seu. Se Bastien te quer e te aceita como é, ninguém tem o poder de falar o contrário. — Virou-me para o banheiro. — Sua vez de experimentar, Alexia, desfile para nós, querida.

A vida é sua, o peso é todo seu...

Essas palavras ecoaram na minha mente até conseguir sair do banheiro com o vestido de festa no corpo e me ver envolvida com três pessoas tão diferentes, mas com o mesmo objetivo, de serem felizes sem julgamentos.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Bastien

Deveria ganhar um troféu para meu controle. Além de não conseguir ninguém para me ajudar com a academia, tive que aguentar Heitor na minha cola, querendo saber quem era a mulher que estava comigo enquanto falava com Fred e Luana.

Ele os conhecia do casamento, que foram convidados por educação, porque a cerimônia seria simples e apenas para a família. O filho deles ficou ignorado em um canto e pouco tempo depois, juntou as cadeiras e dormiu, aliviando os pais de ter

que lidar.

Não queria apontar o dedo para esse idiota, mas tudo em mim gritava para proteger minha mulher.

Enviei uma mensagem para Fred, avisando sobre meu atraso e ele me tranquilizou, dizendo que as mulheres estavam no quarto enquanto eles estavam na área do fundo escutando música sertaneja e tomando cerveja. Ótimo, a noite iria render.

Quando todos foram embora, vasculhei toda a academia antes de fechar. Na sala que estava com Analia, percebi que seu celular estava no chão e ao pegar, uma ligação de Heitor apareceu no visor.

Meu sangue ferveu, apertei o aparelho e se não parasse para respirar, iria destruir o celular, com toda certeza. Estava no silencioso, pelo menos não sofreria ao saber qual música que minha mulher escolheu para esse idiota.

— O que você quer, filho da puta? — resmunguei olhando para a tela e seguindo para a saída da academia.

Eu deveria atender e mostrar que sua amante já tinha seguido a diante, que o tempo dele acabou, mas seria muita invasão de privacidade, além de estar muito exaltado para lidar com a situação de forma coerente.

De cabeça quente, poderia não só foder com tudo, mas magoar quem mais importava nessa

história, Analia.

Segui para o meu carro e a ligação encerrou. Pelas notificações, haviam mais de cinco chamadas não atendidas. Se dependesse de mim, haveriam quinhentas e ela nunca mais precisaria falar com ele.

Encerrar o passado, Heitor não merecia nenhuma palavra, nem mesmo as verdades que merecei escutar. Homem como ele deveria ficar no limbo, por uma eternidade, para aprender a não enganar a família.

Segui para a casa de Fred focando na minha respiração e controlando minha ansiedade do que estava por vir nos próximos minutos. Seria interrogado pelos meus primos, contaria apenas o

essencial e focaria no presente.

Quem vive de passado é museu!

Logo que parei o carro atrás da caminhonete de Guido, o portão eletrônico abriu e meu primo, dono da casa, me recepcionou com um abraço.

— Conte tudo, Bastien — falou sério e não era pelo tom, mas porque falou meu nome corretamente.

— Vou ver minha mulher primeiro. — Olhei para os lados na sala e não vi ninguém.

— Elas estão no quarto, tem música tocando e Alexia está com elas. Dê mais um tempo, até porque, Leo acabou de mandar mensagem falando que estava vindo, a paz irá terminar. —

Seguiu para o fundo e eu, com o coração na mão e o celular dela vibrando no meu bolso da calça, fiz o que Fred sugeriu.

— Não vou contar a história duas vezes, cara. Só deixe para lá.

— Oh, nego *véio*. Como está? — Guido me cumprimentou sem sair da sua cadeira, tocamos as mãos e sentei ao seu lado enquanto o anfitrião sentou na nossa frente. — Qual é a história da vez?

Ladrão de mulher, cantado por Chrystian e Ralf começou a soar na caixa de som e revirei os olhos ao perceber que essa era a melodia perfeita para Heitor. Estava riscada da minha lista de músicas para tocar no meu casamento.

“Muita moça me namora

Pensa que eu tenho dinheiro

Mas dinheiro eu não tenho

Mas sou um rapaz faceiro

Apesar de eu ser casado

Eu pulo o corgo, eu sou sorteiro.”

O que tinha acabado de pensar?

— Pega uma cerveja, desembucha — Fred exigiu.

— Analia era amante de Heitor, amigo dos meus pais.

Guido engasgou e bati nas suas costas para ajudar.

— E como você a conheceu? Por que foi se envolver justo com ela, Bastião? Tanta mulher

boa nessa cidade... — Interrompi Fred:

— Primeiro, sua mulher era irmã de bandido. Se formos pensar dessa forma, você começou tudo — falei chateado e ele acenou envergonhado.

— Desculpa, cara. Falei merda, reconheço e não está mais aqui quem falou. Estou preocupado com a guerra que você terá com seus pais.

— Eles não precisam saber do passado dela.

— E quando for almoçar com eles e os amigos deles, como será? Você nunca mais irá? — Guido questionou recomposto. — Uma hora, tudo isso vai ser confrontado.

O celular vibrou no meu bolso novamente,

tirei o aparelho e mostrei a tela para eles, irritado.

— O idiota está ligando para ela de cinco em cinco minutos. Ele nos viu na academia, mas quer demarcar território mesmo pegando outras alunas da academia. O tiozão quer todas, mas essa, meus primos, é minha.

— Por que você está com o celular dela? — Guido franziu a testa.

— Caiu da bolsa, não foi de propósito, porra!

— Como você vai confiar nela? Estou sendo o advogado chato, mas é preciso. Se ela traiu uma vez...

— Nunca traiu, Fred. Ele foi seu primeiro e único namorado, eu fui o único que ela deu uma

chance.

— Está feliz? — Guido tomou toda a cerveja e me encarou. — Isso que importa, o resto é foda-se. Sempre tive medo de cruzar com algum cliente da Angel's e eles darem em cima da minha mulher. Além de confiar que ela dará conta do recado, eu preciso me pôr no meu lugar.

Não teve como eu e Fred não abrir a boca em choque ao discurso de Guido, o rei do ciúme. Ele ficou sem graça, deu de ombros e olhou para qualquer lugar, menos para nós.

— Estou fazendo terapia, está sendo bom e Laís me apoia.

Escutamos gritos femininos e corremos para dentro da casa preocupados. O que poderia ter

acontecido com elas, ainda mais com duas grávidas juntas?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Bastien

Largamos nossas cervejas e entramos na casa. Quando nos aproximamos do corredor, Fred fez as honras de pegar Leo pelo pescoço e gemendo, provavelmente pela lesão na tíbia ainda, o levou para longe. O trouxa chegou sorrateiro e foi direto perturbar as mulheres.

Olhei para o quarto e vi todas elas vestidas para festa. Alexia parecia querer se esconder ao ficar em um canto do quarto, com o vestido revelador, nunca a imaginaria com tantas curvas.

Olhei para o outro lado e lá estava quem eu mais almejava.

— Bastien! — Analia falou e correu em minha direção. Guido estava voltando para os fundos, então, as mulheres foram testemunhas do nosso cumprimento e claro, um beijo.

Precisava sentir sua boca na minha, apenas para firmar que sim, ela era minha, estava comigo.

— Ah, que lindo. Aproveita, porque depois começa a morar junto e casa, nem selinho dão — Laís disse divertida.

— Eu não tenho do que reclamar — Luana falou e sorrimos antes de abrir os olhos e nos encarar.

— Desculpe a demora, não consegui

ninguém para me substituir.

— Foi bom, porque agora tenho novas amigas. — Olhei para as grávidas e Alexia, que estava mais tranquila.

— Vocês estão bonitas. Tudo isso é para o seu casamento? — perguntei para Laís.

— Claro! O vestido da sua mulher está aprovado? Depois, no dia do casamento, terá uma surpresa debaixo dele.

Vi Analia corar e a levei de volta para o quarto. Se tinha Laís no meio, com certeza envolvia algo bem sensual, o que não teria objeção da minha parte.

— Vou deixar as senhoras e senhoritas terminarem o que estão fazendo. Vou ajudar na

bronca em Leo e depois, vão para os fundos, ficar todos juntos.

— Eu vou para casa! — Alexia anunciou e correu para o banheiro. A noiva de Guido revirou os olhos e minha mulher apertou minha mão antes de soltar.

Deveria ou não entregar o celular a ela?

Ah, que deixasse para ser a última coisa que fizéssemos, estar entre os amigos era melhor do que lembrar das assombrações do passado.

Voltei para a área do fundo e Leo já se mostrava irritado.

— Voltou a ter dez anos, caçulinha? — perguntei puxando uma cadeira para ficar do lado de um Fred irritado.

— Vocês são um bando de *viadinhos*, inclusive você, Bastião.

— Eu? O único solteiro da turma é você, nossa sexualidade está garantida ao estar com nossas mulheres — rebati orgulhoso, não pensava que seria tão prazeroso dizer que tenho uma namorada.

— Nós seremos muito compreensivos quando sair do armário, Leo — Guido brincou e Fred continuava sério.

— Você está na minha casa e quero respeito. Não concorda como tratamos Alexia, que se foda, não viesse para cá em primeiro lugar.

— Se os pais dela não a blindam do mundo, por que vocês estão fazendo? Ela precisa

sair do buraco que criou e reagir! — Leo encarou o irmão.

— Quem está em um buraco é você. Situação desconfortável, as mulheres poderiam estar nuas no quarto, não deveria ter entrado sem se anunciar primeiro.

— Não viaja, Fred. Elas são amigas e não parceiras de foda. Estavam dançando, Alexia, inclusive, estava fazendo isso. Viu como ela consegue?

As mulheres começaram a aparecer com as roupas informais, Luana caminhou devagar e deu um beijo no seu homem enquanto Laís sentou no colo de Guido e o abraçou.

Alexia e Analia ficaram mais longe,

estavam conversando e de mãos dadas, algo raro de ver com a amiga do meu primo.

— Vamos embora, amor? Os vestidos estão todos definidos, as lingeries também, só levar para lavar.

— Sim, furacão, você dirige, eu tomei umas — sussurrou e sorri ao ver que meu amigo estava bem e feliz. Foi um grande avanço dele fazer terapia e também, assumir.

— Vamos dar carona para Alexia. — Ela se levantou e abraçou Leo. — Tchau, chato.

— Também te amo, prima — Leo respondeu divertido. Quando Laís veio me abraçar em despedida, o filho da mãe gritou: — Hei, é sem educação deixar as pessoas de fora da conversa e

ainda ir embora mais cedo. Venham!

Dei um murro no seu braço com força, ele não só deixou Alexia desconfortável, mas minha mulher.

— Ai, cara, é brincadeira, porra! — Leo resmungou.

— Vai pedir desculpas a minha mulher agora! — exigi.

Quando Guido e Laís se aproximaram de onde elas estavam, fomos surpreendidos com:

— Vai tomar no cu! — Alexia rebateu e foi embora enquanto Analia se aproximava de mim encabulada.

Fred riu alto, colocou sua mulher sentada na cadeira e foi abrir o portão para as visitas irem

embora. Olhei para meu primo mais novo, e ele sorria como há muito não via.

— Você é doente, cara — falei abraçando a cintura da minha mulher e a fazendo sentar no meu colo.

— Eu disse que ela precisava de um tratamento de choque. Ela precisava disso para reagir. — Olhou para mim, depois para Analia e voltou para mim.

Porra, foi o conselho que ele me deu quando fui na sua casa fazer um pouco de exercício para fortalecer os músculos da sua lesão. Reagir, sair da posição de vítima ou coitada e exigir que as pessoas a olhem com o respeito que devem.

Minha mulher estava nesse caminho e

PERIGOSAS NACIONAIS

Alexia também. Isso era muito, muito bom.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Bastien

— Ela é mais doce que eu, Bah — Analia sussurrou no meu ouvido e virei para encarar Luana, que bocejava.

— Mas você é o único doce que quero comer — rebati baixo no seu ouvido, o que a fez se ajeitar melhor no meu colo.

— Não vejo a hora desse menino nascer. Acho que vou explodir. — Luana alisou a barriga.

— Aproveita o descanso, Maurício, porque seu padrinho está pronto para te ensinar tudo o que

sabe — Leo brincou falando com a barriga.

— Não! Você já tem Maria Clara como afilhada, está na hora de outro primo assumir o papel, um mais centrado e que não tem medo de enfrentar o mundo. — Fred pegou sua garrafa de cerveja, mesmo vazia e ergueu em minha direção, me deixando entender que eu seria o padrinho de seu filho.

— Fred, não estraga a surpresa — Luana resmungou e ele deu de ombros.

Caramba, essa era não só uma responsabilidade, mas um privilégio. Olhei para Analia, que muitas vezes se retraiu quando se falava de criança e percebi que ela estava contemplativa para a barriga de Luana. Se fosse

para cuidar desse bebê, que fosse com ela.

Estaria sendo muito precipitado?

— Cadê minha cerveja? — Meu primo rabugento cortou o assunto.

— Pode levantar e pegar, você não se sente todo íntimo do lugar? — Ele beijou a barriga da mulher e depois sua testa. — Vai dormir, Corujinha, eu faço sala para eles.

— Não por mim! — Levantei e Analia fez o mesmo. — Obrigado, primo.

— Obrigada pela acolhida, vocês são maravilhosos — minha mulher falou, se despediu e Leo nos acompanhou, mancando, enquanto Luana ia para dentro e Fred abria o portão para nós.

Analia foi pegar sua bolsa e novamente

senti o celular dela vibrar no meu bolso. Esperava, do fundo do meu coração, que ela visse tudo isso e ignorasse, porque quem estava ao seu lado era muito melhor do que esse passado.

— Ainda mancando, cara? Desse jeito nunca vai voltar à ativa. — Percebi que cutuquei a ferida, porque seu semblante mudou de sério para muito chateado.

— O caralho que não volto. Nem que seja para pilotar, eu vou voltar!

— Até mais — Fred falou e fechou o portão atrás de nós.

Para variar, Leo tinha vindo com algum motorista e agora, eu o levaria em casa. Nem pediu, apenas sentou no banco de trás e gemeu.

— Você está bem? — Analia perguntou sentando no banco do passageiro da frente e olhando para trás, eu estava no posto de motorista.

— Ossos do ofício, estou ótimo.

— Ignore o chato, doce — pedi enquanto ligava o carro.

— Vocês e esses apelidos carinhosos. Qual o problema de chamar pelo nome? — Pelo visto, Leo estava ficando cada vez mais azedo.

Peguei a mão da minha mulher, beijei o dorso e a deixei na minha perna.

— Vou perguntar a mesma coisa quando você encontrar um apelido para Alexia.

— Vai se foder!

O celular vibrou na minha calça e sim, iria

me foder, ainda mais quando olhei para Analia com um pedido de desculpas.

— Seu celular caiu na sala que estávamos descansando na academia. Desculpe, esqueci de te passar — falei tirando o aparelho do bolso e segurando a respiração para ver a reação dela com a chamada que aparecia no visor.

Ela ficou em choque, depois olhou para mim preocupada e precisei me controlar para não desviar muita a atenção das ruas.

— Você viu? — perguntou baixo.

— Sim — respondi seco, mas não por estar com raiva dela, mas por ele. — Mais de oito ligações, Analia...

— Oito ligações? Tem alguém com o

mesmo problema de Guido na área — Leo se intrometeu e troquei um olhar com ele no retrovisor. Ainda bem que entendeu o recado, apenas deu de ombros e olhou para fora da janela.

— Ele nunca fez isso, desculpe...

— Não precisa se desculpar por ele. — Peguei sua mão na minha e a apertei. *Caralho, não faça como as outras, me escolha.* — Tudo bem?

O silêncio reinou no carro e só depois que larguei Leo na sua casa, foi que ela segurou a mão que estava no volante, para me impedir de guiar. Desliguei o carro e a encarei.

— Não quero atender a ligação.

— Então, não faça.

— Mas preciso dar um encerramento para

a nossa história — falou cabisbaixa.

— Que história? Um homem que nunca te deu valor, não te tratou como prioridade, te esnobou... — Sentei de lado e segurei seu rosto. — Olha para mim, Analia. Eu quero você. Conhecer meus primos é como se fosse conhecer meus pais, é minha família, é importante. Eu te trato como prioridade, quero você na minha vida. Eu gosto de você.

Mesmo impactada com minhas palavras, ela segurou meus pulsos, me beijou e ficou de joelhos no assento. Afastei meu banco, trouxe ela para meu colo e com as pernas escarranchadas, ela se movimentou com sensualidade.

— Você é tão especial, Bah. Por que não

te conheci antes? — Seu quadril começou a se esfregar com mais força contra o meu, o tecido da sua calça legging e o meu de tactel tornou tudo mais erótico e estimulante.

— Esqueça a porra desse passado, mulher. — Bati na sua bunda e apertei, forçando o atrito entre nós. — Quer gozar?

— Sim... — Escondeu seu rosto no meu pescoço e suspirou. — É maravilhoso gozar com você.

— Faça comigo dentro de você, meu doce.

Nem olhei para os lados, além de ser tarde da noite, a casa de Leo ficava em um bairro com pouco movimento.

Virei seu corpo para ficar sentada de

costas para mim. Abaixei sua calça apenas o suficiente para que meu pau, com muito custo, encontrasse seu canal encharcado. Sua boceta estava pulsando, faltava pouco para encontrar o clímax.

Coloquei uma mão debaixo da sua camiseta de grandes dimensões e com a outra ajudei seu quadril ir para frente e para trás, torturante, quase me fazendo explodir.

— E se alguém nos ver? — perguntou preocupada.

— Estou aqui para te proteger. Deixe a adrenalina correr nas suas veias, sinta o meu tesão enquanto fazemos amor no meu carro.

Foram as palavras certas, porque ela

inclinou para frente e pulou no meu colo. O sobe e desce aumentou de velocidade e precisei me controlar para não gozar antes dela. A mão que segurava seu seio foi para seu clitóris. Não precisei de muito, apenas um esfregão e lá estava ela entregue ao prazer. Segurei seu quadril e lembrei, tarde demais, que não usei camisinha.

Ah, caralho, já estava na chuva, nosso envolvimento começou todo incerto, nada mais justo que eu esquecer a lógica e seguir a porra do meu coração.

Abracei sua cintura, ela suspirou e se apoiou no volante.

— Vai ser sempre assim?

— Comigo, meu doce, será sempre você

gozando primeiro, eu por último e um banho. Vamos para meu apartamento, vai ficar comigo um pouco antes de voltar para casa, tudo bem?

— Mais que bem — falou mole, saiu de cima de mim e estiquei meu braço para pegar minha mochila, onde tinha uma toalha pequena limpa.

Voltei a posição do banco, ajeitei minha calça, beijei sua mão e seguimos para meu apartamento, a esperança de que tudo estaria bem dominava em meu peito.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Bastien

— Não, mãe, hoje vou ficar em casa, tenho um monte de trabalho a fazer e também estou com companhia — falei baixo, deitado na cama, enquanto Analia dormia nos meus braços.

Chegamos em casa, tomamos um banho e nos rendemos ao sono, não precisava de mais nada para fechar meu final de semana ao assumir um namoro, ainda mais quando ela deixou o celular bem longe de nós.

— *Ah, meu filho, está trocando a família*

por um romance de final de semana?

— Mãe, é minha namorada e antes de te apresentar, quero firmar o laço. Tenho certeza que a primeira mulher que levar para a senhora conhecer, ela fugirá para longe — brinquei, mas tinha todo um fundo de verdade.

— Não acredito, Bastien. Você encontrou uma moça boa para namorar? É sério? Diga que sim, teremos o casamento de Laís daqui alguns dias, ela precisa ir te acompanhar. Depois, largar a menina não ficará bem para as fotos que Guido e Laís manterão.

— Dona Alice e seu jeito exagerado. É sério, mãe, não se preocupe, vocês irão conhecer minha mulher antes do casamento. — Um nó se

formou na minha garganta, porque a verdade era uma só, não saberia o que fazer quando fosse confrontado com o passado de Analia, mas com minha família, não tinha medo, mesmo que fosse dar briga no início, meus pais nunca recusariam apoio.

— *Vou avisar Debora e Heitor, eles ficarão tão animados quanto eu.*

— Não, mãe, avise apenas o pai e pronto. Quando eu for aí com Analia, só quero a família — falei duro demais e senti minha mulher remexer na cama.

— *Eles são família!* — minha mãe falou indignada.

— Mantenho o que disse, quero apenas

vocês. Depois conversamos. Beijo.

Encerrei a ligação e abracei Analia, que se espreguiçava entre os lençóis e me deixava de pau duro.

— Bom dia doce.

— Bom dia Bah! — Ela me deu um selinho e cheirou meu pescoço. — Estava falando com alguém?

— Minha mãe, avisei que estava ocupado com minha namorada. Ela quer te conhecer.

— Mas... — Ela parecia realmente acordada.

— Está tudo certo. Quando for o momento, vamos lidar com isso. Agora, só temos eu, você e uma cama.

— Tudo bem, tudo bem, o agora. Nunca pensei que dormir com um homem fosse tão bom. Quero fazer mais, mesmo com você roncando.

Não poderia brochar, ainda mais quando sabia que ela não tinha a intenção de me comparar com Heitor. Não queria disputar, só queria ser eu a sua opção.

— Isso quer dizer que dormiu depois de mim. Minha cama é sua, pode vir. — Passei as mãos nas suas costas, cheguei na bunda e apertei, fazendo-a gemer e eu, respirar aliviado que ela estava em sintonia comigo. — Quer café da manhã?

— Estou morrendo de fome — falou me encarando, estávamos de frente um para o outro,

então trouxe sua perna para a minha cintura e cutuquei sua entrada. — Não era essa fome, mas aceito também.

— Prometo ser rápido e eficiente, depois irei te alimentar.

Fui entrando de pouco em pouco dentro dela. Olhei a reação do seu corpo, sentia suas mãos nos meus músculos e aprofundava cada vez mais. Torturei no início, estava sendo lento, mas quando senti suas mãos puxarem meus cabelos e sua boca devorar a minha, sem se importar com vergonha ou qualquer outra coisa, acelerei. Peguei um seio com a mão e chupei com força, escutando-a gemer.

A posição exigia força e equilíbrio da minha parte, o que não era uma dificuldade, dado o

meu porte físico.

— Mais... — pediu inclinando a cabeça para trás.

— Com todo prazer! — Modi seu pescoço e depois chupei, para deixar minha marca em seu corpo, aquele que estava conhecendo cada ponto de prazer e sensibilidade.

Virei para ficar debaixo, ela sentou no meu quadril e se esfregou com as mãos apoiadas no meu peitoral.

— Eu... — ela tentou falar algo, mas revirou os olhos de prazer.

— Me use como quiser, eu sou todo seu. Vem gozar para mim, vem.

E ela fez, com seu corpo tremendo de

prazer e seus movimentos se tornando erráticos. Segurei seus ombros por trás quando ela deitou em cima de mim, flexionei as pernas e meti com força até que encontrei meu próprio clímax.

Era tão bom estar com ela.

— Nós fizemos amor? — falou baixo.

— O quê? — Tentei entender o que ela queria dizer, porque de longe, ela ainda não me amava.

— No carro, você disse que iríamos fazer amor. E agora, também é?

— O que você quiser, Analia. — Deslizei as mãos nas suas costas, saí de dentro dela e suspirei. — Disse isso, porque é uma transa com alguém que gosto muito. Uma foda com

sentimento, para mim, é fazer amor. Não importa como chama, se quiser que eu mude...

— Não! Está bom assim, eu quero fazer amor com você. — Ela ergueu a cabeça e sorriu carinhosa. — Quero ser lambuzada pelo seu chantili.

Ri alto, nos viramos na cama e a coloquei debaixo de mim. Distribuí beijos pelo seu rosto e colo, fazendo-a rir comigo. Isso me lembrou do que ela falou quando a camisinha estourou na nossa primeira vez, sobre ser estéril. Não que eu pensava em ter filhos nesse momento, mas ela era tão jovem e saudável, não me cabia não poder engravidar. A não ser que ela não tivesse o útero.

— Você disse que é estéril. — Vi seu

semblante mudar e seu corpo retesar. — Relaxe, doce, não é cobrança, só quero saber mais de você.

— Fui diagnosticada com um caso grave de ovários policísticos com dezoito anos. Essa é uma coisa sobre mim que você terá que aceitar, não sou completa. — Olhou para o lado, beijei sua bochecha e fui deixando beijos até chegar na sua boca.

— Por mais incerto que nosso futuro possa parecer, por conta das situações que teremos que enfrentar, acho que não poder gerar um filho é o mais simples dos problemas. Deve existir algum tipo de tratamento, a medicina está tão avançada.

— Eu não posso ter um filho e não tenho pretensão de adotar. Acho que está tudo certo nessa

vida, eu não quero trazer para o mundo outra pessoa para sofrer. Esse ciclo acaba comigo.

Minhas mãos encontraram suas costelas e forcei ela rir até implorar para que eu parasse. O que Analia ainda não entendeu é que não existia mais sofrimento na sua vida, que eu estava do seu lado para mudar essa situação, apesar de depender única e exclusivamente dela.

— Estou aqui para lidar com qualquer sofrimento, meu doce. — Beijei sua boca e me levantei com a mão estendida para ela. — Venha, vamos curtir o domingo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Bastien

Levei-a para casa no final do domingo, depois de termos assistido vários filmes, comido pipoca, seu macarrão de almoço e mais sexo com tempero de paixão antes de finalmente me despedir.

Apenas eu olhei para seu celular, preocupado que Heitor fosse ligar novamente, mas não aconteceu, a bateria acabou e ela, simplesmente, esqueceu do aparelho.

Será que a preocupação era apenas minha sobre o seu passado? Como Guido falou, eu

precisava confiar, senão seria outro indo na terapia com ele.

O começo da semana chegou, Joana apareceu na academia com um sorriso misterioso e nem precisei perguntar o motivo, já sabia.

— *Tá* namorando! — brincou comigo guardando sua bolsa em um dos armários da entrada. Alguns clientes e instrutores também chegavam e não me intimidei para responder o que ela nem tinha perguntado:

— Sim. Ela te contou? Estava bem?

— Você ainda não ligou para ela dando bom dia? Que namorado fajuto é esse? — Seguimos para a parte administrativa da academia.

— Mandei mensagem, mas não é a mesma

coisa. Acho que vou trocar de lugar com você, eu a levarei e buscarei.

— Eu levo, você busca. Não sufoque a bonita, ninguém gosta de chiclete. — Ela sentou à sua mesa e a encarei preocupado. Porra, a última coisa que queria era afastá-la.

— Sim, farei isso. Mas me conte, como ela estava?

— Radiante. — Joana assumiu divertida. — Comentou que teve uns problemas com a mãe, mas fora isso, foi tudo maravilhoso.

Conhecer a mãe, precisava fazer isso urgente.

— Foi mesmo. — Dei uma batida de leve na mesa. — Vamos trabalhar, temos uma filial para

construir.

— *Tô* pronta, chefe!

Mantive meu foco e tentei ao máximo não pensar em Analia, porque senão, iria querer saber sobre o seu dia, iria chamá-la para almoçar ou pior, iria na sua empresa só para vê-la.

Era isso que meus primos sentiam?

Peguei o celular e fui descobrir.

Bastien>> Como estão?

Guido>> Bem, dependendo do ponto de vista. Fomos fazer ultrassom da Laís, para descobrir o sexo do bebê, de última hora, ela decidiu que quer fazer um chá de revelação. Que cargas d'água é isso?

Fred>> Vocês não trabalham não?

PERIGOSAS NACIONAIS

Estão atrapalhando meus quinze minutos de descanso.

Bastien>> Acho que Leo pegou o celular do Fred ou alguém está sem amor para receber.

Fred>> Luana levanta de 3 a 4 vezes a noite para ir no banheiro, esse final de gravidez está foda, porque eu acordo com ela.

Guido>> Eu ainda estou na parte boa da gravidez, não me lembre que existe uma outra fase. E você, Bastião, quando vai fazer um filho?

Leo>> Vou sair do grupo, vocês só falam disso agora?

Fred removeu Leo.

Guido>> HAHAHAHAHAHA se fodeu!

PERIGOSAS ACHERON

Bastien>> Ainda bem que você não é meu irmão. Puta que pariu, Leo vai te infernizar.

Fred>> Ele está perturbando demais, não só eu, como Alexia. Quero que se foda, ele precisa aprender a virar homem.

Leo entrou.

Leo>> Trouxas, vocês vão pagar por isso.

Fred>> Aproveita e contabiliza o quanto você precisa pagar para nós com sua chatice.

Bastien>> E seu bebê, Guido? Não sabe se é menino ou menina?

Guido>> Bem, resumo da ópera, Laís

quer fazer esse chá de revelação apenas com os primos, trajes formais, lá no estúdio de dança, sexta-feira.

Leo>> Ir de terno? Por quê?

Fred>> Não se discute com uma grávida.

Guido>> A verdade é, não se discute com minha mulher, só pergunta quando e o quanto ela precisará gastar. Mulher feliz, casa feliz e noites muito bem dormidas, obrigado.

Leo>> Pau mandado.

Fred>> Estou de camarote assistindo você ser selado, meu irmão.

Larguei o celular e tive minha resposta. Não se tratava de submissão ou quem mandava em

quem, porque em um relacionamento, quando se tratava do homem, a felicidade da mulher estava sempre em prioridade.

O que será que elas falavam sobre nós?

Não perdi tempo, enviei uma mensagem para Analia convidando-a para o chá de revelação inusitado da esposa do meu primo. Complementei dizendo que iríamos no shopping, eu faria questão dela ter um novo vestido para me acompanhar, sabendo que ela tinha dificuldade financeira.

Será que estava atropelando ou me impondo demais?

Quando sua mensagem chegou, sabia que estava no caminho e que nosso relacionamento tinha tudo para encontrar o caminho certo.

Analia>> Sim, meu príncipe encantado. Ser mimada por você está se tornando um vício, só espero poder retribuir a altura.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Analia

Estava me sentindo nas nuvens, o final de semana me mostrou que poderia sim viver no presente e esquecer o passado, ainda mais quando consegui bloquear o número de Heitor e não atendi nenhuma de suas ligações.

Eu era forte, por Bastien, aquele que queria o meu bem.

Joana me levava para o trabalho e Bastien me buscava. Fomos no shopping, outro dia andamos no parque, no outro, em um restaurante.

Meu salário entrou na conta e pela primeira vez na minha vida, ele continuava inteiro, porque Bastien pagou tudo e minha mãe não me pediu um centavo.

Tive medo de me sentir uma aproveitadora, mas passou, ainda mais quando Bastien dizia palavras tão lindas, me chamava de doce e fui incluída no grupo das noivas, um chat de mensagem de celular feito por Laís, tendo Luana e Alexia como participante.

Laís>> Agora sim estamos completas. Analia, como está com Bastien? Meu chá de revelação vai ter estilo, porque essa sou eu.

Luana>> Nem imagino o que você está aprontando.

Analia>> Obrigada por me incluírem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Vocês são muito fofas.

Alexia>> Não sei se poderei ir, tenho sessão nesse dia.

Laís>> Vá outro dia, Alexia. Você não tem par, mas faz parte da família. Não se contraria uma grávida.

Analia>> Vamos em outro dia, Alexia. Eu vou com você, vamos agradar a grávida.

Alexia>> Eu me identifico mais com a terapeuta da terça e sexta.

Luana>> Vou apelar para a gravidez, também. Tenho certeza que Laís está fazendo com muito amor e carinho para nós.

Analia>> Até eu não consigo dizer não. Vamos, Joana leva a gente na Constelação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Laís>> Isso, preciso de vocês bem zen para sexta-feira. Será dia de Rock, bebê.

Um chá de revelação onde todos deverão estar trajados formais? Realmente queria ver e Alexia cedeu aos nossos pedidos para fazer um esforço e ir. Ela foi comigo e Joana em um outro dia da terapia em grupo e saímos de lá com outra visão do mundo. Era engraçado como as palavras ditas para todos era a mesma, mas cada um sentia de uma forma e eu, percebia cada vez mais merecia ser amada e feliz. Não tinha explicação lógica, inclusive eles orientavam para não ficar se questionando demais, como as coisas funcionavam na *Constelação*. Sentir, essa era a palavra de ordem.

PERIGOSAS ACHERON

E, como tudo na vida tinha um propósito, Alexia se identificou mais ainda com a terapeuta desse dia e sua mãe marcou uma consulta individual no final da sessão, o que me chamou atenção, mas não comentei com ninguém. Depois do seu xingamento para Leo, parecia que tudo estava conspirando para ela reagir como eu mesma estava.

A semana correu muito bem, eu me sentia feliz.

— Analia, pode vir aqui um minuto? — Doutora Mendes me chamou da sua sala, era um dia antes do chá da Laís. Saí da minha cadeira e fui até lá com um sorriso enorme, o bichinho da felicidade havia me encontrado e não conseguia

esconder.

— Sim, Doutora

— Feche a porta, por favor. — Fiz o que pediu e sentei na cadeira a sua frente. — Você conhece Heitor Mendes, irmão do meu marido? — Meu coração parecia ter tropeçado e machucado, porque meu peito doeu e toda a minha felicidade parecia ter ido para o lixo.

— Sim — respondi e baixei a cabeça. Será que ignorar as chamadas de Heitor foi pior do que eu esperava.

— Por que ele quer que você seja demitida? — Olhei-a surpresa. — Ele não me deu provas, mas disse que você não tem boa índole. Você nunca roubou ou fez mal para o escritório,

pelo contrário, nos últimos dias, parece mais empenhada e dedicada.

Contei meu caso para tantas pessoas e estava tentada a falar para minha chefe também, mas não poderia, misturaria demais minha vida pessoal com a profissional.

Por que ele queria me prejudicar?

— Doutora, estou dando meu melhor. Quero fazer algo diferente para a minha vida e estou começando com meu profissional. Chega de faltas, de desmotivação por não ter como pegar minha carteira para poder advogar por conta própria e tristeza. Sei que vou alcançar meu objetivo, mas o primeiro passo tem que começar comigo e não com vocês.

Ela me observou como sempre fazia, um falcão imponente pronto para dar o bote na sua presa.

— E a sua pessoal? Você não me respondeu sobre o motivo de Heitor querer que você seja mandada embora. Gostaria de lembrar que ele é casado e tem um filho.

— Estou namorando Bastien, Doutora. Não tenho interesse nesse homem e não posso responder por ele.

Parecia que estava sendo apunhalada. Além de ter que me sacrificar para estar com ele há tanto tempo, ele queria me prejudicar, quando finalmente parecia ter encontrado minha felicidade.

— Ah, vocês estão juntos? — Sua

fisionomia séria se transformou em um enorme sorriso. — Espero que sejam felizes.

— É tudo o que mais quero nessa vida — falei em desespero, eu precisava sair desse mundo de traição, não queria mais um peso que não era meu.

— Vou te dar um voto de confiança, Analia. Apesar de você ter me deixado na mão várias vezes por conta das suas faltas, sua postura agora parece diferente depois que você voltou do atestado médico. — Ela me empurrou um papel escrito bem grande **declaração** e uma caneta. — Vou te dar de presente sua licença para advogar. Esse mês você ainda continuará como estagiária, mas mês que vem será oficializada no escritório e

poderá assinar por conta própria, como os outros membros fazem.

A caneta caiu da minha mão, olhei-a em choque e com a boca aberta. Era demais, não poderia ter tudo em tão pouco tempo. A felicidade não poderia ser tão simples de achar ou poderia? A única coisa que fiz foi aceitar que eu merecia ser valorizada e... TUDO aconteceu.

— Se não quiser, eu guardo... — ela brincou e assinei rapidamente a declaração, onde autorizava a empresa a pagar meus custos e pegar a licença para mim. Foi impossível não levantar, dar a volta na mesa e abraçar minha chefe, que por muito tempo a chamei de carrasca, mas a verdade era que ela era boa, eu que não via. Além do mais,

nunca mereci, não agora.

— Obrigada, Doutora, obrigada!

— Não me decepcione! — Ela se afastou e me olhou com ferocidade. Eu tinha entendido, ela não teria motivos para se arrepender, porque só dependia de mim.

— Farei o meu melhor sempre! Obrigada.

— Volte ao trabalho, deixe para espalhar a notícia quando você tiver a carteira em mãos.

Voltei para a minha mesa com energia renovada, mas também, com um rancor crescente. Heitor nunca me valorizou, me traía também além da própria esposa e agora, queria me derrubar. Eu não tinha mais nada para fazer com ele, o nosso passado seria enterrado e ofuscado pelo presente

junto com Bastien. Não precisava mais dele, meu Deus, eu não precisava mais desse homem.

Em um rompante de euforia e vingança, entrei no banheiro, peguei meu celular e desbloqueei o número de Heitor. Com as mãos tremendo, apertei o botão discar e respirei fundo assim que ele me atendeu no primeiro toque.

— Meu amor? Por que não está me atendendo? — sua voz fingindo paixão me fez embrulhar o estômago.

— Fique longe de mim e da minha vida. Seja pela minha competência ou porque você me indicou para trabalhar com seu irmão e sua cunhada, hoje não lhe pertence mais a decisão de guiar a minha vida, porque eu estou LIVRE! — Ri

como louca e afastei o celular quando ele começou a falar. Não, era a minha vez de dizer, não escutaria mais nada. — Chega de bancar hotel de luxo para nos encontrar, roupa de grife para te agradar, CHEGA! Não atrapalhe minha vida, você já se aproveitou demais de mim, eu mereço ser feliz!

— Você é minha! — rosnou.

— Desejo que você leve um chifre maior do que você dá na sua esposa e em mim. Eu te vi pegando outras, vá a merda e não volte nunca mais!

Encerrei a ligação, bloqueei o número e sentei no vaso respirando fundo várias vezes. Eu não iria chorar, bastava de lágrimas para os meus medos e minhas inseguranças. Não falei tudo o que queria, mas era o suficiente para vibrar pela minha

vitória.

Pensando melhor... acho que fiz a pior cagada do mundo. Se eu ignorando, ele estava tentando me derrubar, imagine agora, com ele sabendo que não queria mais nada?

O que foi que eu fiz?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Bastien

Foi o pior momento da minha vida quando escutei Heitor rosnar “você é minha”. Pegando alguns pesos espalhados por um canto, ele estava de lado e quando me viu, virou de costas e falou baixo:

— Você vai me encontrar amanhã, de noite, Analia. Não me decepcione, você sabe quem realmente te faz feliz.

Tentei controlar minha cara de ódio, mas quando Heitor encerrou a ligação e me encarou

com cinismo, eu não poderia evitar, minha boca foi mais rápido que meu cérebro.

— Mais um chifre para colocar em Debora?

— Aprenda com o mestre, menino. — Ele bateu no meu ombro e desviei com asco. — Homem de uma única mulher é fraco e apaixonado. Todas elas traem, basta você ser mais esperto e pior.

— Escroto! — falei largando os pesos no chão e dando as costas para sua presença desprezível. Ele não entraria mais na minha academia, não era obrigado a ver a traição da minha mulher com ele debaixo do meu nariz.

— Não fique triste, quando eu terminar

com ela, você poderá usar — falou alto e fui impedido de voltar para avançar em Heitor por um homem tão forte quanto eu. Olhei para o lado e lá estava o marido de Joana me contendo.

Ele sabia sobre mim e Analia. Ele nos viu naquele dia? Ela contou?

— Não vale a pena, Bastien.

— Saia da minha academia! — Apontei para fora e não me importei que chamei atenção por conta do tom sem educação. — Você não é bem-vindo!

— Não se preocupe, esse lixo está com os dias contados mesmo. — Heitor, superior, saiu rindo e foi embora, me deixando uma pilha de nervos.

Soltei-me do agarre de Marcus, fui até meu escritório e lá gritei para extravasar.

— PORRA! — Coloquei a mão na cintura, fechei os olhos e me concentrei na respiração.

Ninguém precisava apanhar que não fosse o babaca do traidor, nenhum móvel deveria ser quebrado a não ser a cara dele.

Quando acalmei, olhei para o celular e me controlei para não ligar para Analia. Amanhã à noite? Ela teria que faltar ao chá de revelação de Laís, eu a seguiria e acabaria com tudo.

Caralho, logo agora que achei que estava dando certo? Como poderia, se a sombra do amante dela pairava sobre mim e a minha família?

— Bastien? Quer um pouco de água? —

Joana falou da porta da sala e neguei com a cabeça. Droga, estava descontrolado, precisava malhar e esquecer o que aconteceu.

— Heitor está proibido de entrar nessa academia. Se insistir, chame a polícia, não quero mais ver a cara desse idiota.

— Tudo bem — respondeu receosa.

— Pegue Analia no serviço. Hoje não estou com cabeça, eu vou dar minha aula e depois malhar. Não estou para ninguém.

— Pode deixar, chefe. Eu resolvo tudo, mas... — Olhei-a feroz. — Não tire conclusões precipitadas e não faça nada de cabeça quente. Respire fundo, malhe e aja quando estiver bem.

Ela saiu da sala e fechou a porta, me

deixando com mais raiva do que já estava. Eu tinha escutado a conversa de Heitor, ele estava falando com Analia.

Essa semana tinha sido tão bom, não falamos sobre passado, eu me preocupava mais com o celular do que ela, o que era um sinal de que ninguém além de mim era importante no momento. Estava tudo bem, por que tinha que dar essa merda justo agora?

Meu celular apitou, fui até a mesa e era uma mensagem dela.

Analia>> Joana avisou que você não poderá me buscar. Está tudo bem?

Não estava nada bem, você me deixou confuso pra caralho, mulher!

Bastien>> Problemas com a filial, só preciso de um tempo. Amanhã eu te pego para irmos no chã de revelação da Laís. Tudo bem?

Analia>> Espero que você fique bem, se precisar de mim ou qualquer outra coisa que puder ajudar, me fale, será um prazer estar com você. Não vejo a hora de te ver amanhã, mais um final de semana para nós.

Ou ela era muito cínica ou... Heitor estava armando para mim. Coloquei as mãos na minha cabeça e respirei fundo, porque só teria a prova real amanhã à noite.

Para tortura, enviei uma última mensagem do dia, depois, esqueceria o celular.

Bastien>> Acreditei que poderia ser o

primeiro e único, de verdade, quando aceitou ser minha namorada. Obrigado por isso, gosto muito de você a cada dia e tenho certeza que o final de semana será mais uma prova das nossas escolhas certas.

Olhei o horário, ainda tinha uma hora para a aula que daria, então fui para a esteira e corri, em busca de calma, procurando paciência para que o dia de amanhã não fodesse com meu psicológico.

Sofria um grave risco de ser traumatizado e nunca mais pensar em mulheres na minha vida, não para ter algo sério. Estava nos vendo juntos no futuro, queria construir algo sólido para nós, enfrentaria até meus pais se fosse preciso para provar que Analia merecia estar onde estava, ela

era minha.

Com a batida perfeita que eu precisava para correr, Rihanna cantando Warrior soou nos autofalantes:

“Don’t build me up (Não me iluda)

To let me back down (Para me deixar para baixo de novo)

I’m over that now (Superei isso agora)

I’m standing my ground (Estou decidido)

I’m a warrior (Eu sou um guerreiro)”

E como um guerreiro do caralho que enfrentaria o mundo por ela, eu também faria isso contra ela se fosse necessário. Só esperava que fosse a primeira opção, do fundo do meu coração.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 37

Bastien

Meu humor estava péssimo na sexta-feira e para contribuir com ele, meu pai me ligou precisando de mim com o descarregamento inesperado de um caminhão de papel. Dono de uma gráfica, ele tinha muitos funcionários para pedir ajuda e pagar hora extra, mas justo no horário que iria buscar Analia no trabalho, para nos trocar e ir até o chá de revelação de Laís, ele me chamou.

Eu recusei.

Ele apelou para o sentimental e cedi.

— Onde é, pai, preciso terminar o quanto antes isso — falei entrando na sua sala. Ele vestia roupas informais, pelo visto, iria sujar as mãos comigo.

— Sei que tem compromisso, mas precisamos conversar, filho.

— E tem que ser agora, descarregando um caminhão? — reclamei enquanto saíamos da sua sala. Ele costumava fazer isso comigo quando mais jovem, para cumprir um castigo ou se eu quisesse dinheiro para sair com meus primos.

— Sim, ajudará a nós dois. — Fomos para o pátio onde tinha um caminhão baú parado. Apenas os guardas estavam transitando pelo lugar e o turno da noite iniciaria mais tarde. Existiam três

turnos na gráfica.

— O que foi? — Abri a porta do caminhão, ajudei meu pai a entrar e ele foi me dando os pacotes para empilhar em frente a porta do depósito.

— Eu e sua mãe estamos pensando em mudar de cidade. — Peguei o pacote, dei de ombros e levei até o canto.

— Tudo bem, estão pensando em aposentar de vez? — Controlei minha indignação, se o assunto era esse, não precisavam de mim.

— Mais ou menos. Preciso de alguém cuidando da gráfica enquanto fazemos a transição. — Ele me deu outro pacote, eu levei até o canto e vi a empilhadeira parada em um canto. Tanto

serviço braçal para uma conversa que sabíamos o fim.

— Sabe minha opinião sobre isso, eu prefiro que contrate alguém. Estou expandindo a academia, não vou conseguir cuidar de três lugares mais namorar.

— Então é verdade, você está namorando. Sua mãe contou e Heitor ficou bem surpreso, acho que nunca iria se acalmar como seus primos.

— Pai, não gosto de Heitor — falei olhando em seus olhos enquanto me entregava outro pacote. — Ele é um idiota que fica traindo sua mulher na minha academia.

— A vida pessoal dele não é da sua conta — meu pai falou com repreensão e bufei

carregando mais pacotes. — Ele é meu amigo, suas escolhas pessoais não tem nada a ver comigo.

— Tem, quando elas me envolvem — falei com minhas mãos tremendo.

— O que ele fez para você? Ele te viu crescer, Bastien! — meu pai estava perplexo.

— Um homem que sempre me infernizou e agora, estava fazendo de tudo para estragar minha vida. Gosta dele? Ótimo, eu não gosto e não vou na sua casa quando esse idiota estiver.

— Está me fazendo escolher, Bastien? — Meu pai pulou do caminhão e me enfrentou. Não tinha problemas com ele, mas era comum termos algum embate, porque não desistíamos de nossas opiniões. — Eu e sua mãe vamos nos mudar, será

mais fácil para você não ter que lidar com eles, mas até que isso aconteça, espero que seja educado com meu amigo. O que ele te fez, afinal de contas?

A pergunta certa era, o que ele estava disposto a fazer para estragar meu namoro?

— Ele me ofendeu dentro da academia. Ele não pisa mais no meu trabalho e ele não vai prejudicar meu relacionamento com Analia.

— Sua namorada? Por que ele vai querer... — Algum reconhecimento passou pelo seus rosto e sorriu triste. — Meu filho, se a menina está dando bola para Heitor, ela não te merece. Esse é o jeitão dele, sempre foi pegador antes e depois de casar.

— O senhor também? Por que não se incomoda com o jeito dele? — Estufei o peito e

meu pai fez o mesmo, a visão dos meus pais se distanciando emocionalmente invadiu minha mente. Parecia uma panela de pressão pronta para sair a pressão.

— Mais respeito comigo, Bastien. Te ensinei muita coisa, educação e compromisso foram um deles, isso quer dizer que eu também sigo.

— Ótimo. Mais alguma coisa? — Dei um passo para trás, estava ficando nervoso e muitas outras coisas dentro de mim parecia em conflito.

— Preciso de você, filho. Nem que seja uma hora do seu dia, mesmo com alguém no meu lugar, preciso de você para guardar a gráfica. Ela é sua também, será parte do seu legado.

— Agradeço, pai, mas não posso sonhar o seu sonho. Quer que eu te dê lucro? Venda a gráfica e invista na academia, serei seu sócio e você, junto com a mãe, poderão viver a aposentadoria dos sonhos comigo à frente dos negócios. Se não pode fazer isso, sinto muito, vou viver a minha vida.

Ficamos nos encarando por um bom tempo. Era tão estranho ter uma conserva tão longa e profunda com meu pai que meus sentimentos conflitantes sobre a família e Analia estavam se misturando. Precisava ir para casa, encontrar minha mulher e não a soltar nunca mais.

Essa era a minha vida.

— Obrigado por me ajudar, eu termino

aqui.

Por instinto, abracei meu pai numa tentativa de mostrar que estávamos bem e saí correndo em direção ao meu carro. Joana ia buscar Analia, então eu precisava ir para casa, colocar o terno e buscar minha mulher.

Ela não me trocaria por Heitor, precisava que ela não fizesse isso.

Acionei o *bluetooth* no som do carro para sincronizar com meu celular e liguei para Joana.

— *Oi chefe.*

— Buscou Analia?

— *Se for a moça sorridente e ansiosa que busquei agora no escritório de advocacia e deixei no condomínio, sim. Ela foi no salão na hora do*

almoço, está linda com cabelo novo.

Não sabia se me emocionava ao pensar que era para mim ou para o filho da puta do outro.

— Ela disse algo? Ia ver alguém antes de mim?

— *Não, ela só falava de você e no quanto estava feliz. Tem algo de errado?*

— Sim... quero dizer, não. Estou indo para casa, vou ver com meus próprios olhos.

— *Ai, ai, Bastien. Nada de cabeça quente. Não dê ouvidos para o diabinho, deixa o anjinho reinar na sua mente.*

— Até logo, Joana.

Encerrei a ligação e entrei no piloto automático. Era a hora da verdade.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 38

Bastien

Guiando apressado, entrei no estacionamento do meu prédio. Subi as escadas de dois em dois degraus, entrei em casa e me aprontei em tempo recorde. Por sorte, tinha uma gravata borboleta pronta e a coloquei sem medo de me chamarem de garçom. Estava com pressa, meu coração estava para sair pela boca.

Liguei para Analia quando saí de casa e ela não me atendeu. Que estivesse tomando banho, precisava ter esperança.

Enquanto descia pelo elevador, liguei mais uma vez e desisti, não poderia ser louco e insistente como Heitor, a dúvida ainda pairava sobre minha vida.

Sentei no carro e olhei as mensagens do grupo dos meus primos. Todos já estavam partindo para o estúdio de dança, Fred buscaria Alexia primeiro e eu avisei que estava indo pegar minha mulher, depois pegaria Leo.

Minha mulher!

Dirigi em silêncio, o som do carro não iria ajudar. Era um guerreiro, o primeiro confronto eu tive com meu pai, estava pronto para ter o próximo. Ninguém iria julgar minha mulher, nem eu mesmo.

Parei o carro na frente do condomínio de

Analia e novamente não me atendeu. Saí do carro, fui na portaria e o porteiro avisou que não havia ninguém no apartamento, ela tinha saído há minutos.

Meu celular soou o aviso de quem uma mensagem tinha chegado e senti uma apunhalada no estômago quando li as palavras dela.

Analia>> Me perdoa, tive que resolver uma emergência, depois te conto.

— Não, porra! — resmunguei entrando no carro e discando para Leo.

— *Já está vindo?* — Leo atendeu divertido.

— Ela foi atrás de Heitor, eu não acredito. Me dê um motivo para não ir atrás desses dois!

— Te dou vários motivos para ir e me levar junto. Me passa o número dela, vou rastrear e os pegamos em flagrante.

— Trouxa, culpa sua, você me incentivou a falar com ela para pedir ajuda com direito trabalhista.

— Sim, nessa época eu já tinha toda a ficha dela porque escutei essa fofoca da família sobre a traição. Depois de Luana, voltei a investigar tudo.

— Ah, porra, o que mais você sabe?

— Que todo mundo merece uma segunda chance, mas se cagar no pau, merece ser exposto. Vamos, qual o número.

Meu coração estava acelerado, minha

cabeça doía e minhas mãos tremiam. Encerrei a ligação depois que passei o número, cheguei na sua casa e lá estava ele, de terno e gravata borboleta também.

— Até você de garçom? — Não consegui controlar a zoeira.

— Estamos bem disfarçados, vamos para um bar, é lá que ela está.

— Estou fervendo de raiva. Se Heitor falar alguma merda, vou socar a cara dele — confessei guiando o carro conforme a direção que Leo me dava.

— Sendo nele e não nela, tudo bem. Ela já vai sofrer por muito tempo ao perceber que te perdeu.

— Sim, dono de academia e herdeiro de gráfica. Para completar o dia, meu pai quer que eu cuide da empresa dele, porque pretende se mudar de cidade com minha mãe para curtir a aposentadoria.

— Seu dia está sendo uma merda, hein? — Ele olhou o celular e fez uma careta. — Estou vendo as mensagens aqui, só falta nós, Laís já ameaçou nos capar.

— Vou depois que resolver minha vida. Estou há dois dias esperando essa porra acontecer.

— Você sabia que eles iriam se encontrar?

— O idiota conversou com ela no celular, na minha academia! Mas tudo que vem de um traidor não deve ser levado em consideração. —

Bati no volante. — Por que ela tinha que ir falar com ele?

— Aqui, é aqui!

Parei o carro, saímos como dois homens imponentes e entramos no bar que fedia a cigarro e suor de homem, pior que da academia. Fiz uma careta, olhei para todos os cantos esperando achar os dois se beijando e não vi nada.

— Ali, Bastião. — Leo apontou e segurei a respiração por alguns segundos antes de soltar preocupado.

Corri na direção de Analia, ela estava ao lado de uma senhora bêbada e com uma roupa muito indecente.

— Mãe, por favor, vamos embora... —

escutei-a pedir chorosa. Ela virou o rosto, me viu e ficou pálida. — Bastien?

— Ah, então esse é o... seu... namoradinho? Outro... riquinho? — A mulher, que era a mãe de Analia, cambaleou na minha direção e tentou me abraçar. Segurei seus braços, ela estava muito bêbada e parecia querer me... beijar? — Todos vocês são... lixos. Quer foder alguém? Que seja... eu, minha filha... não merece...

— Mãe! — Analia gritou me ajudando a segurar a mulher que parecia convulsionar nos meus braços. Percebi que minha mulher estava com a roupa de festa que comprei para o chá de revelação, o que deu a entender que ela não planejava vir aqui. — Bastien, por favor, me ajuda!

— Vamos para o pronto socorro, ela pode estar tendo um coma alcoólico — Leo falou e segurou no braço de Analia enquanto eu carreguei a senhora. Todos no bar apenas assistiam dos seus lugares e ninguém fazia nada.

— Rápido, entre no carro — pediu para ela enquanto colocava sua mãe deitada no banco de trás com a cabeça no meu colo.

— Mãe, acorda mãe! — falou baixo e me doeu a boca do estômago.

Entramos no carro e corri o máximo que pude até atendimento. A preocupação de Analia me afligia mais e mais e com a paciência de Leo, assim que paramos na emergência, ele chamou os médicos e encaminhou minha sogra para

atendimento enquanto eu abraçava minha mulher, que agora chorava desprendida.

— Meu Deus, minha mãe, ela vai morrer?

— Vai ficar tudo bem, acalme, doce — pedi beijando sua testa. O alívio de não a ver com Heitor foi substituído pela culpa e preocupação pela sua mãe. — Estou aqui com você.

— Como sabia onde eu estava? — Ela me olhou com a maquiagem borrada e os olhos cheios de lágrimas. Estava envergonhado, ela tinha problemas com a mãe, já havia assumido isso para mim e nunca procurei saber mais, tão preocupado com ela esquecendo o passado.

O presente, precisava viver o hoje!

— Vamos focar na sua mãe, deixe esse

assunto para depois. — Ela me abraçou forte e suspirou. — Eu te adoro, tenha isso em mente.

— Oh, Bah, também te adoro. — Ela escondeu seus braços dentro do meu terno e assim ficou até Leo apareceu. Percebi que não mancava mais, pelo jeito, ele finalmente fez o repouso necessário para sua recuperação.

— Ela foi internada, os sinais vitais não estão bons e vou precisar dos documentos pessoais para dar entrada na UTI.

Forte como um guerreiro, como prometi ser assim que a encontrasse, independente do que fosse, me mantive ao seu lado e despachei Leo para o chá de revelação da Laís.

Enquanto esperamos por notícias da minha

sogra, acompanhamos, pelo celular, as fotos tiradas por Alexia do evento da Laís. Decorado como um baile de gala, debaixo da cadeira, cada convidado tinha um pedaço de quebra-cabeças que foi entregue para grávida. Ela montou em cima da mesa principal, em um quadro e chorou emocionada ao mostrar a todos que teria um menino.

Ricardo ainda era o pioneiro das meninas.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 39

Bastien

— Vamos embora, você está muito cansada, vai precisar ser internada também — falei para uma Analia sonolenta deitada em meus braços.

O sol estava raiando e as luzes entravam pelas janelas fechadas do saguão de espera do pronto atendimento. Dona Rita entrou em coma, os rins pararam de funcionar e o fígado também. O quadro dela não era bom, parecia que estava abusando da bebida por um longo tempo e Analia não tinha percebido.

Apesar da relação das duas não parecer das melhores, mãe e filha tinham uma conexão que a rotina não conseguia extinguir, como a minha e do meu pai. Conversamos muito sobre esse assunto, ela desabafou sobre a mãe pedir dinheiro, não pagar as contas e nunca a incentivar, porque achava que nenhuma das duas merecia um futuro bom.

— Doce, você ouviu o que eles falaram, o horário de visita é no almoço, vamos descansar, depois voltamos.

— Quero ir para minha casa. — Saiu dos meus braços e se levantou. Preferia que ficasse no meu apartamento, mas tudo bem, faríamos do seu jeito hoje. — Preciso descobrir quando tudo isso começou, por que ela não me contou.

— Você disse que sua mãe é manicure, atende à domicílio, certo? — Abracei seus ombros e saímos do pronto atendimento. — Você nunca saberá, ela poderia estar fazendo nesse tempo.

— Nunca senti cheiro de bebida em suas roupas, não encontrei garrafas de bebida em casa, parecia beber socialmente... não era pressuposto esse tipo de indicação aparecer antes do pior acontecer?

— Não existe regras na vida.

Chegamos até meu carro, ela entrou e eu também.

— Como vou trabalhar desse jeito, Bah? Se minha mãe morrer, vou estar sozinha no mundo.

Ela começou a chorar e foquei em guiar o

carro, ou não sairíamos dali. Doía demais vê-la dessa forma, queria poder resolver seu problema como estava acertando seu carro. Dinheiro poderia ser uma solução, não quando o assunto era saúde.

Segurei sua mão e trouxe para ficar na minha coxa. Ela apoiou sua cabeça no meu ombro e continuou as lamúrias:

— Nunca tive avós, primos ou tios. Minha mãe brigou com toda a família para me ter. Achei que minha sina de ser amante era por conta da minha infertilidade, mas não, era apenas eu repetindo os passos da minha mãe. Sou fruto de traição, Bah. Tenho vergonha de assumir, mas está tão entalado na minha garganta. Meu pai não quer saber de mim, tenho certeza que é porque minha

mãe engravidou para tentar fisgá-lo. O que as mulheres cegas em um relacionamento desse não sabem, que descobri ao estar com você, é que uma vez segunda opção, sempre segunda opção, porque não nos valorizamos.

Se ela queria me chocar, conseguiu. Quando ela falava sobre repetir os passos da mãe, não imaginava que era nesse ponto. Tive que parar o carro, abraçar minha mulher e esperar que ela se acalmasse antes de continuar, porque corria o risco de mim mesmo me desmanchar por ela.

Analia não merecia passar por isso.

— Focar no presente, tudo bem? Eu estou com você, o passado foi desse jeito para que você me encontrasse e juntos, chegássemos até aqui. Eu

te adoro e você está vinculada a mim. Pronto. — Apertei-a forte e escutei uma fungada maior antes dela se afastar.

— Isso me lembrou de algo que falaram na *Constelação*, que na hora não tinha feito sentido, agora parece muito claro. Viver o presente, porque tudo o que aconteceu no passado foi necessário para que eu estivesse aqui. — Ela tentou sorrir, mas logo se transformou em uma careta triste. — Será que vou precisar perder minha mãe para viver bem? Ela tem seus defeitos, mas é minha família...

Fechei os olhos dessa vez, quando ela voltou a chorar e me abraçar. Fale sobre justiça e teremos muitas posições para avaliar o que deveria ser certo ou não. O que pode ser justo para um,

poderia ser completamente injusto para o outro. Quando o assunto era opiniões e ideologias, nada era preto no branco.

Mas tinham verdades que independiam de ponto de vista. Colher o que plantamos acontecia, o que variava era o tempo para que isso acontecesse. Se dona Rita estava se maltratando com bebidas, um dia essa conta seria cobrada e infelizmente foi hoje.

— Doutora Mendes vai me efetivar — Ela soltou do nada, voltou para o seu banco e respirou fundo várias vezes. Voltei a guiar o carro e apertei sua coxa, com a intenção de apoiá-la a falar o que quisesse. — Ela vai pagar minha licença para advogar e está muito feliz de saber que estou com

você.

— Ela parece ser uma chefe justa.

— Muito exigente e criteriosa, mas sim, sempre justa. Eu que não dava valor.

— Mas agora o faz e olha o que conquistou! — Alisei sua perna. — Precisamos comemorar.

— Com que clima, Bastien? Se pudesse trocar, eu ficaria sem isso apenas para ter minha mãe em casa de volta, reclamando sobre falta de dinheiro e meu jeito lerdo.

Que merda, o sentimento de impotência era um dos piores.

Parei em frente ao portão do seu condomínio e entrei com ela, não a deixaria sozinha

nesse momento, a não ser que ela pedisse, com todas as letras, que me queria longe. Queria ficar na sua casa, ótimo, eu estaria junto.

Nunca imaginei que o poder de gostar de alguém era tão avassalador. Nesse momento, faria de tudo para melhorar seu humor, apenas porque vê-la assim me entristecia também.

Subimos as escadas, entramos no apartamento e a luz da sala, que tinha a janela fechada, não acendeu.

— Será que queimou? — perguntei e ela seguiu para o quarto com os ombros baixos.

— Finalmente cortaram a luz — sua voz soou dura e fui atrás dela.

Analia abriu a janela do quarto e a luz

entrou quase nos cegando.

— Tem alguma conta fácil para que eu possa ligar e solicitar a reativação? — Peguei o celular e ela negou com a cabeça.

— Depois eu vejo isso, você não vai pagar minhas dívidas. — Ela deitou na cama pequena e se encolheu. — Queria que você ficasse, mas não tem espaço para nós dois.

O que será que eu poderia fazer para melhorar sua vida? Ela precisava me deixar entrar, por Deus!

Focando em ser paciente, sentei no chão, encostei minha cabeça na sua cintura e a observei apagar em poucos minutos. Exausta, tanto fisicamente como emocionalmente. Bocejei quando

levantei e me alonguei. Apesar de estar sem dormir, tinha treino e condicionamento físico para aguentar um dia sem sono. Não seria a primeira vez e o sacrifício valeria a pena.

Andei pelo pequeno apartamento em busca da conta. Era louco pensar que não me importava de pagar a conta de luz atrasada, nem estávamos tão firmes assim, a prova de fogo do nosso relacionamento nem aconteceu ainda, mas a convicção de que precisava cuidar dessa mulher estava dentro de mim e queimava como uma chama de vela de sete dias.

Não encontrei nada na sala, em cima da geladeira tinha alguns papéis e me preocupou o teor deles, porque eram outras dívidas em nome de dona

PERIGOSAS NACIONAIS

Rita.

Será que ela não percebia que estava afundando a própria filha com essas ações? Seria uma barra e tanto ela ter que lidar com a morte da mãe, porque eu sabia o quanto era custoso viver, mais ainda morrer.

Havia uma carta em nome de Thiago Vilhares, era o comprovante de depósito de uma quantia alta para a conta de Analia. Seria esse o pai dela? Tirei foto, enviei para Leo e pedi que me fizesse esse favor de descobrir. Nesse momento, onde ela se sentia tão sozinha, saber que tem parentes e era bom. Se ele menosprezasse a filha, iria inclui-la na minha própria família do jeito louco que foi com Fred e Guido.

PERIGOSAS ACHERON

Não pensava se desse errado, a questão era quando seria o melhor momento para que isso acontecesse.

Fui até o quarto dela e conferi que continuava dormindo. Entrei no outro quarto e pedi desculpas mentalmente para minha sogra pela invasão de privacidade. Era uma emergência, não poderia deixar minha mulher sem energia na própria casa... ou poderia?

Olhei para o corredor e sorri ao me vir na ideia de levá-la para meu apartamento, de forma provisória, claro. Além de testarmos nossa compatibilidade de morarmos juntos, seria uma ótima forma de estar dando apoio a ela nesse momento.

Meu celular tocou, fechei a porta do quarto e atendi baixo:

— O que achou, Leo?

— *Sua namorada é filha de Thiago Vilhares, o homem da soja. Não consigo extrair o sigilo bancário completo sem levantar suspeitas, mas essa conta que você mandou o comprovante mostra que Analia tem uma gorda poupança. Está passando dificuldade à toa.*

— Não brinca! — Passei a mão no cabelo e o baguncei procurando alguma ideia do que fazer com essa informação. — Será que vale acionar o cara?

— *De acordo com as últimas notícias, ele está em um evento internacional fora do país. É*

divorciado, sua ex-mulher e seus dois filhos moram na Europa, ele continua no Brasil. Como disse, homem da soja, tudo pobre — ironizou.

— Acho que seria pedir demais que encontrasse um contato dele, certo? Pelo menos para saber se valeria à pena aproximar Analia dele ou não. A mãe dela está mal, Leo.

— *Tenho contato do assessor dele, acho que já ajuda um pouco. No mais, você quem decide, estou com sono e tenho trabalho para daqui algumas horas.*

— Vai voltar a trabalhar? E sua perna? Um dia desses ainda quero conhecer seu real emprego, Leonides.

— *Estou recuperado, trouxa. Não*

percebeu que até meu humor melhorou?

— Tem gente que é cego. Se cuida, cara e obrigado.

— *Família é para isso.*

Sim, quem tinha família, não precisava se preocupar em ficar sozinho. Apoio ou não, sempre tinha um para fazer um favor ou te indicar o caminho.

Recebi uma mensagem da minha mãe enquanto pensava. Ela me queria para o almoço de hoje e rapidamente respondi que estava lidando com minha namorada e sua mãe, que estava internada no hospital. Sim, falei a real situação, porque sabia que ela contaria a Heitor e estava louco para descarregar minha frustração na cara

desse babaca.

Fred bateu no dono do bar onde Luana trabalhava, Guido esmurrou o ex-chefe de Laís e eu faria minha parte e concluiria o ciclo de amar e proteger nossas mulheres.

Voltei para o quarto de Analia, fechei a janela para ir embora a claridade, deitei de barriga para cima no chão e nem percebi que apaguei ao fechar os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 40

Bastien

O celular de Analia tocou na sala e me despertou. Ela rolou na cama e antes que levante, fui até o aparelho e percebi que era um número desconhecido. Que não fosse do hospital...

Ela sentou na cama, suspirou e atendeu a ligação.

— Alô? — Vi quando fez uma careta e segurei a respiração até suas próximas palavras. — Não estou com cabeça para falar com você, Heitor. Por favor, não me liga. — Ela jogou o celular na

cama e tampou o rosto com as mãos. — Como ele sabia que minha mãe está internada, Bastien?

— Avisei minha mãe que não iria no almoço hoje e o motivo. Como disse, vou enfrentar o que precisar, não preciso mentir.

O celular tocou de novo e o peguei antes dela.

— O que vai fazer? — Olhou-me cansada.

— Quer que eu resolva isso?

— Eu queria resolver isso, mas só quero paz. Ele me... — Ela bateu no peito com a mão fechada e me senti frágil, por estar pensando em resolver a vida dela, dar o mundo e ela ainda tinha dúvida sobre o que sentia sobre ele.

Cancelei a ligação, coloquei no modo

silencioso e sentei no chão olhando-a com sinceridade. Não era momento para isso, eu sabia, mas ela precisava entender o caminho que estava trilhando.

— Estou com você, Analia. Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, pode contar comigo.

— Às vezes, só sinto que não valho a pena. Fujo desse homem, porque sei que ele me conhece e vai apertar os botões certos para me ludibriar. Quero muito estar com você, por Deus, se preciso, vou implorar para não me abandonar agora, mas não posso ser egoísta.

— Ele não vai tocar em você nunca mais, Analia. Se for isso que você quer, mesmo que ainda

não esteja completamente convencida, eu farei acontecer, ele não terá acesso a você.

Olhei para o lado e vi o mesmo número ligar. Ela endureceu na cama e acenei negativo.

— É ele, se quiser eu atendo e falo de homem para homem. Ninguém vai mexer com minha mulher.

Ela passou um tempo olhando para o aparelho que estava ao meu lado, bocejou e deitou virada para mim.

— Como soube onde eu estava?

— Leo rastreou seu celular. — Olhei para o chão, envergonhado de que não confiei nela. Poderia deixar assim, mas onde um relacionamento era construído por mentiras, não se fortalecia a base

e a qualquer momento se dissolveria. Não era isso que queria para mim. Voltei a encarar seu olhar cansado. — Heitor atendeu o celular na minha academia, ao meu lado, e conversou como se estivesse falando com você, marcando um encontro ontem.

— Você achou que eu estava com ele — falou sem emoção.

— Eu orei, para todos os santos que minha avó me ensinou, que você não estivesse com ele, porque Heitor sabe de nós, ele nos viu no sábado, quando Fred e Luana te levaram para a casa deles.

— Você... — Ela virou o corpo para cima e ficou assim por um bom tempo. Sim, eu era um idiota, que tentava blindar seu encontro com a

tensão, mas precisava confiar.

— Pior do que meu primo Guido, fui ciumento e desconfiado. Preciso confiar em você, eu sei, ainda mais quando a todo momento você demonstra que quer estar comigo, mas...

— Eu sou a culpada, te deixei em dúvida dos meus sentimentos e entendo. — Ela ainda não tinha me olhado e suas palavras eram confusas. — O primeiro pensamento que tive era que eu nunca seria feliz com ninguém, já que muitos pensavam que se eu traí uma vez, faria de novo. A verdade é que nunca traí, fui amante, apaixonada e cega. Não sou mais essa pessoa, a Analia que não sabia que era fruto de uma traição não é a mesma que sabe sua origem. — Ela olhou para mim e sua falta de

emoção me preocupou. — Recapitulei nosso relacionamento até aqui, onde acabei de confessar que tinha medo dele me seduzir. Como você poderá confiar em mim se eu mesma não confio?

— Você está fragilizada, Analia.

— Eu sou forte! — Ela sentou e bateu com a mão fechada no colchão. — Eu decidi mudar, minha vida está melhorando, eu finalmente poderei advogar, profissão que minha mãe repudiou desde o dia que escolhi e então, um homem maravilhoso vê algo em mim que eu mesma não sei o que é. Qual é o meu problema? — Jogou os braços para cima indignada.

— Não seja dura com você mesma. A perfeição é muito sem graça.

— Palavras do homem perfeito. Eu deveria estar brava, mas não tenho esse direito.

Levantei e tirei a jaqueta do terno, depois a gravata. Arregacei as mangas e tirei a camisa de dentro da calça.

— Levante.

— O que pretende?

— Te mostrar que você pode sim ficar brava comigo. Isso não vai afetar nosso relacionamento, pelo contrário, vai nos colocar na linha.

Ela se levantou e me abraçou, tive que rir, porque a intenção seria ela brigar comigo e não me confortar.

— Podemos deixar para brigar outro dia?

Só de saber que você está aqui me faz esquecer que estou sem energia elétrica e a um passo de ficar sem família.

— Não seja pessimista, enquanto houver vida, há esperança. — Abracei-a e alisei suas costas. — Que tal ficar em casa enquanto sua mãe estiver internada? — Prendi a respiração esperando sua resposta.

— Meu Deus, qual será a próxima proposta, casamento? Só para constar, não há para quem me devolver, você terá que ficar comigo para sempre — brincou e soltei o ar aliviado. Ficaria tudo bem, no final das contas.

— E não adianta reclamar do meu ronco, você assinou um contrato em branco, os defeitos

serão descobertos aos poucos. Compensarei com cuidar e proteger, em todos os momentos.

— Eu aceito.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 41

Analia

Um ano em um mês, uma semana em um dia, essa era a minha realidade e estava lidando com ela da melhor forma que podia. Minha mãe se foi uma semana depois da sua internação, me deixou dúvidas, solidão e um legado que não queria aceitar.

— Sinto muito pelo seu destino. Você fez o seu melhor. Respeito sua história e honrarei a nossa história fazendo diferente. Deixo com você o que é seu e acolho apenas o que é meu. — Com

lágrimas nos olhos, entreguei pedaços de pano chamados de âncoras de solo para o representante e me senti tirando um peso da cabeça, dos ombros e das costas.

— Podemos ficar por aqui? — a terapeuta me perguntou, olhei para tudo e todos que estavam ao meu redor e me senti, finalmente, acolhida. Acenei afirmativo e todos voltamos para os seus lugares.

Sentei na cadeira entre Alexia e Joana, ambas me deram as mãos como apoio. Minhas amigas e confidentes, nunca pensei que teria tanto apoio em um momento tão ruim na minha vida.

Beijei a mão de Alexia e a vi sorrir. Minhas lágrimas, agora, eram de superação. Não

foi mágica, *Constelação Familiar*, para mim, não tinha nada a ver com cura, mas esclarecimento, que, consequentemente, facilitava a busca pela cura, seja da alma ou fisiológica.

— Tudo bem? — Joana perguntou baixo e acenei afirmativo. Era momento de ir para casa e quando me levantei, as duas fizeram o mesmo.

A perda era dolorida e a vida, agora, era daqui para frente. Sem olhar para o passado com julgamento, eu gostaria de ter feito tantas coisas diferentes, ter aproveitado mais tempo com ela, mas não poderia mudar o que já foi.

— Vamos tomar um sorvete antes de voltar para casa, só as meninas? — Joana convidou assim que saímos do local e nos aproximamos do

carro dela. Eu e Alexia viemos de carona.

— Sim! Tem uma sorveteria aqui perto, dá para irmos a pé. — Olhei para o relógio e vi que faltava pouco para dez horas da noite. — Será que está aberto?

— Vamos lá! — Joana envolveu o braço de Alexia, o meu e seguimos pela calçada.

Muita coisa tinha mudado, antes mesmo de ser a pessoa a constelar. O enterro da minha mãe foi rápido e simples, estava muito magoada com tudo o que estava acontecendo e só enxergava Bastien ao meu lado. Ele foi meu porto seguro e corria o risco de dizer que toda a força que gastava, era para o amar, ele merecia meu amor.

Minha sogra queria estar por perto, os

primos e a família dele queria me apoiar, mas respeitaram quando disse que não queria que eles tivessem essa primeira impressão minha, de dor e sofrimento. Tive que prometer estar com eles no Haras, no próximo final de semana, para um almoço e concordei, até lá eu tinha tempo para me recuperar do luto... ou não.

Estive dormindo em sua cama por esses dias e ele me respeitou em todos os momentos, inclusive quando tive uma crise de choro e fiquei fechada no banheiro até dormir no chão. Então, ele me colocou na cama e fez cafuné até no outro dia, tinha certeza que ficou sem dormir, preocupado comigo.

Tive, em minhas mãos, informações sobre

o meu pai e a sua família. Também fiquei sabendo sobre minha poupança, mais um segredo que minha mãe manteve de mim e não sabia o motivo.

Bem, hoje, não me importava mais os por quês, mas sim, acolher que foi assim. Simples e complexo ao mesmo tempo, ainda travo grandes batalhas internas, mas me sinto uma pessoa mais forte a cada dia que passa.

Precisava estar bem, porque no próximo final de semana conheceria a família de Bastien.

— Somos muito sortudas, está aberto! — Alexia falou tomando a frente e entrando na sorveteria.

Quem a via agora, não acreditaria que ela era uma menina retraída e tímida. Ela ainda tinha

suas reservas e se intimidava fácil, principalmente quando Leo estava em causa, mas lutava como uma leoa, me identificava muito com ela, mesmo que minhas batalhas não fossem as mesmas.

Escolhemos nossos sorvetes, sentamos em uma mesa na calçada e aproveitamos a brisa e a vista dos poucos carros passando pela rua.

— Fiquei sabendo que você foi promovida — Joana começou a conversar e sorri orgulhosa, porque poderia vibrar pela minha conquista sem medo, mesmo que me foi dado.

— Sim, passei rapidinho no escritório essa semana e peguei minha licença para advogar. Nem acreditei que finalmente poderei ter meus próprios clientes.

— Uma pena que meu chefe é muito gente boa, senão eu já pediria conselho. — Riu e olhou para Alexia. — E você, cabrita, quando vai voltar para o estúdio de dança da Laís?

— Pensei em falar com ela depois do casamento, além da recepção, poderei fazer as fotos. Vai que acontece a mesma coisa de antes? — Ela olhou para o sorvete envergonhada. — Uma coisa de cada vez.

— É verdade, tudo tem seu tempo, inclusive o vestido de madrinha do casamento da Laís.

— Não me lembre — falou assustada e Joana riu alto.

— Só vai ter família no casamento, acho

que é uma boa forma de exercitar sua vaidade. Hein?

— É disso que tenho medo — resmungou e não tive oportunidade para falar minha opinião, porque abri minha boca e vi Heitor do outro lado da rua me encarando.

A conversa entre as duas continuou e o homem, que há muito fui apaixonada, me fez ter calafrios e não dos bons que ele me proporcionava. Tive medo do que ele pudesse fazer, também medo da minha falta de reação se ele avançasse.

Ele saiu da calçada e começou a atravessar a rua, me deixando a ponto de correr. As duas sabiam da minha história, por isso soltei baixo meu pedido de socorro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Heitor está atravessando a rua, vamos embora, por favor.

Alexia foi até mais rápida em levantar comigo. Largamos nossos sorvetes e juntas, andamos rápido pela calçada. Tive medo de olhar para trás, mas não Joana.

— Parecemos três mulheres fugindo de um assaltante. No três vocês correm para o carro, eu vou desbloquear ele daqui.

— TRÊS! — Alexia gritou e corremos para o carro, pulamos dentro dele e Joana travou as portas assim que entramos. Estava no banco de trás, vi quando ele parou do lado do carro, mas por pouco tempo, porque Joana cantou pneu e saiu para a rua.

PERIGOSAS ACHERON

Não demorou nem três segundos para nós desatarmos a rir, aliviadas que nada aconteceu ao mesmo tempo que nervosas pela situação.

— Achei que ia vomitar — Alexia falou abanando o rosto.

— Tirando a parte engraçada, amiga, você precisa colocar esse homem no lugar dele, de preferência, deixar que Bastien o faça com o punho. — Ela socou o ar e me encarou pelo retrovisor. — Passado fica no passado.

— Eu mesma queria ter poder para fazer isso, mas é tanta história que temos juntos, que eu queria apenas esquecer. — Paramos em frente à casa de Alexia.

— Tchau gente. Até domingo, Analia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pulei para o banco da frente, peguei o celular do bolso e enviei uma mensagem para meu namorado.

Analia>> Indo para casa. Acordado?

Bastien>> Por que você vai para a sua casa? Fica aqui comigo mais um pouco, não estou roncando tanto assim, estou?

Percebi que chamei o apartamento dele de casa, por isso sua confusão. Desde que fiquei com ele, dizia sua casa e seu apartamento, não me incluía.

Será que estava atropelando os bois com a carroça?

Analia>> Quis dizer, seu apartamento. Acho que estou me apossando e entrarei com

usucapião para ser meu também.

Bastien>> Você me preocupou agora, estava pronto para sair de casa e ir te buscar pelos cabelos, igual homem das cavernas. Fico feliz que esteja se sentindo em casa comigo.

Analia>> Não há outro lugar que eu queira estar mais do que com você.

Bastien>> Como foi? Queria ter ido com você hoje.

Analia>> Nas próximas você poderá vir, hoje não me sentiria confortável. Foi ótimo, me sinto renovada.

Bastien>> Está com fome? Posso fazer um lanche para você quando chegar.

Analia>> Tenho fome de você. Me

espera.

— Ih, a noite vai ser boa, pelo visto — Joana falou divertida, sentia meu rosto esquentar pelas intenções que tinha. Tirando as preocupações que não me cabia da mente, agora, eu só pensava em viver intensamente. — Vai contar para ele que viu Heitor?

— Sim e contar sobre ele estar ameaçando meu trabalho, algo que escondi e nem sabia o motivo. — Ela parou o carro e beijei seu rosto. — A verdade era que eu estava com medo de enfrentar as consequências do meu passado, não mais.

— Você merece ser feliz, amiga. Tenha um bom final de semana.

— Tenho certeza que será o melhor!

Saí do carro, corri animada para dentro da portaria, acenando como uma lunática para o porteiro. Chamei o elevador, apertei o número do andar do apartamento que estava se tornando o meu lar e imaginei mil e um cenários ruins para minha vida com Bastien e dessa vez, nenhuma me fez recuar.

Quando saí do elevador e abri a porta que me separava do meu namorado, encontrei-o de pé me esperando e não hesitei correr em sua direção e pular no seu colo, como a mulher apaixonada que estava me tornando.

— Me ame em cima da mesa, contra a parede e no banho. Estou morrendo de saudades.

— Ah, meu doce, estou pronto para

atender todos os seus desejos.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 42

Bastien

Coloquei-a sentada em cima do balcão da cozinha e tirei sua blusa. Olhei fundo em seus olhos, mesmo com a baixa iluminação, consegui enxergar o que estava perdido desde o falecimento da sua mãe, a vida.

O brilho em seus olhos tinha sumido, as crises de choro eram constantes e deixei minha academia de lado em alguns turnos para ser a pessoa que Analia precisava no momento. Se eu queria estar com ela, precisava abandonar algumas

coisas temporariamente.

Ainda bem que Joana existia em minha vida profissional e agora, na pessoal de Analia. Mesmo que ninguém tivesse participado do velório da sua mãe, no outro dia, sempre tinha alguém para visitá-la. Joana apareceu nas noites e com muito carinho, levou-a para a terapia.

Ninguém poderia curar a dor na alma do outro, tinha que partir de quem estava sofrendo.

Meu pai tentou contato pela semana e falei apenas o necessário com ele, ainda mais quando comentou o nome de Heitor. Vamos ver quem valeria mais nesse caso, uma amizade de infância ou a felicidade de um filho? Minha mãe era mais maleável e quando anunciei que não iria mais na

sua casa se Heitor estivesse, ela aceitou e declarou que minha felicidade estava em primeiro lugar sempre. Eles ainda não sabiam meu motivo para repudiar seu amigo e só iria expor caso necessário.

— O que está fazendo? — Analia perguntou quando abri a geladeira e tirei chantily e morangos de dentro dela. Estava apenas de short de dormir que mal cobria minhas intenções claramente expressadas com meu membro duro.

— Provar o quanto você é doce. Mas tenha calma, não estou com pressa.

Ela olhou para a minha virilha, depois para os meus olhos e o brilho da vida novamente apareceu. Sim, estava pronto para viver intensamente, fosse com a luxúria ou a calmaria.

— Já tivemos muitos dias de inércia, eu quero movimento.

Ela tirou o sutiã e espirrei um pouco de chantili no bico do seu seio. Sua surpresa foi meu incentivo para tomar tudo na boca, chupar e degustar enquanto ela gemia.

Coloquei a travessa de morango do seu lado, ela pegou um e o devorou, me incitando a beijá-la na boca. Espirrei um pouco de chantili na boca e a beijei, misturando nossos sabores e fazendo uma verdadeira bagunça sexual.

— Sempre quis usar isso para o sexo oral — falou tirando o tubo da minha mão. Pulou do balcão, ajoelhou na minha frente e removi meu short e cueca com pressa.

— Sou todo seu para realizar seus desejos, meu doce.

Meu membro se mexeu quando ela colocou um pouco do creme branco na cabeça. Por mais que ela tivesse anos de vida sexual ativa, era inexperiente quando se tratava de fantasias.

Ela chupou com avidez, lambeu e me devorou sem nenhum pudor. Ela estava mais do que livre para ser quem quisesse, fazer como achasse melhor. A falta que eu tinha dessa mulher não era apenas sexual, mas também da sua vontade de viver por ela, para nós.

Segurei sua cabeça com as mãos e ditei o ritmo por alguns segundos. Ousado, peguei um morango e comi enquanto estava sendo levado para

o céu do prazer. Quando estava quase no ápice, saí de sua boca, levantei-a para beijar sua boca e a peguei no colo.

— Achei que iria me por contra a parede e chamar de lagartixa — falou divertida abraçando meu pescoço.

Ri admirado, entrei no banheiro e nos coloquei debaixo do chuveiro antes da água cair sobre nós. Ela não sabia, mas enquanto eu ficava preocupado velando seu sono, li alguns livros de romance que ela trouxe para cá.

— Serve te foder contra a parede do banheiro e te chamar de minha mulher? — Ajoelhei na sua frente, trouxe sua perna para cima do meu ombro e chupei seu clitóris, apenas para escutar seu

gemido de prazer surpreso.

— Até parece que já li isso em algum lugar — estendeu a última palavra, rebolou no meu rosto e gozou na minha boca, o melhor dos doces.

Fui me levantando deixando beijos pelo seu corpo. Quando cheguei na sua boca, segurei seu rosto e sorri sacana.

— Achei que seus romances fossem tão doces como você. Fui surpreendido com uma *pegação* no meio da história, quase fiquei de pau duro.

— Você leu meus livros? — Ela deslizou sua mão pelo meu peitoral e abdômen, peguei sua perna e liberei o caminho do meu pau até sua boceta. — Gostou?

— Apenas da parte que podemos transformar tudo isso em realidade. Pule. — Ela fez e a segurei no colo, suas pernas me rodearam. — Se cansar, você me fala.

— De você? Nunca.

Gememos quando entrei aos poucos dentro dela. O vai e vem atiçava minha libido e me deixava louco de tesão. Eu era forte, manteria nossa posição por muito tempo, por isso seria fácil fazê-la gozar mais uma vez.

Porque eu era foda assim.

Ela chupou meu lábio inferior, depois tomou minha boca em um beijo ardente. Minha mão correu para seu clitóris inchado e meu pau bombeou com velocidade até que o ápice fosse

encontrado juntos.

Os gemidos foram altos e ecoaram pelo apartamento. Estava em casa e esperava, do fundo do meu coração, que ela se sentisse tão bem quanto eu estava me sentindo. Sabia que sofria pela perda da mãe, por se sentir sozinha, mas eu estava com ela para ficar.

— É cedo demais dizer que posso amar você? — falou baixo, a água caindo entre nossos corpos ofuscou o som das batidas do meu coração.

— Talvez, o momento certo para dizer essas palavras seja quando tivermos certeza. Estamos no caminho, não vou a lugar nenhum longe de você.

— Eu te adoro, Bastien. — Coloquei-a no

chão e nos encaramos.

— Também te adoro, Analia. Vou te dar banho e vamos dormir. Amanhã é sábado e teremos uma instrutora para ensinar defesa pessoal na academia. Achei que te interessaria.

— Sim. — Ela alisou minha bochecha e pegou o sabonete. — Vou adorar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 43

Bastien

Uma semana depois...

— Será que é tarde demais para dizer que Heitor tentou contato comigo na sexta-feira, depois da terapia? — Analia perguntou olhando para a janela, estávamos no caminho para o Haras, a apresentação formal dela para a minha família e claro, o início das celebrações do casamento de Laís e Guido, que aconteceria nos próximos dias.

O adiamento de uma semana foi

inevitável, Laís era louca, mas de um coração enorme, ela queria Analia fazendo parte da cerimônia.

— O quê? — Tentei não parar o carro e a olhar com repreensão, porque tudo parecia muito bem, achava que não tínhamos mais segredos, mas pelo visto, havia mais, muito mais.

— Não fique bravo, não queria esconder, só não tive oportunidade. — Ela apertou minha coxa e tentei respirar devagar enquanto dirigia. Se fosse recapitular, de sexta para cá, ficamos entre a cama e a academia. Qualquer assunto desse quebraria nosso clima, isso era fato. — Depois da *Constelação*, fomos tomar sorvete e ele estava do outro lado da rua. Corremos para o carro como se

ele fosse um criminoso. — Riu divertida.

— Você está rindo?

— Sei que é sério, mas sei lá, é meio estranho ter ele me perseguindo, sendo que eu fazia isso antes e era menosprezada. Foi estranho, mas um tanto engraçado. Enfim...

— E ele sabia onde estava, então, está se tornando perigoso, Analia. Perseguição não é engraçado, ainda mais se ele achar que pode te tocar sem autorização. — Minha preocupação era até onde esse idiota pretendia ir para ter a atenção dela.

— Vendo por esse lado, acho que você tem razão. — Entramos na estrada de terra e ela virou no banco para abraçar meu braço. — Tive

medo de contar isso, ou vergonha, mas acho que essa é a última coisa que você não sabe sobre mim e o que está me acontecendo. — Tensionei e ela beijou meu ombro, estava de regata. — Heitor é irmão do marido da Doutora Mendes, certo? Ele pediu minha cabeça na empresa, mas pelo visto, a cunhada não gosta dele e ainda o provocou me dando a licença para advogar.

— Por Deus, mulher, e você me contou isso agora, quando não vou poder dar meia volta e ir até a casa desse bastardo filho da puta e socar a cara dele até deformar? — Ela se afastou assustada e eu a puxei de volta para o meu lado. — É da boca para fora, desculpa. Mas, porra, esse idiota ganhou todos os prêmios do mundo de ser cuzão!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca te vi xingar tanto.

— Ah, não espalhe, minha mãe já lavou minha boca com sabão quando era criança, quando aprendi a falar filho da puta. Não duvido que ela tente isso novamente, por mais sorridente e carismática que dona Alice é.

— Seu segredo está seguro comigo. — Ela beijou minha bochecha e suspirou quando parei na frente da porteira. — Quer que eu abra, Bah?

— Pode deixar comigo, meu doce. — Beijei sua boca, saí do carro e empurrei o portão de madeira com um gosto ácido na boca do estômago. Conhecia um dos carros que estava ao longe estacionado debaixo da mangueira e isso não me agradava, nem um pouco.

PERIGOSAS ACHERON

O que Debora, Heitor ou os dois estariam fazendo aqui?

Inconvenientes do caralho, minha mulher não precisava passar por nenhum constrangimento.

Voltei para o carro com a pior cara do mundo e a olhei, que parecia assustada.

— O que foi?

— Pode ser hoje ou outro dia, mas esse momento chegaria. Eu estou pronto e você?

— Do que você está falando, Bah?

— O carro do Heitor está entre os da família. Não sei por que ele está aqui, mas estou pronto para entrar nessa luta se você não se constranger.

Ela demorou para responder, não deixei de

incentivá-la com meu olhar e minhas mãos na sua. Como uma porrada obrigatória que teria que levar na cara, precisava apenas fechar os olhos, aceitar o baque e seguir em frente.

— Não quero estragar o dia da sua família, Bastien. Melhor eu ir...

— Oie! O que aconteceu? — Laís bateu na janela de Analia, que pulou e depois saiu para cumprimentá-la. — Amarelou?

— É Heitor e Debora que estão aí? — perguntei para Guido, que estava dando a volta no carro para me cumprimentar.

— Ah, o sem noção que apareceu sem ser convidado? Seus pais estão todos esquisitões por conta disso, a vó Cida está desconfiada de algo e o

filho deles está num canto, brincando de tirar as folhas da cerca viva, para surto do meu pai, que já tentou tirar ele de lá e não conseguiu.

— Acho melhor eu não ir — Analia falou e Laís negou.

— Peça para sua mulher não pressionar, Guido — pedi para meu primo e foi ela quem respondeu:

— Estou grávida, vou casar semana que vem porque fazia questão da presenta da SUA mulher e a última coisa que quero é esse bicão na minha festa, ou seja, Analia, você vem comigo, vamos pôr todo mundo no seu devido lugar e ser feliz. Hoje!

As duas saíram andando e como minha

mulher não olhou para trás em busca de apoio, dei de ombros para o meu primo e ele fez o mesmo.

— O segredo da felicidade, não contrariar a grávida.

Entrei no carro e o levei até um espaço debaixo da grande mangueira. Nunca teria isso com Analia, gravidez não faria parte da nossa história, mas não me importava, até porque, o problema de hoje era mais urgente.

Corri para chegar junto da minha mulher, Guido abraçou Laís e nós quatro fomos até a vó Cida, ignorando os outros, mas não menos preocupados com o que iria acontecer, meu coração e adrenalina nas veias era prova disso.

— Quem é essa moça linda, meu filho? —

Vó Cida, ainda sentada, abraçou Analia com força e disse algumas palavras em seu ouvido, provavelmente sobre a mãe. Todos sabiam da sua perda.

— Benção vó! — falei segurando a mão da minha mulher e a ocultando do resto das outras pessoas. Ela não enfrentaria nada sozinha, ainda mais quando senti o suor nas suas mãos.

— Eu sabia que você faria direito, como seus outros primos. Seu vô, que Deus o tenha, está sorrindo e abençoando a união de vocês e os bisnetos que virão.

— Que nasça logo, vó, porque estou cada dia mais sem ar. — Luana estava sentada próxima, então, cumprimentamos com um abraço com ela

sentada na cadeira de fio.

— Vai nascer só depois do meu casamento. Maurício não vai contrariar a tia e o primo Pedro que está a caminho.

— Que lindo, será Pedro o nome! — Analia abraçou Laís e vi meus pais se aproximarei com Heitor e Debora atrás.

Era hora.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 44

Bastien

— Pai, mãe, essa é Analia, minha mulher. — Sabia que tinha dado a entender outra coisa, mas estava nervoso. — Analia, esses são Paulo e Alice.

— O meninão está virando hominho! Parabéns, Paulo, que norinha bonita — Heitor comentou e finalmente me dignei a olhá-lo feroz enquanto meus pais falavam com ela.

— Dispenso seu comentário. — Coloquei minha mulher atrás de mim quando houve um espaço para que os dois se aproximassem. Debora

me encarava como se estivesse pronta para avançar.

— Filho. Estamos em família — minha mãe repreendeu baixo.

— Bastião, meu primo, vamos mostrar o Haras para ela? — Fred apareceu do meu lado, me distraiu e não consegui impedir de Debora avançar nos cabelos de Analia.

— Sua puta, eu sei que você é amante do meu marido. EU VI AS FOTOS! — gritou Debora.

— Oh! — um coro de exclamações soou.

Como separar as duas sem machucar a outra?

Para a surpresa de todos, foi Alexia que entrou no meio das duas, empurrou Debora e protegeu Analia. Pelo visto, a aula de defesa

pessoal que elas participaram na minha academia serviu para algo. Leo surgiu do nada para afastar de uma vez a Debora e percebi que meu pai e Heitor estavam se agredindo.

— PAREM COM ISSO! — escutei vó Cida gritar e a última coisa que tinha em mente era obedecer, ainda mais quando meu pai levou um soco e caiu no chão.

Tinha duas grávidas por perto, a última coisa que precisava era de uma tragédia. Peguei no colarinho de Heitor e o soquei com intenção de levá-lo até a grama, onde poderia descarregar tudo o que tinha para falar e fazer.

— Com medo de ser chifrado? — o idiota me provocou, tentou me bater, desviei e acertei um

soco em sua costela.

— Pare com isso, Bastien! — vó Cida gritou e desviei de outro soco.

— Olha a pressão, vó — Ricardo tentou controlar o tom de brincadeira, mas meu primo não prestava ao mesmo tempo que entendia a todos. Dei um soco no nariz do meu oponente e sangue jorrou.

— Seu desgraçado, eu vou te processar! — Heitor me derrubou no chão, tirei-o de cima de mim e acertei alguns socos na cara antes de levantar e chutar suas costelas.

— Processa meu pau, babaca! — falei com ódio. — Veio aqui para apanhar?

— Essa mulher acabou com nossas vidas! — Debora começou a gritar e espernear, Leo a

trouxe para longe dos nossos familiares. — Enquanto estava sem dormir para cuidar do meu filho, os dois transavam pelas minhas costas!

Enquanto Heitor gemia no chão, procurei minha mulher e a encontrei amparando meu pai, junto da minha mãe e outras tias. Sabia que estava escutando tudo por conta das lágrimas no rosto.

— Vão embora, caralho. — Leo soltou Debora, que ajoelhou e bateu no marido. Eu e meu primo mais novo tentamos blindar nossa família da cena.

— Pensa que não vi as fotos que você tirou com essa piranha? Eu te odeio, te odeio! — Ela continuou batendo e ele virava o corpo para o lado.

Meu primo foi rápido ao agachar,

encontrar o celular dele e embolsar.

— Vou apagar tudo e se foi para a internet, aciono o mesmo hacker que sumiu com as fotos da Laís, beleza? — sussurrou para mim e acenei em concordância. Estava impaciente, os dois continuaria dando show aqui?

— Para de me bater porra! É tudo culpa sua! — Ele sentou e se protegeu da última agressão.

— Seu desgraçado! — Ela levantou e o olhou de cima. — Agora é culpa minha? A culpa é dela, que destruiu nossa família! — Apontou para a área da churrasqueira e nem olhei para trás, porque não tinha ninguém daquele lado que era culpado.

— Você não me deixou te tocar por um

ano, porra! Como eu ia ficar tanto tempo sem sexo? — Ele se levantou colocando parte da camisa que vestia no nariz. — Frígida do caralho, eu fui procurar fora o que não encontrei em casa!

— Eu estava em depressão, você não entendeu até hoje? — Ela jogou os braços para o ar em frustração. — Mais de cinco anos para conseguir engravidar, você não queria ir no médico fazer os exames, eu fui e não tinha nada de errado comigo.

— E quando conseguiu engravidar, não quis mais saber de sexo, de ninfomaníaca à freira. Não há pau que aguente. Viu como o problema era você!?

— EU INSEMINEI! — gritou

empurrando-o. — Só consegui engravidar porque me endividei e fiz a porra da inseminação artificial. Com quantas amantes você fodeu e não usou camisinha, hein? Tenho certeza que não engravidou nenhuma até agora por ser estéril.

Ah, o homem viril e machão levou essas palavras piores do que o soco que lhe dei no nariz.

Vi alguém se movimentando rápido e virei meu rosto para ver Heitorzinho correndo para os braços da minha mãe. Merda, tudo isso não levaria a nada, só a traumatizar uma criança que já deveria estar sofrendo com os problemas dos pais.

— Vocês precisam se resolver sem que seu filho sofra no caminho — falei sério e entrei no meio dos dois, porque Heitor avançou na mulher.

— Sua vagabunda, esse filho não é meu? — Ele me empurrou e fiz o mesmo, com a diferença de que ele tropeçou e caiu, não eu.

— Vai embora! — Apontei para o seu carro e senti alguém se aproximar, era meu pai.

— Esfrie a cabeça, meu amigo. Estão todos exaltados — seu Paulo falou de forma apaziguadora, mesmo tendo apanhado. Heitor se levantou e cuspiu sangue no chão.

— Vão se foder. — Apontou para a esposa. — Você não entra na minha casa, mentirosa.

— Mentiroso é você! — rebateu antes de começar a chorar.

Acompanhei o intruso até o seu carro, que

saiu cantando pneu e deixou a porteira aberta. Ele não poderia ir embora sem deixar sua marca de idiota, isso era fato.

Ia até a porteira e Guido me parou com a mão no ombro. Olhei para onde fazíamos churrasco e percebi meus pais, Debora e Heitorzinho indo para a casa, o clima estava péssimo.

— Meu filho, que confusão. Uma mulher não pode ser motivo de desunião na família — vó Cida falou em sua inocência e desconhecimento sobre o caso.

Ela era a matriarca, tinha que ser respeitada e também, esclarecida.

— O que não podemos é trazer para a família o julgamento sem conhecer a história

completa, minha vó. Analia errou por desconhecer o que é o amor, mas acertou assim que o mostrei. Heitor sabia o que era esse sentimento e não valorizou.

Busquei minha mulher com os olhos e lá estavam minhas primas e as grávidas ao seu lado, não lhe deixando faltar o que ela mais precisava, de apoio.

— Heitor foi buscar fora o que não tinha em casa. Ela não deveria fazer parte desse mundo, ajudando a destruir um lar — dona Cida falou indignada, agachei a sua frente e estufei o peito para falar sobre minha mulher:

— Analia é a mulher mais doce e inocente que já conheci na minha vida, vó. Dê uma chance

para ela mostrar que sim, é possível ter uma nova chance, mesmo depois de todo esse tumulto. O confronto aconteceria em algum momento, só esperava que fosse apenas na casa dos meus pais e não com toda a família presenciando. Por um lado, foi bom, todos saberão o início, meio e fim dessa confusão.

— A última coisa que gostaria de fazer era atrapalhar o almoço de família, dona Cida. Me desculpe por tudo, mas não sou mais a mulher que se sujeitava a ser a reserva, descartada depois de um encontro. — Levantei para segurar a mão de Analia e ficarmos juntos diante minha avó e também, de toda a família. — Não tenho mais família, Bastien foi o único homem que viu algo de

bom em mim, acreditou e me fez enxergar a vida de uma forma completamente diferente. Me veja, me olhe com carinho e tenha a certeza de que honrarei essa família como se fosse a minha.

Luana fungou, Laís soltou um choro e minha vó puxou Analia para ser abraçada e colocada no colo, como ela sempre fazia quando nos dava uma lição de moral. Foquei na respiração, porque a vontade de entrar no clube dos chorões estava grande, mas Fred veio ao meu resgate, apertou meu ombro e sorriu com malícia.

— Passou no teste, só falta pedir em casamento.

— Eu ouvi noivado? — Ricardo falou e arrancou risos das minhas primas e tios. — Depois

da semana que vem, está liberado os pedidos de compromisso na família. Leo! — gritou para meu primo, que estava mais próximo da churrasqueira tomando um copo de refrigerante. — Falta você, cara. Simone e Júnior já estão com tudo em andamento.

— Vou casar depois que Clarinha o fizer. — Piscou um olho.

Ricardo riu alto, olhou para nós sério e rebateu:

— Nunca, esse aí vai virar o tio com os gatos.

— Meu coração é enorme, meu filho, sabe disso. Claro que terá uma chance e será bem-vinda, mas aqueles lá não, não quero violência aqui! — vó

Cida falou, Analia se levantou do seu colo e me abraçou ainda emocionada.

— Será que tem alguém cuidando do churrasco ou vou ter que ir correndo comprar comida para alimentar o Maurício? — Luana brincou e o ritmo da reunião familiar voltou ao normal, com alguns comentando sobre a violência não levar a nada, quem tinha culpa numa traição e como Heitorzinho ficaria depois de tudo isso.

— Estou morrendo de vergonha — ela sussurrou, beijei sua testa e falei no seu ouvido:

— E eu estou aliviado. Cada um no seu devido lugar, você comigo, ele longe. Pronto.

Meus pais acabaram indo embora mais cedo do almoço acompanhar Debora e o filho até a

casa do marido. Com uma mensagem silenciosa, meu pai deu a entender que gostaria de falar comigo e quando desse, eu o faria, porque minha prioridade agora era ela.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 45

Analia

Laís>> Amei meu chá de revelação, mas como todas as minhas madrinhas não estavam, agora farei a despedida de solteira.

Alexia>> E não tem medo que Guido também faça uma festa como essa? Se tiver homem, não vou.

Luana>> Impressão minha ou o mal humor de Leo te contagiou, minha amiga? Laís, aproveita enquanto Maurício está calminho, estou topando tudo, mesmo não aguentando.

Analia>> Estou preocupada que tenha homens também, confesso que só tenho olhos para Bastien.

Laís>> Quero todas na quinta-feira, no estúdio de dança. Seremos apenas nós, não terá homens, mas farei algo pensando neles.

— Fui convidada para a despedida de solteira da Laís, na quinta. Será que meu carro ficará pronto? — falei dessa forma para provocar Bastien, que saía do banho enquanto eu já estava deitada na cama para dormirmos. Apesar da turbulência no almoço do Haras, o início da semana foi tranquila e animada, só se falava do casamento de Guido e Laís.

— O quê? — Ele parou de se enxugar e

expôs todo o seu corpo bem trabalhado para minha admiração. Que homem e estava dedicado a mim. — Laís está brincando com fogo, Guido não vai deixar que ela faça uma despedida de solteira e você, por que quer ir? — Segurei o riso ao perceber que estava se controlando para me proibir de ir.

Um homem amoroso, que tinha paciência e respeitava meu espaço. Às vezes, achava que não merecia nem metade do que ele tinha para me dar, as outras eu só aceitava que me encontrei na vida.

— Será no estúdio de dança e só vai nós quatro, sem homens. Na verdade, como ela falou — olhei para o celular e o percebi se aproximar — "não terá homens, mas farei algo pensando neles". Palavras da noiva.

Ele tirou o celular na minha mão e me encheu de cosquinhas, o que me provocou para sentir outras sensações.

— Perfeito, eu te levo, te busco e depois me mostre tudo o que você verá lá. — Dei um tapa suave no seu braço e ele beijou meu pescoço, seu corpo nu estava me acendendo para querer algo mais. — O que foi?

— Não imagine a mulher do seu primo dançando. Sei quais são os dotes dela.

— Na minha cabeça só tem você, meu doce. — Tirou o lençol entre nós e depois minha roupa de dormir. — Você está vestida demais.

— E você duro! — Segurei seu membro e iniciamos nossa rotina de nos amar antes de dormir.

Não havia mais medo ou guerras para enfrentarmos juntos, porque a paz e o amor reinavam na minha vida.

***

— Quero todas no banheiro colocando essas roupas, menos Luana, ela será nossa cobaia grávida sentada nessa poltrona — Laís entregou um pedaço de pano para mim e Alexia, que nos olhamos e fizemos uma careta.

Depois do expediente de trabalho, vim direto para o estúdio de dança de Laís, que já tinha Luana nos aguardando. Seria a despedida de solteira e sem a pompa do chá de revelação, fui com a roupa do trabalho, que agora, seria trocada por essa roupa ousada.

— Acho que minha bunda e peito não cabem aqui — Alexia falou ficando encabulada por usar essas palavras. O avanço na sua forma de socializar estava melhorando, as reações de timidez continuavam a mesma.

— Não tem outra roupa que dê para usar que não seja essa. Preciso da sua perna livre para te ensinar alguns passos de pole dance — Laís falou divertida e meus olhos brilharam. Ah, estava preparada para fazer algo especial para Bastien.

— Assistirei vocês, não vou participar disso. É demais, Laís. — Alexia devolveu a roupa, sentou no braço da poltrona de Luana e nos ignorou. Abracei a grávida noiva, corri para o banheiro e voltei animada para aprender o que ela

tinha para ensinar.

— Já que perdi a recepcionista, a companheira de dança e se bobear, a madrinha — brincou Laís —, fico feliz que topou deixar minha despedida de solteira mais feliz. Dança me faz expressar o que está na alma e não consigo pôr em palavras.

Percebi que Alexia ficou incomodada, por não dar conta de dar esse passo. Laís colocou uma música e aos poucos, ela em um pole e eu no outro, fizemos alguns movimentos, ríamos e fazíamos gracinhas, o que não excluiu as duas que estavam apenas assistindo.

Depois que o suor começou a escorrer pelas minhas costas, Alexia pegou a roupa dada por

Laís, um top esportivo e um short que mais parecia uma calcinha, foi para o banheiro e se entregou, junto comigo, para a dança sensual.

— Estou pegando fogo vendo vocês aí, imaginem os homens. — Ela pegou o celular e ergueu, fazendo Alexia retesar. — Fica tranquila, amiga, só estou pegando Laís e Analia. Posso gravar um pequeno vídeo e mandar para os seus homens, apenas para atiçar os dois?

— Sim! — falei animada, olhei para Laís com os olhos brilhando. — Coloca aquela música da Pussycat Dolls, Buttons, vamos fazer aqueles passos iniciais que você me ensinou.

Luana colocou o celular na horizontal, Laís colocou a música e nós três seguimos os

passos sem sincronia, mas nos sentindo poderosas dançando. Com a barriga saliente, a grávida dançarina fazia muito melhor que nós e não me importei com a dureza dos meus movimentos, só queria mostrar que amava essas mulheres e com certeza estava amando Bastien.

Seria minha vez de seduzi-lo e mostrar que eu valia a pena todo o esforço.

A música acabou, nós três nos abraçamos e depois fomos abraçar Luana, que vibrou com nosso desempenho e claro, da amiga que estava desabrochando.

— Só vocês para conseguirem isso de mim. — Alexia falou e procurou a tela do celular para ver a gravação. — Como ficou?

— Acho que não poderei enviar para os seus homens, Alexia apareceu em algumas partes. — Luana falou com orgulho, trocamos um olhar e percebi que tinha feito de propósito. — Mas posso te mandar, quem sabe você assistindo várias e várias vezes perde esse medo? Você é linda, minha amiga. Não é necessário estar atrás de um relacionamento para se sentir bem com sua vaidade. Não é pecado, é lindo.

— Meu Deus, você leva jeito, olha esse movimento! — Laís falou animada, segurei a mão de Alexia e lhe dei força, a mesma que recebi quando precisava. Olhamo-nos por um momento e um sorriso brotou.

— Vocês são as melhores. Não mostre

para ninguém, Luana e sim, mande para mim, farei isso.

— Viva a noiva grávida Laís! — gritei e levantei os braços, as três fizeram o mesmo e ecoaram minhas palavras. — Viva!

— Agora, a contagem regressiva para o meu casamento. Não esqueçam de usar a lingerie que separei para você, é o que fará a diferença no meu dia.

— Irei com um xale, mas sim, estarei com tudo o que preparou para mim — Alexia aceitou.

Batemos palmas, trocamos abraços e beijos felizes. As portas e janelas da minha vida foram abertas e uma das janelas de Alexia estava iluminando o seu interior, tornando tudo mais

PERIGOSAS NACIONAIS

especial.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 46

Bastien

Tirei a sexta-feira à tarde para vir falar com meus pais sobre o que aconteceu no almoço de família, porque estava ocupado com minha rotina. Não que os deixei de lado, só não dei importância para o que vinha de Heitor.

Analia voltou ao trabalho, seu carro ficou pronto, permitindo que ela fosse na despedida de solteira de Laís e me contasse tudo depois. Fiquei surpreso ao saber que Alexia fez certas coisas, o

que me fez pensar que Leo poderia ter uma abertura, se fizesse tudo certo.

Tive mais de suas coisas entrando no meu apartamento, fortalecendo sua estadia como permanente comigo. Tive a última reunião com o arquiteto, contratei uma empreiteira para iniciar as obras da academia e admiti no meu quadro de funcionários uma pessoa para ajudar Joana com a academia, me dando mais tempo livre para cuidar da expansão.

Tirando a intimação para ir na audiência em que Roberto me colocou como réu, estava tudo ótimo. Minha mulher estava cuidando de tudo e como a advogada competente que era, já me passou tudo o que precisava fazer para ter uma audiência

de sucesso.

Ou seja, mesmo um assunto chato, estava tudo bem. Analia e eu estávamos bem.

Meus pais, numa tentativa de apaziguar o que sentia sobre Heitor, os convidaram para o almoço de família no Haras, mas logo perceberam que fizeram errado, ainda mais quando Leo o avisou que daria merda, uma vez que o amigo era ex da sua nora.

Meu pai ligou nossa conversa na gráfica com Analia na hora, ela era uma das amantes e isso poderia nos afastar ainda mais, principalmente depois da nossa discussão de eu não querer assumir os assuntos da família.

Houve a briga, a revelação dos segredos,

que estavam além dos que nós sabíamos e agora, meus pais tinham um abacaxi nas mãos. Heitor pegou todo o dinheiro das contas bancárias deles e sumiu, deixando Debora e seu filho sem nada.

Minha mãe, sendo como era, não iria abandonar e a acolheu na sua própria casa e contratou um advogado para resolver a situação.

— Bem, meu filho, a situação agora é essa e estamos preocupados com o rumo disso tudo — meu pai falou cansado e minha mãe suspirou chateada.

— Sei que não quer se envolver com eles, mas não posso abandonar mãe e filho. Eles estarão com a gente por um tempo, vamos adiar nossa mudança de aposentadoria e...

— Virou mãe deles? — perguntei sério. — Ela não tem família? Sério, parece grosseiro da minha parte, mas esse drama não me atinge, porque os dois prejudicaram minha mulher. Sabe minha opinião, enquanto um deles estiver aqui, eu não venho.

— Tente entender — minha mãe pediu.

— E quem vai me entender? Eu fiz uma escolha, esperava que o apoio incondicional que vocês sempre me deram fosse maior do que ajudar um amigo. Sei que são seus amigos, mas pensem em mim, poxa!

— Bastien! — meu pai usou um tom de repreensão, mas vi compreensão em seu olhar.

— Você está certo. Me desculpe envolver

todos na minha vida. Por mais que a namorada dele tenha contribuído para o fim do meu casamento, esse é um assunto meu. — Debora apareceu na cozinha, onde conversávamos em privado. Suas palavras me irritaram, mas me mantive calado.

— Imagina, Debora, foi Heitor... — minha mãe começou.

— Eu tenho culpa e quanto mais tempo estiver com vocês, mais farei mal a todo mundo ao meu redor. Meus pais moram no interior, se puderem fazer só mais esse favor, irei com Heitorzinho para lá e descobrirei o que fazer. — Minha mãe foi lá abraçá-la e me encarou por cima do ombro dela. — Me desculpa e a sua namorada, vocês merecem ser felizes.

— Você também, Debora. Da minha parte está ok e tenho certeza que minha mulher falará o mesmo, ela sabe a importância das segundas chances.

As mulheres foram para o quarto e fiquei contemplando meu pai enquanto encarava o nada.

— Nunca pensei que reveria meus conceitos sobre a vida depois de tanto tempo. Heitor me bateu porque falei que te eduquei para ser um homem justo e leal. Ele respondeu, com a fala e os punhos, que isso era um sinal de fraqueza e fui trouxa por muito tempo. — Olhou para mim. — Será que ele e sua mãe...

— Pelo amor de Deus, pai. Você acha que a mãe iria te trair com esse panaca, ou melhor, trair

com qualquer um outro? Esquece isso, tome água e se livre desse veneno. Heitor está doente, onde já se viu, tirar tudo da mulher e do filho? Que se foda que não seja o próprio sangue, ele viu nascer, registrou e... descartou. Mal caráter, isso só cura com o que fizemos — bati de leve na mesa com a mão fechada —, porrada!

Meu celular tocou, atendi achando estranho o número desconhecido:

— *Bastien?* — a voz era conhecida e preocupada.

— Sim, quem fala?

— *Aqui é Gabrielle Mendes, do escritório de advocacia da Analia...*

— O que foi? — Levantei da cadeira e

entrei em alerta, a última coisa que precisava era algo ter acontecido com minha mulher.

— *Não fica preocupado, está tudo bem agora. Foi meu cunhado que apareceu aqui...*

— O que Heitor foi fazer aí? — Andei em direção a porta e nem me despedi do meu pai, iria correr até a minha mulher. — Como ela está?

— *Como disse, Bastien, está tudo bem agora. Houve gritaria, meu marido conteve o irmão na hora certa e Analia desmaiou, a pressão deve ter baixado, mas já está bem. Só acho que deveria vir buscá-la.*

— Estou no carro. — Virei a chave e saí cantando pneu. — Me deixa falar com ela.

— *Ela está bem, Bastien. Não posso sair*

da sala porque estou aqui, com meu marido, contendo o anjinho do meu cunhado até a polícia chegar. Ela precisará prestar depoimento.

— Vou arrebentar a cara dele! — rosnei e ela riu sem humor.

— *Não no meu local de trabalho,* saradão. *Até logo.*

Joguei o celular no banco do passageiro, acelerei o máximo que o trânsito me permitiu e cheguei junto com o camburão da polícia. Coloquei o celular no bolso, saí do carro e vi Heitor com algemas nos pulsos ser preso.

— Ele tirou tudo da esposa e filho, não vale um tostão furado — falei alto para os policiais escutarem. O traidor ainda tentou avançar em mim,

dei um passo para trás e sorri quando os policiais conseguiram colocá-lo dentro do porta-malas do camburão.

Corri para dentro, nem acenei para a recepcionista chata e vasculhei as salas até achar minha mulher.

— Bastien! — Ela estava sentada no chão e tentou levantar, não deixei, peguei-a no colo com sua bolsa, beijei sua boca e fui sair, mas não antes dar de cara com Doutora Mendes.

— Oh, uau, um verdadeiro príncipe. — Ela falou divertida e pisquei um olho para me gabar, porque faria isso apenas para uma mulher e era Analia.

— Toda mulher tem o homem que merece

e essa aqui — ajeitei-a no meu colo —, merece o melhor de todos.

Não eram apenas as mulheres que gostavam de estarem por cima. Não que eu precisasse, não havia mais rancor com o que me aconteceu, nem mesmo a maldição de Elis me dominou, porque tudo foi uma grande preparação para que chegasse até quem realmente deveria estar comigo. Tudo aconteceu para que a pessoa certa me encontrasse, para Analia.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 47

Bastien

Saí do escritório, coloquei-a sentada no banco do passageiro e corri para o motorista.

— Impressão minha ou perdi algo? — ela questionou fechando os olhos, parecia muito cansada.

— Quem perdeu fui eu, por demorar para chegar. O que aconteceu? — Apertei sua mão e mantive as duas unidas no seu colo.

— Lá estava eu, toda feliz com meu primeiro processo solo, presente da Doutora

PERIGOSAS NACIONAIS

Mendes, então, um louco entra na minha sala e começa a quebrar os móveis. O Doutor Mendes entrou, ele derrubou meu monitor e corri para o canto mais longe da porta. Nem consegui agachar, desmaiei e fui acordar depois de tudo resolvido. Depois de um tempo, você chegou.

— Espero que morra na cadeira, babaca! — resmunguei e ela beijou minha mão. Trouxe a dela para mim e beijei dedo a dedo da sua. — Você está bem?

— Meio tonta, mas acho que se dormir vai me ajudar. Parece que um caminhão me atropelou.

— Então vamos para o pronto atendimento, lá eles te darão algum remédio para isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Que exagero, Bah. Vamos para casa.

Ah, se ela soubesse que a cada frase dessa, ela me deixava mais apaixonado, não falaria tantas vezes.

— Casa depois do pronto atendimento. Será interessante relembrar da minha cliente doida que ficou pedalando até a exaustão. — Parei o carro em frente ao hospital, puxei-a para mim e beijei sua boca. — Quer me conquistar de novo?

— Preciso te deixar apaixonado todos os dias, já me matriculei para ser aluna da Laís. — Ela me olhou pidona. — É sério, estou bem.

— Doutora Analia, seu título é de advogada e não médica. Vamos.

Saí do carro e ela o fez, resmungando.

Abracei sua cintura e juntos, entramos no hospital, fomos atendidos pela triagem e um tempo depois, quando Analia parecia dormir com a cabeça deitada no meu ombro, fomos atendidos pelo médico.

— Recomendo fazer esse exame antes de ir embora, o resultado é rápido. Só entregar para a moça do atendimento.

Analia pegou o papel e riu devolvendo para o médico.

— Doutor, eu não estou grávida, não posso ter filhos.

— Você tem útero, certo? — Ela acenou. — Então, não há o que temer, é apenas procedimento padrão. — Sorriu devolvendo o papel.

O sangue foi colhido, sentamos na recepção para esperar e imaginei o que viraria nossa vida dependendo do resultado desse exame. Meu Deus, um filho?

— Não sei por que fiz esse exame, agora estou ansiosa para nada. Não posso engravidar.

— Quando foi dado o diagnóstico?

— Eu tinha dezoito anos e — ela fez uma careta —, desculpa falar isso, mas é verdade, foram mais de cinco anos sem usar camisinha e não engravidar.

— Como a mulher desse trouxa deixou bem claro, o problema não era as mulheres, mas ele mesmo.

— Independente disso, ovário policístico é

uma das maneiras da mulher ser infértil.

Peguei meu celular, fiz uma pesquisa rápida mostrando a tela para ela e li em voz alta uma parte:

— Há tratamento para esse tipo de distúrbio hormonal. Quando foi sua última menstruação?

— É sério, fico de dois a três meses sem menstruar e depois vem com tudo, dores e TPM. Eu sei o que tenho, mesmo não tendo acompanhado a cada seis meses, como o médico me recomendou na época.

Guardei o celular, abracei minha mulher e tentei manter a calma. Tudo bem que para ela era um não certeiro, mas depois que a conheci e passei

a ouvir meu coração, ele esteve certo em todos os momentos e agora, o que sentia, era que sim, tinha herdeiro a caminho.

— Quando for o momento, podemos ver adoção ou sei lá... — ela começou e parou quando chamaram seu nome. Como ela não levantou, eu o fiz, peguei o papel da mão da técnica e entreguei a ela, tremendo. — Por que está nervoso? É negativo, podemos pensar em filhos depois, Bastien, deixa...

— Abra e depois conversamos sobre isso. Se for negativo, tudo bem, eu escolhi estar com você do jeito que você é. — Agachei na sua frente e segurei seu rosto. — Sei que está sentindo a mesma coisa que eu.

— Mas...

— Abra! — incentivei e a soltei. Ela pegou o papel, abriu e arregalou os olhos. Inclinei a cabeça e vi a palavra “Reagente” no exame, que só tinha um significado para mim.

Positivo. Ela estava grávida.

Surto agora? Não, precisava conter um incêndio primeiro antes de me permitir queimar.

— Não pode ser verdade...

— Você está esperando um filho. — Beijei sua barriga e ela contorceu na cadeira.

— Mas pode ser...

— Esse filho é meu, Analia. O passado já foi e o presente sou eu e você! — Levantei e a fiz fazer o mesmo, abracei-a e rodopiei rindo. — Ela está grávida! — gritei e algumas pessoas

parabenizaram se divertindo de como estava me comportando. — Ela não acredita, mas está grávida, de mim!

— Bastien... — Tomei sua boca, calei-a porque não havia mais o que lamentar, apenas comemorar. Se era milagre ou apenas tinha que ser, para mim estava bom do jeito que aconteceu.

Caralho, mais bisneto para vó Cida?

— Eu te amo — falei olhando para seus olhos. Não foi planejado, mas era o que estava sentindo. — Não me preparei para ter um relacionamento, não me sentia digno de estar ao seu lado e agora, não me imaginei ser pai. Mas que se foda minha expectativa, estou a fim da realidade. Eu tenho você.

Depois que conseguimos sentar novamente nos bancos da recepção, conseguimos com Laís o nome do seu obstetra, que estava de plantão na maternidade e nos atenderia naquele momento. Analia ainda estava cética com o exame e se precisava ver para crer, não tinha problema, porque também estava ansioso para ver como era ter um bebê em seus primeiros dias.

Caramba!

Seguimos em silêncio para a maternidade, tentei deixá-la à vontade, mostrei com carinho o quanto a amava e esperamos sermos atendidos para poder abrir a boca. Depois da entrevista com o médico, ela foi trocar de roupa, deitar na maca e fazer um ultrassom transvaginal.

Foi só a imagem de um pontinho esbranquiçado no meio de um negro oval aparecer na tela da tevê que ambos começamos a chorar, entre risos e lágrimas.

— Temos papais emocionados aqui, não?

— Meu Deus, eu achei que era estéril! — Analia falou admirando o pontinho. — Como é possível? De quanto tempo estou?

— Como não há data da última menstruação, é uma data aproximada de acordo com o tamanho do feto. Entre quatro semanas e meia e cinco.

Confesso que nesse primeiro momento, estava pouco me lixando para saber tal coisa, porque sabia que Heitor não seria competente para

tal façanha, mas eu sim. E se fosse dele, meu orgulho de ser um bom homem falaria mais alto e o assumiria como meu, porque era isso que ele seria.

— É nosso, Bastien, só nosso.

Analia me puxou, beijei sua boca e o médico fez todas as análises antes de encerrar o exame.

— Você não poderia se contentar com me fazer feliz, tinha que me tornar completa novamente. — Ela me abraçou e fechei sua roupa de hospital para que o médico não visse nada além do necessário. — Não há nada além de amor em mim. Eu te amo, muito, muito.

— Esqueça as dúvidas e incertezas dessa vida, meu doce, porque agora, nosso rumo é até o

PERIGOSAS NACIONAIS

para sempre. Eu te amo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Guido

Mais uma festa de casamento no Haras, ao pôr do sol, com minha família de testemunha. Diferente da cerimônia de Fred e Luana, que usou o gramado e colocaram um pergolado como altar, para o meu usamos o outro lado do Haras, depois da construção onde ficava as baias dos cavalos que eu cuidava.

Linda, com a barriga saliente, estava pronta para tirar fotos comigo e Laís no pôr do sol, mais ao fundo. Os outros cavalos foram colocados

em outro lugar para o evento, por conta do estresse com a movimentação.

Entrei primeiro com minha mãe, fiquei no altar e observei as cadeiras com balões brancos e vermelhos suspensos. Ousada como era minha mulher, estava preparado para todos as surpresas que ela tinha me prometido, só esperava que ela não estivesse preparada para a minha. Depois da cerimônia, iria nos levar para o buffet onde aconteceu a formatura, nosso primeiro beijo. Não tinha feito nada elaborado, aluguei o lugar, coloquei uma caixa de som e iria fazer diferente do que foi há dez anos.

As madrinhas entraram com meus primos. Primeiro foi Luana e Fred, que ajudou a grávida a

sentar assim que se aproximou do altar. Depois foi Analia e Bastien, que escondiam por trás de um sorriso radiante alguma novidade. Laís não quis me falar o motivo do meu primo querer saber quem era seu obstetra. De ciumento, me tornei curioso, não tinha como ficar sem alguma coisa.

Alexia entrou com Torto, o que me surpreendeu e procurei pelos convidados por Leo. Ela parecia confortável, ficou ao lado do meu cunhado e sorriu para mim.

Leo entrou sozinho, carrancudo e ficou do outro lado jogando dardos pelos olhos para a amiga de Fred. Por Deus, não aguentava mais esse tesão enrustido do meu primo.

Meu pai entrou com minha sogra e quando

vi o carro chegar, ao fundo, prendi a respiração para apreciar minha mulher. Seu pai saiu do banco da frente, abriu a porta e a música soou para Laís entrar. Apesar do mal relacionamento com o pai, tudo na nossa vida estava indo muito bem, principalmente a gestação de Pedro.

Quem diria, seria pai, o legado da família estava protegido, para alegria da minha vó Cida, que observava tudo com lágrimas dos olhos.

Quando vi a perna nua da minha mulher saindo do carro, não consegui deixar de notar a liga de perna, que se escondeu assim que ficou de pé ao lado do pai. Com um vestido sem alças e decotado, além da enorme fenda, ela brilhava com os últimos raios solares e para mim. Perfeita, minha mulher

conseguiu mudar a minha vida sem me mudar no caminho.

A barriga estava saliente apenas o suficiente para mostrar que havia um bebê sendo gerado. Quando ela chegou até mim, seu pai a entregou sem dizer nada, mas eu falei mesmo assim:

— Sua filha será a mulher mais feliz desse mundo.

O sorriso e as lágrimas dela eram tudo para apertar meu coração e me fazer desmanchar também. Porra, agora estava amarrada a ela, com meu ciúme, possessividade e claro, meu amor.

— Eu te amo, Guido.

— Para todo o sempre, meu furacão. —

Beijei sua testa, viramos para o padre, junto com o juiz de paz e começamos a cerimônia.

Do início ao fim, a paixão dominou todo o evento. Roubei sua liga de perna em um momento furtivo onde estava apenas nós dois, usei chapéu de caubói enquanto dançava com ela na pista de dança improvisada e dancei, a primeira e última dança das nossas vidas no buffet da formatura, onde ela me beijou pela primeira vez.

Não teve como ser diferente, nos amamos naquele lugar e com a liga em minhas mãos, prometi ser melhor a cada dia. Era fato, cada um tinha sua metade e a minha era Laís e nosso filho.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Analia

— Você está corada. Tudo bem? — minha sogra perguntou quando eu e Bastien sentamos à mesa depois de termos um momento íntimo longe das pessoas. Esse Haras tinha muita história para contar e também, muitas ocultas pelos amantes.

— Tudo bem, preciso de água. — Mal terminei de falar, Bah se levantou para me atender. Observei-o em todos os momentos, ele pegou uma taça de champanhe e brindou nosso momento, de longe, com o olhar que parecia ver minha alma.

Bastien era todo meu.

Depois de descobrirmos a gestação, ele

estava além de cuidadoso. Eu considerava a situação um milagre e por isso, antes de ter todas as explicações, pedi que guardasse segredo e só revelasse quando tivesse uma consulta real com o obstetra.

Eu só não conseguia acreditar. Nada em mim havia mudado, como assim estava grávida?

— Meu filho é meu orgulho. Espero que vocês sejam felizes. — Minha sogra segurou minha mão e se aproximou de mim para falar mais baixo: — Confesso que estive com o coração dividido entre minha amiga e você, mas como sempre, meu filho teve prioridade.

Sorri amarelo, tentando não me sentir mal ao relembrar o que passamos. Passado era passado,

mas existia e precisávamos respeitar o que já foi.

Os noivos já tinham se despedido, a festa era nossa e a comida estava maravilhosa.

Peguei a água entregue para Bastien quando ele voltou a se sentar à mesa e vi Fred dançando com Alexia como nunca os vi antes. Luana estava sentada incentivando e os dois riam, algo inusitado.

Ela estava desabrochando como uma linda flor.

— Não sei o que vocês estão fazendo, mas tenho interesse nessa terapia também. Da água para o vinho, doce. — Bastien beijou meu rosto e retribuí lhe dando um selinho. Ele também observava os três.

— Ela aceitou a vida como eu.

— Acho que Leo está precisando disso, olha lá. — Ele indicou com a cabeça um canto, onde vi o primo mais novo se afastar até o carro e ir embora. Pelo visto, incomodava a mudança da mulher, mas ele mesmo não mudava de atitude para receber a novidade. — Apesar que meu interesse agora é numa mulher esperando um filho meu — falou no meu ouvido, mas no mesmo momento o som deu um problema e todos silenciaram, deixando a fala do meu homem como se fosse um anúncio para toda a família.

— Um filho? — Minha sogra segurou meu braço.

— O que disse, meu filho? — o pai de

Bastien questionou e os murmurinhos surgiram enquanto todos os olhares estavam para mim e eu fiquei sem reação.

E se não der certo? E se for apenas uma ilusão?

— Ah, eu sabia, agora pode casar! — Ricardo apareceu com Clarinha no colo.

— É recente, descobrimos na sexta-feira. Nos deixe acertar tudo primeiro... — Bastien tentou me proteger ao ver meu choque, mas não o fez quando sua mão me abraçou.

— Está grávida, não existe isso de “acertar primeiro”. Como foi, exame de sangue? De farmácia? — Ela balançou a mão no ar. — Mãe! Tem mais um bisneto vindo para a senhora, eu serei

avó!

Levantei para receber os vários abraços e felicitações. Bah estava ao meu lado, sua mão não saiu da minha e quando achei que continuaria sem fala, vi um carro luxuoso se aproximar, parar e um homem com os mesmos olhos que os meus sair e caminhar na minha direção.

— *Viado* do Leo, ele foi buscar seu pai — Bastien sussurrou e me permitiu encarar o homem que acreditei que nunca quis saber de mim.

— Desculpe chegar no meio da celebração, mas só conseguiram me informar do que aconteceu há poucas horas, vim o mais rápido que pude. — Ele cumprimentou todos que estavam ao redor com apertos de mãos, dizendo ser Thiago

Vilhares e complementando ser meu pai.

Quando me encarou por fim, estendi a mão para o cumprimentar e fui acolhida por um abraço caloroso. Finalmente Bah soltou minha mão e mesmo assim, não me senti insegura.

— Desculpe não estar com você na ausência da sua mãe. Nossa relação nunca foi boa, mas tentava fazer meu melhor, como fiz para os meus outros filhos. — Ele me afastou e as lágrimas foram impossíveis de conter. — Tudo bem?

— Mais do que bem, ela está esperando um filho. Seremos avós! — dona Alice se intrometeu e o sorriso no rosto do meu pai aumentou.

— Hoje comemoraremos, amanhã

conversaremos tudo o que você quiser saber. Você não está sozinha.

— Nunca estive. — Estendi minha mão para Bastien, que me abraçou e representou não só o homem da minha vida, mas toda a sua história familiar. — Esse é meu namorado...

— Noivo. Ainda não a pedi em casamento, na família tudo acontece no susto, mas será devidamente oficializado. Eu amo sua filha e vamos ter um filho — Bastien se atropelou nas palavras, ri e lhe roubei um beijo na boca.

— Não precisa me pedir, eu já sou sua, já moro na sua casa.

— Nossa casa e de quem está por vir. — Ele tocou a minha barriga e a mão do meu pai foi

para o ombro de Bah, uma forma de abençoar a nossa união. Dona Alice fez o mesmo no meu ombro e percebi que não havia mais medo para ser enfrentado, a segunda chance já foi alcançada, agora, bastava viver.

Eu escolhi sorrir para a vida e ela retribuiu em forma de família. Eu amava tudo isso.

PERIGOSAS NACIONAIS



1ª. Edição

2019

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © Mari Sales

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de
PERIGOSAS ACHERON

qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

Sinopse

Dedicatória

O Prólogo

Leo

Capítulo 1

Leo

Capítulo 2

Alexia

Capítulo 3

Leo

Capítulo 4

Alexia

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 5

Leo

Capítulo 6

Leo

Capítulo 7

Alexia

Capítulo 8

Leo

Capítulo 9

Alexia

Capítulo 10

Leo

Capítulo 11

Alexia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 12

Alexia

Capítulo 13

Leo

Capítulo 14

Alexia

Capítulo 15

Leo

Capítulo 16

Leo

Capítulo 17

Leo

Capítulo 18

Alexia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 19

Leo

Capítulo 20

Alexia

Capítulo 21

Leo

Capítulo 22

Leo

Capítulo 23

Alexia

Capítulo 24

Leo

Capítulo 25

Leo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 26

Alexia

Capítulo 27

Leo

Capítulo 28

Leo

Capítulo 29

Leo

Capítulo 30

Leo

Capítulo 31

Leo

Capítulo 32

Alexia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 33

Leo

Capítulo 34

Leo

Capítulo 35

Alexia

Capítulo 36

Alexia

Capítulo 37

Alexia

Capítulo 38

Leo

Capítulo 39

Leo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alexia

Capítulo 40

Alexia

Capítulo 41

Leo

Capítulo 42

Leo

Capítulo 43

Leo

Capítulo 44

Leo

Capítulo 45

Leo

Capítulo 46

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Leo

Capítulo 47

Leo

Capítulo 48

Leo

Capítulo 49

Alexia

Capítulo 50

Alexia

Capítulo 51

Alexia

Epílogo

Bastien

Alexia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Leo

Alexia

Agradecimentos

Sobre a Autora

Outras Obras

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

O primo mais novo da família Saad tinha mistério e mau humor na mesma proporção. Sendo o último dos solteiros, cada dia mais se afastava de todos. Ele fazia questão de registrar sua discordância quanto a forma que Alexia era tratada com palavras ríspidas. Leonides Saad vencia suas batalhas de forma ofensiva e acreditava que ela poderia fazer igual, se parassem de superprotegê-la.

Alexsandra estava em seu melhor momento, compartilhando a conquista dos seus amigos e se permitindo conhecer novos horizontes. Finalmente a terapia estava dando certo, porém,

uma notícia ameaçava abalar essa evolução, ainda mais quando decidiu agir por impulso, numa tentativa de finalmente enterrar o passado que tanto a assombrava.

Ela precisava de ajuda e o único disponível para fazê-lo era Leo. Essa era a receita perfeita do desastre, deixar duas pessoas que não se gostavam sozinhas. Beirava a indecência!

O momento de ruptura estava em eminência e com ele, o início da conexão de duas almas marcadas.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Dedicatória

Em honra a minha família e a história familiar de Fabricio Sales.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

O Prólogo

Leo

Cinco anos atrás...

Escutei o homem que me ofertou as horas finais de voo que precisava para conseguir meu brevê e engoli em seco. Ele parecia despreocupado com sua conversa superficial ao invés de me instruir como imaginava. Era meu voo solo, aquele que me distinguiria dos estudantes de aviação.

Meu primeiro momento sozinho e... tudo

estava dando merda. Não só o combustível de uma das asas estava vazando, mas também os ponteiros dos instrumentos não indicavam nada.

Eu estava fodido.

— Então, Leonides, por que aviação? — De Paula perguntou, me fazendo responder no automático, porque meu foco era pilotar com minhas mãos e braços.

— Não gosto de me amarrar.

— Mas a sua família é tradicional na cidade, além do seu irmão ter se graduado como é de costume. Mas você não, saiu do ensino médio e foi fazer o curso de piloto.

Caralho, odiava responder questionários sobre minha vida pessoal. Há poucos minutos faria

o pouso e por Deus, não saberia dizer o que fazer a não ser seguir meus instintos. Eu não queria expor a situação atual, mas também não queria morrer, não hoje.

— Não costumo seguir as regras — resmunguei chateado.

— Sim. Muitas brigas durante o período do colégio, curso de direção tática no último ano do ensino médio. — Olhei para as nuvens e arregalei meus olhos. Como ele sabia de tudo isso? — Lembrando que você falsificou os documentos para poder fazer o curso, já que tinha apenas dezessete anos.

— Como sabe de tudo isso?

— Eu sei muito mais, Leonides Saad. —

Escutei sua respiração profunda e mudança de tom com assombro. — Seu combustível está vazando e seus instrumentos estão parados. Não conferiu tudo antes de sair com o avião? O que deu de errado?

— Porra, como vou pousar sem saber quantos pés estou do solo? —Como ele sabia de tudo isso sendo que não falei nada?

Ele parecia se divertir, porém, se conteve em dizer:

— Seu avião está cego, mas não você. Hoje não é um bom dia para morrer em um acidente aéreo. Mostre para mim o real significado de não seguir as regras.

Vi a pista de pouso ao longe, ignorei tudo o que estava ao meu redor e foquei em sentir o

avião. Não era a mesma coisa do carro, a sutileza de uma aeronave poderia me confundir e provocar um acidente.

Porra, eu não tinha experiência para pousar sem instrumentos.

A situação não me impediu de seguir em frente. Como tinha um descampado grande antes da pista particular de pouso, desci o máximo que consegui e segui o que meus olhos viam bem como minhas mãos experimentavam.

Senti meu coração quase sair pela boca quando as rodas tocaram o solo, o pouso um tanto abrupto, mas seguro, me fizeram segurar a respiração até que chegasse no fim na pista, parasse o avião e percebesse que deu tudo certo.

Porra, eu consegui.

Percebi que havia não só De Paula do lado de fora, mas outros homens me esperando. Fiz algo de errado? Caralho, tinha certeza que nunca fiz algo tão certo na minha vida!

Saí do avião e fui surpreendido por um balde de óleo de motor na minha cabeça e homens ao meu redor aplaudindo e rindo. Meu humor azedou na hora... que porra era essa? Estavam me zoando?

De Paula se aproximou de mim com um sorriso contido, ainda mais porque eu não havia achado graça em nada do que estava acontecendo aqui.

— Leonides, parabéns pelo seu voo solo,

estamos te batizando. — Ele estendeu a mão e não aliviei no aperto quando a apertei em cumprimento. — Agora que você tem habilidades de trabalhar sob pressão em situações caóticas, tenho uma oferta de emprego para você.

A última coisa que tinha em mente era sair empregado depois de fazer meu voo solo. Ainda precisava das horas restante de voo para concluir minha carga horária e conseguir o brevê de piloto particular.

No meio de todos, De Paula falou sobre sua organização de segurança privada, a intenção de criar uma equipe de elite para executar serviços paramilitares e secretos. Não só pilotaria aviões, mas manusearia armas, arriscaria minha vida e por

fim, teria toda a minha família no radar de proteção da empresa Hold.

Tudo o que aconteceu no meu voo e pouso fazia parte do teste, que passei com honras e estava apto para ingressar como agente de elite da sua empresa.

***

Com o tempo, meu chefe percebeu ainda mais minha caracteriza de não seguir as regras. Com vintes e um anos consegui minha primeira missão. O trabalho foi manter a segurança de um executivo de um lado a outro do país, de carro e meu último trabalho, ainda me recuperando da lesão na tíbia, havia sido liquidar com a quadrilha de Cleópatra, comandada por uma mulher que

roubava joias preciosas.

Não só isso, mas o ex-namorado da mulher de De Paula, Elaine, estava envolvido nesse meio e tudo parecia um grande emaranhado entre o caos e o amor[3].

Fui oficialmente dispensado das principais atividades na Hold depois dessa missão e meu humor azedou tanto que a única coisa que me salvava de não xingar ou amaldiçoar, era o sexo.

Porra.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Leo

Deitei na cama exausto pela atividade física e também, por conta das parceiras que estavam comigo. Tentava ao máximo me manter sob o radar, minhas preferências e mulheres não eram da conta de ninguém. Sempre ia na casa delas e nunca na minha, até porque, eu ia embora na hora que quisesse.

— Gato, você tem um pau de ouro — a morena falou deitando-se no meu peito e sorri, me sentido satisfeito. Pelo menos tinha êxito em algum

momento da minha vida, já que a profissional, a que mais presava, estava se tornando um fracasso e frustração.

— De ouro e duro. Minha bunda está doendo — a ruiva resmungou com um sorriso safado nos lábios. O que sua boca falava, não escrevia, ainda mais quando segurou meu pau para termos uma próxima rodada.

— Espere um pouco, eu preciso de um banho. — A morena se levantou e a amiga fez o mesmo, indo para o banheiro e me deixando sozinho na cama.

Não sabia os nomes delas e nunca escolhia as loiras, apenas negras, morenas e ruivas. Depois que fodi uma loira e praticamente vi Alexia no

lugar da mulher que estava comigo, abandonei essa opção.

Não estava nem um pouco interessado na menina protegida do meu irmão. A verdade era que sua situação deixava um nó na minha garganta por ver o quanto as pessoas estavam erradas ao seu respeito.

Sabia o que tinha acontecido com ela e sabia mais ainda o tamanho do seu poder para sobreviver e estar viva hoje. Ela poderia ter bloqueio para um assunto na sua vida, mas isso não justificava tornar tudo uma barreira.

Até quando ela ficaria debaixo da asa da mãe? Até quando Fred e Luana a protegeriam?

Só de pensar nessa menina e minha

indignação quanto a tudo que a cercava, meu humor piorava ainda mais. Senti meu pau ganhar vida e sabia qual era a solução para esse mal, muita foda sem sentido com mulheres desconhecidas.

Agora que não havia mais primo para dividir a cerveja e a mulher, eu estava sozinho e com mais facilidade conseguia ter um corpo para me perder.

De Paula, meu chefe, não poderia ter me tirado da ação. Amava pilotar, avião, carro ou moto, a direção era parte de mim, mas não poder executar tudo o que fui treinado? Era a porra da frustração.

Segurei meu membro com força e comecei a *punhetar* enquanto escutava as moças no

banheiro, entre risos e gemidos. Não iria até elas, água era o pior lugar para se colocar camisinha. Deixaria que as duas voltassem saciadas, para então, focarem apenas em mim.

Não era egoísta, fazia meu papel tanto quanto gostava que elas fizessem o papel delas. Todos saiam satisfeitos e algumas vezes, eu repetia a dose, porque elas eram desapegadas tanto quando eu.

Assim que saíram do banheiro, molhadas e se beijando, sentei na cama e quase explodi de raiva ao escutar o toque do meu celular. Perdi o tesão no mesmo instante, ainda mais porque sabia quem estava ligando e o motivo, Maurício iria nascer.

— Desculpe, mas o dever me chama. — Levantei da cama e percebi que elas nem deram atenção para mim, tão envolvidas com beijos e carícias.

O problema de estarmos em três era isso, às vezes, um ficava na mão, literalmente.

Fui até o meu celular, constatei o nome de Fred na tela e saí do quarto para atender tentando mudar o clima de luxúria que estava para algo mais familiar.

— Tudo pronto, papai? — perguntei forçando o tom divertido e voltei a ficar sério ao perceber que havia algo mais.

— Leo, preciso de você. — Ele parecia ofegante, escutei conversas ao fundo e um gemido

de mulher. — Calma, minha Corujinha. Eu vou jogar esse celular longe, só preciso que alguém ajude Alexia.

— O que tem Alexia? — Corri para o quarto e me vesti às pressas. Nem conferi o que as duas estavam fazendo, apenas em agir. Luana estava mal, Alexia também. — Por que sua mulher está gemendo?

— Quer que ela esteja como tendo contração?

— Por que não vai para a cesárea logo? — questionei aflito, estava quase completamente vestido e minha tíbia começou a doer. Parecia até psicológico, quando algo fugia do meu controle, minha lesão doía e me fazia lembrar que eu

também sangrava. Era foda ter a constatação de que não era nenhum super-herói.

— E desde quando isso é algo a se decidir por nós? Ela quer tentar parto normal, vou com ela até o fim! — Ele fez uma pausa e escutei-o conversando com Luana, o carinho e tensão eram palpáveis. — Vá atrás de Alexia por mim. Eu não posso deixar minha mulher agora. Só faça isso, mas por favor, não seja você.

— Como assim não ser eu? Por que me ligou então, porra? Onde ela está? — esbravejei a última pergunta e saí do apartamento das duas em direção ao meu carro.

— Porque ela estava chorando, histérica e dizendo que ia matar alguém. Já estou nervoso *pra*

caralho com minha mulher sofrendo aqui, eu não posso pensar nela também, ainda mais que não sei nada sobre o passado dela.

— Eu sei — falei sombrio e saí para a calçada.

— Claro que você sabe, como também sabe usar uma arma, ao mesmo tempo que desarmar alguém. Ache Alexia, não a pressione e depois me ligue. Eu preciso estar para minha mulher e filho agora.

A ligação foi encerrada sem me dar todas as coordenadas. Primeiro de tudo, por que não ligou para os pais dela, porra? Irritava minha alma saber que a tratavam como criança e ainda por cima, queriam acobertar essas sandices dos pais,

que também a tratavam numa redoma de unicórnios e fadas.

Ah, mas eu faria essa borboleta sair do seu casulo e seria hoje. Não pressionar? Veríamos o poder da pressão como fui moldado na Hold. O melhor tratamento era o choque de realidade e não abriria mão disso, mesmo que meu irmão pediu.

Entrei no carro e abri o porta-luvas. Como não sabia a localização, acionei o dispositivo que interceptava qualquer celular do mundo que acessava internet e encontrei o de Alexia, em um bairro afastado da cidade e muito perigoso. Lembrei de Fred falando sobre ela querer matar alguém e senti meu coração gelar. Conhecia a história dessa menina de cor e salteado para saber

qual era seu desejo assassino.

Peguei meu celular, conferi a notícia que já imaginava que havia sido publicada e liguei o carro ao mesmo tempo que saí cantando pneu. Se ela pretendia fazer o que eu tinha em mente, precisaria chegar antes do acontecimento.

Havia pessoas que mereciam morrer. Havia pessoas que não estavam prontas para ter sangue nas mãos como eu tinha. Se alguém precisava matar, eu o faria, minha consciência já estava em penitência há muito tempo, Alexia não precisava de mais isso nas costas.

Bufei ao perceber que mais uma vez ela conseguiu alguém que a protegesse. Não poderia entrar na mesma onda dos outros, por mais certo

que fosse. Ela queria matar? Ótimo, que vivesse com as consequências e se fortalecesse nos seus erros.

Tudo bem ter traumas e sofrer. O dela, então, tinha um agravante por ter acontecido em uma idade que ela era muito inocente, trazendo nossa pena à tona. Mas não de mim. Ela era uma sobrevivente, teve muitas oportunidades, muitas terapias, ela precisava viver e aceitar que o passado não poderia ser mudado.

Se algum dos meus primos me ouvisse falar dessa forma iria querer me afogar na piscina. O que para alguns era insensibilidade, para mim, era a única forma de vencer na vida.

Se eu enfrentaria uma guerra por ela, então

precisava que Alexia fosse forte como Saad.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Alexia

No terreno baldio ao lado da casa do meu maior pesadelo, eu segurava uma arma e criava coragem para agir. Até o momento, a única coisa que fiz foi ligar para Fred pedindo ajuda.

Maurício iria nascer, a criança que eu sentia como se fosse meu próprio sobrinho, mesmo que não fôssemos parentes de verdade. O amor que eu tinha por Fred, Luana e o filho em seu ventre era difícil de descrever em palavras.

Deveria ser suficiente para esquecer meu

passado, mas não era. Quando recebi o e-mail com a matéria que mais temi toda a minha vida, esqueci tudo e foquei apenas em fazer justiça com minhas próprias mãos. Naquela época, eu não sabia me defender, mas hoje, ele aprenderia a lidar com uma mulher adulta com uma arma na mão.

Eu realmente queria matar? Minha ânsia de ver a vida abandonar o corpo de uma pessoa que não merecia uma segunda chance me obrigava a fazer por mim. Ele precisava morrer, para sair dos meus sonhos e ser eliminado do meu modo de agir.

Não tocava as pessoas porque lembrava dele. Não gostava de palavras que remetem ao sexo por causa dele. Eu odiava muitas coisas em mim por causa dele.

Ri e chorei ao mesmo tempo, olhando para o muro que pretendia pular para invadir a casa daquele que merecia unicamente a morte. Fiz tantas terapias na minha vida, a última, junto com Analia, parecia ter me mostrado uma outra perspectiva.

Enquanto estava em um mundo ideal, tudo fluiu bem. No momento que o passado veio à tona, algo que estava trabalhando pequenas partes por vez, tudo pareceu inválido.

Como viveria com medo da minha sombra? Enquanto ele estava preso, eu tinha um pouco de segurança, agora, ele precisava morrer.

Escutei barulho de carro parando próxima aonde estava. Chorei um pouco ao perceber que Fred poderia ter largado Luana em trabalho de

parto para me socorrer. Por Deus, sabia que atrapalhava a vida dele, mas a segurança e conforto que tinha com ele se igualava ao que tinha com meu padrasto.

Aprendi a não odiar minha origem, mas estava difícil nesse momento. No final das contas, só estava sendo um lixo como meu próprio pai biológico foi.

— Alexia? — a voz baixa e sussurrada em minha direção me assustou. Não era Fred, a silhueta não era dele, mas de alguém que me intimidava tanto quanto meu passado.

Apontei a arma em sua direção, o escuro da madrugada nos ocultava dos vizinhos. Quando ele chegou próximo de mim, com seu olhar astuto

de predador, levantou as mãos em rendição. Minhas mãos tremiam, mas miravam para o seu peito.

— Vai embora, Leo — falei chorosa e sem credibilidade.

— Como sempre, causando transtornos e gerando confusão — ele falou com desprezo e só não puxei o gatilho, porque dentro de mim não existia coragem.

Como mataria o meu passado para viver em paz no presente?

— Vai tomar no cu! — falei alto e virei para o muro. Precisava agir logo, senão perderia a chance de fazer o que precisava. Eu queria paz!

— Não tomei, mas fiz duas gostosas tomarem. — Virei para ele chocada e não havia

humor em sua feição. — Abaixa essa arma e vamos embora, Alexia.

— Só vou depois que terminar o que preciso. — Encarei o muro e dessa fez, comecei a andar.

— Ele não está em casa.

— O quê? — Deixei meus braços soltos e minha mão quase largou a arma. Ele sabia o que eu estava fazendo aqui? Seu rosto não me mostrava nada, a pouca luz também não colaborava.

— Sei de quem é essa casa. Antes de parar o carro aqui, conferi todo o perímetro e a pessoa que você quer matar não está. Já coloquei um homem para o localizar. — Ele deu passos em minha direção e fui andando para trás. — Eu

conheço sua história.

Um nó se formou na minha garganta. Voltei a apontar a arma em sua direção e andei para trás, acuada, preocupada e me sentindo completamente nua na sua frente.

Ele conhecia minha história? Sabia o quanto eu era... quebrada?

— Vai embora! — O choro veio com mais força e Leonides não parou de se aproximar. — Eu vou atirar.

— Não vai, porque você vive em um casulo, Alexia. A coragem para ser imprudente não existe dentro da redoma que você vive, protegida por Fred, Luana e seus pais. É preciso sair desse mundinho e impor sua posição nessa vida.

— Eu vou atirar! — gritei descontrolada. Sua aproximação me lembrava que poderia haver contato. Mesmo que estivesse me sentindo bem em ter contato físico com algumas pessoas, desde quando coloquei minha mão nessa arma, tudo parecia ter retrocedido. Eu não queria ser tocada por ninguém, porque me lembrava do pesadelo. — Ele não pode ter mais controle sobre mim.

— Vou te desarmar se você não baixar a porra dessa arma! — ele falou com raiva e minhas mãos tremeram. O que ele iria fazer?

— Por favor, não me toque — minha voz era um fio, minhas forças estavam sumindo do meu corpo e meu estômago, que não tinha nada dentro, se rebelava. Eu iria vomitar a qualquer momento.

— Você terá três segundos para soltar a arma, senão, eu o farei. Pare de agir como uma menina mimada e aja como uma mulher!

Em um segundo, estava me sentindo fraca, no outro, eu era o ódio falando por mim. Minhas mãos seguraram com firmeza a arma, apontei para a cabeça de Leo e se ele não agisse, eu poderia estar enganada, mas atiraria.

Mimada? Agir como uma mulher? Antes de falar algo para mim, ele precisava viver o que vivi. Meu saco havia explodido, não levaria mais desaforo desse idiota, arrogante, insensível...

Meus braços foram erguidos, a arma jogada no chão e com precisão, Leo foi para minhas costas, segurou meus braços cruzados com

um braço e com o outro, envolveu meu pescoço.

Encurralada e desesperada.

Esperneei, gritei e mordi seu braço até que senti sangue na minha boca. Ele não se mexeu, forte e determinado em me ter rendida. Talvez, eu precisasse sofrer a mesma coisa de quando criança para perceber que minha vida seria essa, sempre tomada a força.

Senti a bile na garganta e quando abri a boca para vomitar, Leo me soltou, me curvou para frente segurando minha cintura de lado e tirando os meus cabelos do rosto.

Só queria que ele me soltasse! Vomitei novamente.

— Não sei o que se passa nessa sua

cabeça, mirando na porra da minha cabeça e determinada a me matar. Meu instinto de sobrevivência é maior do que de muitos, eu trabalho arriscando minha vida! — rosnou. Pelo visto, estar entre a vida e a morte o alterou.

— Me solta — falei fraca, sentindo a ânsia me dominar, mas sem sair nada da minha boca. Céus, que sensação horrível.

— Eu vou te soltar, quando você parar de vomitar e tiver firmeza nessas pernas para não cair de cara no chão.

Saí do seu agarre, encarei-o feroz e o empurrei com minhas mãos em seu peito.

— Quando uma mulher diz para você parar ou soltar — empurrei-o novamente —, você

obedece, idiota! — Empurrei-o mais uma vez antes de o ver sorrir. — Vai tomar no cu!

— Eu precisava gravar essa cena e mostrar para o frouxo do meu irmão e Luana. Você é forte, está no comando!

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Leo

Quase levei um tapa na cara. Segurei seu pulso com força quando sua mão estava próxima do meu rosto e a soltei quando ela se afastou. Porra, só eu que via a garra que ela tinha quando pressionada?

— Pare de me manipular. Me deixe em paz. — A força ainda estava nela, fervilhando em suas palavras e pronta para dominar suas ações. Aqui, ela não ficava retraída por alguém a tocar ou dizer o que não gostava, ela tinha o controle da

situação.

— Vou te deixar em paz quando você deixar meu irmão em paz também. Não percebe que você é o terceiro elemento da relação? Que nem transar direito eles estão fazendo, por que você está sempre no meio?

A ficha dela finalmente caiu. As lágrimas silenciosas que escorriam do seu rosto e que brilhavam por conta da luminosidade da lua era um indício de que Alexia finalmente enxergou que deveria sair da porra do casulo.

Ah, eu tinha certeza que ela seria uma linda borboleta.

— O que eu devo fazer? — perguntou de forma automática, não havia mais emoção aflorada.

— Não vá se fazer de vítima, Alexsandra! — esbravejei e ela abaixou o olhar dando de ombros. Os passos para longe de mim pareciam pisar no meu peito e não conseguia entender o motivo.

— Você nem sempre está no comando da situação e das pessoas. Apesar de sentir o amor dos meus amigos por mim e deles não merecerem seu ódio, eu vou me afastar, Leonides. Vai me doer, mas por você, eu não estarei mais com os únicos amigos que conquistei nessa minha vida complicada.

— Fácil colocar a culpa nos outros de suas próprias ações. Não distorça o que estou falando! — Aproximei dela e ao invés de recuar andando

para trás, agora me dava as costas e andava despreocupada.

— Sinto muito que não sou a pessoa que você idealiza. Confesso que fico decepcionada muitas vezes comigo mesma, e outras vezes admirada por me permitir. — Ela começou a andar pela calçada e a segui. Suas palavras iam massacrando uma parte do meu coração, se é que isso era possível.

— Onde você vai?

— Eu não sou problema seu e a partir de hoje, ninguém precisará ficar preocupada comigo — falou por cima do ombro e o desespero começou a me dominar.

— Preciso recolher a arma e te levar em

casa, Alexia. Pare de andar! — Não conseguia mais tocá-la. Seria fácil impedir de continuar a andar, mas estava limitado por conta das suas palavras.

— Adeus, Leonides. Amo e respeito a sua família.

Ela estava se despedindo? Iria atentar contra a própria vida?

Corri ficar de frente para ela, que ergueu a cabeça para me encarar. Seu olhar era apenas sofrimento e determinação.

— Vou voltar para a minha casa da mesma forma que vim, a pé, sem ajuda de ninguém. Com licença? — Ela deu um passo para o lado e enxugou as lágrimas que escorreram. — Você nunca facilitaria minha vida, não é?

— Eu vou te levar para casa e garantir que não tente nada contra você mesma. — Se algo acontecesse com ela hoje, Fred nunca me perdoaria.

Ela riu entre o choro, me exibiu um sorriso triste e me surpreendeu ao tocar meu rosto. Não parecia com nojo ou receio, foi uma ação natural e por isso, fiquei hipnotizado.

— Você diz que preciso sair do meu casulo e não percebe que é o que mais não me permite fazer isso. É minha vez de te dizer algo, nunca se deve ajudar uma borboleta a sair do casulo, senão, suas asas podem não serem fortes o suficiente para voar e morrerá em pouco tempo. — Ela tirou sua mão do meu rosto e sussurrou: — Me deixe voar.

Não tive outra atitude senão vê-la seguir para longe de mim. Alexia tinha escutado tudo o que eu tinha dito e pelo visto, eu também, mesmo que racionalmente, ainda acreditava que o tratamento de choque seria o melhor no seu caso. Quando pressionada, ela tomava as atitudes certas.

O que era o certo, afinal?

Saí do meu estupor depois de alguns segundos, busquei a arma no meio do terreno baldio e busquei o número de série dela, para anotar e descobrir como e quando ela conseguiu essa arma.

Como ela mesmo disse, eu não a conhecia, essa era a verdade.

Conferi uma última vez o perímetro da

casa que abrigava a pessoa que atormentava o passado de Alexia e constatei novamente estar vazia. Havia pessoas que não mereciam segundas-chances porque eles mesmos não queriam mudar. Esse homem poderia não mais morar no local e ainda estar envolvido com o crime. Alguém precisava ficar de olho nele e o impedir de fazer mais uma vítima, por precaução.

Porra, ela era vítima, mas não podia ficar por muito tempo nesse buraco. Todo mundo tinha uma história fodida para contar, uns mais pesados, outros mais suaves. Como minha vó Cida dizia, o fardo que carregamos é apenas o suficiente, é o que damos conta de transportar. Fodido dizer isso na situação dela, mas... até quando ela seria tratada

como criança?

Me deixe voar.

Estava preocupado demais para dormir. Quando segui para a minha casa, acionei meus companheiros de trabalho para cuidar de mais um favor para a minha família, estava uma pilha de nervos. Dessa vez, nem sexo iria me acalmar, mas sim, saber que Alexia estava em casa e bem.

Entrei em casa e fui direto para a geladeira, abri uma cerveja e tomei tudo em um gole só. Era uma merda não estar no controle, Alexia sabia meu ponto fraco e o usou contra mim. Mas também sabia que, para tratá-la como mulher, deveria soltar qualquer amarra que eu achava que tinha sobre ela.

Meu celular vibrou no bolso, fui para a área da piscina, deitei em uma das espreguiçadeiras e conferi as mensagens no grupo da família. Maurício havia nascido, a cara da minha cunhada era de dar dó ao mesmo tempo que expressava de felicidade.

Por que mesmo ela queria parto normal? Bem, pelo visto, valeu a pena, porque a primeira foto da família de Fred só me fazia sentir bem. Ele havia encontrado o amor da sua vida, se sentia completo e... era algo que não havia em mim.

Mais alguns meses e seria a vez de Laís ter Pedro. Analia era tímida, mas não escondia a alegria de fazer parte da família. Acompanhei de longe seu encontro com o pai milionário e também,

de Alexia dançando com Fred.

Fechei os olhos para não cair no abismo do ciúme. Luana estava juntos deles, nunca houve nada entre os dois. Minha raiva era por conta de Fred a tratar como um bebê, coisa que ela não era. Sim, só existia isso em mim.

Depois de vários minutos em que o assunto era apenas o novo integrante da família, Fred me enviou uma mensagem perguntando de Alexia. Levantei-me da cadeira e fui até meu escritório, onde tinha o mesmo acesso ao sistema de rastreamento de celular, além de hackear. Conferi o número de Alexia e percebi que ainda estava em deslocamento, próximo a sua casa.

Não resisti e conferi tudo o que existia

dentro do disco rígido do seu celular. Um vídeo me chamou atenção, sentei e segurei a respiração quando assisti Laís, Analia e Alexia dançando *poledance*.

Porra, eu não deveria ter visto isso.

Sentei-me na cadeira e foquei em acompanhar o ícone indicando a mulher que me atormentava chegar na sua casa e aí, seu celular parar de se mover. Ela estava a salva, só não saberia dizer se estava bem.

Leo>> Alexia está em casa.

Fred>> Obrigado, irmão. Te devo uma.

Ah, se ele soubesse que essa uma poderia ser uma surra.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Alexia

— Está tudo bem, filha? — minha mãe perguntou quando me sentei à mesa para tomar café da manhã. Meu padrasto, que chamava de pai, me olhou e não disse nada. Ele me lia melhor do que o sangue do meu sangue.

— Tudo bem. Vou tirar algumas fotos no parque — falei de forma mecânica e ao invés de encerrar o assunto, dei brecha para continuar.

— Você voltou tarde ontem, mas não ouvi barulho de carro. Como foi lá com Luana, na

maternidade?

— Eu não fui, estava fazendo outra coisa. — Tomei meu leite com achocolatado em um gole só e me levantei. — Tchau. — Dei um beijo na testa da minha mãe.

— Não quer ir à Constelação comigo hoje?

— Outro dia, mãe. Vou ficar editando as fotos de hoje. — Dei um beijo na testa do meu pai.

— Se precisar de carona, eu estou tranquilo no serviço hoje — meu pai falou em despedida.

— Obrigada.

Fui até meu quarto, peguei a bolsa da minha câmera, meus documentos, o celular e saí de casa apressada. Por mais que meu coração

acelerasse só de pensar que poderia cruzar com o meu passado, a vontade de não estar acessível para as pessoas me perguntarem como me sentia era muito maior.

Mais do que eu, minha mãe se apegou a terapia. Eu acompanhava, entendia e até me identifiquei, mas havia certos assuntos que não queria trabalhar, porque aceitar seria demais para mim. Como eles mesmos falavam, eu não estava pronta e talvez, nunca iria estar.

Caminhei alguns quarteirões até chegar no centro. Tirei a câmera da bolsa e comecei a olhar o mundo através da lente. Tudo parecia muito mais bonito e intocado. Os registros de risos e da natureza era imaculado por uma fotografia, onde

ninguém poderia manchar.

O que me atraiu em fotografar foi o mesmo que na comida. Era apenas eu e o mundo, ninguém para me tocar ou manipular, estava no controle e era bom me sentir assim. Eu precisava dessa segurança para não desmanchar todas as noites, como fazia.

Meu celular tocou e deixei-o de lado um pouco enquanto registrava crianças correndo na praça. Enquanto os adultos transitavam com pressa e sem olhar ao seu redor, os pequeninos estavam em seu melhor momento, rindo e brincando, enquanto um adulto parecia atento demais neles.

Quando vi uma menina correndo e o homem a segurou, meu coração parou por um

segundo. A menina se esperneava, o adulto não parecia que iria soltá-la e quando estava a ponto de gritar, não saberia dizer se por mim ou pela criança, uma mulher a pegou no colo e parecia agradecida. Revi a cena na minha mente e percebi que o homem não estava prendendo a menina contra sua vontade, mas protegendo-a de ir para a rua e ser atropelada.

Sentei-me no chão e revi as fotos que tirei, me abalando mais do que o normal. Não queria que as palavras de Leo tivessem razão, me afastar de Fred e Luana não deveria ser o certo. Só que meu amor por eles era demais, se eu estava prejudicando as suas vidas, iria me sacrificar como minha mãe um dia fez para mim.

O amor era isso, certo?

Levantei-me para continuar a fotografar as pessoas e as árvores, meu celular tocou novamente. Peguei-o e precisei de um momento para colocá-lo no ouvido.

— Alexia, que bom que atendeu. Você está bem? O que foi ontem? Deu tudo certo com Leo? Se ele fez algo, eu vou arrancar o couro dele. — Fred atropelava as perguntas e meu peito doeu ao perceber que não teria mais isso.

— Foi apenas uma crise existencial. Não aconteceu nada, foi tudo bem.

— Bem? Você falou que ia matar alguém!

— Sim, como se você não falasse que faria isso com Leo ou algum cliente chato.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Você estava chorando, Alexia.*

— Não se preocupe comigo, você tem Maurício agora. Como ele está?

— *Ah, meu saco roxo, a cara do pai!* — seu tom de voz até mudou. Uma lágrima escorreu do meu olho e meu peito apertou. Não acompanharia o bebê que vi crescer dentro da barriga de Luana. — *Ainda estamos no hospital, acho que teremos alta amanhã. Que horas você vem?*

— Estou com um trabalho de fotografia, vou esperar vocês estarem em casa, pode ser? — Era uma grande mentira, mas tudo bem. Cortaria nossos laços aos poucos, para que ninguém percebesse e me questionasse sobre o motivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Luana está feliz por você ter mais clientes. Ela disse que Laís comprou alguns cenários infantis para pôr no estúdio de dança. Como é mesmo o nome, Corujinha? Isso, fotografias* newborn. *Mais um para seu currículo.*

Apertei os lábios com força, porque não seria forte o suficiente para negar. Tinha feito um curso on-line sobre o tema, Maurício seria minha cobaia conforme Luana tinha prometido e... não poderia sumir, por mais que isso dificultaria meu distanciamento.

— Daqui sete dias, pode ser? Curtam bastante ele enquanto isso.

— *Quer que eu te busque? Queremos você aqui com a gente, Alexia.*

PERIGOSAS ACHERON

— Eu prefiro deixar vocês tendo um momento de família. No dia das fotos eu o vejo. — Percebi que falei demais e fiz uma careta.

— *Cara, meu irmão é um idiota. O que ele falou dessa vez? Eu só pedi para ir te buscar e levar para casa. Ignore as merdas que ele deve ter falado, ainda mais em um surto. Eu só não podia sair do hospital.*

— Luana é quem precisa de você, Fred. Maurício mais ainda. Estou bem, com minha agenda cheia de clientes e as asas abertas para voar como uma borboleta. Quando for fazer as fotos de *newborn*, você me avisa. Preciso desligar, beijos.

Encerrei a ligação e corri colocar a câmera na minha cara. Um pai ou irmão mais velho, eu

tinha um carinho muito grande por esse homem. Lembro do dia que inventei de ir para um barzinho para conhecer algumas amigas de internet. Meu Deus, não sabia de onde tirei forças para ficar lá dentro, sozinha, enquanto elas se esfregavam nas pessoas enquanto dançavam.

Como meu padrasto, a conexão foi no olhar. Ele me disse, apenas com os olhos, que me respeitava e faria apenas o que eu quisesse. A primeira coisa que Fred fez foi tirar o homem do meu lado, que não parava de se esbarrar em mim e eu estava quase surtando. Depois, bem próxima a mim, conversamos amenidades e nunca o vi mais do que um amigo. Ele anotou meu número, trocávamos mensagens e então, quando percebi,

estava saindo com ele e os primos.

Recordo do momento que conheci Leo. Meu coração acelerou, minha mão suou e partes do meu corpo, que achei que nunca funcionariam na vida por terem sido violadas, pareciam ativas e querendo demonstrar seu apreço a visão. Seu sorriso era contido e seus olhos escondiam muito mais do que sua boca falava. Ele também portava um segredo, mas diferente do meu, ele parecia confortável em carregar o fardo.

Senti culpa ao perceber que estava atraída por um homem e foi piorando meu sentimento quando ele parecia me desprezar a cada ato de carinho que Fred tinha comigo. Guido e Bastien eram pessoas neutras. Depois conheci Torto, irmão

de Laís e só não o tratei como amigo, porque ele parecia impor essa distância nas pessoas. Mas... era confortável. Se ele não queria se aproximar, queria dizer que ele não avançaria o sinal.

Diferente de Leo, o homem que não respeitava nenhuma das minhas cercas de proteção, muito menos meus muros. Com sua razão e ignorância, ele me afogava nas suas palavras e me fazia sentir mais e mais impotente.

Ah, se ele soubesse que eu queria ser forte, que buscava poder para enfrentar meus medos. Minha cabeça sabia exatamente o que precisava fazer, mas meu coração parecia bloqueado.

Bem que dizem que há coisas que, por mais que a razão esteja no comando, no final, quem

ganhava era o coração e o sentir. Nada era mais soberano do que os olhos da alma.

Continuei fotografando pelo resto do dia e comi qualquer besteira de algum ambulante na rua. Era assim que me sentia bem, era sozinha que seguiria minha vida.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Leo

Fred>> Você não sabe quando parar de falar merda. Era para ter ajudado Alexia e não encher a cabeça dela com alguma psicologia de exército do inferno. Você funciona sob pressão, outras pessoas precisam de amor. Obrigado por me fazer arrepender de ter pedido sua ajuda.

Essa mensagem perturbou minha mente mais do que gostaria.

Tive sorte de me envolver com o serviço e duas missões durante a semana mesmo estando

afastado, senão, iria duelar com meu irmão em plena licença paternidade. Parecia que Alexia tinha contado alguma coisa do que passamos no dia do nascimento de Maurício. Não tinha vergonha do que fiz, estava com minha razão em acordo com os meus princípios, mas novamente, lá estava a menina, correndo para debaixo das asas do Fred.

Somando tudo isso, via meus companheiros entrarem em ação enquanto eu ficava no carro esperando a volta deles. Odiava ficar para escanteio, De Paula me deixou de molho depois da missão que eu o ajudei. Deveria valer alguma coisa, pelo visto, só contribuiu para me pôr na merda.

Quando terminei o que precisava fazer na empresa depois da última missão da semana, não

perdi tempo quando percebi que ainda tinha sol no céu. Peguei meu carro e fui direto para a casa de Alexia. Iria tirar satisfação dessa menina e aproveitar para dar uma lição nos pais dela.

Ela precisava crescer e não dar recado.

Quando parei o carro em frente à sua casa, me perguntei o real motivo de estar fazendo tudo isso. Por que eu me importava tanto com essa situação? Meus primos estavam noivos ou casados, não tinha mais nenhum companheiro e nem pretendia entrar para o clube dos homens de família. Eu poderia morrer em qualquer missão, não permitiria que alguém passasse pelo luto ao mesmo tempo que nenhuma mulher iria querer estar com a morte da minha cola.

Saí do carro determinado, toquei a campainha e não exibi sorriso para a sorridente mulher que me atendia. Provavelmente a mãe de Alexia, mais uma que a deixava presa em seu casulo.

Você diz que preciso sair do meu casulo e não percebe que é o que mais não me permite fazer isso.

Nunca. Eu sempre fui aquele que a protegeu dos protetores errados.

— Você é muito parecido com Fred. Leonides, certo? — Ela se aproximou, abriu o portão para mim e convidou para que entrasse. — Tudo bem? Eu sou Carmem, como está Maurício?

— Alexia está? — Eu não era pai de

nenhum bebê, não tinha que saber de nada. Ainda não fui conhecer meu sobrinho, precisava enfrentar outro assunto antes de encarar Fred. Apertei sua mão e atravessei o portão.

— Sim, ela está fazendo o jantar hoje. Nos acompanha? — A mulher estava sendo amigável demais. Quase me dissuadiu a falar o que tinha entalado na garganta.

Entramos na casa, fomos até a cozinha e me perdi um momento apreciando Alexia dançando e cantando enquanto mexia em uma panela. Seu quadril parecia preso, não havia muito gingado, mas era encantadora. Fez-me lembrar do vídeo que eu não deveria ter visto, não era um bom momento.

— Filha, o irmão do Fred está aqui.

Alexia deixou a colher de pau cair no chão, se afastou vários passos de mim e me encarou assustada. Que se foda, eu não era o bicho papão.

— Vai embora, Leonides. —Dona Carmem se pôs a minha frente e colocou a mão no meu peito. — Achei que você também fosse amigo da minha filha, mas pelo visto, não é. Só vá.

— É isso que você acha da sua filha? — Encarei-a sério e apontei para Alexia, que se mantinha afastada. — Essa mulher é mais forte do que pensam, mas estão tão preocupados em controlar a sua vida que ela se torna fraca.

— O que você está dizendo? — a mãe de Alexia me encarou perplexa e inclinei meu corpo de lado para ver a menina se tornando mulher.

— Você já falou tudo o que tinha para falar comigo. Você venceu, eu vou me afastar de Fred e Luana, não precisava vir aqui falar com minha mãe. O imaturo está sendo você! — Alexia se impôs e surpreendeu sua mãe, que deu brecha e me aproximei de uma mulher decidida.

— Quem contou asneiras para meu irmão foi você. Ele já veio falar um monte de merda para mim. Resolva seus problemas e não me coloque no meio.

— Se Fred quer me defender por algo que não falei para ele, está fora do meu controle. Eu me afastei, nem fui conhecer o Maurício para respeitar o espaço deles, mas eles me pediram para tirar fotos *newborn* e eu farei como profissional. Eu sei

o meu lugar.

— O quê? — Dona Carmem apareceu ao nosso lado. — Por que você vai se afastar deles, minha filha? — Ela se pôs entre nós. — Tudo isso é ciúmes da relação deles? Há tantas mulheres nesse mundo, deixe minha filha em paz!

— Por quê? Acha que ela nunca será capaz de transar na vida? — Percebi que peguei pesado demais e dei um passo para trás recuando. — Sei a história de Alexia, entendo que o passado a moldou, mas não é capaz de impedir que ela seja feliz como todos nós. Deixe a menina no passado e permita que a mulher viva. Enquanto vocês e meu irmão ficarem protegendo Alexia da frustração, ela nunca sairá do casulo. Então, todo mundo morre e

fica apenas ela, o que acontecerá?

— Vá embora! — Dona Carmem gritou e aponto para fora. Ela parecia nervosa e pronta para me atacar.

— Mãe, só ignora — Alexia pediu e parecia que havia despertado um bicho. Fui empurrado até um armário, que chacoalhou atrás de mim. Não iria revidar o ataque de uma mulher, mas faria o necessário para pará-la.

— Quem você pensa que é para dizer o que minha filha deve ou não deve fazer? — Ia abrir a boca, ela continuou: — Quem você pensa que é para saber o que é certo e errado na nossa vida? Se eu quero proteger minha filha? Claro que eu quero, como não consegui fazer isso quando ela era

pequena. — Ela fechou os punhos e bateu no meu peito de leve. — Tem noção do que é viver com a culpa? Não se sentir digna muito menos me permitir ser feliz, porque sua filha, aquela que saiu de dentro de você, se machucou por causa da sua negligência? — Ela segurou na minha camisa e apertou. — Já pensou em se colocar no meu lugar? Claro que não, você nunca o fará, porque é homem e dentro de você só tem lixo.

— Sua filha sobreviveu!

— Morda sua língua para dizer qualquer outra coisa dentro da minha casa. Você não é pai nem mãe da Alexia para falar com ela com esse tom. Não invada as nossas vidas sem ter passado na pele o que passamos! — gritou a última frase e

olhei Alexia se agachando no chão e abraçando as pernas em uma posição de proteção. Algo dentro de mim rachou, as palavras dessa mulher pareciam fazer mais sentido do que minha própria razão. — Não tenho nenhum dever em te dizer isso, Leonides, mas farei essa caridade, mesmo não merecendo. — Ela apontou para Alexia. — Ela faz parte de mim, não é possível que eu apenas a solte para voar e esqueça nossa história. Ela, como eu, estamos aprendendo a lidar com o passado, cada uma a sua maneira. Como você não respeita nosso espaço, muito menos a nossas escolhas, o errado é você. Quem deverá se afastar é aquele que não respeita a família.

— Carmem? — uma voz masculina me

chamou atenção na porta da cozinha. — Alexia! — O homem em terno e gravata se ajoelhou no chão, abraçou a menina e depois me encarou. Era o padrasto de Alexia. — Quem é você?

— Ele já está de saída, Henrique. Vá embora, Leonides. — Carmem virou as costas para mim e a troca de olhares deles não foi muito boa, porque o homem se levantou com fúria e foi até mim. Seu punho acertou meu queixo e tentei fugir para a sala.

Quem deverá se afastar é aquele que não respeita a família.

Porra, eu não poderia revidar. Família sempre esteve em primeiro lugar para mim.

— O que você fez com elas, seu idiota? —

Fui acertado na nuca, cai de frente no chão e o homem engravatado me virou de barriga para cima, montou meu corpo e me esmurrou. — Vou acabar com sua vida, ninguém fará mal a minha família novamente.

Fechei os olhos e soltei os braços para aceitar minha punição. Como nunca tinha percebido isso antes? Por que não pensei em como os pais se sentiram ao saber o que aconteceu com a filha?

Impotência, desolação, fraqueza...

Realmente, meu irmão estava certo, eu perdia a oportunidade de ficar quieto. Tão cego pela minha razão, convicto de que estava fazendo o certo, percebi que estava atropelando sentimentos

mais importantes do que proteção e egoísmo.

Foi a minha vez de sentir culpa ao dar o tratamento de choque em Alexia que não merecia. Quem sabe, mais algumas porradas, eu não apagasse e me afundasse na vergonha de ter feito papel de imbecil.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Leo

— Pai, pelo amor de Deus, para! — escutei a voz de Alexia ao fundo e não reagi. Meu olho estava inchado, o sangue enchia minha boca e a inconsciência queria me dominar.

Eu merecia muito mais do que isso.

— Não sei o que ele fez ou falou, filha. Eu prometi a sua mãe que se visse o mesmo olhar como ela me deu há alguns minutos, não questionaria, só agiria.

— Ele foi cruel, Henrique, mas... só deixa

para lá. Você está bem, filha? — a mãe de Alexia perguntou enquanto o homem saía de cima de mim.

— Eu... não sabia que você sentia tanta culpa, mãe — a voz de Alexia era um sussurro. Aproveitei para tentar abrir meus olhos e sair daqui.

Precisava de um tempo para pôr minha cabeça no lugar.

— Estamos trabalhando nisso juntas, certo? Não dê ouvidos ao que ele disse. A vida não é um jogo de xadrez, onde há movimentos certeiros para cada peça. Vamos ficar bem.

— Levante-se, moleque! — Seu Henrique me forçou levantar e controlei a fúria ao me chamar por esse adjetivo. Era meu ponto fraco, mas nesse momento, não tinha direito de abrir a boca. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Some daqui e das nossas vidas. Se eu souber que você falou mais, não prometo parar.

— Estou indo. — Afastei-me e olhei para as mulheres atrás dele. Minha visão estava embaçada, com certeza havia cortes e inchaços por toda a minha face. Estava acostumado a sofrer, dor física era melhor do que a dor emocional. — Me desculpe.

— Vá embora, Leonides e leve suas razões com você — dona Carmem abraçou a filha de lado e se impôs, protegendo-a. Sim, ela precisava estar presente nesse momento, numa tentativa de ofuscar a ausência do passado.

Respeitar a família.

Eu era um idiota.

PERIGOSAS ACHERON

— Quer que eu chame o Fred? — Alexia perguntou, me fazendo sorrir ao mesmo tempo que gemer de dor. Porra, eu tinha levado uma surra e tanto.

— Sinto muito por ser um idiota. A senhora está certa, dona Carmem, em tudo o que falou e como está fazendo agora.

— Sua arrogância não receberá perdão com palavras, moleque. Vá, antes que eu continue o que comecei — seu Henrique abriu a porta da frente, dei uma última olhada para Alexia e percebi outra coisa que nunca me permiti. Ela era linda, mais parecia um anjo delicado.

Com meu orgulho ferido e convicções estremecidas, dei as costas a todos e saí da casa

mancando em direção ao meu carro. Tíbia do caralho. O único lugar que vinha a minha mente era estar em casa, sozinho, com minha insignificância. O conselho para dar um tratamento de choque em Analia serviu para Bastien, mas não era algo universal. Precisava aprender que pessoas eram diferentes e suas histórias tinham significância que deveria ser respeitada.

Guiei o carro gemendo de dor. O certo era ir até Fred, assumir minha burrada e dar o próximo passo, tentar concertar a merda, mas a vergonha dos meus atos foi mais forte, por isso segui até a academia de Bastien e fui perturbar meu primo. Talvez ele não me julgasse... no fundo, minha intenção era boa, melhorar a vida de Alexia.

Estacionei o carro de qualquer jeito na rua e fui mancando até a recepção da academia. A mulher que estava na frente se assustou e um homem me ajudou a caminhar até a sala do meu primo.

— Leo? Que porra é essa? — Sentei-me no sofá e fechei os olhos em busca de força enquanto meu primo me recepcionava. — Joana, me traz o kit de primeiros socorros e me ajude aqui. — Ele forçou meu olho a abrir e resmunguei. — Caralho, *véio*, o que foi isso?

— Seu Henrique tem um bom soco de direita.

— Quem é esse?

— O pai de Alexia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Achei que levaria um esporro. Abri um olho e vi meu primo em silêncio me encarando com pena.

— Estou com medo de perguntar o que aconteceu.

— E eu, muita vergonha de contar a merda que fiz. Mas vou consertar.

— Você fez, cagou no pau e traumatizou mais ainda a menina. Sério, Leo, qual seu problema? — Bastien questionou indignado.

Escutei a porta abrir, e algodão com alguma coisa ardida ser passada no meu rosto.

— Caralho, isso dói.

— Com certeza muito menos que a porrada que Fred te dará quando souber disso —

meu primo rebateu.

— Quer que vá mais devagar? — Joana perguntou suave e abri os olhos para ver Bastien negando com a cabeça.

— Por mim, eu voltava a fórmula ardida do *Merthiolate* e mergulhava sua cara dentro. — Ele se aproximou e começou a fazer a mesma coisa que Joana. — Cara, tem um corte no seu supercílio que precisa de ponto.

— Que me dê uma cicatriz enorme, não me importo. Só preciso arrumar minha cara e pensar em como resolver a merda.

— Minha vez de te escutar e aconselhar, querido primo.

— Não quero me casar com Alexia —

falei rápido demais, o que o fez rir. — Temos um abismo entre nós, Bastien, que nenhum de vocês sabem. Eu só queria que ela tivesse liberdade para ser...

— Feliz? Livre? Independente? — Ele molhou o algodão em um líquido vermelho amarronzado e colocou no meu supercílio. — Cara, só você não vê que tudo isso tem a ver com amor.

— Que seja.

— Conte o que aconteceu. Joana é boa de conselhos também, não é?

— Sim, chefe. Depois eu cobro a hora-extra — respondeu com humor.

— Eu estava puto porque Fred me mandou uma mensagem desaforada, agindo de forma idiota

como ele sempre faz, se achando o irmão mais velho e fiquei louco. Por quase seis dias fiquei remoendo a mensagem e quando voltei de uma missão, fui direto na casa de Alexia saber o que ela tinha contado para ele. Que porra de garota que sempre tem que estar debaixo da asa de alguém. Ai, caralho, cuidado! — resmunguei, porque a mão dos dois que cuidavam de mim pressionaram meus machucados.

— Ele realmente é seu primo? Só pode ser adotado, Bastien — Joana falou irritada.

— Foi a cabeça que Fred bateu demais na parede. — Vi o dono da academia sentar-se em uma cadeira próximo a mim e me observar.

— Não me olhe desse jeito. Não penso

mais dessa forma, eu entendi que a proteção dos pais é uma forma de fazer diferente do que fez no passado.

— Errado — Bastien falou tranquilamente.

— Só ainda não consigo entender a parte do Fred, mas como ele está se tornando pai agora, só deve estar agindo como o seu Henrique.

— Errado! — os dois falaram e suspirei resignado. Não bastava me sentir um merda por estar errado antes, mas agora também?

— Vão se lascar — desabafei e Joana saiu de perto.

— Eu vou para a recepção, mas se precisar de outra pancadaria, meu marido se voluntaria, *tá*?

— Só preciso apanhar uma vez para

entender. E se for para me dar sermão, dispenso. Minha consciência já está fazendo esse papel.

— Você reluta tanto para enxergar o que sente por Alexia que não percebe o que os outros sentem por ela. — Ele jogou os braços para cima. — Pode ser meu lado apaixonado falando, que se foda, é o que faz sentido para mim no momento. Fred protege Alexia porque a ama, como irmã! — Salientou quando fiz uma careta, de indignação e dor. — Luana e Laís a veem como amiga e irmã também, como não a proteger se a vê em perigo? Analia, minha mulher, tem uma ligação sem igual com Alexia, porque estão frequentando a mesma terapia. Mesmo sem compartilhar os assuntos pessoais, só de estar do lado elas estão... — Fez um

gesto com a mão e depois desistiu. — Cara, isso é amor, quando você não consegue pôr em palavras, é só sentir. Até eu estou apegado a essa menina, não sabe a força que estou fazendo para não te jogar contra essa parede e terminar o serviço que o pai dela começou.

Soltei meu corpo na cadeira e respirei fundo várias vezes. Fechei os olhos e senti algo gelado ser posto no meu rosto.

— Essa pomada vai ajudar a desinchar, não esfregue o rosto.

— Obrigado, cara.

— É sempre um prazer estar do outro lado da fossa. — Acompanhei-o sentar-se na cadeira novamente e o encarei, tentando entender essa

porra de sentir e não ter lógica. Não era possível, a minha vida sempre foi muito o que era lógico.

— Estou me sentindo um merda.

— Acontece nas melhores famílias. Você errou, está sofrendo, vai escutar um pouco de moda de viola e tomar umas.

— Sozinho, né? Porque agora vocês só pensam nas mulheres.

— Ah, meu primo, eu penso só na minha mulher, pode ter certeza. Mil vezes pensar nela do que em você e nessa cara horrível. — Ele riu e se levantou. — Também penso no meu filho que está a caminho. A vida está sorrindo para mim.

— Grande bosta, eu vi você sofrendo no caminho. Estive na mesma reunião de família

quando Heitor bateu no seu pai e ainda quis pagar de machão.

— E você achou que minha mulher era a mais complicada de todas. Não! Laís que era, ou pior, Luana. — Ele riu, pegou chaves, carteira e foi em direção a porta. — Fique por um tempo aqui e saia apenas depois de aceitar o inevitável, que você gosta de Alexia, não teve coragem de assumir e agiu igual criança no primário, que puxa e perturba a menina ao invés de agradar.

— Estar com Alexia, depois de tudo o que causei, é algo indecente de se pensar.

— Como se fala nos romances que minha mulher lê, que seja um enlace indecente então.

Ele foi embora e nenhum pensamento

coerente passou pela minha cabeça antes que eu finalmente me rendesse ao cansaço e dormisse na posição que estava.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Alexia

Leonides>> Eu sinto muito, me desculpe.

Revirei os olhos para a mensagem e apaguei com toda a força que tinha dentro de mim. Não sabia explicar o que estava acontecendo comigo, mas o ódio que crescia só de pensar no irmão do meu melhor amigo era tão diferente de tudo o que já tinha sentido na minha vida.

Ele fez minha mãe chorar. Não só isso, mas descobri que ela carregava uma culpa tão

grande pelo o que me aconteceu que ela soube disfarçar tão bem. Logo que Leonides foi embora, fizemos uma pequena reunião de família. Meu pai, muito preocupado, queria tirar férias conosco para que pudéssemos nos recuperar desse abalo emocional.

Com um mínimo de conhecimento sobre as Constelações Familiares, aproveitamos para fazer um exercício entre nós três, para que cada um pudesse ficar com suas dores e traumas para si, além de olhar com respeito para cada um e sua forma de lidar com as dores. Bem, isso foi eu perante meus pais, porque eles perante mim, ainda restava o querer fazer diferente, finalmente me proteger de verdade sem me sufocar.

Foi algo inusitado, pela primeira vez sentamos nós três e falamos sobre o passado. Não houve recapitulação do que aconteceu, apenas que todos foram marcados de alguma forma. Era tempo de seguir em frente e... eu ainda não conseguia.

Não contei sobre minha intenção de matar meu agressor, muito menos que ele estava solto. Havia coisas que preferia resolver por mim e a ignorância que meus pais se mantinham era, de alguma forma, meu porto seguro.

No final das contas... o confronto com Leonides acabou sendo produtivo. Nunca admitiria isso, ele não merecia nem um pingo de crédito sobre suas ações impulsivas.

Será que ele estava bem? Meu pai

descarregou sua frustração de anos nele. O rosto inchado e sangrando daquele estúpido me atormentou. Preocupação e ira duelavam para guiar minhas ações e no final, era sempre o ódio que vencia.

Escutei a campainha de casa e guardei as lentes da câmera na bolsa. Eu tinha acordado há muito tempo, mas evitei sair do quarto, não queria falar com ninguém de casa, já tinha sido muita emoção.

— Fred está na sala te esperando. Luana está no carro, vou com você para conhecer o bebê — minha mãe abriu a porta e falou com sua voz carinhosa. Invejava sua força, ela parecia inabalável e por isso, quando a encarei, caminhei

até ela e lhe dei um forte abraço. Ela me dava forças e segurança.

— Desculpa mãe — falei por impulso e ela aumentou seu aperto em mim e depois me afastou para encarar meu olhar inseguro.

— Se existe uma pessoa que precisa pedir desculpas, é o irmão daquele moço impecável lá na sala. Conversar faz bem, fale com Fred sobre o que aconteceu.

— Não vou falar com ele sobre isso. Depois das fotos, vou lá no Instituto conversar com a terapeuta. — Ela sorriu e tive vontade de fazer o mesmo, mas não consegui. — Queria ser forte como você.

— Então seja, meu amor. — Ela me

abraçou novamente. — Estou transferindo todo o meu poder para você. Lembre-se que você pode fazer diferente sempre. Eu te amo, minha filha, vai para a vida.

Controlei o choro, peguei tudo o que precisava para fazer a sessão de fotos *newborn* de Maurício e fui para sala, fungando de forma incontrolável. Quando olhei para Fred e lembrei do que deveria fazer com nossa amizade, me afastar, senti uma pontada de saudade no peito. Ele sabia que tinha algo de errado comigo, mas não falou nada, apenas esperou minhas ações.

Ele sempre me respeitou, diferente do seu irmão, que me instigava a agir diferente de como eu fazia.

Renovada com o abraço da minha mãe, me permiti fazer diferente, caminhei até ele e envolvi meus braços na sua cintura. Era nosso primeiro abraço, o conflito sobre sentir nojo e carinho estava na minha mente e antes que pudesse me prejudicar mais, me afastei. Percebi que ele estava com os braços afastado de mim, como se tivesse medo de me tocar.

— Vamos? — falei tentando sorrir.

— O quê... o que foi isso? — Ele olhou para mim, depois para minha mãe que estava atrás de mim. — Eu...

— Você vai nos mostrar seu filho ou terei que sequestrar sua família? — Minha mãe intercedeu e foi para a porta. — Assistiu o parto?

— Do início calmo ao fim surreal. Minha mulher é foda, dona Carmem — Fred falou com tanto orgulho que me contagiou.

Aproximamo-nos do carro e lá estava ela sentada no banco da frente com olheiras enormes, mas um sorriso de se admirar.

— Oh, eu vou me sentar do lado dele? — falei animada, cumprimentei Luana com um beijo no seu rosto e depois Fred abriu a porta do banco de trás, onde Maurício estava dormindo no bebê conforto. — Oh, que lindo.

— A cara do pai — Fred se apressou em dizer.

— Que audácia. Foi Luana que carregou o bebê na barriga, ela precisa de crédito nisso —

minha mãe falou olhando para a minha amiga, depois para o bebê e se afastou. — Boa sessão de fotos.

Entrei no carro do outro lado e Fred se sentou no banco do motorista.

— Que bom que conseguiu um horário para ver os amigos. Já estava com saudades, Alexia. — Luana esticou o braço até mim e segurei sua mão sentindo, novamente, a pontada de saudade.

Seria o melhor para todos. Além de dar o espaço que eles precisavam, eu não queria ter mais contato com Leonides.

— Acho que finalmente me encontrei nas fotos. Estou fazendo vários cursos on-line, vou me

profissionalizar.

— Está certíssima, você precisa encontrar o que te faz feliz, agarrar com todas as forças e não soltar mais. — Olhei para Maurício e entendi o que ela quis dizer. — Meu filho é lindo, não é?

— Não tem que colocar uma fitinha vermelha no pulso ou algo assim por conta do quebrante? — Fred riu alto e dei de ombros. — Foi sua avó que falou.

— Sim, e já fez roupa vermelha para ele, fita e não sei mais quantas simpatias. Mas você sabe... eu raramente faço o que minha avó pede.

— Ah, sim, tirando o achar uma mulher, você nunca a obedeceu — zombei e foi a vez de Luana rir.

— Machão por fora, um doce por dentro. É o segredo dos homens da família Saad — ela falou admirando seu marido.

— Há também o idiota por fora e arrogante por dentro. — Fechei os olhos e os abri com pesar. Lá estava o olhar de Fred pelo retrovisor e de Luana virada para me encarar. Merda, falei demais.

— Foi bom você ter me lembrado do idiota do meu irmão. Ele não quis me ver nem falar sobre, enviou uma mensagem dizendo que fez merda e iria consertar.

— O que aconteceu, Alexia? — Luana perguntou mais suave e dei de ombros. Esse assunto não deveria cair sobre eles.

— Não se preocupem, ele nunca vai conseguir me atingir novamente. — Virei para Maurício e comecei a fazer gracinhas. Parecia que minha boca tinha vontade própria.

— Eu não preciso saber o que ele fez para dar um esporro ou socar a cara dele. Leo está fodido — Fred resmungou.

— Olha o palavrão na frente do bebê! — Luana o repreendeu.

Honrado e amoroso como sempre, segurou a mão da sua esposa, trouxe para os lábios e pediu desculpas. Isso sim era um pedido decente e não a mensagem que aquele grosso me mandou. Como minha mãe jogou em sua cara, palavras não conseguiriam fazer seu papel naquele momento,

mas atitudes.

— Você falou que Leonides vai tentar arrumar a cagada que fez? — Aproximei de Fred, pedi desculpas com o olhar para Luana, por causa da palavra e senti meu coração acelerar. Não podia ser possível, ele não tentaria fazer mais uma de suas aparições em casa.

— Estou esperando um de vocês me contar o que realmente aconteceu para ajustar a intensidade do meu castigo nele. Se ninguém contar, beleza, farei do meu jeito.

— Fred, você precisa falar para ele esquecer isso. Já foi, eu tive um surto, discutimos, ele falou coisas que me magoaram e... enfim. Só peça para se afastar. — Meu desespero era

engraçado até para mim. Voltei a sentar direito no banco e comecei a rir sem humor. Não queria que ele se desculpasse, a raiva que sentia por ele estava confortável demais para mudar. — Céus, que confusão.

— Bota confusão, porque Leo está na porta do estúdio de dança de Laís com a cara arrebentada e estou tentado a terminar o serviço de quem quer que seja que começou.

O carro parou, olhei pela janela e lá estava o meu novo pesadelo disfarçado de irmão de Fred.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Leo

Ela estava linda... não, estava furiosa. Meu irmão não parecia contente em me ver, mas que se fodesse, iria consertar o que fiz e não perderia tempo, ainda mais que teria duas semanas de folga do trabalho. Se eu não surtasse, pelo menos, arrumaria a bagunça da minha vida.

— Vamos conversar aqui, deixe as mulheres passar — Fred e sua pose do caralho de irmão mais velho me impediu de chegar até Alexia. Luana me cumprimentou com um aceno enquanto a

mulher por quem estava aqui carregava Maurício no bebê conforto.

— Vim conhecer meu sobrinho. — Tentei passar e Fred me impediu. Estávamos entre a calçada e a porta da frente do estúdio de dança de Laís.

— Você teve sete dias para conhecer, mas preferiu causar confusão ao invés de pensar na família. Você não vai chegar perto do meu filho com esse monte de machucado na cara.

Olhei para o homem que por alguns anos foi meu ídolo e tive vontade de explodir sua cabeça. Não pensava na família? Desde que ele encontrou Luana, o que faço é os proteger. Ingrato do caralho, meu humor começou azedar e nem

tinha chegado perto do meu objetivo.

— Vai se foder — falei com raiva e tentei entrar no estúdio, novamente ele me parou e avancei segurando sua camisa e ele a minha. — Não sou nenhuma criança para você mandar e desmandar em mim.

— Você não é, mas está agindo como moleque. — Ele apontou para dentro do local. — Meu filho não tem nem sete dias e você quer causar constrangimento entre as mulheres. Quer resolver suas merdas? Faça isso sozinho e longe de testemunhas.

Soltei sua camisa e ele fez o mesmo com a minha. Respirei fundo várias vezes, escutei risos e exclamação de apreciação e tive vontade de me

aproximar para saber o que era. Precisava controlar meu temperamento, Alexia precisava escutar minha versão dos fatos e não precisava da minha raiva transbordando.

— O que aconteceu? — o tom sereno que meu irmão usou me assustou. Cruzei os braços e fingi que não entendi a pergunta. — Seu rosto todo fodido, o que aconteceu?

— Não te interessa.

— Alexia não quer que você se aproxime ou conserte o estrago que fez.

— Não se intrometa.

— Por que você não usa essa sua cabeça inteligente a seu favor? — questionou frustrado. — Espaço, meu irmão. Dê espaço para que as pessoas

possam digerir suas impulsividades.

— Como você fez com Luana? Lembro muito bem de você desesperado resolvendo a vida dela sem que ela soubesse. — Sorri quando ele fez uma careta. — Siga você meu conselho, não se intrometa.

— Já que não vamos chegar num consenso, enquanto minha família estiver aqui dentro, eu quero paz. Se para isso acontecer, eu precise te excluir desse momento, farei.

— Estou aqui para ver o meu sobrinho e falar com Alexia. Vá cuidar da sua família, tire a menina debaixo do seu braço e...

— Menina? — Bufou um riso. — Debaixo do meu braço? — Ele se aproximou pomposo e

falou baixo: — Alexia é mulher e faz voo solo há muito tempo. Quando está comigo, eu faço questão de dar proteção, porque esse sou eu e com certeza é uma característica sua. — Ele deu um passo para trás como se uma ideia surgisse na sua mente. — Agora entendi.

— Economize sua terapia de boteco comigo, Fred. — Fui passar por ele e dessa vez, o que me freou, foram suas palavras:

— Você só está nesse humor, porque quer ser aquele que a protege. — Então, começou a rir descontrolado, passou por mim e me irritou. Segurei seu braço, ele continuou rindo e até que Luana apareceu na recepção para ver se estava tudo bem.

— Pensei que tinha acontecido algo. O que é engraçado?

— Ah, Corujinha, se você soubesse...

— Cale a boca! — rosnei e vi Luana correndo de volta na sala quando as mulheres soaram surpresas.

— Pausa para a limpeza, Maurício fez um *cocozão* no cenário — Laís, com sua barriga já saliente, saiu do quarto segurando uma cesta de vime, com enfeites e sujeira de fezes. Ela ia entregar para Fred, depois me encarou e sorriu satisfeita ao me entregar. — Todo seu para limpar, tio. O tanque é nos fundos.

Olhei para meu irmão, que já corria para dentro da sala onde estava sendo feito o ensaio e

suspirei aceitando a tarefa. Não era homem de reclamar quando sujava as mãos, pelo contrário, era o que mais sabia fazer nessa vida.

Focar minha mente em outra coisa também ajudaria em equilibrar meu humor para tentar uma abordagem mais suave. Ignorei as últimas palavras do meu irmão e seu sarcasmo, havia muito tempo que não engolia mais suas gracinhas comigo.

A cesta ficou inteira, mas o tecido grosso que tinha dentro e estava sujo, ficou estendido no varal para secar. Com o coração quase pulando pela boca, voltei para dentro do estúdio e fui direto para a sala onde estava sendo a sessão de fotos.

Laís arrumava Luana sentada na grande poltrona com Maurício sendo amamentado, Fred se

pôs ao seu lado direito, de pé e Alexia, tão focada no trabalho, não percebeu minha aparição e depois, minha aproximação. Ou melhor, ela soube disfarçar muito bem, porque se afastou, tirou a câmera do rosto e me encarou por um milésimo de segundo ante de voltar a tirar fotos deles.

— Que foto maravilhosa. Já estou pensando nas minhas fotos — Laís falou se afastando e ficando perto de mim. — Vou nem perguntar sobre sua cara, acho que você percebeu o quanto está medonho. Cadê a colcha daqui, Leo? — questionou tirando a cesta de vime das minhas mãos.

— Lavei e estendi no varal do fundo — meu tom era indicando o óbvio.

— Bom trabalho, tio. Agora observa e se inspire.

— Podemos fazer um ensaio com você grávida, Laís. — Alexia registrava várias fotos enquanto o casal conversava e admirava Maurício. — Seria bem diferente, uma grávida dançarina. — Ela encarou a dona do estúdio de dança com os olhos brilhando e senti uma pontada no meu âmago. Era apaixonante ver alguém empolgado com algo. — Imagine com roupa de dança do ventre, vai ficar perfeito!

— Semana que vem. Arranje um tempo na sua agenda, na próxima semana quero fazer todas essas fotos que têm na sua mente. — Laís tocou a testa de Alexia com o dedo e ela parecia sair da

bolha que estava, me encarou perdendo o sorriso e voltou a focar em Fred e sua família.

Finalmente me permiti admirar meu irmão e o caminho que trilhou. Mesmo com nossas brigas e divergências de opiniões, admirá-lo era inevitável. Ele parecia um outro homem, seu olhar tinha mais brilho e aquele bebê, que conhecia pela primeira vez, mexeu comigo.

Mãos tão pequenas, sons desconexos e suaves, quando vi, estava ajoelhado em frente a Luana e sorrindo para meu sobrinho.

— Oi rapazinho. Eu sou seu tio Leo e te amo muito.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Alexia

Engoli o nó que havia se formado na minha garganta e registrei o momento que Leo conheceu seu sobrinho. Não precisava perguntar para perceber que era a primeira vez que o via, seus atos eram tão fora de padrão que a câmera foi mais rápida que eu e registrou tudo. O poder que um bebê tinha para tornar tudo mais pacífico era incrível.

O choro baixo de Maurício despertou a todos do transe de ver Leo em uma posição

submissa. Com vergonha ou não tendo coragem de assumir o que fez, ele saiu da sala sem se despedir e me sentei no chão percebendo o quanto meus ombros estavam tensos.

— Acho que você transformou o tio *brabão* no tio babão, meu filho — Fred falou com voz suave, Luana se levantou e chacoalhou o bebê para acalmá-lo, já que estava um pouco impaciente.

— Eu não consegui me conter e estou aqui, em prantos — Laís falou controlando o choro e o riso. Permiti-me sorrir, acompanhei Luana grávida e agora tinha outras duas amigas na mesma fase. Era mágico e divertido enquanto acontecia nelas e assustador quando pensava nisso para mim.

Não acreditava que formar uma família

faria parte da minha realidade algum dia.

— Vamos fazer com ele nessa caminha também? — Laís mostrou mais um dos apetrechos que havia comprado para fotos *newborn* e meus olhos brilharam. — Comprei até esses óculos, ficará parecendo um menino intelectual.

— Você sabe, poderia alugar essa sala para outras pessoas que fazem fotos. Seria uma renda extra — falei me levantando e ajeitando o cenário para pôr Maurício assim que se acalmasse.

— Alugar para outros? Tudo isso aqui é para você, Alexia — Laís falou indignada e a encarei assustada. — Quando conversamos sobre trabalhar com você, eu falava muito sério. Na recepção não deu certo, tudo bem. Acho que no

final, foi o melhor, porque agora você está fazendo algo pelo qual se identifica mais. Você tem um estúdio para fotos aqui, minha amiga. Só precisa dizer sim.

Mordi o interior da minha bochecha para tentar de negar rápido demais ou me desmanchar em emoção. Enquanto eu planejava me afastar dessas pessoas, elas pareciam determinadas a me manter por perto.

— Não posso pagar por isso — comecei com minhas justificativas.

— Que bom, isso quer dizer que poderei te obrigar a trabalhar para mim até pagar sua dívida. — Laís riu alto e veio me abraçar. Não sabia dizer se foi o abraço em Fred que abriu as portas para

algo maior, mas esse contato não parecia tão ruim quanto antes. — Brincadeiras à parte, as grávidas fizeram cotinha para o cenário. Seu pagamento é aceitar estar aqui, nós amamos você.

Olhei para Luana, que agora tinha Maurício calmo nos braços. Ela parecia querer me perguntar com os olhos qual era o meu medo.

— Tenho medo de atrapalhar a vida de vocês — confessei com um sussurro. Laís aumentou seu aperto em mim, Luana e Fred vieram ao meu encontro e também me envolveram nos seus braços.

Sufocante? Não, estava me sentindo tão protegida e querida. Seria essa a força que minha mãe me deu? Era tão fácil aceitar o carinho deles,

por que ainda sentia que precisava estar longe?

— O que foi? — Leonides falou e quebrou o encanto, ou melhor, respondeu as minhas perguntas. Ele era o grande motivo para precisar me afastar e perder contato. Estar perto desse homem que mais parecia um tanque de guerra me tirava o chão.

— Eu vou pensar, tudo bem? — falei quando todos se afastaram e Laís bufou olhando feio para Leonides. Ninguém precisava enfrentá-lo por mim, as consequências eram devastadoras. — Vamos para esse cenário? Maurício está no ponto.

— Sim, foco nas fotos, precisamos de muitas fotos. — Laís ajeitou o cenário enquanto eu e Luana colocávamos Maurício na posição. — Mas

dessa vez, eu não vou achar uma substituta. Se você recusar esse canto como seu estúdio, as coisas ficarão aqui para sempre, como um quarto de uma filha que foi embora.

— Alexia vai aceitar seu convite, Laís — Leonides falou e fechei os olhos para controlar minha vontade de rebater o intrometido. Foi ele quem me convenceu a estar longe, agora mudou de ideia?

Fred parecia querer controlar o riso, mas não se manifestou.

— Quando estiver pronta, estou aqui para te escutar, amiga — Luana falou baixinho, sorri para ela, para seu filho e me afastei.

— Agora é minha vez. Vamos tirar muitas

fotos do nosso príncipe — falei enquanto me ajoelhava no chão e registrava o momento.

Ignorei a reação do meu corpo ao sentir seu olhar em mim enquanto trabalhava e por vários minutos, ficamos assim, no silêncio e observação.

Quando decidimos parar, estava me sentindo como uma bomba relógio. Uma coisa era ignorar a presença de quem eu sentia raiva, outra coisa era me manter calada sobre isso. Com minhas novas descobertas de poder, estava com algo entalado na garganta e precisava dizer a ele, só não sabia se conseguiria controlar na frente das outras pessoas.

Nenhum deles merecia minha explosão, de intrometido, já bastava o próprio Leonides.

— Vamos almoçar em casa? — Fred perguntou para mim quando fui guardar minhas coisas na bolsa da câmera.

— Tenho compromisso de tarde, vou fazer um lanche rápido e ir — respondi me desculpando com o olhar para ele e depois Luana.

— Ótimo, também vou fazer um lanche rápido e ir para o Haras ver Guido. Quer uma carona? — Laís se ofereceu e achei mais seguro estar com ela.

— Deixem Alexia escolher. Ela tem opinião própria — Leonides soltou em tom zangado e virei em sua direção, com o dedo em riste e bufando de raiva.

— Ninguém te convidou para o ensaio e

muito menos pedi sua opinião. Se eu aceito carona de alguém ou faço por conta própria, o problema é meu e a escolha é só minha. Isso já deveria ter ficado claro, mas se não ficou, eu repito em alto e bom tom: eu voo para onde quiser, com quem eu quiser!

Fred levantou os braços para cima como se estivesse comemorado um gol, Luana me encarou com a boca aberta e Laís tinha os olhos brilhando. Era isso que eu queria evitar, público e julgamento. Cada um tinha sua verdade e opinião, o confronto do momento era justamente isso, Leonides achava algo sobre o que era melhor para a minha vida e todos os outros achavam diferente.

— Alexia! — Irritado e segurando as

palavras, vi o irmão do meu melhor amigo controlar o tanque de guerra que havia dentro de si.

— Eu sou uma boa influência, é fato — Laís quebrou o clima tenso e foi empurrando Leonides para longe da sala. — Dez a zero para nossa anja loira das fotografias. Para não passar mais vergonha, obedeça a grávida e tente de novo amanhã.

— Tentar de novo não! — implorei e ri junto com Fred e Luana, que ficaram na sala me admirando. — Eu não queria explodir assim, mas é que seu irmão...

— Meu irmão é um idiota de bom coração. Ele só está com invejinha, porque eu te protejo, Luana te protege, Laís te protege, mas ele... ele não

consegue e você não dá brecha — Fred falou se aproximando.

— Não preciso de proteção. Eu sei me virar sozinha. — Ignorei a angústia ao pensar no dia que finalmente confrontaria meu abusador. Teria que comprar outra arma ou conseguir por meios ilícitos.

— Para frustração do homem apaixonado.

— Não viaja, Fred. Acho que o abraço que te dei fundiu seu raciocínio lógico.

— Você abraçou Fred? — Luana perguntou surpresa.

— Sim e ela está certa, não penso mais de forma lógica, só com as vibrações do amor. — Fred olhou para sua esposa, puxou-a para perto e deixou

um beijo em sua testa e na do seu filho. — Já vai se preparando, Maurício, porque você será pajem do casamento do seu tio.

— Como pode haver casamento se eu não gosto de homens? Fred, lembre-se, eu sou lésbica! — falei para ele indignada, tentando convencer mais a mim do que ele, que nem me deu moral.

— Também tive essa fase de rejeitar homens e dar uns beijos em mulheres, mas não colou. Eu gosto mesmo é de linguiça e não bacalhau — Laís entrou na sala sozinha e soltou essa frase com naturalidade, me deixando envergonhada enquanto meus amigos riam desenfreadamente. — Pronto, assombração despachada. Vamos comer algo que Pedro está

morrendo de fome e a mãe dele também.

Queria dizer mais alguma coisa, precisava que eles entendessem que não havia possibilidade de que meu ódio se tornasse outra coisa que não fosse ira.

Como sempre, me remoendo por dentro, perdi a oportunidade de falar e segui o fluxo imposto pelos meus amigos, de viver a vida mais leve e falando amenidades.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Leo

— Você, deixe ela respirar e para de chegar igual homem das cavernas. — Laís estava me empurrando para fora do estúdio e eu permitia, porque ela era uma mulher grávida. — E pelo amor de Deus, só dê as caras novamente quando melhorar esses machucados. Já viu o tamanho do corte no seu supercílio?

— Eu me olho no espelho, Laís. — Tentei me afastar, ela se desequilibrou e a segurei com o coração na mão. — Me deixa, mulher.

— Vou te deixar no olho da rua — rosnou baixo e continuei andando para fora até chegarmos na calçada. — Seu espelho está com defeito, porque além da sua cara estar arrebentada, você parece um monstro. Então, junta atitude ogra com cara de monstro, você assusta qualquer um! — Ela jogou os braços para cima. — Vou almoçar com Alexia e você, vai dar um tempo a ela.

— Ela precisa...

— Não, quem precisa é você. ES-PA-ÇO. Significa você não ligar, não aparecer ou falar com ela durante uma semana ou um mês, para que ela possa voltar a ser a doce e querida Alexia e não o vulcão em erupção que acabamos de ver lá.

Encaramo-nos por um momento, então

desisti e suspirei. Ninguém iria entender a minha necessidade de acertar as coisas com ela e se desse espaço, talvez, ela finalmente percebesse que não valeria a pena me escutar.

Não dar espaço era a oportunidade que precisava para fazer as coisas de forma direta, tanto com ela como com seus pais. Porra, eu ainda precisaria me redimir com eles, mas não antes de fazer com ela.

De uma coisa Laís estava certa, eu precisava melhorar minha cara, então, usaria um pouco do lado obsessivo do meu primo Guido e a encurralaria por mensagens. Se ela me bloqueasse, teria que voltar ao plano A.

— Estou indo, mas estou de olho em vocês

— falei caminhando até minha moto.

— Sei que está, mas não se iluda, eu sou apenas do Guido — brincou acenando para mim e voltando para dentro quando subi na moto.

Deveria ter seguido para o restaurante de Ricardo e Tati, mas percebi que mais uma pessoa me vendo dessa forma iria causar um rebuliço na família, então fofoca e dona Bety iria me infernizar para largar meu emprego. Ah, se ela soubesse que foi o pai de uma mulher que me bateu, ela me deserdaria.

Segui até a academia de Bastien e fiquei no estacionamento esperando que ela fosse aberta. Por ser sábado, depois do almoço havia um espaço aberto para lutas entre academias e essa seria uma

ótima distração para a minha necessidade de atropelar as coisas.

Peguei meu celular e enviei mais uma mensagem para Alexia.

Leo>> Minhas intenções são as melhores. Desculpe se avancei demais o sinal novamente.

Ela viu a mensagem e ignorou. Se ela soubesse o quanto eu fervia por ser ignorado, ela nunca agiria dessa maneira. Não era à toa que me viam como monstro ou estourado, precisava que as coisas agissem o quanto antes sempre e imediatismo era meu nome do meio.

Aproveitei para conferir os avanços na investigação do agressor de Alexia. Fiquei surpreso

ao ler no relatório que ele foi localizado, não estava na cidade e se envolveu com a mesma turma de traficantes que o irmão de Luana estava. Lembrando dele, o rapaz não só saiu da prisão e mudou de vida, como estava sendo treinado para trabalhar com De Paula na Hold. Ele seria um ótimo efetivo, por conhecer uma parte do crime, poder se infiltrar e sua determinação em honrar a família, no caso, Luana e seu pai.

Iria fazer uma surpresa para o rapaz e antes de Maurício completar um mês, iria promover esse encontro. Havia pessoas que erravam e buscavam uma nova chance e outros que insistiam no erro e tinham apenas um destino, sete palmos do chão.

Arrogância da minha parte ou não, lidei com muitas pessoas podres no trabalho para saber que a morte, para alguns, seria o melhor presente de todos. As baixas que aconteciam eram única e exclusivamente para sobreviver. Se não matasse, quem iria para cova seria eu.

Envolvido com o celular, não percebi meu primo e sua mulher se aproximarem.

— Qual é a cagada da vez? — Bastien questionou e estendeu a mão para me cumprimentar. Saí da moto e dei um beijo em Analia, que parecia mais sorridente do que o normal.

— Vim lutar um pouco, mas não almocei. Tem algo que eu posso beliscar antes do exercício?

— Quando você falou que ele estava todo quebrado, não imaginava que seria pior. Leo, coloque um gelo na sua cara. — Analia se aproximou do grande corte do meu supercílio e pensei que todas as esposas dos meus primos pareciam complacentes de mim, mas Alexia era a única indiferente, ou melhor, com raiva.

— Nada que uma pomada com arnica não diminua o inchaço. Venha, vou te dar comida, *bebezão*.

— Vai se foder — rebati irritado e o acompanhei até a porta da academia. — Desculpe, Analia.

— Sem problema. Estou vendo que o caso é mais sério do que imaginava. Trabalhista eu sou

fera, mas criminal, um desastre — brincou com sua área de atuação como advogada.

— E como está o trabalho? E o bebê, menino ou menina? — Tentei mudar de assunto enquanto entrávamos na academia e seguíamos para seu escritório.

— Calma que estamos no início ainda. Se eu estou tranquilo, você deveria estar também, até porque, o filho não é seu.

Senti a afirmação como se fosse um soco no estômago. Não pelo tom de ciúmes do meu primo, mas em pensar em ter um filho, o encontro com Maurício e minha paixão por esse bebê, mesmo não sendo meu.

Caralho, de onde surgiu tudo isso?

— Relaxa, cara. Você, meu irmão e Guido tem suas mulheres, eu não tenho nenhum interesse em mudar isso.

— Você não pensa em namorar? — Analia perguntou enquanto entrávamos na sala de Bastien. Ela se sentou e eu fui junto com meu primo pegar comida na geladeira.

— Eu não sirvo para essas coisas, além do mais, minha profissão é muito complicada. Eu sou de todas, escolho sempre o caminho mais fácil.

Levei uma porrada de leve de Bastien e uma exclamação de zombaria de Analia.

— Quem disse que o caminho tinha que ser fácil? Não foi para Fred, não seria para você — Bastien falou me entregando uma garrafa de suco e

um lanche natural.

— Eu não gosto de Alexia como vocês imaginam. Ela tem muito o que superar para entrar em um relacionamento e a pessoa que estiver ao lado dela precisa ser muito paciente. Não sirvo para isso.

— E quem disse que estávamos falando de Alexia? — Analia se divertiu com meu desconforto, sentei-me na cadeira próxima a mesa e a observei me analisar. — Não sei e nem preciso saber o que minha amiga passou para dizer que você está completamente enganado. Ela é uma sobrevivente, uma guerreira e vai te *patrolar* quando menos esperar.

— Para você ver que o tanto que vocês a

protegem é desnecessário. Estava com ela hoje de manhã e assim que falei algo para provocar, ela se colocou em seu lugar de comando. Ela tem que aprender a viver sozinha.

— Por que viver sozinha se você pode compartilhar essa vida com alguém? — Analia estendeu a mão para Bastien, que saiu de onde estava e foi se sentar em cima do braço da poltrona dela. — Acho que você está precisando ir a uma sessão de Constelação para aprender a olhar a vida com o coração e não com a mente.

Dei de ombros e foquei em comer a comida em apenas algumas mordidas. Terapia era para os fracos, no meu mundo, as coisas funcionavam na pressão, da mesma forma que o

diamante era talhado.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Alexia

— Droga, por que ele não larga do meu pé? — resmunguei assim que entrei no carro de Laís.

A sessão de fotos foi um sucesso e estava mais do que satisfeita com o resultado. Isso não tinha nada a ver com alguns cliques que dei do tio conhecendo o sobrinho. Aquele chato irritante não tinha amolecido meu coração com um gesto tão carinhoso.

— Falando de Leo? — Ela se ajeitou no

banco e deu partida no carro. — Pensei que já tinha se acostumado com ele, até porque, é irmão do Fred. Ou vai me dizer que o marido da Luana é um anjinho?

— Às vezes o Fred pega no meu pé, mas sei lá, é diferente. — Cruzei meus braços e bufei irritada.

— O que ele fez, além de ser o mal-humorado de sempre? — Ela virou o volante e percebi que estávamos indo em direção ao restaurante de Ricardo e Tati, primo deles que eu não tinha tanta afinidade.

— Magoou minha mãe. — Balancei minhas mãos antes que ela quisesse saber mais. — Deixa quieto. Estou indo falar com minha terapeuta

para isso, você não precisa se incomodar.

— Você sabe que todo mundo vê que Leo tem tesão enrustido por você, certo? — seu tom era divertido, mas me atingiu com uma seriedade desenfreada. Congelei no lugar, minha respiração parecia difícil e meu coração se comportou como uma bateria de escola de samba.

A última coisa que tinha na cabeça era que alguém forçasse um relacionamento que eu não almejava.

— Sou lésbica — falei rápido demais e senti um aperto na minha mão. Quando ia me afastar, Laís parou o carro no estacionamento do restaurante e colocou a minha mão na sua barriga.

Um chute.

Era mágico sentir os bebês mexerem na barriga. Aproveitei muito com Luana, sabia sobre todas as suas consultas e progressos. Sorri ao pensar que a vontade de me afastar deles estava diminuindo. Quem mandava na minha vida era eu e não um machão egocêntrico.

— Estive por muito tempo em um mundo cruel e carnal para saber que você foi ferida na alma. — Senti outro chute e não tive coragem de encarar Laís. Às vezes, as pessoas pareciam saber o que eu tinha sofrido, mas elas não sabiam a metade da minha história. — Tudo tem dois lados, inclusive o amor. Há aquele que te traumatiza por uma vida, mas também o que te faz enxergar um mundo de flores. — Ela apertou minha mão na sua

barriga e senti um movimento mais brusco. Encarei-a assustada. — Esse é o resultado do meu amor pelo Guido. Esse é o meu lado bom e me apego com unhas e dentes nele.

Parecia Luana falando, com voz serena e semblante plácido. Quando abri a boca para agradecer as palavras por mais que não faziam nenhum sentido para mim, o celular dela tocou junto com o meu.

Leonides>> Não sei medir minhas palavras, ainda mais quando acredito que você é forte o suficiente para escutá-las. Me desculpe.

— Mensagem? — Laís perguntou enquanto digitava algo no celular. — Meu marido não se contenta em me mandar uma mensagem por

dia, mas várias. Eu amo essa necessidade de me controlar, porque ele se ilude que estou em suas mãos. — Riu divertida e tentou espiar a tela do meu aparelho. Bloqueei e guardei na bolsa. — Um possessivo a vista? Quem sabe... uma possessiva, já que falou que gosta de meninas.

— Eu prefiro falar sobre o seu bebê. Já fez a ultrassom morfológica? — Saí do carro com o coração na mão. Apesar da minha amizade com ela, não me abria tão facilmente, ainda mais com relação a Leonides e seu surto na minha casa.

— Ele tem cinco dedos em cada mão e em cada pé. Tamanho bom para o tempo de gestação, pinto e saco na medida. — Arregalei meus olhos para ela e caminhei com mais pressa até a entrada

do restaurante. — O que falei de errado? Ele é um menino.

Sim... um menino que se tornaria homem. Só de pensar que meu agressor algum dia passou por isso, também teve uma mãe e foi um bebê, eu me sentia... esquisita. Enquanto ele era odiado e estava distante da minha realidade, era fácil desejar sua morte. Quando olhava para a barriga da Laís e imaginava que ele tinha uma mãe, foi bebê, depois criança... caramba, que confusão!

— Olá, Laís, Alexia, que bom que vieram! Tem feijoada hoje. — Tati, do balcão do caixa, nos cumprimentou.

— Meu prato preferido e pelo visto, do Pedro também. — Ela alisou a barriga e apenas

sorri forçado para a dona do restaurante enquanto seguíamos para pegar um prato e nos servir.

Precisava ir para a minha terapeuta, não aguentava mais tantos sentimentos conflitantes dentro de mim.

Meu celular tocou, era o recebimento de outra mensagem e deixei para conferir quem era quando me sentei em uma mesa em frente a Laís. Não era ele.

Analia>> Tenho um vídeo interessante para te mandar, mas só o farei depois de saber como se sente com relação a Leo.

Alexia>> Você sabe o que sinto por ele e hoje, está no nível máximo do ranço.

— Está perdendo de almoçar algo

maravilhoso — Laís tentou chamar minha atenção, mas meus olhos estavam grudados no celular. O que Analia iria me mostrar?

Minha exclamação de assombro chamou atenção das mesas ao redor. Larguei o celular na mesa e tampei meus olhos, revivendo a cena em que meu pai bateu em Leonides na sala de casa. Não só essa cena, mas uma de muitos anos atrás, quando ele me protegeu e a minha mãe do meu pai biológico.

A diferença disso tudo é que, por mais raiva que eu sentisse desse homem, eu não gostava de vê-lo nessa posição tão submissa ao ser agredido. Ele parecia entregue, como se necessitasse desse espancamento.

Enquanto ele não economizava nas palavras para dizer o quanto eu era forte, ele se demonstrava fraco e perturbava minha mente.

Que ódio!

— Acho que vou recomendar para Leo ir à terapia junto com você. Pelo amor de Deus, ele está com a cara toda estourada, parece um monstro.

Tomei o celular da mão de Laís, guardei na bolsa e comecei a mexer na comida. Como colocaria algo na boca se meu estômago estava embrulhado e meu coração implorava por saber se Leonides estava bem?

Por que deveria me importar?

— Eu deveria estar feliz porque alguém estava causando dor a ele, mas não estou. Minha

vontade é de chacoalhar o chato e perguntar qual era o problema dele!

— Vou precisar repetir o que disse no carro? — Laís colocou uma garfada de comida na boca e sorriu zombeteira quando lembrei dela falando sobre tesão enrustido. Mas o que adiantava, se nunca aconteceria nada entre nós? Só de pensar em contato íntimo me sentia suja.

Fiquei em silêncio e o resto do almoço seguiu dessa forma. Estava me incomodando o olhar de quem sabia o segredo da caixa de pandora, de Laís. Agradeci que não disse mais nada, me levou ao Instituto onde eu faria terapia e se despediu colocando minha mão na sua barriga. Pedro não parava de se mexer.

— Lembre-se, a mesma arma que fere e mata um inocente pode nos proteger de um agressor. Tudo depende de como queremos enxergar — ela falou alto do carro e tentei não me impactar com suas sábias palavras. Sim, eu entendia isso, mas não conseguia ver o que tinha de bom no que me aconteceu além do trauma.

Fui até a recepção, comuniquei minha chegada e esperei ser chamada com minha câmera na mão. Passei as fotos que tirei do ensaio *newborn* de Maurício e meu humor foi mudando pouco a pouco. O medo e a insegurança foram se dissipando.

Quando fui chamada pela terapeuta, para começarmos nossa sessão, estava mais confortável

de comentar sobre o que me aconteceu, só não esperava que tudo isso fosse mais revelador do que imaginava.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Alexia

Comecei contando sobre meu surto no meio da rua e Leo aparecendo. Omiti minha intenção de matar meu agressor, ele estar solto e a arma que portava. A verdade era que eu nunca tinha contado a ninguém o que me aconteceu. Só minha mãe e pai sabiam.

Não... Leonides também sabia, ele falou que conhecia minha história e agora que a ficha tinha caído, estava envergonhada, com raiva, uma explosão de sentimentos. Será que ele falaria a

alguém? Por Deus, esse segredo parecia tão bem escondido.

Também contei sobre ele indo em casa dizendo o que minha mãe tinha que fazer e meu pai batendo nele. Falei sobre nossa conversa pós conflito, o quanto me senti surpresa ao saber que minha mãe ainda carregava culpa e minha dificuldade em acolher tal coisa, porque ela era a melhor mãe do mundo.

— E como você se sente com relação a tudo isso? — Sônia perguntou para mim enquanto andava de um lado para o outro.

Achei que seria tudo tranquilo na sessão, mas minha inquietação foi aumentando a cada pergunta que ela fazia. Minhas respostas eram

reveladoras, inclusive, para mim.

— Estou confusa, porque quero infligir dor a Leonides ao mesmo tempo que vê-lo sofrer me perturba. Só queria manter distância, mas não consigo, por causa do seu irmão, Fred, que é meu amigo.

— Você é amiga de Fred, certo? Ele e o irmão moram juntos?

— Não, mas o idiota sempre está por perto. Hoje mesmo, fui fazer as fotos *newborn* do Maurício, olha ele aqui! — Peguei minha câmera, passei as fotos e como estava no meio do ensaio quando mostrei, apareceu as fotos dele se aproximando do sobrinho, o primeiro olhar do tio para o bebê. — Quando eu estou pronta para falar

umas boas verdades para esse homem, ele faz algo como isso e me desconserta inteira. Preciso ficar o mais longe possível dele.

Ela fez algumas anotações em seu caderno, algo que já havia perguntado a ela o motivo e com suavidade, informou que a cabeça dela nem sempre guarda tudo o que conversamos, até porque, ela atende muitas pessoas. São apenas anotações para que ela possa conversar comigo sem esquecer os detalhes mais importantes.

— Você gosta dele?

— Não! Gostar implica em contato íntimo e... não, nem pensar! — Sentei-me na cadeira, coloquei os pés no assento e abracei minhas pernas encarando Sônia com preocupação. Se ela

perguntasse o porquê eu não queria contato íntimo, iria embora. Não tinha forças nem para dizer que esse assunto era algo que não queria olhar, não tão cedo.

Ela olhou para suas notas, folheou os papéis e colocou-os em cima da mesa viradas para baixo. O chacoalho do meu corpo e pés foi inevitável, estava pronta para agir conforme ela tomasse a ação e me surpreendi com o que veio:

— O que você vê nele que é parecido com você?

— Nós somos completos opostos. Prefiro ficar na minha enquanto ele sai *patrolando* tudo e todos com suas ações. Ele não respeita ninguém, acha que sabe de tudo, sua palavra é lei. Me irrita!

Ela suspirou e me encarou com carinho. Eu tinha um respeito tão grande por essa mulher, desde o momento que a vi pela primeira vez presidindo uma sessão de Constelação Familiar.

— Vou falar algumas coisas e você observa como se sentirá. Pode ou não servir para você, depois me fala, tudo bem?

Acenei afirmativo com o coração na mão. Quando ela dizia isso, sempre era verdade, mas muitas vezes não gostava de assumir, porque doía.

— O irmão do seu melhor amigo age com imprudência enquanto você preza pela segurança. Enquanto ele não se importa com o que os outros vão pensar e age convicto da sua verdade, você toma cuidado com o que fala para não despertar

questionamentos que você não está pronta para responder. — Ela ergueu o dedo indicador para cima. — Ele está invadindo o seu espaço, tentando assumir uma posição de pai, amigo ou companheiro que você não permitiu que assumisse.

Engoli em seco, porque minha cabeça não compreendia sua constatação, mas dentro de mim parecia aquecer, indicando que sim, ela estava certa. Muito já me foi orientado para sentir e não racionalizar, tinha dificuldade de liberar o controle, por medo de sofrer novamente.

— Há conteúdos que você já me demonstrou, várias vezes, que não está pronta para olhar. — Ela abriu a mão me acalmando, já que a olhei assustada. — Não estou aqui para julgar ou

forçar algo, quem tem que estar preparada é você. O medo nos causa angústia, diminui nossa imunidade e muitas vezes nos deixa doente.

— Eu tentei enfrentar meu medo, mas surtei quando estava a um passo dele. Sou fraca demais.

— O que te falta para ser forte? — seu tom era de desafio. — Muitas pessoas buscam na academia a força que precisam e não tem nada a ver com físico. Eles não querem bater em ninguém, mas só de olharem para os pesos que levantam ou os apoios que fazem, atendem a necessidade do seu *eu* de se sentir forte.

Será que isso serviria para mim? Se me sentisse apta para bater em alguém, enfrentaria

Leonides sem medo dele falar alguma asneira?

— Eu só queria que ele fosse para longe e me esquecesse.

— Você consegue dizer para a sua vida ir para longe e te esquecer? — Ela sorriu e virou a cabeça. — A opção de se afastar está com você. A imposição de que ele não fale com você está em suas mãos. Vá a uma delegacia, diga que fará queixa ou mesmo informe a família que ele está te assediando.

— Também não é assim, Sônia. Ele protege a família, só tem uma visão distorcida sobre o que é certo ou não. Para ele, a única verdade é a dele.

— Percebeu que você mesma está dizendo

que não o quer afastado quando muda seu ponto de vista? — Ergueu o dedo novamente e aceitei sua colocação. Sim, no final das contas, eu tê-lo longe não era uma opção. — Veja até que ponto você está confortável em mostrar sua forma de ver essa verdade. Se não te agrada, exercite o ato de ignorar. Enquanto demonstramos algum sentimento, seja amor ou raiva, quer dizer que nos importamos. Quando somos indiferentes, afastamos as pessoas e qualquer coisa que não importa na nossa vida.

Ah, mas Leonides importava na minha vida, porque fazia parte da família de Fred. Ou deveria ignorá-lo? Bem, uma coisa tinha se resolvido, eu estava mais calma e menos confusa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Leo

Exagerei tanto que mesmo se eu quisesse sair de casa, meu corpo não permitiria. Quatro dias de molho, meu rosto já estava melhorando, mas as agressões sofridas na minha tíbia já machucada não.

Da cama, para o banheiro, essa foi minha rotina por esses dias e claro, as mensagens para Alexia, que nunca tinha resposta. Em algum momento ela iria explodir, esse sempre foi meu objetivo, arrancar dela o que ela escondia.

Não buscava que ela assumisse sua história, mas a força que ela tinha por ser uma sobrevivente. Inteligente e perspicaz, ela não poderia desperdiçar sua vida sendo apenas expectadora. Fui talhado na pressão e sei o poder que essas ações têm. Faria o mesmo com ela, porque um diamante bruto era lapidado com muita pressão.

Leonides>> Assumi o meu erro e quero me redimir. Se não percebeu, não sou de desistir fácil, ainda mais quando quero fazer o certo. Me desculpe.

Enviei a mensagem deitado na cama e revivi o momento que o pai dela me espancou. Havia extrapolado no momento que impus a minha

pressão inclusive nos pais, que por algum motivo não impediram que algo de ruim acontecesse a filha no passado. Porra, se algo de errado acontecesse no meu turno, eu ficaria mais protetor do que eles.

Alexia não tinha desculpas, porque ela não tinha culpa. Foi vítima, sobreviveu, então, que vivesse da melhor forma e mostrasse a todos que o passado a moldou para ser mais forte do que todos aqueles não nunca passaram por nada parecido na vida.

Radical da minha parte, mas que se fodesse. Ninguém da minha família sabia o quanto de bullying que sofri no colégio e os motivos da minha agressividade. Desde magricela, orelha de abano e burro, se precisavam de alguém para ser

crucificado por conta de alguma brincadeira, esse era eu.

Quanto mais eu batia nos meninos, mais eles pioravam os apelidos.

Bastien chegou a me ajudar uma vez, o que causou um rebuliço na família e claro, Leonides, o perigoso, foi o culpado de tudo.

Chorar pelos cantos? Fiz muito, até que transformei a desmotivação em combustível para mostrar que eu era mais. Criei uma barreira de proteção com meus punhos e mau humor, conseguindo vencer a minha luta interna sobre não me achar bom o suficiente em nada.

Não era bons nos estudos, sempre fui mediano na escola. Minha paixão era a ação, mais

um dos motivos para não fazer faculdade e focar na aviação. Fui surpreendido pelo quanto precisava estudar e o quanto me dediquei.

Quando todos apontaram o dedo para mim, que não iria me graduar em nenhuma faculdade, provei que era melhor ainda, fazendo curso de piloto de avião e logo de cara, sendo contratado pela Hold Consultoria e Segurança.

Já me sentia poderoso, com uma arma na mão e cuidando de assuntos paramilitares, eu me sentia a porra do Homem de Ferro. Se havia superado qualquer trauma na minha infância, Alexia também conseguiria e mostraria a ela como eu funcionava.

Peguei meu celular por receber o aviso

sonoro de ter recebido uma mensagem e fui surpreendido por ser da mulher que estava na minha mente e tentou me ignorar.

Alexia>> Você está pronto para pedir desculpas, mas precisa entender que o outro lado precisa estar preparado, também, para receber. PARE DE PRESSIONAR!

Não pude deixar de rir para sua frase final de impacto. Imaginei-a gritando em minha direção, lembrei de suas palavras quanto a estar voando e me acomodei melhor na cama para responder.

Leo>> Mas se não fosse a pressão, você não teria respondido. Percebe que estou há dias tentando me desculpar?

Alexia>> Pelo quê? Por me tocar no

meio do terreno baldio quando não permiti ou por ter magoado meus pais?

Leo>> Se é só apenas isso que fiz de errado para você, está ótimo, porque você apontava uma arma para mim e conhecendo as pessoas como eu conheço, você iria atirar. Era legítima defesa, então, missão de pedir desculpas concluída com sucesso. Agora, seus pais, é o próximo passo. Tem que entender que minhas intenções são as melhores.

Alexia>> Já ouviu falar que o inferno está cheio de boas intenções? Pare de me mandar mensagens, de ser invasivo e arrogante. Você não me deve nada, esqueça que eu existo.

Leo>> Impossível ignorar uma

borboleta como você escondendo as suas asas. Eu só quero fazer por você o que meu irmão e suas amigas não conseguem fazer. Acredite, já passei por isso.

Alexia>> Asilos, orfanatos e vários moradores de rua estão precisando de caridade e não eu. Vai... vai para aquele lugar!

Bufei um riso ao lembrar do seu incômodo com a piada relacionada a sexo. Primeiro, eu precisava dela menos arisca para depois dar o próximo passo.

Leo>> Já que você não especificou qual lugar, vou entender que é sua casa. Está sozinha? Posso ir aí?

Alexia>> Por favor, venha, assim meu

pai pode chegar e te dar uma outra surra com os punhos e minha mãe com as palavras. Você é masoquista?

Leo>> Um pouco, a dor enobrece e fortalece. Sou humilde para reconhecer que mereci a surra que seus pais me deram.

Levantei da cama e fui colocar uma roupa. Era pouco antes do horário do almoço, sabia que os pais dela trabalhavam fora e nem sempre a mãe almoçava em casa. Ela poderia achar que eu estava brincando, mas aprenderia rápido que sou uma pessoa literal.

Alexia>> Tão humilde que impões suas verdades ao invés de respeitar a opinião alheia. Sabia que certo e errado é uma questão de ponto

de vista?

Leo>> Muito bom saber que você está disposta a conversar sobre o assunto. Onde há ponto de vista entre certo e errado quando o assunto é matar aquela pessoa pela qual você comprou uma arma?

Terminei de me vestir, segui para a sala e peguei a chave da moto olhando para a tela do celular. Pois bem, havia pegado pesado, mas era um ótimo exemplo para ela entender que sua afirmação estava certa ao mesmo tempo que errada. Quando o medo estava em causa, só havia uma verdade e era daquele que estava no comando. Ela precisava tomar as rédeas da sua vida e controlar a situação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não me importaria de ser aquele que mostraria o caminho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Alexia

Ainda bem que deixei o celular em cima da mesa e fui para a cozinha fazer algo para comer, senão o jogaria contra a parede ou pior. *Quem ele pensa que é?* Leonides Saad era um arrogante, chato, egocêntrico que me tirava da zona de conforto.

Era só o que me faltava, ele aparecer em casa para discutir sobre certo e errado. Queria mandá-lo tomar no cu novamente, mas a piada com conotação sexual tornava tudo indecente e me

deixava vulnerável.

Ah, como queria metade dessa brutalidade que ele tinha, para enfrentá-lo de igual para igual. Lembrei das palavras da minha terapeuta, respirei fundo várias vezes e fui me acalmar. Indiferença, quanto mais eu demonstrava qualquer emoção, mais o atraía.

Como ficar calada com tanta asneira saindo da sua boca? Ou dessas mensagens que me arrependi de ter respondido. Ah, como era fraca quando o assunto era o irmão do meu melhor amigo.

Nem percebi o que estava fazendo quando cortei meu dedo ao picar o alho. Minha mãe já tinha falado sobre eu querer tudo tão miudinho, que

o sabor dos temperos não poderia ser sentido do tamanho que eu fazia.

Larguei a faca, coloquei o dedo na boca e escutei a campainha. Fiz uma careta ao imaginar que poderia ser o carteiro bem no horário do almoço e arregalei meus olhos quando coloquei meu rosto na janela da sala e dei de cara com Leonides.

— O que está fazendo aqui? — questionei indignada.

— Conversar sobre certo e errado. Estou me sentindo todo cheio de filosofia hoje.

Fiquei com o dedo na boca para estancar o sangue, conferi seu rosto que estava muito melhor do que a última vez e bufei imponente.

— Você não vai entrar em casa. Aprenda sobre o certo e errado do lado de fora.

Saí da janela e voltei para a cozinha, não me surpreendendo com o tanto de campainha que estava sendo tocada. Nem adiantava reclamar, a culpa era minha por ter respondido a primeira mensagem e todas as outras que ele falou comigo.

Lembrei da Laís comentando sobre tesão enrustido e fiquei com medo de ficar sozinho com ele. Minha respiração começou a acelerar, corri para a janela novamente e com outro humor, bradei:

— Vá embora ou vou chamar a polícia!

— Hei, hei, o que foi? — ele também mudou de tom. — Só quero conversar, pedir

desculpas como sua mãe me falou para fazer, com ações. Por que está com medo?

— Não vou ficar em casa sozinha com você. Vá embora!

Tranquei todas as portas, as janelas e voltei para a cozinha e meus alimentos. Meu dedo não parava de sangrar, minhas emoções estavam à flor da pele e a campainha não havia tocado nenhuma vez mais.

Será que ele tinha ido embora?

— Eu só queria fazer comida em paz — choraminguei e dei um grito quando escutei a porta da frente bater. Leonides apareceu na cozinha e com as mãos para cima em rendição, me encarou com desespero.

— Por que está com medo, Alexsandra?

— Como você entrou em casa? Vá embora, eu não vou ficar com você, sozinha.

Ele deu um passo para trás, ficou do outro lado da porta e suspirou chateado.

— Acho que entendi, você está com medo de ficar sozinha comigo, porque acha que farei algo. Você conhece meu irmão? Minha família? Você sabe minha índole! — falou chateado.

— Na verdade eu não sei. Você fica me pressionando, Laís falou que você está... — Fiz um gesto com as mãos e fui para perto da geladeira. — Se precisar chamar a polícia para você ir embora, eu farei.

— Com esse celular? — Ele foi até a

mesa, pegou e estendeu para mim. — Tudo bem. Você pega o aparelho que vou embora.

— Vai tomar no cu! — xinguei com raiva e o idiota sorriu!

— Prefiro que você demonstre raiva à medo. Estou aqui para te proteger, até de você mesma se for necessário.

— Arrogante, ninguém pediu que fizesse isso. Por que não me esquece?

— Eu tentei, juro que me empenhei. — Ele se sentou à mesa e me encarou, o celular ainda estava na sua mão. — Agora que exagerei, piorou, eu só preciso me redimir e mostrar a você que há força aí dentro.

— E então, o quê? Vou sair xingando e

impondo minhas verdades para os outros com qual finalidade? — Olhei meu dedo sangrando e fui atrás de um guardanapo. O medo deu lugar a raiva, que dava espaço para o cansaço. — Fique feliz que você foi moldado na porrada e superou seus medos. Agora aceite minhas limitações e que não estou preparada para enfrentar meus monstros. — Olhei para ele e segurei meu dedo com o guardanapo. — Essa é a minha verdade, Leonides Saad. Não estou preparada para falar sobre o surto que tive ao estar a um passo de matar o homem que me atormenta toda vez que fecho os olhos. Usando sua metáfora da borboleta, eu já saí do casulo sim, tenho asas e me sinto pronta para voar. Só não estou com vontade de plainar em outro jardim que não seja aqui, na minha casa, atrás das minhas lentes e da

cozinha. Parece ser uma zona de conforto, mas não é. Então, me respeite quando digo que não estou preparada.

Ficamos um tempo nos encarando. Com uma voz mais branda, percebi que falei muito mais com ele do que com minha terapeuta. Se era verdade ou não, existia algo em Leonides que era muito igual a mim, só não tinha descoberto o quê, já que vários sentimentos explodiam dentro de mim quando ele abria a boca.

Ele respirou fundo e olhou para a mesa antes de voltar a me encarar com mais suavidade.

— Você quer aprender a atirar?

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

Leo

— O quê?

— A empresa tem convênio com um estande de tiro. Conferi o registro da sua arma e me surpreendi que comprou de forma legal, mas não a usa corretamente. Seu porte é para apenas dentro de casa, não trânsito. E quando segurou a arma em minha direção, não tinha nada de habilidade.

— Você escutou o que acabei de dizer? — Ela parecia indignada e eu me controlava para não levantar e ajudar a higienizar a porra do machucado

que ela fez no dedo. Que sentimento era esse que estava ultrapassando o dever de pedir desculpa?

— Posso me levantar? — perguntei soltando o celular na mesa e erguendo minhas mãos. — Quando estivermos sozinhos, quero que você fique confortável e saiba que está no comando.

— Eu mandei você ir embora e você não foi. Onde está o poder nisso?

Ela tinha razão e algumas atitudes que tomei anteriormente pesaram nos meus ombros. Só conseguiria que ela me desculpasse se respeitasse suas limitações, algo que não tinha percebido. Estava medindo-a por mim, alguém que queria sempre ultrapassar as barreiras que me eram

impostas.

Teria que recuar, para dar mais passos em um outro momento.

Acenei afirmativo, levantei-me e fui andando para trás.

— Você está certa, Alexsandra. É isso que você quer, que eu vá embora?

Ela franziu a boca e o duelo que estava na sua mente seria lindo de ser visto do que percebido apenas no seu olhar.

— Por que não me chama de Alexia?

— Todo mundo te chama assim. — Abaixei meus braços e dei de ombros. — Eu prefiro te chamar diferente e pegar no seu pé. — Indiquei com a cabeça para a porta. — Quer que eu

vá?

— Vai fazer tudo o que eu quero a partir de agora?

— Está confortável estando no controle? — Tentei não sorrir, porque estava no caminho certo. A imprudência servia para muitas coisas e extrair a verdade das pessoas era uma delas. Estava ganhando mesmo que ela sentisse que eu estava perdendo.

— Não confio em você e ainda estou chateada pelo o que aconteceu.

— Justo. Estou aqui para poder me redimir; estou pronto para me desculpar e você, está pronta para me desculpar e me dar uma chance de mostrar que posso ajudar mais do que te

perturbar?

Ah, usar as mesmas palavras que ela me jogou era uma estratégia maravilhosa. Não só mostrei que prestava atenção no que dizia, mas também que estava cedendo ao seu jeito de pensar. Se ela soubesse que era apenas o meio para chegar no fim definido por mim.

— Não estou pronta. — Fiz uma careta, acenei e virei as costas para ela, pronto para ir embora. — Mas nada impede que você fique para o almoço. Estou fazendo carne de panela com legumes.

Demorei um pouco para voltar, porque não poderia exibir meu sorriso satisfeito. Quando o fiz, ela parecia um pouco envergonhada, voltou para

frente da tábua ao mesmo tempo que me olhava preocupada. Ela estava se testando, me usando para se fortalecer como pessoa, como mulher.

Estava pronto para ser sua cobaia e ela a minha.

— Como você está com o dedo machucado, eu corto os ingredientes e você coordena, tudo bem? — Fui aproximando e ela levantou a mão, me parando ao longe.

— E lá vem você estragar tudo. Cadê a confiança? Eu dominar a situação?

— Fiz a sugestão de ser seu pau mandado na cozinha, você manda, eu obedeço. Por que está vendo algo diferente disso?

Suspirou em derrota, se afastou da tábua e

fui lavar minha mão na pia. Ela abriu a geladeira, tirou a carne do congelador e deu a volta em mim para pegar um recipiente. O armário de cima era difícil de alcançar e aproveitei para observar seu corpo esticado próximo a mim.

Por que estava olhando-a dessa forma?

— Pode ajudar ou vai ficar me olhando como se estivesse segurando a língua para zombar de mim?

Ah, se ela imaginasse o tipo de movimento que minha língua queria fazer, com certeza me daria o selo de indecência do momento.

Peguei o recipiente, deixei que nossos dedos se tocassem sem querer e voltei minha atenção para a tábua com os legumes para serem

cortados, porque o rosto corado estava sendo demais para lidar.

— Pode picar bem pequeno, por favor — pediu enquanto mexia com a carne com apenas uma mão.

— Sim, chef — respondi zombeteiro.

Ela se afastou, pegou uma panela de pressão e colocou ao meu lado.

— Vai colocando tudo aqui que eu mexo.

— E seu dedo, como está? — perguntei intercalando entre olhar o que fazia e ela.

— Vai ficar bem. — Ela se apoiou na pia e me observou trabalhar. — E sobre aprender a atirar?

— Sim, o convite ainda está de pé. —

Coloquei o que tinha cortado na panela e a encarei. Havia um brilho diferente no olhar, como se tivesse prometido um doce para uma criança. — Desde que não aponte mais a arma para mim.

— Não me tente e estará tudo bem. — Ela sorriu de forma singela quando coloquei mais coisas na panela de pressão. — Acho que você gosta de cozinhar também.

— Moro sozinho desde os dezoito anos, eu sei me virar — falei terminando minha parte e indo para a carne. — Cortes pequenos também?

— Sim, eu gosto de tudo bem pequeno. Vou pegar o arroz e uma panela.

— Judiou com essa carne congelada — resmunguei de brincadeira.

— Você não gosta de desafio?

A dinâmica na cozinha conosco parecia uma dança. Não houve outro toque furtivo, mas olhares que pareciam significar muito mais do que apenas observar.

Ela cuidou das panelas enquanto fiquei de pé ao seu lado. Estávamos longe um do outro, mas parecia muito mais próximo do que já estive com ela, quando a desarmei.

Assim que a comida ficou pronta, ela nos serviu em um prato todo arrumado, como feito nos restaurantes chiques e foi a primeira a degustar a carne.

— Obrigada — ela falou baixo e não olhou nos meus olhos. — Apesar de ainda ter um

forte sentimento de mágoa, estou me sentindo mais... aliviada. Você não tentou me tocar ou fez alguma piadinha sem graça para me deixar desconfortável.

— Eu sinto muito pelo o que aconteceu aqui. Se precisar eu faço mais comida para poder me redimir.

— Não, você vai me ensinar a atirar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

Leo

Fui embora da casa de Alexia me sentindo estranho. Achava que estava no comando, por mais que tinha cedido a ela essa posição. Não, dessa vez, quem ganhou a missão foi ela.

Não houve beijo ou abraço de despedida. Preferi lavar a louça, acenar e ir embora sem dizer mais nada por conta do impacto que foi esse momento. Havia pulado seu muro sem proteção e fiz o mesmo para ir embora.

Ela queria aprender atirar e eu o faria,

mesmo que nesse momento, dirigindo minha moto sem um rumo aparente, achasse que fiz a escolha errada. O que faria de bom ela aprender a atirar? Bem, pelo menos, se alguma ameaça surgisse, ela poderia se defender. O lixo do seu passado estava muito bem monitorado longe da cidade, então, não havia o que temer.

Quando percebi, estava indo em direção ao trabalho. Estava suspenso por tempo indeterminado, mas não me impediriam de entrar e treinar na academia, certo?

Entrei no estacionamento subterrâneo do prédio em construção que era o disfarce para o nosso QG, peguei o elevador e quando desci no andar de treinamento, dei de cara com meu chefe.

Porra.

— O que está fazendo aqui, Leonides? Você está de licença, quer que eu oficialize sua baixa? — De Paula deu um passo para o lado, para que saísse do elevador e ficou de frente para mim.

— Vim treinar.

— Fisioterapia. Além da sua cara arrebentada, que tenho certeza que foi muito mais do que o duelo que você lutou na academia do seu primo, você precisa de repouso. Quanto mais você insiste em trabalhar, mas eu serei seu carrasco e direi o contrário.

— Porra, eu te ajudei na missão para proteger sua mulher!

— Fez seu trabalho, agente. — Deu um

chute de leve na minha canela e gemi de dor. Porra, minha tíbia não estava bem. — Como você vai treinar se não aguenta ficar de pé?

Pelo jeito, teria que ficar em casa, sozinho, ao invés de exorcizar minhas dúvidas com outra pessoa.

— Caralho, eu só quero ser útil — resmunguei voltando para dentro do elevador e De Paula veio comigo. Ele era grande, imponente e só tinha sorrisos para Elaine, porque para nós era apenas pressão.

— Útil você será quando estiver recuperado. Olhei sua ficha, você precisa só de duas semanas em repouso. Se não cumprir a orientação médica, vou te amarrar em uma cama.

Chegamos no andar do estacionamento e saímos em direção opostas. Gostava do meu chefe, o que tinha raiva era da realidade. Estava lesionado e a única pessoa que eu poderia ajudar no momento era Alexia.

— Seu irmão não ganhou bebê recentemente? — De Paula gritou de onde estava e abriu a porta do carro. — Faça uma mãe feliz, cuide do bebê enquanto ela dorme.

Como precisava me manter em ação, ainda mais com esses sentimentos conflitantes com relação ao meu almoço que tive com a pequena borboleta que voava aonde tinha vontade, fiz o que meu chefe sugeriu.

Segui para a casa de Fred e quando

estacionei a moto, o choro de bebê podia ser ouvido da rua. Usei meus artifícios para entrar e quando bati na porta de entrada antes de abri-la, escutei um choro de mulher.

— O que foi? — fui atrás de Luana, que estava no quarto chorando com o Maurício no colo. — O que aconteceu?

— Eu só quero dormir, Leo. Sua mãe vem apenas amanhã me ajudar.

— Onde está Fred?

— Trabalhando, licença paternidade é cinco dias, como se fosse suficiente para ajudar uma mãe.

— Por que ele está chorando? — Não sabia o que fazer, ainda mais quando percebi que a

esposa do meu irmão estava apenas com sutiã e um short.

— Cólica, assustado, com sono. Meu Deu, sou uma péssima mãe e ele nem tem um mês!

Nunca pensei que minha cunhada fosse tão frágil. Ignorei a vergonha, peguei o bebê do seu colo e me afastei com Maurício chorando ainda mais.

— Deixa, Leo, eu dou um jeito. Por que você está aqui mesmo? Como entrou? — Tentou se cobrir ao perceber a real situação.

— Você vai fazer o que precisa, dormir, trocar de roupa, o que for. Eu vou com ele para a sala, pesquisar alguma solução na internet. — Ou com minha avó, ela sempre tinha uma receita na

ponta da língua para acalmar o choro de criança ou de um adulto.

Maurício aumentou o choro, comecei a chacoalhar em desespero e parecia piorar. Se não fosse minha tíbia, iria começar a dançar para ver se o bebê se acalmava.

Aproveitei que Luana parecia ter levado minhas palavras a sério e não veio até mim, peguei meu celular e fiz uma breve pesquisa sobre motivos de bebês chorarem com menos de um mês.

Não era fralda suja, poderia ser fome, não sabia se ele já tinha mamado ou não, sono e cólica. Que posição era essa que tinha que segurar para melhorar a cólica? O bebê era muito miúdo para fazer essa manobra.

Enfrentava tantas missões e não conseguia lidar com um bebê chorando?

Sentei-me na poltrona da sala e o coloquei deitado no meu peito. Percebi que se escorregasse mais na minha posição, ele ficaria de bruços e com isso, faria pressão na barriga, como orientado para cólica.

— Hei, carinha, está tudo bem, o tio vai te proteger enquanto o papai está trabalhando e a mamãe precisa de um minuto para recarregar a bateria e ficar com você, tudo bem? — Foi engraçado vê-lo silenciar aos poucos enquanto eu conversava com ele. Ótimo, vamos falar então. — O que você fez hoje, hein? Tomou bastante leite, fez um *cocozão* para o seu pai limpar? Por favor,

faça isso, ele merece sujar as mãos.

Senti sua barriguinha fazer barulho. Apoiei minha mão nas suas costas e no seu bumbum, quase o envolvendo por completo. Ele parecia protegido e eu, com um orgulho do caralho que consegui o acalmar.

— Gosta assim, né? Eu também curto deitar de bruços, melhor posição. — Comecei a bater bem suavemente no seu bumbum e seus olhos começaram a fechar. Porra, ele ia dormir? Eu seria tão bom assim? — Antes de dormir, sorria para a selfie, Maurício.

Peguei o celular, mirei em nós e tirei várias fotos. Comecei a balançar meu corpo do jeito que dava e segundos depois, lá estava ele,

dormindo profundamente e eu sendo dominado pela sua calmaria.

Nem parecia o bebê que estava deixando minha cunhada com os cabelos em pés.

Pouco tempo depois, Luana apareceu recomposta, de banho tomado e olheiras.

— Desculpa, Leo. Não estava no meu melhor momento. Passou, nada que um banho não renove minhas forças. — Apontou para nós. — Meu Deus, ele ama ficar assim no Fred.

— Ele sabe que o papai tem que trabalhar e já que o tio estava dando sopa, aproveitou o passeio. — Luana se afastou, pegou o celular e tirou fotos. — Não mande no grupo da família.

— Só para as meninas. Feche o olho e

finja que está dormindo com ele. — Tirou outras fotos e suspirou. — Ele acabou de mamar, vai dormir alguns minutos antes de pedir mais. — Foi tirar o bebê do meu colo e a impedi.

— Pode deixar aqui. Ele estava precisando de um colo diferente e acho que eu também.

Ela se afastou, olhou para o celular e depois para mim com um sorriso divertido.

— Por que veio aqui, Leo?

— Algo me disse que você precisava de ajuda. Pelo jeito acertei.

— Não tem nada a ver com você almoçando com Alexia na casa dela? — Sentou-se no sofá próximo de mim.

— Ela já contou tudo para você? — Senti-

me invadido. Não iria funcionar se ela dissesse que eu ensinaria atirar.

— Não, Alexia é um poço de mistério. Só que quando estamos felizes, é difícil guardar as coisas para si. Eu mandei a foto para o grupo e ela comentou que o cheiro da comida dela enfeitiçou Maurício. Depois apagou, mas eu li. — Seus olhos brilharam. — Não sei qual é sua intenção com minha amiga, mas confio no meu marido e toda a sua família.

Fiquei em silêncio, foquei em Maurício e não respondi ao voto de confiança cega da minha cunhada. Dessa vez, alguém conseguiu me tirar da zona de conforto ao confiar mais em mim do que eu mesmo.

— Vou ficar com ele até acordar. — Assumi a responsabilidade e Luana se levantou para beijar seu filho.

— Aproveite o tio, meu *corujinho*. Vou dormir um pouco.

Sem me dar conta, permaneci admirando o bebê no meu colo até Fred chegar do serviço e Luana acordar. Minha mente se esvaziou e consegui encontrar uma paz que nem sabia que poderia existir.

Eu amava meu sobrinho.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Leo

Saí da casa do meu irmão direto para o boteco. Overdose de família e coisas simples da vida me fez surtar por dentro. Não estava preparado para me tornar uma pessoa caseira.

O que foi aquele momento com Maurício enquanto ele dormira? Sentia calafrio só de pensar em ter um filho próprio, com o emprego que tinha, não conseguiria agir com eficácia, uma vez que sempre ficaria preocupado com quem ficou para trás.

Estar com Alexia de forma amistosa também mexeu demais comigo, por isso que precisava de cachaça e uma mulher para esquentar meu corpo e minha cama.

Sozinho em uma mesa, olhei para o meu celular e relutei em chamar algum dos meus primos. Tão dedicados as suas novas vidas de homem casado, nenhum deles viria me fazer companhia.

Preferia não me envolver pessoalmente com meus colegas de trabalho, mas não teve jeito, Zander foi acionado.

— E aí, cara, beleza? — falei enquanto tomava um gole da minha cerveja.

— *Você está de licença, isso quer dizer*

que é uma ligação pessoal. Está doente?

Eu sabia o quanto era incomum uma ligação dessas, mas era uma emergência. Homem sozinho em um boteco não atraia mulher nenhuma, porque todas sabiam que era apenas um corno ou um chorão.

— Vai se foder e vem tomar uma comigo aqui no Miça.

— Deixei de ser religioso há muito tempo, Leonides. O que você realmente quer?

— Um companheiro que não seja um babaca para tomar cerveja comigo e encontrar alguma mulher para beijar no BAR Miça — medi minhas palavras, porque uma muito interessante morena passava por mim e não poderia dizer foder.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Em quinze.* — Encerrou a ligação.

Zander era o homem que eu tinha mais afinidade dentro da Hold, mas nunca ultrapassou a barreira do profissional por conta da necessidade de estar no controle da minha vida. Enquanto ninguém soubesse da minha rotina pessoal, não poderiam usar como arma de chacota, como meu irmão costumava fazer comigo. Odiava bullying, por mais inocente que fosse.

Quinze minutos depois, lá estava Zander com seu jeito relaxado sorrindo para todos ao seu redor. Sentou-se na cadeira a minha frente estendendo a mão para que cumprimentasse e pediu a mesma cerveja que eu estava tomando.

— E então, onde estão as gatinhas?

PERIGOSAS ACHERON

Era óbvio que ele não se importaria de conversar cinco minutos comigo antes que fôssemos a caça. Quando sua cerveja veio, levantei-me e apontei com o queixo para um grupo de mulheres que estavam perto da pista de dança.

— Estou de olho na de vestido verde — falei para impor minha preferência.

— Ótimo, eu fico com as outras três. — Sorriu com malícia e andamos despreocupados até as mulheres. Eu duvidava muito que ele ficaria com todas elas, como mencionou.

Tomei a iniciativa de nos apresentar, fiquei mais próximo da mulher por quem eu deveria me sentir atraído e frustrei mais e mais. Não só o papo estava sem graça, mas não havia a química

instantânea quando encontrava alguma mulher para foder na balada.

Deixei que Zander assumisse a conversa e no final, lá estava ele indo para a casa de uma delas com todas em sem encalço.

— Tem certeza que não vai querer vir junto? Eu não vou ficar olhando para você enquanto estiver com todas elas.

— A minha tíbia está doendo, vou para casa. — Não sorri e nem me despedi, apenas fechei a conta e fui para casa com vontade de cuspir fogo.

Quando cheguei em casa, liguei o som e sintonizei a rádio para escutar:

“E quem me viu, se visse hoje não acreditaria

Troquei o bar, agora é só sorveteria

Só eu e ela quem diria

Que o cachaceiro virou homem de família”

— Porra! — Bati no botão de desligar e fui até o meu quintal, aproveitar a piscina e recuperar um pouco do meu juízo.

Trabalhava com arma de fogo, matava pessoas e ainda era muito bem remunerado. Minha missão com Alexia era apenas mostrar a ela que poderia voar muito além do que ela achava. A porra da borboleta poderia ter o mundo se saísse das sombras.

Tirei toda a minha roupa e nadei nu, para minha completa indecência. Não só imaginar Alexsandra cozinhando para mim me excitou,

como também imaginá-la muito além da distância que existia entre nós.

Nadei buscando a exaustão, porque me negava a ultrapassar essa barreira. Há certos traumas que poderiam marcar eternamente uma pessoa e com meu temperamento, eu não seria a pessoa ideal para que ela superasse, por exemplo, seu receio quanto ao contato íntimo. Estava óbvio que ela se manteve fechada, provavelmente nunca havia beijado na boca.

Não sabia lidar com virgens, eu gostava da putaria.

Saí da piscina e ignorei meu pau duro enquanto caminhava para dentro de casa em busca de uma toalha. Gostava da adrenalina, a sensação

de estar fazendo muito mais do que o básico durante o sexo. Alexia não saberia lidar com esse meu lado.

Espere... e quem disse que eu pretendia mostrar isso a ela? Precisava de foco, minha intenção era fortalecer seu ego e sua independência, não tinha nada a ver com sexual. Ela era uma mulher bonita, por mais que usasse roupas para ocultar seu corpo, sabia que existiam curvas suaves que hipnotizariam qualquer homem.

A lembrança do abusador me veio à mente e precisei respirar fundo várias vezes antes de buscar meu quarto, deitar na cama e dormir. Alexia não precisaria matar seu passado para viver bem no presente, mas eu, com certeza, não teria nenhum

problema de descarregar minha raiva nele.

Meu celular tocou quando mal respirei aliviado.

— *Todos os agentes estão convocados, temos uma emergência* — De Paula falou assim que coloquei o celular no ouvido. Não tinha distração melhor do que o trabalho.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Alexia

— Impressão minha ou alguém veio aqui em casa, filha? — minha mãe questionou alguns dias depois que eu e Leo almoçamos juntos. Confusa era um eufemismo para o que tinha na minha cabeça e certeza era tudo o que sentia. Tinha feito terapia demais para saber que deveria dar voz as sensações e esquecer o racional.

Estava preparando um risoto para o jantar, papai logo estaria em casa e nós três poderíamos ter uma refeição juntos. Precisava contar o que

aconteceu, só não sabia como começar e nem queria falar com um e depois com outro.

— Por que diz isso? — Usei a estratégia de Sônia, respondendo com pergunta e deixando que o outro discorresse sobre suas próprias conclusões.

— Porque eu te conheço e também minha casa. Havia um prato a mais do escorredor de louça e esperei que você me contasse, mas como não o fez, estou dando o primeiro passo.

Ela olhou o que tinha dentro da panela e deixou um beijo na minha bochecha. A pressão que ela fazia era muito mais suave que a do Leo, mas tão intensa quanto. Não pretendia mentir para os meus pais, queria apenas tirar esse peso de estar

confraternizando com o inimigo.

Não recusaria por nada a chance de aprender atirar. Pensava no quanto estava me sentindo segura só de me imaginar com uma arma empunhada. Todos os medos do passado pareciam se dissolver da minha frente, era mais do que necessário aprender a me defender, mas para isso, meus pais precisariam saber que dei uma chance para Leo.

— Posso esperar papai chegar e falar com os dois? — Olhei-a se sentar à mesa e me observar com carinho.

— Claro, minha filha. Enquanto isso, vou apreciar a minha chef de cozinha particular fazendo a melhor janta.

Sorri com orgulho, porque receber um elogio da minha mãe era algo espetacular. Mesmo com minha idade, sentia que ainda existia uma criança dentro de mim que nunca acreditou que poderia ser boa o suficiente, mas agora, eu só queria poder voar.

Isso me lembrava Leo e sua comparação da borboleta saindo do casulo, comigo. Recordei o dia da despedida de solteira de Laís e a dança no pole dance. Como algo que achava tão indecente se tornou divertido? Luana gravou nossa performance e mesmo eu estando quase apagada, via e revia esse vídeo, uma forma de perceber que eu não estava presa dentro de mim, não mais.

Apesar de Leo ser muito exagerado para

meu gosto, percebi que foi por conta das suas ações extremas que olhei para tudo de uma forma diferente. Tratamento de choque ou se poderia ser mais suave, a questão era que a ação já tinha sido executada e eu me sentia diferente.

E, seguindo o conselho de Sônia, busquei reverter a situação para a minha realidade. Ele queria me ajudar e ser bruto? Tudo bem, mas havia regras para serem seguidas. Em apenas um almoço, ele conseguiu mostrar que era disciplinado o suficiente para não me tocar ou avançar o sinal, além de obedecer sempre que eu pedia algo, como ir embora. Ele iria se eu não pedisse para ficar, mais um bônus para que minha confiança nele aumentasse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu pai chegou para meu alívio. Não conversei com minha mãe, mas minha cabeça estava fervilhando de pensamentos. Servi nós três em pratos decorados e iniciei a conversa antes mesmo de dar a primeira garfada:

— Leonides vai me ensinar a atirar. — Ambos soltaram os talheres e me encaram chocados. — Sei que ele errou em confrontar você, mãe, mas...

— Por que está se relacionando com alguém que não tem um pingo de consideração por nós, filha? — a pergunta doeu muito mais do que imaginava. Racionalmente, eu não sabia explicar, mas o que eu sentia ao me permitir isso, era fácil de dizer e foi com base nisso que respondi:

PERIGOSAS ACHERON

— Sônia falou algo para mim, sobre me sentir forte por dentro e resolvi tentar. Se eu souber me defender, me sentirei segura e confiante para fazer outras coisas.

— Isso quer dizer que não se sente segura com a gente? — Meu pai me encarou triste. — Sabe que irei proteger vocês duas com minha vida. Não precisa portar uma arma para isso.

— Você não frequenta lugares que precisa estar armada. Além do mais, se quiser atirar, não precisa ser com ele. — Minha mãe fez uma careta.

— Talvez sim, mãe. Eu quero fotografar, não só para meus amigos, para outras pessoas, eventos, outras cidades... E se... ele... aparecer? — Tentei não soar desesperada.

— Filha, ele está preso. — Minha mãe arregalou os olhos e olhou para o meu pai, entendendo que não, ele não estava mais preso. — Oh, meu Deus, amor, ele está aqui?

— Como ficou sabendo? Por que não nos contou antes? — meu pai me repreendeu, levantei-me da cadeira e afastei.

— Eu sou maior de idade e apesar dos meus traumas, quero fazer diferente vocês deixando ou não.

Um silêncio se formou, minha mãe se levantou e meu pai pegou o celular para ver algo, provavelmente sobre a saída daquela pessoa da prisão.

— Não se envolva com Leonides, minha

filha. Ele é desequilibrado, mostrou sua verdadeira face aqui, comigo e com seu pai. Não respeitou seu passado, o que passamos! O Fred não pode te ajudar?

Ah, se ela soubesse que Leo tinha muito mais a mostrar do que seu lado explosivo. Paciente e amoroso, aquela foto dele com Maurício e tudo o que tinha registrado pelas minhas lentes era um exemplo de que Leonides Saad era muito mais do que seu mal humor.

— Ele quer se desculpar e uma das coisas para que isso aconteça é me ensinar a atirar. Eu vou — decretei e percebi que nenhum dos dois iria me dissuadir.

— Você pode fazer o que quiser para se

sentir melhor e ser feliz, minha filha. Se minha opinião tem algum peso, busque tudo isso longe dele.

Fui para o meu quarto e me joguei na cama para tentar acalmar meu coração. Depois de anos seguindo tudo o que minha mãe dizia, essa seria a primeira em que faria do meu jeito e estava me sentindo... confiante.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Leo

Troquei algumas mensagens com Alexia durante a semana e confirmei nossa ida ao estande de tiro. Tão envolvido com o trabalho, não me preocupei se estava sendo grosso ou reticente, a verdade era que não tinha nada com essa menina que fosse meu senso de justiça, para vê-la livre do passado que a aprisionava.

Foi nisso que me apeguei quando dirigi até a casa dela e a vi me esperando olhando da janela da sala. Nem precisei sair do carro, só esperei que

viesse até mim.

Os pais estavam em casa, era final de semana bem cedo. O que será que ela falou para eles? Com certeza sou uma *persona non grata* por eles.

Ela saiu de casa e se controlava para não pular. Tive que sorrir quando passou por mim e entrou no carro mudando o ar tenso que eu estava para algo mais suave. Ergui minha mão para acenar aos pais que me olhavam do mesmo lugar que ela estava e segui com ela tossindo por estar um tanto constrangido.

— Meus pais esperam que eu aprenda a atirar e que faça isso em você — ela falou divertida e ri alto. Nem pensar eu seria seu alvo nesse dia.

— Acho que terei um caminho muito maior para percorrer com o seus pais, em busca do perdão.

— Eu não sou uma pessoa fácil, ainda não te desculpei. — Olhei-a de canto e fiquei sério, porque suas palavras me surpreenderam.

— Estou te levando para atirar. Pensei que essa era a recompensa por ter me desculpado — meu tom saiu mais chateado que o esperado.

Fui beliscado no antebraço e encostei o carro com indignação.

— O que foi isso? — Ela não parecia assustada, pelo contrário, havia um ar superior calmo tentando me dominar.

— Você me desculpa? — perguntou

indiferente e se não fosse por ela, eu já tinha a enxotado do carro.

— Claro que não, por que você me beliscou, porra?

Ela revirou os olhos, olhou para frente e cruzou os braços. Quando abri a boca para falar mais alguma coisa, sua voz suave me freou:

— Pois é. Eu também não te perdoo, porque ainda não sei o motivo por ter invadido minha casa e falado tudo aqui para mim e minha mãe.

— Não tem nada a ver, já expliquei que exagerei, que foi... — Ela tampou minha boca com a mão e ficamos um momento estáticos por conta do toque inesperado. Sentir seus dedos nos meus

foi bom, agora, sua mão na minha boca? Estava me deixando excitado.

Ela voltou para a sua posição, cruzou com força os braços e suspirou.

— Não quero que você explique, da mesma forma que não vou explicar para você o motivo do beliscão. Descubra sozinho e sinta o perdão em você. — Deu de ombros. — Estamos quites agora, eu não te desculpo, você também não. Pronto, pode continuar dirigindo.

Essa borboleta estava parecendo mais uma fada travessa. Apenas para não sair perdendo por completo, ainda fiquei um tempo sem me mexer, então acelerei e o carro seguiu para a avenida, depois o rodoanel. O estande de tiro que escolhi era

fora da cidade e tinha cenários táticos para as equipes treinarem.

Ao lembrar do serviço, minha seriedade aumentou e minha cabeça começou a trabalhar em prol de solucionar o problema atual. Havia um grupo ou quadrilha atacando os meus colegas de trabalho. Não havia nenhuma pista, mas muita munição gasta e estragos materiais. Dois agentes e suas famílias estavam refugiados nas casas seguras da Hold. Isso queria dizer que todos estavam em alerta, inclusive eu.

— O que é N? — Alexia perguntou me tirando da seriedade dos meus pensamentos. Olhei para o câmbio do carro automático que estava dirigindo, depois para ela e juntei os pontos.

— Você não sabe dirigir?

— Não. Nem andar de bicicleta. Há muitas coisas que deixei de fazer por conta do medo.

Estava no rodoanel, então, entrei numa estrada de chão e parei.

— Antes de chegarmos no estande, você vai dirigir. — Saí do carro ao som dos seus protestos e quando abri sua porta, ela me encarou preocupada. — Poder estar aonde quiser, sem precisar de carona ou depender de motorista. Você quer sua independência, certo?

Havia apertado o botão certo, porque ela pulou para o banco do motorista rapidamente e eu me sentei no seu lugar.

— Coloque as pernas para o lado — falei

esticando meu braço para baixo. Ela pareceu congelar e percebendo o duplo sentido das palavras, complementei: — Vou regular o banco para você, estou esperando sua autorização.

O suspiro aliviado poderia ser engraçado se eu não soubesse o seu passado. Esbarrei na sua coxa quando puxei para frente e peguei o cinto para que ela usasse.

— Meus pais só têm carro automático, mas tive vergonha de perguntar sobre dirigir.

— N de neutro, é o ponto morto, quando você para o carro. Agora, pise no pedal da esquerda, o freio. — Ela o fez, peguei o câmbio e mudei para D. — D de dirigir ou drive. Solte o freio aos poucos. — Ela fez e correu para segurar o

volante quando o carro andou. — Sim, por favor, motorista, segure o volante.

— O carro está andando! — Impossível não sorrir ao tamanho do seu assombro. Algo que nunca dei valor, ou melhor, sempre fez parte da minha vida, agora, tinha um novo olhar. Será que ela toparia andar de avião também?

Desnecessário, Leo. Está querendo romantizar algo que está longe de ser flores?

Minha mente parecia avessa a pensar em atitudes que iam além do apresentar o básico para ela se sentir segura e voar sozinha para o mundo.

— Acelere um pouco, pedal da direita — pedi e ela fez com tal suavidade que nem parecia ter aumentado a velocidade. Quando achei que

precisaria pedir mais, ela afundou um pouco mais o pé e o carro seguiu rápido demais, depois parou brusco, conferi o pé no pedal e estava o esquerdo.

Alexia me encarou assustada. Ri alto, ela ainda tinha muito o que aprender.

— Quanto tempo temos? — perguntei com um brilho nos olhos e ela se inflou ao perceber que eu estava disposto a instruir ainda mais sobre a direção.

— Tempo suficiente para acertar um alvo e agora, aprender a dirigir. Eu quero fazer isso Leo!

Ah, ela finalmente me chamou pelo apelido e isso fez bem para o meu ego e mal para a minha mente indecente.

Deixando a energia do momento me

dominar, andamos pela estrada de chão, ensinei a fazer manobra e a estacionar de frente, quando não tiver ninguém por perto. Ela voltou até o rodoanel e eufórica, quando abrimos a porta do carro para trocarmos de lugar, ela ameaçou me abraçar, depois recuou e correu para o seu lado.

O que será que eu faria com ela nos meus braços?

Preferia nem imaginar no tanto de controle que eu teria para não deixar minhas mãos sentindo suas costas, subir para a nuca e apreciar a textura dos seus cabelos.

Segui em silêncio para o estande de tiro. Não precisávamos mais de palavras, as ações mostraram muito mais a gratidão que ela sentia do

que qualquer obrigado.

Parei o carro perto da casa onde o armamento ficava e inclinei meu corpo para pegar algo no banco de trás. Meu olhar foi para o dela e sem desviar o foco, entreguei uma caixa a Alexia.

— Essa é a sua arma. Você não pode andar com ela, tem que ficar em casa, dentro de um cofre. Se for fiscalizada, até presa você pode ser. — Sorri por conta do seu semblante de desespero. — Mas hoje está tudo certo. Semana que vem podemos arrumar a documentação da sua arma e você poderá carregá-la para qualquer lugar.

— Você acha que eu devo ficar com ela sempre comigo? — Ela abriu a maleta e tirou a arma de dentro.

— Eu acho que você deve se sentir segura, com ou sem arma. — Lembrei do meu primo Bastien e as lutas. — Parece que haverá treinamento para defesa pessoal na academia do meu primo. Acho que pode te ajudar também.

— Eu gosto disso. — Seus olhos brilharam. — Seria perfeito. Uau. Você deve estar doente ou eu estou delirando. Percebeu que não discutimos?

— Ainda lembro do seu beliscão, dói. — Fechei a cara e ela deu de ombros abrindo a porta.

— A recíproca é verdadeira. Vamos, quero atirar igual a Viúva Negra.

E sem perceber, eu estava tocando suas mãos, abraçando seu corpo e o posicionando de

forma tática. No momento em que tudo aconteceu, não houve malícia, acredito que nem Alexia percebeu o que estava acontecendo, mas depois, quando a deixei em casa no final do dia com um sorriso no rosto, o toque da sua mão na minha me fez relembrar tudo o que passamos e meu corpo inteiro reagiu a ela de forma diferente.

Porra, eu não podia me envolver dessa forma com ela.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Alexia

Depois de quase uma semana me sentindo eufórica por portar uma arma e saber atirar, mesmo com o ar reprovador dos meus pais, eu me permiti deixar a arma de lado. Parecia que mais e mais o passado estava ficando distante e o presente, aquele que sentia adrenalina no sangue, o coração bater e o estômago embrulhar, estava mais presente e real.

Leo, como sempre, enviava mensagens curtas para mim e nunca mantivemos uma conversa decente dessa forma. Como eu era muito retraída e

tinha meus segredos, imaginei que ele fosse igual. Mas... queria tentar algo novo e até o momento não sabia qual assunto tocar para conseguirmos falar por mais do que três mensagens.

Quando ele queria se desculpar, fez mais do que isso. Então, antes de dormir, no final de semana, fiz uma última tentativa.

Alexia>> Oi Leo, como está? E o beliscão?

Leo>> Que beliscão?

Sorri por pensar que ele poderia estar fazendo uma brincadeira, mas vindo desse Saad, essa sempre seria a última opção. Ele nunca dava oi ou perguntava como estava, era sempre direto e objetivo, algo que já estava me habituando a ele. E

seu apelido agora vinha fácil para mim. Antes, tentava manter distância, agora, tê-lo perto parecia essencial.

Alexia>> Aquele que te dei no dia que fomos no estande de tiro. Se não lembra, quer dizer que já melhorou, ou seja, já me perdoou.

Leo>> Isso só irá acontecer se você também o fizer. Me desculpa?

Mordi o lábio contendo minha necessidade de filosofar sobre o racional e o sentimental. Por incrível que pareça, estava tendo mais contato com ele do que meus amigos, que eram parente deles. Não sabia dizer o que isso queria dizer, mas enquanto eu me sentisse bem, continuaria a jornada.

Alexia>> Você ainda me levará para a aula de defesa pessoal?

Leo>> Diferente de atirar, defesa pessoal levará dias para aprender. Faça a matrícula na academia de Bastien, você não precisa me esperar para ir até lá.

Alexia>> Tudo bem, eu me viro e você está perdoado. Obrigada.

Fiz bico e bufei esperando sua resposta. Ele não percebia o quanto de insensibilidade suas palavras carregavam. Tudo bem que não tínhamos nada íntimo, mas tê-lo como companhia, sendo um guia, estava tornando tudo mais emocionante.

Ele me respeitava, mas eu aguardava o momento que ele deslizaria da sua armadura de

calma e contenção. O grande esforço que fazia era evidente. Enquanto Leo achava que estava no controle da situação, eu me submetia nos meus termos.

Tudo bem, era um jogo perigoso, ainda mais porque já estava matriculada nessas aulas de defesa pessoal.

Leo>> Estou com a cabeça cheia se não percebeu. Não tem como eu ficar de babá com você para cima e para baixo.

Alexia>> Que eu saiba, não pedi que fizesse isso, mas você sugeriu. Se estou incomodando, pare de falar comigo ou seja menos grosso.

Leo>> Não irei medir palavras com

você, ainda mais que sei que pode aguentar.

Alexia>> Você não vai me ferir novamente com seu mal humor e chatice. Vou aprender a me defender com ou sem você.

Leo>> Deveria ter agido dessa forma antes de mandar a primeira mensagem para mim.

Alexia>> Grosso. Vai tomar no cu.

Leo>> Grosso é meu pau. Estou irritado pra caralho por conta do serviço e não sou obrigado a ler essas reclamações de mulher que nem estou comendo.

Larguei meu celular e o encarei horrorizada. Estava além de chateada, porque na primeira conversa longa que tivemos pelo celular,

ele se comportou assim. Eu só queria... atenção. Muito ocupado com o trabalho, ao invés de me dispensar, pisou em mim com suas palavras indecentes.

Bufando de raiva, peguei o celular de volta e disquei seu número. Ah, ele iria escutar umas boas verdades e seria agora. Dessa vez iria fazer como meu pai instruiu, pegar a arma e mirar para ele!

— Olha aqui, Leonides Saad...

— *Estou irritado, sem conseguir transar e sem resolver o problema da empresa. Dá para entender que não sou uma boa pessoa para conversar nesse momento?*

— E quando você poderá fazer isso, hein?

Já parou para pensar que não tenho nada a ver com todo esse seu desabafo indecoroso?

— *Foda-se!*

— Vai tomar no cu!

Apesar do silêncio, conseguia escutar sua respiração do outro lado da linha. A minha também estava descompassada, caminhei um pouco e depois me joguei na cama de olhos fechados.

Que conexão era essa que eu estava sentindo com ele?

— *Desculpa* — ele falou baixo e suspirou. — *Estou tão acostumado a agredir verbalmente primeiro, para me defender, que agora virou hábito. Eu falei um monte de merda, me desculpe.*

— Acho que não sou a única com um

passado sombrio. Estou errada? — questionei suave.

— *Odeio que brinquem comigo, chacota ou bullying. Em grande parte, todas elas me ofendem e eu revidarei com toda a minha força.*

— Eu não estava brincando com você, Leo.

— *Só me deixe quieto quando estou desse jeito. Eu fico cego.*

— Então abra os seus olhos e veja quem está a sua frente, ou no telefone. Apesar do seu jeito bruto e insensível, achei que tínhamos evoluído depois do estande de tiro. Você terá que ligar algum tipo de freio e não falar essas merdas, ninguém é obrigado.

— *Você nunca irá me perdoar se eu continuar sendo eu mesmo?*

— Eu aprendi a atirar, Leo. Arrisco dizer que também sei dirigir. Quanto mais você tentar me afastar, mais eu farei você enxergar que está prejudicando apenas você mesmo com isso.

— *Você foi ofendida.*

— E depois recebi um pedido de desculpas. Até quando ficaremos nesse ciclo de machucar e se desculpar?

Seu suspiro alto me fez abrir os olhos e refletir sobre o motivo de estar tão determinada em tê-lo sereno. Como ele mesmo disse, não éramos nada para um cobrar do outro, mesmo o respeito.

— *Achei que só eu tinha algo para ensinar*

a você. Não vou perder o controle novamente, mas entenda quando eu disser que estou com a cabeça cheia.

— Até os mais traumatizados podem ensinar algo sobre a vida. E quando perder o controle, entenda você que sua cabeça cheia poderá ser esvaziada se der uma chance de conversar sem cobranças. Não sou sua namorada, só achei que estávamos tendo bons momentos juntos.

Escutei vozes ao fundo da ligação, um pigarro e depois a voz de Leo:

— Preciso voltar, nos falamos amanhã no almoço no Haras.

Ele encerrou a ligação, olhei para o aparelho e me senti levemente ansiosa. Almoço

com a família, rever Leo e ter minha mãe para me inibir. Nunca fui contra ter meus pais por perto, mas pelo jeito, teria que agir diferente dessa vez, porque queria aproveitar a proximidade com Leo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Leo

Cheguei cedo no Haras e ajudei o pai de Luana com alguns afazeres antes de começarmos o churrasco que reuniria toda a família. Sério e trabalhador, o sogro do meu irmão era uma ótima pessoa para se ter quando precisava buscar equilíbrio. Nunca fui ansioso, mas só de pensar em ver Alexia hoje me fazia embrulhar o estômago. Não tinha mais dezessete anos, muito menos ela era minha namorada. Qual era meu problema?

— Quer conversar? — ele perguntou

quando caminhamos de volta para a área de lazer do Haras.

— Cabeça cheia. Alguns problemas que não consigo resolver na empresa.

— Quem pensa não casa, quem casa não pensa. Já ouviu esse ditado?

— E quem disse que estou pensando em casamento? Sai fora, seu Zé. Isso é coisa para sua filha e genro.

Ele me olhou como se soubesse mais do que falei e deu de ombros.

— Vou acender a churrasqueira para quando seu Júnior chegar e estar pronto para colocar as carnes para assar. Minha filha precisa de alimento para produzir leite para meu neto.

— Eu vou tomar uma cerveja enquanto vejo o senhor trabalhar. — Toquei seu ombro e ele me olhou sereno. — Seu filho está em um bom caminho.

— Obrigado por tudo — falou emocionado. — Só quando você virar pai saberá o peso da gratidão que tenho por sua família.

Sorri para disfarçar meu incômodo sobre sua fala anterior e logo os carros começaram a chegar. Como de costume, Fred foi um dos últimos. Com ele e sua família estava Alexia e não pude deixar de olhar com fixação para seu vestido florido e botas, uma roupa perfeita para o clima country.

— Hoje trouxe a máquina, vó — escutei

ela falar com vó Cida.

— Precisa avisar meu filho para revelar essas fotos. Quero fazer um grande quadro com todas elas! — Como sempre, a vó cobrou algo do meu pai. Não bastava ser o filho mais velho, tinha que ser o homem.

— Está precisando de um babador? — Laís falou perto de mim, olhei-a assustado e ela sorriu ainda mais. Parecia radiante com sua barriga de fora e roupas reveladoras. Todos na família já estavam acostumados e respeitava seu jeito de ser.

— Esse menino já vai nascer.

— Não mude de assunto. Pedro ainda tem alguns meses dentro da barriga, mas você, está pronto para sair do armário.

— Não faça isso, meu primo. — Ricardo apareceu e me abraçou de lado. — Se você precisa que alguém te leve no puteiro para virar homem, eu faço — falou baixo.

— Larga do meu pé, porra — resmunguei e saí de perto deles para ver meu sobrinho.

Aproveitei para ficar um tempo com Fred, Luana e Maurício até que ele precisasse ser amamentado e eu fosse para perto da churrasqueira dar espaço a eles.

Olhei Alexia tirando fotos, conversando abertamente e reparei que sua mãe não estava junto como de costume. Meu peito se encheu de orgulho por perceber que ela parecia disposta a ser independente como sempre achei que deveria.

Meus pais vieram da grande casa até a churrasqueira e minha mãe foi abraçada por ela. Não bastava se portar como uma mulher no comando, tinha que me surpreender mais ainda com esses atos íntimos que ela tanto repudiava.

Olhei para o canto onde os primos solteiros ficavam para contar sobre as aventuras do final de semana e percebi que todos estavam muito focados nas grávidas e nos bebês. Fase ou definitivo, pelo jeito eu seria o único a não me misturar.

— Oi — Alexia me abordou, colocou a câmera no rosto e tirou uma foto séria minha. — Ainda de cabeça cheia?

— Ele anda pensando muito, minha filha

— seu Zé falou para nós dois enquanto caminhava até o banheiro e dei de ombros. Melhor isso que o tal ditado de casamento.

— Você pode me mostrar até aonde eu posso ir para tirar fotos da paisagem? — Ela apontou para o alto. — Vi algumas araras ali.

— Venha. — Joguei minha cerveja no lixo e a levei para os cantos que conhecia.

Nem percebi que tinha feito quando segurei na sua mãe segui para longe da churrasqueira, em direção ao pasto e a parte de floresta do Haras. Ela soltou da minha mão para registrar algumas fotos, então me toquei que, na frente de todo mundo, eu saí para andar no mato de mãos dadas com Alexia.

— Vai dar merda — resmunguei baixo.

— O que foi? — Ela tirou uma foto minha e depois focou na vegetação. Fui caminhando para a cerca e ela me acompanhou tirando fotos.

— Eu saí de mãos dadas com você no meio da minha família. O que você acha que eles devem estar pensando?

Ela ficou em silêncio, passei pelo meio da cerca e a ajudei a fazer o mesmo. Um casal de araras passou, ela rapidamente ergueu a câmera e registrou até o momento que pousaram em uma grande palmeira.

— Veja. — Ela me mostrou a tela da câmera e pela primeira vez percebi que Alexia não era apenas uma curiosa das fotos, ela fazia a foto.

— Onde está a minha foto? — pedi e ela hesitou passar as fotos antes de chegar na minha. Senti seu suspiro quando me vi pelos seus olhos. Olhar assustado, boca fechada com força e ar acuado. Eu era tão frágil assim? — Apague.

— Eu não vou revelar nem nada. É só uma foto.

— Apaga isso, Alexsandra! Estou parecendo um *viadinho*! — falei alterado e ela deu um passo para trás com ar irritado.

— Lá vem você e esse mal humor. Não há nada de *viadinho* aqui. É espontâneo, o seu lado verdadeiro, que só podemos ver quando te pegamos de surpresa. Não há vergonha nisso. — Ela tirou o cordão do pescoço da câmera e entrou para mim.

— Tente você fazer isso comigo, eu não tenho mais medo.

Quando peguei a câmera, fui para a foto com a intensão de excluir. Desviei o olhar e lá estava o barulho de mato sendo pisado, Alexia estava correndo.

— Onde você vai? — gritei e ela jogou os braços para o ar.

— Não sei, estou esperando ser pega de surpresa para você fotografar e ter a sua vingança.

Mais ágil, corri além dela, tirei fotos fora de ângulo até que percebi que precisava a surpreender. Peguei-a no colo, ela gritou e estendi o braço para registrar uma selfie, se isso fosse possível.

Acabei me desequilibrando, caímos no chão, ela por cima de mim. Percebi que seu corpo tinha retesado e sua respiração estava presa. Fechei os olhos e soltei meus braços dela, ela precisava confiar em mim.

— Você pediu que eu fizesse uma surpresa e eu fiz. Só isso. Minhas mãos não vão se mexer até que você diga que possa. — Senti o coração na boca, a cabeça que estava cheia, agora, parecia vazia à espera da sua reação.

Senti que ela se levantou de cima de mim, sentou-se ao meu lado e começou a me tocar com suavidade. Abri os olhos e percebi que estava curiosa quanto ao meu pescoço, depois o braço e peito. Quando chegou na barriga, ela deixou a mão

lá e não avançou mais.

Quando achava que iria surpreendê-la, lá estava ela para me deixar mais ainda embasbacado.

Algo estava fugindo do meu controle.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Leo

— Você é duro. — Sua mão subiu no meu peito e apalpou. Ri baixo e me remexi, a grama de pasto estava me pinicando.

— Sim, eu sou duro. Você também pode fazer isso enquanto eu estiver de pé, sem ter mato me pinicando.

— Oh! — Ela se levantou com pressa, correu para pegar a câmera que tinha sido jogada para longe e olhou a foto. — Se tivesse sido feita por um profissional, não ficaria tão boa. Olha! —

Ela me mostrou quando levantei e franzi a testa para sua percepção de beleza.

— Está horrível, Alexia.

— Meu rosto está cortado e o seu, mas olha essa luz, olhe além da imagem e veja parte do nosso assombro antes de cair no chão. — Ela voltou a admirar a foto e suspirou. — Nem meu pai me carregou no colo e você o fez.

— Desculpe, eu exagerei.

— Sim, mas está tudo bem. — Ela me encarou com admiração. — Eu não tenho medo de te tocar. — Senti sua mão no meu peito e subiu até meu pescoço. Nessa posição, bataria apenas meu movimento para que eu tomasse sua boca na minha.

Estava pensando em beijar Alexia?

— Eu...

— Se for demais para você, apenas recuse. Eu queria te ver nu.

Olhei para sua boca e com uma força que não sabia que existia em mim, ignorei seu pedido de me ver nu e me afastei. Caralho, ela estava se afeiçoando a mim e eu... só não poderia aceitar.

— Vamos voltar. Aproveite para falar com Bastien e ver o dia da aula de defesa pessoal. — Comecei a caminhar de volta.

— Eu só quero perder o medo de ver um corpo masculino nu. Se não puder, eu entendo.

— Você tem internet, conseguirá corpos masculinos nus bem mais fácil. — Por que eu só não dizia não? De onde era essa vontade de fazer o

que ela queria?

— Obrigada. — Ela correu para me alcançar, segurou minha mão e apertou. Retribui o aperto e só não a puxei para um abraço, porque Guido vinha em nossa direção e mais que depressa me afastei de Alexia.

Que confusão do caralho. Desde quando ajudar essa mulher a ser mais forte se tornou em como a tocar mais vezes? Em que momento ela me permitiria beijá-la?

Poderia culpar a falta de sexo, mas não era, porque fui atrás e não consegui. Sem excitação, zero adrenalina.

— Hei, o pessoal está preocupado com você levando Alexia para o meio do mato — meu

primo falou olhando de um para o outro.

— Leo me levou para tirar foto das araras. Olha que lindas! — Alexia correu para ele e mostrou a tela da câmera, coisa que me irritou de certa forma. — Vou voltar para as fotos de família e com os bebês.

Ela começou a correr em direção a churrasqueira e parei para a observar. Em um momento ela olhou para trás, sorriu e me ferrou para o resto da vida com esse ato.

— *Véio*, você demorou *pra* caralho. — Guido bateu no meu ombro e o encarei com raiva.

— Nem foi vinte minutos que ficamos afastado. Estamos falando de Alexia, eu não fiz nada com ela. Para de pensar nessas porras...

indecentes.

O riso alto me irritou e foi um ótimo convite para almoçar e seguir meu rumo. Apesar dos problemas na empresa terem sumido da minha mente por um momento, a questão com Alexia me dominou e me deixou mais ainda desconfortável.

— Não falei do tempo que estava no mato, mas quando você tiraria a cabeça do buraco e olhasse para essa menina do jeito que ela merece.

— Alexia é uma mulher — rosnei para ele me aproximando da área da churrasqueira.

— Exatamente, ela é uma mulher, você é um homem e a vida é bela.

— Suco na sua goela — emendei uma brincadeira antiga de criança e fiquei próximo do

churrasqueiro e longe dos meus parentes.

Desde esse momento, me tornei um expectador. Não conversei ou interagi, estava focado em comer e sumir, de preferência, para a empresa. Apesar de me irritar além do normal não encontrar o bando que estava ameaçando a equipe, era um local seguro para ficar e não pensar nas mil e uma maneiras de fazer Alexia me ver nu.

Porra, como assim ela me fazia uma proposta dessa? Sabia que não havia nada sexual, mas caralho... meu pau estaria duro só de ter seus olhos em mim.

Escutei ela combinando com Analia e Bastien sobre a aula de defesa pessoal e já criava uma situação na minha mente para estar presente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela deveria fazer tudo sozinha a partir de agora, porque havia sentimentos e tudo isso estava se misturando ao meu senso de dever. Era errado em tantas maneiras, ninguém deveria ter o direito de tocar em Alexia.

A não ser que ela pedisse e autorizasse, como fez há alguns minutos, minha consciência observou.

— Vou nessa — falei para Júnior na churrasqueira, vi o olhar preocupado de Alexia para mim e fui me despedir formalmente apenas dos meus pais e da minha avó.

Entrei no carro e precisei enviar uma mensagem para ela.

Leo>> Depois me manda a nossa foto.

PERIGOSAS ACHERON

Alexia>> Acho que foi eu quem exagerou dessa vez. Desculpa.

Leo>> Vou voltar para o trabalho. Você não fez nada de errado, quem está fodido sou eu.

Larguei o celular no banco do passageiro e segui para longe do Haras, da perdição em forma de menina que estava se descobrindo mulher. Ela me queria fazendo parte e eu estava apavorado.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Alexia

Criei uma agenda e percebi que estava ficando cada dia mais cheia. Depois do almoço no Haras, que pedi para minha mãe não ir e Fred me levou, não só a família Saad me queria, mas eles me indicaram para outras pessoas e elas estavam me contratando.

Nunca pensei que encontraria um emprego, mesmo que informal. Quando dei por mim, estava me sentindo poderosa. E o passado? Parecia mais e mais uma imagem borrada que eu

estava pronta para jogar no lixo.

Analia faria o chá de bebê daqui dois meses, para tristeza de Laís, que queria um novo chá de revelação elegante. Minhas amigas e suas particularidades estavam se tornando uma mina de ouro. De retraída e interessada, eu mais do que depressa me ofereci não só para fotografar, mas organizar.

No primeiro momento seria no Haras, depois ficou decidido no salão de festas do prédio de Bastien. A tradição do casamento ao ar livre pelo jeito seria quebrada, Analia não parecia tão adepta ao local. Não a culpava, a apresentação dela para a família e a briga com o Heitor naquele lugar não traziam boas lembranças.

Meus pais pareciam controlados, mas diziam estarem felizes pelas novidades. Minha mãe nunca mais falou de Leo e eu não toquei no nome dele, ainda mais quando meus pesadelos começaram a se mesclar com os sentimentos diferentes que sentia.

Conversei com Bastien e confirmei a retomada das aulas de defesa pessoal. O que Leo não sabia era que eu já fazia e parei por conta da notícia sobre meu abusador. O que eu queria era que ele ME ensinasse.

Fiz uma mochila para levar a academia no início da noite, peguei minha câmera e segui para a sala onde minha mãe estava, já que meu pai costumava chegar bem mais tarde. A semana tinha

começado e meu ânimo não estava abalado.

— Estou muito contente por você estar disposta — minha mãe falou pegando a chave do carro e saindo de casa comigo atrás. — Sabe que não precisa assumir esse gasto, eu e seu pai podemos pagar a academia para você.

— É uma sensação ímpar poder pagar minhas coisas. Minha meta é juntar dinheiro para pagar a carteira de motorista. — Sentei-me no banco do passageiro e a observei se movimentar no banco do motorista, algo que nunca tinha despertado interesse. Independência, como era boa essa sensação.

— Seu pai pode te ajudar, mas teremos que ver um carro mecânico. E não precisa fazer

tudo sozinha, podemos ajudar.

— Eu sei, mãe. Só quero parar de me sentir adolescente pelo o resto da vida.

— Não me importo disso — brincou e estendeu o braço para segurar minha mão. — Se eu exagerar na proteção, me avise. Só me preocupo com você.

— Sei disso, mas pode ficar tranquila que esses são meus passos e meus acertos e erros. — Abracei sua mão e suspirei. — O que aconteceu está no passado, não quero mais ter a sombra dele na minha vida.

— Não quero falhar novamente.

— A verdade é que você nunca falhou, mãe. Sempre senti o seu amor, o errado foi ele.

Ficamos em silêncio até chegar na academia. Quando fui beijar seu rosto para me despedir, percebi que estava chorando e engoli em seco para não fazer o mesmo. Eu estava progredindo com a dor, ela precisava fazer o mesmo com a culpa.

— Eu te amo, filha.

— Também te amo, mamãe. Qualquer coisa eu te ligo ou pego carona com o pessoal.

Saí do carro colocando a alça da bolsa no ombro e acenei para Joana na recepção conversando com sua nova assistente. Virei meu rosto para olhar a parte de dentro da academia e me surpreendi com Leo ao lado de Bastien na sala de vidro onde era executada as aulas.

— Acho que ele não sabe que você fazia aulas de defesa pessoal e Bastien está se divertindo com isso. — Analia apareceu e percebi que vinha do escritório do seu noivo. — Esses primos amam jogar gasolina na fogueira.

— Leo não gosta de brincadeiras. — Fiz uma careta. — Melhor eu falar de uma vez.

— Ah, amiga, ele precisa relaxar e se alguém poderá conseguir isso é você. — Olhei para a minha amiga advogada, que agora exibia uma singela barriga de grávida e sorri tendo uma ideia. — O que está planejando?

— Você tira as fotos.

Entreguei a mochila com minha câmera e fomos juntas para a sala. Outros alunos entraram

conosco e Leo tentou se manter sério quando me aproximei, por isso segurei sua mão e apertei, arrancando um sorriso dele.

— Oi. Pensei que essa etapa eu faria sozinha.

— Vim conferir se o treinamento é o certo para você. Além do mais, consegui folga hoje do serviço.

Ah, se ele soubesse que eu devolveria suas mentiras na mesma moeda. Soltei sua mão, olhei para Analia que se sentou em um banco e estava com a câmera no rosto. Será que ela já tinha feito algum registro? Meu Deus, o que era toda essa euforia que estava sentindo?

Fui para uma posição mais ao centro da

sala, a instrutora apareceu e Bastien saiu, mas não sem deixar um beijo na sua amada.

— Olá, turma. Hoje teremos a ajuda do primo do dono da academia. Leonides, seja bem-vindo.

Olhei para onde Analia estava, depois para Leo e sorri de lado. Ele percebeu o que fiz e tentou me intimidar com sua seriedade, mas conhecia esse homem muito mais do que ele imaginava. A lente de uma câmera não falhava, ele tinha um bom coração na pele de um ogro cheio de frases ofensivas.

Os primeiros movimentos foram individuais. Quando nos dividimos em duplas, eu com outra mulher, Leo se apressou a dispensá-la

para ficar comigo.

— Ele você não precisa ter dó, pode fazer com vontade — a instrutora falou baixo para mim, nos posicionou e simulou os golpes. Chute na canela, joelho na virilha e soco na garganta. Será que teria coragem de fazer tudo isso com ele?

Conferi Analia, depois Leo e ele sussurrou:

— Ainda estou esperando a foto que eu tirei da gente.

— Podem começar! — a instrutora falou alto.

Não perdi tempo o respondendo, chutei sua canela e percebi que era a perna lesionada apenas quando dei uma joelhada em sua virilha e

ele caiu no chão.

— Meu Deu, Leo, sua tíbia! — Ele gemia com a mão na virilha e a perna encolhida. O meu tiro saiu pela culatra, ao invés de surpreendê-lo de forma positiva, o fiz da pior.

Bastien correu até nós, pegou seu primo pelos ombros e saiu da sala. Nem me despedi da instrutora, correi com Analia atrás dos dois.

— Eu chutei bem na lesão dele — falei angustiada e minha amiga devolveu a câmera.

— Calma, está tudo bem.

— Meu Deus, ele nunca vai me perdoar.

Entramos no escritório de Bastien e Leo foi colocado no sofá. Enquanto ele gemia, eu virava uma panela de pressão de culpa. Ele reclamava

tanto de não poder trabalhar e agora, eu havia contribuído para isso.

— Alexia! — Leo falou alto e estendeu a mão na minha direção. O que ele queria que eu fizesse? Não foi minha intenção!

— Amiga, ele quer que você se aproxime. — Analia segurou meus braços e me ajudou a aproximar. Quando não vi raiva, mas preocupação nos olhos dele, ajoelhei no chão e peguei sua mão.

— Ah, Leo, eu tinha esquecido...

— Está tudo bem — falou baixo.

— Eu já fiz aula de defesa pessoal, queria te surpreender e tirar mais fotos. Meu Deus, me desculpa. Eu sei o quanto essa limitação te irrita, eu não queria te prejudicar.

Ele me puxou para deitar com a cabeça em cima do seu corpo e suspirou, então o fiz também. Ele parecia com dor, algo que eu queria que fosse embora.

— Me desculpa, Leo.

— Está tudo bem, Alexia. Acho que precisava disso para finalmente parar e me dedicar a recuperação dessa merda. Você não fez nada de errado, está tudo bem.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Leo

Depois de uma sessão de gelo e anestésico em pomada na minha tíbia, consegui sentar-me sem urrar de dor. Minhas bolas estavam ótimas perante a intensidade do chute de Alexia. Ela já fazia aulas e percebi que em nenhum momento falou que era novidade, só queria que eu participasse com ela.

Novamente fui fisgado pela minha própria armadilha. Estava de saco cheio de ficar vulnerável e agora, meu objetivo era repouso absoluto.

— Eu te levo em casa, Leo — Bastien se

ofereceu.

— Pode deixar, primo, Alexia me leva. — Brinquei abraçando a mulher ao meu lado e aproveitando esse contato como se fosse a última vez que ia acontecer. A verdade era que eu nunca saberia dizer que evoluiríamos para algo mais ou se retomaríamos da estaca zero. Então, desfrutaria ao máximo o que tinha para hoje.

— Está dirigindo? — Analia perguntou assombrada.

— Leo me deu uma aula. Ele está brincando, vou querer carona sim, Bastien.

— Então, eu dirijo. — Levantei-me com ela ao meu lado e fui mancando para a porta. — Consigo fazer tudo com um pé só.

— Vai lá, Rambo. — O primo brincou e nos acompanhou até o estacionamento da academia.

— Eu vou pegar minha bolsa, já volto. — Relutei em soltar Alexia e escorei no meu carro para me permitir gemer de dor.

— Mesmo na merda, ainda querendo dar um de machão — Bastien me repreendeu.

— Cala a boca, *véio*. Está tudo sob controle.

— Assim espero, porque o chute no saco que Alexia deu não é nem metade da intensidade que eu darei se você a magoar. — Analia ameaçou e sorri para sua ousadia.

— Lesão corporal serve para os dois lados,

doutora — insinuei que abriria um processo contra ela. Era uma droga tudo isso, porque mesmo que eu quisesse brincar, saia tudo errado.

— Não se o autor do processo estiver a sete palmos. Vai para casa e morda essa língua ao dizer algo para minha mulher. — Bastien se colocou superior a mim, puxou a mulher para longe e Analia voltou preocupada.

— O que foi? — questionou. Abri a porta do passageiro e me sentei exausto.

— Lembra quando eu disse que odeio que brinquem comigo? Pois é, também odeio fazer brincadeiras, porque sempre sai errado.

— É sério mesmo que você vai me pôr para dirigir sem carteira?

— Vamos para a sua casa, você vai treinando e o trânsito não é tão ruim assim. Você consegue, olhe para mim. — Abri os braços. — Você me derrubou, pode acreditar que pode fazer qualquer coisa.

Se eu não a conhecesse, diria que ela não tinha entendido minha fala. Tanto entendeu que foi até o banco do motorista, sentou e se ajeitou sem precisar da minha ajuda.

— Eu posso tudo, sou forte! — falou baixo para si, pisou no freio, ligou o carro e colocou o câmbio no R. — Podemos ir para a sua casa? — Sua ansiedade era palpável e tentei decifrar o que ela queria.

— Da minha casa a sua é muito mais

longe. Sou forte, mas não biônico.

— Sei que mandou eu pesquisar na internet e fiz, mas... — Ela tampou o rosto com as mãos. — Só me deixe te ver nu uma vez. Acho que estou indo tão bem, tocando as pessoas, aceitando serviços... falta pouco para me sentir normal.

— Alexia, eu...

— Sei que não tem nenhum interesse sexual em mim, no máximo somos amigos, por isso estou te pedindo. Depois, eu te perdoo e farei a cabeça da minha mãe para te perdoar também. Aí, você está livre.

Encarei-a assombrado, porque não sabia de que lugar ela tinha tirado tudo. Se soubesse que meu pau, a cada pensamento obsceno com ela,

ficava duro e precisava de alívio, ela nem cogitaria algo como isso.

Ela começou a dar ré e parecia no controle da situação. Demorei demais para avisar que deveria ir direto para casa e me esquecer. Porra, ela precisava fugir para longe de mim.

— Vá para a sua casa — meu tom seco a assustou. Ela virou o carro e segui para o caminho certo. — Você não precisa mais de mim.

— Desculpe se exagerei, Leo. Uma cena de um romance de época que li veio à mente e... — Suspirou. — Estou tão submersa em um mundo inocente que muitas vezes esqueço que a realidade é outra. Ninguém fica nu na frente de ninguém só por causa de um pedido indecente como o meu.

Meu Deus, agora estou me escutando e estou tão envergonhada.

Entendi apenas a última frase e isso não despertou nenhum sentimento desconhecido. Quando tinha a ver com ela, meu corpo parecia aceso aos mínimos detalhes dos seus movimentos.

Achei que estava “treinando” alguém e no final, acabei me envolvendo além do “profissional”. Que bagunça do caralho.

— Amanhã.

— O quê? — Ela virou o rosto rápido, freou brusco e depois seguiu normal. Podia escutar seu coração batendo de onde estava.

— Vou ficar de molho em casa e só sairei quando for chamado para trabalho de campo, se

necessário. Então, venha amanhã em casa e eu vou estar nu para você.

— Acho melhor não — ela recuou.

— O que você estava vendo no início e não enxerga agora é que ter contato com o corpo nu de um homem faz parte da intimidade. Você trabalha, você não se sente acuada por pouca coisa agora, então, você poderá se relacionar com homens ou mulheres, de forma íntima. Não posso te ajudar com outra mulher, mas homem sim, eu serei sua cobaia.

Alexia ficou em silêncio até chegar na casa dela. Quando tirou o cinto, pegou o celular da bolsa do banco de trás e mexeu antes de me encarar.

— Acabei de enviar a foto que você pediu.

É a minha favorita. — Ela baixou o olhar e me fez arrepiar. Porra, o que ela pretendia fazer? A única certeza era que qualquer atitude que tomasse me faria ajoelhar aos seus pés e implorar por mais. — Promete ficar parado?

Segurei a respiração e ela percebeu ao me encarar que sim, eu faria o que ela pediu. Se aproximou do meu rosto, olhei para a sua boca e quando pensei que uniria nossos lábios, ela encostou os seus de anjo na minha bochecha e se demorou ali.

Soltei o ar com uma sensação de ter ganhado um prêmio. Ela se afastou, seu rosto corou e sua mão apertou a minha.

— Eu nunca vou esquecer o que fez por

mim. Obrigada, Leo.

Ela saiu do carro, pegou sua bolsa no banco de trás e entrou em casa me deixando atordoado. Havia algo faltando no meu peito, uma dor estranha se instalou e parecia pior que minha tíbia, o que foi bom porque pulei para o banco do motorista e me afastei com medo dessas sensações.

Ah, se ela soubesse que no final das contas, quem fez algo por alguém foi ela.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Leo

Alexia>> Você se importa se eu chegar um pouco tarde?

Tenso não descrevia o que estava sentindo. Dormir foi o que mais tentei fazer, para que o tempo passasse rápido e falhei miseravelmente. E então, recebo essa mensagem assim que o sol se pôs e coloquei uma cadeira ao lado da janela do meu quarto para observar o movimento da rua e saber exatamente o momento que ela chegasse.

Leo>> Estou te esperando agora.

Não tive como não ser grosso, estava para explodir a qualquer minuto. Não seria uma prova de fogo apenas para ela, mas para mim. Conter meus instintos e preservar a sanidade mental de Alexia estava em primeiro lugar.

Alexia>> Eu te explico quando chegar. Posso chegar mais tarde ou quer que façamos em outro dia?

Leo>> Você quer me matar do coração, mulher. Abra essas asas e voe até aqui, borboleta.

Alexia>> Ri alto. Isso é um apelido carinhoso surgindo ou apenas sua demonstração de ansiedade? Te via como chato, não obsessivo.

Segurei com força o celular, olhei para a

janela e percebi que estava perdendo meu tempo aqui. Ela não viria na próxima hora e pelo jeito, me deixaria esperando. Se ela estivesse fazendo isso de propósito, eu... não faria nada além de me sentir frustrado, essa era a verdade.

Leo>> Acho que você não está pronta para isso e procura desculpas para que não aconteça. Só assuma de uma vez.

Alexia>> Vai tomar no cu, Leonides. Você consegue transformar qualquer coisa numa tempestade com seu humor. Já te pedi desculpas sobre o que aconteceu na aula. Se comportando desse jeito, me faz sentir mais mal do que já estou. Não posso sair agora, porque meus pais não querem que eu tenha contato com

você. Sairei escondida assim que eles dormirem. Vergonhoso, talvez, só não queria ter que assumir por mensagem, porque tenho meus argumentos para não ser julgada como criança ou mimada. Tomo cuidado para não magoar meus pais, você poderia ser mais sensível quanto a isso.

As únicas palavras que me interessaram nessa mensagem foi: sairei escondida. O que era isso no meu rosto? Ah, sim, um sorriso muito do satisfeito ao saber que ela estava se permitindo fazer o que queria, não o que os outros ditavam.

Leo>> Então, a borboleta está burlando regras.

Alexia>> E ela tem pés e mãos de aço

que podem te causar mais dor, se sua memória estiver falhando. Quando sair de casa eu mando mensagem.

Leo>> Eu te busco.

Alexia>> Você me traz de volta, eu vou sozinha com minhas próprias asas, chato.

Mordi meu lábio ao me sentir satisfeito. Poderia ser idiotice da minha parte ao sentir orgulho de como eu a estava moldando, mas a verdade era que nunca conseguimos mudas as pessoas, são elas que se permitem enxergar nossas sugestões. Mérito meu para suas atitudes confiantes? Não, Alexia tinha todas as honras, ela escolheu mudar.

Continuei onde estava, coloquei uma

música para tocar no celular e me perdi nas ondas dos meus pensamentos. Lembrei do dia que fui recrutado para a Hold, quando decidi viver perigosamente e não contar toda a verdade para a minha família. Também me recordei de algumas mulheres que passaram na minha vida e desistiram do que tínhamos na primeira atitude radical que eu tomava. Ninguém me entendia e não fazia questão de explicar minhas razões.

Uma moto suspeita passou em frente à minha casa, o piloto olhou para o meu portão e seguiu a diante, me lembrando sobre a ameaça que os agentes estavam sofrendo. Até o momento, apenas aqueles que tinham esposas e filhos estavam sendo visados e claro, devidamente protegidos. Eu

era o único de sobreaviso, os outros estavam trabalhando em tempo integral.

Verifiquei o sistema de missões pelo celular e conferi o último status do passado de Alexia. Por conta da nova demanda, havia alguns dias sem atualizações e isso me preocupou. A última coisa que a borboleta precisava era de um banho de água fria nos seus progressos.

Ah... não tinha como chamá-la de outra forma a partir de hoje, quando ela não só desafiou os pais, como também estava se desafiando. Estar nu na sua frente era um experimento para que ela conseguisse ir para o próximo estágio, ir para bares e conhecer outras pessoas, se relacionar com homens que eu aprovasse.

Não, porra, ela não tinha que se vincular a ninguém que não fosse eu. Não havia nada amoroso entre nós, muito menos tinha pretensão de fazer como os meus primos, um relacionamento sério e duradouro, eu nunca faria mal a ela. Quem sabe... não ficávamos como amigos um pouco mais íntimos?

Assuma logo que gosta dela, até seu corpo aprecia a ideia, minha mente zombou e levantei da cadeira assim que um carro parou em frente de casa. Por reflexo, peguei a pistola que deixava escondida atrás da cortina e devolvi para o suporte assim que cabelos loiros saíram do banco de trás.

Mesmo com dores, fui para a porta de entrada da minha casa e abri o portão para que ela

entrasse. Com seu sorriso tímido, ela deu passos contidos abraçando a bolsa que sempre carregava consigo, que continha a câmera fotográfica.

— Não vou posar para fotos — falei sério e ela revirou os olhos.

— Oi Leo, como você está? Vai me convidar para entrar e ser legal ou vai querer que eu comece com a chatice também? — zombou e dei espaço para que entrasse.

Era a primeira vez que estaria aqui, não queria que tivesse uma impressão ruim, mas pelo visto, ser dessa forma era mais forte que eu.

— Vou repetir, você não vai tirar fotos de mim pelado. — Fechei a porta, acendi a luz da sala e fechei a cortina. O relógio que tinha em cima da

televisão indicava que eu tinha refletido por muito tempo. — Porra, já é quase meia-noite?

— Primeiro, desculpe o horário. Conversei com meus pais e eles não aprovam minha aproximação com você devido aquele dia. — Ela se sentou no sofá e ficou olhando para a bolsa. — Os entendo, mas não se sobrepôs à minha vontade de me redescobrir. Fiz muitas terapias durante a minha vida, passei por muita coisa até chegar aqui. — Ela levantou o olhar e me aproximei. — Hoje eu me sinto bem. Finalmente, as palavras que tanto escutava dos conselheiros que passaram na minha vida fizeram sentido. Deixe o passado para trás, ele é imutável, mas não o presente. Faça sua vida agora.

— Isso não explica a câmera. — Mesmo que me sentisse prestes a fazer parte de algo impactante em sua vida, eu queria tudo às claras.

— Confiança, Leo. — Ela tirou a câmera da bolsa e fez bico. — Para saber que estou segura, prefiro começar estando atrás das lentes. Não irei registrar nada, apenas me colocar num lugar seguro.

— Não. — Dei um passo para trás. — A confiança não é estar em um local seguro para imergir no desconhecido. Se você quer confiar em alguém, deve se manter na zona de desconforto e acreditar que nada fará mal a você. — Abri os braços. — A partir desse momento, se você pedir que eu imite um cachorro, farei, porque estou

abrindo mão do meu controle e dando a você. — Apontei para sua câmera. — Guarde seu escudo, comigo você não precisa disso.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Alexia

Arregalei meus olhos e precisei respirar fundo várias vezes para criar coragem de dizer o que estava entalado na minha garganta.

— Muitas vezes eu te odeio, em outras quero que você se afogue em suas palavras. Então, quando deixo que suas ações me atinjam, eu te admiro e percebo que você é tão igual a mim, mas com uma diferença: com meu trauma, eu escolhi criar armaduras para me proteger; você optou por se armar para se blindar.

Sabia que tinha acertado o ponto quando ele segurou o sorriso e ergueu a sobrancelha, como se quisesse dizer para que andasse logo com as ordens. Eu o veria nu e tinha certeza que nada seria como olhar por um vídeo ou imagem da internet.

Não tive coragem de assistir filmes pornográficos, mas olhei fotos, muitas delas e encontrei coisas que nunca passaram na minha cabeça, como o prazer. O que era isso e por que tantas pessoas o buscavam?

Preferi deixar as definições de lado para sentir estando aqui com Leo. Abandonei qualquer significado mais profundo que essa noite possuiria. Eu nunca teria algo como Luana e Fred tinham, mas poderia fazer algo a minha maneira, que se

adaptasse a minha realidade confusa.

Tomei coragem em guardar minha câmera. Nada do que planejei aconteceria e como aprendi nas minhas últimas sessões de terapia, deveria acolher com muito carinho, ainda mais quando sentia um calor gostoso no meu peito.

— Fique onde está e tire a camiseta.

Parecia que só estava esperando minha fala para executar a ação. Em dois segundos ele segurou a gola pela nuca e descartou a peça de roupa no chão ao seu lado. Leo tinha muito mais músculos do que aparentava. Definido, ele se assemelhava muito aos homens em poses sensuais com mulheres que vi na internet.

Olhei ao redor e percebi que a sala não

seria o lugar ideal para fazermos isso, mas o quarto me incomodava, por ser ambiente fechado.

— Está tudo bem fazermos isso aqui? — questionei com insegurança.

— Você está no controle.

— Mas não quero fazer algo que você não goste.

Ele fechou os olhos, parecia com dor e depois os abriu com um sorriso na face.

— Eu me incomodei com a câmera, falei. Se qualquer outra coisa me faça sentir afetado, vou te avisar. Se não reclamei até agora, é porque estou gostando. Confie nas minhas palavras.

Seria mesmo possível ele estar gostando disso tudo? O jeito era confiar, como ele mesmo

pediu.

— Tire a calça e os sapatos — pedi suave.

Mordi a língua com a expectativa de vê-lo apenas de cueca. Ele precisou inclinar o corpo para frente, para remover tudo e então, ficou ereto e seu corpo parecia brilhar. Meus olhos foram atraídos para o volume que estava na sua virilha e segurei a respiração pelo assombro que isso me causou.

— Apesar de seguir seus comandos, há certas reações do meu corpo que não posso controlar.

— Está falando do... — Apontei para sua cueca e assustei quando percebi que parecia que ele tinha mexido.

— Pau duro. Não posso negar, tudo isso

está me deixando com tesão. Mas o que farei com ele, aí sim você pode comandar.

Lembrei de tantas vezes os seus primos e mesmo Laís comentando sobre Leo ter tesão enrustido por mim. Será que suas ações, de me intimidar ou mesmo acuar, era proveniente disso?

Encarei seus olhos e me preocupei quanto a suas expectativas. Por mais que uma pessoa nua poderia levar ao sexo, não estava na minha mente chegar tão longe.

— Não crie expectativa para mim, costumo decepcionar mais que superar.

— Quanto a isso, você também não tem controle. O que penso e desejo está além dos comandos que está me dando hoje.

— Você espera que eu... — nem consegui concluir. Meu coração acelerou e o ar parecia difícil de entrar e sair dos meus pulmões. Tinha ido longe demais.

— Quer parar? — Ele colocou as mãos para trás. — Gosto de você, Alexsandra, mais do que acreditava. Se estou fazendo isso, é porque quero sua confiança. Como disse, você não controla meus pensamentos e anseios, mas comanda o que deverei fazer sobre isso.

— Você ficaria nu para mim sem que eu precise te tocar?

— Sim, eu farei isso mesmo que minhas bolas irão doer se não... me aliviar — ele pareceu medir suas palavras finais. Impedi que minha

mente fosse para o buraco negro que existia em mim e foquei no corpo desse homem que me era tão familiar a partir de agora.

Levantei, aproximei e parecia que as batidas do seu coração estavam em sincronia com as minhas, tão aceleradas. Minha mão foi para o meio do seu peito e lá confirmei minha impressão. Não tive medo ou asco, suas mãos atrás de si, como se estivessem presas, me dava a liberdade para explorar.

Toquei em todo o seu tórax e braços. Cada curva e cada poro foi digitalizado pelas minhas mãos. Relutei em descer para o quadril, estava muito bem e confortável na imagem que me transmitia segurança.

Olhei rapidamente para seu rosto e o vi de olhos fechados, respirando profundamente.

— Está doendo? — Olhei para suas pernas e ele parecia bem firme na sua posição.

— Aguardando instruções, Borboleta — sussurrou e senti seu hálito quente tocar minha pele como uma carícia. Estava muito satisfeita com o apelido, minha vontade era de o abraçar.

E foi o que fiz, envolvi meus braços ao redor da sua cintura, busquei suas mãos e as apertei enquanto deixava meu corpo se aproximar do dele pouco a pouco e sua pele, que parecia em chamas, aquecer a minha.

E se eu também estivesse nua? Quando o pânico quis me dominar, respirei fundo e me

equilibrei. Uma coisa de cada vez, não era uma competição, mas aprendizado à passos de formiga.

Soltei suas mãos, deslizei-as sobre o quadril e coloquei os polegares para dentro da cueca, na sua lateral. Se eu estava no comando, iria remover a última peça de roupa por mim.

Sentindo-me covarde, retirei a cueca de olhos fechados. Soltei-a em qualquer lugar, levantei e só voltei a encarar o que estava a minha frente quando me senti longe o suficiente.

Ele estava nu na minha frente e senti que meus movimentos estavam bloqueados. Encurralada, sem fala e com medo.

O que eu poderia fazer agora?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

Leo

— Olhe para mim, Borboleta — ordenei e ela parecia sair do transe que estava. Era o típico cenário de ataques de pânico, a última coisa que queria nesse momento de vitória. — Quem sou eu?

— Leo — sua voz estava fraca, o que me exigiu equilíbrio para não sair da minha posição de submissão. Precisava fazê-la agir.

— Meu nome completo.

— Leonides Saad.

— Quem pediu para que eu ficasse nu?

— Eu.

— Quem retirou minha última peça de roupa?

— Eu!

Ela parecia recomposta. Minha intenção quanto a me reconhecer e perceber que tudo era por causa dela foi necessário antes que entrasse em um redemoinho de vitimização. Não, Alexia deixou de ser vítima para ser protagonista da sua própria vida.

Seu olhar deixou de ficar sem direção e me digitalizou por completo, se mantendo por um bom tempo no meu membro ereto. Quando mais ela parecia sedenta em tocar e conhecer, mais eu sentia o desejo me dominar e meu controle buscava sumir. Não nesse momento, quem estava no comando era

Alexia.

— Como ele funciona? — Ela se aproximou e não consegui segurar ao riso ao perceber que ela perguntava sobre o meu pau.

— Posso te mostrar? — Ela me encarou assustada e sorri tranquilo. — Não vou te tocar ou fazer nada indecente, é único e exclusivamente didático.

— Sim, eu quero ver. — Seu suspiro de alívio me fez agir.

— Tenho mais sensibilidade na cabeça do meu pau. — Segurei meu membro e expus a glande. — Aqui, qualquer exagero pode virar motivo de dor. — subi e desci com minha mão, quase me fazendo ejacular só com isso. Nunca uma

aula foi mais excitante do que transar com duas ou três mulheres. — Esse é o movimento que me dá prazer.

Ela estendeu a mão e logo recolheu. Nem cogitava que ela conseguisse segurar meu membro, achei que foi um grande avanço me tocar nu, além disso seria excepcional.

Fiquei encarando-a por um tempo e depois, foi ela quem fez isso com meus olhos. Parecia querer dizer tanto, ou melhor, fazer, mas parecia limitada. Não era necessário dar todos os passos em um dia, ela precisava do tempo dela.

— Tem minha bunda para ver ainda — tentei brincar e ela parecia horrorizada. — Quer fazer mais alguma coisa ou quer continuar me

vendo? Acho que quanto mais me observar, mais confortável estará.

— Você pode sentar? — pediu seguindo para o sofá e fiz o mesmo, sentando do lado dela.

Sem medo, ela se encostou em mim e rodeei um braço nos seus ombros, fazendo carinho na sua lateral, o que a fez se encolher mais na direção do meu corpo. Foi estranho ao perceber que estava mais incomodada com o meu toque do que minha nudez.

— Não gosta de carinho?

— Não gosto que me alisem. — Parei imediatamente o que estava fazendo e ela correu para segurar minha mão. — Isso faz parte do amor interrompido, não leve para o pessoal, porque gosto

de você, demais.

Ela cheirou meu pescoço e meu pau se movimentou em busca de alívio. Essas seriam as bolas azuis mais prazerosas que eu já tive. Sua outra mão foi para a minha coxa e ela ensaiava sobre me tocar em outros lugares ou não. *Por favor, toque no meu pau!*

— Seria louco da minha parte dizer que eu me sinto bem com você? Que acho que estou gostando muito de estarmos assim?

Estava nítido que estávamos desenvolvendo algo, mas isso não tirou o medo que começou a surgir dentro de mim. Não me relacionar era parte da minha vida, porque não combinava com meu trabalho, algo que presava

acima de tudo.

Seus dedos relaram no meu membro e foi apenas isso. Percebi que sua cabeça estava inclinada para trás, me permiti encará-la e lá estava Alexia querendo tirar a minha sanidade mais uma vez, com seu olhar clamando para que eu tomasse a iniciativa.

— Não farei nada que você não me pedir, Borboleta. Mesmo que seus olhos estejam implorando, se você tiver coragem de dizer, então é o que deverei fazer.

— Será que você poderia me beijar?

— Se a dúvida sumir, com toda certeza — minha voz mostrava a dor que estava sentindo. Ah, eu queria fazer tantas coisas, mas no momento que

cedi o controle, não poderia reassumir de uma hora para outra.

Foi ela quem mudou de posição, se ajoelhou no sofá e segurou meu rosto com as mãos. Seus lábios se encostaram nos meus com suavidade, meus olhos se fecharam e apreciei os poucos segundos da nossa união. Tão cedo como veio, eles se afastaram bem como seu corpo.

Abri meus olhos e a vi abraçando o próprio corpo.

— Por favor, se vista, acho que está bom por hoje.

O mais rápido que pude, coloquei minha roupa e me aproximei dela, que cada vez mais parecia acuada e com medo.

— A partir de agora voltamos a cada um ter o controle como antes. Eu vou te abraçar.

Quando seus olhos arregalados me encontraram, eu a trouxe para próximo de mim e tentei não fazer nenhum carinho, apenas a segurei, o que foi um movimento certo, porque ela devolveu o abraço e suspirou.

— Se me dissessem que hoje estaria nos seus braços há um mês atrás, eu riria muito, porque você era a última pessoa que imaginaria que conseguisse me libertar.

—Tenho certeza que ainda há um pouco de ódio por conta do que eu sou. O que mudou?

Ela ergueu a cabeça e tentei não beijar sua boca, ainda mais quando seus braços pareciam

querer não me soltar.

— Quando eu aceitei que sou assim e só depende de mim para mudar, parei de te ver como alguém que só via meus defeitos, mas um igual que apontava seus defeitos em mim. O ódio se tornou em compreensão, Leo. A borboleta em mim agradece o apelido e a oportunidade de voar sozinha.

Voltamos a nos curtir, um no braço do outro, encarando o nada. Suspirei para afastar a preocupação de que toda essa história havia transformado eu e Alexia em algo mais sério do que eu tinha previsto.

O medo era um monstro filho da puta!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Leo

Quando Alexia parecia cansada da minha possessão em estar abraçada a ela, mostrei a casa, tomamos um refrigerante e nos deitamos cada um em uma espreguiçadeira para encarar o céu estrelado e sem nuvens.

— Está bom para voar — falei por estarmos há muito tempo sem conversar. Ela não pediu para ir embora e eu não estava com sono, sua companhia era agradável até demais.

— Você pilota avião? O que mais

Leonides Saad sabe que nunca me contou? — Ela virou para o meu lado e sorri ao me achar cheio de habilidades.

— Acho que sei todos os meios de transporte, desde moto, carro, ônibus, caminhão, avião, helicóptero...

— Tudo parte do seu trabalho?

— Não só isso, eu gosto da adrenalina de estar no comando e muita coisa aprendi antes de ser recrutado. — Estava encarando o céu e me lembrando da ameaça da Hold.

— Esqueceu de habilidade com armas. Você já a usou?

— Se quer saber se já matei alguém, sim. — Encarei-a sério, ela parecia temerosa. — Para

sobreviver e não deixar minha família vulnerável, eu o faço.

— Não se arrepende? Não acha que esse é um poder que não te cabe?

— Foi por isso que hesitou ao enfrentar seu passado com uma arma na mão? — Voltei a encarar o céu. — Você não precisa carregar esse peso nas costas, eu o farei por você.

— Sinto que sou forte o suficiente para encarar a vida sem estar com medo da minha sombra. Se ele vir ou qualquer outro, estarei pronta para revidar, enquanto isso, decidi não ir mais atrás. Não tem mais sentido para mim.

— Está armada?

— Desde quando me ensinou a atirar e

devolveu a arma para mim, tive momentos que deixei em casa e outros não. Agora, está na minha bolsa e não sai. Mesmo assim, acho que nunca teria coragem de usá-la.

— Isso quer dizer que você só irá atirar quando for o momento certo.

Estendi minha mão e ela tocou sem hesitar. Puxei-a para se levantar, ela sorriu ao perceber que a queria ao meu lado. Sentou com seu quadril colado ao meu e seu olhar pairou sobre a minha boca.

— Confesso que gostei de te beijar, mas fiquei com medo do que faria depois, por isso me afastei.

— Não era meu corpo nu te intimidando?

Ela levantou minha camiseta e passou a mão no meu tórax e abdômen.

— Com ou sem roupa, você sempre me intimidará por conta dos sentimentos que anda despertando em mim. A raiva está se transformando em compreensão, o ódio em am... gostar — corrigiu a última palavra e me fez segurar a respiração. Estávamos indo longe demais, ela precisava entender o que era real.

— Sabe que tudo isso é experimental, certo? Sou seu amigo, te ajudando a ter mais confiança em si.

Seu sorriso de lado, como se estivesse divertida com minhas palavras fez meu pau acordar para a vida. Quando era ela me desafiando, parecia

que tudo ficava mais excitante.

Seu corpo se inclinou, seus lábios tocaram os meus novamente e antes que eu pudesse abrir a boca e avançar com o beijo, ela falou:

— Amigos que se beijam, eu aceito, mas só se eu for a única.

— A recíproca vale para você — falei indignado, ela voltou a ficar ereta e deu de ombros.

— Com quem eu faria metade das coisas que fizemos, Leo? — Ela abaixou minha camiseta e bateu na minha barriga, perto da virilha. — Você disse que me levaria para casa, acho melhor dar nossa noite por encerrada.

Ela levantou, seguiu para dentro e quase corri para a alcançar. Era sério que terminaríamos a

noite sem nem um beijo de língua? Bati na minha cara mentalmente, quem dizia o ritmo era ela e não eu.

— O que vai fazer amanhã? — perguntei quando ela foi buscar sua bolsa no sofá e me encarou perto da porta de entrada.

— Seguir a vida. Você falou que...

— Nem lembro o que falei e nem quero saber. Podemos tentar amanhã novamente? Seus lábios...

A única coisa que controlei foi minhas mãos de a segurar e não deixar fugir. Inclinei meu corpo, beijei sua boca e empurrei minha língua para que encontrasse a dela. Seu sabor era muito mais do que esperava e sua receptividade em

continuarmos com o beijo me dava confiança para fazer mais.

Porra, eu queria mais dela.

Quando minha mão ousou tocar seu rosto, ela deu um passo para trás interrompendo nosso contato. O rosto corado e o sorriso na face eram um indicativo que meu movimento foi indecente, mas oportuno.

— Se era para me convencer vir amanhã, conseguiu. Vou fazer aulas de direção, daqui alguns dias virei sozinha com o carro da minha mãe.

Inclinei para próximo dela com a intenção de pegar a chave que estava atrás de seu corpo. Sua respiração parecia acelerada, ela queria mais um beijo e eu, me contentaria em deixá-la na

expectativa, para poder tê-la mais vezes.

— Enquanto você aprende a dirigir carro, vamos passear de moto?

Sua animação me contagiou, seguimos para a minha garagem, peguei um capacete para cada um e subi na moto esportiva de cor vermelha. Ajudei-a a sentar atrás de mim e quando foi se segurar, colocou as mãos no tanque de combustível.

— Para estar segura, você precisa me abraçar.

Ela envolveu minha cintura com força e bufei um riso ao perceber que ela estava com medo, mas se arriscava. Liguei a moto, esperei o portão se abrir e falei:

— Pronta para descobrir o que é voar de

verdade?

Acelerei assim que o portão começou a fechar e ganhei as ruas com um grito suave ecoando atrás de mim. O coração de Alexia estava batendo forte e meu sorriso só morreu quando percebi, pelo meu retrovisor, que havia uma moto atrás de nós fazendo o mesmo caminho.

Porra, a alegria e excitação me deixou descuidado. Mas tinha que ser justo com Alexia? Mudei o caminho e percebi que continuava sendo seguido, o que me acendeu para uma ameaça. Eu não estava mais seguro.

Com apenas uma mão guiando, busquei a bolsa de Alexia e abri o zíper em busca da arma que ela falou que estava sempre com ela. Percebi

quando ela viu que existia algo de errado quando tensionou atrás de mim e dificultou as manobras na moto.

Era momento de despistar quem me seguia.

Acelerei para ter distância do meu perseguidor, parei a moto enquanto ela girava para ficar de frente para ele e atirei antes de averiguar se a minha suspeita era verdadeira.

Recebi apenas um tiro e a moto, junto com seu piloto, caíram no chão. Se estivesse sozinho, iria ver quem era, mas como tinha alguém precioso comigo, só acelerei e rumei para um apartamento seguro próximo para falar com minha equipe e quem sabe, voltar até esse lugar.

Só entrei no estacionamento subterrâneo de um condomínio de prédios quando validei que não havia perseguição. Parei a moto e tirei o capacete com os braços de Alexia ainda me apertando com força.

— Fomos seguidos, preciso te deixar na casa segura enquanto vou verificar o que está acontecendo.

— Minha casa. — Só escutei isso atrás de mim. Ajudei-a a descer com dificuldade, saí da moto e tirei seu capacete. Suas mãos tremiam. — Eu quero ir para casa.

Essa era outra coisa que não poderia fazer no momento, senão arriscaria toda a sua família. Segurei seu rosto e beijei sua boca com suavidade.

Céus, buscava acalmá-la ou me acalmar?

Sua mão apertando meus pulsos me fizeram recuar e seu olhar assombrado me fez render a ficar com ela e deixar que outros fizessem o trabalho.

— Vamos subir e conversar, não vou sair do seu lado.

E com essas palavras ela cedeu e me acompanhou, com sua mão apertando forte a minha.

Sua confiança me assustou e percebi que mesmo não sendo brincadeira, nossa interação tinha que acabar antes que o meu trabalho a machucasse.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Leo

— Por que estamos aqui? — Alexia questionou assim que entramos no apartamento, fechei a porta e acionei meus companheiros por mensagens.

Não respondi, minha cabeça estava a um milhão e minha vontade de sumir começou a crescer dentro de mim. Havia um defeito que todas as mulheres com quem me relacionei dizia, que era desaparecer quando algo ficava sério demais.

— Leo, você está bem?

Coloquei o celular no ouvido, fui para o quarto e falei com De Paula, meu chefe:

— *Tem certeza que era perseguição?* — Ele nem me cumprimentou, só continuou a conversa que estávamos tendo por mensagem.

— Eu atirei no filho da puta e ele revidou, só não acertou.

— *Por que não foi conferir? Você não precisa da casa segura, pode estar no nosso QG.*

— Estou acompanhado, De Paula. Não era previsto, estava seguindo para a casa dela e não poderia arriscar mais do que já tinha feito. Não irei expor sua vida a meu mundo.

— *Já o fez, quando a levou para a casa segura.* — Ele pausou um momento e esperei que

terminasse sua fala. Caralho, mesmo assim, ainda não queria aprofundar minha vida na de Alexia. Já não bastava o seu passado, agora que ela estava superando, teria que se preocupar com o presente? Eu não seria esse egoísta. — *Zander acabou de confirmar, não há ninguém na localização que você enviou, mas tem cacos de vidro indicando que houve a colisão. Tudo foi recolhido e será devidamente analisado. Venha para o QG!*

— O procedimento padrão para esse tipo de situação é seis horas escondido. Vou seguir o protocolo.

— *Porra, Leonides, se for o caso de uma noite, apenas chame um táxi e se livre dela, precisamos de você seguro aqui!*

— Eu iria para a guerra por ela, senhor — rosnei baixo e fechei os olhos ao perceber que uma dor de cabeça se formava. Essas palavras deixaram meu chefe calado. Apenas joguei suas palavras contra ele, algo que mostrasse a importância de Alexia.

Não seria idiota de assumir que era por conta do valor que ela tinha para a minha família. Depois do dia de hoje, o que sentia por ela mudou de cenário completamente.

— *Estamos ficando sem alternativas, agente. Não temos pessoal para ajudar a proteger sua família e ela, Leonides. Faça seu melhor, retorne para o QG e pensaremos em uma solução.*

— Não precisamos pensar, ela é simples,

encontrar quem está nos perseguindo e liquidar. — Bati na parede e assustei ao perceber Alexia na porta me observando.

— *O quanto antes, melhor. Porque não ter uma pista do caralho para seguirmos é uma merda. Você foi o agente que teve mais proximidade de todos com o inimigo.*

— Cleópatra.

— *O quê? Essa missão já foi concluída e encerrada, prisões foram feitas, não há mais ninguém agindo por ela.*

— E quem mais poderia ser? Nossa última missão crítica foi essa, nada me tira cabeça que há ligação com ela.

— *Seu juízo está comprometido, não há*

nada nem ninguém que irá desenterrar o demônio do passado da minha mulher. Termine o que você precisa e venha para cá.

Apoiei minha testa no braço que estava escorado na parede e soltei o ar com força. Quem estava com o juízo prejudicado era ele, que por tentar proteger a mulher, ofuscava uma situação que poderia acontecer. Quantos detentos não encomendavam ataques de dentro da prisão?

Cleópatra, a chefe de uma grande quadrilha que organizava roubos de joias poderia estar presa, grande parte dos seus fiei seguidores mortos, mas ela tinha contatos e dinheiro, poderia se vingar de quem a destituiu do seu reinado.

Senti uma mão nas minhas costas e

assustei me afastando. Pensei que Alexia se chatearia, mas não, ela parecia entender meu sofrimento.

Ah, ela não sabia a metade do que se passava na minha mente, ainda mais quando seu envolvimento comigo poderia significar despertar gatilhos. Era mais fácil ela me odiar e tentar suas experiências com outro do que retroceder todos os passos que ela deu até chegarmos aqui.

— É provisório, em menos de seis horas vou te levar para sua casa e precisarei sumir.

— Tudo isso é por conta do seu trabalho? Pessoas te perseguem? Quem é Cleópatra? — Apesar de tantas perguntas, ela não parecia ansiosa ou com medo, apenas confusa.

— Tente não se apegar as coisas que falo, muitas delas são códigos. — Olhei as horas e percebi que logo seriam seis horas, ou seja, chegaríamos na sua casa apenas para o almoço. — Quer comer ou beber algo?

— Queria que você se sentasse comigo um minuto e falasse.

— Falar o quê, Alexia?1 — Dei um passo para trás e joguei meus braços para o ar. — Estou no meio de uma missão, não posso sair para estar com você, o resto é sigiloso. Minha vida é dessa forma, só me deixa, me controlei demais até chegar aqui, estou a um passo de explodir.

Ela recuou, olhou para baixo e deixou os ombros caírem. Não era para significar que não

queria estar aqui com ela, mas porra, nessas horas eu só conseguia aceitar pressão do meu chefe.

— Tudo bem, entendi, vou para o sofá e tentar dormir.

— Pode ficar com a cama, eu não vou descansar até te entregar em casa.

Sua cabeça se levantou e seu olhar magoado estava temperado com ódio. Ah, eu conhecia como era se sentir assim, estava há muitos anos me sentindo como lixo para reconhecer alguém na mesma situação.

Mas como o guerreiro que era, lutava para sair dessa situação e ela precisava fazer o mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Leo

Ela deu passos determinados na minha direção e cutucou meu peito com seu dedo.

— Se sou um peso, por que não se livra de mim de uma vez? Por que me convidou para voltar amanhã? — Cutucou novamente e tinha certeza que queria me bater.

— Eu ia saber que seríamos perseguidos? O cenário da minha vida mudou dos últimos minutos para cá. Tente entender!

— Tanto entendo, como não estou te

batendo, só te alertando que aqui temos duas pessoas. Não quer falar sobre o trabalho, aprenda a se expressar e dizer de forma que não ofenda. — Ela olhou para o teto e fez um movimento com as mãos que me fizeram bufar um riso. — Sabe o que é pior de tudo? Que não consigo ter raiva dessa sua atitude grosseira. Você é chato, todo mundo sabe e aceita, agora, inclusive eu. Pedi que sentasse comigo na sala, porque se vamos ficar aqui por um tempo, que seja em paz ou buscando alguma forma de relaxar. Temos a opção de brigar ou relaxar e eu quero a segunda para mim e que você vá tomar no cu com a primeira!

Se ela soubesse que a única coisa que me faria acalmar seria sexo, não sugeria isso.

Ela deu as costas e seguiu para a sala. Como não queria mais conversar, mesmo sabendo que tinha feito merda, deitei na cama e fechei os olhos para remoer os últimos momentos na minha casa e a perseguição. Era uma droga estar nessa situação, porque lutei para nunca confrontar minha vida profissional com a pessoal. Se todas as vezes que eu estivesse nessa pressão e uma mulher viesse me questionar sobre isso, iria fugir, para longe e por tempo indeterminado.

— Está tudo bem, mãe. Luana me chamou de emergência, eu só quis ajudar como ela sempre faz comigo. — Alexia aumentou o tom e escutei sua conversa. — Desculpa, não sairei sem avisar novamente. Até o almoço eu volto para casa, pode

ficar despreocupada. Também te amo.

Liguei para o meu irmão, esse era um problema meu e a mentira que Alexia contou era minha responsabilidade.

— *Porra, cara, o celular ainda nem despertou* — Fred resmungou.

— Estou com Alexia e só poderei sair com ela ao meio-dia. Para todos os efeitos, ela está com vocês.

— *Por que você está com ela?* — sua voz era normal e irritada, como sempre.

— Não te interessa. Se os pais dela ligarem...

— *Vou falar que o idiota do meu irmão está mexendo com a cabeça dela. Porra, cara, ela*

não é qualquer uma para você brincar e depois largar quando não estiver mais afim. Ela é como Luana, Laís e Analia, mulher que merece uma aliança no dedo e um marido menos cuzão.

— Como você? Vá a merda, só estou te avisando, porque Alexia já deve ter avisado a sua mulher. Você não é meu pai para dar lição de moral.

— *Claro que não sou, porque papai é muito paciente para brigar, eu não puxei isso dele*.

— Nem eu, então, economiza saliva.

Escutei seu suspiro e fiz o mesmo. Nossas brigas já estava nos deixando exaustos, não aguentava mais ter que ser apenas o irmão mais novo dele. Custava me tratar como homem? Que

fui criado nos mesmos princípios que ele?

— *Eu te acoberto e depois você me conta o que está acontecendo.*

— É confidencial.

— *Estou pouco me fodendo para o seu trabalho. Você e Alexia, quero saber sobre isso.*

— Cuide da sua mulher que eu cuido da minha.

Encerrei a ligação com mais raiva do que comecei. A pressão do momento estava me fazendo admitir mais do que minha própria mente aceitava.

Fechei os olhos e larguei o celular de lado. Senti a cama abaixar, um corpo se enrolar ao meu lado e o cheiro de Alexia invadir meus sentidos. Porra, eu só queria poder fazer o que tinha em

mente, mas não era tão simples quando se tratava dela e meu conhecimento sobre o seu passado.

— Já que não quer conversar e parece que está com seu escudo ativado, ou seja, está brigando com todos para não ser atingido, vou ficar aqui, em silêncio, para te acalmar.

— Silêncio? Você está falando.

Assustei quando seus lábios encontraram os meus. Abracei seu corpo e abri minha boca para sentir o gosto desse silêncio que tinha a intenção de me acalmar. Ousei, virei de lado e movimentei minha cabeça para aprofundar o beijo e ir mais além. Sua mão se fechou em punho na minha camiseta, minha mão desceu da sua nuca e foi até sua bunda, que apertei e a escutei arfar.

Não era de prazer.

Quando me afastei preocupado por ter ultrapassado os limites, Alexia escondeu o rosto no meu pescoço e respirou fundo várias vezes antes de falar:

— Sei o que mais te acalmaria, mas hoje, isso é tudo o que posso te dar sem me quebrar no caminho. Eu te entendo, Leo. Somo iguais, com reações diferentes.

Beijei sua testa e resolvi não pensar mais em nada a partir daqui, nem me criticar e nem me martirizar por conta do trabalho. Sua atitude me calou física e mentalmente.

Precisava relaxar.

Aos poucos percebi meus músculos tensos

suavizarem. Meus ombros caíram, mas meu agarre nela não diminuiu em nenhum minuto. Ela estava confortável, aos poucos sua respiração se estabilizou e percebi que dormiu.

Grosso e estúpido como era, não conseguia entender como um anjo como Alexia conseguia se comparar a mim. Isso me fazia lembrar da sua submissão, que ela não deveria agir dessa forma com ninguém, inclusive comigo. Mas não podia negar, ter alguém com empatia com meus surtos era um tanto reconfortante, não me sentia tão sozinho e estranho.

— Não somos iguais, Borboleta, você é muito melhor que eu — sussurrei antes de finalmente me render ao sono com Alexia nos meus

PERIGOSAS NACIONAIS

braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Leo

Acordei completamente alerta por conta dos gemidos de dor que escutei.

— Não... por favor... para, eu não quero... — Alexia sussurrava de olhos fechados e levemente se debatia, o que me fez soltá-la para achar uma forma de acordá-la.

— Alexia! — Chacoalhei seu corpo e ela continuou na sua repetição. Meu coração parecia ser esmagado a cada balançar de cabeça e movimento com os braços e pernas que ela fazia.

Eu iria matar aquele filho da puta, mesmo que ela não se importasse mais. — Acorda, Borboleta! — falei mais firme e apertei seu ombro. Seus olhos se abriram de supetão e nos encaramos.

Ela precisava de um tempo para se recompor e pelo jeito, eu também. Se ela lembrava do sonho ou não, se era representação da realidade ou não, minha frequência cardíaca aumentou só de pensar que ela viu algo ruim de forma inconsciente. Tanto para protegê-la, no final, sua mente era a pior vilã e eu não tinha poder sobre isso.

— Estava roncando? — perguntou baixo e afastei os cabelos que estavam soltos no seu rosto.

— Acho que era um pesadelo. — Ela fez uma careta e eu beijei sua testa. — Está tudo bem?

Quer falar sobre isso?

— Eu não me lembro, nunca. Minha mãe até parou de perguntar há muito tempo e eu me habituei a acordar com esse sentimento de insegurança no peito. — Ela abaixou o olhar e se aninhou ao meu lado. — Mas só de saber que você está aqui, eu me sinto melhor. Obrigada.

Toda a minha preocupação quanto a empresa e a forma como as pessoas tratavam Alexia submergiu em forma da minha habitual grosseria. Porra, ela não precisava de nenhuma muleta, ainda mais agora que eu iria sumir por alguns dias e não estaria ao seu lado.

— Você não pode depender de mim para estar bem. — Ela se afastou e sentou na cama. Sua

expressão facial era um misto de confusão e chateação. — Você é forte e precisa se impor ao invés de se submeter, inclusive comigo.

Ela saiu da cama e foi para o banheiro, o que me lembrou que eu também precisava usá-lo. Conferi as horas no celular e estávamos próximos para sair da casa segura.

Fui para o banheiro social e quando saí, lá estava Alexia destravando a porta para sair do apartamento.

— Aonde você vai?

— Para longe das suas lições de morais. Você conseguiu transformar um sentimento bom em péssimo apenas com uma frase. — Ela abriu a porta e corri em sua direção.

— A verdade dói? Uma novidade para você, estar comigo é se cercar da realidade.

Ela desceu as escadas com pressa e não me respondeu. Coloquei a mão no bolso e percebi que não peguei meu celular, carteira e a chave da moto. Corri de volta o máximo que pude e quando cheguei no térreo, ela estava saindo pelo portão. Fui para a moto, porque cruzaria com ela na rua e a levaria para casa, emburrada ou não.

Quando acelerei, meu coração seguiu o mesmo ritmo frenético. Parei a moto na sua frente em cima da calçada, seu olhar cuspia fogo em minha direção.

— Suba. — Estendi o capacete. Ela pegou a bolsa e apontou a arma para mim. Porra, se ela

soubesse o quando me irritava isso, não faria. — Guarda essa arma, ou você será denunciada e presa por porte ilegal.

— Essa sou eu não me submetendo a você. Acha legal? É a atitude certa, senhor sabe tudo?

Ah... ela tinha uma enorme razão sobre isso e mesmo o lado chato em mim reconhecia o tamanho da asneira que falei assim que acordamos. Arrependimentos? Muitos, ainda mais quando ela percebeu meu conflito interno, guardou a arma e colocou o capacete para subir atrás de mim sem relutar.

Não havia mais verdade do que minhas últimas palavras a ela antes de dormirmos juntos, ela era muito melhor que eu, nunca igual.

Com um abraço forte na minha cintura, acelerei a moto e seguimos em silêncio para a sua casa. Preferia mil vezes que brigasse comigo, a raiva eu sabia lidar, mas não com estar errado. Por muito tempo fui tratado como inconsequente e perigoso, era fácil rebater com meus punhos quando faltava argumentos verbais.

Alexia não percebia que estava me fazendo enxergar diferente de como estava mostrando a ela, que algumas teorias estavam caindo por terra. Ela nunca foi submissa, apenas seguia com o fluxo, porque não havia motivo para discussão.

Enquanto pilotava, conferia o movimento da rua e as possíveis ameaças ao nosso redor.

Novamente esqueci a arma para nos proteger, ainda bem que ela tinha uma dentro da sua bolsa e poderia nos salvar novamente.

Quando entramos no seu bairro, segurei sua mão na minha cintura e apertei. Lembrei que ela não gostava de ser alisada e só fiquei assim, guiando apenas com uma mão, até chegar na sua casa.

Mal parei, ela saiu da moto e foi removendo o capacete com pressa. Antes que ela me entregasse, tirei meu próprio e a puxei para mim. Meu olhar era um pedido de desculpas maior do que o primeiro que lhe pedi.

— Enquanto sua mente estiver em dois lugares diferente, não será possível conversar ou

pedir desculpas. Resolva o que precisa, eu vou te esperar — falou séria e olhou para os meus lábios.

Verifiquei sua casa e percebi que havia um carro na garagem, provavelmente a mãe a aguardava. Umedeci meus lábios e segurei sua mão com mais força.

— O certo seria que eu dissesse que não me esperasse, não valho tanto assim. Mas conheço meu potencial e minhas limitações, só não confunda o que temos com algo maior do que é.

— Somos amigos em um experimento social. Você pode tentar me machucar, mas não se esqueça que eu conheço o sentido real da dor e suas palavras não alcançam nem metade do que já senti.

Ela me surpreendeu com suas palavras

difíceis e mais ainda quando uniu nossos lábios por alguns segundos e se afastou para abrir o portão e entrar na casa. Reparei um vulto na janela da sala e fiquei compelido de entrar com Alexia para enfrentar a mãe e a mentira que contou, mas consegui forças para acelerar a moto e me afastar o mais longe que eu podia dessa mulher que estava virando o jogo.

Quando achei que estava ensinando sobre independência e liberdade, Alexia me mostrou a sensibilidade e a empatia que estavam há muito tempo adormecidos em mim.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Alexia

— Você veio de moto? — minha mãe me abordou sem nem me cumprimentar. Diferente do olhar amoroso e de cuidado, ela tinha curiosidade e medo exalando pelos seus poros.

— Estou bem, mãe. Vou tomar um banho. — Segui para o meu quarto e ela foi atrás.

— Eu vi você falando com o moço em frente de casa. Quem é ele? Por que está saindo de madrugada e mentindo para mim? — Minha mãe segurou meu braço e me intimidou como nunca fez

antes. — Por que se arriscar tanto?

— Quero ser livre! — falei alto e me soltei do seu agarre. — Agradeço o carinho e atenção que tem comigo, que quer fazer diferente do que aconteceu no passado, mas... eu sou grande, mãe. A criança indefesa ficou no passado, sou adulta, sei atirar e me defender se for necessário.

— Quem é esse moço?

— Leo, irmão do Fred — revelei e dei as costas para ela, sabendo que outra discussão se iniciaria.

— Você tem noção do que ele me falou e o quanto me abalou? Que esse rapaz nem se deu ao trabalho de vir pedir desculpas para mim e seu pai?

— Tenho, mãe. — Virei para encará-la. —

Sei da sua dor, de que ele errou e também, que havia razão nas palavras de ordem dele. Não adianta negar, ninguém é completamente culpado se enxergamos a situação de vários ângulos.

— Você está namorando Leonides? — Neguei com a cabeça, mas minha mãe continuou descontrolada. — É esse tipo de homem que você quer ter ao seu lado? Que te faz mentir, brigar com sua família e te violar?

Fechei os olhos por alguns segundos e visualizei aquela foto que mais gostava de Leo, olhando para seu sobrinho, com o rosto todo machucado, mas o olhar... esse não poderia ser inventado. Ele amava aquele bebê, era um tio excepcional.

Seria essa a imagem que teria na minha mente quando algum gatilho me remetesse ao passado, onde me sentia insegura e violada. Essa palavra me desestruturava e achava que minha mãe sabia, mas pelo visto, estávamos num ciclo vicioso de me deixar ser cuidada que nunca mostrei quem eu era de verdade.

Não iria brigar para me defender como Leo fazia. Éramos iguais, com estratégias diferentes. Tinha feito muitos anos de terapia para ter aprendido algo e recuar, muitas vezes, era o melhor ataque.

— Mãe, me olha com carinho — pedi com suavidade e ela arregalou os olhos, percebendo que estava perdendo a razão. — Sou adulta e posso

fazer minhas próprias escolhas. Me abençoe se eu fazer diferente do que espera, serão minhas decisões e minhas consequências. Você pode ficar com o coração em paz sabendo que fez seu melhor para mim. Fique feliz, porque me sinto bem e confiante ao seguir minha vida. — Respirei fundo, não queria chorar. — Saiba que você é a melhor mãe para mim.

Sua respiração estava instável. Deixei-a sem palavras e essa era a intenção. Ela precisava saber que a partir de hoje, não precisava mais me tratar como criança, eu não estava mais indefesa.

Apesar de Leo querer que eu seja confiante e totalmente independente de quem está ao meu redor, era impossível, ainda mais quando ele

despertava em mim muito mais que a vontade de voar sem rumo, sem medo. Precisava mostrar a ele que a felicidade poderia ser construída a dois e depois mantida individualmente. A ordem dos fatores não alteraria o produto, que seria estar bem.

Finalmente fui deixada sozinha, fechei a porta do meu quarto, me despi e fui para o banheiro. Fiquei em frente ao espelho e me olhei da cintura para cima, pensando se conseguiria fazer isso aos olhos de outra pessoa, de Leo. Só de pensar, meu coração acelerava e meu ventre se contraía, algo inusitado para mim. Aquela sensação era diferente, instigante e me deixava mais curiosa para experimentar novamente.

Voltei para o quarto, peguei meu celular e

enviei uma mensagem para ele.

Alexia>> Acho que você já pode vir falar com minha mãe e pai sobre seu pedido de desculpas.

Esperei um pouco e não obtive resposta, por isso segui para o banho e demorei uma eternidade com a ducha caindo nas minhas costas. Não havia mais tensão para me preocupar. Apesar do sonho e o resquício de sentimento de medo, eu estava bem, muito mais do que o normal.

Saí do banho e me decepcionei ao perceber que Leo tinha lido a mensagem e não respondeu. Sabia que ele iria se afastar, ainda mais com seu discurso de não confundir as coisas. Por Deus, quem no mundo faria algo como ele fez por mim?

Sabia que metade do seu mal humor era culpa minha e sua incapacidade de reagir enquanto observava seu corpo nu, mas lá no fundo, onde o fogo da esperança começou a queimar dentro de mim, dizia que esse era Leonides Saad, fugia quando perdia o controle.

O que ele parecia não perceber era que agora que conhecia a liberdade, ninguém me teria nas mãos novamente e não recuaria. Lutaria para viver a vida sem ter medo e isso era só meu.

Deitei na cama e decidi desabafar com Analia. Luana merecia uma explicação maior do que a que enviei por mensagem de madrugada, mas ela tinha Maurício para se preocupar.

Alexia>> É errado eu gostar de Leo,

mesmo ele sendo do jeito que é?

Analia>> Essa é uma pergunta capciosa. Você quer saber se gostar de Leo, do jeito que é, está errado ou se gostar de alguém como o Leo? Apesar do que vi no almoço no Haras, está difícil acreditar que vocês finalmente estão próximos.

Alexia>> Até um tempo atrás eu odiava o Leo, com todas as minhas forças, por me tirar o chão. Como é possível a existência de sentimentos de afinidade no meio dessa ira?

Analia>> Porque amor e ódio estão na mesma escala. Amor está de um lado da moeda e ódio do outro. Os dois se complementam e não é possível odiar alguém que você não ame.

Alexia>> Eu odeio uma outra pessoa e te garanto, nunca houve ou haverá amor.

Meu estômago se embrulhou ao pensar nessa analogia com o meu passado. Era impossível eu conseguir amar quem me machucou. Com meu pai, entrei em um acordo, porque devo ser grata pela vida, pela sua doação de esperma, mas o outro...

Analia>> Te garanto que o sentimento não é de raiva ou ódio. Digo isso ao lembrar do meu ex, porque hoje sou indiferente a ele, mas antes, quando deu toda aquela confusão no Haras, o que eu sentia era medo. Ele era meu bicho papão.

Reconheci a sensação e encarei tudo com

uma nova perspectiva.

Alexia>> Obrigada por isso, me sinto melhor.

Analia>> E então, é sobre o Leo em si? O que está acontecendo?

Alexia>> Eu o beijei ontem, foi algo de outro mundo, porque nunca beijei outro homem. Meu corpo inteiro formigou.

Analia>> Tive que parar de trabalhar para focar em você e nessa novidade. Você e Leo se beijaram? Como? Onde? Estão namorando?

Alexia>> Por favor, não conte para ninguém, mas é um experimento. Ele está sendo minha cobaia para perder o medo de estar com o sexo oposto.

Analia>> Você finge que é um experimento e ele finge que está te ajudando a ser uma mulher independente e forte. Proteja seu coração, minha amiga. Você não merece mais um trauma para a sua vida.

Alexia>> Ou talvez sim, o que eu realmente precise para finalmente perder meu medo é ter uma desilusão e quebrar a cara. Não quero mais viver na minha bolha, quero me machucar de várias formas, porque a única queda que eu tive, só consegui me levantar agora.

Analia>> E eu estarei aqui para te escutar ou chamar Bastien para bater no Leo. Se é isso que te faz feliz, pode contar comigo para

torcer por você.

E era essas palavras que queria escutar da minha mãe. Mas diferente da nossa relação, nunca fomos amigas, ela sempre me protegeu e eu, sempre fui a criança indefesa.

Não mais.

Alexia>> Obrigada por tudo. Estarei na aula de defesa pessoal essa semana na academia.

Analia>> Observarei você e depois, vamos tomar sorvete com Joana.

— Almoço está pronto, filha — minha mãe abriu a porta sem bater e colocou a cabeça para dentro.

— Vou trocar de roupa e ir. — Tinha um sorriso no rosto e uma explosão de sentimentos no

peito.

Sentia que estava no caminho certo.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Leo

“Lá se vai mais uma noite que eu 'to virando

No vazio desse apartamento, já 'to quase pirando

Me bate o desespero empilhando garrafa

Passa o tempo só você não passa

No estado decadente que eu 'to

A tristeza decora essa casa

Eu sei que ninguém morre de amor

Mas cachaça e saudade mata”

Era foda saber que todas as músicas sertanejas que escutava me lembrava dela. Alexia conseguiu tirar meu equilíbrio, meu foco e meu desejo por qualquer outra mulher que não fosse aquele anjo de olhos castanhos e cabelos loiros.

Porra de mulher que eu estava apaixonado e não queria assumir. Com raiva? Apenas de mim por ser um covarde e não responder as várias mensagens que ela me enviou. Nem parecia abalada por eu não responder, ela era compreensiva de propósito, o que me agradava e irritava ao mesmo tempo.

Já tinha tomado mais de dez long neck de

cerveja em casa, na beira da piscina, escutando música e me imaginando de várias formas com ela e sabendo que não poderia concretizar.

Tudo dependia dela.

Não estar no controle da situação fodia com minha mente e agora, depois de quase duas semanas afastado de todo mundo por conta da missão que nos fazia dar voltas e voltas sem chegar a nenhum lugar, voltei para ficar de molho no meu canto, com mais câmeras instaladas no perímetro.

Deveria estar alerta e vigilante, mas a verdade era que eu queria um porre para conseguir me deixar levar pelos sentimentos que lutei nesses dias afastados. Gostava de Alexia e a queria aqui, comigo, abraçado e de preferência, nu. Não

pensava só em sexo com ela, o problema é que esse ato teria um significado muito maior do que eu esperava e para ela então...

Meu celular vibrou e com minha visão turva, identifiquei que era alguém na frente de casa. Porra, eu não conseguiria manusear uma arma, entraria com minha defesa natural por estar bêbado e fedido.

Levantei para ver a câmera do interfone e gemi ao perceber que era meu irmão e primos, inclusive Ricardo estava junto. Maldita hora que avisei meu irmão fofoqueiro sobre estar bem e em casa. Era apenas para ele avisar nossa mãe, pelo visto, avisou a turma errada.

— Abre logo essa porta, porra! Sei que

tem cerveja aí dentro — Guido bradou divertido e apertei o botão para liberar a entrada de todos.

Quando abri a porta da frente, recebi tapas, abraços e exclamações de nojo. Sim, estava fedido por ter feito vários apoios e abdominais. Ainda bem que minha tíbia finalmente parecia estar se recuperando, mas não fiz nenhuma corrida, tudo em prol de resolver esse problema.

— Puta merda, isso tudo é saudade da Alexia? — Bastien provocou e todos seguiram para o quintal. Percebi que traziam na mão um fardo de cerveja sem álcool.

— Tudo isso é viadagem em forma de cerveja? — rebati irritado, me joguei na espreguiçadeira e tomei um gole da cerveja que

estava ao lado, no chão.

— Eu precisava ver com meus próprios olhos o último dos primos da farra se amarrando — Ricardo se divertiu.

— E Tati deixou você sair de casa? Lavou toda a louça?

— A cela, meu primo. Quando você aceita ela, sua vida muda e essas provocações não têm sentido, porque no final, quem está do nosso lado faz muito mais — Guido falou pegando uma cerveja e tomando.

Olhei para meu irmão e ele parecia o zangado da vez. Sorri, porque estava mais do que pronto para provocá-lo.

— Está precisando que eu ofereça meu

colo para seu filho?

— O que preciso é socar a sua cara, mas vou me contentar em observar os outros fazerem isso verbalmente. — Eu ri junto com meus primos e Fred pareceu mais chateado. — Por que não falou com Alexia esse tempo todo?

— Achei que você tinha esposa e filho para se preocupar. — Tomei o resto da cerveja e me contive em perguntar o que Alexia falou e como ela estava de verdade.

— Você não perguntou, mas eu respondo. Ela está muito bem, fazendo as aulas de defesa pessoal e tudo mais — Bastien respondeu meu questionamento sem saber.

— Mas não demora muito não, Torto está

rondando sua mulher — Guido falou como se não quisesse nada, levantei da espreguiçadeira e avancei nele.

— Como é que é?

— Posso gravar? Sério, deveríamos fazer um vídeo de melhores momentos de Leo antes de ficar de quatro. — Ricardo se afastou quando pisei firme em sua direção. Apesar da ameaça, ele estava se divertindo. — Não adianta vir para cima de mim, touro bravo. Torto é aliado desse aí, não meu. Sou apenas a cobertura jornalística.

— Ele é meu cunhado, o que posso fazer? — Guido deu de ombros e me encarou com um pedido de desculpas. — Ele a contratou para fotografar uma festa infantil de uma amiga.

— Quem não dá assistência, abre a porta para a concorrência — Fred falou de forma provocativa e voltei para a espreguiçadeira. A embriaguez estava nublando minha mente, só pensava em estrangular o irmão de Laís e fazê-lo sofrer de mil e uma maneiras.

Além do mais, Alexia falou que me esperaria, caralho.

Lembrei deles entrando no casamento, o quanto ela parecia confortável com ele e isso me fez perceber que não fui sua primeira escolha. Orgulhoso do caralho, queria ser o único e sabia que minhas atitudes só contribuíam para que ela encontrasse outras alternativas.

Não queria que ela fosse independente?

PERIGOSAS NACIONAIS

Pois bem, estava conseguindo e sofrendo com minha própria ambição.

Um minuto, apenas a música soou entre nós, no próximo, eles começaram a rir alto de alguma piada que não entendi.

— Vão se foder — resmunguei colocando meu braço em cima do olho e suspirando.

— Está foda achar um buffet para fazer o casamento. Analia quer algo simples, mas o pai já me deu carta branca para fazer o melhor evento. — Bastien parecia calmo.

— A mulher do meu chefe tem um buffet. Espaço Vivifica, já falou com eles? — falei.

— Não sabia, cara. Vou entrar em contato, obrigado pela indicação.

PERIGOSAS ACHERON

— Seu casamento também será nesse buffet? — Ricardo cutucou e apenas o olhei de forma mortal antes de cobrir meus olhos novamente.

— Eu só fico bem de terno quando sou convidado, nunca como noivo — resmunguei.

— Se você ficar com Alexia, vai ter que casar, porra! — Fred rosnou e sentei rindo para o encarar divertido. Não tinha medo do perigo, ainda mais quando eu sabia qual de nós dois era mais forte.

— Estamos em que século mesmo? XVIII ou XIX? Ela sabe onde se meteu e eu ainda não sei o buraco que vou me meter.

Era uma frase machista demais para se

dizer até para outro homem, ainda mais um que defendia como pai a honra da mulher. Ele veio para cima de mim, tentamos um segurar o outro e com um impulso, fomos jogados dentro da piscina, me deixando quase que sóbrio de forma instantânea.

— Briga de cachorro louco, só resolve com água gelada — Bastien falou negando com a cabeça. — Fred, você não é o pai da Alexia.

— Mas nem por isso vou deixar que o trouxa do meu irmão a magoe. — Ele me encarou e bateu na água para espirrar em mim. — Ela é muito boa para você.

— Nunca disse o contrário. Se falo um monte de merda, é para tentar te afastar da minha vida. Não sou você e nunca agirei como você. —

Também bati na água.

— E por fim, briga de irmãos em busca de quem defende mais a virtude da moça indefesa — Ricardo se divertiu.

— Ah, posso te garantir que não há nada de indefeso na Alexia. Eu vi sua aula de defesa pessoal, estou com dó de quem passar por ela — Bastien falou me encarando e Guido ajudou meu irmão a sair da piscina.

— Minha mulher vai me matar — Fred resmungou.

— Vai nada, tem roupa limpa no meu quarto, pega lá — falei saindo sozinho do meio da água e tirando a camiseta encharcada.

— Pelo menos não sinto mais o cheiro

podre de suor misturado com cerveja — Ricardo pegou uma long neck que trouxe, sem álcool e abriu. Olhei para meu irmão e ele tinha entrado em casa. — Vocês vivem em pé de guerra, mas se amam.

— Uma hora ele aprende a cuidar da vida dele — falei tirando o short e todo mundo reclamando. — Vão se foder, não vou ficar todo molhado aqui.

— Não sou obrigado a te ver sem roupa, cara. Vai se trocar — Guido brincou.

Esperei meu irmão chegar para entrar em casa e trocar de roupa. Continuamos a noite em um clima mais agradável de conversa e percebi que estava sentindo falta disso tanto quanto queria ter

Alexia nos meus braços hoje.

Pelo jeito, teria que esperar até amanhã para saber em que pé estávamos ou se meu sumiço deu brecha para Torto ficar no meu lugar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Leo

Quando saí do meu carro e encarei os balões da festa infantil a minha frente, nem pensei que estaria invadindo um local privado para ver minha mulher, que eu, por algum motivo que ainda não sabia explicar, estava sem falar com ela.

Acredito que minha motivação maior foi Alexia não ter me enviado nenhuma mensagem depois dos meus primos terem vindo em casa. O bocudo do meu irmão com certeza tinha enfiado alguma merda na cabeça dela e faria questão de

tirar tudo a limpo com o que tinha na ponta da língua para dizer.

Sem sorrir ou presente em mãos, andei até a porta de entrada, dei meu nome e segui para dentro do buffet com meus olhos em alerta a procura dela. Claro que estaria com Torto ao seu lado enquanto ela fotografava uma criança no colo de uma mulher.

Não no meu turno. Seu vínculo com os Saad seria apenas com Laís e não Alexia.

Caminhei determinado até eles e quando o olhar angelical me encontrou, até engasguei com minha saliva tamanho era seu impacto sobre mim. Torto também me encarou e não parecia surpreso, até estendeu a mão em minha direção com um

sorriso no rosto.

— E aí, sumido. Você também conhece os pais do aniversariante?

— Podemos tirar outras fotos daqui a pouco? — a mulher falou com Alexia, que acenou afirmativo. Com a criança no colo, a moça que estava sendo fotografada se afastou sem me dar uma segunda olhada.

— Leo? O que está fazendo aqui? — Alexia perguntou baixo e não havia indignação, apenas curiosidade.

— Pode sair um pouco?

— Estou trabalhando. Pode ser depois ou amanhã. Quando você voltou? — Isso me indicou que ninguém havia falado com ela, o que me

deixava ainda mais preocupado com sua falta de notícia para mim.

— Eu aviso Patrícia sobre sua escapada. Dez minutos, depois você volta — Torto segurou seu ombro e brequei a necessidade de rosnar para o toque na minha mulher. Ela não gostava do meu carinho, imagine o dele!

— Será menos. — Ela abaixou o ombro para a mão dele cair e me senti satisfeito, como um ogro que era. Sua mão tocou a minha e ela me puxou. — Venha.

Inclinei para frente, senti o cheiro do perfume que estava no seu cabelo e suspirei acalmando uma parte da saudade que sentia dela. Nem percebi que estávamos sós quando ela parou e

me encarou.

— Quando você voltou Leo? Por que não me ligou ou mandou mensagem?

— Você já deveria perceber o idiota que sou e evitado essas perguntas sem respostas. — Segurei seu rosto e vi seus olhos brilharem em expectativa. — Preciso te beijar.

Ela respondeu ficando na ponta dos pés e me beijando antes que eu mesmo o fizesse. Suas mãos vieram sentir meu peito, mais precisamente meu coração e sua cabeça virou para que aprofundasse o beijo.

Não sabia o tamanho da necessidade que tinha dela quando sua língua encontrou a minha. O sabor frutado indicava que ela tomou algum suco e

seu cheiro era um indicativo que estava no lugar e com quem eu queria estar.

Foi ela quem interrompeu o beijo, abanou o rosto para diminuir a vermelhidão que se espalhava por ele e me sorriu sem graça.

— Estava com saudades.

— Não deveria, eu sou um idiota.

— Sim, você é péssimo para dar notícia, ainda mais quando some e nem seu irmão sabe. Ele se preocupa com você.

— Ele deveria cuidar da vida dele — falei grosso e ela revirou os olhos.

— Vou te passar o mesmo livro que li essa semana. Cada pessoa ama de uma forma, dói menos se a gente respeitar o jeito de cada um.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando te torna prisioneiro de perguntas e palpites, então não há respeito.

Ela segurou meu rosto e me puxou para deixar um selinho. Por Deus, eu queria muito mais dessa mulher, nem a abraçar eu fiz direito.

— Preciso voltar para o trabalho. Você vai ficar na festa?

— Vou te esperar. Já passou da hora de ficar nu novamente para você.

Ela sorriu como se tivesse um segredo guardado apenas para si, deu passos para trás e mordeu o lábio com ar de ingenuidade.

— Vou avisar minha mãe que irei embora com você. Me leva em casa depois?

— Pode contar com isso.

PERIGOSAS ACHERON

Ela voltou para dentro da festa e eu, fiquei do lado de fora, conferindo as câmeras que eu tinha acesso via internet da minha casa. Não seríamos seguidos novamente e usaria minha entrada secreta com Alexia. Ninguém deveria saber sobre isso, mas a mulher que tirava fotos nessa festa sabia mais segredos meus do que qualquer um. Não custaria nada ela saber mais.

Observei tudo do lado de fora. Meu olhar alternava entre Alexia e Torto, porque o segundo estava se tornando uma ameaça. Não sabia que ela tinha virado amigo dele e para não ultrapassar os limites da sua liberdade, não questionaria ou interviria. Mas uma coisa era fato, se ele ousasse fazer algo para minha mulher, seria um homem

morto. Literalmente.

Quando estava entediado de esperar, Alexia apareceu animada a minha frente, com sua bolsa debaixo do braço e um sorriso que não parecia caber na face.

— Estou pronta, Leo. Vamos. — Segurei sua mão e caminhamos até meu carro. — Poxa, achei que você estivesse de moto.

— Gostou de voar nela? — Abri a porta do carro e tive uma ideia para prolongar nossa noite. — Iremos voar nesse carro e se ainda der tempo, vamos voar em um avião. Te interessa?

Ela sentou no banco, colocou o cinto e fechou a porta. Dei a volta no carro e quando sentei no banco do motorista, ela me surpreendeu com um

beijo no rosto.

— Eu vou com você para onde você for, se prometer não sumir novamente.

— Estava focado no trabalho, nós ainda não resolvemos o problema daquele dia.

Ela suspirou e deixou os ombros caírem.

— Tudo bem, só não se surpreenda se eu fizer o mesmo. — Ela levantou as sobrancelhas para mim e liguei o carro a encarando indignado. — Esse carro voa?

— Não como você, Borboleta.

Peguei sua mão, coloquei o câmbio no D com nossa união e acelerei para que o ronronar do motor aumentasse a adrenalina no sangue. Quando o carro ganhou as ruas, deixei sua mão na minha

coxa e foquei apenas em guiar de forma acelerada. Não tinha nada a ver com querer chegar logo em casa e ter um pouco mais de Alexia para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Alexia

Leo não se preocupou com as leis de trânsito quando fizeram o carro voar pelas ruas. O que eu estava sentindo se misturava com a emoção do momento do que estava por vir. Dessa vez, não só Leo ficaria nu, mas eu também. Excluí a palavra tentar do meu vocabulário, se tinha decido que faria, não colocaria nenhum impedimento no caminho.

Paramos em frente a uma garagem desconhecida, mas não questionei, apenas observei

as ações dele. Quando entramos no galpão, um acesso subterrâneo pode ser visto e seguimos com apenas a luz do carro até um espaço mais amplo, onde estava a moto dele.

— O que é isso? — Minha curiosidade foi maior.

— Meu acesso secreto. Não quero te expor ao perigo novamente. — Ele saiu do carro e fiz o mesmo, cada movimento ecoando no lugar.

— Não sou uma peça de cristal, sei me defender — mesmo baixo, parecia que estava gritando. Ele segurou minha mão, abriu uma porta e subimos uma escada.

— Fico feliz em saber que as aulas de defesa pessoal estão te deixando confiante. Meus

inimigos são perigosos e você é importante para ser arriscada.

A porta final deu acesso a uma edícula no quintal, que deu um vislumbre da piscina. Meus olhos brilharam e quando passamos pelas espreguiçadeiras, deixei minha bolsa ali e parei.

— Vamos para dentro — ordenou.

— Podemos fazer aqui fora? — Apontei para a piscina. — Hoje eu quero tirar a roupa também.

Ele não esperou meu comando ou fez toda a introdução do início, apenas tirou a roupa com pressa e pulou na piscina como se tivesse que bater algum recorde. Céus, eu iria pedir que ele olhasse para outro lugar, mas seria injusto, ainda mais que

já conhecia de cor cada curva e músculo do seu corpo.

O jeito era encontrar alguma coisa para fazer e me acalmar.

— Tem toalhas por perto? Para quando sairmos.

— Droga, sempre esqueço de pegar. Está no armário do corredor, pega lá.

Corri para dentro sofrendo com a antecipação. Será que já tirava a roupa e me enrolava na toalha? Peguei duas toalhas, encontrei uma caixa de som na sala e a levei comigo. Música teria que servir para me relaxar.

— Como faz para ele sintonizar meu celular? — perguntei colocando as coisas em cima

da mesma espreguiçadeira que deixei minha bolsa.

— Bluetooth, Borboleta. Só não me faça esperar uma eternidade. — Ele começou a dar braçadas na piscina e meu ventre se contraiu ao perceber sua bunda se mostrando para mim.

Foquei no celular, ignorei a mensagem da minha mãe para que eu tomasse cuidado e se algo acontecer, para ligar imediatamente. Se alguma coisa acontecesse além do previsto, apenas eu e Leo deveríamos saber lidar com o assunto.

Sincronizei meu celular e dei play na música que mais parecia meu hino. As batidas da guitarra de *Fly Away*, de Lenny Kravitz começou a soar. Leo parou de nadar, foi para a borda da piscina mais próxima de mim e me observou

remexer o corpo. Sabia o quanto era dura, mas estava confortável em me exibir para ele.

“Eu queria poder voar

Até o céu

Assim bem alto

Apenas como uma libélula

Eu voaria sobre as árvores

Sobre os oceanos em todos os graus

Para qualquer lugar que me agradasse

Oh, eu quero ir embora

Eu quero voar para longe

Yeah, yeah, yeah”

Troquei a palavra libélula (dragonfly) por borboleta (butterfly) enquanto cantava, dançava e tirava uma peça de roupa. Primeiro foram os sapatos, depois a calça, pela blusa grande tampar tudo o que mais importava. Quando a música estava chegando ao fim, tirei o sutiã por debaixo da blusa e então, a calcinha. Vi nos olhos de Leo o desejo e o carinho pelo meu ato.

Para me ajudar, ele abaixou o olhar por um segundo e tirei a blusa com pressa para pular na piscina e permitir que a água turvasse os detalhes do meu corpo. Ele não se aproximou e eu, fiquei onde estava.

— Gosto de você, Leo. Esse experimento tem muito mais significado para mim do que possa

imaginar.

Sua mão parecia movimentar debaixo da água e minha respiração começou a ficar densa, como se o ar tivesse dobrado de peso.

— Não vai dizer nada? — Deixei meus ombros caírem. Bem que Analia falou, precisava proteger meu coração, mas como, se algo dentro de mim parecia querer me jogar em seu colo e esquecer qualquer insegurança? — Por favor, Leo!

— Você está no comando, Borboleta. O que você quer que eu faça? — sua voz rouca fez todo o meu corpo arrepiar.

Aproximei-me lentamente e percebi que sua mão estava no seu membro ereto. Será que ele só pensava em sexo quando se tratava de mim?

— Por que está fazendo isso por mim? — Deixei minha mão mergulhar em sua direção e quando ele ia se afastar, segurei seu braço com a outra. — Posso tentar? — Fiz um barulho na garganta, para me corrigir. Sem dúvidas. — Eu quero segurar em cima da sua mão e aos poucos, você vai tirando a sua até que eu toque.

Ao som de SIA, *Alive*, encontrei sua mão e segurei com força, para que não fugisse. Por muito tempo achei que o sexo ereto de um homem era sinônimo de perversão e sofrimento. Hoje, eu sentia que era apenas indecente, o que não me causava tão mal, não precisava. Quem dominava meus atos era a curiosidade e o desejo que sentia crescer dentro de mim.

Meus olhos estavam na direção da água. Apesar de enxergar pouca coisa, senti tudo o que precisava. Sua mão se movimentava para cima e para baixo, com a ajuda da sua outra mão, ele trocou de posição. Agora eu segurava a carne que era ao mesmo tempo dura e mole.

Deixei que meus medos fossem exterminados um a um quando o refrão da música me lembrava que enquanto eu continuasse respirando, eu estaria viva.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Alexia

Finalmente consegui levantar a cabeça e ver o que Leo sentia. Uma mistura de dor e satisfação me preocuparam. Ele não sabia se expressar tanto quanto eu, então, precisaríamos descobrir uma forma de não nos machucar.

— Não sofra por mim, Leo — implorei.

Ele se afastou para a borda da piscina, saiu dela e deitado, movimentou com pressa seu membro e vi jatos brancos, quase transparentes, saindo do seu pênis.

“Ainda estou respirando

Eu estou viva”

Foquei em olhar para o corpo de Leo e vê-lo apenas como Leonides Saad. O passado não tinha lugar e não teria vez nesse momento tão íntimo.

— Desculpe por isso, eu só não aguentei quando você me tocou. — Ele bufou um riso e jogou um pouco de água no quadril para se limpar. — Eu costumo demorar mais.

— E existe prazo para a ejaculação? — quis saber. Ele me encarou divertido, voltou para dentro da piscina e ficou de frente para mim.

— Eu prefiro dizer gozar e que seja depois da minha parceira, é mais nobre.

Fiz uma careta ao pensar nele com outras companheiras. Com certeza eu era a pior de todas, apesar de não me importar.

— Eu lia muito romances de época, mas depois que conheci Luana e tive minha primeira amiga mulher, eu simplesmente bloqueei na leitura. — Não sabia de onde esse assunto tinha surgido, porque era algo que estava, inclusive, me esquecendo.

— Eu não sou nenhum lorde.

— Por algum motivo, eu prefiro isso. — Toquei seu peito e senti seu coração acelerado.

— Posso te tocar? — Ele perguntou colocando meu cabelo atrás da orelha. Encarei-o com preocupação, mas acenei afirmativo. — Você

terá que verbalizar. Se não consegue falar, então não é momento.

— Estou te dando permissão para me tocar até o momento que eu disser pare.

— Justo — respondeu baixo e deixou a mão, que estava perto da minha orelha, descer pelo meu pescoço e ombros. Não parecia tão ruim o deslizar da sua mão na minha pele quando a água estava envolvida.

Seu olhar intercalava entre a água e a meu rosto. Ele parecia controlado o suficiente para parar a qualquer sinal de desconforto da minha parte.

Senti sua mão no meu seio e segurei a respiração. O aperto suave me fez suspirar, meu ventre se contrair e meus pensamentos vagarem

para o lado mais sensual da minha vida, quando dancei junto com Laís e Analia no pole dance, na despedida de solteira da mulher mais confiante que já tinha conhecido. Foi nesse dia que percebi que sim, eu era mulher e poderia ser como minhas amigas.

Era possível reacender a vaidade e o desejo que existia em mim.

— Estou me lembrando da despedida de solteira da Laís. Foi o ato mais ousado naquele momento — revelei.

— Eu vi. — Sorriu de lado enquanto eu franzi a testa. — Sei de tudo e todos, com você não seria diferente.

Quando sua mão desceu para a minha

cintura, ele pareceu afundar na água e me pegou de surpresa. Nem raciocinei sobre questionar a invasão de privacidade que Leo parecia ser adepto.

— Quer sentir da mesma forma que eu? — Suas mãos seguraram meu quadril e apertou. — Posso te fazer gozar?

Coloquei a mão para proteger o que tinha entre as pernas e ele suspirou triste ao perceber que tinha acuado. A verdade era que essa primeira vez, eu queria fazer por mim. Tentei em casa entre os dias que ele não dava notícia, mas nunca fui mais além, com medo do que estava sentindo.

— Sei que não deveria estar perguntando para você, mas... me ensina? Posso fazer sozinha?

— Nunca tentou? — Suas mãos agora

foram para a minha bunda a desceram para as coxas.

— Eu... — Fiquei encabulada de assumir e ele assentiu com um sorriso. — Tentei, mas acho que não deu certo. As mulheres que vi parecem explodir eu só... ficou tudo igual.

Ele segurou o riso antes de dizer:

— Você viu vídeos?

— Leo! — Ele apertou minha bunda e toda essa conversa estava me deixando mais confortável. Minha mão começou a se mexer no meu sexo como se tivesse vontade própria. — Com certeza tem algum segredo aí no meio.

— Não procurou ler sobre o assunto? — Minha cara de “esqueci” respondeu sua pergunta.

— Tudo bem, melhor para mim. Vou colocar a minha mão em cima da sua, igual fizemos com meu pau.

— Vamos lá.

— Não pode ser mecânico. Mulher é mais difícil de gozar que o homem, então, entre no clima e sinta meu desejo por você.

— Pensei que falaria algo mais indecente do que isso.

Ele levantou e sussurrou no meu ouvido:

— Tenho vontade de te colocar contra essa parede e meter a noite inteira, mas estou mais do que satisfeito de te escutar gemer quando gozar pela primeira vez.

Fechei os olhos e deixei que ele ditasse o

ritmo do movimento circular. Ele intercalava com subir e descer nos grandes lábios, o que me fazia ofegar. Então, comecei a sentir e meu coração acelerou.

— Mais rápido.

— Abra os olhos, Borboleta.

Fiz e ele segurou um seio, apertando e me fazendo quase desfalecer. O movimento aumentou, eu mesma consegui encontrar onde precisava de mais atenção e assim que parecia ter encontrado a tal explosão, logo ela foi embora e meus movimentos se tornaram erráticos. O olho tempestuoso de Leo me acompanhou e quando sorri com satisfação, ele me abraçou e beijou, nós tínhamos ganhado um grande prêmio.

Senti seu corpo, pele com pele e seu sexo rígido me cutucando. Era muito para um dia, precisava frear antes que cedesse a algo que... eu estava pronta, por Deus, me sentia mais do que liberta para dar o próximo passo.

— Vamos lá, merecemos uma cerveja para comemorar.

Ele me levantou para sentar na borda da piscina e saiu em toda a sua glória nua. Deitei no chão, observei-o pegar a toalha e caminhar para a casa de forma despreocupada.

Olhei para mim e percebi que também estava confortável com meu corpo e quando ele voltou com duas long neck, levantei e tomei a toalha para me envolver por conta do frio, não

timidez.

— Minha primeira cerveja — falei sentando ao seu lado e ele me abraçando.

— Seu primeiro orgasmo. — Tocou sua garrafa na minha e tomamos um gole.

— Sim, brindemos ao que você falou, porque o gosto da cerveja é horrível.

Ele deitou, me levou para deitar em cima do seu corpo e deixou sua mão fixa no meu quadril. Perfeito.

— Está tudo bem? — perguntou sério e suspirei antes de responder:

— Mais do que bem, eu adoro você, Leo. — Coloquei a cerveja no chão e o abracei com força.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Continue voando, Borboleta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 37

Alexia

Cochilamos na espreguiçadeira. Leo nos levou para seu quarto e acabei me rendendo ao sono na sua cama, ainda mais quando o seu cheiro me lembrava segurança, carinho e atenção. Ele não parecia ter deitado comigo, o que não me incomodou no primeiro momento.

Antes do sol nascer, ele me acordou, sério, entregou as roupas e me pediu para vestir. Parecia outro homem, o que me deixou em alerta. Quando seu humor mudava drasticamente, ou tinha a ver

com o seu trabalho, ou alguém estava pegando no seu pé.

— O que foi? — Enrolei o lençol no meu corpo e segurei sua mão antes dele sair do quarto. — Só vou perguntar essa vez e a partir de agora, será minha atitude padrão.

— A câmera pegou uma moto nos cercando, mas a porra da imagem não focalizou em nada. Vamos embora, vou te deixar em casa e caçar esse filho da puta até no inferno.

A tensão me fez agir imprudente. Puxei-o para mais perto e beijei sua boca com a intensão de acalmá-lo. Ele parecia suspirar de contentamento ao mesmo tempo que tensionava, por querer me proteger. Soltei o lençol do meu corpo, dei passos

para trás interrompendo nosso contato e sentei na cama. Era um convite, estava me oferecendo, mesmo que eu tivesse entrado em um acordo que poderia ser outro dia.

Quantos mais dias com Leo, melhor.

— Não me peça isso, Alexia, porque estou nervoso e agora com tesão. Essa não é uma mistura ideal para a sua primeira vez.

— Você sabe que não sou virgem.

— É a porra da sua primeira vez, porque ela só acontece quando você estiver de acordo. — Inclinou para segurar meu rosto e beijar. — Estou sendo descuidado quando estou com você, Borboleta. Por favor, me deixe protegê-la.

— Não preciso de ninguém para me deixar

segura. — Forcei-o tirar a camiseta e fui para a calça. Estava confortável com Leo, não tinha medo. — Eu te adoro.

— Não posso retribuir esse sentimento. — Toquei seu membro e ele parecia ganhar vida.

— Não pode com palavras, Leo. Mas pode com ações. Faz amor comigo, por favor.

Sua testa colou na minha, a energia dos nossos sentimentos se mesclava nos preparando para o que estava vindo. Ele parecia em guerra e meu desejo falou mais alto quando tirou o resto da roupa e se pôs em cima de mim com os olhos fechados.

Pele com pele.

Nus de corpo e alma.

Seus olhos se abriram para que meu sorriso da vitória pudesse ser exibido. Nem um de nós precisava sentir medo, só havia amor nos rodeando.

— Eu vou parar se você pedir. Não vá além. — Ele foi o perfeito lorde que tanto negou ser. Sua alma sabia o que eu precisava, servia para mim.

— Estou feliz que seja você, Leonides Saad. — Beijei seus lábios com carinho, não estranhando o quão confortável estava conosco nessa posição. — Eu vou muito mais além e não há ninguém além de mim que irá me frear.

O clima se transformou de suave para denso. A temperatura me fez suar e suas mãos

estavam em todo o meu corpo, me tocando e estimulando. Segui o que tinha para ser sentido, apenas Leo e o nosso desejo. Sua boca encontrou meu seio e estremeci pelo misto de sensações, quente, úmido e arrepios. Era uma mistura de me permitir sentir com não deixar o passado voltar e tomar conta.

A partir desse momento, oficializava que era dona da minha vida.

Leo deixou beijos por todo o meu corpo, lambeu minha perna, minha virilha e pediu permissão com o olhar para me provar onde mais me resguardei. Ele tinha mais do que liberdade para fazer o que bem entendesse, a confiança que depositei nele estava intacta.

Fui chupada sem pudor assim que acenei em concordância com seus atos. Não estava preparada para isso para me sentir tão poderosa e mulher, mas não iria parar. Puxei seu cabelo e o trouxe para ficar em cima de mim, a necessidade de olhar em seus olhos me fazia tomar a iniciativa. Sua boca encontrou a minha e seu beijo ávido me fez contorcer debaixo dele, sentindo no seu gosto, o meu próprio.

Esse era o prazer dos amantes, a união sagrada dos casais apaixonados.

Quando se afastou de mim, segurei a respiração para não começar a implorar que continuasse, não queria que parasse até que encontrasse meu clímax. Sabia da minha

inexperiência, mas pelo amor de Deus, ele não poderia me deixar no meio do caminho. Quando percebi, ele tinha pegado um pacote da gaveta, colocou em seu membro e voltou para a posição em cima de mim com a testa enrugada.

— Serei cavalheiro — falou com rouquidão se alinhando na minha entrada. A respiração profunda que dei tinha mais a ver com a autorização que ele precisava para continuar do que receio.

— Eu disse que prefiro a realidade, quero você. Seja o grosso e chato de sempre, com piadas sem graça e comentários indecentes, eu te adoro, Leo.

Aos poucos ele foi entrando em mim e

com os olhos abertos, foquei em quem me tomava e o cenário atual, que eu permiti. Entendi e recebi com muito amor suas palavras anteriores, seria minha primeira vez, aquela que foi de verdade, porque eu permiti. O ato consensual era maravilhoso, estava completamente entregue para fazer diferente.

No início, a penetração foi incômoda e com beijos pelo meu rosto e pescoço, numa tentativa de me adorar, fui relaxando. Os seus movimentos de quadril começaram a acelerar gradativamente, estava me sentindo plena por ser mulher e ter prazer.

Eu poderia voltar a viver e ser normal.

— Está tudo bem? — perguntou ofegante.

— Não estou sentindo aquele formigamento da piscina — fui sincera, a penetração era agradável, mas não era a mesma coisa do que meus dedos junto do dele. Ele sorriu compreensivo.

— E agora? — Ele rebolou a cada estocada e parecia melhor, sentia meu clitóris ser estimulado, mas ainda não era ideal. Percebendo minha frustração, ele mudou nossas posições e me deixou por cima. — Vamos tentar assim, você comanda e encontra o prazer.

— E você? — questionei com as mãos espalmadas em seu peitoral. Parecia tudo muito analítico, meu coração e cabeça estavam em constante duelo nesse momento.

— Estou excitado demais te observando, não preciso de nada além disso para gozar. Mas você... faça o que precisar, eu vou te esperar.

Meu cavalheiro.

Segui sua instrução e fui percebendo meu corpo e os pontos que mais me estimulava. Como era os movimentos e as posições que mais despertavam prazer estavam sendo testadas naquele momento. Descobri-me sem pressa, sob o olhar admirado e carinho de Leo, me mexi focando apenas no prazer. Céus, faltava algo, eu sabia que estava quase, mas faltava algo.

Beijei sua boca, ele colocou as mãos na minha bunda e apertou para que me esfregasse nele com mais avidez. Também senti seu membro mais

fundo, latejando e me preenchendo. Ainda não era o que estava procurando e soltei um bufo de frustração que Leo percebeu.

— Eu te disse, não pode ser mecânico ou científico. Relaxa e tente aproveitar o momento. Temos um Kama Sutra inteiro de posições para achar a melhor para você.

Ele me colocou de lado na cama, de costas para ele e endureci para seu membro me cutucando atrás.

— Vou estar por trás, mas na sua boceta. — Sua mão foi para meu sexo e começou a se movimentar do jeito que eu estava esperando. Assim era tão melhor, sabia onde chegaria se continuasse dessa forma. — Isso, Borboleta, relaxa

e aprecia o voo.

Ele entrou em mim com suavidade e dessa forma, parecia que estava em outro mundo, de conchinha, sendo amada por Leo. Virei o rosto para beijar sua boca e pouco tempo depois, estava gemendo quando encontrei o ápice do meu prazer. Suas estocadas aumentaram e pouco tempo depois que tinha me rendido a exaustão, ele o fez e deixou vários beijos no meu ombro em reverência.

Muito mais do que esperava, Leo me surpreendeu por ser tão atencioso e eu mesma estava em êxtase comigo mesma, por conseguir dar mais um passo para poder voar, com minhas asas recém descobertas.

O abraço final foi o que mais me

emocionou, me acolhendo em seu corpo e prometendo, sem palavras, que estaria por mim, comigo. Esse gesto só concretizou o que estava sentindo, Leo também gostava de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 38

Leo

Por que não conseguia abrir a boca e dizer que também gostava dela? Eu te adoro, era tão difícil dizer as palavras? Parecia errado, que estava enganando-a de alguma forma.

— Por favor, tenha paciência comigo — implorei baixo, porque sabia que uma hora, quem explodiria era ela. Envolvida nos meus braços, de conchinha, eu só esperava que sua essência se misturasse com a minha e nunca mais se desvinculasse.

Senti sua mão apertar a minha a suspirei completamente relaxado. Que minha preocupação ficasse de lado, eu só queria terminar de aproveitar o melhor sexo da minha vida. A intensidade de estar com alguém, que aprendeu com você, que não se intimidava por ser inexperiente, me fez olhar tudo por uma nova ótica.

Alexia era a mulher mais forte que eu já tinha conhecido na minha vida.

— Eu ainda quero andar de avião.

Bocejou se aconchegando ainda mais em mim. Ela nem precisaria dizer que me amava, porque só de confiar em mim para voar era uma prova e tanto da sua confiança. Ninguém da minha família se aventurou a estar em um avião comigo,

eles tinham algum bloqueio nada a ver com minha competência.

— O sol já deve ter nascido, vou te levar para ver o nascer do sol comigo.

— Gosto da ideia. — Ela virou para ficar de frente para mim e segurei a respiração por alguns segundos. — Parece errado agradecer o que fez por mim, mas é isso que sinto. Gratidão, eu me sinto mulher e é algo que não conseguiria sozinha.

— Você fez por si mesma lá na piscina — falei com rouquidão.

— Não, Leo. Acho que ninguém poderá entender, é algo meu. — Deixou um selinho e abaixou a cabeça para meu pescoço. — Posso dormir mais um pouco ou você precisa me levar

para casa?

— Precisamos de um banho e sim, ficarei melhor se te deixar em casa. — Beijei sua cabeça e ela sentou sorrindo.

— Fico feliz em contribuir com alguma coisa na sua vida. Percebeu que não está mais todo mandão e chato?

Saí da cama me sentindo um tanto vulnerável. Porra, sim, ela teve o poder de me deixar mais calmo, mas não poderia acontecer, não deveria ficar dependente dela.

Tomamos banho juntos e cada vez mais ela parecia confortável com meu corpo e sua nudez. Não perdi a oportunidade de tocá-la, mas não se transformou em algo sexual, porque o foco era ir

embora.

— Podemos ir de moto? — ela pediu enquanto seguíamos para a edícula no quintal.

— Sim. Posso falar com seus pais, se eles estiverem em casa?

— Vai pedir minha mão para eles? — questionou divertida quando começamos a descer as escadas. — Fiquei até com vontade de retornar a leitura, já vejo corações no ar.

— Ainda preciso pedir desculpas a eles. Se não estiverem em casa, volto de noite. — Beijei sua cabeça quando chegamos no estacionamento subterrâneo. — Não tenha esperanças comigo, Borboleta. Não me vejo como meu irmão e primos.

— Que bom que estamos sintonizados,

penso da mesma forma — ela falou pegando o capacete e colocando, como se fosse se proteger de algo. Seu olhar era cheio de esperança e tinha certeza que seu anseio era diferente do meu.

Fazia parte de mim sumir e não dar satisfação, tanto por conta do meu trabalho, como por me sentir preso. No primeiro vislumbre de um relacionamento sério, eu fugia.

Ela sentou atrás de mim e me abraçou com mais tranquilidade que das outras vezes. Porra, ela estava segura comigo, gostava de mim e se permitiu exorcizar qualquer coisa que aconteceu no passado. Com certeza, o que fizemos agora de manhã a libertou completamente.

Engraçado como ela parecia em paz, mas

não eu. Enquanto não encontrasse o desgraçado e desse um fim nesse assunto, não estaria bem. Será que o perseguidor era ele? Porra, eu precisava voltar à ativa e vigiar o idiota por mim.

Saí do estacionamento para o galpão e então, para a rua. Minha cabeça tinha milhões de perguntas sem respostas e ações aguardando momentos para serem executadas. Coloquei a mão em cima da dela na minha cintura e respirei fundo, encontrando o equilíbrio que precisava. No final das contas, quem estava dependente de outra pessoa era eu, o que me deixava sem saber o que fazer.

Quando chegamos na sua casa, os dois carros estavam na garagem e minha posição de

homem que se responsabiliza pelas suas ações foi ativado. Ela não estava sozinha nessa empreitada.

— O que disse que iria fazer depois das fotos do aniversário? — perguntei para me situar.

— Que estava com você. Eles não aprovam, o que não me impede de fazer o que eu quero. — Segurei seu capacete e ajeitei os dois em cima da moto. — Tem certeza que quer falar com eles agora?

— Mesmo sabendo que está nítido o que fizemos, sim, eu vou falar com eles.

— Dá para saber quando a gente fez sexo? — perguntou de forma sussurrada para mim e ri da sua preocupação enquanto ela procurava a chave do portão.

— Estamos com o cabelo úmido. Seus pais são adultos e fazem isso também.

— Tudo bem, tudo bem... vamos lá. Eu sou adulta e me responsabilizo pelos meus atos. — Ela abriu o portão com a cabeça para cima e a segui de mãos dadas.

Ela abriu a porta da sala e lá estavam os dois, sentados no sofá, olhando para o celular, preocupados. Dona Carmem foi a primeira a se levantar e tirar Alexia dos meus braços.

— Minha filha, você não falou que voltaria só no outro dia. — Ela me olhou com raiva. — Não tinha outra pessoa para você se envolver?

— Mãe, eu falei que não tinha hora para

voltar, para não se preocupar. — Alexia olhou para o pai, que parecia controlado até demais. Eu ainda lembrava da dor que era ter seu punho na minha cara. — Leo veio se desculpar.

— Não é levando minha filha e a devolvendo no outro dia, com cabelos molhados, que você vai conseguir isso.

Tentei não sorrir, porque sabia como foi a juventude de todos. Se estava casada, era porque sabia exatamente o que isso significava e ela não poderia impedir sua filha de fazer o mesmo.

— Sinto muito pelo o que aconteceu quando estive aqui pela primeira vez e julguei suas ações. Certo ou errado, está fora do meu controle. — Alternei entre olhar para todos, Alexia se

mantinha nos braços da mãe. — Pretendo estar com a filha de vocês, gostaria que a nossa convivência fosse pacífica, por ela.

— Saiba que estarei esperando o seu primeiro deslize para continuar o que comecei. — O pai de Alexia se levantou e estendeu a mão para mim, para assombro da mãe. — Minha filha merece o melhor.

— E o melhor não é você, Leonides! — Dona Carmem fechou os olhos, respirou fundo e procurou os olhos da filha. — Estou errada, sei que estou. Está feliz, minha filha?

— Sim, mãe. — Alexia saiu dos braços da mãe, abraçou meu braço e disse com orgulho para os pais: — Eu gosto de Leo.

— Estão namorando? — a mãe de Alexia me olhou com desafio, como se soubesse que eu diria alguma merda e foderia com tudo o que tinha construído até aqui.

Odiava ser desafiado, ainda mais quando desconfiavam da minha índole. Porra, eu era um cara decente, minha família era prova disso.

Apesar do meu ponto de equilíbrio estar aqui ao meu lado, acabei indo de zero a cem em um segundo.

— Sim, estamos namorando e vamos nos casar.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 39

Leo

— O quê? — os três falaram e dei um passo para trás, percebendo a merda que tinha feito.

— Preciso resolver aquele assunto da empresa. Depois nos falamos — falei olhando para Alexia e depois encarei os pais. — Obrigado pela segunda chance, farei o meu melhor para não falhar com a filha de vocês.

Praticamente fugi da casa deles, me sentindo uma pilha de nervos por conta das palavras que nunca pensei verbalizar. Porra, eu não

conseguia dizer que adorava a mulher, como consegui assumir que eu pensava em casar?

Tudo foi culpa do olhar de desafio da mãe, como se soubesse todos os meus medos e anseios com relação a sua filha. Que ela não forçasse muito a mente para imaginar o que fizemos durante a madrugada, seria muito perturbador.

Rondei a cidade, principalmente meu bairro, em busca da moto suspeita e não encontrei. Essas pessoas eram altamente treinadas, não poderia ser qualquer um para conseguir ficar sob o radar da Hold.

Fui até o QG e procurei pelos meus companheiros de monitoramento na rede. Havia algo que estava deixando passar, isso me irritava.

Peguei uma cadeira e sentei ao lado de um dos nerds que trabalhavam na parte interna da empresa.

— Pelo amor de Deus, você não cansa de trabalhar? — Zander entrou na sala e foi até onde estava. — De Paula vai te exonerar.

— Como posso viver minha vida se essa moto está me perseguindo. Ela rondou minha casa novamente pela madrugada.

— E não foi atrás por quê? — Quando não respondi, ele riu alto e bateu no meu ombro, me fazendo afastar do seu toque. — Estava acompanhado novamente, então, é namoro mesmo.

— Cuide do seu trabalho e me ajude a rastrear quem está nos prejudicando — rosnei e o nerd ao meu lado me encarou assustado. — Foco,

véio!

— E ao invés de você se esconder em uma casa segura com a sortuda, está aqui, no meio de um bando de macho para investigar um fantasma. — Zander pegou a cadeira e puxou para próximo de mim. — Estou ficando irritado com essa porra toda.

— Topa fazer umas visitas? — Olhei para o cara que mais confiava na empresa depois do De Paula e vi seu olhar brilhar por conta do perigo e claro, clandestinidade.

— Pronto e armado. — Mostrou o punho e bati com o dele. Relutei em tomar essa atitude, porque De Paula é contra tanta invasão de domicílio sem pistas, mesmo sabendo que são

bandidos fichados.

— Vamos nessa, só voltaremos com alguma coisa em mãos.

— Ou no chão. — Zander bagunçou o cabelo de um dos nerds e mostrou o dedo médio para a cara brava dele.

— Pare de perturbar, você parece meu irmão, porra! — Empurrei-o para fora da sala e ele riu alto, despreocupado.

— E como seu irmão aguenta um velho ranzinza igual você?

— Quem tem que aturar alguém sou eu. Agora, foco na missão.

Entramos na sala onde tinha roupas e equipamentos e nos preparamos para começar uma

missão sem consentimento de De Paula. Para que não fôssemos demitidos de nossos cargos, deveríamos voltar com algo, o que era nossa pretensão.

E claro, voltar com vida. Eu tinha um motivo maior para pensar nisso.

Alexia

Apesar do clima de tensão em casa depois do confronto com Leo e seu pedido de casamento inusitado, eu me sentia muito bem, ou melhor, mais do que bem. Escolhi uma blusa que salientava minhas curvas e jeans apertado para o trabalho que estava me preparando no dia.

Para variar, Leo havia sumido e dessa vez, me controlei para não enviar mensagem. Ele precisava sentir do seu próprio remédio. Queria distância? Ele teria a minha também. Não pensava que poderia me trair, a verdade era que eu mesma não me sentia namorando. Aquela conversa com

meus pais ainda era uma grande incógnita na minha mente e não revelei o acontecido para ninguém.

Estava realizando aulas de direção e em pouco tempo tiraria minha carteira de habilitação. Minha mãe estava relutante de me liberar o carro, mas meu pai, parecia mais receptivo as minhas mudanças e conquistas. Dona Carmem não estava sabendo lidar comigo escorregando por entre seus dedos, essa era a verdade.

Guardei minha câmera, cartões de memória e a arma, tudo dentro da minha bolsa. Era estranho o quanto me sentia segura tendo a pistola na minha bolsa, mesmo sabendo que não teria coragem de usar. Ou sim?

Saí do quarto e bati na porta do quarto da

minha mãe para avisar que já estava indo. Era tarde, iria chamar um carro, suas caronas não eram mais necessárias.

— Estou indo, mãe — falei com apenas a cabeça dentro do quarto. Ela estava sentada na cama com um livro na mão enquanto papai já dormia pesadamente. O evento já tinha começado, mas minha presença foi requisitada apenas às dez horas da noite.

— Tenha cuidado, filha. Qualquer coisa estou com o celular do lado. — Tentei não revirar os olhos, tinha certeza que ela ficaria acordada, como fez nos dois últimos eventos noturnos.

Céus, fazia tanto tempo assim que não falava com Leo? Por onde ele estava? Luana não

sabia de nada, nem Analia, meus contatos para assuntos do coração. Confiante nos últimos momentos que passamos, fui para a sala esperar o carro e assim que chegou, fui para o evento tirar fotos com confiança.

Quando cheguei no local, havia muitos carros ao redor e música alta. Respirei fundo e segui até onde estavam as pessoas indicadas como cerimonialistas.

— Oi, sou Alexsandra, a fotógrafa. — A mulher parecia querer me abraçar.

— Ah, que bom que chegou! Venha, vou te levar até os modelos.

Foi então que reparei que era um casamento. Segui a mulher até o fundo do salão e

de lá, descemos por uma escada. No caminho, percebi que haviam muitos fotógrafos, não estava entendendo o motivo de terem me chamado. Meu coração gelou quando percebi que estaria em um local diferente do movimento.

— Nem me apresentei, sou Letícia, sócia do Espaço Vivifica. Os noivos são Lucas e Juliano e sua sessão em estúdio foi muito bem recomendada. Vai precisar de carona para casa ou veio com condução própria?

Foi muita informação para processar, por isso não respondi, apenas segui para dentro e testemunhei um beijo cinematográfico protagonizado pelos dois.

— Chegamos, bofes, agora temos

cobertura jornalística. — Letícia segurou nos meus ombros e me pôs a sua frente. Os dois me olhavam com um sorriso satisfeito que queria me contagiar.

— Laís nos indicou você. Eu queria fazer a sessão em outro horário, mas terá que ser essa, porque não moramos nessa cidade. Obrigado por aceitar nossa loucura — um dos noivos falou e consegui respirar aliviada. Se minha amiga tinha recomendado, então, estava tudo seguro.

— Obrigada pela confiança. Farei meu melhor.

Olhei ao redor e conferi os cenários. Certeza que tinha dedo da esposa de Guido, por conta dos enfeites comportados cheios de rendas e outro com vermelho e roxo.

Percebi que Letícia saiu da sala, fiquei sozinha com os dois e conduzi, de longe, o ensaio. Tirei muitas fotos, eles se divertiram fazendo poses sérias, divertidas e no final, quando se beijaram, dei o meu melhor para registrar a paixão entre os dois.

Sorri ao concluir a sessão e perceber que essa era uma das grandes facetas do amor, que ultrapassavam barreiras e preconceitos.

— Hora de cortar o bolo! — Letícia entrou na sala nos interrompendo, bem, a eles, porque as fotos eu tinha concluído há alguns segundos.

— Está convidada para ficar e comer alguns docinhos. Serão os mais gostosos que você já comeu — Lucas falou.

— Tenho que concordar e confessar que já

comi dois enquanto decorava — Letícia fez sinal para que eu a seguisse e fomos juntos subir as escadas.

A cerimonial e os noivos seguiram para um lado e eu, observei a festa antes de decidir o que fazer. Comer alguma coisa ou beber? O ideal seria voltar para casa e trabalhar nas imagens.

Quando meus olhos encontraram uma silhueta conhecida, congelei. A partir de então, senti meu mundo ruir ao perceber que um dos convidados era o meu passado, aquele que teve o poder de estragar minha vida e que eu tinha feito um grande esforço para esquecer.

Senti a arma na bolsa, respirei fundo e tentei me centrar em qual seria meu próximo passo,

porque não tinha nada a ver com a degustação do buffet.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 40

Alexia

Não escutava a música, muito menos percebia as pessoas ao meu redor. Era apenas eu e o bicho papão em destaque. Ele parecia embriagado, se mexia para todos os lados e também, parecia não ver ninguém ao seu redor, muito menos eu.

Coloquei minha mão dentro da bolsa e empunhei a arma, sem revelá-la. Estava fácil de acabar com aquilo que me causou dor e anos de terapia. Consequências? Nesse momento, eu focava apenas no aqui e agora, a oportunidade que não dei

sequência há semanas.

Fazia tanto tempo assim?

Tanta coisa tinha acontecido, muito mais do que eu achava que estava preparada. Enfrentei muitos medos e deixei outros para trás, como era o caso desse homem.

Soltei a arma e aos poucos, tudo ao meu redor começou a ser percebido. Vi os noivos sendo aplaudidos enquanto caminhavam juntos até a pista de dança. Muitas pessoas os rodearam para prestigiar e meu abusador do passado, cambaleando, foi até onde estava a aglomeração e derrubou várias pessoas no caminho.

Ele ainda estava prejudicando outras pessoas? Em que momento iria parar?

PERIGOSAS NACIONAIS

— E esse é meu pai, o homem que nunca me aceitou, mas que fez questão de estar no meu casamento para celebrar sua saída da prisão — Lucas falou com ironia pelo microfone, tornando o clima amistoso e alegre que existia antes, para tenso e triste.

— Está tudo bem, pessoal. Meu sogro está passando por um momento difícil, vamos continuar com a festa, porque meu marido merece a melhor do mundo. O jantar está servido e o DJ irá soltar o som! — Juliano assumiu o microfone, Letícia e vários homens começaram a dispersar as pessoas, pegaram o pai do noivo e o carregaram em minha direção.

Não, ele não podia me ver!

PERIGOSAS ACHERON

Meus pés estavam grudados no chão. Minha mão foi novamente para dentro da bolsa e o dedo ficou tenso no gatilho. Ele estragou a festa dos noivos e eu faria o quê? Pior?

Foi impossível não relembrar do que passei com ele. Apesar da pouca idade e das imagens na minha mente estarem borradas, senti toda a dor que me causou. O buraco que vivi por um bom tempo parecia me sugar, o progresso que tinha feito, a paixão que sentia por Leo e sua proteção estava desaparecendo de mim e se transformando em trevas.

O agravante da situação foi o sumiço do primeiro homem que me tocou de forma tão íntima de forma consentida. Leo. Será que meu passado

foi demais para ele? Eu realmente nunca valeria à pena, por ser suja?

De uma coisa não havia dúvida, enquanto busquei ser uma pessoa melhor e afugentar meus medos, o homem do meu passado se afundo mais e mais e parecia não aceitar o próprio filho, além de estragar o momento importante de outra pessoa.

Quantos foram os prejudicados por suas ações inescrupulosas? Eu deveria acabar de vez com sua vida, antes que fizesse mais mal? Será que tinha esse poder?

— Alexsandra, você está bem? — Letícia me abordou e pisquei várias vezes para me situar e perceber que a festa tinha voltado ao normal. Não conseguia falar nem engolir saliva para me fazer

respirar. — Oh, céus, eu conheço isso, é um ataque de pânico. Vamos para fora, venha!

Fui levada, mesmo sem querer sair de onde estava, pela dona do buffet. O jardim bem cuidado não parecia tão atrativo, até que vi uma linda roseira se destoando de todas as plantas que faziam parte desse lugar.

— Respira fundo. Comigo. — Acompanhei sem ritmo de respiração profunda e aos poucos, o meu interior, que estava se tornando cinza, aos poucos, voltou a ganhar cor. — Isso, estou vendo a tensão sair de você. — Ela se pôs na minha frente e sorriu com carinho. — Vou pedir para um dos garçons trazer uma água para você.

— Preciso ir embora. — Dei um passo

para trás e minha garganta ainda estava dolorida. — Só preciso ir embora.

— Algo da festa te chocou? Lucas e Juliano são especiais, se algo foi ofensivo, eles com certeza viriam pedir desculpas pessoalmente.

Como era possível pedir desculpa pela sua origem?

Imediatamente lembrei de todas as sessões de *Constelação Familiar* que participei e uma força interna, que não sabia que era tão intensa, começou a brotar.

Fechei os olhos, respirei fundo várias vezes e repeti na minha mente: o que está no passado ficou no passado. Sobrevivi e posso fazer diferente. Ninguém irá me limitar que não eu

mesma. Sou a melhor parte da minha mãe e do meu pai, cinquenta por cento de cada.

Abri os olhos e Letícia me observava atenta, como se eu fosse a mais estranha das pessoas. Voltei a olhar para a roseira e firmei minha posição, continuaria independente e ninguém, nem o pior dos pesadelos, iria me fazer recuar.

— Até a cor do seu rosto mudou. Precisa de uma carona ou ir para um pronto atendimento? Eu providencio.

— Obrigada pela confiança no meu trabalho. Posso me cuidar. Até mais. — Segurei suas mãos, apertei e saí para o meio do salão e não olhei para os lados, apenas para a porta de saída.

Estava me sentindo a Mulher Maravilha, por não precisar provar nada a ninguém. Sabia me defender e não seria transtorno na vida de Lucas, ele já tinha muito no seu prato para aceitar que o pai o rejeitava.

Então, quando saí do estacionamento do buffet e vaguei pelas calçadas do bairro, lembrei da minha infância sem me sentir tão mal como foi há minutos. Eu era uma criança, minha mãe se dividia em cinco para poder colocar o básico em casa, por conta do meu pai traficante de drogas, que a rechaçou quando descobriu a gravidez. Aquele que me tocou indevidamente e roubou minha inocência era uma pessoa confiável e que todos respeitavam na creche onde ficava em período integral, para que

minha mãe pudesse nos sustentar. Quem poderia imaginar que isso aconteceria em um ambiente desses?

Por muito tempo rejeitei meu pai biológico, porque eu era a cópia dele fisicamente. Um dos motivos do meu abusar ser atraído por mim, além do seu distúrbio mental, eram minhas características, meus cabelos loiros, olhos de anjo.

Quando minha mãe conheceu meu padrasto, ela estava fechada para relacionamentos e amizades, porque foi na mesma época que descobriu o que me aconteceu. Como confiar em outra pessoa? Como ir trabalhar, sabendo que eu não queria ninguém além dela ao meu lado? Henrique foi uma benção e perdição em nossas

vidas. O homem que me mostrou o que era fazer o papel de pai de verdade precisou mostrar, antes, que era uma pessoa de bom coração.

Henrique não só conquistou minha mãe aos poucos, sem pressão, mas me respeitou por ser uma criança calada e introvertida. Quando meu pai biológico voltou para as nossas vidas e queria me ter como pagamento pela fuga da minha mãe, meu padrasto não pensou duas vezes em nos proteger e o matar.

Com todo o seu dinheiro e poder, na época, Henrique gastou quase toda a sua fortuna para abafar o caso e não ser preso também. Ele desistiu do seu sonho profissional e provou, para minha mãe e depois de um tempo, para mim, que

nos amava incondicionalmente.

Seu sonho era nos ter ao seu lado, tudo isso bastava.

A confiança que Henrique conquistou de mim foi o pontapé inicial para que eu não desistisse da minha vida e percebesse que sim, haviam pessoas boas nesse mundo. O problema foi que, por muito tempo, pensei que ele era o único e me relacionava apenas com meninas e mulheres.

Passei anos pensando que minha origem torta e o que sofri era a explicação para que não fosse digna de me sentir uma garota normal. Pensando bem, isso contribuiu para que nunca concluísse um tratamento terapêutico e me dedicasse aos estudos em casa, sozinha. Também

descobri um amor chamado romances de época. Quando existia algum tipo de cena íntima, eu pulava a parte com o coração na mão, revivendo algumas cenas do meu passado. Continuava a leitura e amava o jeito inocente que as mulheres eram tratadas. Para mim, só funcionaria dessa forma.

Então... apareceu Fred, me defendendo como Henrique fez um dia e me permiti experimentar essa amizade. Nunca o vi como nada além de amigo. Temia o dia em que se declarasse para mim, ainda mais com minha mãe fantasiando sobre isso. Para minha felicidade, ele estava esperando Luana para formar família.

Todavia, era por Leo que meu coração

sempre bateu mais forte. Pela raiva ou indignação, eu me preparei para o momento que a verdadeira face desse homem seria revelada.

Nós éramos iguais. Cada um com sua armadura para sobreviver, eu com minha introversão e ele com sua carranca. Não éramos imãs, fomos atraídos um pelo outro por conta das nossas semelhanças e eu estava apaixonada por ele.

Sorri ao pensar que estava confortável com alguém como Leonides Saad. Olhei para os lados e prendi a respiração quando uma moto passou e o local onde estava era muito conhecido.

Céus, andei pela madrugada, sozinha, por quanto tempo?

Quando atravessei a rua e abri minha bolsa

para pegar o celular e chamar um carro para me buscar, identifiquei que estava no bairro do Leo. Seria meu inconsciente me levando para onde me sentia mais segura?

Uma moto passou novamente e me lembrei sobre a perseguição daquele dia. Eu não era mais a caça, dessa vez seria a caçadora e provaria a mim mesma que era poderosa e dona da minha vida.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 41

Leo

— Cara, eu preciso de um banho — Zander reclamou assim que entramos no carro. Estávamos há mais de uma semana em campo, porque iríamos cumprir o que definimos, voltar para a Hold apenas quanto encontrasse algo. Nossa vida era estar na rua e ficar em uma casa segura pouco equipada.

— Precisamos da porra de uma pista! — Bati no volante, liguei o carro e acelerei.

Já tinha perdido as contas de quantas casas

batemos. Apesar de estarmos municiados e prontos, não houve nenhuma morte, todos colaboraram, estavam amedrontados e não sabiam de nada que não fosse de responsabilidade da polícia.

Quem estava atrás da Hold? E o que mais me intrigava, por quê?

O celular de Zander tocou e conferi o meu por mensagens de Alexia. Porra, não entraria em contato e ter que responder milhões de perguntas, mas queria um pouco de notícias da minha mulher. Só de pensar na nossa única e primeira vez, precisava controlar a reação do meu corpo, porque ela era perfeita para mim, de uma forma indecente.

Por que estava com essa palavra enraizada na minha mente? Com certeza foi algum dos meus

primos que me falou merda e eu, absorvi. Nunca sairia do meu modo chato e irritado enquanto percebesse que poderia ser manipulado.

— Sim, estamos voltando, senhor. Cumprirei a advertência com muito prazer, só não posso dizer pelo perigoso Leo.

— Que merda você está falando? Não vamos voltar!

— Sim, nós vamos e você precisa respirar fundo antes que te repasse o resto das informações. — Zander me fez mudar o trajeto e bufei ao perceber que voltávamos para o QG da Hold.

— Caralho, precisamos seguir com o plano! Você é companheiro ou filho da puta?

— Pelo visto, sou amigo de um casal de

agentes. Sua mulher está na Hold com a pista que não encontramos.

Precisei de um tempo para absorver o que ele estava falando. Minha mulher? A pista que não conseguimos por uma semana pela cidade?

— Está falando de Alexia?

— E você tem outra mulher? — Deu de ombros. — Se não for sua, não tem problema, eu assumo a responsabilidade.

Dei um soco no seu peito e ele riu ao mesmo tempo que tossiu pela dor. Esse idiota estava brincando com o perigo, meu humor não estava dos melhores, tanto pelo tempo nessa missão quanto por sentir uma falta do caralho da minha borboleta.

— Como ela te aguenta? Deve ser uma mulher de penca para aguentar essas pancadas que você dá quando perde os argumentos.

— Não olhe para a minha mulher, nem pense nada errado com ela, porque vou para a guerra por ela.

— Ah, isso me lembra a missão da Cleópatra. Demorou tudo isso de tempo para conquistar a mulher?

— Zander, fale algo produtivo. Por que Alexia está na Hold? Como ela chegou em De Paula?

— O chefe não entrou em detalhes, apenas falou para voltarmos, porque tinha provas sobre quem estava nos perseguindo. — Parei o carro na

frente do portão do QG e me cutucou com o cotovelo. — Fomos punidos, seremos os únicos que não participarão dessa missão. — Deu de ombros e eu estava surtando. — Eu aprecio, dormiria uma semana se fosse possível.

Saí do carro antes mesmo dele terminar de estacionar. Entrei no elevador e deixei Zander para trás, o filho da mãe iria esperar, porque estava surtando pela ansiedade, só não sabia explicar se era pela saudade da minha mulher ou por querer saber o que a levou até ali.

Se alguém a tocou...

Saí do elevador, corri para a sala de Briefing e lá estava ela, sentada em uma cadeira apontando para a tela de um notebook para De

Paula, Tadeu, que era o outro sócio da Hold e um dos nerds.

— Alexia! — Eu esperava que ela se levantasse e viesse até mim para um abraço ou... porra, estava claramente perturbado e precisando descansar.

— Há uma nova quadrilha na cidade, que entrou no lugar de Cleópatra e queria nos desfalcar além de tirar nosso foco. Já sabemos onde estão, essa missão será feita com a polícia — De Paula falou, mas minha atenção era toda dela, que estava séria, arriscaria dizer que parecia chateada.

— Você está bem, Alexia? Como chegou aqui?

— Sua mulher foi muito astuta, apesar de

ter se arriscado por não ter treinamento adequado. — Tadeu deu a volta da mesa e apertou a mão no meu ombro. — Ofereci trabalho para ela, mas foi categórica ao dizer que precisava falar com você antes.

— Ela não precisa de mim para autorizar onde trabalhar! — Olhei para ele sair da sala e depois para ela. Não estava acreditando nisso e me controlei para não fazer merda na frente do homem que eu respeitava *pra* caralho, De Paula.

— Desde quando peço autorização para algo? — Alexia finalmente falou, se levantou e cruzou os braços. — Você sumiu por mais de uma semana, nem vivo eu sabia se você estava. O que não quero é trabalhar no mesmo lugar que um ex-

namorado. Ainda não estou pronta para isso.

— Ex-namorado? — Andei até ela e os dois homens que estavam na sala apenas observavam nossos atos. — Eu te pedi em casamento para os seus pais!

— Quem casa quer casa e compartilha a vida. Até quando vai sumir e não mandar uma mísera mensagem de: estou trabalhando? Não é dar satisfação, apenas...

Abracei seu corpo, senti seu cheiro e suspirei me sentindo bem e em casa. Meu Deus, essa mulher era muito mais para mim do que poderia cogitar, até dizer casamento não parecia tão absurdo.

Caralho, eu seria a *zoação* na família por

uma década.

— Alexia fotografou a moto e o piloto que estava rondando sua casa. Ele também tentou invadir o local, mas Alexia acionou o alarme ao abrir o portão da entrada segura no galpão. Ela tem espírito de agente.

— Por que estava na minha casa, de madrugada? — Eu a afastei, mas não soltei seus ombros. O sorriso contido me fez beijar seus lábios com suavidade e o suspiro que soltou quase me teve de joelhos implorando seu perdão por sumir.

Porra, não sabia ser diferente, era mais forte que eu!

— Fiz uma sessão de fotos especial no Espaço Vivifica, o buffet da mulher do De Paula.

Nada nessa vida é coincidência. — Ela olhou para meu chefe e agradeci com o olhar para ele. — Eu meio que surtei por um momento, saí andando pelas ruas pensando e cheguei no seu bairro. Só depois percebi que o buffet é um tanto perto da sua casa.

— Por que você surtou?

— Depois conversamos — ela falou baixo e nem percebi que estava incomodada.

— Não, fale agora. Eu sei que é idiota da minha parte sumir, mas só não consigo, estou focado demais no trabalho.

— Não é isso, Leo. É sobre o meu passado. Depois conversamos, tudo bem? — Arregalei meus olhos e a abracei novamente para

encarar De Paula com toda a raiva que estava sentindo. O que tinha do passado dela justo no buffet da mulher dele?

— Alexia tirou as fotos, afastou o curioso e nos entregou algo valioso. Ela será devidamente recompensada e a oferta de emprego está de pé.

— Me deixe fazer parte dessa missão! — exigi e Alexia me beliscou. — Ai, porra.

— Você vai embora comigo, me levar para casa e descansar. Chega de missão, eu estou chateada.

— *Fatality*! Eu vivi para assistir isso — o nerd falou baixo. Ignorei ao segurar na mão da minha mulher e pegar sua bolsa em cima da mesa para irmos embora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Rastreamos a moto e fizemos reconhecimento facial no sujeito. Ele faz parte de uma gangue de outra cidade. Acionamos nossos contatos e descobrimos que eles migraram de lá para cá, a pedido de Cleópatra. Temos rastreamento de vários celulares e cruzamos as informações, eles eram bandidos desconhecidos aqui, agora, não mais. — Fechou a mão com força e me encarou com raiva. — Não ficará nenhum marginal sem a sua devida consequência. Ninguém mexe com a Hold ou a família dos seus agentes. — Apontou o dedo para mim. — Esse é o resumo da história e o nível do meu humor. Quando digo que não quero te ver aqui em menos de uma semana, agente, cumpra! — De Paula ordenou.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, sim — resmunguei sabendo que não cumpriria suas ordens. Ele estava puto e eu também. Não era momento para discussão.

Segui para o corredor, coloquei Alexia contra a parede e a beijei como queria. Quando ela colocou seus braços envolta do meu pescoço, percebi que estava tudo bem, principalmente conosco.

— Quer uma carona? — Zander surgiu do nada e interrompi nossa interação, colocando Alexia atrás de mim.

— Só vai embora, cara. Estou com minha mulher.

— Oi mulher do perigoso mal-humorado. Como você aguenta?

— Ele é um amorzinho — Alexia brincou nos surpreendendo e a levei até o elevador, deixando meu companheiro para fora.

— Hei! — Zander reclamou.

— Amorzinho? — Bufei e ela abraçou minha lateral quando estávamos sozinhos.

— Está mais para azedinho. Você está fedendo.

— Podemos ficar na minha mãe hoje? Vou providenciar uma outra casa ou apartamento, não irei arriscar sua segurança.

— Ficar na sua mãe? Leo, eu preciso voltar para casa, falar com meus pais sobre nosso namoro e depois, quem sabe um ano, eu encaro sua mãe como sogra.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como assim falar do nosso namoro? Eu já fiz isso!

— Não, você me pediu em casamento e depois fugiu, além de nem ter conversado sobre esse status comigo.

— Tudo bem, namorada. Falaremos com seus pais novamente e você terá que falar com os meus.

Saímos do elevador e ela gemeu.

— Dona Bety vai achar que éramos namorados desde há muito tempo.

— Dane-se. Vamos para a sua casa, então? Será que seus pais se importam de me trocar lá?

Tive que rir da sua cara de assombro. Beijei sua testa, despois sua boca e paramos em

frente à minha moto.

— Eu sei brincar também, Borboleta. Só não se acostume. Vou te deixar em casa, vou para a minha e quando acordar, me ligue, quero ficar com você.

Colocamos os capacetes, subimos na moto e ganhamos as ruas com tranquilidade, até que lembrei sobre o surto dela e que precisava conversar sobre o assunto.

Não dava para resolver tudo de uma vez.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 42

Leo

Com relutância, deixei Alexia em casa e acenei para os meus sogros que esperavam sua filha na porta de casa.

— Foi minha vez de te ajudar a ter paz. Você não precisa mais fugir, estamos seguros. — Alexia me beijou e correu para dentro de casa.

Minha Borboleta não se contentava em me deixar orgulhoso pela sua evolução como pessoa, ela tinha que contribuir para a minha própria mudança no processo.

Ela se arriscou para me dar paz. Será que eu merecia tudo isso? A única coisa que almejava e não me preocupava com o preço, era estar com ela pelo dia, pela tarde e por toda a noite.

Entrei em casa pelo portão da frente, conferi como o motoqueiro tentou invadir e fui tomar um banho revigorante. Precisava buscar um novo local para morar, algum que Alexia também gostasse. Será que ela realmente queria trabalhar comigo na Hold? Seria hipócrita da minha parte reclamar sobre sua segurança, quando tudo pelo que lutei, foi que ela tivesse independência.?

Depois que tomei banho, fui conferir as câmeras da minha casa. O idiota invasor sabia exatamente onde estar para que não pegasse

nenhuma imagem do seu rosto. Quanto a Alexia, ela foi tão astuta em disparar o alarme para o espantar ao mesmo tempo que esteve tão perto do perigo. Será que a arma estava com ela? Daria mais aulas e apresentaria outras pistolas.

Fiz uma mala, peguei meu carro e fui para a casa dos meus pais. Passaria um tempo por lá até me estabilizar e claro, precisava anunciar a dona Bety que ela tinha uma nova nora.

Enquanto dirigia, neguei com a cabeça ao pensar em casamento. Vestir terno e toda a *caralhada* que uma festa desse porte exigia não era para mim. Bestien que fosse o último primo a casar, eu não completaria o quarteto de noivos. Eu faria parte da estatística da união estável, era mais minha

cara.

Estacionei na garagem, saí do carro e acenei para o meu pai, que parecia descer do alçapão da casa. Tirei a mala do carro e sorri divertido ao ver o olhar curioso do velho.

— Vocês aceitam devolução?

— Claro, meu filho. Mas quem foi a mulher que te rejeitou para precisar de colo?

Olhei-o sério enquanto o via rir baixo. Meu pai era sábio e prestativo, só um homem como esse para aguentar minha mãe.

— O que aconteceu, Leo? Por que está com uma mala? — minha mãe falou assim que entrei na cozinha.

— Acabou a sua lua de mel com o pai, vim

para ficar — tentei brincar, como Fred sempre conseguia, mas minha mãe me encarou desesperada.

— Como assim ficar? Não conseguiu pagar a prestação da casa? Eu e seu pai temos uma reserva, podemos te emprestar. — Ela abriu a boca e me preparei para a próxima suposição: — Alguma mulher te magoou?

— Por que vocês acham que Alexia me deu um pé na bunda? É só por um tempo, minha casa foi vendida e vou comprar outra. — Fui até meu antigo quarto e deixei a mala do lado da cama.

— Alexia? Tipo... Alexsandra, amiga do seu irmão, aquela que sempre vai nas reuniões de família com a gente? — Minha mãe me encarou

assustada da porta do quarto e meu pai estava ao fundo com os braços para cima, como se dissesse: aleluia.

— Eu e Alexia estamos namorando, mãe. — Tentei controlar os batimentos do meu coração, parecia que estava assumindo algo muito maior do que um relacionamento.

Ela veio me abraçar e fungou. Parecia emocionada e isso me desconcertou. O que será que terei que fazer para que minha mãe a aceitasse? Não bastava ter que conquistar os sogros, teria que fazer isso aqui também?

— Acho que nunca falei para você ou seu irmão, a verdade é que a família não comenta sobre o assunto, por ser muito doloroso. — Ela se afastou

e tentou sorrir, mas as lágrimas atrapalhavam. — Quando vi Alexia pela primeira vez, lembrei da filha que perdi.

— Filha? Como assim?

— Tive três gestações. A segunda, era uma menina e eu a perdi de forma espontânea. — Limpou as lágrimas e meu pai apertou seu ombro para apoio. — Quando conheci a amiga do seu irmão, não sei o motivo, mas me lembrei que eu tive esse episódio na minha vida, por ela ser muito introvertida e parecer ter uma nuvem preta em cima da cabeça.

— O passado de Alexia foi difícil e a fortaleceu. Ela é forte, mãe. — Estava digerindo a informação de que não era o segundo filho, mas o

terceiro.

— Sim e agora, ela poderá ser parte da nossa família como sempre almejei. — Sorriu entre as lágrimas.

— Ela não vai ocupar o espaço dessa criança que você perdeu, mãe — tentei não soar insensível. Alexia não precisava de mais uma mãe protetora.

— Sei que não. Alexia me fez lembrar da filha que não nasceu ao mesmo tempo que sentia, dentro de mim, que ela também fazia parte dessa família. Achava que ela viria por Fred, nunca por você.

— Por não ser capaz? — Tentei não fechar a cara. Meu pai negou com a cabeça e abraçou de

lado minha mãe, que controlava o choro.

— Por estar muito fechado para a vida. Nunca parou quieto no lugar, não se contentava com nada, sempre fez coisas perigosas...

Como se a ficha tivesse caído, a necessidade de fugir e não dar satisfação pareceu tão sem sentido e infantil da minha parte. Estava buscando algo ao mesmo tempo que fugia. Não mais. Como explicar essa mudança tão repentina de postura?

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para Alexia e também, o grupo dos meus primos. Eu estava de volta.

— Fique o tempo que precisar e traga Alexia. — Minha mãe saiu do quarto e meu pai

ficou com um sorriso matreiro.

— O tempo que precisar inclui você e eu cortando a grama esse final de semana — ele decretou.

Sentei na cama, observei meu pai se afastar e relembrei bons momentos que passei na minha infância e juventude nessa casa. Será que Maurício seguirá os passos do pai e será focado nos estudos? Ou terá influência da minha parte e buscará aventuras como subir nas árvores e pular muros?

Estava com saudades do meu sobrinho, iria perturbar minha cunhada enquanto Alexia estava dormindo e não me respondia.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 43

Leo

— Que bom que você veio. Preciso de um banho, faça sua mágica com seu sobrinho. — Luana me entregou Maurício depois de tirá-lo do peito. Havia acabado de chegar, minha cunhada estava descabelada, com pijama e uma olheira maior do que a última vez que a vi.

— O melhor tio do mundo está aqui, pode ficar despreocupada, cunhada.

Foi só ela sair da sala e entrar no quarto para Maurício chorar e me assustar. Caramba, onde

estava o poder de acalmar bebês? Meu celular apitou, era uma mensagem e já estava torcendo para Alexia me salvar.

Manobrei o bebê para segurar apenas com uma mão e na outra, conferi o celular. Era o grupo dos primos.

Fred>> Quem é vivo sempre aparece. Voltou para a casa da mamãe, irmão?

Guido>> Como assim voltou para a casa dos seus pais, Leo? O que aconteceu?

Leo>> A mãe já espalhou a notícia? Acabei de sair da casa dela e estou muito bem acompanhado do único homem decente da família.

Bastien>> Eu estou na academia, não

estou com você.

Enviei a foto minha com Maurício chorando. Comecei a chacoalhar e andei para o quintal do fundo, esperando que Luana não escutasse a cria reclamar e interrompesse seu momento.

Fred>> Cara, você poderia aparecer mais vezes e dar uma folga para a minha mulher. Ela anda exausta por conta da falta de sono contínuo.

Leo>> Essa é sua forma de me dizer obrigado? Aproveite enquanto estou de folga e aceite quando Maurício fizer metade das loucuras que fiz quando criança.

Guido>> Misericórdia. É contagioso?

Pedro não pode se parecer comigo, muito menos com você. Será com quem então?

Bastien>> Falando em filhos, irei fazer a ultrassom semana que vem. Torcendo para ser mais um menino e formar o quarteto da bagunça.

Fred>> Você fazendo ultrassom? Aí só sai bosta, meu primo. HAHAHA

Bastien>> Ele ainda se acha engraçado. Você entendeu o que eu quis dizer.

Leo>> Pode deixar que as piadas que você ensinar para seu filho eu vou desensinar a ele.

Fred>> Vai se foder, arranje seu herdeiro próprio. Falando nisso, onde está

PERIGOSAS NACIONAIS

Alexia? Deu sinal de vida para ela, fujão?

Guido>> Opa, alguém repetindo meus passos?

Leo>> Fique uma noite acordado e cuide da sua mulher enquanto eu cuido da minha. Vou voltar para o Maurício, o rapazinho não parece contente comigo.

Fui guardar o celular e lá estava um novo alerta de mensagem do celular, era ela.

Alexia>> Oi, parece que fui atropelada por um caminhão, mas tudo bem. Luana falou comigo, estou indo até você, farei o almoço.

Leo>> Ah, então ela você responde.

Não consegui controlar meu ciúme.

Alexia>> Ela me ligou e acordei. Você é

mais amorzinho e me deixou dormir. Já estou com saudades, vou conseguir um alvará para passar o dia e noite com você.

Leo>> Está precisando pedir autorização para estar com seu namorado?

Alexia>> Estou apenas respeitando os meus pais e claro, quem paga as minhas contas. Mas está tudo bem, tenho uma oferta de emprego bem interessante.

Leo>> E seu namorado está em busca de uma casa nova. Vamos combinar, não há necessidade de gastarmos dinheiro com duas residências, se no final do dia, dormiremos na mesma cama.

Alexia>> Pediu minha mão em

casamento aos meus pais e agora, me chamando para morar junto. Qual será o próximo tiro? É competição de quem demorou menos para se amarrar em definitivo?

Leo>> Só responderei quando ver sua resposta. Sim ou não.

Alexia>> Minha resposta virá quando sua próxima missão for executada. Se você não sumir, eu estarei com você.

Leo>> Não sei o que é pior nesse momento, ser colocado contra a parede ou o choro de Maurício.

Alexia>> Foca no nosso sobrinho, vou me trocar e estarei com vocês.

Guardei o celular no bolso, chacoalhei um

pouco mais o menino e lembrei sobre a tal da cólica. Ou deveria pôr para arrotar, já que tinha acabado de mamar?

Ajeitei-o no meu colo, sua cabeça ficou no meu ombro e um belo arroto saiu da sua boca, o acalmando antes mesmo de começar a dar leves batidinhas nas suas costas.

Senti uma enorme felicidade ao pensar que poderia morar junto com Alexia e ter essa mulher para mim por tempo integral. Ela tinha dúvida sobre meus sumiços? Ela não perdia por esperar, havia ultrapassado essa barreira.

Fui para a sala, sentei no mesmo lugar que da outra vez, deixei minha postura a pior possível e suspirei quando percebi que o bebê tinha dormido.

Meu celular apitou o recebimento de mais mensagens e revirei os olhos para o que meus primos deveriam estar falando. Não dava apenas para aceitar que eu estava namorando Alexia? Sabia que essa novidade me deixaria desconfortável por um tempo. Nada que deixar de ir nas reuniões do Haras não resolveria. Ou não, pensando melhor, se assunto do momento era menor que as cobranças da minha vó Cida ou mesmo suas palavras de profecia. Fred caiu nelas, eu não precisava repetir o feito.

Olhei para o celular e verifiquei que eram imagens enviadas pelo responsável pela missão do passado de Alexia. Arregalei os olhos ao perceber que conhecia o homem que parecia em uma festa,

era recente.

“Festa de casamento do filho no Espaço Vivifica.”

Uma das fotos era da minha mulher com o olhar de medo, sem foco. Seria esse o surto que ela teve? Pesquisei todas as imagens e nada indicava que ele foi executado ou que houve confronto com Alexia.

Antes de tudo ficar bem, faria questão de exterminar esse passado. Mas antes, precisava saber seu lado da história.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 44

Leo

Abri os olhos assustado, conferi o pequeno pacote em formato de bebê no meu colo e suspirei aliviado. Se algo acontecesse com meu sobrinho, eu mesmo não me perdoaria.

A missão estava cobrando seu preço. Além do sono ter me atingido em cheio, meu corpo parecia buscar relaxamento. A sorte é que minha tíbia continuava sem dor, ou seja, estava recuperado.

— Oi — uma voz conhecida soou ao

longe, virei meu rosto e percebi que Alexia estava com uma câmera na mão tirando fotos de mim por trás. Agora estava claro o motivo de eu ter acordado de súbito. — Tenho fotos suas para uma vida aqui. — Ela se aproximou e beijou minha boca. Ah, como eu queria aprofundar esse beijo junto com meu corpo no seu. — Você não dormiu?

— Como entrou? Onde está Luana? — Ajeitei-me para sentar com uma postura melhor e Maurício resmungou.

— Ela estava dormindo quando cheguei, agora toma banho. — Alexia colocou a câmera no rosto e fez mais fotos minhas com o sobrinho. — Você tem jeito com bebês.

— Eu gosto de crianças. — Desviei do seu

olhar curioso para o bebê que queria acordar. — Apesar de não ser meu filho, sinto uma conexão com ele.

— Deve ser o que chamamos de amor. — Alexia tirou mais algumas fotos, colocou a câmera em cima do raque da tevê e veio em minha direção com os braços estendidos. Sim, eu amava esse pequeno grande homem. — Acompanhar a gestação de Luana me fez amar intensamente também. Minha vez.

Levantei para entregar Maurício em seu colo, roubei um beijo e a vi admirar o bebê sob uma nova perspectiva. Não existia mais medo em assumir algo sério com Alexia, então, poderia pensar em formar uma família, certo?

Foco, Leonides. Temos muita coisa para descobrir e aproveitar antes de atropelarmos as coisas. Meu irmão e primos estão em uma *vibe* completamente diferente da minha cheia de adrenalina e antecipação.

— Confesso que nunca pensei em ter um filho, nem antes de estar com você, nem agora. — Alexia não me encarava e andava pela sala com o bebê. Seu sorriso e admiração parecia negar sua fala. — Dizem que ter um filho é uma forma de dizer sim a vida, mas hoje, a única coisa que penso, é dizer sim a nós. — Ela me encarou e não tive como ficar longe dela para escutar o resto. — Não era momento para dizer isso, mas dentro de mim grita para que eu jogue para fora tanta coisa que eu

guardei.

— Gosto de você, Borboleta, *pra* caralho. Estou na mesma página que você, pensando apenas em nós. Deixe os bebês, formar família e vida pacata para os outros, eu quero você comigo, vinte e quatro horas.

— Sinto que te amo e irei aceitar a proposta de emprego do De Paula, então sim, estaremos vinte e quatro horas juntos. — Ela parecia mais um anjo do que qualquer outra coisa. Deveria retribuir, dizer as mesmas palavras que ela falou para mim, mas minha fala anterior já tinha sido demais. Precisava ir com calma para não surtar novamente, eu não teria uma segunda chance com Alexia se sumisse novamente, sentia isso na alma.

— Seus pais vão surtar.

— Eles se acostumarão com sua menina virando mulher. — Ela ficou na ponta dos pés para me beijar e um barulho de garganta nos interrompeu. Era Luana, com um sorriso enorme nos encarando.

— Acho que Maurício precisa voltar para a mamãe dele e deixar os tios aproveitarem um pouquinho. — Ela caminhou até nós e pegou o filho. — Estão namorando mesmo?

— Sim, minha namorada. — Abracei Alexia de lado e enchi o peito com orgulho.

— Nem vou comentar que ele pediu minha mão em casamento para os meus pais. — Minha mulher saiu de perto e correu para a cozinha. Ela

estava me zoando?

Luana me encarou segurando o riso e foi para a cozinha. Estava um pouco atônito, porque a brincadeira, que antes me irritava, por ter sido feito por ela, parecia... tranquilo.

O que havia mudado em mim em tão pouco tempo?

— Então, haverá outro casamento? — Luana questionou quando entrei na cozinha e sentei em uma cadeira para observar a interação das duas. Alexia era maravilhosa para cozinhar.

— Os apressados são vocês. Estamos em outra página — respondi.

— Adrenalina! — Alexia complementou e me chamou com um aceno de mão. — Você vai me

ajudar com esse estrogonofe.

— Ah, não. Tem leite. — Luana lamentou e Maurício começou a resmungar. — Não é esse leite, meu filho, é o leite de vaca que te dá cólicas.

— Tudo bem, vamos de carne, legumes e arroz branco da hora. Pode ser? — Ganhei um beijo quando terminei de lavar as mãos. — Pode começar a cortar alho e cebola, bem pequenos.

— Sim chef.

Era uma realidade paralela ou apenas a felicidade de estar com pessoas que eu gostava? Olhei por cima do meu ombro, vi minha cunhada amamentando Maurício e voltei meu foco para os temperos, dando a privacidade que ela precisava.

— Meu Deus, preciso falar, mas por favor,

não levem para o drama ou tristeza. Hoje está um dia muito lindo para finalmente virar a página. — Alexia soltou e prestei atenção nela. — Eu enfrentei meu passado e sobrevivi. Estou livre das amarras.

Porra. O seu abusador. Ela quis dizer que viu o idiota e não fez nada.

— Não entendi, amiga. — Luana parecia não ter entendido a gravidade da situação, mas eu sim. — Seu passado? Está falando da terapia que você faz junto com Analia?

— Sim e não. — Ela me encarou e vi além de suas palavras. — Não preciso mais me moldar pelo o que me aconteceu. Tenho pessoas maravilhosas ao meu redor que transformam

qualquer drama em alegria.

— Você o viu — tentei não rosnar com raiva.

— Eu o vi, quase atirei nele no meio de uma festa, mas sobrevivi. Por causa disso, o universo me recompensou com o perseguidor, tirei as fotos e ainda consegui um emprego.

— Não estou entendo mais nada, ou melhor, só entendi a parte do emprego novo. Laís te chamou novamente para trabalhar no estúdio de dança? — Luana perguntou.

— Serei colega de trabalho de Leo — palavras amorosas e de admiração me desarmaram. Vinte e quatro horas com Alexia... precisava me controlar, porque meu corpo queria reagir só de

pensar em estar juntos da forma mais íntima.

— Você será segurança? Uau, as aulas de defesa pessoal estão fazendo a diferença mesmo. — Luana observou, mas eu e Alexia estávamos na nossa bolha.

— Terei que fazer um treinamento extensivo com você — minha voz saiu rouca de desejo.

— Estou esperando por isso — falou sem se intimidar.

— Quanto mais rápido o almoço sair, menos tempos vocês irão esperar para fazerem todas essas promessas que estão deixando subtendidas. Ou melhor, eu me viro aqui, podem ir. — Luana se levantou e tirou Maurício do peito.

— Está tudo certo. Você merece um almoço decente e nosso bebê também.

Bufei contrariado, mas o sorriso estava estampado. O certo seria eu e ela, juntos em nosso quarto e não aqui, onde não poderia me expressar como era devido.

A conversa seguiu para assuntos mais seguros e minha mente deixou um alerta sobre o passado de Alexia. Ela superou, ficou frente a frente com seu maior medo e venceu. Estava apaixonado por essa mulher valente, mas não satisfeito com o resultado. O idiota precisava de uma lição, por mais que na cadeia, ele deveria ter recebido.

Estava nos meus planos, mas por

enquanto, meu foco era atender todas as necessidades da minha mulher.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 45

Leo

Fred apareceu assim que a mesa foi posta e em clima familiar, como há muito não me sentia com meu irmão, almoçamos. Não houve brincadeiras em momentos errados, nem ameaças desnecessárias, ele parecia ter aceitado que meu vínculo com sua amiga era mais forte que sua necessidade de a proteger.

— Apesar de não ter me chamado para padrinho do seu casamento, eu me voluntario — Fred falou depois nos despedimos. Alexia segurou

o riso e eu, revirei os olhos. Ele tinha que exagerar em algum momento.

— Você terá que encontrar outro primo para perturbar, porque esse aqui não vai pular fases como você.

— Sim, estamos cheios de adrenalina. — Alexia acenou para os dois, segurou minha mão e entramos no carro.

— Sei, adrenalina — brinquei quando liguei o carro e ela parecia encabulada.

— Não sei como funciona essas coisas, Leo. Eu tenho que pedir para... — Fez um movimento com as mãos para indicar o ato sexual e ri alto. — Céus, que vergonha, mas estou com meu corpo fervendo.

— Você quer transar, eu também. — Peguei sua mão e trouxe para a minha virilha. Ela arregalou os olhos para mim e eu quase parei o carro para continuarmos. — Não há protocolo a ser seguido. Quando quiser, é só pedir ou me beijar com essa intenção, um toque... — Parei no sinal vermelho e beijei sua boca com desejo, sua mão começou a se movimentar no meu colo, me fazendo gemer. — Eu vou saber o que você quer e eu sempre estarei pronto para voar com você, Borboleta.

Uma buzina tocou, voltei a guiar o carro e lembrei que não tinha mais casa para levá-la. Nos meus pais seria desconfortável para ela, então, teria que ser em um motel.

— Tem algum lugar de preferência? — Apertei sua mão e suspirei querendo mais quando coloquei em cima da minha coxa. — Estou sem casa no momento.

— Na minha. — Ela riu baixo e tampou o rosto com a mão solta. — Só de pensar em ter seu cheiro na minha cama, meu coração sai pela boca. Vamos em casa, meus pais só voltarão no final da tarde.

— Tem certeza? — Beijei o dorso da sua mão. — Se seu pai quiser me bater, eu vou deixar novamente, nunca revidarei meu sogro.

— Eu te protejo. Agente Alexia está no comando — sussurrou com sensualidade e acelerei para chegar na sua casa o quanto antes.

Os pais dela realmente não estavam e assim que entramos pela porta da frente, ela me abraçou e beijou como se não tivesse me visto há meses. Porra, eu tinha sumido por conta da missão, não pretendia agir dessa forma novamente.

Segurei na sua bunda, ergui seu corpo e caminhei em direção ao quarto que imaginei que fosse dela. Fechei a porta com o calcanhar, coloquei seu corpo deitado na cama e observei ao redor. Era muito ela, poucos enfeites, cores neutras e seu cheiro floral.

— Leo — ela chamou minha atenção e tirou a blusa do corpo, revelando seu sutiã de renda. — Eu te amo.

Engoli a saliva como se fosse areia.

Desabotoei sua calça, removi seus sapatos e a deixei apenas com a lingerie branca. Inocente e perfeita, como nunca sonhei que poderia existir.

— Tira a roupa também, vem — implorou e percebi que ela estava muito mais necessitada do que eu. Será que ela toparia uma nova experiência?

Tirei toda a minha roupa, coloquei a camisinha em cima do seu criado mudo e cobri seu corpo com o meu, distribuindo beijos ao mesmo tempo que recuava. Minha intenção era chegar entre suas pernas e lhe dar um orgasmo mais intenso do que sentiu comigo anteriormente.

Ela removeu o sutiã e quando fui tirar a calcinha, ela segurou meu cabelo. Olhei-a com desejo e tentei transparecer todas as minhas

intenções. O prazer era parte principal das minhas ações.

— Não precisa sentir vergonha ou medo. Estarei te olhando do início ao fim. Se não gostar, eu paro.

Até parecia que ela recusaria o poder da minha língua e chupada. Removi a calcinha, lambi sua vulva e abri os grandes lábios para mostrar o ponto que precisava de atenção. Sem desviar o olhar, lambi com calma e depois acelerei o movimento. Sua mão soltou da minha cabeça e me entreguei a devorá-la da forma mais intensa. Não saía da minha boca as palavras, mas minhas ações deveriam traduzir meus sentimentos.

Enquanto ela se contorcia, minha mão

apertou seu seio, minha boca chupou com força e seu gemido de prazer parecia ter ecoado por todo o bairro. Com vergonha, ela pegou o travesseiro e cobriu o rosto. Enquanto se recuperava do orgasmo, coloquei a camisinha, fiquei por cima e tirei a almofada.

— Foi do caralho — falei sorrindo.

— Ainda tem mais? — sua pergunta ofegante me fez tomar sua boca e mostrar que quando se tratava dela, tinha sempre muito mais.

— Quando quiser parar...

— Por favor, continue! — Ela me abraçou com braços e pernas, alinhei meu pau e senti sua umidade com os dedos, deixando-a desconfortável. — Está sensível.

— Vou sem pressa, minha Borboleta. — Deixei a cabeça do meu pau entrar, depois sair. Entrei um pouco mais, então saí. — Está bom assim?

— Sim. — Fechou os olhos e se entregou.

Pouco a pouco fui me encaixando dentro dela. Quando estava completamente dentro, abracei seu corpo, mudei de posição e nos sentamos, fazendo-a arfar. Eu estava fundo e ela, sensível.

— Dite o ritmo até que a sensibilidade passe — pedi.

Ela se esfregou para frente e para trás, minhas mãos na sua bunda apertavam e minha respiração descompassava.

— E depois? — perguntou abraçando meu

pescoço e tirando nossa conexão visual. Ela ia lento para frente e para trás, para cima e para baixo, como se quisesse testar todas os movimentos e as sensações que eles proporcionavam.

— Depois eu vou provar para você que não haverá chance de fugir novamente, porque eu te amo.

Sua boca encontrou com a minha e seu quadril se movimento com mais velocidade. Ela não precisava dizer que já estava recuperada, seu corpo e seus gemidos diziam por si só.

Voltei a deitá-la de costas na cama, ergui uma de suas pernas e meti com velocidade, mas sem força. Quando ela suspirava, eu rebolava para que seu clitóris pudesse se esfregar e outro orgasmo

entrasse em nosso caminho.

Nós faríamos juntos.

Ela virou o corpo para o lado, ficamos frente a frente e enquanto nos beijávamos, sua mão encontrou seu clitóris e enquanto eu fazia os movimentos de vai e vem, ela encontrava o prazer que tanto lhe foi roubado.

Esse orgasmo era meu, mas acima de tudo, era completamente dela.

Soltei o ar com força e senti o arrepio que serviu de prenúncio para meu próprio clímax. Chupei seu lábio inferior, movimentei até não aguentar mais e suspirei com alívio quando deixei meu corpo relaxar, mas o dela parecia grudado ao meu.

Era o céu.

— Você falou que me ama — sua afirmação fez meu coração parar por um segundo. Eu tinha dito? Como? Quando?

— Alexia...

— Sei o quanto é difícil para você, era para mim também. Podemos aprender juntos. Eu amo você. — Ela beijou minha boca e se afastou com aquele olhar angelical. — Amo seu mal humor e seu cuidado exagerado. Obrigada por me deixar voar com você.

— Você merece muito mais do que posso te dar, Borboleta. Mas serei egoísta o suficiente para te tomar apenas para mim, porque sei que posso melhorar.

Ela deitou sua cabeça no meu tórax e me ajeitei melhor para deitar de barriga para cima e a segurar ao meu lado. Depois tiraria a camisinha, poderíamos tomar um banho juntos e fazer muito mais.

— Eu poderia dormir novamente. — Bocejou.

— Você pode fazer isso, eu preciso ir embora antes dos seus pais voltarem. — Beijei sua testa. — Banho?

— Só se você prometer estar aqui bem cedo amanhã para me levar na Hold. Estou animada para meu novo emprego, o rapaz que trabalha com os computadores foi muito simpático comigo. — Beijou meu peito. — Fiquei feliz por saber mais

sobre sua profissão e o quanto isso é omitido da família. Também quero saber o quanto será meu salário, já faço planos na minha cabeça para ter meu próprio canto.

— Seu próprio canto dentro da nossa casa. O que acha? — Ela sentou na cama e franziu a testa, apesar de sorrir. — Pode ser apartamento também, será até mais seguro.

— Você quer morar junto.

— Achei que estava implícito. — Sentei também e removi a camisinha sob seu olhar curioso. — Não sei fazer essas merdas formalmente como meus primos. Senti vontade, eu faço.

— Que bom que me perguntou primeiro, apesar de existir um toque mandão que só você

consegue ter. — Ela pulou da cama e foi para o banheiro. Poderia ficar contrariado com sua afirmação, mas não havia necessidade de discussão quando no final, tudo parecia acordado. — Vai vir?

— Preparado e armado, Borboleta. — Levantei da cama e entrei no banheiro quando ela ligou o chuveiro. — Teremos um treinamento intensivo na Hold e em casa, para seu governo.

— Mal posso esperar, Agente Leonides. — Ela envolveu os braços no meu pescoço e nos colocou debaixo da ducha.

— Você é toda minha, Agente Alexsandra.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 46

Leo

Depois que saí da casa de Alexia, parecia andar sobre nuvens. Uma paz me dominava, não só por estarmos falando sobre morar juntos, ela trabalhar comigo e minha mente imaginar mil e uma maneiras para deixar o sexo mais atrativo, mas também por sentir que meu lado agressivo, aquela armadura que eu vestia, não cabia mais em mim.

Era muito louco mudar de objetivo e crença de uma hora para outra. Não saberia dizer qual foi o momento que tudo se transformou,

apenas que esse dia ficaria para a história da minha vida.

Sentia como se fosse outro homem, alguém melhor.

Apesar de tudo isso, lá estava eu, em frente à casa onde minha jornada com Alexia começou. Quando vi a borboleta sair do casulo e mostrar suas lindas e poderosas asas. O abusador, aquele que a machucou no passado, estava ali e eu iria exterminá-lo. Minha mulher tinha superado seus medos, mas por via das dúvidas, eu não permitiria que viesse à tona testar sua garra.

Havia outros desafios para Alexia, ela não precisaria se surpreender com o que já estava enterrado. Eu seria a última pessoa a atualizar essa

missão no sistema da Hold. Não tinha medo que minha mulher soubesse o que fiz, tinha confiança de que ela entenderia ou apenas não se importaria.

Se o passado estava no passado, outra pessoa o enterrar não deveria fazer diferença.

Saí do carro, pulei o portão e abri a porta da frente sem me anunciar. O idiota estava sentado no sofá, comendo alguma coisa nojenta. Haviam várias garrafas de cerveja e pinga espalhadas pelo local, ele tinha se tornado um alcoólatra.

— Com muitos monstros para esquecer? — Zombei quando apontei a arma para a sua cabeça.

— Quem é você, porra? — Ele soltou a comida para lado do sofá e engatilhei a munição,

para ele não tentar nada e perceber que estava falando sério. — Já disse para Gonçalo, não tenho dinheiro, acabei de sair da prisão e feito de boneca. Comecei do zero, porra!

— Ah, está difícil para sentar? Que bom. — Respirei fundo para não sorrir e mostrar minha satisfação ao saber que ele tinha sofrido o que mereceu.

— Vai se foder. Deve ser algum dos amigos *viadinhos* de Lucas. Vocês o transformaram nesse monstro.

— Tenho certeza que ele é muito mais homem que você. — Tive a satisfação de ver o abusar não ter realização pessoal na sua família.

— Estou fazendo minha parte, *tá* legal? —

Ele abriu os braços. — Estou livre, vendendo os bagulhos para poder pagar minha dívida. Me deixe em paz.

— Não me interessa a merda da sua vida hoje.

— Vá se foder e diga logo o que quer!

— Informação. — Virei a cabeça de lado, bastava apenas uma palavra e o executaria sem hesitação. — Você se arrepende do seu crime?

— Qual deles? — Um reconhecimento surgiu e ele sorriu como um idiota. — Está falando sobre o motivo de eu ter sido preso há muitos anos atrás? — Cuspiu no chão e segurei a respiração. — Por culpa daquela miniatura de puta que...

O projétil que saiu da minha pistola

encontrou sua testa e evitou de caluniar minha Borboleta. Se não fosse por ele, talvez Alexia estaria voando muito mais alto e nunca teria sido amiga de Fred. Por causa dele, eu fui o homem que contribuiu para que ela encontrasse novas formas de viver a vida.

Mas nada disse abonava o mal que causou e se tinha alguém que deveria fazer a faxina, seria eu.

Juntei o máximo de móvel de madeira e tecido na sala perto de onde ele estava, coloquei óleo de cozinha, álcool e risquei o fósforo, para que as chamas tomassem conta desse ser indigno da minha compaixão, uma vez que não tinha nenhuma habilidade para me fazer de santo.

Saí da casa e lá estava Zander em sua moto, sem o capacete e com um sorriso idiota na cara.

— Isso é você tentando esconder as evidências da polícia?

— Esse sou eu encerrando um assunto do jeito que ele deve. Perdeu alguma coisa aqui?

— Não, só estou entediado, já que não podemos participar da missão para acabar com o substituto de Cleópatra. Quer tomar uma?

— Dispenso. Estou na casa dos meus pais, vou descansar para acordar cedo amanhã para ir na Hold.

— Você gosta de irritar De Paula. — Cheguei no meu carro e abri a porta observando a

fumaça sair da casa. Em algumas horas, os bombeiros seriam acionados.

— Minha mulher tem uma oferta de emprego, eu sou o acompanhante. — Ele ligou a moto e percebi que Zander não só estava entediado de verdade, mas se sentindo sozinho. Agora que o trabalho não era mais meu objetivo de vida, percebia que estava exagerando ao ver meu antigo reflexo nele. — Quer vir comigo? Minha mãe sempre tem janta em casa.

— Eu nunca vou recusar comida caseira.

Guiei para a casa dos meus pais sem o peso nos ombros que tinha depois de executar alguma missão. Quando matava e tinha certeza sobre a origem do infeliz, era muito melhor e me

dava paz de uma certa forma. Arrogante da minha parte achar que tinha o direito de dizer quem vive ou quem morre, mas na minha profissão, quem sobrevive tem para quem voltar depois.

Cheguei na casa dos meus pais, deixei o portão aberto para que Zander estacionasse sua moto dentro e entramos percebendo que meus pais já tinham ido dormir. Liguei a luz da cozinha e apontei a mesa de jantar para ele se acomodar.

— O que teremos para o jantar?

— Bobó de galinha — falei depois de conferir dentro da geladeira, tirar os recipientes e servir em dois pratos para serem esquentados no micro-ondas. — Qual sua história, Zander?

— O que quer saber que nunca me

perguntou desde que nos tornamos agente? — Olhei-o com irritação enquanto ele se divertia. — Essa mulher está te mudando. Será que vai sentar comigo e falar sobre decoração e roupa?

— Vai se foder, idiota — resmunguei e o micro-ondas apitou. — Esquente o seu.

Fui sentar à mesa, observei Zander com irritação e ele parecia nem um pouco intimidado.

— Não tenho família, nem cachorros. A verdade é que sou gay e sempre fui apaixonado por você.

Tossi por conta de ter engasgado com a comida. O filho da puta riu alto, meu pai apareceu na cozinha de pijama e tentou entender a cena.

— Aconteceu alguma coisa, filho?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe, seu Amim. Eu sou Zander, colega de trabalho do seu filho e acabei de revelar que sou apaixonado por ele. — Meu pai riu e meu temperamento começou a esquentar. — Obrigado pela comida e por ter criado um anão zangado para tirar sarro.

— Se está tudo bem, vou voltar para a cama e acalmar sua mãe. Fiquem à vontade.

Zander sentou na minha frente e começou a comer como um ogro. Parecia que não tinha comido por uma semana.

— Você está fodido comigo — ameacei.

— Não estou, porque agora você tem um balanceador de carga. Finalmente vou poder te zoar sem me preocupar com um mês de mal humor.

PERIGOSAS ACHERON

— Percebi que não quer contar sobre sua vida. Eu descobrirei por meus meios e então, devolverei na mesma moeda, seu *viado*.

— Não vai encontrar nada além de pais assassinados quando eu tinha cinco anos. Passei por muitos lares adotivos, entrei para a polícia, conheci De Paula quando ele montou a Hold e me recrutei dias antes do seu voo solo e o batismo oficial, há cinco anos. Sem mulher, sem família, apenas o trabalho com o meu foco, como você foi um tempo atrás.

— Doeu dizer tudo isso, porra? — resmunguei e olhei para meu colega de trabalho de outra forma. Ele só precisava de alguém como ele para que desse a verdadeira alegria para suas

brincadeiras.

— Foda-se, Leonides. Eu continuo sendo touro, diferente de você que já é um boi capado.

— Eu aceitei minha cela, como diz meu primo Ricardo. Só falta você achar a sua. — Sorri para a sua careta.

— A minha cela se chama Glock G25. — Ele tirou a arma da cintura e me mostrou com orgulho. — Melhor casamento de todos.

Eu concordava com sua postura há um tempo. Era muito feliz, apesar do meu mal humor. Realizado e cheio de adrenalina nas veias, não faltava nada da minha vida. Alexia foi um bônus inesperado e com ela, muita coisa pareceu perder seu valor e outras aumentaram minha estima, como

a família.

No final das contas, estava tudo certo em estar solteiro ou amarrado a alguém, desde que fosse natural.

— Tem tevê a cabo aqui. Vamos ver um filme? — Pisquei um olho para Zander, que ficou desconcertado. Nunca fui de brincar, mas agora, estava mais confortável a ser zoado. — Fiquei com pena do seu amor não correspondido por mim. Eu gosto de boceta, *véio*.

— E eu estou tentando me acostumar que Leonides Saad sabe brincar. — Levantou e foi até a pia. — Obrigado, cara — quase nem ouvi seu agradecimento e fui para a sala, colocar um filme onde tiros e ação estavam no papel principal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lá estava novamente a sensação reconfortante de que estava no caminho certo e como um bom aprendiz, acolhi a lição.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 47

Leo

Acabei dormindo na sala e Zander foi embora em algum momento da madrugada, quando eu mesmo nem tinha percebido que estava apagado. Minha mãe me acordou cedo e pouco depois das seis horas, lá estava eu na porta da casa de Alexia, para irmos na Hold.

Ansioso? Apenas elencando na minha mente todos os locais e possibilidades para transarmos novamente. O que poderia fazer, essa mulher parecia ter despertado meu lado indecente e

eu o dela.

Liguei para seu celular, não tocaria a campainha, ainda mais por seus pais estarem em casa.

— *Oi.* — resmungou, eu tinha a acordado e só queria ter a liberdade de ter feito isso com beijos. — *Já vou acordar.*

— Estou aqui na frente te esperando, Borboleta.

— *O quê?* — ela falou alto e depois suspirou. — *Vou avisar meus pais. Entre, tomaremos café juntos.*

— Quero fazer muito mais do que isso — falei baixo e escutei seu riso.

— *Iremos, mas depois que estivermos*

sozinhos, namorado.

Ela encerrou a ligação e eu saí do carro, para aguardar o momento que fosse liberado a minha entrada. Quando fui recepcionado por uma Alexia vestindo roupas largas para dormir, percebi que estava sendo sem noção demais.

Olhei por cima do ombro dela e lá estavam seus pais, já vestidos para o trabalho, me encarando com curiosidade. Menos mal, a raiva, pelo visto, já tinha passado.

— Vou tomar banho, vocês podem ir tomando café da manhã juntos. — Alexia me deixou para os leões e eles entraram na cozinha apenas acenando em cumprimento.

— Desculpe o horário, acho que estou

mais ansioso pelo novo trabalho da Alexia do que ela mesma — falei entrando na cozinha e sentando na cadeira indicada pelo pai.

— Alexia está feliz. — Dona Carmem começou a pôr a mesa e não me encarou, por isso, olhei para o pai e seu olhar determinado. — Por muitos anos orei para que minha filha conseguisse ter uma vida normal e quando isso aconteceu, eu não soube lidar.

— É nossa vez de pedirmos desculpas, Leonides. Tem nossa benção para estarem juntos. — Seu Henrique estendeu a mão para mim e eu apertei mostrando minha seriedade quanto a esse assunto.

— Alexia falou dos seus planos sobre o

novo emprego, a fotografia, morar sozinha... — a mãe de Alexia parecia querer controlar o choro e eu, respirei fundo para não atravessar sua fala. Borboleta iria morar comigo! — Céus, é muito difícil ver minha filha crescer em tão pouco tempo e não posso prendê-la. Por isso, Leonides, eu te imploro, cuide da minha filha!

Dona Carmem sentou à mesa, nos serviu café e suspirou quando Henrique lhe deu a mão.

— Eu amo a sua filha — falei sem ressalva e pelo visto, valeu por qualquer discurso que poderia fazer sobre ela estar segura comigo, que cuidaria para que ela fosse feliz e tudo mais.

— Iremos fazer um almoço no final de semana em casa, para vocês. — Ela se recompôs e

me serviu um recipiente com pães de queijo. Peguei dois e tomei o café.

— Pode ser no Haras da minha família? — Encarei os dois com um pedido de desculpas. — Fazemos as apresentações formais apenas uma vez. Eles já a conhecem, só a verão agora como membro da família, como vocês.

— Gosto muito da sua família. A vó Cida é uma querida, que considera Alexia sua neta.

— E agora é de verdade — falei com orgulho.

— O quê? — Alexia entrou na cozinha, sentou ao meu lado e me deu um beijo no rosto. — Estou morrendo de fome!

— Final de semana iremos todos no Haras,

para oficializar a união de vocês. — Dona Carmem me encarou séria e tentei não tossir, porque ela estava levando tudo para algo muito mais sério.

— Nossa, um namoro que precisa reunir a família e comemorar? — Minha Borboleta riu divertida e me encarou com malícia. — Depois fazemos um chá de casa nova, mãe. Não precisa de tudo isso, nem era tão encalhada assim para pagar promessa.

— Fazemos questão, minha filha. Tudo o que tem a ver com você é importante. — Henrique focou sua atenção em comer e eu fiz o mesmo, sobre o olhar da mãe protetora.

Quando encerramos o café da manhã e os pais foram embora nos deixando sozinhos, Alexia

pulou no meu colo e me beijou, como se a fome dita anteriormente não era de comida, mas de mim.

— Eu prefiro comemorar nosso namoro de outra forma — falou com rouquidão, fui para seu quarto e tirei nossas roupas com pressa. Não tínhamos horário para chegar na Hold, o que era uma vantagem.

— À borboleta que tem as asas mais bonitas e que apenas eu posso desfrutar. — Brindei sugando o bico do seu seio e a fazendo gemer. Caralho, não me cansava de ouvi-la gemer.

— Ao mal-humorado que agora estampa um sorriso no rosto e me ensinou a não ter medo de estar envolvida da forma mais sensual e indecente que possa imaginar. — Senti sua umidade e a

observei se contorcer.

Sim, querida namorada Alexsandra, nossa indecência estava apenas começando.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 48

Leo

Parecíamos dois adolescentes com hormônios em ebulição. Depois que a efetivação de Alexia na Hold foi feita, apresentei o QG que ela tinha vindo e fomos para a sede oficial, assinar os documentos e claro, namorar um pouco no carro antes de irmos almoçar.

Ela tinha descoberto sua sexualidade, sem medo ou perturbação e eu me encontrei em meio a sua ânsia de sentir livre.

A missão para eliminar a ameaça a Hold

foi concluída com sucesso e estava estampada na mídia digital e provavelmente estaria nos jornais da tevê em poucas horas. Algo que me incomodava, não participar de tudo o que envolvia a Hold, agora não passava de algo insignificante. Continuava amando minha profissão, mas acima dela, agora tinha Alexia.

— Onde vamos almoçar? — ela perguntou quando livrei sua boca da minha e comecei a chupar seu pescoço. Estávamos tendo um momento no meu carro. — Ou melhor, vamos voltar para a minha casa, quero comemorar mais uma vez esse dia.

Tomei sua boca em um beijo cálido, afastei com um suspiro e segurei seu rosto com

carinho. Caralho, eu amava essa mulher.

— Vamos almoçar, depois precisamos de roupas novas para a agente de campo da Hold.

— Me sentindo no CSI! — Ela segurou meu pulso e vibrou no lugar. — Ainda tenho alguns trabalhos agendados, vai me ajudar a pagar meu novo guarda-roupa de mulher durona.

— Será meu presente para você. — Coloquei o cinto de segurança e liguei o carro. — E ainda vou te levar para voar antes que o sol se ponha.

— Sim, comandante. — Ela abraçou meu braço e deitou a cabeça no meu ombro. — Preciso voltar com minhas aulas de direção, falta pouco.

— Eu resolvo isso e de bônus, receberá

aulas de direção tática. — Ela voltou para seu banco quando virei brusco e acelerei, fazendo uma demonstração do que estava por vir.

Não havia medo, apenas a energia feliz de que éramos sim, muito parecidos, inclusive na necessidade de adrenalina.

Segui para o restaurante de Ricardo e Tati foi a primeira a nos recepcionar, com um abraço caloroso.

— Estou tão feliz por vocês! O grupo da família não se fala em outra coisa que não seja em vocês.

— Que exagero, temos o chá de bebê da Analia — Aleixa falou animada e fiz uma careta ao perceber que estava por fora desse tipo de

mensagem. — Já votou no nome que você mais gosta? Júlio ou Jorge?

— É menino? — questionei e Ricardo apareceu na entrada do restaurante para nos cumprimentar. — Puta que pariu, três meninos? A gangue vai continuar!

— E sua afilhada irá colocar todo mundo na linha. Chega da turma da bagunça e dos solteiros — Ricardo falou sério e tentei não rir.

— Sim, querido. Só não se esqueça que estamos na época de direitos iguais. Se Alexia e Leo tiverem uma menina, será a dupla da bagunça rosa. — Minha mulher ficou encabulada e Tati piscou um olho para tranquilizá-la, porque estava querendo pegar no pé do marido e não dela.

— Está louca? Maria Clara vai ser freira!

— Fiquem à vontade, vou mandar servir o suco natural de maracujá colhido lá do Haras para vocês.

Segurando a mão da minha mulher, coloquei-a na minha frente, pegamos um prato e fomos nos servir.

— Quando que descobriram o sexo do bebê da Analia? — perguntei soando bravo, mas não tive intenção.

— Pois é, já faz uma ou duas semanas. Só não comentei, porque achei que já sabia e... — Colocou sua boca no meu ouvido. — Quando te via, eu pensava em tudo, menos falar sobre minhas amigas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando será o chá de bebê? Você vai fotografar?

— Daqui algumas semanas e sim, estarei pronta com minha câmera para registrar tudo, inclusive você. — Ela segurou meu rosto e beijou minha boca com suavidade.

— Vou preparar a câmera do meu celular para fazer o mesmo, Borboleta. — Ela deu de ombros com charme, terminamos de nos servir e optamos por sentar à mesa mais ao canto.

Meu celular tocou e antes de começar a comer, atendi:

— *Ainda procurando um lugar para morar?* — Zander nem me cumprimentou.

— Sim, cara, mas não vimos nada.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou te mandar o endereço e deixar as chaves com o porteiro. Definitivo ou provisório, fiquem o tempo que quiserem nesse apartamento.

— Como assim? Você tem algo para nos mostrar?

— É um apartamento mobiliado que comprei há um tempo atrás e acabei não me mudando. Está empoeirado, com cheiro de casa fechada, mas nada que uma limpeza simples não resolva. A cama é confortável e cabe quatro pessoas.

— Só preciso que caiba eu e Alexia. — Ela me encarou desconfiada e continuou a comer. — Vou aceitar, *véio*. Te devo uma.

— Pagou ontem com o bobó de galinha

requentado. Nos vemos na semana que vem.

Recebi uma mensagem com a localização do tal apartamento e evitei pensar na importância que uma refeição caseira poderia ter para uma pessoa como Zander.

— O que foi?

— Encontramos nosso canto. Se você gostar, poderemos nos mudar assim que estiver limpo e habitável. — Senti como se fosse o homem mais poderoso do mundo ao ver o brilho nos seus olhos. — Está preparada para sair debaixo do braço da dona Carmem e seu Henrique?

— Não precisa perguntar duas vezes, estou ansiosa para fazer minhas malas e começar nossa vida juntos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sorria para a foto que vai ser compartilhada no grupo de família! — Ricardo nos pegou desprevenido, tirou a foto pelo celular e se afastou rindo, provavelmente da nossa cara assustada.

— Desculpe meu primo.

— Eu amo você. — Ela inclinou para frente e deu um selinho. — E amo sua família. Mas nem por isso não poderei me vingar.

Começamos a rir, porque minha mente estava sintonizada na dela e sim, Ricardo com certeza teria nossa vingança. O que ele não parecia ter percebido era estávamos armados e apaixonados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 49

Alexia

Os dias passaram num misto de emoção e novas descobertas. Dormia nos braços de Leo satisfeita e acordava com o coração acelerado, aguardando a próxima aventura. Esse sentimento permaneceu por semanas e não sabia dizer se algum dia iria sumir ou apenas diminuir. Por enquanto, estava bom assim e iria aproveitar ao máximo.

As semanas passaram, Leo se mudou para o apartamento e eu... ainda precisava criar coragem

para dar o passo final. O melhor de tudo? Ninguém me pressionava, nem meu namorado, muito menos meus pais.

Estava em pleno voo livre.

O evento que reuniria toda a família chegou. Tirei foto de tudo e todos no chá de bebê da Analia, mesmo tento encerrado minhas atividades como fotógrafa. Minha amiga estava linda com sua barriga saliente e semblante sereno. Tinha feito o ensaio final de gestante de Laís no Haras e faria o de Analia no parque. Ela parecia fugir das tradições da família, o que ela tinha esquecido e que aprendemos com a terapia, era que quanto mais renegava, mais o universo nos obrigava a ver, para que não fosse excluído.

Também precisava levar em consideração que sua relação com o pai tinha se estreitado. Pela falta da mãe ou por se sentir segura com ele, Analia priorizava o pai e não havia nenhum mal nisso. Entendia muito bem o que ela sentia, nós ficávamos onde nos sentia bem e segura, ainda mais quando se estava gerando uma vida.

Olhei para a minha barriga de relance e bufei. Conhecia os hormônios da gravidez pelas minhas amigas, não por mim. Engravidar não estava nos meus planos por enquanto, sentia que existia uma vida para ser aproveitada antes de respirar fundo e aceitar a vida através de gerar uma.

Por muitas vezes me sentia adolescente, irresponsável e apaixonada, vivendo como nos

livros de época que lia, mas na modernidade. Aqui eu tinha voz, desejos e não perdia a oportunidade de me divertir com coisas banais.

A vida era poder rir de qualquer coisa como uma criança, mesmo que tivesse vinte e três anos.

— Pego em flagrante! — falei alto para assustar Ricardo, ele derrubou o copo de água na camisa e me olhou em choque. Poderia ter passado semanas, mas eu me lembrava muito bem da foto minha e de Leo em seu restaurante. — Vingada.

— Ah, você mexeu com a pessoa errada, Alexia.

— E você mexerá com quem não deve se a ameaçar assim novamente — Leo apareceu ao meu

lado para intimidar seu primo, mas ambos riram depois de segundos tentando se manter sérios. — Joga no grupo da família agora, Borboleta.

— Quando eu passar as fotos para o computador, faço até um meme. — Saí de perto dele e mostrei a língua para a cara horrorizada do primo mais velho da família.

As mulheres estavam todas juntas, tirei foto delas e por fim, entreguei a câmera para Leo, que insistia em me seguir e não aproveitar a festa. Entendia sua necessidade de estar ao meu lado, sentia da mesma forma, ainda mais quando dormíamos e acordávamos juntos muitas vezes na semana.

Nosso trabalho na Hold era maravilhoso,

apesar de ainda não ir em campo. Vivíamos quase vinte e quatro horas por dia, salvo os horários que ficava com meus pais, em casa.

Olhei de relance para Maurício no colo de Luana e percebi que para os bebês, o tempo parecia passar diferente. Além de crescer e estar uma fofura, ele estava mais esperto, focava nas pessoas e sorria. Eu e Leo nos apaixonávamos por esse bebê a cada encontro.

— Vai ficar com saudades, dona Carmem? — Laís perguntou para minha mãe, que estava na mesa ao lado com meus sogros. Sorri ao perceber que qualquer festa nessa família se tornava um evento. Tudo acontecia em um buffet chique, escolha do pai de Analia.

— Já sinto saudades da minha filha e também torço pela sua felicidade. Ela está feliz e me prometeu vir todos os dias no almoço. É nisso que me agarro. — Minha mãe me puxou para sentar no seu colo e ela me abraçou como uma criança. Todos sabiam que eu ainda estava planejando minha mudança. O que estava esperando? Ainda não sabia ao certo. — Aproveite enquanto eles estão na barriga ou no colo, depois que crescem, ganham asas e nos deixam orgulhosos com sua independência. — Olhei para a minha mãe, pois me surpreendi com sua última frase. Sabia que minha saída de casa não seria fácil. Meu pai disfarçava melhor, não minha mãe.

— Nem me fale, só de pensar que

Maurício vai ter Pedro e Júlio para formarem o trio fralda e chupeta, já me preocupo. — Luana se divertiu e arrancou risos de todos.

— Se Pedro for metade do que Guido foi, Laís terá cabelos brancos em poucos anos — Leo se intrometeu e recebeu vaias das mulheres.

— Clube da Luluzinha, Leo. Vai embora! — Laís jogou um pedaço de guardanapo enrolado nele.

— Meu pai está aí no meio e além do mais, estou cuidando da minha mulher.

— Hum! — Elas entoaram, Alexia se envergonhou e sai do colo da mãe depois de deixar um beijo no seu rosto.

— Você não cansa de dar brecha para elas

pegarem no seu pé? — questionei segurando o riso de satisfação. Oh, céus, ele querer cuidar de mim era maravilhoso.

Ele me abraçou no meio de todo mundo e sussurrou no meu ouvido:

— Minha única preocupação é quando você vai pegar no meu pau para começarmos a suar e gemer.

Devo ter ficado um pimentão, porque Fred, Guido e Bastien apontaram para nós e riram descontrolados. Bati no braço de Leo e apontei para ele ir até os três.

— Me deixe trabalhar e para de falar besteira! — rosnei baixo.

— Você gosta do meu lado indecente que

sei. — Beijou minha bochecha e foi até a roda de primos.

Analia me chamou, tirei algumas fotos dela com os convidados, depois com o bolo e a decoração. Júlio viria em um momento tão importante para ela, não só porque finalmente aprendeu a se amar, mas porque a importância da família era necessária para que pudesse continuar sua trajetória com fé na mudança de vida.

Ela não precisava mais ser a segunda opção quando Bastien a tratava como primeira e única prioridade.

— Tira uma selfie de nós duas — Analia pediu e corri me aproximar dela e fazer o que pediu. A tímida e insegura mulher não existia mais.

Confiava no amor das minhas amigas e elas, em mim e nas minhas fotos.

Aproveitei para abaixar, beijar sua barriga coberta pelo vestido que estava usando e também tirei outras selfies. O terceiro bebê que entrava no meu coração como se fosse meu sobrinho de sangue.

— Estou tão feliz, amiga. Diga que você se sente assim, que estamos no mesmo caminho para a superação. — Analia me abraçou e retribuí o ato que não me permitia muito fazer, mas começava a se tornar um hábito.

— Muito feliz por você, pelas meninas e por mim, sim. — Olhei para o Leo e voltei a atenção para ela, que tinha os olhos marejados. —

Hormônios da gravidez nos deixando sentimentais.

— É maravilhoso, Alexia. Você também merece uma família.

— Tudo no seu tempo. Agora, temos que focar em Laís e Pedro que quer passar das quarenta semanas.

Olhamos para a esposa de Guido e admiramos sua barriga exposta. Ela não tinha restrição quanto a se expor e a bata que usava permitia tanto esconder como mostrar sua barriga linda.

Engraçado como reclamávamos dos parentes cobrando, nossos pais exigindo e no final, nós mesmos fazíamos a mesma coisa. Quando iria casar, quando iria ter filho, quando iria batizar...

Bastava apenas olhar para tudo isso com carinho, porque a felicidade para um poderia não servir para outro. Não me sentia pressionada a casar ou ter filho e por mim, a situação que estava poderia ficar por um bom tempo. Eu nem tinha participado de uma missão de campo, como poderia pular essa etapa?

Foi com esses pensamentos que vimos Laís se levantando assustada e anunciar alto chamando atenção de todos na festa:

— Ou eu fiz xixi, ou a bolsa estourou.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 50

Alexia

Contração e dores do parto eram sensações que não gostaria de sentir. Apesar do chá de bebê de Analia ter encerrado assim que Laís foi para a maternidade, no outro dia cedo, ela me ligou pedindo um favor que eu, como amiga, não poderia recusar, mesmo que não estivesse apta: tirar fotos do trabalho de parto.

No início, achei que seria mais uma das extravagâncias da minha amiga, mas depois que cheguei e já estava há duas horas com ela no

quarto, vendo Guido entrar e sair, me perguntava, quem poderia querer registrar um momento de tanta dor.

— Puta que pariu, dói! — Laís abraçou a mãe dela meio curvada, meio agachada e tentei registrar esse sofrimento como algo nobre. Caramba, eu não servia para esse tipo de foto, tinha que ter muita vocação para fortes emoções e eu tinha apenas aventura gritando dentro de mim.

— Vamos tomar um banho quente, vai ajudar — dona Gorete falou com carinho e as duas entraram no banheiro, me dando uma folga da tensão de fazer uma foto decente, mas todas que eu olhava, só conseguia enxergar sofrimento.

Onde estava a beleza que Luana comentou

sobre o parto?

Sentei-me na cadeira ao sons ecoados dos gemidos de Laís e peguei meu celular para encontrar meu refúgio.

Leo>> Como está tudo aí?

Alexia>> Se não fosse por Laís, eu já tinha fugido. Estou agoniada ao vê-la sofrer dessa forma. Luana não comentou nada como isso na época. É assustador.

Leo>> Será que tem algo de errado com ela? Guido não comentou conosco no grupo dos primos sobre ter algum problema, ele está nos atualizando de cinco em cinco minutos.

— Mãe, até quando vou ficar nisso? — Laís perguntou gemendo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Filha, quando você achar que estiver morrendo, aí será momento de Pedro nascer. Aguente mais um pouco.

Arregalei meus olhos para a porta do banheiro e tentei não levar a resposta de dona Gorete ao pé da letra. Para colocar uma vida no mundo, você precisava quase desistir da sua própria?

Alexia>> Não sei se aguento mais. Tirar fotos newborn é muito mais tranquilo que parto.

Leo>> Precisa de um resgate, agente Alexia?

Sorri por alguns segundos, meu namorado era muito mais que um companheiro, mas um pedaço importante da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Alexia>> Esteja por perto, quando tudo terminar, eu vou precisar de você para relaxar.

Leo>> Minha parte favorita do dia, Borboleta.

Elas saíram do banheiro, o médico entrou no quarto e fez a avaliação. Estava apenas observando quando Laís me olhou com ódio mortal, levantei da cadeira com pressa e voltei a registrar todos os momentos. Caramba, até instinto assassino despertava em uma mulher dando à luz.

— Os batimentos do bebê estão bons, as contrações estão de cinco em cinco minutos. É questão de tempo...

— Quanto tempo? Eu não aguento mais! — Laís falou a última frase com pressa e

estrangulada, deitou na cama e parecia acabada. — Quanto de dilatação, doutor?

— O toque é tão dolorido quanto uma contração, eu prefiro evitar ao máximo. — O médico olho para a mãe e depois para ela com simpatia. — Vai valer a pena esperar, prometo a você.

Que sofrimento sem tamanho valia à pena?

Guido entrou no quarto com seu olhar preocupado e tentou se aproximar da mulher, que segurou na sua mão e apertou com força.

— Pare de entrar e sair daqui! Não posso passar por isso sozinha, o filho é seu também, caralho! — esbravejou em meio a dor e finalmente consegui uma foto decente. Guido olhava para a

mulher com admiração e preocupação enquanto ela buscava conforto no aperto de mãos.

— Não vou sair do seu lado — respondeu determinado enquanto a mãe, do outro lado da cama, fazia carinho em Laís.

Quando o olhar da grávida encontrou o meu, foi incrível perceber que entendi tudo, estava na hora.

— Doutor, acho que vou fazer cocô — Laís falou e todos se constrangeram, menos o médico, que mudou a postura de calmo para em exercício a sua profissão.

Os minutos depois dessa declaração passaram como um borrão para mim. Apesar de ter registrado tudo em fotografias, eu me senti uma

expectadora de um sonho que estava com visão embaçada.

Guido e dona Gorete ficaram na lateral de Laís, mais para trás dela, ajudando a fazer força para frente enquanto a gestante dava todo o seu potencial, enquanto houvesse contração, para que Pedro nascesse.

Outros profissionais da saúde entraram no quarto, toda atenção estava para a nova mamãe e o bebê. Ainda não sabia explicar se era bonito ou não toda a situação, o fato era que participar de um parto foi surreal.

Quando percebi que estava sobrando e mais de quinhentas fotos foram tiradas, saí do quarto em transe. O sorriso de Laís parecia

impossível de acreditar quando Pedro tomou seu peito pela primeira vez, ainda com os vestígios do material que o recobria dentro do útero.

Peguei a câmera, olhei as últimas fotos e tentei absorver o que Luana me contou sobre seu próprio parto, que era a melhor dor do mundo, pois contribuiu para que seu presente mais precioso estivesse em seus braços.

Depois dessa, eu queria ter filhos? Acho que essa pergunta continuaria sem resposta por um bom tempo, ainda mais quando cheguei na recepção da maternidade e encontrei Leo de braços abertos para me receber. Suspirei quando senti seu cheio e acolhimento.

— Vamos embora, até parece que foi você

que pariu hoje.

— Qual o problema de falar dar à luz? Vamos usar a sensibilidade — brinquei abraçada a ele enquanto saíamos da maternidade.

— Você sabe que de sensível, só o gatilho da minha .40. — Beijou minha testa e caminhamos pela calçada. — Guido já mandou foto deles no grupo e pediu para te agradecer por estar com eles. Gostou?

— Digamos que não colocarei no meu currículo esse tipo de fotografia. Analia que me perdoe, eu não farei fotos de parto novamente.

***

O que eu não imaginava era que pouco a pouco, dia após dia, o que vivenciei com Laís fosse

criando raízes dentro de mim e a maternidade passou a não me assustar mais. Claro, estar com Leo e aproveitar todos os dias como se fosse o último contribuiu para minha resolução.

Minha vida parecia uma floresta, onde poderia correr e me aventurar em cada canto, árvore ou criatura que fazia parte. Muitas possibilidade e aventuras. Estava em um emprego que gostava e participei da minha primeira missão com Leo em meu encalço, claro.

A retraída mulher tinha se transformado na destemida. O medo fazia parte do meu dia a dia, mas não me dominava e muito menos me impedia de executar atividade que eu mais desejava, como ousar e dançar no pole dance para Leo da mesma

forma que fiz uma vez apenas entre mulheres.

O passado havia me moldado, não havia como negar. Quando resolvi dizer sim a vida, tive forças para provar que, mesmo com um grande trauma, eu poderia ser e fazer o que quiser. A partir de hoje, eu era dona de mim e compartilhava minha vida com quem eu quisesse.

Eu escolhi ser feliz.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 51

Alexia

— O que foi? — Larguei a caixa que tinha em mãos e corri até minha mãe, que estava na porta do quarto que dividiria com Leo.

Finalmente estava juntando minhas coisas em seu apartamento depois de tanto tempo namorando. Leo esperou meu tempo, meus pais também, hoje era dia de dar mais um passo rumo à minha felicidade. Minha vida não poderia estar melhor, sentia a vibração dos meus pais com minha conquista, a construção da minha própria família,

não entendia o motivo do sofrimento da minha mãe. Ou não estava percebendo?

Ela me abraçou com força e me emocionou sem nem dizer uma palavra. Senti medo ao mesmo tempo que toda a sua força de mulher batalhadora que sempre foi. Nunca soube com detalhes sobre sua trajetória, nem precisava, sentir era o que mais importava, hoje e sempre.

— Mãe — resmunguei chorando e ela começou a respirar fundo, para controlar suas emoções. — O que foi?

— Me desculpe, filha. Estou calma, eu estou bem. — Ela se afastou e seu rosto dizia exatamente o contrário. — Gostaria de poder dizer tantas coisas para você nesse momento, o quanto

nunca pensei que esse dia poderia chegar. Eu acreditei que não seria forte o suficiente para você.

Abracei minha mãe e entendi tudo o que estava engasgado na sua garganta. Ela não precisava explicar muito menos fazer retrospectiva. O que estava no passado tinha que ser deixado no passado e olhado com muito carinho. Foi assim, não há como mudar o que já passou.

Em meu tratamento terapêutico, nunca fui obrigada a reviver memórias que doíam minha alma. A minha postura para não sofrer pelo o que aconteceu no passado era apenas olhar com carinho. Não havia merecimento ou culpa, de nenhum dos lados. Não cabia a mim ter pena do meu abusador, apenas respeito pela criança que fui

e como tudo aconteceu.

Estava no passado.

— Foi difícil aceitar o amor de Henrique, sempre acreditei que minha penitência seria te proteger como deveria e não abrir meu coração para ninguém. — Minha mãe respirou fundo e me abraçou. Seu desabafo estava tocando minha alma e assim que ela terminasse, também falaria, ela precisava saber que foi a melhor mãe para mim. — Escutei tanta coisa, abdiquei da minha vida para tentar melhorar a sua, mas não foi possível deixar Henrique de lado, Alexia. Ele provou que eu estava errada ao fugir quando nos protegeu do seu pai.

— Ele sempre será meu super-herói. — Controlei as lágrimas e inspirei seu cheiro

reconfortante. Por muito tempo esse foi meu porto seguro, agora, eu tinha a mim mesma e claro, Leo. — Você também é.

— Eu falhei na sua infância, minha filha e agradeço tanto à Deus por ter dado uma segunda chance para você. Uma segunda chance para mim mesma, poder te ver tendo uma vida normal, formando uma família, se apaixonando por um homem ao invés de repudiá-lo.

— Eu aceitei meu lado masculino, mãe. — Afastei para olhar em seus olhos, porque precisava ser grata ao meu pai biológico pela vida e nada mais. — Aprendi muito com você e todas as terapias que você me encaminhou.

— Foram anos para dar certo e essa

última, nem foi eu quem te levei, mas Analia. — Ela enxugou minhas lágrimas e tentei sorrir.

— Você é a melhor mãe para mim. Deixe o passado no lugar dele, só nos cabe o hoje, que nada mais é que um presente para mim. Estou feliz, mãe. Não tenho medo, você pode ficar despreocupada.

— O que foi? — Meu pai apareceu no corredor do apartamento carregando uma caixa, deixou de lado e se aproximou. — Está tudo bem? Você pode voltar, filha, seu quarto te espera.

— Até parece que Leo não faria minha mudança novamente se isso acontecesse. — Puxei-o para ficar junto da minha mãe e abracei os dois. — Estamos apenas tendo um momento para

encerrarmos tudo o que passamos juntos. Vocês fizeram o seu melhor e sou muito grata por tudo.

— Se pudesse, faria mais — minha mãe falou e a olhei com repreensão e depois para o meu pai, que parecia se emocionar também. Ele sabia da minha história, o primeiro homem que permiti ter contato comigo enquanto recuperava o sofrimento da minha alma.

— Acho que você precisará fazer o mesmo exercício que eu, mãe. Eu fiz o meu melhor. Pode ser absurdo pensar dessa forma, mas tudo teve que acontecer dessa forma para Henrique entrar na sua vida, depois na minha. Tive que viver no meu mundo e ser como era, para Fred se aproximar e eu conhecer Leo. Se qualquer coisa disso fosse

diferente, talvez algo melhor pudesse ter acontecido, mas serei sincera, do fundo do meu coração, mãe e pai. — Fiz uma pausa para que eles enxergassem a verdade no que dizia. — Eu sou feliz hoje. Estou feliz me permitindo ter um relacionamento com Leo. Ele me faz a mulher mais realizada desse mundo.

— E você me faz um homem melhor, Alexsandra. — Viramos para encarar Leo, que estava com sua roupa de combate, tinha vindo direto da Hold e nem se trocou. — Vim o mais rápido que pude quando percebi que você estava fazendo a mudança sozinha.

— Ela nunca estará sozinha — minha mãe falou com orgulho e apertei sua mão. Meus olhos

estavam no homem que escolhi para dividir minha vida. Mal-humorado alguns dias e romântico em outros, ele era perfeito para mim.

— Tem mais caixa no carro, vamos descer. — Meu pai beijou minha testa e puxou Leo para sair do apartamento me deixando sozinha com minha mãe novamente.

Passamos alguns segundos nos encarando até que ela suspirou por fim, limpou suas próprias lágrimas e parecia outra pessoa. Era possível ver um brilho diferente no seu sorriso.

— E assim eu encerro o ciclo da minha vida onde me achei imperfeita e cheia de falhas. Não sou a melhor mãe do mundo, mas acreditarei nas suas palavras de que fiz o meu melhor para

você.

— Sim! — Ela segurou meu rosto e beijou minha testa.

— E você é a melhor filha do mundo. Pode contar comigo sempre e me desculpe se te prendi demais ou acabei aproveitando da sua fragilidade para mantê-la debaixo das minhas asas. Você fica muito melhor voando de forma independente, irei observar e te admirar de longe.

— Você foi o melhor casulo que uma borboleta poderia pedir. Ganhei asas firmes, de aço. Ninguém será páreo para mim, porque tenho a sua força, da genética do meu pai biológico e de Henrique, que me acolheu como sua filha.

— Eu te amo, Alexia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amo você, mãe. Passado perdoado, presente renovado. Obrigada.

— Alexia, me ajude aqui, seu pai quer comer sushi. Avisei que na minha casa não entra essas coisas de peixe cru — Leo apareceu com caixas e Henrique também, que piscou um olho indicando que estava apenas provocando.

— Dessa vez você perdeu, querido colega de quarto. Peça sua pizza e o sushi, teremos banquete duplo para comemorar minha entrada na sua casa. — Fui até ele, que me pegou pela cintura e rodou comigo em seus braços. Dei um gritinho assustado e ri. — Seu louco.

— Nosso apartamento, Borboleta. Que seja peixe cru e pizza, você é quem manda.

PERIGOSAS ACHERON

— Sabia que meu genro iria se redimir e não deixar o sogro passar vontade. — Meu pai cutucou enquanto eu unia meus lábios nos de Leo para selar um acordo silencioso.

Era tudo nosso, a vida a dois finalmente começaria a partir de agora.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Bastien

Dois anos depois...

Sorri para a minha mãe antes de focarmos para frente e entrarmos ao som de uma música instrumental escolhida por Analia. Diferente de como foi o casamento dos meus primos, eu e minha mulher escolhemos fazer a festa depois que Júlio pudesse andar, para ser nosso pajem, aquele que levaria as alianças ao altar.

Não foi por ele que estávamos fazendo

isso, mas nós mesmos, para reforçar a união e companheirismo. A cada dia ela me surpreendia com suas vitórias e eu compartilhava as minhas. Com duas academias ativas e prósperas, pude dar conforto e permitir que Analia seguisse um novo rumo na sua carreira profissional.

De advogada da área trabalhista, minha mulher se formou *Consteladora* e está focada na área empresarial. Não entendia muito bem como funcionava essa terapia e me surpreendeu que não era apenas voltado para a família, mas empresas, o judiciário, escolas e tantas outras áreas. Se era o que a fazia feliz, proporcionaria o melhor.

Não poderia esquecer que havia um concorrente. Meu sogro parecia querer compensar o

tempo que lhe foi privado ao lado da filha, que mesmo sendo fora do casamento, era considerada única e especial. O homem contratava babás, ajudantes do lar e outras pessoas para permitir que Analia pudesse cuidar do filho e também, ter sucesso profissional.

O que Thiago Vilhares às vezes se esquecia era que sua filha tinha um homem de verdade ao seu lado e fazia questão de compartilhar as responsabilidades, principalmente cuidar de Júlio.

Minha mãe voltou para a entrada do buffet e admirei a decoração clássica escolhida. O Espaço Vivifica foi escolhido pela Analia e não questionei seus motivos. A família sussurrava entre eles, que

minha mulher tinha trauma do que aconteceu no Haras, por isso não fez como Luana e Laís. Eu discordava, ainda mais quando vi os três primos brincando com terra e água no meio do pasto, sob a supervisão de Maria Clara.

Fred e Luana foram os primeiros padrinhos a entrarem. Para nossa diversão, atrás deles corria Maurício, que não aguentou esperar para entrar com seus primos. O riso foi inevitável de segurar.

Enquanto a esposa do meu primo fazia a volta nas mesas para levar seu filho até dona Bety, Guido e Laís entraram e se posicionaram perto do altar.

Depois foi Joana e seu marido, meu braço

direito, a mulher que contribuiu para o desabrochar de Analia. Ela fazia parte da nossa vida e tinha lugar especial na nossa família atual. Sua barriga saliente me fez lembrar de quando minha mulher havia engravidado e o quanto curti conversar com nosso filho ainda em formação. Joana seria mãe e treinava muito com Júlio.

Por fim, entraram Leo e Alexia. Meu sorriso aumentou, porque os dois se transformaram nos últimos anos. Apesar de não serem mais solteiros, eles pareciam se comportar como tal, indo nas baladas, sumindo pelos finais de semana e as vezes, quase a semana inteira. Trabalhando juntos com segurança, nem imaginava o que os dois aprontavam. O importante era que estavam felizes,

estava nítido nos olhares e na vibração que exalavam.

Até quando eles manteriam essa vida? Mordi a língua ao perceber que estava ficando como minha mãe e tias, sempre cobrando para dar o próximo passo ao invés de celebrar com eles a situação atual. Não fazia por mal, só queria que eles tivessem a mesma sensação de satisfação que eu e meus primos casados tinham com suas próprias famílias com filhos.

Era cansativo ao mesmo tempo que maravilhoso.

Esperei com o coração na boca a música tocar e Analia aparecer rodeada de crianças. Maria Clara era a mais comportada na frente enquanto

meu filho e seus primos mexiam nos enfeites ao redor e pulavam enquanto se aproximavam do altar. Eles eram perfeitos.

Não tirei os olhos da minha mulher em seu vestido branco e cabelos em um tom mais avermelhado. Depois da gravidez, ela parecia quase ruiva, o mesmo tom de cabelos do seu pai, que estava ao seu lado, em sua pose imponente. Esse homem tinha um enorme carinho quando o assunto era seu neto, por isso, quando Júlio correu para os seus pés, ele não pensou duas vezes em abaixar, segurá-lo com um braço enquanto com o outro conduzia minha mulher até mim.

Nós já éramos um do outro, mas a cerimônia parecia potencializar esse fato.

— Minha filha para que você ame e cuide — Thiago Vilhares falou me entregando a mão de Analia e ficando com Júlio no colo, que por alguns segundos estendeu os bracinhos em minha direção. *Ah, filhão, você fazia parte com certeza, mas agora, o momento era apenas meu e da mamãe.*

Beijei sua testa, nos posicionamos no altar e o juiz de paz, junto com o líder religioso, iniciaram a celebração do que se tornou um dos dias mais especiais da minha vida. Foi muito dinheiro gasto, mas míseros ao se pensar na simbologia do que aconteceu, a oficialização da união das nossas almas.

Parece que demorou horas, mas para mim foram minutos. As palavras ditas chegaram até

minha alma e tinha certeza que para Analia também. Ela sempre seria minha prioridade junto de Júlio e tinha segurança ao saber que a recíproca era verdadeira.

No momento em que a cerimônia acabou, andamos pelos convidados até chegarmos em um quarto feito para nós, com uma cama, mesa com comida e alguns presentes, de quem entregou na festa.

— Fiquem à vontade, comam, porque daqui a pouco iremos fazer uma sessão de fotos, cortaremos o bolo e serviremos a janta para que vocês possam aproveitar ao máximo.

— Obrigada, Elaine. Está tudo tão maravilhoso. — A dona do buffet e cerimonial

abraçou minha mulher e ficamos sozinhos no quarto por alguns minutos, nos encarando, tentando dizer apenas com o olhar o que queríamos.

A mulher que tinha o encaixe perfeito na minha vida, agora, era oficialmente e legalmente minha e eu dela, perante a família e nossa sociedade. Havia momento melhor para renovar nosso enlace dizendo algumas palavras que vinham do coração?

— Aqui, vamos conversar — Fred invadiu com Guido, Ricardo e um homem que não conhecia e parecia um armário de tão grande. Bem, pelo visto, meus planos de ter um momento só meu e da minha esposa não aconteceria.

Família era para essas coisas.

— Vocês perceberam que estão no meu casamento, atrapalhando um momento meu e de Analia? — Minha mulher piscou um olho para mim e foi para a mesa comer.

— Vocês não iriam fazer nada demais. Deixem a melhor parte para amanhã, quando estiverem sóbrios e descansados — Fred falou e apontou para o desconhecido. — Esse é De Paula, marido da dona do buffet e chefe do meu irmão.

— Muito prazer. — Estendi a mão e encarei meus primos com revolta. — Não quero ser sem educação, mas poderíamos ter feito isso na festa.

— Não, porque estamos em uma missão secreta — Ricardo falou divertido e envolveu o

braço no meu pescoço. — Vamos planejar o sequestro de Leo e Aleixa, eles não podem ficar de fora do nosso grupo, precisam casar.

— Você está ficando pior que a vó Cida, cara. Deixem os dois em paz. — Saí do seu agarre e minha mulher entrou na roda.

— Podem contar comigo. O que tem em mente?

— Analia? — Tentei não rir da minha mulher com chocolate no canto da boca. Puxei-a para mim, limpei com minha língua e depois lhe dei um beijo.

— Ótimo. Convença Luana e Laís para fazer parte disso enquanto os homens lidarão com Leo — Ricardo delegou a tarefa.

— E as crianças? — perguntei para eles, foi Guido quem respondeu:

— Minha mãe fará uma festa do pijama no Haras.

— Tati leva Maria Clara e ajuda em tudo. Perfeito. — Ricardo bateu no meu ombro. — Parabéns pelo casamento, só falta o último noivo entrar para o clã dos casados do Saad.

Conversamos mais um pouco de como tudo iria acontecer, sem definir uma data certa. Quando eles saíram da sala, Elaine apareceu para que fôssemos de volta ao salão e percebi que estar com Analia era muito mais que ter um momento à sós com ela, mas partilhar as loucuras dos meus primos e tê-la entregue para isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fazia dois anos que não tínhamos um novo enlace na família, era hora de encerrar os trabalhos e focarmos nas próximas gerações, começando pelo trio da fralda e chupeta.

PERIGOSAS ACHERON

Alexia

Seis meses depois...

Levantei da cama mesmo estando com sono. Era meu dia de folga na Hold, mas não coincidiu com a de Leo, que logo cedo saiu deixando um beijo suave na minha boca.

Hoje eu iria *maratonar* algum seriado ou ver qual das minhas amigas mães precisava de ajuda com as crianças, amava meus sobrinhos. Bocejei e desisti da segunda opção, estava fortemente decidida a não procurar nada além do meu sofá.

— Caramba, que sono é esse que nem fui dormir tarde ontem? — perguntei para a geladeira antes de abrir e pegar a jarra de suco para tomar o café da manhã.

Morava no mesmo apartamento que Zander cedeu ao Leo há anos atrás. Esse homem se tornou um grande amigo nosso e muitas vezes aparecia em casa procurando uma comida caseira feita por mim. Apesar dos seus quase dois metros e músculos, carranca e sorriso fácil, eu o sentia como se fosse meu filho. Era errado em tantas maneiras pensar dessa forma, mas não tinha como não o agradar, ainda mais quando o olhar de gratidão que ele me dava era intenso.

Leo não tinha ciúmes, porque ele confiava

no companheiro de trabalho e claro, sabia que meu amor não fazia curvas, ia direto para ele.

Havia aprendido novas habilidades. Não era tão astuta como Leo, mas estava cogitada para entrar na equipe de campo para ir além de tirar fotos e registrar a missão. Estava me tornando uma agente que dava tiro, distribuía porrada e soltava granadas. Viciada em adrenalina? Amava estar no controle.

Sentei na cadeira, enchi um copo e quase joguei tudo no chão quando a campainha começou a tocar incansavelmente. Como não foi anunciado pelo porteiro, ou era alguém da família ou vizinho, que poderia abrir a porta apenas o suficiente para colocar minha cabeça para fora e não mostrar meu

pijama que não passava de um *camisetão* de Leo.

— Luana? — Conferi pelo olho mágico e abri a porta para não só minha amiga entrar, mas Laís e Analia também. — O que aconteceu?

— Está se sentindo com muito sono nos últimos dias, certo? — Laís perguntou pegando meu suco e tomando. Intimidade era uma merda em alguns momentos.

— Teve tontura alguns dias atrás e marcou médico para fazer exames de rotina? — Analia se sentou em uma das cadeira e me encarou segurando o riso.

— Gente, para quê tudo isso? Falei que estou bem, fiquei sem comer direito em um dia e pedi alguns dias extras de folga para meu chefe. —

Bocejei e todas acenaram em concordância. — Vocês estão parecendo loucas.

— Não, só passamos por isso. — Luana abriu a bolsa e tirou duas caixinhas de dentro.

— Exame de gravidez? Não, gente, eu não estou grávida, eu...

Um filme passou pela minha cabeça e precisei sentar para processar o que estava acontecendo. Primeiro foi a sensação de me sentir muito inchada, minha médica ginecologista pediu que eu parasse com o anticoncepcional por alguns meses e se fosse o caso, mudaríamos o método contraceptivo. Eu e Leo já estávamos transando sem camisinha há um bom tempo, confiando nas minhas pílulas. Então, voltamos a usar

preservativo... bem, nem sempre. Algumas vezes era coito interrompido, outras, quando a paixão nos dominava, ia dentro e era tão maravilhoso.

Minha menstruação estava atrasada, mas nem tanto. Ou era?

Peguei uma das caixas e fui para o banheiro do meu quarto. As mulheres me seguiram e nem me dei ao trabalho de fechar a porta, rasguei a caixa, peguei o palitinho e chacoalhei na frente delas.

— E aí? Enfio em algum lugar?

— Faz xixi em cima dessa parte. — Analia quem respondeu, porque Laís e Luana estavam descontroladas rindo sentadas na minha cama bagunçada.

Baixei a calcinha, me equilibrei como dava e fechei os olhos na hora errada, fiz um pouco de xixi na mão e depois consegui mirar no lugar certo. Caramba, não poderia ser real.

Meu Deus, e agora? Eu não estava pronta para ser mãe, eu tinha tanta coisa para fazer ainda.

— Não surta, amiga. Você é maior de idade, independente e tem um parceiro maravilhoso — Luana falou serena ao me ver subindo a calcinha e colocando o palito em cima da pia com medo. Soltei descarga e minha vontade era de ter colocado o teste dentro do vaso para ir junto com a água.

— Eu e Leo nunca falamos sobre isso. — Comecei a lavar a mão de nervoso.

— E você acha que alguma de nós

conversou antes de engravidar? — Analia me olhou com zombaria, todas estavam dividindo o espaço da porta.

— Nos apaixonamos, transamos e plim! O lado bom de estar com quem amamos, é que esse tipo de situação não é o fim do mundo, mas o início. Temos um bebê maravilhoso que agora é um menino testando a minha sanidade na fase do *terrible two*! — Laís complementou e as três se entreolharam compartilhando do sentimento.

Que fase era essa?

Céus, eu queria que fosse diferente, comum acordo, conversado e planejado. Estava dando tudo certo na minha vida, por que uma notícia dessa tinha que vir para me desequilibrar?

Saí do banheiro e fui para outro lugar em busca de espaço, porque não estava suportando imaginar o que seria de mim se aquele resultado fosse positivo.

E se Leo não me quisesse mais? Ah, ele poderia sumir como sempre fazia, mas teria que assumir o filho, nem que fosse na marra e eu precisasse apelar para dona Bety!

O palito contendo dois riscos rosa foi colocado no meu campo de visão e três pares de braço me apertaram por trás.

— Esqueça as dúvidas, porque a certeza está aqui, na sua frente. Não foi planejado, não era o momento, o que Leo acha sobre isso... esqueça os questionamentos que te jogarão no chão, porque

você conhece a nossa história, ama os nossos filhos, os seus sobrinhos, por que não amaria o que está sendo gerado aqui? — Luana colocou a mão na minha barriga e peguei o resultado com as mãos tremendo. — Você poderia escolher ter uma família apenas com Leo, mas Deus te deu um presente.

— O sexo fez isso. Como diz meu médico, se não quer engravidar, não tenha relações sexuais. — Laís beijou meu rosto e me apertou mais. — Bem-vinda ao clube das mães agregadas da família Saad.

— Você será uma ótima mãe, Alexia. Agora, tome um banho, coloque uma roupa confortável, porque estamos te sequestrando —

Analia falou e as três se afastaram de mim para que pudesse sair do banheiro social.

— O quê?

— Pensou que apenas você participava de missões? Agora é a nossa vez. — Luana me encarou com malícia e as outras duas pareciam animadas com o que tinham em mente.

O que elas pretendiam fazer? Nem me deixariam processar a notícia ou falar com Leo?

Enquanto me deixava ser guiada por aquelas que aprendia a confiar e se tornaram família, percebi que não era apenas essa gestação que estava me tornando iguais a ela, mas algo muito maior.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Leo

Estava quase no final do meu turno e nem tinha conseguido ver o celular para falar com Alexia, por conta de um relatório que odiava fazer depois da missão. Se eu falasse com minha mulher, voltaria mais tarde do que queria. Ela precisava de atenção, andava muito indisposta e insistiria em marcar um médico, não era seu normal. Jurava que era anemia, sua alimentação não estava das melhores.

Um capuz foi posto na minha cabeça e o susto por ser pego de surpresa, mesmo que dentro do QG da Hold, me fez agir. Socos e pontapés

foram distribuídos para quem estava por perto e não era apenas um.

— Ai, caralho, não resista e nem nos espanque. Ninguém é tão forte quanto você. — Era meu irmão quem falou e parei de resistir, mesmo sabendo que os braços que tentavam me conter não eram dele.

— Sim, pare de bancar o machão. Apenas nos siga, senão vou atrás de te dar um calmante para cavalo na veia — Guido falou e tentei olhar para os lados mesmo que minha vista estivesse obscurecida, os passos que soavam eram de mais de duas pessoas.

— Quem está te segurando foi altamente recomendado pelo seu chefe. Zander, conhece? —

Bastien parecia rir e meu companheiro de trabalho e grande amigo me cutucou com força na costela.

— Seu filho da puta, eu vou me vingar disso — rosnei e o riso inconfundível de Ricardo ecoou.

— Eu quero meu pagamento em espécie. Depois do que acontecer, você irá beijar o chão que pisamos — meu primo mais velho falou e comecei a respirar com dificuldade, porque se tinha ele envolvido, ia dar merda.

— Onde estão me levando?

— Para o salão de beleza. Vamos te depilar todinha! — Zander zombou e quase consegui saí do seu aperto. Percebi que entramos no elevador.

— Só aceite que algo de bom vai acontecer. Somos seus primos te ajudando a se tornar um homem de verdade — Fred declarou.

— Vão se foder. Não tem filhos para cuidar não?

— Festa do pijama no Haras, com minha mãe. Temos um dia inteiro com você — Guido se divertiu.

— O que pretendem?

Saímos do elevador, entramos em um carro e ficamos apertados no banco de trás.

— Me solta, caralho! — Zander me soltou e liberou espaço dizendo:

— Boa sorte, depois me mandem fotos.

— Só não tire o capuz, vai estragar a

surpresa — Bastien falou do meu lado.

— Então falem o que está acontecendo!

— Você vai vestir uma roupa, iremos para um lugar e você descobrirá — Guido respondeu baixo e suspirei ao perceber que não arrancaria nada deles. Assim que esse carro parasse, eu iria escapar para descobrir o que estava acontecendo.

— Oh, porra, temos novidade — Ricardo falou e várias exclamações soaram. — Não digam nada ainda.

— Dizer o quê? — Tentei tirar o capuz e a força de Bastien me manteve firme.

— Nostalgia pura. Nós cinco no carro, mas desta vez, Fred dirigindo — Ricardo mudou de assunto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, não precisamos perder os quatro pneus — meu irmão zombou.

— Quem não tem história? Estamos vivos, não é mesmo? — Guido tentou se defender e percebi que estávamos em uma estrada por conta da velocidade.

— Estamos saindo da cidade? — questionei.

— Dá para desligar seu sensor de homem biônico e deixar que a gente faça uma surpresa? — Fred brigou e chutei seu banco chateado. — Nem parece que você namora Alexia, está chato como antes.

— E você, mesmo com Luana, continua irritante! — rebati.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos todos respirar fundo e acalmar os ânimos. Hoje o dia será de grandes emoções. — Bastien bateu no meu braço. — Preparado primo?

— Se eu souber o que irá acontecer, porra!

— Mais alguns minutos. Se prepare. — Guido bateu na minha perna e o carro começou a chacoalhar, indicando que entrava em uma estrada de chão. Era o Haras, o tempo gasto era bem semelhante.

Ficamos em silêncio e me permiti sentir o coração acelerar pelo desconhecido. Impossível não apreciar a adrenalina, era viciado em todas as suas formas de aparecer. Quando o carro parou, congelei no lugar, sabia que minha vida poderia mudar assim que eu tirasse o capuz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Elas já estão aqui, apressa logo — alguém falou baixo e finalmente criei coragem para sair do carro e tirar o que me impedia de ver.

Não estava no Haras, mas em uma casa perto do rio, que poderia ser visto ao fundo. Grandes árvores e palmeiras estavam ao redor enfeitados com fitas brancas e amarelas bem claras. Uma imagem estava colada nas pontas, reconheci sendo desenhos de borboletas, câmera fotográfica e uma pistola.

Símbolos que lembravam eu e Alexia.

Meu coração quase pulou pela boca quando percebi outros carros conhecidos e uma aglomeração perto do rio. O sol estava quase se pondo, o que essas pessoas iriam fazer?

PERIGOSAS ACHERON

— Veste essa roupa, sua mulher está esperando para casar — Fred me falou mais calmo e com um sorriso.

— O quê?

— Chega de pegadinha, caçulinha. Sequestramos você para casar com Alexia. — Ricardo se aproximou e revirou os olhos para meu assombro. — Claro que é apenas simbólico e estamos apenas nós. A questão é, você fará parte da turma dos casados por bem ou por mal.

Então, percebi que mais uma vez a família se intrometia na minha vida e tirava meu poder de decisão. Estava pronto para largar tudo e mandar todos se foderem, até entender que isso poderia ser algo que minha mulher gostaria ter.

Estávamos tão envolvidos na nossa rotina, em nos amar e curtir a vida, que nunca perguntei se ela pretendia casar comigo, ter uma festa e celebrações tradicionais. Mas por que tinha que fazer tal coisa, se estava subtendido que minha vida era dela, não havia outro lugar que preferia ficar?

Tirei minha roupa tática sem pudor de ficar apenas de cueca e trajei a roupa formal. Percebi que os quatro estavam de terno e gravata, menos Fred, que nem em seu próprio casamento colocou.

Ricardo correu em direção ao aglomeramento e em silêncio, com meus primos ao redor, seguimos a mesma direção. Aos poucos, fui percebendo que eram Laís, Luana e Analia

trajavam vestidos com o mesmo amarelo claro das fitas que estavam enfeitando. Havia alguém atrás delas e quando revelaram Alexia, de branco, em prantos, corri em sua direção com preocupação de quem alguém a tivesse forçado a algo.

— Eu vou matar quem te fez chorar. — Tomei seu rosto nas mãos e ela negou com a cabeça.

— Não! Está tudo bem. — Beijou minha boca e senti seu corpo inteiro tremer.

— Vamos começar? — Olhei para Ricardo então todos os casais formaram um semicírculo em nossa volta. — O que a família faz na nossa vida? Se intromete da pior e melhor forma. Casem quando se sentirem preparados, mas essa cerimônia

é mais nossa do que de vocês. O quarteto de solteiros, agora, é o quarteto de noivos.

Dei a mão para minha mulher e percebi que ela estava com um vestido branco de mangas, cabelos soltos e lágrimas enfeitando seus olhos. Por que chorava tanto?

— Essa é nossa forma de presentear as pessoas que mais evoluíram na família. Meu irmão, eu pego no seu pé, mas eu te amo. — Fred olhou para Alexia. — Você está onde deveria estar, como minha cunhada e irmã. Parabéns e obrigado.

— Estamos aqui juntos, para unir o mal-humorado com a tímida esperta. Eles se amam, estão na farra e blá, blá, blá... — Todos riram da fala cheia de pompa de Ricardo, inclusive eu. — Eu

os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

— Eu casaria com você mil vezes ou nenhuma, se for a sua escolha. — Segurei seu rosto e a vi chorar ainda mais. — Aceitei minha sela e te amo o suficiente para assumir que farei o que você quiser.

— Te amo, Leo. — Alexia pulou nos meus braços e a ergui sentindo seu corpo tremer. — Não sei se quero casar, também não sei se não quero... a única coisa que posso afirmar é que estou em pânico.

— O que foi? — Coloquei-a no chão e a vi tentar sorrir em meio ao pranto.

— Estou grávida.

A natureza parecia ter entrado em

combinação com todos nós. Se ela estava em pânico, eu parecia em choque e sem reação. Ela relutava tanto em assumir que queria uma criança quando o assunto era gestação que nunca pensei que escutaria essa notícia, inclusive tirei da minha lista mental de coisas para se fazer com Alexia.

Ah, mas dentro de mim e com a conexão que tinha com Maurício, eu aceitaria de bom grado se viesse sem planejamento.

Não demorou muito para que eu sorrisse, olhasse para todos ao meu redor e percebesse que mesmo sendo intrometidos, eles entendiam a nossa necessidade e tornou esse dia muito mais do que especial. Não era apenas o momento que descobri que seria pai, mas aquele que reconheci estar

integralmente incluído na minha família.

Ajoelhei a sua frente, peguei na sua mão e coloquei minha outra na sua barriga.

— Era para beijar a noiva — Ricardo resmungou.

— Alexsandra Lage, aceita se casar comigo? — Beijei sua barriga e a encarei com todo o amor que eu tinha por essa mulher. — Eu te amo, Borboleta. Vamos formar uma família e sermos felizes para o resto das nossas vidas.

Não olhei para os lados quando me levantei ao som de algumas fungadas, porque a mulher que precisava parar de chorar e sorrir, estava me tornando o homem mais feliz do mundo.

— Nós vamos ter um filho! — Ela me

abraçou e eu fechei os olhos respirando seu cheiro de mulher. — Meu Deus, o que me aguarda?

— Pouco sono, choro sem sentido, fraldas e mais fraldas — Analia brincou. — Ah, não podemos esquecer do amor que não cabe no peito.

Meu rosto foi segurado pelas mãos da minha mulher, que me beijou e finalizou a cerimônia com gritos e assobios dos convidados.

— Sim, Leonides Saad, eu caso com você. Eu te amo.

— Amo você por completo, Borboleta.

Alexia

Haviam borboletas por todos os lados em meio a fitas e balões. O espaço Vivifica foi escolhido por mim para sediar o evento que marcaria a mudança da minha vida de solteira para casada.

Optei por usar o mesmo vestido branco que minhas amigas escolheram para a cerimônia surpresa de alguns meses atrás. Não preciso dizer que todos na família, quando souberam, ficaram indignados e quase exigiram que um casamento oficial fosse realizado. Minha mãe foi a primeira a oferecer o financiamento de tal.

Não tive pressa para a organização, até porque, precisei de alguns dias para digerir a notícia de que seria mãe. Logo que comecei a trabalhar em campo com Leo, precisaria retornar para o escritório e adiar minha ascensão profissional.

Era errado pensar que um filho atrasaria minha vida, mas era assim que me sentia. Depois de um ano sem precisar ir na terapia, voltei a ela e tive minha amiga como profissional. Analia não só me mostrou que formar uma família fazia parte do que eu buscava, mas também era minha própria realização.

Era verdade, eu amava meus sobrinhos e cuidava com muito amor e carinho, como se fosse

os meus. Não cabia rejeitar esse bebê que estava em meu ventre, o verdadeiro medo estava em ter que vivenciar o que minha mãe teve comigo. Culpa e sofrimento, não queria trazer alguém no mundo para passar pelo o que eu passei, mesmo que superado todo o trauma.

Ainda tinha um último resquício de insegurança e talvez, sempre existiria. O passado aconteceu, deixei tudo o que passou para trás, mas ele me marcou e essa cicatriz era visível demais para o meu coração.

Para que conseguisse acolher minha gestação, precisei entender que eu era outra pessoa e não minha mãe. As situações financeiras eram outras, o pai biológico era maravilhoso e além,

tinha uma família magnífica para transformar na minha experiência materna em algo mágico.

Tinha poder sobre algumas coisas e não outras, até porque, a menina que estava sendo gerada no meu ventre era um ser que teria suas próprias experiências.

Enquanto esperava em um canto com o meu pai, para entrar no salão e professar meu amor por Leo, com a barriga suavemente arredondada, fiz uma breve oração para que o melhor acontecesse com todos, principalmente para minha filha. Se eu pude fazer diferente dos meus pais, ela com certeza conseguiria fazer o mesmo.

Hoje eu era uma mulher realizada, tento o melhor da vida profissional e da pessoal.

— Depois que você se mudou para o apartamento do Leo, achei que não ficaria mais nervoso quando o assunto era você. Me enganei. — Meu pai respirou fundo e encarou a porta, me fazendo emocionar. — Casamento, netos... não há nenhum DNA meu no seu sangue, para sempre senti que existia sim.

— Ela é sua neta, papai — falei suavemente, beijei seu rosto e ele me encarou. — Essa criança será muito abençoada, por ter a força da genética do meu pai e o amor incondicional que vem de você. Nós te amamos e seu posto de pai e avô nunca será deposto, confie nisso.

— Amo você e sua mãe, com certeza amarei sua filha, porque nossa conexão está muito

além. — Ele alisou meu rosto e segurei as lágrimas. — Continue feliz, eu e sua mãe estamos orgulhosos de você.

— Vamos entrar? — Elaine aparece na nossa frente, respirei fundo várias vezes e sorri quando a música soou e a porta se abriu revelando minha família e Leonides Saad, em um terno de três peças, tão diferente da roupa tática que estava acostumada.

Meu marido e agora pai da minha filha tinha lágrimas nos olhos quando me aproximei. Ah, meu amor mal-humorado, nossa história foi especial. Não esperava que a vida me entregasse apenas flores a partir de agora. Voar era algo perigoso e excitante, uma borboleta não tinha

apenas ar em seu caminho até chegar na fonte do seu alimento. Iria aceitar tudo o que estava reservado para mim e fazer o meu melhor para que essa criança fosse feliz, como eu estava sendo.

Não havia mais medo. Quando disse sim para a vida, ela disse sim para mim.

— Eu te amo Alexia — Leo sussurrou quando meu pai me entregou a ele. — Amo nossa Ana Vitória.

— Amo você e toda a sua história familiar, que agora eu faço parte junto com o resultado do nosso amor.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo Extra

Dez anos depois...

Depois de muito tempo, foi possível reunir todos na festa junina no Haras, com crianças de várias idades correndo para todos os lados e entre os avós e tios-avôs. O evento começou na hora do almoço e não teria hora para terminar. Colchões e barracas estavam espalhados pela propriedade, o momento de união seria aproveitado até o último minuto.

Simone cuidava da comida junto com outras mulheres. Mesmo grande, seu filho estava

sempre atento no que ela fazia junto de seu pai.

Miriam acompanhava sua prima e outras tias na tarefa enquanto o juiz fujão permanecia na roda dos primos. Apesar do apelido continuar, ele havia sido acolhido na família, ainda mais por contribuir para que Carolina viesse a vida. Sua filha era muito amorosa e interagia com todas as crianças.

Foi na roda tradicional, aquela que começou ecoando os casos da solteirice dos primos, que iniciou uma conversa nostálgica e divertida.

— Se não fosse a diferença de idade, eu diria que Maurício é seu filho e não meu. — Fred apontou para o menino que subia na árvore e se pendurava de cabeça para baixo fazendo graça para

os outros primos mais novos.

— Estou muito bem com Ana Vitória e Clarissa, elas são anjinhos como a mãe. — Leo apontou para a roda de meninas entre cinco e dez anos brincando na areia. Todos vestiam xadrez, vestidos ou camisetas, para entrar no clima de festa junina. — E você não pode ter tudo, Fred. Denise é comportada.

— Só sei que ter dois filhos é fácil, imagine eu com três. — Guido comentou acenando para a mãe que segurava duas crianças de três anos, um em cada braço. — Ainda bem que Pedro já é maior, o susto em saber que eram gêmeos me fizeram operar no outro mês.

— Capão! — Ricardo se aproximou

zombando.

— Pelo menos não sou eu preocupado com os namorados da filha — Bastien comentou divertido, Maria Clara, filha de Ricardo, já estava entrando na adolescência.

— Vocês precisam mudar esse pensamento, homens e mulheres são iguais, dão o mesmo trabalho — Fred falou e se levantou assim que Maurício caiu da árvore e gritou de dor. — Retiro o que disse, meninos se machucam mais. Já vou, filho!

— Sente novamente, olha o Pedro e o Júlio ajudando, eles são inseparáveis até na dor. — Guido apontou para a cena enquanto segurava o braço de Fred. As mães das crianças observaram de

longe, estavam em uma roda conversando separado dos homens. A amizade prevalecia tanto quanto o laço familiar.

— Nem sei porque me estresso, o menino chora um minuto e no outro, está fazendo a mesma arte. Meu coração não aguenta — Fred voltou a sentar e rimos do seu desespero.

— Você precisa deixar as crianças brincarem. — Leo olhou para as filhas e fez uma careta. Clarissa, a filha mais nova, tinha lama por todo o corpo e estava caminhando em sua direção.

— Tem lama até no cabelo. Nem Pedro conseguia essa façanha — Guido brincou, a disputa para saber qual era o filho mais bagunceiro era a diversão dos primos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amor, depois você limpa ela? Estou almoçando! — Alexia pediu em voz alta e mostrou o prato. Com um sorriso contido, Leo levou a filha para se limpar.

— Você leva as figurinhas e entrega para aquele bundão da escola. Se ele não pedir desculpa, eu acerto a cara dele — Mauricio conversava com Pedro e Júlio. Ambos estudavam na mesma escola e pelo visto, estavam com algum problema com o colega. Apenas Leo escutou e sentiu a nostalgia de ter primos/amigos tão próximos até hoje. Se fosse Fred, já iria interceder e dar um sermão de como a conversa era o melhor caminho, diferente de Bastien, que sempre ajudava os primos a resolver na pancadaria.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu amo você, minha libélula — Leo falou enquanto lavava o rosto da filha no banheiro mais próximo da churrasqueira.

— Sou princesa, papai — resmungou a criança. — A Ana que é o bichão que avoa.

Leo riu alto e se divertiu pela forma como a filha enxergava os apelidos que ele deu. Borboleta, Mariposa e Libélula, as três mulheres de sua vida que tinham asas e deveriam voar independente para as suas vidas. Eram livres e ele lutaria por essa liberdade a todo custo.

— Você é princesa, minha filha. Quem você quiser ser, será e não deixe que digam o contrário.

— Mas o Maurício diz que eu sou

unicórnio. Eu não gosto — resmungou quando voltavam para junto da família e percebeu que mesmo superado as brigas com o irmão, os filhos deles estavam seguindo o mesmo caminho de um pegando no pé do outro.

A história se repetia ou era apenas as coisas como deveriam ser? Não se importou em pensar sobre o assunto, ainda mais quando levou a filha de volta para onde estava brincando e observou a avó Cida, já tão velhinha, sorrindo para a união familiar.

Leo voltou a se sentar junto com os primos e agregados, Torto lhe serviu uma cerveja e o irmão de Luana sentou ao seu lado, com um prato de carne na mão. Havia pouco tempo que ele tinha

aparecido com sua esposa e vida transformada, para tranquilidade de seu pai e sua irmã.

No momento certo, tudo se ajeitava, isso era um fato que todos aceitavam. E, criando novas histórias, repetindo outras, respeitando as escolhas de seus semelhantes, acolhendo todos que estiverem no caminho e não excluindo ninguém, o amor prevalecia.

Agradecimentos

E assim encerramos a série Quarteto de Noivos. Será que poderemos ter mais sobre esse universo? Há mil e uma possibilidades como a própria vida. Não prometo que sim, nem que não. Estou aberta para que o universo me inspire da melhor forma. O que posso dizer é que o sentimento de dever cumprido está borbulhando no meu peito. Honrei minha história familiar e a do Fabricio Sales, que carrego comigo essa força.

Minha Flor, Meu Tesouro, Enlace Improvável, Enlace Impossível, Enlace Incerto, Entre o Caos e o Amor e por fim, Enlace Indecente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Esses são os livros que fazem parte das aventuras da família Saad, que agora poderá ser aproveitado por completo.

Gratidão à Deus, a vida e minha família, de origem e atual, por estarem comigo, compartilhando suas histórias e forças. Meu sucesso e meu trabalho são em suas homenagens. Fabricio, Amanda e Daniel, amo vocês.

Obrigada as amigas que fazem parte do meu dia a dia e tornam a escrita um momento menos solitário. Betas, Encantadas, LS, Musas, Sortudas, Stars e Superpoderosas, vocês fazem a diferença nas minhas histórias.

Michele, aquela que sempre teve uma sábia palavra de motivação para que acreditasse em

PERIGOSAS ACHERON

mim, porque ela mesmo acreditava o dobro, obrigada. Reconheço sua luta e te admiro por ser quem é. Nessa série, você teve papel fundamental.

Um agradecimento cheio de figurinhas motivações como um chicote as lindas mulheres escritoras que tenho o prazer de duelar conforme vou escrevendo, revisando ou divulgando. Junas e Shallow Now Light In The Dark, baby!

Não posso deixar de agradecer meus parceiros poderosos, aqueles que, a cada lançamento, estão ao meu lado! Como não posso colocar todos em um potinho, eternizo nos meus livros (Instagram):

@50livros

PERIGOSAS NACIONAIS

@AlfasLiterarias

@anaflpimentta

@betaliteraria

@blogcheirodelivros

@cafecomletras.oficial

@cia_da_leitura

@contandocapitulos

@dayukie

@duaslivrolatras

@ebtb_brasil

@ellyteratura

@enquadrandolivros

@epifania_literaria

@estantedagabii

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

@sayociosa

@folhadepolen

@gabieumlivro

@indicacoes_literarias

@issoateparecemagia

@jheni_literaria

@jujueoslivros

@literariaraposa

@literatura.hot.livros

@literaturaemdiajessica

@divaliteraria

@livrosdamicosta

@lmeninados

@lua.de.papel

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

@mafiosas_literarias

@maniaca_literaria

@menina.que.amaler

@minhapequenacolecao

@ocantinhodaleituraa

@coice_literario

@queen_of_literature

@samurailiteraria

@a_magiadoslivros

@totoroliterario

@viciadosemliteraturanacional

@leitorasinsanas1

@vidadebibliotecaria

@perfeicao_literaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

@bibliovicio.da.jess

@Sussurrando_Sonhos

@paraleloliterario

@euleitoraminhapaixao

@impressaodoleitor

@naosoucompulsiva

@umlivroumamor1

@divando_livros

@jaqueronaminhaestante

@resenhasnacionais

@mariindicanacional

@lsapoioliterario

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Sobre a Autora

Mari Sales é mãe, esposa e escritora em tempo integral, analista de sistema quando requisitada e leitora assídua durante as noites e madrugadas. Nos intervalos entre suas vocações, procura controlar a mente para não se atropelar em todas as ideias que têm. Entusiasta das obras nacionais de romance contemporâneo, contribuiu com esse universo literário através do blog Resenhas Nacionais e entrou no universo das publicações independentes em janeiro de 2017 com Superando com Amor, e desde então, não tem planos para parar tão cedo.

Facebook:

PERIGOSAS NACIONAIS

https://www.facebook.com/autoramarisales/

Instagram:

https://www.instagram.com/autoramarisales/

Wattpad:

https://www.wattpad.com/user/mari_sales

Site: www.autoramarisales.com.br

Livros Físicos e outros brindes: http://loja.autoramarisales.com.br

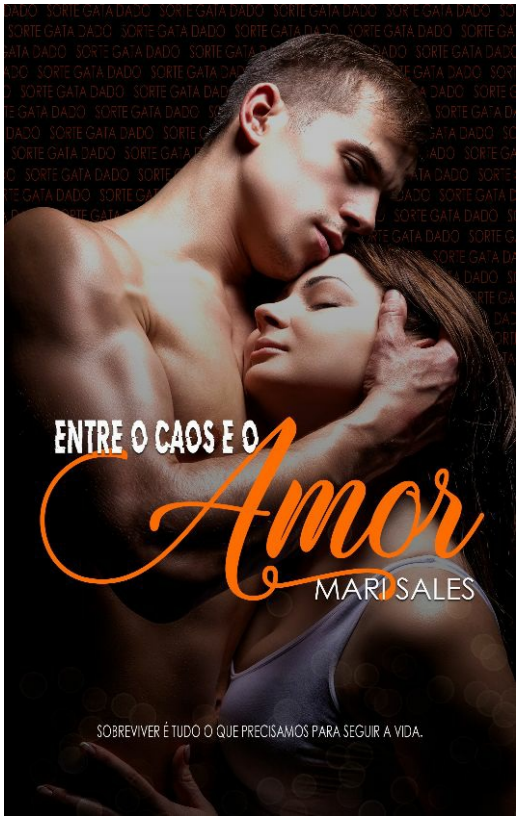
Mari Sales

ESCRITORA DE ROMANCES

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Outras Obras



Entre o Caos e o Amor: https://amzn.to/2RpAbcR

Sinopse: Quem disse que os acontecimentos ruins da nossa vida não podem ser o prenúncio de dias melhores?

Mesmo com o coração em pedaços, Elaine seguiu

PERIGOSAS ACHERON

sua vida e conseguiu o seu tão sonhado espaço para eventos, o Espaço Vivifica. Morando debaixo de um teto diferente do que seus pais, sua independência estava quase completa, apenas um assunto do passado perturbava sua paz.

Jonathan de Paula viu a morte. Seu companheiro de anos na polícia foi morto de forma cruel em um acidente e ele só não teve o mesmo destino, porque uma mulher corajosa desviou seu caminho. Só que do acidente veio sequelas e com elas, a vontade de se vingar, mesmo não fazendo mais parte do batalhão.

O encontro dessas almas marcadas por um dia trágico tinha tudo para que o assunto mal resolvido fosse esclarecido. Mas quando se tratava de um dia

de azar, nada seria fácil.

Elaine procura paz e independência, Jonathan, paz de espírito e justiça. Juntos, eles não imaginavam, mas encontrariam o amor e a resolução de suas vidas.

Obs. Essa história também conta o surgimento da empresa que Leonides Saad, da série Quarteto de Noivos, faz parte.

PERIGOSAS NACIONAIS



BOX – Família Valentini:

https://amzn.to/2RWtizX

Sinopse: Esse e-book contém os seis livros da série família Valentini:

1 - Benjamin

2 - Carlos Eduardo

3 - Arthur

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

4 - Antonio

5 - Vinicius

6 – Rodrigo

1 - Benjamin – sinopse: Marcados por uma tragédia em sua infância, os irmãos Valentini estão afastados há muito tempo uns dos outros. Benjamin, o irmão mais velho, precisou sofrer uma desilusão para saber que a família era o pilar de tudo e que precisava unir todos novamente.

Embora a tarefa parecesse difícil, ele encontra uma aliada para essa missão, a jovem Rayanne, uma mulher insegura, desempregada e apaixonada por livros, que foi contratada para organizar a biblioteca da mansão e encontrar os diários secretos da matriarca da família.

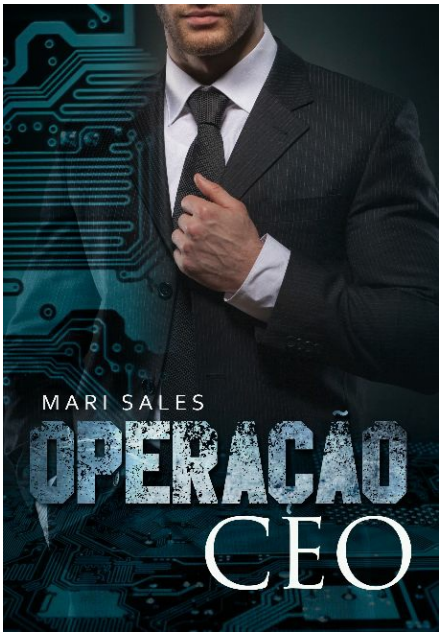
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em meio a tantos mistérios e segredos, o amor familiar parece se renovar tanto quanto o amor entre um homem e uma mulher de mundos tão distintos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Operação CEO: https://amzn.to/2Chlamo

Sinopse: Sabrina é uma profissional da área de TI que está tentando sobreviver aos trinta dias de férias repentinas do seu chefe setorial. Sua primeira atividade será ajudar o mais novo CEO da empresa, que possui um sotaque irresistível e olhos hipnotizantes.

Enrico Zanetti assumiu a posição de CEO de forma

PERIGOSAS ACHERON

repentina, depois que seu pai foi afastado por causa de um infarto. Em poucos dias de presidência descobriu que a empresa possui um rombo em suas finanças, e agora está disposto a encontrar o responsável a qualquer custo.

Com a ajuda do setor de TI, Enrico descobrirá não só o responsável pelas falcatruas em sua empresa, mas também uma mulher competente, destemida e que, aos poucos, despertará seus sentimentos mais profundos e nem um pouco profissionais.

No meio dessa complexa investigação, Enrico e Sabrina descobrirão afinidades, traição e amor.

PERIGOSAS NACIONAIS



Encantadas por Livros e Música – Primeira Temporada: https://amzn.to/2GFfZlF

Sinopse: Os dez contos da primeira temporária da série Encantadas por Livros e Música está aqui, com um capítulo bônus final.

10 contos em um só livro! Serão várias páginas de muito amor, emoção e erotismo.

O Desejo de Leo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O Sonho de Justin

A Aposta de Kant

A Farsa de Evandro

O Charme de Alex

O Rompante de Well

O Retorno de Fabiano

A Escolha de Bruno

A Marca de Ryan

A Promessa de Thor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Encantadas por Livros e Música – Segunda Temporada: https://amzn.to/2GSAIk9

Sinopse: Os doze contos da segunda temporada da série Encantadas por Livros e Música estão aqui! 2 contos em um só livro! Serão várias páginas de muito amor, emoção e erotismo.

Um Amor Real Para Danilo & Hay

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um Jantar Para Tom & Cami

Uma Resposta Para Ethan & Helo

Uma Aventura Para Wires & Bruna

Um Convite Para Andreas & Thais

Uma Conquista Para Jake & Rita

Uma Nova Perspectiva Para Andrew & Simone

Um Recomeço Para Renner & Cassia

Um Passo Parra Daniel & vivianne

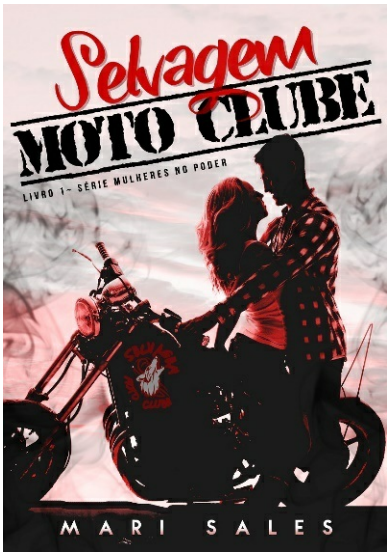
Uma Lenda Para Jared & Nayane

Um Abraço Para Denis & Juliana

Uma Ousadia Para Phil & Lilian

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Selvagem Moto Clube: https://amzn.to/2QlULdz

Sinopse: O presidente do Selvagem Moto Clube está gravemente doente e um sucessor precisará ser escolhido antes que John morra. O vice-presidente deveria ser o herdeiro legítimo, mas seu mal caráter e negócios ilícitos fazem com que essa vaga seja disputada.

John nunca quis que sua família se envolvesse com seu Moto Clube, mas sua filha Valentine entra na

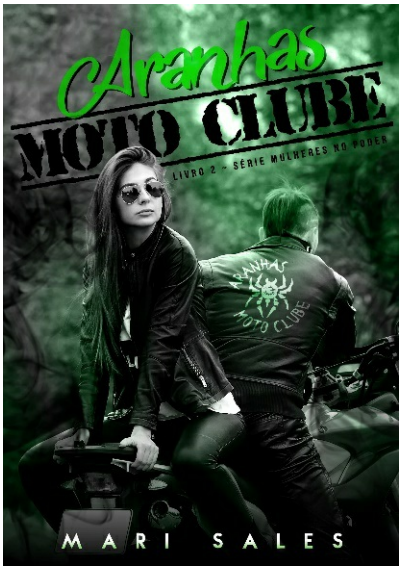
PERIGOSAS ACHERON

disputa pela presidência e nada mudará sua decisão.

No meio dessa disputa entre o comando do Selvagem, Doc é o único homem que ela poderá confiar para lutar pelo Moto Clube e quem sabe pelo seu coração, que há muito foi judiado por outro motociclista.

Entre a brutalidade e o preconceito, Doc e Valentine encontrarão muito mais do que resistência nos membros do Moto Clube, mas intrigas e traição.

PERIGOSAS NACIONAIS



Aranhas Moto Clube: https://amzn.to/2x62CDU

Sinopse: Ter um relacionamento afetivo nunca foi preferência na vida de Rachel Collins. Seu trabalho e seu irmão eram as únicas prioridades, até que seu caminho cruza com o de Victor Aranha em um tribunal, em lados opostos. O homem de postura arrogante e confiante, presidente de um Moto Clube, abalou os planos da advogada.

Tempos depois, os dois se encontram

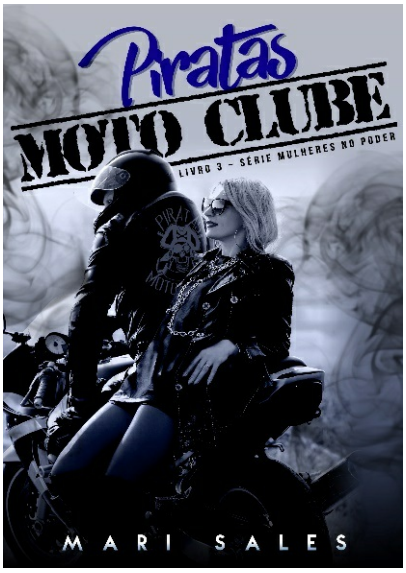
PERIGOSAS ACHERON

informalmente e a chama adormecida se acende.

Prudente e competente, Rachel acaba em conflito de interesses ao ser convidada por Victor, para uma noite sem compromisso. O lado pessoal dos dois estava pronto para colocar em risco tudo o que construíram.

Ela seguia as leis. Ele as quebrava.

Victor precisa de assessoria jurídica, e claro que convoca a atrevida Rachel Collins. Tentada pelo desafio, acaba envolvida em muito mais do que suas teias, mas no lado obscuro do Aranhas Moto Clube.



Piratas Moto Clube: https://amzn.to/2QpLOzN

Sinopse: Ser o presidente do Piratas Moto Clube nunca tinha passado pela cabeça de Richard Collins, um homem respeitado e de valores tradicionais. Ele assumiu o posto de chefe de família muito cedo e isso trouxe sequelas para sua confiança. Apesar disso, ninguém sabia que debaixo daquela postura firme e cheia de argumentos morava um homem assombrado pelas

suas limitações.

Nina está envolvida em todos os assuntos dos seus amigos, principalmente quando Richard, seu Lorde da vida, está em causa. Quando ele precisa de proteção extra, além do que já tem por causa de JFreeman, ela não só se voluntaria, mas decide investir, finalmente, na sua atração pelo homem que é o verdadeiro príncipe de terno e gravata.

Apesar de serem de mundos diferentes e com convicções completamente opostas, as circunstâncias colocarão à prova tudo o que acreditam, inclusive seus próprios medos.

As aparências trazem julgamentos precipitados e as histórias de família mal contadas também. Existem muito mais segredos pirateados do que ocultos nessa história.

PERIGOSAS NACIONAIS

---

[1] Miça é nome de um bar. Com a mesma sonoridade de missa, o personagem quis brincar.

[2] Laço comprido, Team Roping, Prova de Bezerro, etc.

[3] Entre o Caos e o Amor: https://amzn.to/2XHGoDD

PERIGOSAS ACHERON